

Mulheres em posição de liderança: a representação discursiva do agir

Carolina da Costa Joaquim

Tese de Doutoramento em Linguística

Especialidade em Linguística do Texto e do Discurso

Maio, 2022

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de
Doutor em Linguística, especialidade em Linguística do Texto e do Discurso,
realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Antónia Coutinho.

Trabalho financiado por fundos nacionais portugueses, através da FCT – Fundação
para a Ciência e a Tecnologia -, ao abrigo do Programa de Doutoramento FCT
“KRUse – Knowledge, Representation & Use”, com a bolsa de investigação
PD/BD/128130/2016.

DEDICATÓRIA 1

Às mulheres implicadas no meu vivido

Beatriz e Mariana,

Que me dizem a cada momento. Que me inspiram. Que me implicam em tudo quanto faço. Que se implicam em tudo quanto sou. Ousem. Revoltem-se. Tomem a palavra. Subvertam a ordem. Instaurem a desordem. Ajam. Influenciem. Transformem o mundo. Permitam-se extravasar, fazer a diferença. Digam-se em cada passo, em cada ato. Digam *eu*, só assim a palavra se torna audível e inédita. E a vossa voz de mulher dirá o instante, a história, o tempo e abrir-se-á a novas possibilidades, a novas realidades. Pensem o presente. Cuidem o futuro. Sejam mulheres audazes, capazes. Mulheres livres. Conscientes. Singulares. E que eu possa, na bancada do vosso percurso, aplaudir orgulhosamente o vosso carácter, o vosso engenho, a vossa audácia, a vossa (r)evolução. Na primeira pessoa.

“minhas queridas,
a morte da diferença, o chão da revolução, é o bom riso à flor da mão”¹

Amo-vos,
Mãe

¹ Barreno *et al.*, 2010: 128

DEDICATÓRIA 2

Às mulheres que lideram o meu agir

Liliana e Sara,

Alicerces da minha vida. A três dizemos e nos dizemos: a vida, a essência, o amor, a sororidade, a unidade. O meu compromisso com a vida é ter-vos sempre por perto; é voltar ao vosso abraço, onde me sinto segura; é apertar os laços de um amor sem fronteiras; é imprimir em cada passo meu a vossa força, a vossa coragem, a vossa resiliência. Sei que caminhamos juntas, sei que para onde quer que a vida me leve, a minha bagagem são vocês. De que outra forma poderia eu ser, se não vos sentisse? De que outra forma poderia eu estar, se não vos encontrasse? Seguir-vos-ei sempre, porque o meu percurso são vocês: o ponto de partida, o ponto de chegada. De onde quero partir, para onde quero ir e onde quero (sempre!) regressar.

Procurarei pôr sempre, em tudo quanto sou e em tudo quanto faço, a vossa generosidade, o vosso carinho, a vossa bondade, a vossa devoção, a vossa lealdade. A nossa cumplicidade. A nossa irmandade. Que nunca me falem, minhas queridas manas, porque vocês são o corpo e a voz de tudo quanto sou e faço!

Amo-vos,

Calisa

DEDICATÓRIA 3

Calisa,

Nunca chegar a casa fez tanto sentido. À casa onde te encontro. Onde o meu coração voltou a pulsar. Nunca eu imaginara que as minhas preces de menina seriam ouvidas em mulher. Que a tua ausência sofrida dera, enfim, lugar a uma presença por décadas desejada. Que o meu deslumbramento é confirmar o que sempre soube: o tanto que te admiro e estimo. Quero permanecer no eterno regozijo, na embriagante sensação da tua presença: aquela que a(ca)lenta, que apazigua, que comove, que emociona, que faz suspender o tempo! És o desejo do Natal, a moedinha atirada à fonte, a trinca depois do sopro final da vela: que o espírito do Natal nunca se apague, que a fonte nunca seque, que as velas continuem a somar-se! Que o meu sonho nunca cesse – de te ver sempre voltar, para mim, para nós, para ela.

Pelo menos a ela, que nunca lhe falte a alegria de te sentir (e saber!) por perto, a satisfação de te encontrar pela manhã, o encanto da tua voz, o aconchego do teu abraço.

Que a memória nos devolva sempre o sussurrar da paixão desmedida, da admiração sentida, do amor incomensurável. Como ela diria:

“Vovô, colo!”

AGRADECIMENTOS

Este trabalho de investigação é fruto de um percurso apenas possível pelo contributo humano e institucional, que me chegou em várias frentes e sob diversas formas, e que retribuo com o meu profundo agradecimento:

À **Fundação para a Ciência e para a Tecnologia**, pela bolsa de investigação que me possibilitou a realização deste projeto, em dedicação exclusiva.

Ao **Centro de Linguística da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa (CLUNL)**, a instituição de acolhimento que abraçou o meu percurso de investigação, facultando as condições – físicas e humanas – imprescindíveis à realização com sucesso do trabalho.

À **Professora Doutora Maria Antónia Coutinho**, orientadora deste projeto de investigação, pela genialidade que a caracteriza e que sempre me iluminou; pela sua presença mesmo na ausência; pela sua humanidade inspiradora; pelo rigor e o brio com que as suas palavras subvertem qualquer (des)ordem, permitindo-me desviar do caminho para alargar horizontes e voltar ao foco; pelo seu pensamento brilhante, crendo que outra orientação não poderia eximamente tratar das questões que assolam este trabalho; pela amizade, pelo carinho e pela paciência nos momentos de dúvida e de desânimo; pela interação, potenciadora de conhecimento e ação; pela sua dedicação e pela seu envolvimento neste trabalho, tomando-o como um projeto igualmente seu, em que acreditou e que por ele – sei-o bem! – lutou.

Às **professoras/es e investigadoras/es do CLUNL** e do grupo **Gramática & Texto**, pelas suas práticas, que edificam o trabalho em Linguística, e pelo convívio intelectual, sempre construtivo.

Ao **Núcleo de Jovens Investigadores do CLUNL**, pelo seu trabalho e pela oportunidade de proporcionar momentos de partilha enriquecedora.

Às **Professoras Doutora Matilde Gonçalves** e **Doutora Audria Leal**, pelos laços criados e pelos gestos de incentivo.

Às colegas de percurso, tornadas amigas e confidentes, **Rute, Marta e Inês**, pela generosidade com que me acolheram e pela amizade que me dedicaram.

E porque são os afetos que me (co)movem, agradeço especialmente àquelas e àqueles que, (pre)existindo na minha vida, garantiram a resiliência, mantendo-me emocionalmente capaz:

Às minhas **filhas, Beatriz e Mariana**, e às minhas **irmãs gêmeas, Liliana e Sara**, pelo amor incondicional, e a quem dedico o meu empenho, o meu esforço e este trabalho.

À minha **Mãe**, por me ensinar a beleza das palavras, por me guiar, por nunca me deixar esquecer que sou capaz, pelos exemplos de força e de coragem, pelos valores que me inculuiu, pelo amor que construiu num caminho inóspito. Pelo seu legado: a cumplicidade de uma irmandade. Por nunca nos ter abandonado, por tudo o que fez por nós. Pelo que fez de nós. Por ser um modelo de mãe. De mulher. De liderança.

Ao **Cláudio**, pelo cuidado, pelo imensurável apoio em todas as etapas, por ser um pai extremoso, pelo companheirismo, pela compreensão, pela bondade, pelo carinho que me devota, por projetar em mim sempre mais e melhor. Pela sua crença invulgar nas minhas capacidades.

Aos meus **sobrinhos Ana Clara e Guilherme**, pela satisfação de ser tia, por me fazerem constantemente evoluir.

À minha **tia, Helena**, pelos gestos de incentivo e por compartilhar o gosto e o interesse pelo meu projeto.

Ao **Hugo**, por atuar em várias frentes na minha vida, sempre de forma implacável. Sem moeda de troca. A minha profunda e eterna gratidão.

Ao **Zé**, pela sincera amizade, pela contagiante boa disposição.

À **Nanda**, minha companheira de escrita da tese, minha conselheira e amiga, pelo genuíno afeto; e à sua filha, **Rafa**, pela preciosa ajuda que me facultou.

Ao **João**, pelo alento e pelo seu contributo neste trabalho.

Ao **avô Juvenal** (*in memoriam*), minha estrela-guia, meu anjo da guarda.

A **Deus**, pela fé que me move e pelo auxílio que sempre me ampara.

E, por fim, a minha gratidão é tudo o que posso endereçar às instituições e às pessoas que dão corpo e voz ao meu trabalho, por me terem disponibilizado os textos do *corpus* e/ou autorizado a sua integração na tese:

Ao **Centro de Documentação 25 de abril e à Fundação Cuidar o Futuro (Arquivo Pintasilgo)**, pelo cuidado em ceder o texto de Maria de Lourdes Pintasilgo e por edificar o seu pensamento.

À **Assembleia da República**, por disponibilizar os textos da autoria de Assunção Esteves e de Jaime Gama, e respetivas autorizações.

Ao **Partido Comunista Português**, pela cedência dos textos de Edgar Silva e João Ferreira e a autorização célere.

À **Fundação Calouste Gulbenkian**, e aos próprios autores dos textos, a **Doutora Isabel Mota** e o **Doutor Artur Santos Silva**, por terem facilitado todo o processo.

À **Universidade Católica Portuguesa**, em articulação com as pessoas visadas – a **Doutora Maria da Glória Garcia** e o **Doutor Manuel Braga da Cruz** – por permitirem a integração dos textos.

À **Doutora Marisa Matias**, pela resposta sempre pronta e pela amabilidade com que tratou todas as minhas solicitações.

À **Doutora Ana Gomes**, pela auxílio em todas as questões relacionadas com o seu texto.

Ao **Doutor Nuno Mota Pinto**, e familiares, por concederem a autorização para integrar o texto da autoria de Alberto da Mota Pinto.

“Ouvir falar uma mulher do seu lugar de mulher é ver desdobrar diante de nós todo o universo que ela evoca, (...) é navegar com ela nos meandros da sua história, desenrolar o seu tempo de ontem a hoje e amanhã: (...) a tomada da palavra é, para as mulheres, a possibilidade (a audácia?) de dizer *eu* (...) que nos chega modelada por um corpo, por uma história, dizendo-se em cada momento! Uma palavra diferente, inédita, subversiva, singular, porque vinda do vivido de cada uma, porque implica investimento da pessoa toda. E assim, a partir da singularidade, a palavra das mulheres torna-se capaz de fazer oscilar todo o edifício que a sociedade construiu (...) e criar uma cultura mais profundamente humana”.

Maria de Lourdes Pintasilgo

1981

RESUMO

MULHERES EM POSIÇÃO DE LIDERANÇA: A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DO AGIR

Carolina da Costa Joaquim

Inscrito na área da Linguística do Texto e do Discurso e suportado pelo quadro epistemológico e metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo, este trabalho pretende dar conta da representação discursiva do agir de mulheres e homens em posição de liderança, no sentido de perceber, por um lado, como se implicam nos textos que produzem e, por outro lado, em que medida o seu agir pode configurar uma atitude (efetiva e/ou específica) de liderança.

Sustentada na hipótese de que há formas de implicação diferentes no processo de produção textual, que resultam em modelos distintos de liderança construídos discursivamente, mobilizo para a análise textual as noções interacionistas sociodiscursivas de *tipos de discurso* e de *figuras de ação*. Os tipos de discurso constituem a via para a identificação das propriedades linguísticas e enunciativas que são constitutivas da configuração linguística do agir de mulheres e homens, no intuito de perceber, em particular, se tendem a implicar-se ou, pelo contrário, a distanciar-se no texto. Assim, a partir dessas marcas linguísticas e enunciativas, destaco as que designo como *marcas de implicação*, que permitem atestar graus distintos da implicação e, dessa forma, verificar se as mulheres têm tendência, ou não, para um discurso mais implicado do que os homens. A análise dos tipos de discurso e, em particular, das marcas de implicação articula-se posteriormente com o conteúdo temático, de forma a identificar as figuras de ação que emergem, enquanto interpretações do agir. Por fim, pretendo verificar que relação(ões) se estabelece(m) entre figuras de ação e a representação discursiva da liderança de mulheres; e na hipótese de tomar em consideração um agir-referente liderança, verificar se emergem da análise textual outras figuras de ação – o que me conduz a propor a noção de *figura de ação liderança*.

O *corpus* de análise constitui-se por doze intervenções públicas, enquadrando, num viés comparativo, textos de mulheres e homens que representam atividades de linguagem produzidas no exercício das mesmas práticas socioprofissionais, em posição de liderança e em contexto português. Para a análise textual, apoio-me numa abordagem descendente que parte da análise das atividades e dos géneros para a análise dos aspetos (micro)linguísticos. Opto, ainda, pela articulação entre uma abordagem qualitativa e uma abordagem quantitativa, procedendo à identificação, ao levantamento e à contabilização das ocorrências dos dados em análise, para apontar as conclusões mais significativas: com efeito, tendo sido atestados diferentes posicionamentos enunciativos, que reiteram a hipótese, avançada por Maria de Lourdes Pintasilgo, de que *mulheres e homens falam de forma diferente*, o facto de se observarem valores altos relativamente às formas de implicação das mulheres faz prever a possibilidade de se confirmar a tendência para as mulheres se implicarem,

mais do que os homens, nos textos que produzem. Em suma, para além de as mulheres revelarem uma maior tendência, face aos homens, para dizer *eu*, a materialidade linguística/discursiva contribui para repensar as questões (sociais) da (in)visibilidade do género, evidenciando, por parte das mulheres, uma atitude efetiva de liderança implicada, discursivamente marcada.

PALAVRAS-CHAVE: mulheres, liderança, tipos de discurso, marcas de implicação, figuras de ação, figura de ação liderança.

ABSTRACT

WOMEN IN A LEADERSHIP POSITION: THE DISCOURSIVE REPRESENTATION OF ACTING

Carolina da Costa Joaquim

Inscribed in the field of Text and Discourse Linguistics and supported by the epistemological and methodological framework of Sociodiscursive Interactionism, my work aims to account for the discursive representation of the actions of women and men in leadership positions, by trying to understand, in one hand, how they are implicated in the texts they produce and, on the other hand, to what extent their actions can configure an (effective and/or specific) attitude of leadership.

Based on the hypothesis that there are different forms of implication in the process of textual production in which results in different models of leadership discursively constructed, I focus my attention on socio-discursive interactionist notions of *types of discourse and action figures* for textual analysis. The types of discourse constitute a way to identify the linguistic and enunciative properties that take part on the linguistic configuration of the actions of both women and men, in order to understand if they tend to involve or to distance themselves. Thus, based on these linguistic and enunciative marks, I highlight those that I designate as *implication marks*, which attest to different degrees of implication and, in this way, end up verifying whether or not women tend to have a more implicated discourse than men. The analysis of the types of discourse and, in particular, of the implication marks, is connected with the thematic content, in which the main goal is to identify the action figures that emerge, as interpretations of acting. Lastly, I intend to verify what relationship(s) is/are established between action figures and the discursive representation of women's leadership; and in the hypothesis of taking into account an action-referring leadership, to verify if other action figures emerge from the textual analysis - which leads me to propose the notion of *leadership action figure*.

The *corpus* of analysis consists of twelve public interventions, inserting, in a comparative bias texts made by women and men that represent language activities produced in the same socio-professional practices, in a leadership position and in the Portuguese context. For the textual analysis, I rely on a top-down approach that starts from activities and genres to (micro)linguistic aspects. I also opt for the articulation between a qualitative approach and a quantitative approach, proceeding to the identification, survey and accounting of the occurrences of the data under analysis, to point out the most significant conclusions. Having attested to different enunciative positions, which reiterate the hypothesis, advanced by Maria de Lourdes Pintasilgo, that *women and men speak in a different manner*, the fact that high values are observed in relation to the forms of implication of women predicts the possibility of confirming the tendency for women to be more implicated than men in the texts they produce. In short, in addition to women showing a greater tendency compared to men, to say *I*, the linguistic/discursive materiality contributes to rethinking the (social)

issues of gender (in)visibility, showing, on the part of women, an effective attitude of implicated leadership, discursively marked.

KEYWORDS: women, leadership, discursive types, implication marks, action figures, leadership action figure.

ÍNDICE

Primeira Parte

sobre a linguagem, a mulher e a liderança

| | |
|---|-----------|
| I. ASPETOS INTRODUTÓRIOS | 1 |
| 1. A área de investigação | 1 |
| 1.1. Perspectivas teóricas sobre texto(s) e discurso(s) | 2 |
| 1.2. O Interacionismo Sociodiscursivo | 7 |
| 2. O projeto de investigação | 14 |
| 2.1. A(s) questão(ões) de investigação | 14 |
| 2.1.1. A mulher, a liderança e a linguagem | 15 |
| 2.1.2. A implicação | 19 |
| 3. A organização da tese | 21 |

Segunda Parte

sobre a implicação e o agir

| | |
|--|-----------|
| II. ASPETOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS | 24 |
| 1. A problemática do agir humano | 24 |
| 1.1. O agir comunicativo e o agir praxiológico | 27 |
| 1.2. A ação e a atividade | 28 |
| 1.3. A pessoa: actante, ator e agente | 29 |
| 1.4. As representações | 30 |
| 1.5. A ação de linguagem | 31 |
| 2. O modelo de análise de textos | 33 |
| 2.1. O modelo da ação de linguagem | 33 |
| 2.2. O modelo da arquitetura textual | 35 |
| 2.2.1. O plano organizacional | 39 |
| 2.2.2. O plano enunciativo | 42 |
| 2.2.3. O plano da semiologia do agir | 45 |

| | |
|--|----|
| 3. Os tipos de discurso: a análise da implicação | 49 |
| 3.1. Tipos de discurso e géneros de texto | 49 |
| 3.2. Tipos de discurso e mundos discursivos | 53 |
| 3.3. Configuração linguística dos tipos de discurso | 58 |
| 3.4. Contributo dos tipos de discurso para a análise da implicação | 65 |
| 4. As figuras de ação: a análise da representação da liderança | 66 |
| 4.1. O papel, o estatuto e os efeitos do signo saussuriano no Interacionismo Sociodiscursivo | 67 |
| 4.2. Figuras de ação e tipos de discurso | 72 |
| 4.3. Configurações discursivas das figuras de ação | 76 |
| 4.4. A emergência das figuras de ação | 85 |
| 4.5. Contributo das figuras de ação para a análise da implicação | 89 |

Terceira Parte

sobre a representação discursiva do agir de mulheres em posição de liderança

| | |
|---|------------|
| III. ASPETOS PROCEDIMENTAIS DE ANÁLISE | 91 |
| 1. Constituição do <i>corpus</i> de análise | 91 |
| 2. O género de texto do <i>corpus</i>: a <i>intervenção pública</i> | 96 |
| 3. Objetivos e procedimentos metodológicos gerais | 102 |
| 4. Moldura teórico-metodológica da análise textual | 104 |
| | |
| IV. ANÁLISE TEXTUAL E COMPARATIVA | 116 |
| 1. As quatro etapas de análise | 117 |
| 1.1. Análise dos aspetos situacionais | 117 |
| 1.1.1. Nos textos de mulheres | 118 |
| 1.1.2. Nos textos de homens | 123 |
| 1.1.3. Movimento comparativo da análise dos aspetos situacionais | 127 |
| 1.2. Análise dos aspetos temático-composicionais | 132 |
| 1.2.1. Nos textos de mulheres | 133 |
| 1.2.2. Nos textos de homens | 141 |
| 1.2.3. Movimento comparativo da análise dos aspetos temático-composicionais | 147 |
| 1.3. Análise dos aspetos linguístico-discursivos | 149 |
| 1.3.1. Nos textos de mulheres | 152 |

| | |
|---|------------|
| 1.3.2. Nos textos de homens | 161 |
| 1.3.3. Movimento comparativo da análise dos aspetos linguístico-discursivos | 167 |
| 1.4. Análise dos aspetos semiológico-interpretativos | 173 |
| 1.4.1. As figuras de ação nos textos de mulheres e nos textos de homens | 174 |
| 1.4.2. Movimento comparativo da análise dos aspetos semiológico-interpretativos | 186 |
| 2. A representação discursiva do agir-liderança | 188 |
| 2.1. <i>A figura de ação liderança</i> | 189 |
| 2.2. A emergência da <i>figura de ação liderança</i> : análises | 195 |
| 2.2.1. Nos textos de mulheres | 198 |
| 2.2.2. Nos textos de homens | 212 |
| 2.2.3. Movimento comparativo da análise das <i>figuras de ação liderança</i> | 228 |
| | |
| V. ASPETOS (IN)CONCLUSIVOS | 234 |
| | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 244 |
| | |
| <i>CORPUS</i> | 255 |
| | |
| LISTA DE FIGURAS | 258 |
| | |
| LISTA DE ANEXOS | 260 |
| | |
| ANEXO A. Análise dos aspetos linguístico-discursivos | 261 |
| | |
| A.1. Quadro 1. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TM1 | 262 |
| A.2. Quadro 2. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TM2 | 275 |
| A.3. Quadro 3. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TM3 | 282 |
| A.4. Quadro 4. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TM4 | 298 |
| A.5. Quadro 5. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TM5 | 310 |
| A.6. Quadro 6. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TM6 | 324 |
| A.7. Quadro 7. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TH1 | 330 |
| A.8. Quadro 8. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TH2 | 337 |
| A.9. Quadro 9. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TH3 | 346 |
| A.10. Quadro 10. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TH4 | 360 |
| A.11. Quadro 11. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TH5 | 374 |
| A.12. Quadro 12. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TH6 | 394 |

| | |
|--|------------|
| ANEXO B. <i>Corpus</i> de análise | 409 |
| B.1. <i>Corpus</i> | 410 |
| B.2. TM1 | 411 |
| B.3. TM2 | 416 |
| B.4. TM3 | 420 |
| B.5. TM4 | 432 |
| B.6. TM5 | 448 |
| B.7. TM6 | 454 |
| B.8. TH1 | 457 |
| B.9. TH2 | 462 |
| B.10. TH3 | 474 |
| B.11. TH4 | 482 |
| B.12. TH5 | 490 |
| B.13. TH6 | 499 |

I. ASPETOS INTRODUTÓRIOS

Designada “Mulheres em posição de liderança: a representação discursiva do agir”, a tese que apresento resulta de um percurso de investigação desenvolvido no âmbito do Doutoramento em Linguística do Texto e do Discurso, oferecido pela NOVA FCSH.

Em linhas gerais, o meu trabalho relaciona a problemática da linguagem com a problemática das mulheres. Assim, com recurso à análise textual, e tendo como ponto de partida as mulheres e as suas práticas discursivas, perspetivo verificar o modo como representam e materializam linguística e textualmente o seu agir. Privilegiando os pressupostos teóricos, epistemológicos e metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo, o objetivo central do meu trabalho é mostrar como as mulheres em posição de liderança se implicam no texto e em que medida o seu agir configura (uma atitude específica e/ou efetiva de) liderança.

Neste capítulo preliminar, apresento o enquadramento global da tese. Assim, num primeiro momento, situo o trabalho na área de investigação privilegiada, a Linguística do Texto, traçando o seu percurso a partir da evolução da noção de *texto*, desde a Análise Transfrásica e as Gramáticas Textuais à Teoria/Linguística do Texto, para me focar na conceção de texto como objeto empírico e unidade comunicativa global. Mais especificamente, enquadro o trabalho nos pressupostos do quadro epistemológico e metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo, refletindo sobre as suas origens, as suas linhas orientadoras e o seu contributo para a minha questão de investigação. Num segundo momento, apresento o meu projeto de investigação, expondo a(s) questão(ões) que o norteia(m), nomeadamente no que respeita à *implicação* e à *liderança*. Por último, num terceiro momento, dou conta da organização da tese.

1. A área de investigação

A minha investigação inscreve-se área da Linguística do Texto e do Discurso, privilegiando o campo da Linguística do Texto e adotando a perspetiva epistemológica e metodológica do Interacionismo Sociodiscursivo. De seguida, ainda que não exaustivamente, revisito o trajeto das perspetivas teóricas sobre os textos e os discursos na

Linguística do Texto; e, num segundo momento, com mais detalhe, foco-me nos postulados gerais do Interacionismo Sociodiscursivo e da noção de texto que assume, e que eu adoto.

1.1. Perspetivas teóricas sobre texto(s) e discurso(s)

Para circunscrever a designação Linguística do Texto (ou Teoria do Texto), Ingedore Koch (1997), na pegada de Conte (1989), descreve três momentos de ordem tipológica e cronológica, que salientam o trajeto da Linguística Textual: o da Análise Transfrásica, o das Gramáticas Textuais e o da(s) Teoria(s) ou Linguística do Texto.

Estes três momentos traduzem a evolução da noção de texto. Segundo Florencia Miranda (2010: 30), as primeiras duas perspetivas “reduzem o texto a um objecto abstracto definível em termos puramente linguísticos – na acepção mais restrita do termo -, incluindo aqui as Análises Transfrásicas e as Gramáticas Textuais”; já as outras perspetivas, “de forma mais ou menos embrionária ou mais ou menos desenvolvida aceitam (e procuram vias para lidar com) a complexidade dos objetos reais que são os textos: as Teorias do Texto”.

No primeiro momento, percursos da Análise Transfrásica, como os linguistas Harweg (1968), Isenberg (1979) e Bellert (1970), concebem o texto como unidade máxima de análise, procurando ultrapassar os limites da frase. De acordo com Joaquim Fonseca (1994: 36), a Análise Transfrásica ocupava-se do estudo das regularidades internas ao sistema a partir do princípio da imanência, ou seja, do estudo do significado na sua aceção meramente informativa, representativa e descritiva, sem considerar, metodologicamente, conceitos como o contexto e a enunciação. Koch (1997: 68) aponta que o objeto da Análise Transfrásica assentava numa reflexão autónoma da língua como um todo homogéneo, surgindo a noção de texto como prolongamento da frase - um objeto abstrato, estritamente linguístico. A Análise Transfrásica torna-se insuficiente e, no início da década de 70 do século XX, surgem as Gramáticas Textuais. De orientação generativista, o linguista holandês van Dijk (2006) reconheceu problemas, de natureza gramatical, que tornavam insuficiente o estrito domínio da frase. No entendimento do autor (2006: 2), era necessária uma descrição explícita das estruturas gramaticais dos textos e um entendimento mais global do texto, desenvolvendo, dessa forma, o conceito de *macroestruturas*. Embora as Gramáticas Textuais distinguissem, em termos qualitativos, texto e frase, o texto continuava a ser entendido como uma unidade abstrata e a análise permanecia estritamente linguística.

Por tal, as Gramáticas Textuais tornam-se, igualmente, insuficientes. Entre as décadas de 80 e 90, emergem as Teorias do Texto, passando os textos a ser contemplados, segundo Fonseca (1994: 36), no seu contexto, ou seja, como produção linguística socialmente contextualizada.

Dos diversos contributos para a evolução da conceção do texto no âmbito da Linguística do Texto¹, destaco a seguir, ainda que sucintamente, aqueles que vêm reestruturar o texto contemplando a sua globalidade e considerando o contexto, confluindo para a noção adotada neste trabalho.

No entendimento do texto que vai além de uma mera sucessão de frases, Halliday e Hasan (1976) e Beaugrande e Dressler (1981), no seio da Linguística Sistémico-Funcional, propõem dois termos que permitem apreender o texto na sua globalidade. Por um lado, Halliday e Hasan (1976: 1) perspetivam o texto como unidade semântica que funciona globalmente em contexto, ou seja, numa situação de comunicação, sendo a sua característica definítoria a *textura*. Por outro lado, Beaugrande e Dressler (1981: 3) apresentam um termo idêntico - *textualidade* - para referir o conjunto de características que reconhecem o texto como uma unidade global, destacando sete propriedades - intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade. Ambos os termos revelam que, no alargamento da noção de texto, este desloca-se do domínio estritamente linguístico e passa a contemplar, também, parâmetros extralinguísticos, ou seja, contextuais/situacionais, como as circunstâncias de produção e de receção textuais (Koch, 1997: 70).

Fonseca (1994: 35-36), que se posiciona no domínio do funcionamento pragmático dos textos, coloca em perspetiva a Linguística do Sistema e a Linguística do Uso, destacando a necessidade de se dar relevo ao contexto pragmático, ou melhor, à língua nos seus contextos de uso. Assim, no âmbito da Linguística do Uso, Fonseca (1994: 36) adota uma perspetiva integrada do funcionamento dos níveis de inter-relação linguística – sintaxe, semântica e pragmática –, que se opõe ao funcionamento sequencial, linear e autónomo proposto pela Linguística do Sistema. Considera, ainda, as dimensões extralinguísticas dos textos, isto é, o *discurso*. Para este entendimento contribui, também, a corrente teórica funcionalista da Linguística Sistémico-Funcional, com os contributos de Halliday e Hasan (1976, 1985) e, mais tarde, de Matthiessen (Halliday & Matthiessen, 2004). Halliday e Matthiessen (2004: 20, 26-27) assumem uma conceção sociossemiótica da linguagem.

¹ Para esta reflexão contribuíram, ainda, as leituras de Bernárdez (1995) e Coutinho (2001, 2005, 2006, 2012c, 2017).

Nessa medida, consideram a língua como um sistema, natural e funcional, em que os falantes fazem escolhas para a produção de significados em situação de comunicação, escolhas essas influenciadas pelo contexto social imediato do uso da língua e pelo contexto cultural dos intervenientes no processo discursivo. Nesta aceção, o texto é definido, pelos mesmos autores (2004: 31), como um evento de produção de significado, produto e processo de escolhas linguísticas, inserido num contexto de uso; e concebem a linguagem como um sistema de comunicação centrada nos seus usos e funções.

A Pragmática, que se ocupa das ocorrências dos signos linguísticos na sua relação entre quem os produz e as circunstâncias em que ocorrem, considera, de acordo com Fonseca (1994: 38-39), as marcas da enunciação indissociáveis do discurso (e seu funcionamento) e do papel da comunicação-interação no jogo discursivo. Ainda de acordo com Fonseca (1994), face à dimensão comunicativa dos textos, a Pragmática deveria ocupar um lugar de destaque no seio da Linguística, ao contrário do que se sucedia, aproximando-a da importância da Semântica, já que em situação de comunicação a relação entre os signos e seus intérpretes é de suma importância para a compreensão textual. No mesmo viés, Miranda (2010: 33) admite que uma linguística do texto desconstrói o texto numa descrição de aspetos ligados sobretudo à sua dimensão “semi-linguística”. Ou de acordo com o posicionamento de Coseriu (2007):

Yo sólo el hecho de que exista una clase de contenido que es propiamente contenido de textos, o contenido dado a través de los textos, justifica a autonomía del nivel textual. Por eso, la lingüística del texto, o, mas exactamente, lo que se ha denominado aquí ‘verdadera’ y ‘propria’ lingüística del texto, es una lingüística del sentido.

Coseriu, 2007: 156

No seio destas perspetivas teóricas, que consideram o texto no seu contexto pragmático (“texto-em-situação”), funcionando como uma unidade de comunicação, o objeto de estudo *texto* como objeto abstrato, constituído por fenómenos (micro e macro) linguísticos veiculado pelas Gramáticas de Texto, passa a ser entendido como objeto empírico.

Das dimensões disciplinares que, segundo Coutinho (1999: 8), “privilegiam o carácter discursivo/textual da produção linguística”, destaca-se, ainda, a Análise do Discurso. Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau, no contexto francófono, são os seus grandes precursores e autores do *Dicionário de Análise do Discurso* (2004). Segundo

Maingueneau (2005a: 85), “o interesse que preside à análise do discurso é apreender o discurso como intricação de um texto e de um lugar social”. Dessa forma, o autor circunscreve o objeto de estudo da Análise do Discurso às condições de produção de um enunciado, assumindo que “(...) o seu objecto não é nem a organização textual nem a situação de comunicação, mas o que as liga através de um modo de enunciação específico” (2005a: 85). Nessa perspectiva, o *discurso* concebe-se na relação entre texto e lugares sociais, colocando a tónica no fenómeno da enunciação e nas condições de produção de um enunciado. Maingueneau (2005a: 90) define discurso como “espaços já ‘pré-recortados’ pelas práticas verbais”, em que os “tipos de discurso” se relacionam com um sector de atividade da sociedade (Ex.: discurso literário, jornalístico, político, entre outros) e englobam determinados “géneros de discurso”, que assentam, por sua vez, em critérios situacionais. No entanto, o autor defende que tipos e géneros funcionam em regime de reciprocidade, pois “qualquer tipo é um agrupamento de géneros; um género só o é na medida em que pertence a um tipo” (Maingueneau, 2005a: 91).

A partir da questão central dos “géneros de discurso”, Adam (1999, 2008a) propõe uma Análise Textual dos Discursos aproximando a área da Linguística Textual da da Análise do Discurso e interligando as teorias do texto e as teorias do discurso. O autor distingue *texto* de *discurso* a partir da fórmula $Discurso = Texto + Contexto$ (condições de produção e interpretação) e $Texto = Discurso - Contexto$ (Adam, 1999: 23). Nesse sentido, o texto resulta de um ato de enunciação, ou seja, é um produto verbal, e o discurso a integração do texto na sua situação de enunciação:

Le texte comme objet abstrait est l’objet d’une théorie générale des agencements d’unités. [...] Parler de discours, c’est ouvrir le texte, d’une part, sur une situation d’énonciation-interaction toujours singulière et, d’autre part, sur l’interdiscursivité dans laquelle chaque texte est pris en particulier celle des genres.

Adam, 1999: 40

O próprio autor (1999: 41) contesta, no entanto, esta fórmula, admitindo que o texto não se podia desvincular do seu contexto pragmático, e postulando que a linguística evoluía para uma pragmática de âmbito (con)textual. A Análise Textual dos Discursos passa a ser considerada, ainda de acordo com Adam (2008a: 23), uma “teoria da produção co(n)textual de sentido, que deve fundar-se na análise de textos concretos”, tendo como objeto a proposição/enunciado (unidade textual elementar) e partindo daqui ao plano de texto,

complementando-se as dimensões teórica e prática da análise textual.

No âmbito da Linguística Textual, atribui-se, em geral, o destaque para a categoria *gênero* a Bakhtin (1984) que, nos finais do século XX, a relacionaria com a diversidade das práticas sociais. Também Rastier (2001), no campo da Semântica Textual, sublinha a importância da categoria gênero nas atividades de produção e interpretação de textos, defendendo que todo o texto releva de um gênero e postulando que os textos não podem ser reduzidos a uma mera produção e organização linguísticas. Neste entendimento, Rastier (2001: 299) concebe o uso da língua como atividade social, afirmando que qualquer situação de comunicação é determinada por uma prática social e a esta está associado um conjunto de usos linguísticos a que chama *discurso*.

No ângulo epistemológico e metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo, Bronckart ([1997]1999: 75) assume o texto enquanto objeto empírico, natural, de carácter psico-sociosemiótico, e articula-o com a noção de contexto. Assim, para o autor, o texto resulta de uma ação de linguagem, situada, cumprindo uma função comunicativa, e, portanto, constituindo-se como uma *unidade comunicativa global*. O autor indica, ainda, que as características de produção de um texto dependem das situações da interação situada entre sujeitos, das atividades e das condições sócio-históricas [da sua produção]. Dessa forma, o texto é entendido como produto da *praxis* humana, e, portanto, como representante empírico das atividades/práticas, quer gerais, quer de linguagem, em que ocorre. Bronckart ([1997]1999: 73) introduz o termo *atividade de linguagem* para designar as práticas de linguagem situadas que se realizam por intermédio de textos (formas/produtos pré-construídos); e utiliza o termo *gêneros de texto* para dar conta da organização das diversas formas textuais, entendendo que todo o texto pertence a um gênero, sendo este [o gênero] adaptado e adotado em função das escolhas do produtor e da sua situação de produção. Importa sublinhar que, no quadro do Interacionismo Sociodiscursivo, é a Voloshinov ([1929]1977) que se reconhece o papel pioneiro relativamente à noção moderna de gênero de texto, associada a qualquer atividade social.

Das considerações apontadas, destaco três aspetos que assumo essenciais para o meu trabalho: a conceção interacionista sociodiscursiva de texto como *unidade comunicativa global*; o carácter praxiológico dos textos, na medida em que “constituem a concretização, a manifestação empírica, ou melhor, a fixação de uma ação languageira (atividade de linguagem)” (Bulea, 2010a: 68); e a questão dos gêneros textuais, essencial para entender a dimensão semiolinguística e psico-cognitiva da produção de textos.

Assim, antes de enunciar as questões centrais do meu projeto de investigação, apresento no ponto seguinte, de forma breve, algumas orientações teóricas relevantes do Interacionismo Sociodiscursivo, com vista ao entendimento geral do meu projeto.

1.2. O Interacionismo Sociodiscursivo

Neste ponto apresento os contributos e algumas linhas orientadoras fundamentais que originam o projeto do Interacionismo Sociodiscursivo, com vista à contextualização da minha investigação. Uma abordagem mais detalhada dos seus pressupostos será posteriormente realizada no capítulo II, ao referir os aspetos teórico-metodológicos subjacentes ao trabalho.

O projeto do Interacionismo Sociodiscursivo iniciou-se em Genebra, nos anos 80, e tem como teorizador central Jean-Paul Bronckart. A adesão aos pressupostos deste projeto conheceu mais tarde seguidores em países como o Brasil, a Argentina e Portugal e posiciona-se na pegada dos pressupostos do Interacionismo Social, uma corrente de pensamento que surge no seio das Ciências Humanas/Sociais, afiliada à Psicologia, no primeiro quarto do século XX, e que tem como principais figuras Vygotsky ([1934]1997) e Voloshinov ([1929]1977).

A partir dos diversos contributos, Bronckart perspetiva o que viria a consolidar-se como Interacionismo Sociodiscursivo: um projeto que releva de uma Psicologia da Linguagem; que se insurge contra a divisão das Ciências Humanas/Sociais, posicionando-se como uma corrente da ciência do humano reunificada; que envereda por uma abordagem descendente na sua metodologia; e que enfatiza o papel central da linguagem.

Destaco a seguir, sumariamente, alguns aspetos das bases teóricas do Interacionismo Sociodiscursivo.

Tal como o Interacionismo Social, o Interacionismo Sociodiscursivo, segundo Bronckart (2006a: 126), opõe-se à tradição filosófico-científica das Ciências Naturais e das Humanas/Sociais. Dessa forma, rejeita a conceção determinista da finitude e da estabilidade dos mecanismos de organização do universo, contestada pela própria Física, com Prigogine (1990), por não ter em conta o carácter dinâmico e imprevisível da evolução do próprio universo. Ainda de acordo com Bronckart (2006a: 126), o Interacionismo Sociodiscursivo

rejeita, igualmente, a divisão das Ciências Humanas/Sociais, de tradição positivista, sustentando que uma *ciência do humano* implica uma abordagem da problemática das relações de interdependência entre os aspetos psicológicos, cognitivos, sociais, culturais e linguísticos do funcionamento humano e da problemática dos processos evolutivos e históricos que desencadearam essas dimensões e sua própria coexistência. Por fim, também no alinhamento de Bronckart ([1997]1999: 25), rejeita a dualidade psicofisiológica de Descartes, que distingue radicalmente os factos físicos e os aspetos psíquicos do ser humano, assumindo-se de forma inequívoca na continuidade do pensamento de Spinoza.

O Interacionismo Sociodiscursivo é um projeto de uma *ciência do humano* reunificada, sustentada pela reflexão epistemológica e transdisciplinar, com contributos de diversas áreas, como a Linguística, a Psicologia, a Sociologia e a Filosofia. Os trabalhos de Bronckart (2006a: 121-122) relevam, sobretudo, de uma Psicologia da Linguagem, inscrita na corrente das Ciências Humanas e Sociais do Interacionismo Social, que se centra sobre a análise do funcionamento e da génese das práticas de linguagem. Filia-se a uma abordagem global e unificada do funcionamento psicológico, tendo como unidades de análise a linguagem, o agir e o pensamento consciente. Segundo Bronckart ([1997]1999: 49), a linguagem é entendida como um instrumento fundador e organizador de processos psicológicos na sua dimensão do humano, ou seja, materializa tanto aspetos psíquicos quanto sociais e, por isso, define-se como uma forma de ação semiotizada por agentes em interação entre si e com o meio, construindo a consciência individual e social. “Fundadora da ação humana” (Bronckart, 2006a: 73), a linguagem é central no Interacionismo Sociodiscursivo (abordagem logocêntrica), pois é a via pela qual se explica, interpreta e compreende o papel da atividade linguística no agir e no desenvolvimento humano. Por outras palavras, é através da linguagem que se constrói conhecimento, que se age e interage e, portanto, que se desenvolve a pessoa ao longo da vida.

De um modo geral, Bronckart filia-se a Vygotsky ([1934]1997) e Saussure (1995, 2004), partilhando a ideia de que é a interiorização e a apropriação do uso da língua e dos seus signos que viabilizam o pensamento e a consciência humana; a Voloshinov ([1929]1977), que propõe um programa metodológico descendente de análise, do global para o particular; e a Leontiev ([1977]2009), assumindo as atividades coletivas como condição de aparecimento de linguagem e de pensamento.

Na pegada do pensamento de Spinoza, Bronckart (2006a: 122-123) adota os seguintes princípios gerais: por um lado, de que a problemática da construção do

pensamento humano consciente deve ser tratada paralelamente à construção do mundo e das produções culturais na sua relação com os factos sociais (para além das dimensões biológica e cognitiva); e, por outro, de que os processos de socialização e individuação (i.e., os processos de organização social das atividades, da regulação dessas pela linguagem e de desenvolvimento das capacidades cognitivas humanas) devem ser considerados como vertentes indissociáveis do mesmo desenvolvimento humano.

Numa tentativa de reorganizar a problemática psicológica, Bronckart (2006a: 129) envereda pelo estudo das dimensões da vida social, mais especificamente pelo estudo dos pré-construídos históricos, ou seja, as formações sociais, as atividades coletivas gerais e as atividades de linguagem. O autor assume que esses atuam no desenvolvimento das pessoas e constituem os recursos para o agir, visando compreender os processos de mediação sociosemióticos (apropriação e adesão aos pré-construídos nas diferentes formas de educação e interação humanas) e analisar os efeitos dessas mediações formativas no processo de constituição da pessoa consciente.

No alinhamento de Vigostky ([1934]1997), Bronckart ([1997]1999: 24) entende que os princípios explicativos do humano se situam na construção do social e do semiótico, sendo que o comportamento só se explica pela construção e pela evolução das organizações sociais. Para Bronckart, no entendimento de uma abordagem descendente da ontogénese humana, a criança é imediatamente imersa num mundo de pré-construídos sociais, responsáveis pelas suas relações com o meio ambiente e pela construção das suas primeiras imagens mentais. Especificamente, essa abordagem descendente e dialética processa-se em três níveis pertinentes de análise: 1) na análise das características dos pré-construídos histórico-sociais e culturais; 2) na análise dos processos de mediação sociosemiótica através dos quais crianças e adultos se apropriam desses pré-construídos; e 3) na análise dos efeitos dos processos de apropriação, por um lado, sobre a constituição da pessoa consciente e/ou sobre o desenvolvimento ao longo da vida e, por outro, sobre a capacidade de intervenção (ou transformação) dos pré-construídos.

Ainda no prolongamento dos postulados de Saussure e Vygotsky, Bronckart ([1997]1999) assume que os signos mobilizados pela linguagem estão na origem da constituição do pensamento consciente, e que as práticas de linguagem situadas (i.e. os textos/discursos) são os principais instrumentos do funcionamento e do desenvolvimento humanos, quer na sua dimensão gnosiológica (i.e. do conhecimento e dos saberes), quer praxiológica (i.e. da capacidade de agir e da identidade dos indivíduos). Os textos

adquirem, portanto, uma função praxiológica, por se centrarem na prática, na ação de um eu reflexivo e que se envolve no processo textual. A dimensão praxiológica da linguagem, ou seja, a conceção da linguagem como *ação*, confere-lhe a sua componente *discursiva*. A dimensão praxiológica e gnosiológica intersejam-se e interagem na medida em que a linguagem adquire especial estatuto na compreensão e na interpretação das condutas humanas, já que é através dela que o agir humano se torna observável e, portanto, que se adquire conhecimento.

No posicionamento de Voloshinov ([1929]1977), uma referência a reter nas linhas orientadoras do Interacionismo Sociodiscursivo, como fundador das teses interacionistas sociais, alia-se a filosofia da linguagem à ideologia marxista. Voloshinov elabora uma teoria da linguagem que considera o papel da interação verbal no enquadramento psíquico e na organização social do humano, procurando esclarecer as condições de constituição do pensamento humano. Numa resistência ao Positivismo, o autor defende que os processos de consciência e os fenómenos psíquicos interferem no processo linguístico e nas diversas construções socioculturais. Para compreender o estatuto dos *textos*, dos *discursos* e dos *géneros* no âmbito do Interacionismo Sociodiscursivo, Bronckart ([1997]1999) apoia-se em três aspetos dos pressupostos de Voloshinov ([1929]1977): o conceito de dialogismo, a centralidade do conceito de género textual e o programa metodológico de índole descendente.

As premissas de Voloshinov ([1929]1977: 11) assentam na noção de ideologia, determinando que todo o signo (linguístico) é ideológico e um reflexo das estruturas sociais. Assim, o autor postula que a linguagem, articulada com as condições do funcionamento psíquico e da consciência, é um elemento construído socialmente, pelo que as interações verbais são sempre socializadas. Nessa medida, a linguagem constitui-se pelo princípio do dialogismo, já que as interações verbais configuram os resultados de discursos produzidos num quadro de interação social, num diálogo entre o *eu* e o *outro*. Consequentemente, para Voloshinov, os textos são tão heterogéneos quanto as atividades do ser humano e nas situações de uso da língua são elaborados tipos de enunciados, relativamente estáveis - os *géneros textuais*, procedendo todas as produções verbais de um género. Voloshinov ([1929]1977: 20) introduz, nesse seguimento, o que designa *psicologia do corpo social* situando-a numa espécie de elo de ligação entre a estrutura sociopolítica e a ideologia materializada sob a forma das interações verbais. O conceito de *psicologia do corpo social* põe em perspetiva o tratamento das formas concretas da comunicação verbal, i.e., os

gêneros e sua tipologia. Voloshinov desenvolve a noção de *gêneros* considerando-os as formas materiais precisas da expressão da *psicologia do corpo social*. Segundo o autor, as formas de atividade determinam os gêneros e, portanto, as formas de representações coletivas que concretizam os signos são organizados nesses mesmos gêneros, o que origina a sua diversidade.

Ao considerar que as atividades se materializam por meio dos gêneros, Voloshinov ([1929]1977: 137-138) propõe uma abordagem metodológica descendente com o intuito de analisar as formas que organizam e estruturam as condutas humanas. Nesse viés, Voloshinov parte da análise das atividades (gerais e de linguagem) no âmbito de um contexto social concreto, e só depois observa os gêneros mobilizados pelas práticas de linguagem para, no fim, proceder ao exame das suas propriedades linguísticas formais. Esta metodologia permite explicar o funcionamento humano na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo, assumindo-se que as interações humanas se organizam nas atividades (sociais) e nas produções verbais coletivas. Nesse alinhamento, entende-se que o agir humano integra um agir comunicativo (atividade de linguagem) e a preocupação, no programa do Interacionismo Sociodiscursivo, é analisar e compreender o estatuto e o papel do agir comunicativo no agir em geral (Bronckart, [1997]1999: 107).

As noções de *texto* e de *discurso* situam-se naquilo que o Interacionismo Sociodiscursivo considera, de forma geral, o agir humano, e, de forma específica, o agir pela linguagem: o agir geral na medida em que conforma as estruturas de cooperação que organizam as interações dos indivíduos com o meio; e o agir pela linguagem (ou atividades de linguagem), na medida em que mobiliza signos organizados em textos que permitem a construção gnosiológica (i.e. o conhecimento). No quadro do Interacionismo Sociodiscursivo, as atividades de linguagem asseguram o entendimento coletivo que possibilita a realização das ações humanas em geral. Dessa forma, Bronckart ([1997]1999) afirma que as produções de linguagem devem ser consideradas na sua relação com a atividade humana em geral, pelo que as ações de linguagem, na atividade coletiva, são consideradas “*unidades psicológicas sincrônicas* que reúnem as representações de um agente sobre contextos de ação, em seus aspectos físicos, sociais e subjetivos” ([1997]1999: 107).

A realização de uma ação de linguagem procede de um processo determinante - a adoção e adaptação dos *construtos históricos*, ou seja, dos gêneros de texto. Segundo Bronckart (2006a: 143), os gêneros de texto constituem os produtos de configurações de

escolhas estruturantes da textualidade, portadores de indexações sociais, e estão disponíveis no *intertexto*, organizados em *nebulosas*, padronizados e estabilizados pelo uso. A *nebulosa* é constituída pelo conjunto de textos já delimitados e catalogados por avaliações sociais. A esse espaço que estrutura e organiza os géneros de texto preexistentes e onde os géneros de texto coexistem no ambiente da linguagem e se acumulam historicamente sob a forma de “pré-construídos” (humanos), Bronckart (2006a: 145) designa *arquitexto*. Nessa nebulosa são reservados os modelos textuais aí indexados, à qual o agente de uma ação de linguagem recorre num duplo processo – de adoção e adaptação do modelo de género - que regula (e origina) qualquer produção textual:

De um lado, ele terá que “escolher” ou *adotar* o modelo de género que lhe parece o mais adaptado ou o mais pertinente em relação às propriedades globais da situação de ação, tal como ele a imagina. Por outro lado, ele vai necessariamente *adaptar* o modelo escolhido em função das propriedades particulares dessa mesma situação (...) o resultado desse duplo processo será um novo texto empírico, que, portanto, apresentará os traços do género escolhido e os do processo de adaptação às particularidades da situação.

Bronckart, 2006a: 147

Essa realização acontece no quadro semiótico de uma língua natural, que obedece a paradigmas sintáticos e lexicais específicos numa relação semântica com os mundos elaborados pelas formações sociais. Assim, para que uma ação de linguagem seja efetivada, Bronckart ([1997]1999) adianta:

(...) o agente que realiza uma ação de linguagem deve, necessariamente, colocar em *interface* o conhecimento sobre a sua situação de ação e sobre os géneros de textos, tal como são indexados no *intertexto* e tal como mobilizam os recursos e os pré-construtos particulares de uma língua natural.

Bronckart, [1997]1999: 108

A efetivação de uma (atividade ou) ação de linguagem resulta num texto empírico (Bronckart, [1997]1999: 39). O texto empírico é, portanto, o correspondente verbal ou semiótico de uma ação de linguagem construído na dialética entre representações sobre os contextos de ação e sobre as línguas e os géneros de texto, com características específicas que fazem do texto empírico um texto singular e com características do género que adapta:

(...) todo o texto empírico é realizado por meio de *empréstimo de um gênero* e, portanto, sempre pertence a um gênero; entretanto, todo texto empírico também procede de uma adaptação do gênero-modelo aos valores atribuídos pelo agente à sua situação de ação e, daí, além de apresentar as características comuns ao gênero, apresenta propriedades singulares, que definem o seu *estilo* particular.

Bronckart, [1997]1999: 108

As noções de *atividade* e *ação* apresentam contributos de Leontiev ([1977]2009) e Habermas ([1981]1987), que constituem a atividade como unidade sociológica e a ação como unidade psicológica. Bronckart ([1997]1999: 29), nesse alinhamento, confere à noção de *atividade* dimensões sociais e verbais. Nessa perspectiva, Bronckart ([1997]1999: 72) assume que a linguagem é uma forma de atividade que atua em diferentes esferas da interação humana e mostra que as atividades de linguagem comentam as atividades gerais, materializando-se nos textos. Assim, a *ação* surge como o resultado das avaliações sociolinguísticas de uma atividade coletiva, e a ação de linguagem uma parte da atividade linguística imputada a um determinado indivíduo. As escolhas linguísticas individuais, a partir dos recursos que uma determinada língua natural dispõe, e de acordo com paradigmas de organização textual mobilizados nessa mesma língua, materializam-se em textos, de natureza psico-sócio-semiótica, assumindo-se os textos como os correspondentes empíricos (e linguísticos) das atividades de linguagem situadas em que ocorrem (Bronckart, 2006a: 139). Sendo o texto o correspondente de uma ação de linguagem, e, portanto, determinado pela ação que o gerou, constitui-se como unidade comunicativa:

[o texto é] toda e qualquer produção de linguagem situada, oral ou escrita (...) e toda unidade de produção de linguagem que veicula uma mensagem linguisticamente organizada e que tende a produzir um efeito de coerência sobre o destinatário. Consequentemente, essa unidade pode ser considerada como a unidade comunicativa de nível superior.

Bronckart, [1997]1999: 71

Relativamente à noção de *discurso*, Bronckart (2006a: 140) refere que o *discurso* é construído a partir das ações de linguagem que se realizam em práticas (sociais) concretas e situadas, por indivíduos. Sendo as práticas de atividade de linguagem diversas, Bronckart ([1997]1999: 75-76) propõe a noção de *gêneros de texto* para designar os representantes empíricos dessas mesmas práticas, enquanto *discurso* traduz o *agir de linguagem*, desenvolvendo a noção de *tipos de discurso* como o “produto de um trabalho

particular de semiotização ou de *colocação em forma discursiva* (...) apresentando fortes regularidades de estruturação linguística”.

A relação entre texto, gênero de texto e tipos de discurso é central no projeto do Interacionismo Sociodiscursivo e necessária para as questões da minha investigação. No ponto seguinte, apresento os contornos gerais do meu trabalho e o contributo, para o seu desenvolvimento, dos pressupostos do Interacionismo Sociodiscursivo.

2. O projeto de investigação

Explicitado o enquadramento disciplinar, apresento neste momento a questão central da minha investigação e as opções metodológicas privilegiadas para o seu tratamento.

2.1. A(s) questão(ões) de investigação

De forma a realizar a investigação, parto da seguinte questão de pesquisa:

Como se configura, linguisticamente, a representação do agir de mulheres em posição de liderança?

A investigação assenta numa abordagem linguística das representações construídas em textos produzidos por mulheres em posição de liderança sobre o seu próprio agir, no sentido de verificar se têm tendência para um *discurso implicado*. Trata-se, por outras palavras, de perceber de que forma as mulheres se implicam nos discursos que produzem e como representam discursivamente a sua liderança. Encontro nos procedimentos propostos pelo Interacionismo Sociodiscursivo a via para essa operacionalização, contribuindo para tal a noção de *tipos de discurso* (Bronckart, [1997]1999) e de *figuras de ação* (Bulea, 2010a). Para dar conta, ainda, da representação discursiva da liderança de mulheres, linguisticamente marcada, e poder afirmar que as mulheres optam por um discurso tendencialmente implicado, assim configurando uma atitude específica/efetiva de liderança, apresento um estudo comparativo com a análise de textos de homens.

A centralidade da questão da implicação no presente trabalho será contextualizada a seguir. Assim, proponho uma síntese de leituras que permitem compreender a relação da problemática das mulheres com a questão da liderança e com a questão da linguagem.

2.1.1. A mulher, a liderança e a linguagem

A noção de *liderança* relaciona-se, sobretudo, com a atividade política, mantendo uma estreita relação com a ocupação de cargos de liderança política. Ainda assim, não existe na literatura académica uma definição única e consensual do conceito de liderança, surgindo relacionado com a noção de poder. Segundo Martins (2013: 82), as conceções teóricas sobre liderança ganham ênfase nas sociedades ocidentais e industrializadas e assentam maioritariamente em descrever as capacidades de um líder masculino, devido à representatividade de homens em cargos de liderança face às mulheres. Contudo, a transformação da atividade política com a progressiva incorporação de mulheres, passando estas, cada vez mais, a ocupar cargos de grande representatividade política e social, leva a rever o paradigma de liderança. Ao contrário do líder masculino, as mulheres são vistas como forças propulsoras da mudança, gestoras, gentis, organizadas, humanas, sensíveis, empáticas, progressistas, menos autoritárias e calculistas, com um estilo colaborativo e assente na partilha do poder e no consenso, pelo que se questiona como pode o género (r)estruturar a noção de liderança, admitindo-se outros modelos de exercício do poder: uma “conceptualização do poder, não como dominação, mas como capacitação e empoderamento” (Martins, 2013: 82-83).

Diversos autores sustentam que a representação feminina na política e na sociedade é subaproveitada pela liderança masculina, já que as questões relacionadas com o universo feminino são, na maior parte da vezes, ignoradas ou, simplesmente, consideradas irrelevantes. Martins (2013: 57) aponta os argumentos de Phillips (2003), assumindo que uma das formas de contornar a história marcada pela diferença sexual é articular a presença ativa das mulheres na política com a representação, pelas próprias mulheres, dos seus pontos de vista, sendo que “as mulheres devem estar humanamente implicadas na representação” (Martins, 2013: 58). Nesse mesmo entendimento, a representatividade sociopolítica das mulheres, e das questões das mulheres, contribui para uma nova conceção da política e da

sociedade, e, portanto, de modelos de liderança, já que os seus valores, as suas experiências e as suas competências resultam numa sociedade mais empática, colaborativa e justa.

Rivera e Artmann (2006: 412) enfatizam as relações entre liderança e linguagem, sustentando, na pegada de Flores ([1989]1993, 2004) e Echeverria (1997, 2000), que a liderança é um fenómeno linguístico. A partir da noção de *liderança* como um domínio de ação em si mesmo, a liderança ocorre por meio do agir e da observação desse agir. Nesse entendimento, a liderança não se pode dissociar do modo como é gerado, e esse é, fundamentalmente, constitutivo das interações estabelecidas via linguagem. Assim, Rivera e Artmann (2006: 420-421) estabelecem que é na interação linguística que acontece, que é gerado (e gerido) o fenómeno da liderança, pelo que as competências que geram a liderança são, sobretudo, linguísticas. Dentre as competências linguísticas que geram a liderança, apontadas por Rivera e Artmann (2006) e que respaldam o que anteriormente mencionei, destaco as seguintes: o indivíduo, ao representar-se, através da linguagem, refere-se a si próprio, à sua história, às suas experiências, e essa capacidade de se dizer, de dizer a sua narrativa, abre possibilidades de ação; essas possibilidades e capacidades de (gerar a) ação, que traduzem a liderança, constituem-se a partir daquilo que é dito e do modo como é dito; para além disso, a capacidade de liderar é adotar como sua a missão de um coletivo, dando conta das suas preocupações e das preocupações dos outros (cuidar de si e dos outros e, portanto, do futuro).

Antes de avançar para a questão seguinte – a da relação entre as problemáticas das mulheres e da linguagem – convém referir a eventual pertinência de articular a questão da liderança com a do “*ethos*” discursivo (Maingueneau, 2005b, 2008; Charaudeau, 2006, 2007, 2009). No âmbito das Ciências da Linguagem e, de forma particular, no campo da Análise do Discurso, autores como Kerbrat-Orecchioni (1998, 2001) e Amossy (2005, 2010) desenvolvem estudos que analisam as marcas de inscrição do sujeito no seu discurso, favorecendo a construção da imagem de si. Evidenciam, portanto, que todo o ato enunciativo implica uma construção de uma imagem de si, ativando as suas competências linguísticas e o seu estilo numa representação de si que é apreendida na interação. O “modo de dizer” contribui, nesse sentido, para a construção dessa imagem a partir de índices discursivos, pelo que, para a interpretar, é necessário analisar a inscrição do eu e a construção da sua subjetividade na língua. E essas marcas de subjetividade são responsáveis pela construção da sua identidade. Em contexto nacional, a investigação desenvolvida sobre *ethos* assenta, sobretudo, na análise de discursos

políticos, com enfoque na identificação de *ethè* construídos a partir de uma figura masculina (vejam-se, entre outros, os seguintes trabalhos: Menéndez (2007); Marques (2008, 2000); Pinto (2020, 2013); Pita & Pinto, (2014)). Uma vez que os trabalhos desenvolvidos assentam, sobretudo, sobre a noção de *ethos* em discursos de homens, abrir-se-ia aqui a possibilidade de estudar os discursos de mulheres, numa lógica de (des)construção de um *ethos* feminino. Tendo em conta, no entanto, que o enquadramento privilegiado é o do Interacionismo Sociodiscursivo, esta pista não será aqui retomada e desenvolvida. Por outro lado, e uma vez que o meu trabalho assenta na análise da construção discursiva em textos de figuras femininas, sublinho a preocupação em se desenvolver trabalho original que contemple o estudo sobre mulheres nas suas práticas discursivas.

No que respeita à relação entre a problemática da mulher e a problemática da linguagem, começo por salientar que ela está praticamente ausente da bibliografia: concluo das leituras feitas² que os trabalhos desenvolvidos assentam, sobretudo, em traçar o percurso dos feminismos no devir histórico, social e político. Este trabalho posiciona-se, portanto, como contributo no âmbito dos estudos que relacionam a mulher com a linguagem, na medida em que esse viés é lacunar (também em Portugal).

Tavares (2011) traça o percurso dos femininos, destacando a importância do estudo sobre as mulheres:

(...) não basta tomar as mulheres como objecto de estudo. Torna-se fundamental uma postura epistemológica que questione (...), que traga diversidade no olhar da realidade, que não dissocie a emoção da razão, que interaja com o objecto de investigação, que contextualize, que esteja atenta às especificidades.

Tavares, 2011: 608

Segundo a autora, a preocupação é dar visibilidade às mulheres no devir histórico, social e político, trazer o seu ponto de vista para os estudos, “reflectir sobre as suas experiências, devolver-lhes a palavra, fazer ouvir as suas vozes, recuperar memórias silenciadas” (Tavares, 2010: 608).

A partir da década de 80, o foco dos movimentos feministas passa a ser o tratamento das questões da diferença e da alteridade na sua relação com a linguagem, “concebendo que

² Para esta reflexão contribuíram, ainda, as leituras de Barreno *et al.* (2010), Beauvoir ([1949]2015a/b), Bernardo (2010), Cixous (1997), Eagli & Carli (2003), Heberle *et al.* (2006), Irigaray (1985), Pintasilgo (1988) e Tannen (1984, 1990, 1993).

as subjetividades são construídas pelos discursos” (Freitag & Severo, 2015: 22). A preocupação é, agora, dar visibilidade às mulheres a partir da linguagem.

A este respeito, no âmbito dos estudos feministas, podem destacar-se pontos de vista que sustentam a hipótese de uma “escrita de mulheres”, como afirma Collin (1981: 17). Para além de Collin, e ainda no contexto francófono, Baylon (1991: 113) assume que as mulheres se distinguem linguisticamente dos homens; e Irigaray (1993: 33-34) situa a fala de mulheres numa nova forma de representar a sua subjetividade, representação essa que transforma os usos (convencionais) da linguagem. Em contexto anglo-saxónico, Lakoff (2004: 39-42) atribui valores distintos à fala de homens e mulheres, postulando a existência de uma linguagem específica feminina.

Em Portugal, Pintasilgo (1981: 57) sublinha a hipótese de existir uma prática de escrita específica de mulheres ou mesmo de uma linguagem feminina, particularmente eufemística, com fórmulas desviantes, que fala das coisas concretas da vida, lançando a questão: *Haverá um falar-de-mulher?*. Pintasilgo salienta que o *falar-de-mulher* - a tomada de palavra - é a possibilidade conferida à mulher de se dizer, de contar a sua história e todo o universo que evoca. Trata-se, segundo a autora, de falar de outra maneira: a mulher diz-se no singular, e a audácia de dizer *eu* implica o investimento da pessoa toda, “porque vinda do vivido de cada uma” (1981: 42):

as mulheres recusam o anonimato das generalizações. Recusam abrigar-se num sujeito indeterminado onde a sua vida real, concreta, feita de carne e de sangue, de espírito e de inteligência íntima das coisas, seria sufocada e reduzida às dimensões sem relevo do que é indefinido. (...) Elas querem dizer a sua vida. Tal como ela é. A palavra das mulheres diz-se no singular.

Pintasilgo, 1981: 44

Apesar de Pintasilgo não teorizar essa hipótese, nem ser esse o seu papel, numa tese em linguística a sua hipótese pode fazer sentido se se encontrar alguma sustentação teórica. Este trabalho propõe, portanto, uma abordagem linguística que constitua uma via para a possibilidade de se sustentar a hipótese de que existe uma prática feminina de uso da linguagem, uma prática que se diz no singular e que implica o investimento da pessoa. No ponto que se segue, demonstro como o meu projeto trata essa questão.

2.1.2. A implicação

A partir da hipótese lançada por Pintasilgo (1981), o meu projeto surge com o intuito de relacionar a problemática da linguagem com a problemática das mulheres, constituindo-se como uma via para sustentar teoricamente a hipótese (ou conclusão aqui antecipada): mulheres e homens falam tendencialmente de forma diferente e, na forma de falar das mulheres, elas implicam-se.

A área de especialidade em que se inscreve o meu trabalho - a Linguística do Texto e do Discurso – possibilita uma abordagem linguística dos textos, encontrando no âmbito dessa área de investigação a perspetiva epistemológico-metodológica do Interacionismo Sociodiscursivo que viabiliza o estudo da implicação discursiva, a partir de duas noções que desenvolve: os *tipos de discurso* e as *figuras de ação*.

Como critérios de escolha para a abordagem linguística, opto por constituir um *corpus* que tenha como foco textos de mulheres e textos produzidos em contexto português e por mulheres pioneiras em posições de liderança. Como textos representativos dessa liderança de mulheres, seleciono o género de texto *intervenção pública* – questão que será retomada e explicada mais à frente. Sendo as primeiras mulheres a representarem uma posição de liderança, nos cargos em causa, os textos constituem-se como exemplares singulares e inéditos dessa liderança: ideal para pensar a questão da visibilidade das mulheres e para verificar o modo como representam o seu agir, via linguagem. Para não incorrer em generalizações, a fundamentação sólida dos resultados a alcançar obriga a incluir um estudo comparativo, enquadrando, de um lado, textos de mulheres e, de outro, textos de homens, produzidos nos mesmos contextos socioprofissionais, conformando o *corpus* doze intervenções públicas.

Para tratar da questão da implicação de mulheres e homens nos textos, tal como mencionado, o Interacionismo Sociodiscursivo apresenta as noções de *tipos de discurso* e de *figuras de ação* como uma via para tratar a minha macro questão de investigação: analisar a configuração linguística da representação do agir de mulheres e homens em posição de liderança. Esta questão de investigação desdobra-se em dois objetivos centrais, para os quais contribuem as noções referidas: perceber, por um lado, como as mulheres e homens em posição de liderança se implicam nos textos que produzem, e, por outro, como a

representação discursiva do seu agir pode configurar uma atitude específica/efetiva de liderança.

Para o primeiro objetivo, a análise dos *tipos de discurso* em ocorrência nos textos representa o procedimento que permite falar de um discurso que resulta da implicação, do investimento da pessoa no texto, pelo que a abordagem linguística dos textos caracteriza-se, fundamentalmente, pela análise do modo como as mulheres e os homens se implicam a partir da identificação das marcas linguísticas e enunciativas em ocorrência que configuram os tipos de discurso. Concretamente, baseio-me na observação dessas marcas mobilizadas na representação do agir, propondo, a partir dessas, enquadrando-as, a noção de *marcas de implicação*, que permitem aferir o grau de implicação dos agentes de produção no texto.

Para o segundo objetivo, parto das evidências atestadas na análise da *implicação*, no sentido de verificar de que modo as reconfigurações interpretativas do agir mobilizadas no texto, organizadas pelos tipos de discurso e alinhadas com as marcas de implicação, permitem equacionar um modelo de liderança na representação do próprio agir dos agentes de produção. As reconfigurações interpretativas mobilizadas na captação e compreensão das representações do agir designam-se *figuras de ação*. No meu trabalho em concreto, exporto esta noção nas análises da representação do agir relacionado com as questões de liderança, no sentido de aferir se são aplicáveis ou se a análise textual do agir-referente liderança e das especificidades linguísticas que mobiliza fazem emergir figuras de ação novas, propondo, nesse caso, a noção de *figura de ação liderança*.

Por fim, a abordagem linguística e textual que desenvolvo apoia-se numa perspetiva descendente de análise, que parte da análise das atividades e dos géneros para a análise dos aspetos (micro)linguísticos. A partir desta análise, centro-me nas figuras de ação, como representado na seguinte figura:

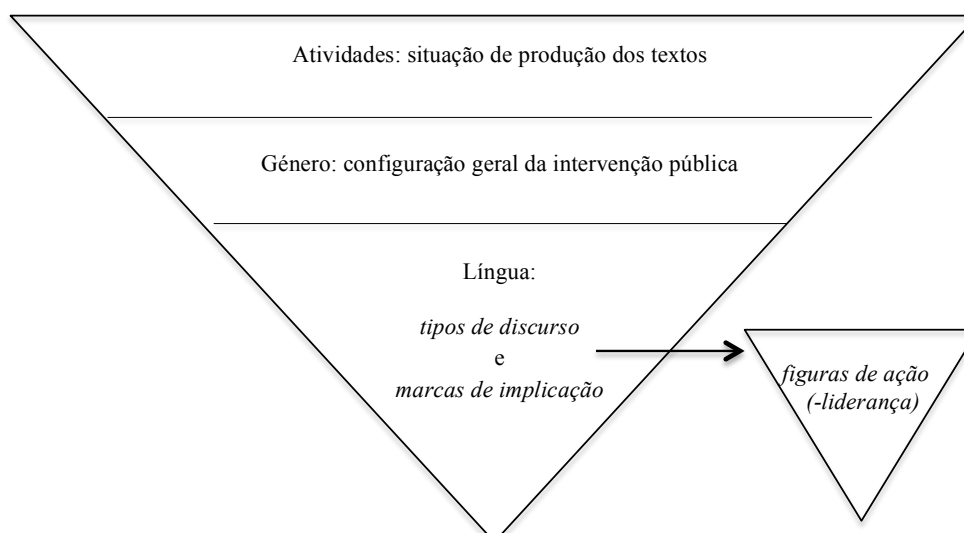


Figura 1. Abordagem descendente da análise textual

Para além disso, para o tratamento dos dados em análise opto pela articulação entre uma abordagem qualitativa e uma quantitativa: a primeira com o objetivo de proceder à identificação e ao levantamento dos dados; com a segunda, para sustentar os resultados obtidos, procedo à contabilização das ocorrências dos dados observados na aplicação das seguintes noções: *tipos de discurso*, *marcas de implicação* e *figura de ação liderança*. No fim, comparativamente, totalizo essas ocorrências e aponto as conclusões mais significativas: o modo como se implicam mulheres e homens nos textos e o modo como a representação do agir configura liderança.

Em suma, esta parte nuclear do meu trabalho traduz o contributo que as noções propostas pelo Interacionismo Sociodiscursivo representam para o desenvolvimento de outros trabalhos, constituindo, igualmente, uma forma de ampliar o campo de interesses, as metodologias e os procedimentos analíticos do quadro do Interacionismo Sociodiscursivo.

3. A organização da tese

Neste ponto apresento, de forma sucinta, a estrutura global desta tese. Para a organização do corpo do trabalho, estabeleci cinco fases, balizadas pelos aspetos introdutórios e pelos aspetos conclusivos.

Na primeira fase, apresento uma contextualização dos aspetos globais da investigação, situando o meu trabalho na área de investigação em que se inscreve e explicitando o quadro teórico-metodológico privilegiado. Dessa forma, revisito o trajeto das perspectivas teóricas sobre os textos e os discursos, na perspectiva da Linguística do Texto e, num segundo momento, exponho os contornos teóricos gerais que caracterizam o Interacionismo Sociodiscursivo, sobretudo no que respeita à sua filiação aos pressupostos do Interacionismo Social. Nesta secção, apresento, ainda, de forma breve, o meu projeto de investigação, onde dou a conhecer a questão central da minha investigação e as opções metodológicas privilegiadas para o seu tratamento, focando, igualmente, algumas leituras realizadas sobre as questões das mulheres, da linguagem e da liderança.

Na segunda etapa, retomo o enquadramento disciplinar, especificando os aspetos teórico-metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo que suportam esta investigação, como os aspetos relacionados com a problemática do agir humano; os aspetos referentes ao modelo de análise de textos do Interacionismo Sociodiscursivo, focando nos planos de análise a aplicar ao estudo das questões de investigação. Destaco, aqui, o plano da semiologia do agir; as noções de *tipos de discurso* e de *figuras de ação* e, conseqüentemente, o contributo destas noções para o desenvolvimentos das outras noções que proponho: as *marcas de implicação* e a *figura de ação liderança*.

Na terceira parte, apresento detalhadamente a constituição do *corpus* de análise, de que resulta, também, uma breve exposição do género de texto escolhido (a *intervenção pública*); e apresento o modelo de análise textual que serve de base para o trabalho prático com os textos empíricos do *corpus*. Nesta secção, especifico os procedimentos metodológicos da análise textual e comprativa, desenhando a moldura teórico-metodológica que servirá de referência ao trabalho prático.

Na quarta fase, aplico a teoria à prática, efetuando as análises aos textos, discutindo os resultados obtidos e testando a aplicabilidade dos procedimentos analíticos adotados e criados. As análises orquestram-se privilegiando, primeiramente, a análise textual propriamente dita, distribuída por quatro etapas, à qual sucede sempre um movimento comparativo que coloca em perspectiva os textos de autoria feminina e os textos de autoria masculina.

Por último, na quinta fase, a partir da macro questão de investigação, dos objetivos estipulados e das noções desenvolvidas para a análise da implicação, sistematizo as principais conclusões alcançadas e perspetivo a sua necessária aplicabilidade a trabalhos futuros.

Introduzido o meu trabalho, explano, na parte que se segue, os aspetos teórico-metodológicos que sustentam a minha investigação.

II. ASPETOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresento o enquadramento teórico-metodológico da investigação no projeto do Interacionismo Sociodiscursivo. Assim, no ponto 1, abordo as questões gerais relacionadas com a problemática do agir e identifico as noções em torno do *agir*. No ponto 2, foco-me nos aspetos sobre a análise de textos e géneros e na noção de *modelo de análise de textos*. No ponto 3, aprofundo a noção de *tipos de discurso*. Por último, no ponto 4, apresento a noção de *figuras de ação*.

1. A problemática do agir humano

No projeto do Interacionismo Sociodiscursivo, a problemática do agir coloca a socialização humana no centro dos estudos para compreender o agir humano e a construção dos seus processos. Bronckart ([1997]1999: 32) assume que o *agir* humano integra um *agir comunicativo* e os seus trabalhos orientam-se nesta linha: analisar e compreender o estatuto e o papel do agir comunicativo no agir em geral, postulando que as *atividades de linguagem* asseguram o entendimento coletivo que possibilita a realização das *ações* humanas em geral.

No sentido de explicar a relação entre o agir humano e a linguagem, Bronckart ([1997]1999, 2006a, 2008c) baseia-se nos pressupostos de Habermas ([1981]1987) e de Ricoeur (1986), e estabelece proposições para uma compreensão e interpretação do agir.

No que respeita ao trabalho de Habermas ([1981]1987), Bronckart ([1997]1999: 32) recupera a ideia de que as interações verbais medeiam e regulam toda a atividade (e a cooperação dos indivíduos na atividade) constituindo o *agir comunicativo*. Assim, o agir comunicativo (i.e., a atividade de linguagem) emerge no quadro de representações coletivas do meio. Estas representações coletivas estruturam-se e organizam-se em três configurações de conhecimentos (coletivos) designados, por Habermas, mundos representados (ou formais): o mundo objetivo, o mundo social e o mundo subjetivo. O mundo objetivo diz respeito aos aspetos do meio físico da atividade, constituindo os conhecimentos coletivos adquiridos, as representações acerca desse ambiente; o mundo social remete para as normas e as convenções (sociais) que organizam e regulam a atividade; e os conhecimentos coletivos representados no mundo subjetivo respeitam ao próprio indivíduo que, no âmbito de qualquer atividade, apresenta “habilidades” decorrentes da sua própria visão – de si, dos outros e do mundo – adquiridas ao longo da sua formação e da sua vida. Os conhecimentos humanos

apresentam um carácter de *construto* coletivo, já que procedem de uma atividade que é sempre coletiva e social. Por tal, o mundo social regula, condiciona e estrutura os outros mundos representados – o objetivo e o subjetivo.

A partir da atividade de linguagem (agir comunicativo), o indivíduo tem a capacidade de transformar o meio nesses mundos representados, emitindo pretensões à validade relativas às propriedades do meio em que a atividade se desenvolve. Tal como demonstra Bronckart (2006a: 70), no seguimento de Habermas ([1981]1987), para cada um desses mundos representados existe um agir específico, sendo esses aspetos da *ação*, portanto, situáveis e avaliáveis. Assim, Habermas ([1981]1987) apresenta três formas de percepção da ação - o *agir teológico*, o *agir regulado por normas* e o *agir dramático* - que correspondem, respetivamente, ao mundo objetivo, ao mundo social e ao mundo subjetivo. Essas três formas de percepção da ação desdobram-se em três modos de “pretensão à validade”: o conhecimento comum dos agentes de um mundo objetivo/físico, a partir do qual são avaliadas as pretensões à verdade (*agir teológico*); a aceitação e compartilhamento das regras, valores e normas que advêm do mundo social, por via dos quais são avaliadas as pretensões à legitimidade (*agir regulado por normas*); e o reconhecimento do mundo subjetivo do próprio indivíduo (íntimo, desejos, pensamentos e sentimentos) através do qual são avaliadas as pretensões à veracidade (*agir dramático*). Estas pressuposições constituem o *contexto da ação significativa* (Bronckart, 2006a: 72).

O contexto (de ação significativa), através do qual se faz a avaliação da atividade social, é constituído, portanto, pelos três mundos formais e estes, por sua vez, constroem-se a partir do *mundo vivido* dos sujeitos individuais (Bronckart, 2006a: 72-73). A noção de *mundo vivido* traduz o conjunto de experiências individuais construídas ao longo da vida e que pressupõe o universo de conhecimentos que o agente tem do contexto (mundos representados) do seu próprio agir, universo esse pré-existente e que medeia o seu próprio agir e os seus efeitos sobre o meio. Nesse seguimento, todo o indivíduo está sujeito a avaliações sociais – do seu agir e do agir dos outros e dos outros de si - elaborando-se, dessa forma, *representações* sobre (as ações d)os outros, sobre as próprias condutas e sobre os efeitos dessas condutas/ações no meio. É, portanto, a atividade de linguagem (*agir comunicativo*), que constitui o meio pelo qual se desenvolvem os processos de avaliação e se dá a conhecer o mundo vivido de cada um.

Ricoeur (1986) propõe um olhar sobre a representação das ações humanas nas produções de linguagem, mais especificamente nos textos narrativos, defendendo uma hermenêutica da ação a partir das características linguísticas da experiência humana. Nessa perspetiva, a ação humana é compreendida e interpretada como um texto, já que é através da

linguagem que o ser humano se manifesta e, em particular, é pelas narrativas das suas vivências que se compreende a si mesmo, articulando com o seu próprio agir. Nessa dinâmica, o texto é considerado como paradigma da ação: “trata-se de mostrar que os discursos são eles próprios ações e ainda de mostrar o laço profundo e complexo entre a ação e a palavra” (Ricoeur, 1986: 8), pelo que “compreender é compreender-se diante do texto” (Ricoeur, 1986: 124). Ainda segundo Ricoeur, o ser humano elabora textos (narrativos) para contornar as representações contraditórias e conflituosas sobre o seu próprio agir (real), (re-)configurando ações, racional e conscientemente, a partir da construção ficcional de (outros) sujeitos, motivos, razões, intenções, situações e capacidades. E esses textos estão à disposição do ser humano, pelo que podem servir de paradigma à compreensão das ações (reais) e de si, uma vez que as interpretações do agir constroem-se nos e pelos textos. Nesse sentido, os textos – e a linguagem – têm a capacidade de configurar o agir, pois é nos textos que a ação humana é representada, captada e, por fim, interpretada.

Bronckart (2008c: 35), a partir das proposições de Ricoeur (1986), acrescenta: “qualquer que seja seu género ou seu tipo, seja oral ou escrito, pode contribuir, a seu modo, no processo de reconfiguração do agir humano”. Nesse sentido, qualquer texto, e não apenas o narrativo, tem esse poder. É aqui que reside o potencial da linguagem em configurar o agir humano, pois é por intermédio da linguagem e das representações construídas nos e pelos textos que se interpreta o agir, contribuindo qualquer texto para a morfogénese das ações. Para Bronckart (2008c), o desenvolvimento humano ocorre no âmbito do agir, já que todos os conhecimentos e representações construídos são sempre produtos de um agir, socialmente determinado. Por tal, as condutas humanas não podem ser apenas observadas, é necessário interpretar as motivações, as intenções e as capacidades para agir. Essa interpretação ocorre por intermédio da linguagem, possibilitando analisar a atividade social e as ações que decorrem dessa atividade. E a linguagem surge representada nos textos, adquirindo estes, nessa medida, um carácter praxiológico: propiciam uma reconfiguração do agir humano e as respetivas interpretações e avaliações sobre esse agir. E ao referirem uma dada atividade social influenciam o sistema de práticas/ações, adquirindo a faceta gnosiológica: os textos refletem as representações feitas sobre as ações e a atividade social em que decorrem.

Bronckart (2006a: 212) admite, no entanto, um problema terminológico que resulta da complexidade e da diversidade conceitual na esfera do agir, sobretudo no que respeita às noções *agir*, *atividade* e *ação*. Para contornar a generalidade com que esses termos são utilizados e tornar inteligível os conceitos em torno (da interpretação) do agir no quadro do

Interacionismo Sociodiscursivo, Bronckart e Machado (2004: 154-156) propõem um quadro conceitual e teórico-referencial sobre o agir. Nas secções seguintes ocupo-me do esclarecimento relativamente a essas noções e apresento outras introduzidas no seio do projeto do Interacionismo Sociodiscursivo.

1.1. O agir comunicativo e o agir praxiológico

Segundo Bronckart e Machado (2004: 154-155), o termo *agir*, de um modo geral, indica qualquer forma de intervenção humana no mundo; é um termo neutro que designa as atividades gerais do ser humano e que, em termos interpretativos, diz respeito aos dados de uma investigação recolhidos antes da análise. Para o Interacionismo Sociodiscursivo, a linguagem é uma prática humana e, portanto, um tipo de agir. Para diferenciar a linguagem das demais práticas, Bronckart, a partir da teoria do agir comunicativo de Habermas ([1981]1987), distingue duas noções: o *agir comunicativo* (verbal) e o *agir praxiológico* (não verbal).

O *agir praxiológico* (ou agir, ou agir geral, ou atividades gerais), ou seja, qualquer intervenção humana no mundo, corresponde às diversas práticas sociais relacionadas com determinadas esferas de atividade (social) e engloba os aspetos do agir propostos por Habermas e os três mundos formais.

O *agir comunicativo* (ou agir verbal, ou agir de linguagem, ou atividades de linguagem), característica única do ser humano, é de natureza sociosemiótica e materializa-se em atividades de linguagem. É através do agir de linguagem que se manifestam as avaliações sociais sobre as formas de agir geral; que se constroem as *representações* dos indivíduos sobre o mundo; e que se regula toda a *ação* do ser humano.

O agir praxiológico e o agir comunicativo articulam-se: se o *agir* remete para as atividades gerais que são reguladas pelas diversas dimensões da vida social, estruturando as relações entre os indivíduos e o meio, as *atividades de linguagem* “relevam das atividades gerais no sentido em que as verbalizam e são por elas estruturadas” (Cunha, 2015: 4). Por outras palavras, de acordo com Bronckart (2006a: 244), “todo o agir se efetiva sobre o pano de fundo de atividades e ações já feitas e geralmente já avaliadas por meio da linguagem”.

Apresento, de seguida, as noções de *atividade* e de *ação*.

1.2. A atividade e a ação

O agir humano pode ser apreendido sob dois ângulos: o da *atividade* (coletiva) e o da *ação* (geral). Esses ângulos representam leituras do agir a partir da dimensão motivacional e intencional desencadeada, no caso do primeiro, a nível coletivo (agir coletivo) e, no caso do segundo, a nível individual (agir individual). As noções de atividade e ação sustentam-se nos contributos de Leontiev ([1977]2009: 8-9, 104) e Habermas ([1981]1987) que determinam a atividade como unidade sociológica e a ação como unidade psicológica, sendo que é a atividade nas formações sociais que constitui o princípio explicativo das ações imputáveis a um indivíduo. Nessa medida, a ação traduz as intervenções individuais no mundo que mobilizam as dimensões motivacionais, intencionais e os recursos disponíveis para a realização do agir (*dimensões do agir*); e a atividade as intervenções coletivas que implicam essas mesmas dimensões do agir.

A atividade remete para as estruturas de cooperação que organizam as interações do indivíduo com o meio, assumem diversas formas e funções e dependem das opções tomadas pelas formações sociais, pelo que se transformam, também, no decorrer da história dessas formações. A cooperação dos indivíduos na atividade é regulada e permeada pelas interações verbais, pelo que o agir de linguagem é apreendido sob essa perspectiva coletiva, na forma de *atividades de linguagem*, e com a função de “assegurar o entendimento indispensável à realização das atividades gerais, contribuindo para seu planejamento, sua regulação e sua avaliação” (Bronckart, 2006a: 138).

A ação (geral) remete para as relações entre indivíduos singulares e resulta das avaliações sociais de linguagem que respeitam à atividade (coletiva), avaliações essas que são feitas pelos indivíduos e que recortam parte da atividade. A ação é, portanto, um recorte da atividade, uma forma de agir singular, realizada por um indivíduo particular, a partir da qual a atividade pode ser analisada e interpretada. Assim, os indivíduos singulares constituem-se como *agentes*, responsáveis pelo processo de avaliação social de linguagem, autorrepresentando-se a partir da interiorização e da elaboração das avaliações que fazem de si próprios e do seu agir, porque conscientes das suas capacidades e do seu “fazer” humano:

[a ação] pode ser definida, de um lado, como “parte” da atividade social imputada a um ser humano particular (ponto de vista do observador externo) e, de outro, como o conjunto das representações construídas por esse ser humano sobre sua participação na

atividade, representações essas que o erigem em um organismo consciente de seu fazer e de suas capacidades de fazer, isto é, em um **agente**.

Bronckart, [1997]1999: 39

Tanto a atividade em geral como a atividade de linguagem podem ser consideradas sob o mesmo ângulo – psicológico – da ação e, nesse sentido, a atividade de linguagem assume-se como *ação de linguagem*. Neste enquadramento, a ação de linguagem é uma parte da atividade de linguagem imputada a um indivíduo singular que se torna, por isso, *agente* dessa ação.

Os pontos subsequentes esclarecem a noção de *agente* e a de *ação de linguagem* no quadro englobante das *representações*.

1.3. A pessoa: actante, ator e agente

No âmbito do Interacionismo Sociodiscursivo, importa esclarecer a diferença entre *pessoa (actante)* e *agente*. A noção de *pessoa (actante)* é diacrónica e de ordem psíquica, ou seja, designa a “*estrutura psíquica que se constrói diacronicamente em cada indivíduo*” e o resultado de uma “*micro-história experiencial*”, isto é, do conjunto de experiências de agentividade que um indivíduo acumula ao longo da vida e que o dota da sua singularidade (Bronckart, 2006a: 243-244). Por seu turno, a noção de *agente* remete para um conceito situado/físico e sincrónico, e que Machado e Bronckart (2005: 192) caracterizam como o ser animado responsável pelo processo (dinâmico), ou melhor, a pessoa implicada e responsável pela ação. A apreensão da ação, por um *agente*, dá-se por via do agir verbal, embasado nas *representações* que se confrontam na textualidade: as representações sociais/coletivas e as representações individuais.

Assim, relativamente aos seres humanos que intervêm no agir e aos papéis atribuídos no curso do agir, segundo Bronckart e Machado (2004: 156), distinguem-se três termos que pontuam o momento anterior e posterior da interpretação de um texto: *actante*, *ator* e *agente*. O termo neutro *actante* remete para qualquer pessoa que intervêm no agir, antes do trabalho interpretativo, e, após, podendo ser compreendido como *ator* ou *agente*. O actante passa a ator quando se implica no agir, assumindo-se como fonte do processo do agir, e atribuindo-lhe as formas textuais motivações, intenções e capacidades (*elementos constitutivos do agir*). O

actante constitui-se como agente quando as formas textuais não lhe atribuem essas propriedades para agir.

Nesse seguimento, Machado e Bronckart (2009: 34) colocam a questão das noções *agir-ação-atividade* e *actante-ator-agente* nos seguintes termos: as noções *agir* e *actante* remetem para o nível ontológico do conjunto de condutas individuais, mediadas pela atividade coletiva de trabalho e das pessoas que as realizam e, por essa razão, são mais “neutras” que as noções *ator*, *agente*, *ação* e *atividade*. Essa neutralidade refere-se, segundo os autores, ao facto de *agir* e *actante* constituírem os “objetos” das interpretações que se constroem sobre as condutas (observáveis) dos seres humanos. Nesse alinhamento, *ator*, *agente*, *ação* e *atividade* são as noções que remetem para as interpretações sobre o actante e o seu agir:

se tivermos uma interpretação do agir que atribua ao actante *razões* (ou por determinações externas ou por motivos particulares), *intenções* (para atingir finalidades sociais ou objetivos particulares) e determinados *recursos internos e externos* para o agir (...), podemos dizer que temos a interpretação do seu agir como sendo uma *ação* ou uma *atividade*, desenvolvidas por um só *ator* ou por vários atores, respectivamente. Se essa atribuição de razões, intenções e recursos para o agir não for feita, o termo *agente* deverá ser utilizado para designar o actante a quem essas propriedades não são atribuídas.

Machado & Bronckart, 2009: 34

1.4. As representações

No quadro do Interacionismo Sociodiscursivo a noção de *representação social* tem origem nos contributos nocionais propostos por Moscovici (1978: 26), que distingue dois tipos de representações: a individual e a coletiva. A primeira corresponde a um fenómeno psíquico e a segunda ao conjunto das representações dos indivíduos pertencentes a uma sociedade, pelas quais se guia, mas que são socialmente definidas. Assim, uma das características da representação social é a interação entre sujeitos, ou seja, para além de ser construída no social é mediada por um indivíduo numa relação interacional com outro indivíduo.

A visão do Interacionismo Sociodiscursivo integra a linguagem neste sistema de representações, na medida em que a linguagem permite agir sobre o mundo e sobre o próprio indivíduo, tendo em conta as representações que o indivíduo tem de si, do outro e do

mundo. Sob este ângulo, Bronckart ([1997]1999: 35) assume que as representações só podem ser compreendidas do ponto de vista sócio-histórico, dialógico e interacional, já que considera o indivíduo um sujeito histórico, inserido num coletivo e que age em situação. Assim, as representações são produtos semióticos e produtos da interação social que coloca em interface as representações individuais e coletivas e que se materializam nas produções textuais.

Também Bulea (2010b: 79) integra o agir humano num determinado sistema de representações, remetendo-as para as percepções que os actantes têm de si próprios e dos intervenientes no seu agir. Nessa medida, as representações consistem em formas de conhecimento que o indivíduo tem sobre o meio, transformando o meio em mundos representados por intermédio do agir comunicativo. Assim, as representações sociais/coletivas constituem o sistema de valores, conhecimentos e princípios de ação, os pré-construídos, tipificações e modelos do agir; e as representações individuais a assimilação por parte dos indivíduos das representações coletivas e orientação das ações (em curso e das futuras) segundo uma base sócio-histórica. Bronckart ([1997]1999: 34) evidencia, ainda, que os conhecimentos desses mundo são sempre particulares, mobilizando-os como referente (conteúdo temático) e como contexto de uma *ação de linguagem*.

1.5. A ação de linguagem

No âmbito do Interacionismo Sociodiscursivo, a *ação de linguagem* integra os parâmetros do contexto sócio-físico de produção e do conteúdo temático que são mobilizados numa intervenção verbal, atuando, por isso, ao nível das condições de produção dos textos e comportando-se como unidade psicológica (Bronckart, [1997]1999: 99-100). Assim, toda a ação de linguagem remete para os mundos representados, definidos como conjuntos de representações sociais passíveis de serem descritos, e influenciando, portanto, as produções textuais. Às propriedades dos mundos formais (mundo físico, mundo social e mundo subjetivo) que influenciam a produção textual, Bronckart ([1997]1999: 91) designa *situação de ação de linguagem*. A ação de linguagem remete, portanto, para a análise das condições de produção dos textos, i.e., a situação de ação de linguagem.

Bronckart ([1997]1999: 91) distingue dois tipos de situação de ação de linguagem – a externa e a interna ou efetiva. A primeira corresponde às características dos mundos formais e a segunda às representações sobre esses mesmos mundos interiorizadas pelo indivíduo. Portanto, a situação de ação de linguagem efetiva (ou interna) influencia diretamente a produção de um texto empírico, singular, apresentando o texto os traços das decisões tomadas pelo produtor individual em função da sua situação de comunicação particular. No entanto, a situação efetiva do agente (situação de ação interiorizada) não é acessível, já que é uma situação de ação de linguagem particular em que o próprio indivíduo se inscreve e de que dispõe a partir de representações pessoais – sobre si, o tema, o destinatário, o lugar social e o momento de produção, os papéis sociais, os objetivos, os tipos de interação, portanto, sobre todo o quadro comunicativo. Metodologicamente, e porque apenas o agente de produção dispõe das representações particulares, só é possível formular hipóteses sobre a situação de ação de linguagem interna com base nas informações veiculadas pela situação de linguagem externa.

Contudo, são estas representações particulares, psicológicas, mobilizadas pelo agente, que orientam as decisões (linguísticas) na produção de um texto empírico:

Essas decisões consistem, primeiramente, em escolher, dentre os modelos disponíveis no intertexto, o gênero de texto que parece ser o mais adaptado às características da situação interiorizada e também em escolher (...) os tipos de discurso, as sequências, os mecanismos de textualização e os mecanismos enunciativo que compõem o gênero de texto escolhido.

Bronckart, [1997]1999: 92

Em suma, o *texto* é uma produção atestada da atividade humana e o correspondente empírico e linguístico das atividades de linguagem. Deste modo, o texto singular resulta da efetivação de uma *ação de linguagem* e as atividades de linguagem constituem-se como sedes de ações de linguagem, funcionando nas coletividades humanas e desenvolvendo-se no quadro de formações sociodiscursivas (vertente processual), nas quais participam agentes singulares (Bronckart, 2006a: 138-139). E os *gêneros de texto* os pré-construtos sociais que surgem no quadro de uma prática sociodiscursiva (atividade) e, portanto, modelos de produção, interpretação e de estabilização das práticas de linguagem (e das práticas sociais). Assim, a organização e funcionamento dos textos não depende unicamente dos recursos de uma língua natural, mobiliza também as propriedades das atividades em que ocorrem, as

características contextuais da situação de produção e as escolhas individuais do agente de produção.

Bronckart ([1997]1999) concebe um paradigma metodológico de organização do agir humano e das práticas de linguagem, onde integra a situação de ação linguagem, que designa *modelo de análise de textos*. Apresento-o no ponto seguinte.

2. O modelo de análise de textos

O programa de trabalhos do Interacionismo Sociodiscursivo assenta na análise de textos, o seu objeto empírico, e assume como unidade básica de análise o agir humano e a sua manifestação no quadro dos pré-construídos sócio-historicamente, ou seja, dos géneros de texto. Para o seu tratamento, Bronckart ([1997]1999: 337) apresenta “um quadro teórico e metodológico para análise dos processos em ação em toda a produção textual” com o objetivo de analisar as condições de funcionamento efetivo dos textos, bem como compreender o processo da sua elaboração. Ao quadro teórico e metodológico designa *modelo de análise de textos*, que se orienta, de um lado, para a análise das condições de produção dos textos (modelo de ação de linguagem) e, de outro, para a análise da arquitetura interna dos textos (modelo da arquitetura textual).

A seguir, apresento as características do modelo de análise de textos proposto inicialmente (Bronckart, [1997]1999), articuladas com algumas modificações que foram ocorrendo ao longo dos trabalhos desenvolvidos no Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart & Machado, 2004; Bronckart, 2008b; Machado & Bronckart, 2009).

2.1. O modelo da ação de linguagem

O *modelo de ação de linguagem* remete para a análise do contexto sociointeracional de produção dos textos. Segundo Bronckart e Machado (2004: 104), constitui um passo inicial fundamental na análise de textos, pois permite levantar as informações externas ao texto e construir os conhecimentos sobre o contexto de produção dos textos a analisar. Para o Interacionismo Sociodiscursivo, o *contexto* é o conjunto de parâmetros físicos e socio subjetivos que influenciam a produção textual, sendo as três representações destes que

originam as propriedades dos três mundos formais. De acordo com Bronckart (2006a: 146), qualquer agente que produz um texto novo encontra-se numa determinada situação de ação de linguagem, situação essa operacionalizada por intermédio de três tipos de representações (do agente-pessoa): as representações do mundo físico (contexto físico ou quadro material da ação); as representações dos mundos social e subjetivo (contexto sociossubjetivo da ação verbal); e outras representações e conhecimentos disponíveis da situação de produção.

As representações do contexto físico da ação constituem os *parâmetros objetivos* da situação de ação de linguagem, a saber: a identificação dos *agentes físicos* (*emissor e recetor*), do *lugar* e do *momento* da produção textual. No que respeita ao contexto sociossubjetivo, Bronckart ([1997]1999: 94) evidencia quatro *parâmetros sociossubjetivos*: a identificação do *quadro social da interação* (o lugar social, a instituição em que se realiza a ação); dos *papéis sociais* dos agentes que interagem no lugar social (emissor e recetor desempenham os papéis sociais de *enunciador* e *destinatário*, respetivamente); e do(s) *objetivo(s)* da interação que remetem para o efeito, do ponto de vista do enunciador, que o texto pode produzir no destinatário. Por fim, na produção de um novo texto atuam outras representações da pessoa (agente) respeitantes à situação (da ação de linguagem) e, ainda, aos conhecimentos de que esse agente dispõe relativamente aos temas verbalizados no texto.

No momento de produção de um texto, as representações cruzam-se com o conhecimento próprio que a instância de produção tem do arquitexto e dos modelos de géneros textuais aí disponíveis (nebulosa de géneros). Esses modelos são apreendidos em função das suas propriedades linguísticas objetivas, das classificações das quais os géneros se tornaram objeto e das indexações sociais que encerram em si.

A figura seguinte esquematiza a operacionalização da produção dos textos:

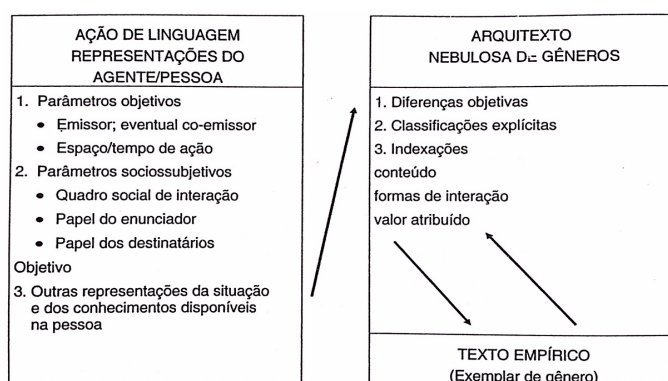


Figura 2. Condições de produção dos textos [retirada de Bronckart, 2006a:146]

2.2. O modelo da arquitetura textual

Para além do modelo de ação de linguagem, Bronckart ([1997]1999) propõe o *modelo da arquitetura textual*. Este modelo dá conta da organização interna dos textos, concebida em três níveis superpostos - os mecanismos enunciativos, os mecanismos de textualização e a infraestrutura.

Bronckart (2006a) esquematiza o modelo da arquitetura textual da seguinte forma:

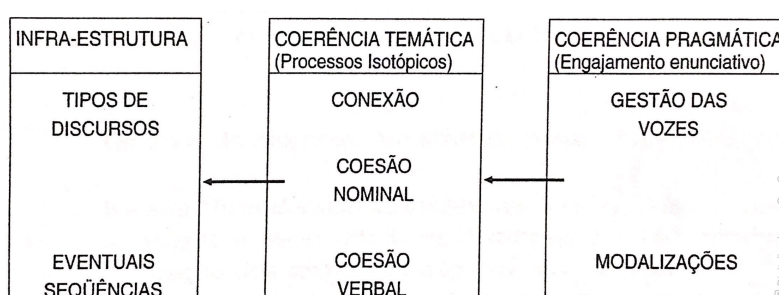


Figura 3. Níveis da arquitetura textual [retirada de Bronckart, 2006a:147]

Os níveis da arquitetura textual são representados como um *folhado*, traduzindo uma estruturação hierárquica da organização dos textos que varia consoante o grau de dependência contextual dos fenómenos e, portanto, torna os níveis de análise mais ou menos superficiais ou profundos (Miranda, 2010: 133). A camada mais superficial integra os mecanismos de responsabilização enunciativa (vozes e modalizações), que contribuem para dar ao texto coerência pragmática. O nível dos mecanismos de textualização (ou processos isotópicos) abrange os fenómenos de conexão e coesão. Por último, a camada mais profunda designa-se infraestrutura do texto, e é constituída pelo plano de texto, pelos tipos de discurso, pelas modalidades de articulação entre os tipos de discurso, pelas sequências e por outras formas de planificação. A sobreposição hierárquica dos três estratos do folhado textual estabelece-se da seguinte forma:

Os mecanismos de textualização, em particular as séries isotópicas de organizadores e retomadas nominais, contribuem para *marcar* ou “tornar mais visível” a estruturação do conteúdo temático (plano geral que combina tipos de discursos e, eventualmente, sequências); portanto, pressupõem essa organização mais profunda que chamamos de *infra-estrutura*. Quanto aos *mecanismos enunciativos*, na medida em que parecem ser pouco dependentes da linearidade do texto (a distribuição das modalizações, por

exemplo, é quase independente da progressão do plano de texto), podem ser considerados como sendo do domínio do nível mais “superficial”, no sentido de serem mais diretamente relacionados ao tipo de interação que se estabelece entre o agente-produtor e seus destinatários.

Bronckart, [1997]1999: 119-120

Cada nível de organização da estrutura interna dos textos integra a análise das propriedades linguísticas (i.e., configurações linguísticas em ocorrência e observáveis nos textos) e a descrição das operações psicológicas que traduzem a apropriação dessas propriedades linguísticas por um agente. As operações psicológicas constituem-se na “*interface dialética* entre dimensões histórico-sociais de gêneros, dimensões semânticas das línguas naturais e dimensões sincrônicas das representações sobre as situações de ação” (Bronckart, [1997]1999: 110).

Ao contrário do modelo de ação de linguagem (ou contexto sociointeracional de produção), o modelo da arquitetura textual conhece algumas reestruturações, nomeadamente:

- i) o reagrupamento dos elementos considerados na arquitetura interna textual, com a exclusão da coesão verbal dos mecanismos de textualização que passam a associar-se à organização temporal dos tipos de discurso; e com a introdução dos mecanismos de textualização no nível da infraestrutura (Bronckart, 2008b: 51). Nesta nova organização, a infraestrutura passa a ter a seguinte configuração (Bronckart, 2008b: 76): *infraestrutura geral* (organização temática [universos semânticos e planificação de género] + organização discursiva [tipos de discurso e coesão verbal]) e *mecanismos de textualização* (coesão nominal e conexão);
- ii) a reorganização dos mecanismos de responsabilização enunciativa, que passam a dar ênfase aos posicionamentos enunciativos no que concerne às modalizações e relações predicativas (diretas e indiretas) estabelecidas, funcionando como indicadores de intencionalidade e finalidade; a retratar as responsabilidades enunciativas; e a identificar os protagonistas centrais e os papéis que lhes são conferidos (Bronckart & Machado, 2004: 152);
- iii) a reelaboração (e renomeação) dos três níveis da arquitetura interna: o *nível organizacional* (originalmente, os níveis infraestrutura e mecanismos de textualização); o *nível enunciativo* (antes, mecanismos enunciativos); e a introdução do *nível semântico*, referente ao exame da semiologia do agir nos seus aspetos

motivacionais, intencionais e das capacidades para o agir, no seio de contextos individuais e coletivos (Machado & Bronckart, 2009: 53).

De acordo com Machado e Bronckart (2009: 53), a reorganização dos elementos da arquitetura textual e dos níveis de análise resulta do facto de nem todas as dimensões contemplarem uma *análise textual/discursiva*, ou seja, procedimentos de análise de conteúdo, de análise linguístico-discursiva e de ordem interpretativa. Assim, a reestruturação da arquitetura interna nos três níveis - organizacional, enunciativo e semântico - passa a contemplar os procedimentos essenciais a qualquer abordagem textual/discursiva dos textos:

O primeiro [procedimento] é a *análise de conteúdo* e consistiu em (...) temas abordados nos segmentos, assim como sua planificação. O segundo é a *análise textual/discursiva* (...) ela consiste em identificar o 'género de texto' no qual se inscreve o segmento (...), assim como o ou os 'tipo(s) de discurso' mobilizado(s) nesse segmento. O terceiro procedimento centra-se nas unidades e estruturas linguísticas que podem revelar determinadas propriedades das 'formatações' do agir (...), assim como os 'objetos' ou destinatários desse agir.

Machado & Bronckart, 2009: 52

E embora desenvolvidos individualmente, os três níveis correlacionam-se no momento interpretativo:

a análise de um dos níveis ilumina a análise do outro, principalmente quando se trata dos resultados das análises do nível organizacional e do enunciativo que são índices fundamentais para a interpretação dos elementos do nível semântico (...), buscando evidenciar o que cada uma delas (...) traz para a detecção das representações sobre o agir construídas pelos textos.

Machado & Bronckart, 2009: 53

Como anteriormente mencionei, o plano organizacional e o plano enunciativo resultam da reorganização dos três estratos da arquitetura textual inicialmente propostos por Bronckart ([1997]1999). A constituição do nível semântico (ou da semiologia do agir) resulta de trabalhos desenvolvidos no âmbito do Interacionismo Sociodiscursivo, que relacionam a linguagem com o *trabalho*, mais especificamente no contexto do trabalho docente/Educação (Machado & Bronckart, 2009) e no contexto de enfermagem/Saúde (Bulea, 2010b). Com estes novos trabalhos, o quadro teórico-metodológico do

Interacionismo Sociodiscursivo reforça a reflexão sobre a organização do trabalho na sociedade e o papel da linguagem nas e sobre as situações de trabalho, considerando o trabalho um agir situado de linguagem e dotado de representações sociais e individuais, relevante na medida em que constitui uma prática comum à espécie humana, que ocupa grande parte do tempo e da vida das pessoas.

Machado e Bronckart (2009: 32) estabelecem procedimentos de análise textual que possibilitam identificar (re-)configurações e avaliações no e sobre o trabalho docente e integram no modelo de análise de textos os *elementos constituintes do agir*. Para esta perspectiva metodológica, contribuem, sobretudo, as noções de (re-)configuração do agir e de *figuras de ação*, desenvolvidas por Bulea (2010b). As figuras de ação constituem-se como “figuras interpretativas”, assumindo Machado e Bronckart (2009: 35) que “qualquer texto pode contribuir para a clarificação das ações e para a construção de *modelos de agir*, ou em termos neutros, para a *morfogênese das ações*”. Ainda de acordo com os autores (2009: 35), a morfogênese das ações designa a origem e a estruturação do agir, ou seja, “o próprio processo de emergência dessas formas interpretativas, ou ainda o movimento linguageiro no qual se produz a ‘formatação’ do agir”.

Especificamente, os trabalhos desenvolvidos consistiam, em primeiro lugar, em detetar a atribuição ou a não atribuição aos actantes, *nos* e *pelos* textos, de uma ou de várias categorias da semiologia do agir (razões, intenções, capacidades e recursos para o agir); e, em segundo lugar, identificar a(s) forma(s) de ocorrência dessas categorias. Embora os procedimentos tenham sido desenvolvidos na esfera do trabalho do professor, os autores chegam à conclusão que essa deteção de figuras interpretativas do agir (ou *figuras de ação*) *nos* e *pelos* textos não se referia, especificamente, ao trabalho do professor, mas antes a qualquer esfera da atividade humana (Machado & Bronckart, 2009: 36-37).

Nessa medida, o Interacionismo Sociodiscursivo passa a contemplar o plano semântico nas suas metodologias de análise e o modelo de análise da arquitetura interna dos textos os três planos.

Nas secções abaixo desenvolvem-se cada um desses planos de análise.

2.2.1. O plano organizacional

O nível organizacional comporta, segundo Machado e Bronckart (2009: 54), os elementos que compõem a infraestrutura textual assumida por Bronckart ([1997]1999) - o *plano global do texto*, os *tipos de discurso* e respectivas *modalidades de articulação (encaixe e fusão)*; as *sequências* (global e locais) e *outras formas de planificação* -, e integra os *mecanismos de textualização* (de conexão e de coesão), anteriormente previstos no nível intermédio da arquitetura textual.

Na figura abaixo esquematizo os constituintes que integram o plano organizacional, desdobrando-os de seguida:

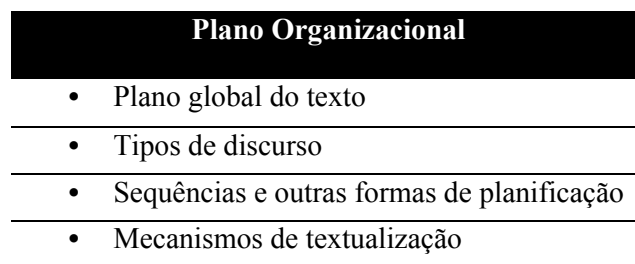


Figura 4. Constituintes do plano organizacional

Relativamente ao *plano global do texto*, Bronckart ([1997]1999: 120) estipula que o plano geral do texto é determinado pelo padrão genológico mobilizado no texto e representa a estruturação global e interna dos textos, ou seja, integra a organização temática e a organização discursiva do texto. Assim, a identificação do plano de texto possibilita reconhecer o texto como um todo a partir das suas partes. Para além disso, de acordo com Machado e Bronckart (2009: 55), a identificação do plano geral do texto “pode-nos permitir uma primeira identificação dos tipos principais de agir que são organizados por esse plano, ou de fases da tarefa tematizada ou ainda dos actantes principais postos em cena pelo texto”.

A identificação do plano geral ocorre pelo levantamento de informações que estruturam o texto, nomeadamente: 1) os marcadores linguísticos que organizam o espaço textual e que atestam (ou não) padrões composicionais (convencionais ou não) fixados pelos géneros textuais (como, por exemplo, o título, o subtítulo, o intertítulo, as mudanças de partes ou de capítulos, os parágrafos introdutórios apresentando as divisões do texto, o

corpo do texto, entre outros); e 2) as informações que acionam o conteúdo temático. O primeiro procedimento permite ter uma visão geral do texto e das suas partes, no que respeita à sua composição e disposição, e construir representações, pelo agente de produção, sobre o género textual que melhor se enquadre no ato comunicativo que produz, toldando as suas escolhas. Relativamente ao conteúdo temático, entendido como o “conjunto de informações contidas num texto que remetem para os mundos (físico, social ou subjetivo) ou à combinação deles, dependendo das representações que são construídas pelo agente produtor” (Cunha, 2015: 88), é recuperado pela leitura e pode ser codificado num resumo.

No que respeita *aos tipos de discurso*, por constituírem uma das noções centrais do meu trabalho, apresento a sua delimitação e caracterização pormenorizada no ponto 3 deste capítulo (cf. II.3.). No entanto, em traços gerais, Machado & Bronckart (2009: 56) entendem-nos como “modalidades de organização enunciativa” e designam os diferentes segmentos que o texto comporta, “identificáveis e diferenciados com base em suas características linguísticas ou em configurações de unidades linguísticas específicas”. Os tipos de discurso podem ser articulados de dois modos: por *encaixe* ou por *fusão*. A modalidade *encaixe* constitui o “conjunto de procedimentos que explicitam a relação de dependência de um segmento em relação a outro” (Bronckart, [1997]1999: 120-121, 253-254). A outra forma de articulação consiste na *fusão* de dois tipos de discursos diferentes num mesmo segmento.

No que concerne *às sequências e outras formas de planificação*, as sequências textuais caracterizam-se como formas de planificação semióticas locais que surgem no quadro dos tipos de discurso. No entanto, ao contrário destes, que são constitutivos de qualquer texto e de qualquer género, as sequências não são, uma vez que podem não ocorrer (Bronckart, [1997]1999: 138).

Bronckart adota a noção de sequências de Adam ([1992]2008b: 28), que as considera “tipos relativamente estáveis de enunciados”, possibilitando, no interior dos textos, a identificação de “regularidades de organização e de marcação linguística” (Bronckart, [1997]1999: 138). Designam, portanto, “modos de planificação mais convencionais ou, mais especificamente, modos de planificação de linguagem [langagières]”, que surgem no plano geral de texto sob diversas formas sequenciais ou lineares e organizam o conteúdo temático (Bronckart, [1997]1999: 121). Machado e Bronckart (2009: 54-55) sinalizam a existência de seis sequências globais: a descritiva, a explicativa, a argumentativa, a narrativa, a dialogal e a injuntiva.

No que respeita às *outras formas de planificação*, são consideradas modalidades elementares da planificação, como são exemplo os *scripts* e as *esquematisações*. Bronckart ([1997]1999: 243) associa às primeiras tipos de discurso da ordem do contar/narrar e, às segundas, tipos de discurso da ordem do expor.

Quanto aos *mecanismos de textualização*, a sua integração neste nível resulta do facto de uma das suas dimensões – a coesão verbal –, associar-se à organização temporal dos tipos de discurso. Dessa forma, as marcas de tempo implicadas nos verbos apresentam-se como uma das configurações linguísticas dos tipos de discurso. Os mecanismos de textualização garantem a coerência temática e linear entre os segmentos de um texto, distinguindo Bronckart ([1997]1999: 122) três tipos de mecanismos de textualização: conexão, coesão nominal e coesão verbal. Segundo Machado e Bronckart (2009: 56), são fundamentais “para identificarmos quais são os actantes principais postos em cena pelo texto e de que modo vão sendo construídas as representações sobre eles no desenvolvimento da progressão temática”.

Os mecanismos de conexão marcam as articulações da progressão temática ao nível da infraestrutura (plano geral de texto, tipos de discurso e respetivas modalidades de articulação) e ao nível das articulações locais entre estruturas sintáticas. Realizam-se linguisticamente através de organizadores textuais (temporais, lógico-argumentativos, entre outros). A categoria dos organizadores textuais reúne unidades linguísticas pertencentes a classes gramaticais diferentes e organizam-se em tipos de sintagmas ao nível micro ou macro da sintaxe, de como são exemplos, os grupos nominais, grupos preposicionais, segmentos de frases, advérbios, locuções adverbiais, conjunções, entre outros.

Os mecanismos de coesão verbal asseguram a organização temporal e hierárquica dos processos (ações, estados ou eventos/acontecimentos) verbalizados nos textos, através de unidades que organizam a temporalidade dos processos implicados nos verbos, tais como os tempos verbais e outras unidades linguísticas com valor temporal, como advérbios e organizadores (textuais) temporais.

Os mecanismos de coesão nominal caracterizam-se por introduzir os temas e/ou personagens novos e assegurar a sua retoma (lexical) na sequência do texto através de processos anafóricos. Materializam-se linguisticamente por intermédio de anáforas (ou estruturas anafóricas) e podem configurar pronomes (pessoais, relativos, demonstrativos e possessivos) e alguns sintagmas nominais.

2.2.2. O plano enunciativo

O nível enunciativo corresponde ao nível mais superficial da organização textual e integra as marcas enunciativas. Estas não se relacionam diretamente com a progressão temática, todavia concorrem para a manutenção da coerência pragmática ou interativa dos textos. As marcas enunciativas gerem a responsabilidade do *dizer* nos textos e traduzem o posicionamento enunciativo, ou seja, as posições assumidas e as avaliações (i.e., os juízos de valor, os pensamentos, as opiniões, os sentimentos, os julgamentos) formuladas pelo enunciador sobre aspetos do conteúdo temático (Bronckart, [1997]1999: 326). Os posicionamentos enunciativos são linguisticamente explicitados pelas *marcas de pessoa* (deíticos) e pelas *marcas de indicação* (inserção ou apagamento) *de vozes*. As avaliações das vozes sobre os conteúdos tematizados no texto são evidenciadas por intermédio de *modalizações* (Bronckart, [1997]1999: 132).

Na figura que se segue esquematizo os elementos que compõem o nível enunciativo:

| Plano Enunciativo |
|--------------------|
| • Marcas de pessoa |
| • Índices de vozes |
| • Modalizações |

Figura 5. Constituintes do plano enunciativo

No que respeita às *marcas de pessoa*, para Machado e Bronckart (2009: 59), a análise do valor das marcas de pessoa (agentividade) “permite mostrar a manutenção ou a transformação desses valores na progressão textual ou, em outras palavras, como o texto representa o enunciador no agir representado”. A representação do enunciador manifesta-se linguisticamente por intermédio de deíticos pessoais (pronomes pessoais [*eu, nós, entre outros*] e pronomes possessivos). Os autores referem, ainda, que o recurso aos pronomes pessoais, sobretudo à sua alternância, evidencia o estatuto individual ou coletivo, em graus diferentes, que é atribuído a um determinado agir (Machado & Bronckart, 2009: 59).

Quanto aos constituintes *índices de vozes*, relacionam-se com a responsabilização enunciativa da(s) voz(es) presente(s) no texto. As vozes são “as entidades que assumem (ou

às quais são atribuídas) a responsabilidade do que é enunciado” (Bronckart, [1997]1999: 326-327).

Para identificar os índices de vozes é necessário observar “tanto a sua ocorrência quanto sua ausência nos processos de indicição ou apagamento de vozes explícitas ou pressupostas pelo enunciador” (Machado & Bronckart, 2009: 59). As vozes podem estar implícitas, não sendo linguisticamente marcadas, ou podem ser explícitas, identificando-se através de índices de inserção, como diferentes tipos de discursos relatados (direto e indireto), pronomes, desinências verbais (de número-pessoa e de modo-tempo), e outros marcadores como aspas (modalização autonímica), formatações, entre outros. A análise destes índices permite, ainda, identificar o grau de distanciamento ou de aproximação entre o enunciador e as vozes.

As vozes agrupam-se em duas categorias, de forma hierárquica: a instância geral de enunciação (ou “centro enunciativo” ou voz neutra), supraordenada, e as outras vozes, que são infraordenadas. A primeira assume (ou à qual se atribui) uma determinada responsabilidade enunciativa e coloca em cena as outras vozes no texto, ou seja, é responsável pela gestão e distribuição de outras vozes, secundárias, a saber: vozes de personagens, vozes sociais e a voz do autor. As vozes de personagens são entidades humanas ou humanizadas implicadas na qualidade de agente e no percurso temático. As vozes sociais representam indivíduos, grupos ou instituições sociais externas ao conteúdo temático, que não intervêm como agentes no texto. A voz do autor empírico é a pessoa que produz o texto/agente de produção. Segundo Bronckart ([1997]1999: 329), num mesmo texto podem coexistir várias vozes distintas – do mesmo estatuto ou de combinações de vozes de estatuto diferente -, o que o torna um texto polifônico.

Por fim, as *modalizações*³ explicitam as avaliações das vozes relativamente a aspetos do conteúdo temático semiotizado no texto e podem ser de cinco tipos: *lógicas*, *deônticas*, *apreciativas*, *pragmáticas* e *grau zero da modalização*. No entendimento de Machado e Bronckart (2009: 61), as modalizações orientam o recetor (destinatário) na interpretação do conteúdo temático, constituindo-se pelas marcas linguísticas deixadas pelo

³ Apesar da vasta bibliografia sobre a categoria gramatical *modalidade*, na minha análise recorro ao termo *modalização* usado pelos autores que estou a seguir (Bronckart, [1997]1999; Machado & Bronckart, 2009). Assim, as modalizações assumem-se como processos de marcação da posição de um agente sobre o conteúdo do que enuncia, ou seja, o modo como as (re-)configurações construídas nas proposições são assumidas pela instância enunciativa (Machado & Bronckart, 2009: 61).

enunciador, e que traduzem o modo como as (re-)configurações construídas nas proposições são assumidas por esse mesmo enunciador.

De acordo com Bronckart ([1997]1999: 330-336), as diferentes modalizações apresentam as seguintes características:

- as modalizações lógicas (que incluem as epistémicas e as aléticas) consistem na avaliação de elementos do conteúdo temático, apoiada em conhecimentos organizados pelo *mundo objetivo*; apresentam esses elementos do ponto de vista das suas condições de verdade, podendo ser factos atestados, possíveis, (im)prováveis, eventuais, entre outros;

- as modalizações deônticas constituem uma avaliação de elementos do conteúdo temático, apoiada nos valores, opiniões e normas constitutivas do *mundo social*; apresentam esses elementos como socialmente permitidos, proibidos, necessários, desejáveis, entre outros;

- as modalizações apreciativas configuram uma avaliação subjetiva de elementos do conteúdo temático, procedente do *mundo subjetivo* da voz que está na origem do julgamento/apreciação; apresentam esses elementos como benéficos ou não, infelizes, felizes, estranhos, entre outros;

- as modalizações pragmáticas explicitam alguns aspetos da *responsabilidade* de uma entidade constitutiva do conteúdo temático (grupo, instituição, personagem, entre outros) em relação às ações de que é o próprio agente e, nessa medida, esses aspetos atribuem ao agente intenções, razões ou capacidades de ação;

- o “grau zero” da modalização consiste numa simples asserção, positiva ou negativa, do enunciado; não é linguisticamente marcado e apresenta a proposição enunciada como uma verdade incontestável.

Em função do exposto, apresento abaixo os principais traços diferenciadores das modalizações que serão objeto da minha análise, bem como, a título de exemplo, algumas marcas linguísticas que as identificam:

| | Modalizações epistêmicas | Modalizações deônticas | Modalizações apreciativas | Modalizações pragmáticas |
|------------------------|---|--|---|--|
| Traços diferenciadores | O enunciador exprime um grau de certeza ou de verdade sobre o conteúdo temático. | O enunciador define o conteúdo temático como pertencente ao domínio da ordem, do conselho, da permissão, da sugestão, da obrigação, entre outros. | O enunciador exprime a sua apreciação sobre o conteúdo temático, representando um julgamento subjetivo na visão de quem avalia. | Revelam aspetos relativos à responsabilidade de um grupo, instituição ou personagem em relação às suas próprias ações. Assinalam determinadas categorias da semiologia do agir. |
| Valor | Verdade | Necessidade | Avaliação subjetiva/apreciação | Interpretação subjetiva do agir (motivos, intenções, capacidades) |
| Marcas linguísticas | Verbos: <i>dever e poder</i> Verbos no <i>condicional</i> Advérbios: <i>talvez e necessariamente</i> (...) | Verbos/locuções verbais: <i>dever, ter a obrigação de, ser preciso, ser lamentável que, não poder</i> Verbos no <i>presente</i> e no <i>futuro</i> (...) | Verbos/locuções verbais: <i>gostar, amar, apreciar, odiar, ter prazer em, ter a impressão de</i> Advérbios: <i>(in)felizmente, não, mal, sim, bem</i> Adjetivos: <i>trágico, estranho, mau</i> (...) | Verbos auxiliares (metaverbos) entre o sujeito e o verbo principal, atribuindo ao(s) actante(s) determinados motivos, intenções, finalidades, (in)capacidades, julgamentos, entre outros. Verbo + infinitivo: <i>querer, tentar, buscar, procurar, pensar, gostar de + verbo no infinitivo</i> (...) |

Figura 6. Modalizações [elaborada a partir de Bronckart, [1997]1999: 330-336; Machado & Bronckart, 2009: 62]

2.2.3. O plano da semiologia do agir

Os procedimentos de análise do nível semântico, segundo Machado e Bronckart (2009: 63), têm em consideração os resultados das análises dos níveis organizacional e enunciativo, uma vez que esses elementos permitem identificar, previamente, elementos de ordem semântica, ou seja, informações sobre o agir. Aos elementos semânticos, os autores designam *categorias do agir*.

No que respeita à análise do plano organizacional, os seus elementos permitem identificar, de acordo com Machado e Bronckart (2009: 63-65), as seguintes categorias do agir:

- i) o plano textual viabiliza a identificação dos actantes principais em ocorrência nos textos e a captação dos segmentos temáticos centrais;
- ii) as sequências permitem interpretar como o actante-enunciador considera o objeto temático para o seu interlocutor (representações sobre o interlocutor);

iii) os mecanismos de textualização possibilitam identificar, à semelhança da análise global do texto, os actantes principais colocados em cena pelos textos. Ao nível da coesão (nominal), as unidades lexicais que a integram possibilitam detetar como se constituem as representações sobre esses actantes no curso da progressão temática. Ao nível da conexão, os organizadores textuais contidos nas sequências organizam o curso do agir, identificam vozes pressupostas que emanam dos textos e o que dizem, qual o valor a elas atribuído pelo enunciador e que motivos, finalidades, objetivos, determinantes externos, entre outros, são atribuídos a um determinado agir (*dimensões do agir*).

Ainda no mesmo alinhamento de Machado e Bronckart (2009: 63-65), na análise do plano enunciativo, os seus componentes possibilitam identificar as seguintes categorias do agir:

i) as marcas de pessoa determinam o estatuto individual ou coletivo atribuído a um determinado agir (*tipos de agir*);

ii) os mecanismos de inserção de vozes permitem identificar a quem é atribuída a responsabilidade de um determinado agir de linguagem, as distintas vozes que ocorrem explícita ou implicitamente nos textos, as relações entre essas vozes e a voz da instância enunciativa e o debate social mobilizado;

iii) as diferentes modalizações demonstram como o agir é representado (face aos critérios de verdade/necessidade, às reações provocadas na instância enunciativa e ao tipo de interação entre os interactantes); as intenções/finalidades, as razões/os motivos, as capacidades (elementos constitutivos do agir) atribuídos ao actante na qualidade de sujeito do enunciado; e as diferentes reações das instâncias enunciativas sobre um determinado objeto temático, i.e., sobre o agir do actante.

A análise do plano da semiologia do agir assenta, portanto, na observação/identificação das representações textualmente construídas sobre um agir específico, por intermédio da combinação de duas perspetivas de análise: a análise ao nível macrotextual, que incide no exame prévio das marcas linguísticas que os textos apresentam a partir das análises aos planos organizacional e/ou enunciativo; aliada a uma análise ao nível microtextual, que remete para as escolhas semânticas efetuadas nos textos, materializadas no recurso a determinadas classes de palavras (verbos, pronomes e nomes com maior frequência, e, em menor grau, adjetivos e advérbios).

A identificação das informações sobre as representações do agir dá-se por intermédio dos seguintes elementos de uma semântica do agir: as *dimensões do agir*, os *tipos de agir* e as *figuras de ação*. A figura abaixo esquematiza-os:

| Plano da Semiologia do Agir |
|-----------------------------|
| • Dimensões do agir |
| • Tipos de agir |
| • Figuras de ação |

Figura 7. Constituintes do plano da semiologia do agir

Relativamente às *dimensões do agir* e aos *tipos de agir*, ambas as noções funcionam em estreita relação, conformando o plano interpretativo que integra os *elementos constitutivos do agir*. São esses elementos os *motivos/razões* (*dimensão motivacional*), as *finalidades/intenções* (*dimensão intencional*) e os *instrumentos/capacidades* (*dimensão dos recursos para o agir*). Estes elementos, ao serem interpretados, possibilitam observar como o agir é representado, revelando a sua constituição: se de forma individual ou se de forma coletiva (*tipos de agir*).

A dimensão motivacional refere-se às as causas para o agir, que surgem nos textos sob a forma de *razões* e/ou *motivos*. As *razões* (ou *determinantes externos*) são de ordem exógena, referindo-se às causas externas, com origem no coletivo, de ordem material ou simbólica, social ou institucional, que conduzem ao agir. Já os *motivos* são de ordem endógena, isto é, de ordem interna ao indivíduo (individual) que o conduzem a uma determinada ação.

A dimensão intencional remete para a intenção do agir e para os seus efeitos, que são representados a partir das *finalidades* ou das *intenções*. À semelhança das causas para o agir, as *finalidades* e as *intenções* são, também, de natureza coletiva e individual, respetivamente. Assim, as *finalidades* referem-se às representações coletivas e ao efeito que esperam almejar sobre os objetos ou sujeitos por intermédio do agir coletivo. Por seu turno, as *intenções* relacionam-se com as representações individuais e o efeito que tencionam alcançar sobre os objetos ou indivíduos por meio do agir individual.

A dimensão dos recursos para o agir distingue dois tipos de recursos – os *instrumentos* ou as *capacidades* do agente. Tal como nas duas dimensões anteriores, os seus constituintes são de natureza externa e interna: os instrumentos (ou ainda *ferramentas* ou *artefactos*) são recursos externos a um grupo ou indivíduo, de ordem material ou semiológica, ou, ainda, “modelos do agir” que configuram o ambiente social, disponíveis ou não para o coletivo ou o indivíduo agirem. Já as capacidades conformam os recursos internos do agente, de índole mental ou comportamental (atitudes, sentimentos, valores, processos mentais, conhecimentos teóricos, entre outros), necessários para a execução de um determinado agir.

Na figura seguinte, esquematizo os elementos constitutivos do agir:

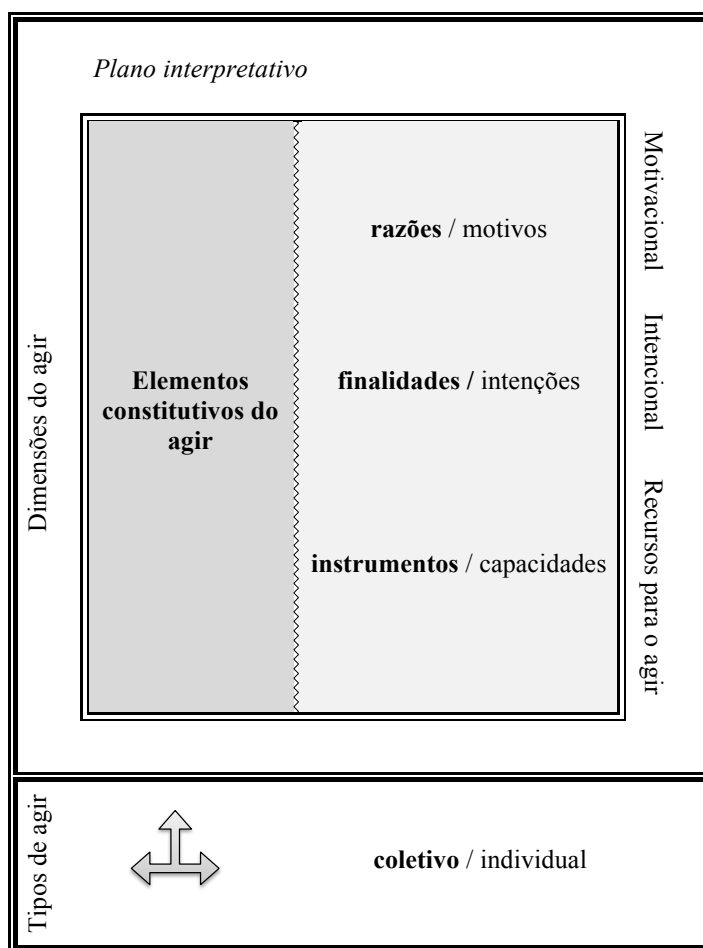


Figura 8. Elementos constitutivos do agir

No que respeita às *figuras de ação*, ao contrário dos outros elementos do plano semântico do agir, a sua constituição é mais complexa, uma vez que exige o estabelecimento de relações entre as (re-)configurações do agir e os tipos de discurso. Bulea (2010b) explora estas relações estabelecendo que os tipos de discurso participam do processo de captação e interpretação do agir, de tal forma constitutivamente que, para pensar as figuras de ação, é necessário considerar os tipos de discurso e suas características. Por constituírem as duas noções centrais do meu trabalho, retomo-as nos dois pontos seguintes: no ponto 3 a noção de *tipos de discurso* e no ponto 4 a noção de *figuras de ação*.

3. Os tipos de discurso: a análise da implicação

Para compreender a noção de *tipos de discurso*, relaciono-a, num primeiro momento, com a noção de *géneros textuais* e, num segundo momento, com a noção de *mundos discursivos*. Num terceiro momento, identifico as marcas linguísticas configurativas dos *tipos de discurso*. Por fim, demonstro o contributo da noção de *tipos de discurso* para a análise da implicação.

3.1. Tipos de discurso e géneros de texto

Na perspetiva sociointeracionista, desloca-se o interesse da língua enquanto sistema para o funcionamento da língua, ou seja, para a análise de textos e discursos. A língua é entendida como uma atividade que relaciona aspetos sociais, históricos e discursivos, ou seja, para além de sociointerativa, a língua é uma atividade sócio-histórica e cognitiva (Marcuschi, 2008: 60). Nesta medida, a língua é uma prática observada no seu funcionamento social, e o sentido produz-se, por tal, de forma situada. Segundo o mesmo autor, no tratamento dos textos, considera-se o texto “em seu aspecto tanto organizacional interno como seu funcionamento sob o ponto de vista enunciativo” (Marcuschi, 2008: 61). Do ponto de vista enunciativo, Benveniste (1976: 286) postula que o sujeito se constitui na e pela linguagem, na relação com o outro, num diálogo que é “constitutivo da *pessoa*”. Voloshinov ([1929]1977), por sua vez, enfatiza a dimensão dialógica como constitutiva da atividade de linguagem:

Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede *de* alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros.

Bakhtin/Voloshinov⁴, 2006: 115

De acordo com Coutinho (2004: 29), *texto*, *discurso* e *gênero* não podem ser definidos em contraste, antes devem ser entendidos nas relações que estabelecem, funcionando em articulação. A autora entende os *textos* como “produções linguísticas atestadas que realizam uma função comunicativa e se inserem numa prática social” (Coutinho, 2004: 29); assume o *discurso* como uma “prática linguística codificada, associada a uma prática social (socioinstitucional) historicamente situada”, ou seja, o “uso interativo da língua” (Coutinho, 2004: 32); e o *gênero* constitui a “ponte” que liga a atividade universal e a atividade empírica particularizada e configurada numa composição atestável, condicionando a atividade enunciativa (Coutinho, 2004: 35). Nessa medida, “o gênero prefigura o texto e o gênero define o que no texto empírico faz a figura do texto” (Coutinho, 2004: 37), comportando-se o texto como o fenômeno linguístico empírico, observável, que se constitui pelo recurso aos usos formais da língua que entram na sua composição (e, portanto, de todo o gênero) e que reúne todos os aspectos configuracionais acessíveis ao trabalho de análise (Coutinho, 2004: 33).

Coutinho (2004) esquematiza essas relações na seguinte figura:

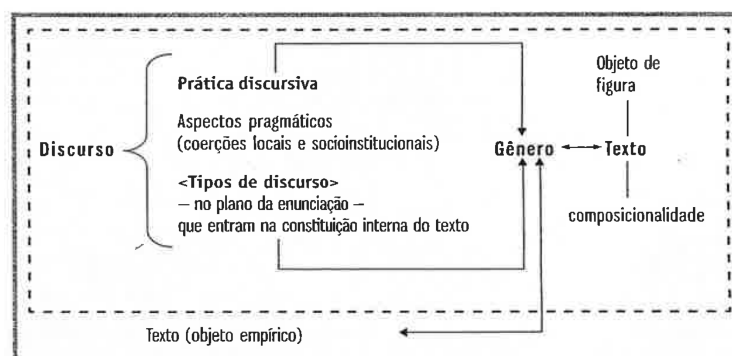


Figura 9. Relações das categorias *texto*, *discurso* e *gênero* [retirada de Coutinho, 2004: 37]

⁴ Esta referência remete para a 12ª edição da tradução de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, publicada em 2006, e surge associada à autoria de Mikhail Bakhtin. No entanto, na perspectiva desta investigação, atribui-se a autoria desta obra a Voloshinov, inicialmente publicada em 1929 (Voloshinov, [1929]1977).

Nesse sentido, a textualização é condicionada pela escolha do gênero, inscrevendo nele formas textuais que se manifestam no artefacto linguístico, num processo de esquemas e configurações pré-estabelecidas. Tal significa que a escolha não é arbitrária, antes obedece a determinadas funções e objetivos que decorrem do ato comunicativo, cabendo ao agente de produção decidir por um determinado gênero, que adota e adapta, condicionando as atividades discursivas esquematizantes no seio de uma prática.

Na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo, à qual Coutinho adere, o gênero textual é entendido como o conjunto das produções verbais organizadas, quer no que respeita às formas textuais escritas usuais, quer às formas textuais orais, ou normatizadas ou pertencentes à linguagem ordinária e, portanto, qualquer espécie de texto pode ser designada em termos de gênero (Bronckart, [1997]1999: 73). Assim, configuram atividades sociodiscursivas e fenómenos sócio-históricos e culturalmente sensíveis, sendo a sua apropriação pelo indivíduo “um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas” (Bronckart, [1997]1999: 103). Na mira de Machado (2005: 242), o gênero é “aquilo que sabemos que existe nas práticas de linguagem de uma sociedade ou aquilo que seus membros usuais consideram como objetos de suas práticas de linguagem”, constituindo-se “como verdadeiras ferramentas semióticas complexas, que permitem que realizemos ações de linguagem, participando das atividades de linguagem” (Machado, 2005: 251). Estas circunstâncias tornam os gêneros textuais fenómenos heterogêneos e híbridos face às formas e aos usos comunicativos que assumem, funcionando como uma espécie de “modelo comunicativo que representa um conhecimento social de situações concretas” (Gonçalves *et al.*, 2017: 133).

Ainda sob o ponto de vista interacionista sociodiscursivo, as atividades de linguagem que se materializam em textos não se dissociam dos gêneros de texto, pelo que qualquer texto se inscreve num gênero. Sócio-historicamente situados, os textos são os produtos da atividade de linguagem. A produção de qualquer texto empírico concebe-se ao colocar em interface as representações construídas pelo agente de produção sobre a sua situação de ação e as suas representações sobre os gêneros textuais indexados e disponibilizados no intertexto, pelo que todo o novo texto empírico é necessariamente construído com base num modelo de gênero e, por tal, pertence necessariamente a um gênero.

Bronckart ([1997]1999: 138) aponta a grande dificuldade em classificar estável e definitivamente os gêneros textuais, já que à semelhança das atividades de linguagem de que advêm são, como elas, tendencialmente em número ilimitado. Para além disso, também os

parâmetros classificatórios de género são pouco estáveis e objetivos, já que estão em constante interação, à exceção das *unidades linguísticas* que são empiricamente observáveis nos textos, mas que por si só não são suficientes para se chegar a uma categorização definitiva. É, no entanto, ao nível desses segmentos que podem ser identificadas as regularidades de organização e de marcação linguísticas constitutivas de um género, e que Bronckart ([1997]1999: 139) designa *tipos de discurso*.

Assim, os géneros de texto, tal como referi anteriormente, são produtos de configurações de escolhas que implicam a seleção e combinação de mecanismos estruturantes, e os tipos de discurso definem-se como configurações (limitadas) de unidades e de estruturas linguísticas que entram na composição dos géneros e traduzem mundos discursivos (Bronckart, 2006a: 148). Embora no quadro do Interacionismo Sociodiscursivo se assuma que não é possível estabelecer uma relação biunívoca entre géneros de texto e os tipos discursivos, estabelece-se, pelo menos, entre género de texto e tipo de discurso “uma relação vinculativa ou uma ligação constitutiva” (Miranda, 2008: 87). Nessa medida, não é possível identificar os géneros de textos a partir da ocorrência dos tipos de discurso, porém é possível estabelecer uma relação necessária entre eles. Relação essa determinada, por um lado, pelo facto de os géneros configurarem escolhas que mobilizam obrigatoriamente a seleção de pelo menos um tipo de discurso e, por outro lado, pelo facto de Bronckart ([1997]1999: 254) assumir os tipos de discurso como “*segmentos constitutivos de um género*”.

Na articulação das práticas dos géneros textuais com a prática dos tipos de discurso, os géneros combinam os seus modos de estruturação heterogéneos, por intermédio de operações cognitivas, com um determinado conjunto de unidades e regras linguísticas que os materializam. Essas operações e regras são atestadas nos níveis infraordenados em relação ao texto, ao nível dos tipos discursivos, colocando em interface representações individuais (do agente) e representações coletivas (das obras humanas). No momento de qualquer nova produção textual, o agente realiza um processo de adoção e adaptação (do género textual), gerando novos textos, atualizando outros ou, até, dispensando os que se encontram em desuso. Por seu turno, no momento de (re)produção de um tipo de discurso, o agente realiza um processo que passa pelo planeamento interno dos segmentos a partir de operações mentais (*mundos discursivos* e, ainda, *raciocínios*⁵). Embora o processo de adaptação de um tipo de discurso seja limitado pelas propriedades do sistema língua e pelas

⁵ Estas noções são retomadas e aprofundadas na secção seguinte (3.2.), do presente capítulo.

representações que o agente tem dela, essa adaptação contribui para a operacionalização do pensamento humano, fazendo dos géneros textuais e dos tipos discursivos formatos interacionais propiciadores de desenvolvimento humano.

Bronckart ([1997]1999: 75-76) atesta, ainda, que a estruturação geral dos géneros está relacionada com a dimensão praxiológica, já que depende das atividades humanas a que se associam, explicando, em parte, a diversidade dos géneros das atividades humanas; e a estruturação dos tipos de discurso associa-se à dimensão epistémica, ou seja, às diferentes formas de realização de operações do pensamento humano, explicando o seu carácter finito e limitado. Bronckart (2012: 50) acrescenta que a capacidade de fazer a escolha certa no preenchimentos dos pressupostos comunicativos, quer do género quer do formato linguístico, é uma habilidade praxiológica, o que equivale a desempenhar uma ação.

De seguida, apresento a noção de *tipos de discurso* abordando a sua vertente processual ou psicológica, que integra as operações constitutivas dos *mundos discursivos* (ou *arquétipos psicológicos*); e a sua vertente linguística, que traduz essas operações psicológicas no quadro de uma língua natural determinada, passando do abstrato para o concreto por meio dos *tipos linguísticos*.

3.2. Tipos de discurso e mundos discursivos

No âmbito do Interacionismo Sociodiscursivo, a definição de *tipos de discurso* situa-se nos contributos da noção de *modos de enunciação dos textos* de Genette (1979) e de *tipos de discurso* de Simonin-Grumbach (1975). No primeiro caso, estabelecendo Genette (1979) os modos de enunciação como categorias linguísticas; e Simonin-Grumbach (1975: 118) os tipos de discurso como segmentos linguísticos que entram na composição de cada texto empírico e traduzem mundos discursivos pré-construídos. Na continuidade destes postulados, Bronckart propõe uma abordagem que consiste no seguinte:

descrever, de um lado, os *mundos* ou *planos de enunciação* assim como as operações psicológicas em que se baseiam e, de outro, as configurações de unidades linguísticas ‘que traduzem’ esses mundos, no quadro de uma determinada língua natural.

Bronckart, [1997]1999: 151

A proposta que resulta desses contributos coloca, de um lado, o mundo tangível representado pelos agentes e, do outro lado, o mundo discursivo configurado pela linguagem. Segundo Bronckart ([1997]1999), a atividade de linguagem, dada a sua natureza sociosemiótica, baseia-se na construção de mundos virtuais, estabelecendo-os da seguinte forma:

sistemas de coordenadas formais que, de um lado, são radicalmente ‘outros’ em relação aos sistemas de coordenadas dos mundos representados em que se desenvolvem as ações de agentes humanos, mas que, de outro, devem mostrar o tipo de relação que mantêm com esses mundos da atividade humana.

Bronckart, [1997]1999: 151

Nesse alinhamento, Bronckart ([1997]1999: 151; 2006a: 151) utiliza a expressão *mundo ordinário* para referir os mundos representados pelos agentes humanos, configurando os três mundos formais propostos por Habermas ([1981]1987); e utiliza a expressão *mundos discursivos* para referir os mundos virtuais que decorrem de uma atividade de linguagem, associando-se à vertente processual ou psicológica constitutiva dos tipos discursivos.

Os tipos de discurso constituem diferentes planos da enunciação e são os correspondentes linguísticos dos mundos discursivos, ou seja, semiotizam e traduzem os mundos virtuais. A constituição dos tipos de discurso resulta da construção dos mundos discursivos que, por sua vez, se baseiam em duas operações: uma que se organiza no eixo temporal e outra que se organiza no eixo agentivo, traduzindo-se nas seguintes decisões binárias:

→ De acordo com a organização temporal, a primeira decisão atesta a *disjunção* ou a *conjunção*, que surge da relação estabelecida entre as coordenadas temporais que organizam textualmente o conteúdo temático e as coordenadas temporais do mundo ordinário/real, i.e., as coordenadas gerais da situação de produção do agente. Esta decisão coloca o conteúdo temático semiotizado à distância temporal do agente de produção ou não, ou seja:

- as coordenadas temporais dos processos verbalizados no texto distanciam-se das coordenadas temporais da situação de produção do agente – i.e., realizam-se em disjunção, mobilizando a ordem do narrar;
ou
- as coordenadas temporais organizadoras do conteúdo temático ancoram-se nas coordenadas gerais do mundo da ação da linguagem – i.e., realizam-se em conjunção, mobilizando a ordem do expor.

→ No que respeita ao eixo agentivo, a segunda decisão atesta a *implicação* ou a *autonomia*, que surge da relação estabelecida entre as instâncias de agentividade mobilizadas no texto e as instâncias de agentividade associadas à situação de produção. Esta decisão coloca as instância de agentividade verbalizadas de modo próximo ou distante no texto face à sua situação de ação de linguagem, ou seja:

- as instâncias de agentividade verbalizadas são colocadas em relação com o agente de produção e a sua situação de ação de linguagem, mobilizando a ordem da implicação; no mundo implicado, o texto mobiliza os parâmetros da ação da linguagem (emissor, recetor, tempo e espaço da ação), com referências deíticas a esses mesmos parâmetros, que são, assim, integrados no próprio conteúdo temático, sendo necessário ter acesso às condições de produção dos textos;
ou
- as instâncias de agentividade verbalizadas não são colocadas em relação com o agente de produção e a sua situação de ação de linguagem, mobilizando a ordem da autonomia; no mundo autónomo, o texto apresenta-se numa relação de autonomia com os parâmetros da ação de linguagem, pelo que não requer o conhecimento das condições de produção.

Do cruzamento destas escolhas binárias resultam quatro mundos discursivos (ou *arquétipos psicológicos*) – o mundo do expor implicado, o mundo do expor autónomo, o mundo do narrar implicado e o mundo do narrar autónomo:

| | | | |
|----------------------|------------|-----------------------------|------------------------------|
| | | COORDENADAS GERAIS DO MUNDO | |
| | | <i>Temporalidade</i> | |
| SITUAÇÃO DE PRODUÇÃO | | Conjunção Ordem do EXPOR | Disjunção Ordem do NARRAR |
| <i>Agentividade</i> | IMPLICAÇÃO | Expor implicado | Narrar implicado |
| | AUTONOMIA | Expor autónomo | Narrar autónomo |

Figura 10. Os mundos discursivos [elaborada a partir de Bronckart, [1997]1999: 157]

Estas opções que cada pessoa faz quando usa a língua só são identificáveis a partir das formas linguísticas que as semiotizam, pelo que dependem dessas. Dessa forma, no seguimento das operações mentais que influenciam as escolhas do agente no momento de produção textual, e que configuram os quatro mundos discursivos, distinguem-se, igualmente, quatro *tipos linguísticos* que os semiotizam, i.e., os tipos de discurso.

Assim, no que concerne à organização temporal, a relação estabelecida pode ser conjunta ou disjunta: na primeira, são mobilizadas marcas linguísticas que mostram um espaço-tempo conjunto ao da situação de produção (expor); e, na segunda, observam-se marcas linguísticas que atestam um espaço-tempo independente, ou mesmo à parte, do mundo real (narrar). As marcas linguísticas identificáveis na ordem do expor correspondem aos tipos de discurso *discurso interativo* e *discurso teórico*. Pelo contrário, na ordem do narrar, em disjunção são mobilizados os tipos de discurso *relato interativo* e *narração*.

De outro lado, e de acordo com a agentividade, as instâncias de agentividade verbalizadas são ou não colocadas em relação com o agente de produção e a sua situação de produção. No primeiro caso, atesta-se a presença de marcas linguísticas no texto que remetem para o agente de produção (implicação); e, no segundo, verifica-se a ausência de marcas que assinalam a presença do agente de produção (autonomia). Este procedimento permite identificar se o agente de produção decide implicar-se ou, pelo contrário, distanciar-se no processo de produção textual: ao implicar-se são mobilizados os tipos de discurso da ordem da implicação - *discurso interativo* e *relato interativo*; ao distanciar-se verifica-se a ocorrência de tipos de discurso da ordem da autonomia - *discurso teórico* e *narração*.

A ocorrência, coocorrência ou cruzamento dos segmentos linguísticos, isto é, dos tipos de discurso - discurso interativo, discurso teórico, relato interativo e narração -,

traduzem, conseqüente e respetivamente, quatro atitudes de locução ou mundos discursivos - expor implicado, expor autónomo, narrar implicado e narrar autónomo:

| | | | |
|----------------------|------------|-----------------------------|------------------------------|
| SITUAÇÃO DE PRODUÇÃO | | COORDENADAS GERAIS DO MUNDO | |
| | | <i>Temporalidade</i> | |
| | | Conjunção Ordem do EXPOR | Disjunção Ordem do NARRAR |
| <i>Agentividade</i> | IMPLICAÇÃO | Discurso interativo | Relato interativo |
| | AUTONOMIA | Discurso teórico | Narração |

Figura 11. Os tipos de discurso [elaborada a partir de Bronckart, [1997]1999: 157]

A relação que se estabelece entre tipos discursivos e mundos discursivos é necessária, na medida em que os tipos linguísticos semiotizam e verbalizam os mundos discursivos e, ainda, traduzem *raciocínios* específicos, constituindo-se ambos como operações psicológicas. Bronckart (2006a: 155) identifica três modos de raciocínios - os raciocínios práticos, os raciocínios lógicos e os raciocínios causais-cronológicos – assumindo que o discurso interativo corresponde à concretização e verbalização de raciocínios práticos, o discurso teórico associa-se ao processo mental raciocínio lógico e o relato interativo e a narração implicam raciocínios causais-cronológicos.

Bronckart ([1997]1999) distingue *arquétipo psicológico* de *tipo linguístico*, referindo que o primeiro termo remete para a apreensão das formas linguísticas sob o ângulo das operações psicológicas a elas subjacentes; e o segundo termo configura a apreensão dessas formas sob a perspectiva das marcas linguísticas empiricamente observáveis. Neste sentido, os mundos discursivos constituem-se como arquétipos psicológicos e os tipos de discurso são, em simultâneo, arquétipos psicológicos (plano abstrato) e tipos linguísticos (plano concreto), uma vez que resultam de operações psicológicas e operações discursivas, concretizando-as. Assim, são *tipos linguísticos* porque configuram “o tipo de discurso tal como ele é efetivamente semiotizado no quadro de uma língua natural, com suas propriedades morfosintáticas e semânticas particulares” (Bronckart, [1997]1999: 156); e são *arquétipos psicológicos* porque constituem “essa entidade abstrata ou esse *construto* que

é o tipo de discurso, apreendido exclusivamente sob o ângulo das operações psicológicas ‘puras’, isto é, esvaziadas da semantização” (Bronckart, [1997]1999: 156).

Explicitadas as operações constitutivas da construção, do funcionamento e da concretização dos tipos de discurso, apresento, na secção seguinte, a sua configuração linguística.

3.3. Configuração linguística dos tipos de discurso

Definidos como *tipos linguísticos*, isto é “*formas* específicas de semiotização ou de colocação em discurso” (Bronckart, [1997]1999: 138), dependentes dos recursos morfossintáticos de uma língua natural, essas formas são identificáveis nos textos e articuladas entre si por mecanismos de textualização e por mecanismos enunciativos, e resultam da construção de coordenadas de mundos virtuais, distintas do mundo empíricos dos agentes – os *mundos discursivos*.

Na perspetiva teórica do Interacionismo Sociodiscursivo, os textos, como resultados das atividades humanas, implicam, na sua organização e no seu funcionamento, operações cognitivas e realizações linguísticas que dependem das escolhas do agente. Nessa medida, os tipos de discurso dão conta da construção e organização interna dos textos, ou seja, dos aspetos linguísticos da atividade de linguagem. Surgem em posição infraordenada no texto (não constituem textos por si mesmos) e configuram “envelopes” de unidades linguísticas, ou seja, segmentos identificáveis em função das formas linguísticas em ocorrência, em número limitado e dotados de estabilidade linguística, que entram na composição dos géneros e, por tal, de cada texto empírico: “Os **tipos de discurso** são *formas* de organização linguística, em número limitado com os quais são compostos, em diferentes modalidades, todos os géneros textuais” (Bronckart, [1997]1999: 250).

São de natureza psicológica, social e linguística, e relacionam-se com o posicionamento enunciativo do produtor textual, ou seja, as suas atitudes gerais de locução. Nessa medida, assumem-se como configurações particulares de unidades e estruturas linguísticas, que concretizam e verbalizam essas *atitudes*. Essas atitudes de locução, como já referido, correspondem aos mundos discursivos, ou seja, aos “formatos semióticos que organizam as relações entre as coordenadas do mundo vivido de um agente, as de sua situação de ação e as dos mundos construídos coletivamente” (Bronckart, 2006a: 148).

Na produção e/ou recepção (e interpretação) de um texto, os tipos de discurso atuam ao nível das representações – tanto individuais como coletivas –, funcionando como organizadores dessas representações: “(...) filtros necessários das trocas contínuas entre as representações individuais e coletivas”, pelo que “as representações humanas são sempre, em primeiro lugar, estruturadas no discurso” (Bronckart, 2012: 50).

A identificação e delimitação das características linguísticas dos tipos de discurso surgem na sequência de uma análise ampla (quantitativa e qualitativa) a partir de textos empíricos de diversos gêneros produzidos em francês contemporâneo (Bronckart, [1997]1999: 78). Desse trabalho resultaram as configurações linguísticas dos quatro tipos de discurso, que correspondem a unidades linguísticas que os concretizam e caracterizam. Embora as marcações linguísticas dos tipos de discurso resultem da análise de textos em francês, os estudos que as contemplam em português europeu demonstram que podem ser identificadas em textos produzidos noutras línguas naturais, admitindo, no entanto, variações que dependem dos recursos da língua natural em análise.

A seguir, aponto as configurações linguísticas de cada tipo de discurso do francês, com base na descrição feita por Bronckart ([1997]1999: 166-179):

→ Discurso interativo:

O *discurso interativo* apresenta uma configuração linguística que resulta, de acordo com a organização temporal, da relação de conjunção estabelecida entre as coordenadas temporais dos processos verbalizados no texto e as coordenadas temporais da situação de produção do agente. De acordo com a organização agentiva, as instâncias de agentividade verbalizadas são colocadas em relação com o agente de produção e a sua situação de produção. Assim, o discurso interativo resulta de operações psicológicas que ativam e semiotizam o mundo discursivo *expor implicado*. A marcação linguística do discurso interativo expressa sempre proximidade com a situação de interação, quer do ponto de vista temporal, quer agentivo, e realiza-se da seguinte forma:

| EXPOR | |
|-------------------|---|
| IMPLICAÇÃO | <p>Carácter conjunto-implícado</p> <p style="text-align: center;"><i>Discurso interativo</i></p> <p>Geralmente dialogado ou monologado, oral ou escrito <i>Presença de:</i> Frases não declarativas (interrogativas, imperativas e exclamativas), nas formas dialogadas e monologadas Alternância de turnos de fala nas formas dialogadas Unidades que remetem à interação verbal, real ou encenada (deixis) – valor exofórico Unidades que remetem a objetos acessíveis (ostensivos), ao espaço (deíticos espaciais) e ao tempo (deíticos temporais) da interação. Nomes próprios, verbos (ou apenas na desinência verbal de pessoa) e pronomes de primeira e de segunda pessoa do singular ou do plural, que remetem aos protagonistas da interação verbal – valor exofórico Pronome indefinido <i>se</i> (correspondente ao <i>on</i> do francês), com valor de primeira pessoa do singular ou do plural Anáforas pronominais Auxiliares de modo (<i>poder, dever, querer, ser preciso</i>) <i>Coesão verbal:</i> Exploração do subsistema de tempos dos verbos do <i>plano do discurso</i> (Benveniste): presente (simultaneidade), pretérito perfeito (anterioridade) e o futuro perifrástico (futuro) – valor deítico Densidade verbal: elevada Densidade sintagmática: baixa.</p> |

Figura 12. Configuração linguística do *discurso interativo* [elaborada a partir de Bronckart ([1997]1999: 166-170)]

→ Discurso teórico:

O *discurso teórico* apresenta uma configuração linguística que resulta de opções psicológicas que traduzem um carácter conjunto-autónomo. Assim, tal como o discurso interativo, a relação estabelecida entre as coordenadas temporais dos processos verbalizados no texto e as coordenadas temporais da situação de produção do agente é de proximidade. Todavia, de acordo com a organização agentiva, as instâncias de agentividade verbalizadas não são colocadas em relação com o agente e a sua situação de produção, revelando o distanciamento do agente de produção na produção textual. Nesse sentido, o discurso teórico resulta de operações psicológicas que ativam e semiotizam o mundo discursivo *expor autónomo*. Apresenta a seguinte configuração linguística:

| | | EXPOR |
|-----------|----------------------------|---|
| AUTONOMIA | Carácter conjunto-autónomo | <p>Geralmente monologado e escrito</p> <p><i>Presença de:</i></p> <p>Possível ocorrência de formas de primeira pessoa do plural ou do pronome indefinido <i>se</i> (correspondente ao <i>on</i> do francês), quando não remetem aos participantes concretos da interação em curso (valor endofórico)</p> <p>Organizadores com valor lógico-argumentativo</p> <p>Modalizações lógicas/epistémicas</p> <p>Auxiliar de modo <i>poder</i> (geralmente no presente genérico, seguido de forma verbal infinitiva)</p> <p>Frases passivas (e passiva truncada)</p> <p>Anáforas pronominais, nominais e procedimentos de referenciação déctica intratextual</p> <p>Exploração de procedimentos de focalização (metatextuais, intratextuais e intertextuais).</p> <p><i>Ausência de:</i></p> <p>Frases não declarativas</p> <p>Unidades que remetem aos interactantes ou ao espaço-tempo da produção (ostensivos, décticos espaciais e temporais),</p> <p>Nomes próprios e pronomes de primeira e de segunda pessoa do singular ou, ainda, de verbos na primeira e segunda pessoa do singular (com valor exofórico)</p> <p><i>Coesão verbal:</i></p> <p>Exploração do subsistema de verbos do <i>plano do discurso</i> (Benveniste): predomínio do presente e do pretérito perfeito composto com valor genérico (endofórico)</p> <p>Ausência quase total de formas do futuro.</p> <p>Densidade verbal: muito fraca</p> <p>Densidade sintagmática: extremamente elevada</p> |
| | <i>Discurso teórico</i> | |

Figura 13. Configuração linguística do *discurso teórico* [elaborada a partir de Bronckart ([1997]1999: 170-173)]

→ Relato interativo:

O *relato interativo*, à semelhança do discurso interativo, apresenta uma configuração linguística que revela, no eixo da organização agentiva, a relação de implicação estabelecida entre o agente de produção e a situação de produção. No entanto, no que respeita à organização temporal, as coordenadas temporais dos processos verbalizados no texto distanciam-se das coordenadas temporais da situação de produção do agente, realizando-se em disjunção. Dessa forma, o relato interativo resulta de operações psicológicas que ativam e semiotizam o mundo discursivo *narrar implicado*. Surge marcado linguisticamente da seguinte forma:

| NARRAR | |
|-------------------|--|
| IMPLICAÇÃO | <p>Carácter disjuncto-implicado</p> <p style="text-align: center;"><i>Relato interativo</i></p> <p>Geralmente monologado</p> <p><i>Presença de:</i> Pronomes de primeira e de segunda pessoa do singular e do plural, que remetem aos protagonistas da interação verbal Organizadores temporais (advérbios, sintagmas proposicionais, coordenativos, subordinativos, entre outros) Anáforas pronominais (forte dominância), por vezes associadas a anáforas nominais (repetição fiel do antecedente)</p> <p><i>Ausência de:</i> Frases não declarativas</p> <p><i>Coesão verbal:</i> Exploração do subsistema de tempos de verbos do <i>plano da história</i> (Benveniste) ou dos <i>tempos narrativos</i> (Weinrich): pretérito perfeito e o imperfeito (e menor dominância de formas do mais-que-perfeito, do futuro simples e do condicional) Densidade verbal: elevada Densidade sintagmática: baixa.</p> |

Figura 14. Configuração linguística do *relato interativo* [elaborada a partir de Bronckart ([1997]1999: 174-176)]

→ Narração:

A *narração*, ao contrário dos outros tipos de discurso, não partilha nenhuma característica com o discurso interativo, funcionando de forma oposta: marca as relações da ordem do narrar e da autonomia estabelecidas no texto. Nessa medida, apresenta uma configuração linguística que traduz o distanciamento do agente de produção, quer no que respeita às relações estabelecidas entre as coordenadas temporais dos processos verbalizados no texto e as coordenadas temporais da situação de produção do agente; quer no que concerne às relações estabelecidas entre as instâncias de agentividade mobilizadas no texto e as instâncias de agentividade associadas à situação de produção. Por tal, a narração resulta de operações psicológicas que ativam e semiotizam o mundo discursivo *narrar autónomo*. Configura-se linguisticamente do seguinte modo:

| NARRAR | |
|-----------|--|
| AUTONOMIA | <p>Carácter disjuncto-autónomo</p> <p style="text-align: center;"><i>Narração</i></p> <p>Geralmente escrito e exclusivamente monologado</p> <p><i>Presença de:</i></p> <p>Exclusiva de frases declarativas</p> <p>Organizadores temporais (advérbios, sintagmas proposicionais, coordenativos, subordinativos, entre outros)</p> <p>Conjunta de anáforas pronominais e anáforas nominais (geralmente, retomada do sintagma antecedente com substituição lexical)</p> <p><i>Ausência de:</i></p> <p>Pronomes de primeira e de segunda pessoa do singular e do plural, que remetem aos protagonistas da interação verbal</p> <p><i>Coesão verbal:</i></p> <p>Exploração do subsistema de tempos de verbos do <i>plano da história</i> (Benveniste) ou dos <i>tempos narrativos</i> (Weinrich): dominância das formas do pretérito perfeito e imperfeito - valor endofórico</p> <p>Densidade verbal: média</p> <p>Densidade sintagmática: média</p> |

Figura 15. Configuração linguística da *narração* [elaborada a partir de Bronckart ([1997]1999: 177-179)]

No que respeita à presença dos tipos de discurso na organização textual, Bronckart ([1997]1999: 252) assume que os textos podem comportar um tipo de discurso ou admitir mais do que um tipo, distinguindo *textos homogéneos* de *textos heterogéneos*. Assim, os textos homogéneos caracterizam-se pela ocorrência de apenas um tipo de discurso, e os textos heterogéneos constituem-se por vários. No caso destes últimos, Bronckart assume que a coexistência de vários tipos de discurso no mesmo texto possibilita a divisão entre tipo de discurso principal e tipo(s) de discurso secundário(s), sendo que estes também podem ser compartimentados em outros tipos de discursos secundários.

Para apreender a homogeneidade-heterogeneidade dos textos, Bronckart ([1997]1999: 120-121, 253-254) estabelece *modalidades gerais de articulação*, e, tal como referi anteriormente (cf. II.2.2.1.), distingue duas: *encaixe* e *fusão*. Na modalidade encaixe, a articulação dos tipos de discurso é delimitada, geralmente por marcas de pontuação (ponto final, ponto de exclamação, entre outros), por outras marcas gráficas (formatações, espaçamentos, parágrafos, aspas, travessões, entre outros) e pelas próprias marcas linguísticas (sobretudo organizadores textuais), pelo que as relações de subordinação que se estabelecem entre os segmentos de tipo principal e de tipo secundário são claras. Na modalidade fusão, tal como o termo indica, os segmentos de tipos de discurso surgem fundidos ou em sobreposição, ou seja, “íntegram-se uns aos outros em modalidades variáveis” (Bronckart, [1997]1999: 254), sendo difícil pontuar as suas fronteiras, uma vez que o mesmo segmento admite a ocorrência de marcas linguísticas de vários tipos de

discurso. Para exemplificar, Bronckart ([1997]1999: 187, 254) aponta o tipo *misto interativo-teórico* como um exemplo da articulação por fusão, o que leva a colocar em perspectiva a possibilidade de os tipos de discurso apresentarem variantes. Essas variantes resultam das escolhas do agente de produção que, no caso mencionado, tanto se inscrevem nas coordenadas de um mundo interativo como de um mundo teórico, partilhando características linguísticas de ambos os tipos de discurso e, por isso, impossível de delimitar as suas fronteiras.

Bronckart ([1997]1999: 187-200) apresenta variantes para todos os tipos de discurso: quanto ao discurso interativo, distingue discursos interativos primários de secundários e admite a possibilidade de fusão dos tipos interativo e teórico (tipo *misto interativo-teórico*); no que respeita ao relato interativo, diferencia, à semelhança do tipo discurso interativo, relatos interativos primários e secundários, todavia não se funde com nenhum outro tipo de discurso; relativamente ao discurso teórico, mostra a possibilidade de se intercalarem segmentos com características deste tipo de discurso com segmentos com marcas de discurso interativo; por fim, a narração admite variantes e a possibilidade de fusão dos tipos narração e teórico, resultando no tipo *misto narrativo-teórico*.

Se, por um lado, a marcação linguística dos tipos de discurso evidencia a possibilidade de ocorrerem variantes de primeiro e segundo nível e fusões entre os tipos de discurso, essas variantes permitem equacionar, uma vez mais, as relações entre tipos de discurso e géneros de texto. Nesse sentido, Bronckart ([1997]1999: 187-200) mostra que estas variantes tendem a ocorrer em determinados géneros textuais, como por exemplo:

- o tipo de discurso interativo primário ocorre em géneros como a *intervenção política*, a *conversa* e a *entrevista*;
- o tipo de discurso interativo secundário ocorre nos géneros *romance*, *conto*, *novela* e *peça de teatro*;
- o tipo de discurso relato interativo primário ocorre tendencialmente na *intervenção política*, na *conversa* e na *entrevista*;
- o tipo de discurso relato interativo secundário ocorre no *romance* e na *peça de teatro*;
- o misto interativo-teórico ocorre em *intervenções políticas*, *científicas* e *pedagógicas*, em *manuals*, *editoriais*, entre outros;
- o misto narrativo-teórico ocorre em *monografias científicas*.

Miranda (2008: 88) esquematiza essas relações que Bronckart estabelece entre os tipos de discurso e suas variantes e os gêneros textuais:

| Variantes de DISCURSO INTERACTIVO | |
|---|--|
| Discurso interactivo primário | conversa, intervenção política, entrevista |
| Discurso interactivo secundário | romance, conto, novela, peça de teatro |
| Fusão DISCURSO INTERACTIVO / DISCURSO TEÓRICO | |
| Exposições orais (intervenção científica, pedagógica, política) | |
| Exposições escritas (manuais, editoriais, publicidades) | |
| Variantes de RELATO INTERACTIVO | |
| Relato interactivo primário | intervenção política, entrevista, conversa |
| Relato interactivo secundário | romance, peça de teatro |

Figura 16. Relação entre variantes de tipos de discurso e gêneros de texto [retirada de Miranda, 2008: 88]

Em suma, e à semelhança do que mencionei antes, esta relação entre (variantes de) tipos de discurso e gêneros de texto permite pensar, por um lado, a transversalidade dos tipos de discurso e, por outro, a relativa estabilidade da ocorrência dos traços semióticos dos tipos de discurso, em detrimento de outros, na diversidade dos gêneros. Esta relação torna-se relevante na medida em que possibilitam uma configuração genérica particular, já que os gêneros selecionam e estabilizam a ocorrência dos tipos discursivos, funcionando estes últimos como pistas para a identificação dos gêneros (Miranda, 2008: 89).

A partir das considerações sobre a noção de tipos de discurso e, sobretudo, sobre as suas configurações linguísticas, apresento, a seguir, o seu contributo para o meu trabalho.

3.4. Contributo dos tipos de discurso para a análise da implicação

Para mostrar como as mulheres em posição de liderança se implicam nos discursos que produzem, encontro na noção de *tipos de discurso* a abordagem teórica e metodológica que me permite tratar essa questão. Assim, parto da noção de que os tipos de discurso são configurações de unidades e de estruturas linguísticas que entram na composição dos textos e, portanto, de qualquer género, dependentes dos recursos de uma língua natural, e que semiotizam e verbalizam os mundos discursivos. Esta noção permite-me destacar dois aspetos essenciais: a opção do agente de produção em implicar-se ou, pelo contrário,

distanciar-se no processo de produção textual; e o modo como essa escolha é linguisticamente materializada.

Para o primeiro aspeto, centro-me na noção de *mundos discursivos*, na medida em que constituem as operações psicológicas que traduzem as escolhas que o agente de produção faz com recurso à língua. Para o segundo aspeto, foco-me na noção de *tipos de discurso*, na medida em que constituem os correspondentes linguísticos dessas operações psicológicas, ou seja, os tipos linguísticos que concretizam e semiotizam a construção das coordenadas dos mundos virtuais, distintas do mundo ordinário dos agentes.

Especificamente, no que respeita aos mundos discursivos, baseio-me nas decisões que se estabelecem no eixo da temporalidade e no eixo da agentividade e que permitem, no primeiro caso, perceber se o agente de produção opta por se colocar em conjunção (expor) ou disjunção (narrar) com a situação de produção, e, no segundo caso, se se implica (implicação) ou se se distancia (autonomia) no processo de produção textual. No que concerne aos tipos de discurso, parto das marcas linguísticas e enunciativas que configuram os tipos de discurso e estabeleço *marcas de implicação*. As marcas de implicação constituem-se por marcas linguísticas, que enquadram as marcações linguísticas e enunciativas dos tipos de discurso, e permitem perceber o modo como o agente de produção se implica e, ainda, se o modo de se implicar atesta diferentes graus de implicação.

A noção de *tipos de discurso* na análise da implicação põe, ainda, em perspetiva, a noção de *figuras de ação*, na medida em que estas, ao articularem-se com os tipos de discurso, possibilitam identificar as representações do agente de produção da sua liderança, contribuindo para explicar a implicação.

No ponto que se segue, ocupo-me da noção de *figuras de ação*.

4. As figuras de ação: a análise da representação da liderança

Para compreender a noção de *figuras de ação*, demonstro, na primeira secção, a relação entre signos linguísticos na teoria saussuriana e os processos de significação humanos no Interacionismo Sociodiscursivo; na segunda secção, identifico o contributo da noção de *tipos de discurso* para a definição e caracterização das *figuras de ação*; na terceira secção, apresento as propriedades discursivas das *figuras de ação*; e, na quarta secção, esclareço os

processos relacionados com a emergência das *figuras de ação*. Por último, perspetivo o contributo da noção de *figuras de ação* para a análise da implicação.

4.1. O papel, o estatuto e os efeitos do signo saussuriano no Interacionismo Sociodiscursivo

Saussure (1995, 2004) desenvolve uma teoria do signo que aborda os fenómenos de significação em geral, a partir da análise da natureza e das propriedades das diversas unidades semióticas. A sua teoria linguística do signo resulta num projeto epistemológico que o Interacionismo Sociodiscursivo recupera, na medida em que Saussure (1995, 2004) assume que é a interiorização e apropriação do uso da língua e dos seus signos que viabiliza o pensamento e a consciência humana. Dessa forma, sublinha-se, na perspetiva do projeto do Interacionismo Sociodiscursivo e, ainda, na esteira de Volosinhov ([1929]1977), o papel fundador da linguagem na operacionalização do pensamento e, conseqüentemente, no desenvolvimento e funcionamento humanos.

Bulea (2010b)⁶ parte do fundamento saussuriano que concebe a língua como interdependente do discurso, em que a língua é um reservatório individual, intrínseco ao ser humano, e o discurso a realização da língua, adquirindo um carácter social. Nesta conceção saussuriana da língua, esta é entendida, ainda, como uma realidade sócio-histórica ininterrupta, transmissível e móvel. Nessa medida, Nessa medida, de acordo com Bulea (2010b: 52-53), Saussure integra as características *transmissibilidade*, *continuidade* e (uma perpétua) *transformação* (no tempo) dos fenómenos da linguagem nos seus postulados para uma teorização do signo e, conseqüentemente, identifica e define as propriedades que dão conta da dinâmica da estrutura e da organização interna das unidades linguísticas. Ainda segundo a autora (2010b: 53), Saussure atribui, assim, a mudança ativa e a permanente dinâmica das línguas e dos signos (e das significações), por um lado, à relação entre língua e discurso e, por outro lado, à própria estrutura interna dos signos, ou seja, à essência dos signos (*vida semiológica*):

⁶ Para esta reflexão contribuíram, também, as leituras de Bulea (2006, 2010a); Bronckart & Bulea (2006, 2011); e Bronckart, Bulea & Bota (2014).

a noção de “vida” relaciona-se à *sócio-história da linguagem*, vista como um perpétuo devir. Fundamentalmente oposta não mais à morte, mas à ordem imutável ou à mobilidade, a “vida semiológica” designa a *dinâmica especificamente linguageira*, uma dinâmica que não é então a cópia de uma outra dinâmica, quer seja do mundo, do pensamento, ou da sociedade.

Bulea, 2010b: 53

De acordo com Bulea (2014a: 89), no âmbito deste ato epistemológico, a dinâmica do signo não é um reflexo de uma outra dinâmica nem determinada por ela, antes tem a ver “com uma interação permanente entre os sistemas semiótico, psicológico e social; por outras palavras, ela é verdadeiramente uma ‘vida dos signos **no seio** da vida social’”. O projeto epistemológico que convoca a *vida semiológica* é, por tal, segundo Bulea (2014a: 90), de ordem praxiológica: “a linguística saussuriana é uma ciência da ação de linguagem, integrando de forma sistémica e não determinista os aspetos sociais, históricos e psicológicos que a caracterizam”.

No sentido de teorizar a essência (e a dinâmica) dos signos, as análises saussurianas assumem, segundo Bulea (2016: 192), duas abordagens: a primeira abordagem relaciona-se com o estatuto da semiologia e, portanto, respeita aos traços que definem a natureza dos signos em geral – linguísticos ou não. Neste seguimento, Saussure demonstra que os signos são fenómenos psicossociais, distinguindo os sistemas linguísticos (signos verbais) de outros sistemas de unidades semiológicas (signos multimodais) por intermédio de um conjunto de propriedades que os signos linguísticos compartilham (ordem semiológica) e que lhes confere o estatuto de entidades com “essência semiológica”. Dada a importância que Saussure atribui aos signos verbais, a segunda abordagem saussuriana particulariza as propriedades essencialmente linguísticas e irreduzíveis dos signos linguísticos, diferenciando-os dos outros sistemas semiológicos.

Saussure (2004: 17) identifica sete propriedades do signo saussuriano, estipulando que o signo as possui em simultâneo, porém são de duas dimensões distintas: uma global e outra linguística. A dimensão global remete para a essência das unidades semiológicas (ordem semiológica em geral), distinguindo três propriedades, específicas tanto dos signos verbais como dos não verbais; e a outra dimensão tem um carácter especificamente linguístico (subcampo semiológico), diferenciando quatro propriedades, exclusivas dos signos verbais.

Relativamente às propriedades da essência das unidades semiológicas em geral, Saussure (2004) aponta o seu carácter duplo/bifacial (ou de “dupla essência”), a sua natureza

psíquica e o seu carácter diferencial. O carácter bifacial das unidades linguísticas remete para a necessária dupla face das entidades semiológicas, propondo Saussure (2004: 17), para distinguir essas duas faces, de um lado, os fenómenos externos à língua e, do outro, os fenómenos internos à língua. Os primeiros são de ordem física e correspondem às “figuras vocais” (ou aos sons na sua materialidade), já os fenómenos internos, mais complexos, são de ordem psíquica, e resultam de um processo de associação/cominação que Saussure (2004: 93) considera necessário para se constituir a palavra. Segundo Bulea (2016: 193), a constituição dos signos advém dessa relação psíquica, assente em processos de diferenciação-associação, que confere uma segunda existência ao signo, propriamente semiológica, e que ocorre em virtude do pensamento. Assim, considerando as unidades linguísticas numa perspectiva semiológica, o seu carácter dual não resulta da associação entre um elemento físico e um elemento psíquico, mas antes de uma dualidade interna à ordem espiritual (Bulea, 2014a: 67). Nessa medida, os dois elementos dessa bifacialidade são de natureza psíquica e o signo, portanto, um facto de consciência puro:

os signos são entidades *integralmente psíquicas*: (...) compostas de *empréstimos psíquicos de sons* (ou de representações sonoras/de “formas”) e de *significações*; constituindo-se esses dois tipos de componentes, mutuamente, através de *processos mentais de diferenciação-associação*.

Bulea, 2010b: 56

O signo é, nesse sentido, o produto de uma dupla apreensão psicológica (imagens mentais) dos fenómenos físicos sonoros (som), por um lado, e dos objetos, por outro, postos em correspondência. Assim, os signos linguísticos constituem-se numa ordem psíquica específica que organiza (dois) processos (mentais) de diferenciação-associação de entidades de dupla face, estruturadas correlativamente, e que lhes confere o estatuto de entidades globais. E são, no entendimento de Bulea (2016: 194), o resultado, sempre a refazer, de três tipos de relações perpetuamente ativas: “as relações diferenciais das formas entre elas; as relações diferenciais das significações entre elas; enfim as relações associativas (...) entre formas e significações”.

No que respeita às propriedades especificamente linguísticas do signo saussuriano, Saussure identifica quatro propriedades que decorrem do carácter diferencial dos signos linguísticos e da sua arbitrariedade: a arbitrariedade radical, o carácter imotivado/discreto, a linearidade e o carácter transmissível. O carácter imotivado/discreto decorre da bifacialidade

do signo, na medida em que determina uma relação de independência entre as faces. O carácter radicalmente arbitrário das entidades incide no facto de a constituição do signo ser determinada por estruturas internas à linguagem. Quer isto dizer que os signos linguísticos delimitam-se e organizam-se, reciprocamente, no e pelo sistema da língua, conferindo-lhes o estatuto de estritamente linguísticos e, portanto, o seu carácter discreto, ou seja, delimitado. Por tal, os processos de diferenciação-associação das línguas funcionam livremente (arbitrariamente), conferem o dinamismo ao signo, permitindo que se modifique, e criam, da mesma forma, unidades “cuja configuração, significado e conteúdo são eminentemente sociais; unidades que constituem, desta maneira, os *valores correlativos socialmente instituídos*” (Bulea, 2016: 195). Quanto ao carácter linear, advém da ideia de que os signos linguísticos organizam-se de maneira sucessiva e consecutiva no espaço (uniespacialidade), influenciando a estruturação e ordenação interna dos signos. Por fim, os signos são destinados à interação humana, ou seja, não existem fora dessa interação e são transmissíveis, o que os dota de uma segunda vida (carácter transmissível).

No quadro epistemológico do Interacionismo Sociodiscursivo, os pressupostos de Saussure permitem colocar em perspetiva o papel, o estatuto e os efeitos do signo na análise das práticas de linguagem e, conseqüentemente, no funcionamento psíquico e no desenvolvimento humanos.

Bulea (2010b) baseia-se na ideia de que a confecção do signo situa-se, para além do processo de diferenciação e associação, na base da troca social que ele próprio mediatiza continuamente. E nessa medida, a continuidade, a transmissibilidade e a perpétua transformação dos signos conferem a dinâmica intrínseca ao signo, o que constitui um fator de permanente dinamismo do funcionamento psicológico e, conseqüentemente, um fator de potencial desenvolvimento. Nesse alinhamento, Bulea aporta-se nos postulados de Saussure para evidenciar o estatuto praxiológico da linguagem (e das línguas) e o papel da linguagem no funcionamento psíquico humano.

Assim, no que respeita ao estatuto praxiológico da linguagem, Bulea (2010b: 59-60) assume que sendo a linguagem uma capacidade comum a todos os seres humanos, essa capacidade depende da execução, em simultâneo, de processos de diferenciação-associação (dupla essência do signo). E uma vez que a linguagem só se realiza no quadro das línguas naturais, a sua dupla essência só se manifesta através das múltiplas formas sociais de realização, pelo que o traço comum das línguas não é da ordem da estrutura enquanto

produto, mas da estruturação efetiva enquanto processo, justificando o seu estatuto praxiológico.

Relativamente ao papel da linguagem no funcionamento psíquico humano, Bulea (2010b: 60) admite que as propriedades do signo linguístico saussuriano permitem compreender a génese do pensamento consciente, na seguinte medida: i) a relação imotivada e não natural entre signo e o objeto que designa confere ao funcionamento psíquico, na interiorização do signo, autonomia face às propriedades e determinismos do meio; ii) o facto de serem entidades discretas, circunscritas e delimitadas permite ao pensamento humano dispor de unidades que operacionalizam a sua organização e estruturação; iii) o seu carácter radicalmente arbitrário e social faz dos signos entidades psíquicas *desdobradas*: possibilitam “o desdobramento do funcionamento psíquico ele-próprio” ou, “dito de outra maneira, a emergência e o desenvolvimento da consciência humana”. Assim, o signo é o resultado do processo de estruturação realizado por uma língua e veículo perpétuo desse mesmo processo, pelo que encerra em si próprio o princípio da sua (re)estruturação, face à sua arbitrariedade. Por tal, de acordo com Bulea (2014a: 77-78), os signos podem ser considerados como unidades da representação, ou seja, um meio de interpretação que procede por produção de significações e, nessa medida, um meio de (inter)conhecimento. Bronckart (2006a) partilha o mesmo entendimento sobre os signos:

eles são *radicalmente arbitrários* (...), na medida em que (...) submetem qualquer representação potencial a uma reorganização, cujo estatuto é radicalmente *não natural*: de facto, o significante de uma palavra reúne (...) as múltiplas imagens mentais que um ser humano é capaz de construir em sua interação (...) com os objetos referidos, e o significado dessa palavra é constituído pela configuração particular de imagens mentais abrangidas pelo significante. Assim, os signos são entidades representativas *autônomas* (...) e *desdobradas*, que se constituem (...) como *envelopes* (coletivos) que reúnem os conjuntos de representações individuais. Enfim, eles são entidades *discretas*, pois seus significantes são isolados ou separados uns dos outros, aplicando-se (...) também aos significados, que se tornam, assim verdadeiras *unidades representativas* que se podem organizar em sistemas.

Bronckart, 2006a: 247-248

Relativamente aos efeitos do signo na análise das práticas de linguagem, o Interacionismo Sociodiscursivo postula que o ser humano organiza e regula as atividades coletivas por intermédio de um agir comunicativo semiotizado. Assim, a prática dos signos desenvolve-se em atividades de produção e interpretação de textos. Quer isto dizer que os signos, embora tenham uma forma de existência relativamente autónoma no sistema coletivamente partilhado, só funcionam efetivamente e só se transmitem por via dos textos e

dos discursos. Segundo Bulea (2010b: 61), os textos e discursos “constituem ao mesmo tempo as manifestações concretas de toda a atividade linguageira e os ‘lugares’ ou ‘meios’ onde as unidades da língua levam uma vida propriamente *significativa*”.

Assim, no quadro do Interacionismo Sociodiscursivo, os *signos* organizam-se numa *atividade de linguagem*, que se materializa em *textos* (e em diversos *gêneros textuais*) e a prática dos signos na atividade de linguagem traduz as *representações* coletivas do meio (*mundos formais de conhecimentos*) que, por via da linguagem, possibilitam o *agir* (coletivo). Os textos/discursos situam-se, portanto, na interseção entre a transmissão das significações sócio-historicamente construídas (ordem coletiva) e a construção, pelo indivíduo, de significações a transmitir (ordem individual). É o processo de *apropriação* e *interiorização* dos signos que conduz aos conhecimentos (e ações) humanos e constitui o pensamento ativo da pessoa, pelo que as práticas dos signos têm o potencial de reconfigurar os conhecimentos e as ações do ser humano contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento da pessoa.

A partir destas considerações, Bulea (2010b) identifica a necessidade de estabelecer, no quadro da análise das práticas/do agir, uma teoria e um modelo de funcionamento dos textos/discursos que dê conta, por um lado, da continuidade da atividade dos signos no funcionamento humano e, por outro, da dimensão discursiva da prática dos signos que sustentem o seu potencial desenvolvimental:

de uma *teoria* e de um *modelo do funcionamento dos textos/discursos* que integram o caráter praxiológico da linguagem no nível das unidades desse tipo e que sejam aptos a assegurar (...) a compreensão e a análise dos mecanismos implicados no processo de produção de significação.

Bulea, 2010b: 62

No ponto seguinte ocupo-me dessa questão.

4.2. Figuras de ação e tipos de discurso

Com base nos pressupostos saussurianos e na transposição dos seus contornos mais significativos sobre o estatuto, o papel e os efeitos do signo numa teoria linguística, Ecaterina Bulea (2009, 2010b, 2016) enceta um conjunto de pesquisas empíricas baseadas no trabalho de enfermagem, com o objetivo de perceber o papel da linguagem na análise do agir e seus

efeitos na interpretação da atividade. As suas pesquisas consistiram, numa primeira fase, na recolha de um *corpus* constituído por textos *documentos institucionais* e *entrevistas*: os primeiros com o intuito de descreverem e prescreverem as tarefas de cuidado características do trabalho de enfermagem e, os segundos, comportando entrevistas às enfermeiras, antes e depois da realização do cuidado. Na fase seguinte, procedeu ao tratamento dos textos que consistiu, metodologicamente, na análise de conteúdo, de um lado; e, do outro, na análise das características linguísticas dos textos, visando, numa lógica descendente, os diferentes níveis da arquitetura textual.

Para o desenvolvimento dos seus trabalhos, Bulea (2010b: 10-11) enuncia três problemáticas referentes ao agir humano como objeto de análise:

A primeira diz respeito ao estatuto das dimensões praxiológicas das condutas humanas e sua relação com os processos aos quais se referem, e, ainda, a sua relação com os processos da dimensão gnosiológica (funcionamento de processos de pensamento).

A segunda questão, de viés metodológico, remete para as condições sob as quais é possível ter acesso ao agir humano, ou seja, o processo de conhecimento das propriedades do agir. Por outras palavras, refere-se às modalidades sob as quais esses processos praxiológicos se tornam acessíveis (aos atores/observadores), descritíveis e transmissíveis.

A terceira problemática relaciona-se com a dimensão formativa da análise do agir e suas potencialidades desenvolvimentais, ou seja, relaciona-se com as condições sob as quais a compreensão das propriedades desses processos pelas pessoas potencia o desenvolvimento.

No quadro da tese de Bulea, a acessibilidade ao agir é amplamente fundamentada no uso da linguagem, ou melhor, no papel, no estatuto e nos efeitos subjacentes à linguagem, assentando em duas particularidades: na dimensão *praxiológica* da linguagem e na compreensão da linguagem enquanto *atividade dinâmica* sob o efeito da qual se constroem as *representações* humanas do mundo. Nessa medida, a linguagem desempenha o papel, por um lado, “de *meio de tomada de consciência*, pela pessoa, das propriedades do seu agir – e assim de instrumento de desenvolvimento; e, por outro lado, de *meio de transmissão* aos ‘outros’ (...) dessas mesmas propriedades” (Bulea, 2010b: 24), antevendo, aqui, o carácter desenvolvimental da verbalização do agir.

Para compreender o papel que a linguagem assume nas tomadas de consciência e nos processos de desenvolvimento, Bulea aporta as suas reflexões em alguns pressupostos de Saussure (1995, 2004) que considera validados pelas teses de Vygotski ([1934]1997) e do

Interacionismo Social, nomeadamente: a dimensão *sócio-histórica* da linguagem e o estatuto integralmente *psíquico* das entidades que a compõem (os signos). De acordo com Bulea (2010b: 14), o estatuto dos *signos* evidencia que eles são “os produtos de uma combinação complexa de operações psíquicas elementares que cristalizam e estabilizam (momentaneamente) acordos sociais relativos à designação de entidades do mundo” e que, na esteira vygotskiana, a sua apropriação e interiorização desempenham um papel decisivo na constituição do pensamento consciente.

A partir destas questões, Bulea (2010b: 12) elabora uma tese que visa identificar, descrever e conceituar os processos específicos pelos quais os conhecimentos e as novas significações engendram as transformações e as reorganizações dos conhecimentos e das condutas humanas. Dessa forma, assume que na impossibilidade de aceder diretamente às propriedades do agir e suas conscientizações, constituem-se *interpretações* que se explicitam através da *linguagem*, manifestando-se esta, por sua vez, sob a forma de *textos*. E estes são entendidos como produtos de uma *atividade* (ou de um *trabalho/profissão*), implicando escolhas na utilização dos recursos linguísticos. O exame das características técnicas desse trabalho de linguagem em relação a uma atividade (ou profissão) permite identificar e conceituar os *processos* por intermédio dos quais os produtos das tomadas de consciência são *assumidos/apropriados* pelas pessoas e *interiorizados* com vista à reorganização dos sistemas de significação e das capacidades do agir.

Assim, na continuidade do pensamento saussuriano, Bulea (2010b: 15) assume que a atividade de linguagem coloca em funcionamento unidades-signos no quadro englobante dos textos, conferindo a estes um estatuto fundamental nas suas premissas, em particular a sua análise, tendo em conta três aspetos: a conceção de texto, as suas relações com as práticas humanas às quais se articulam, e a sua estruturação interna. Para a análise dos textos, Bulea aporta-se no quadro epistemológico e metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo, em duas direções: na abordagem das condições de produção dos *gêneros de textos* (i.e., a contextualização dos textos) e na abordagem da arquitetura interna dos textos, mais concretamente no que respeita à importância determinante atribuída aos *tipos de discurso* (i.e., a organização dos textos).

Das suas pesquisas e respetivo trabalho metodológico resultaram o que designou *figuras de ação*. Inicialmente designadas “registros de agir” (Bulea & Fristalon, 2004), as figuras construídas nos textos foram detalhadamente revistas e ampliadas originando,

posteriormente, a noção de *figuras de ação* (Bulea, 2010b: 16). Para a sua definição e caracterização, Bulea aponta a necessária noção de *tipos de discurso*.

A pluralidades dos tipos discursivos mobilizados no processo interpretativo constituem um modo de produção e de reorganização de significações atribuídas ao agir, participando de maneira constitutiva no processo de interpretação do agir. De acordo com Bulea (2010b: 15), os tipos discursivos são “configurações de unidades linguísticas interdependentes” e estabelecem, na sua composição e organização, relações, de um lado, com o conteúdo referencial e, de outro, com a situação de comunicação, cujo texto é o produto. Portanto, os tipos de discurso entram na composição de qualquer texto e estruturam as unidades linguísticas de posição inferior, pelo que os concebe como estruturas linguísticas “intermediárias”. Nessa relação entre conceção e organização dos textos, a outra vertente do trabalho de Bulea (2010b) assenta na abordagem do papel que as dimensões linguísticas desempenham na representação das práticas, ou mais especificamente, na influência que a dimensão linguística dos tipos discursivos exerce nas modalidades de elaboração dessas representações. Assim, para compreender o funcionamento das figuras de ação, Bulea (2010b: 75) defende que os tipos de discurso participam de maneira “constitutiva e potencialmente autónoma” no processo de interpretação do agir pelas pessoas, mediatizando, no interior de um texto, a relação que o actante produtor mantém com o conteúdo mobilizado em relação ao agir.

Nesse seguimento, Bulea (2010b: 17) apresenta as *figuras de ação* como “produtos interpretativos” (que visam o agir(-referente)) organizados pelos tipos de discurso, resultantes da articulação/cominação entre (a análise dos) tipos discursivos (como formas de organização enunciativa mobilizadas nas produções linguísticas em geral) e (a análise do) conteúdo temático da ordem do agir (mobilizado em textos particulares). Nessa *interface* entre o conteúdo temático e os tipos de discurso, Bulea (2010b: 17) acrescenta que as figuras de ação “não são nem unilateralmente dependentes das escolhas temáticas, nem unilateralmente dependentes das escolhas discursivas, mas o teor e o tom de sua dimensão interpretativa são, contudo, parcialmente restritos aos (ou dependentes dos) recursos linguísticos mobilizados”. Constituem, nessa medida, um “ponto de vista global”, a partir do qual se constroem as representações de uma tarefa ou atividade no trabalho discursivo, sendo que as escolhas de “pontos de vista” traduzem escolhas de carácter enunciativo, efetivadas pelas correspondentes *figuras*: realização linguística essa que implica o domínio dos processos linguísticos que enformam os tipos de discurso (Bulea, 2010b: 18-19). As figuras de ação são, portanto, no

entendimento de Bulea (2010b: 75), entidades semióticas amplas que englobam e reconfiguram as unidades-signos que retornam ao agir, significantes em si mesmas. Não configuram unidades linguísticas como os tipos discursivos, mas são organizados por estes, pelo que se assumem como configurações discursivas. No entanto, não funcionando ao nível micro das significações, também não se situam ao nível do texto (macro), sendo, no entanto, mobilizados nesses. Tal significa que as figuras de ação são entidades de significação supraordenadas em relação às unidades palavras e infraordenadas em relação aos textos, combinando análise temática e análise dos tipos discursivos:

A construção das figuras de ação parece assim reproduzir a tentativa de compreender o processo praxiológico (ou o agir), em um nível que é infraordenado em relação ao texto, supraordenado em relação aos signos, e em virtude das propriedades mesmas dos tipos de discurso.

Bulea, 2010b: 153

4.3. Configurações discursivas das figuras de ação

As pesquisas lideradas por Bulea tinham em perspectiva dois recortes na análise da semântica do agir: as propriedades discursivas dos (gêneros de) textos e os produtos interpretativos da textualização desse agir. As análises centraram-se em fenómenos dependentes de três níveis da textualidade: o texto (organização discursiva e plano textual), os segmentos temáticos (com base no agir e respetivos mecanismos de textualização em ocorrência) e os signos (através dos quais se codifica o *agir-referente* em si mesmo). A abordagem ao texto situou-se na sua organização e planificação de conjunto, considerando as condições de interpretação do agir. O exame dos segmentos temáticos apoiou-se, especificamente, no *agir-referente*, e alinou-se em dois sentidos: em focalizar as modalidades de compreensão do agir nesses segmentos e em examinar, por intermédio dos mecanismos discursivos aí em evidência, as figuras interpretativas do agir construídas. Assim, no quadro metodológico das figuras de ação, os tipos discursivos são os elementos preponderantes para a identificação dos processos de agentividade (marcas de pessoa) e situacionalidade (eixos temporais manifestados nos textos), resultando as figuras de ação de escolhas no seio das representações do agir que são dependentes dos tipos discursivos e, subsequentemente, desses processos. Especificamente, para identificar as figuras de ação, Bulea teve em conta as seguintes dimensões: os traços gerais da compreensão do agir, a

estrutura geral, a organização discursiva e enunciativa (tipos discursivos), o eixo de referência temporal (e eixos locais), as localizações (*repérages*) e formas verbais, a agentividade, as modalizações e outros mecanismos discursivos.

Considerando o agir-referente *trabalho*, os resultados dos trabalhos de análise de Bulea (2010b) permitiram identificar cinco configurações interpretativas (transversais e recorrentes), a saber: **ação ocorrência**, **ação acontecimento passado**, **ação experiência**, **ação canónica** e **ação definição**⁷.

A seguir, com base na proposta de Bulea (2010b: 123-148), identifico as características das cinco figuras de ação:

a) *Ação ocorrência*

Esta figura de ação constitui uma compreensão do agir-referente como contíguo à sua textualização, ou seja, a sua organização linguística caracteriza-se por um forte grau de contextualização. A construção dessa contextualização mobiliza os elementos disponíveis no ambiente imediato do actante (espaço/tempo), descrevendo uma ação do agir-referente próxima à sua transposição por via da linguagem (relação de proximidade com a situação de interação).

Estruturalmente, a figura de ação ocorrência emerge sob a forma de ajuntamento de elementos heterogêneos relacionados com o agir, ou seja, depende de uma apresentação desorganizada e desordenada de aspetos diversos. Apesar dessa desordem, os elementos do agir são duplamente situados: de um lado são compreendidos de forma correlativa por intermédio de relacionamentos sucessivos, sendo por isso mutuamente situados; de outro lado, e simultaneamente, são situados em relação ao contexto de enunciação ou à situação de produção.

⁷ Mais tarde, a partir das *figuras de ação*, Ecaterina Bulea, Eulália Leurquin e Fábio Carneiro (2013) desenvolvem um trabalho sobre o agir do professor e as figuras de ação, fazendo a distinção, ainda, entre *figuras de ação interna* e *figuras de ação externa*. Segundo os autores (2013: 116-117), as *figuras de ação interna* reportam às representações textualizadas das partes ou das dimensões do agir assumido pela fonte dessas representações (o próprio agir); e as *figuras de ação externa* dizem respeito às representações textualizadas das partes ou das dimensões do agir assumido por outros protagonistas (*coactantes* implicados no agir-referente, quer pela presença física-temporal, quer pela função social que ocupam).

No que respeita à organização discursiva e enunciativa, esta figura surge quase exclusivamente em segmentos de *discurso interativo*, admitindo múltiplas ocorrências de discurso relatado (discursos indiretos inseridos nos segmentos interativos).

Por depender do discurso interativo, o conteúdo temático mobilizado é organizado em relação direta com os parâmetros físicos e actanciais da situação de interação, permanecendo o eixo de referência temporal o dessa mesma situação, e delimitado. Em referência a este eixo, observa-se um número significativo de localizações (*repérages*) efetivadas por formas verbais específicas, pontuando localizações: i) de anterioridade – mobilização de formas do passado, sobretudo, o Pretérito Perfeito (por vezes com valor de presente concluído, compreendendo o resultado atual do ato codificado pelo verbo) e o Imperfeito; ii) de posterioridade – mobilização de formas do futuro, nomeadamente Futuro Composto e Futuro Perifrástico e, ainda, Futuro Simples; iii) de simultaneidade – mobilização da forma do Presente do Indicativo (por vezes com valor de referência local), marcando a inclusão dos processos codificados pelo verbo na duração representada da interação em curso. Estas três localizações marcam (e materializam) a temporalidade do ato de produção e podem surgir alternadas. Essa alternância pode, ainda, ocorrer com frequência e rapidez entre elas.

Para além das localizações, constata-se a criação de eixos de referência locais, sendo eles: i) (maioritariamente) delimitados - retomam o momento da realização da tarefa, pelo que os processos codificados pelos verbos são situados no interior desse eixo, ou seja, indicam a localização de “inclusão” desses processos na duração representada por esse eixo local, sendo compreendidos sob a forma de Presente com valor psicológico; ou ii) ilimitados ou sem limites (apesar de raros nesta figura de ação) - os processos são compreendidos sob a forma de Presente Genérico, constituindo-se objeto de uma localização neutra (associam-se aos conhecimentos teóricos do actante).

Do ponto de vista das marcas de agentividade, na ação ocorrência atesta-se uma implicação forte do agente nos atos constitutivos do agir, marcada pelo deítico pessoal *eu*. Assim, o actante é quase exclusivamente identificado e designado na primeira pessoa do singular, por intermédio de pronomes (pessoais e possessivos), marcando a equivalência entre a instância emissora do texto e o autor dos processos evocados, e assinalando a sua atestada e forte implicação (estatuto de ator). É possível, ainda, a ocorrência do pronome *nós*, que retoma, geralmente, complexos identificáveis, a partir do cotexto ou do contexto,

onde o actante se insere como parte de um grupo/coletivo (por vezes, também, sob a forma de complexo genérico não identificável) e cujo funcionamento é potencialmente deítico.

A ação ocorrência caracteriza-se, ainda, por comportar um número significativo de relações predicativas indiretas (em que o actante é o sujeito e, portanto, acentuando o seu estatuto de ator e a sua implicação forte), materializadas sob a forma de modalizações pragmáticas. Comporta, igualmente, inúmeras modalizações externas às relações predicativas, sobretudo modalizações deônticas (*é preciso*) e, ainda, epistémicas (*talvez, é verdade que, é certo*, entre outras), realizadas por via de formas impessoais.

b) Ação acontecimento passado

Esta figura de ação propõe uma compreensão retrospectiva do agir. O agir é contextualizado sob o ângulo da singularidade, no entanto situando-se numa relação de não contiguidade com a situação de produção de linguagem. Trata-se da delimitação e extração do passado de uma unidade praxiológica (ilustrativa do agir, face ao carácter circunstancial do seu conteúdo), sob a feição de uma “história”, que evidencia a experiência geral ou a prática ordinária do actante, e cuja contextualização existe, porém fragmentária e seletiva (Bulea, 2010b: 132).

No que concerne à organização discursiva e enunciativa, esta figura aparece em segmentos de *relato interativo*. Por tal, o conteúdo temático mobilizado é explicitamente distanciados dos parâmetros temporais da situação de interação, marcado no início do segmento por expressões temporais. Ou seja, os processos evocados são compreendidos em referência a um eixo temporal situado a montante (antes) da situação de interação.

Embora se verifique esse distanciamento entre os parâmetros temporais e os parâmetros da situação de interação, no que remete à agentividade, o actante permanece atestadamente implicado no evento narrado, sendo essa implicação marcada pela presença massiva do pronome *eu*, tal como na figura de ação ocorrência. No entanto, nesta figura, o seu funcionamento difere daquela na medida em que o destinatário do agir é designado de forma genérica, assumindo a função de fonte de série isotópica, assegurada pelo pronome pessoal de terceira pessoa como ligação anafórica.

Relativamente à coesão verbal (localizações e formas verbais), esta é assegurada por mecanismos que advêm especificamente do relato: a localização dos processos codificados pelos verbos em relação ao eixo de referência temporal é interna, sendo as mais recorrentes as localizações isocrónicas. Estas localizações reproduzem a ordem dos factos narrados e são, por um lado, efetivadas pela presença de organizadores temporais/expressões temporais (que ocorrem, por norma, no início do segmento) e, por outro lado, pelas formas verbais de Pretérito Perfeito e Imperfeito. Estas formas verbais, para além da localização, asseguram uma função de contraste, assinalando a oposição entre os processos postos num primeiro plano (anterior) e codificados pelo Pretérito Perfeito (a atorialidade coincide com os processos compreendidos); e os processos postos em segundo plano (passado) e codificados no Imperfeito (relativos a outras variáveis do contexto que não o actante – a situação, outros protagonistas, entre outros).

A organização linguística da ação acontecimento passado é, ainda, marcada por outros mecanismos discursivos e característicos do relato interativo em geral, para além das i) localizações isocrónicas, que constroem a figura com base na compreensão da agentividade e dos atos constitutivos do agir (função de contraste assegurada pelas formas verbais), nomeadamente: ii) a ausência de localizações proactivas (apresentação dos processos como posteriores ao processo narrado); e iii) a sobreposição entre propriedades discursivas e recursos linguísticos próprios do relato interativo, de um lado e, do outro, a estruturação dos factos narrados relevantes do esquema narrativo prototípico. Esta última característica confere à ação acontecimento passado uma estruturação simultaneamente contrastiva e cronológica, evidenciada pelos traços da oralidade do relato e o esquema narrativo prototípico, sustentando o seu estatuto de “evento” e adquirindo um carácter individual por refletir a experiência passada comum do actante.

c) Ação experiência

A ação experiência configura uma compreensão do agir-referente pela cristalização pessoal de múltiplas ocorrências (do agir) vividas. Corresponde a uma espécie de balanço da experiência singular do actante, a partir da sedimentação, des-singularização e des-contextualização de repetidas práticas de uma mesma tarefa em situações diversas. Apesar de descontextualizada (de um contexto singular) e abstrata, ela é recontextualizável, sendo

passível de ser adaptada pelo actante, pois é construída e assumida por ele e aplicável a cada contexto particular. Assim, a ação experiência procede da identificação, apreensão e entrecruzamento de duas ordens de traços ligados ao agir: os constituintes estáveis e incontornáveis do agir com forte recorrência; e as características próprias aos actantes, de seus modos de fazer que transgridem a singularidade das situações.

Do ponto de vista discursivo e enunciativo, a figura de ação experiência organiza-se, sobretudo, sob a forma de *discurso interativo*. Embora partilhe esta característica com a figura de ação ocorrência, distingue-se desta, essencialmente, pelo eixo de referência temporal: contrariamente à figura de ação ocorrência, a figura de ação experiência estrutura-se sob um único eixo, homogêneo (ausência de eixos locais) e não delimitado. Por tal, é marcado por advérbios generalizantes e com valor de reiteração (*sempre, normalmente*, entre outros) e por sintagmas preposicionais e nominais com esse valor genérico e reiterativo (*de todo modo, de qualquer forma*, entre outros).

Dessa forma, e no que concerne às localizações, não comporta nenhuma localização, ou melhor, as localizações são neutras, realizadas pelas formas de Presente Genérico e pela presença de organizadores temporais (justaposição cronológica de processos). Portanto, as marcas características desta figura são neutras, com ausência de marcas (localizações) proactivas ou retroativas, pelo que a organização discursiva desta figura procede por justaposição de processos, que reproduzem, tendencialmente, a ordem cronológica da atividade.

Relativamente à sua estruturação, essa compreensão cronológica comporta uma abundância de marcas de variabilidade, o que lhe confere uma estruturação temporal elástica. Essas marcas de variação assinalam os pontos de bifurcação do agir (ou que reorientam o curso do agir), destacando-se: i) as estruturas em si (*se + qualquer coisa*), ii) as estruturas verbais (repetição de um elemento verbal nuclear – *ver + x, ver + y*); e iii) a alternância das formas afirmativa e negativa (*fazer ou não fazer*, entre outros).

No que respeita ao aspeto agentivo, observa-se a coexistência e cofuncionamento de múltiplas formas pronominais (*eu, tu, nós*, pronome indefinido *se*, entre outras), com destaque para a forma *tu* com valor genérico. Tal atesta a dissociação entre o autor do processo evocado e o autor da atividade de linguagem, traduzindo o distanciamento do actante em relação ao agir e, portanto, com implicação mais fraca. O actante assume, dessa

forma, um duplo estatuto: de instância de auto-regulador de bifurcações do agir e de lugar de capitalização e dessingularização das experiências vividas.

Relativamente às modalizações, são mais frequentes que na ação ocorrência, especificamente no que concerne às modalizações epistémicas e deônticas, estas últimas, sobretudo, externas à relação predicativa (*é preciso*). Ainda sobre as modalizações, verifica-se a presença de modalizações apreciativas e uma diminuição substancial de modalizações pragmáticas, contrariamente ao que se sucede na figura de ação ocorrência.

d) *Ação canónica*

Na figura de ação canónica o agir é captado e compreendido sob a forma de construção teórica, ou seja, a ação do ponto de vista da sua construção teórica, fazendo abstração do contexto em que se desenvolve e das propriedades do actante que a efetua. É uma forma de construção teórica, prototípica e neutra, com uma estrutura cronológica (prototípica) do curso do agir e/ou das normas em vigor que o regem. Independentemente do ângulo de conduta adotado, propõe uma lógica da tarefa que se apresenta como a-contextualizada, com validade geral e cuja responsabilidade é imputada a uma instância normativa/institucional exterior ao actante.

Do ponto de vista enunciativo e discursivo, a ação canónica organiza-se exclusivamente sob o eixo do Expor, quer em segmentos de *discurso teórico*, quer mesclando-se este com o *discurso interativo*, resultando num *discurso misto teórico-interativo*.

Assim, em relação ao eixo de referência temporal, esta figura de ação caracteriza-se pela evocação genérica dos factos, que não se relacionam nem com a situação de interação, nem com qualquer referência de origem temporal, pelo que o eixo temporal é não delimitado e não marcado. Nessa medida, não comporta nenhuma localização, sendo que os processos são compreendidos por formas verbais de Presente Genérico, traduzindo uma organização cronológica do processo. Essa ordem cronológica, contrária à da figura de ação experiência, não comporta marcas de variação nem admite bifurcações possíveis no curso de agir: a sua estruturação geral é expressa por intermédio de uma organização frásica recorrente, invariável, correspondente à estrutura canónica *sujeito – verbo – complemento* e,

ainda, pode comportar estruturas argumentativas efetivadas por organizadores lógico-argumentativos (*por isso, pois, então*, entre outros).

No plano agentivo, observa-se a presença da forma pronominal *se*, que não remete aos participantes da interação em curso e que marca uma instância agentiva coletiva e neutra, adquirindo o estatuto da noção de *agente*.

Decorrente da atorialidade neutralizada, o seu estatuto de agente é marcado pela ausência de relações predicativas indiretas sendo as modalizações observáveis, nesta figura, quase exclusivamente externas às relações predicativas e assinalando modalizações deônticas (*é preciso*).

e) *Ação definição*

A figura de ação definição caracteriza-se pela apreensão do agir enquanto objeto de reflexão, na qualidade de suporte e de alvo de uma nova (re)definição por parte do actante. O agir é concebido como um “fenómeno no mundo” (Bulea, 2010b: 144-145), originando uma atividade de investigação e de posicionamento que consiste, por um lado, na captação das características e do estatuto do agir e, por outro, na observação das atitudes socioprofissionais que se manifestam sobre si. Tal significa que, ao contrário das outras figuras de ação, a ação definição desprende-se de traços discriminatórios, ou seja, é descontextualizada, na medida em que a sua construção não mobiliza elementos disponíveis no contexto imediato do actante. Por outras palavras, não tematiza os actantes, nem a organização cronológica do agir, nem os componentes praxiológicos, mas encerra em si traços que asseguram a identidade do agir, circunscrevendo-o e delimitando-o face a outras formas de agir/atividade.

Na dimensão discursiva e enunciativa, à semelhança da ação canónica, insere-se em segmentos organizados sob a modalidade do Expor, que relevam do *discurso teórico* (sobretudo) e, possivelmente, do *discurso misto teórico-interativo*.

Em relação ao eixo de referência temporal, é sempre não limitado com predomínio da forma verbal de Presente Genérico. Diferencia-se, no entanto, da ação canónica, pelo facto de as formas verbais de Presente Genérico se basearem, excecionalmente, nos processos (e nos gestos e nos atos) relacionados com o agir em si, o que comporta, discursivamente, um número reduzido de relações predicativas fortes (*sujeito + verbo*) e, em

contrapartida, mobiliza relações predicativas constituídas por construções impessoais. Essas construções impessoais assumem-se com o verbo *ser* (ou *ter*), nomeadamente na forma *é* (ou *tem*), e inserem-se em estruturas recorrentes em que *é* é precedido de um sintagma nominal ou adjetival (*É/Há + qualquer coisa*). Constituem-se, de um lado, com o verbo *ser* enquanto verbo “fraco”, isto é, como marca de atribuição de propriedade; e, de outro lado, com o verbo *ter* com valor de identificador-introdutor de um “sujeito real” (Bulea, 2016: 205). A ocorrência das construções impessoais configuram retomas anafóricas integrais do próprio signo que codifica o agir(-referente), sendo o seu valor, no discurso, por intermédio daquelas, objeto de reatualização, recomposição e reorientação ocorrencial.

Quanto à agentividade, é quase nula, situação essa exclusiva da figura de ação definição. Em contrapartida, e em contraste com as outras figuras de ação, esta é fortemente marcada no plano enunciativo, comportando o maior número de mecanismos de posicionamento enunciativo. Nessa medida, a responsabilidade e atorialidade (do actante) estão investidas e transferidas sobre o próprio ato de “dizer o agir”, materializadas, sobretudo, por modalizações epistémicas (*é verdade que, é possível que, verdadeiramente, talvez*, entre outras), apreciativas e/ou, ainda, deônticas (*é necessário*, entre outros), externas à relação predicativa.

De modo esquematizado, coloco em perspetiva, na figura que se segue, as cinco figuras de ação e suas respectivas características diferenciais:

| FIGURAS DE AÇÃO | | | | | |
|---|--|--|---|---|---|
| | Ocorrência | Acontecimento passado | Experiência | Canônica | Definição |
| Tipo de discurso | <i>Discurso interativo</i> (discurso relatado) | <i>Relato interativo</i> | <i>Discurso interativo</i> | <i>Discurso teórico</i> (misto interativo-teórico) | <i>Discurso teórico</i> |
| Agentividade | Implicação forte (estatuto de ator) <i>eu</i> | Implicação atestável <i>eu</i> | Implicação fraca <i>tu, (eu, se)</i> | Implicação neutra <i>se</i> | Implicação nula |
| Eixo de referência temporal | Situação de interação (eixos locais) | A montante (marcado) | Não delimitado (marcado) | Não delimitado (não marcado) | Não delimitado |
| Localizações (formas verbais) | Sim., Ant., Post. Pres., Pps, Fut Per. | Isocrônicas Pps, Imp. | Neutras Pres. Gen. | Pres. Gen. | Formas impessoais <i>ser/ter</i> |
| Modalizações (predominantes) | M-PRAG M-DEON M-EPIS | | M-EPIS M-DEON M-APR | M-DEON | M-EPIS M-APR M-DEON |
| Estrutura geral | Apresentação desorganizada | Esquema narrativo Organização temporal cronológica | Cronologia elástica | Processo de justaposição S-V-Cpl | <i>É qualquer coisa...</i> <i>Há qualquer coisa...</i> |
| Traços gerais da compreensão do agir | O agir é captado na simultaneidade do pôr em forma linguística, com uma forte contextualização | O agir é captado de forma retrospectiva, delimitando e extraindo do passado uma unidade praxiológica ilustrativa do agir | O agir é captado a partir da cristalização pessoal de múltiplas ocorrências vividas | O agir é captado sob forma de construção teórica | O agir é captado enquanto objeto de reflexão, em termos de redefinição por parte do actante |

Figura 17. Características diferenciais das figuras de ação [adaptada de Bulea, 2009: 150; 2010b: 123-148]

4.4. A emergência das figuras de ação

A emergência das figuras de ação resulta de uma *dupla heterogeneidade*: temática e discursiva. Heterogeneidade temática na medida em que a ordem mundana do agir não predetermina a construção temática das produções de linguagem: ou seja, os temas e/ou subtemas sobre um determinado agir podem variar de um para outro texto do ponto de vista da sua presença/ausência. Por outras palavras, as figuras de ação não procedem de nenhuma predeterminação unilateral e/ou extralinguística, ou seja, têm autonomia. Heterogeneidade discursiva no sentido de que os tipos discursivos mobilizados variam no curso do agir, não

se observando nenhuma relação biunívoca entre um determinado tipo de discurso e o conteúdo temático: ou seja, um determinado tema não convoca, necessariamente, uma certa forma linguística (tipo de discurso), porém é potencialmente estruturável de acordo com uma dada organização discursiva, podendo existir uma “combinação preferencial de um certo tema e de uma certa organização discursiva” (Bulea, 2010b: 152). Isto significa que a estrutura de conjunto das produções verbais admite um fenómeno que decorre (da complexidade) do processo interpretativo: a *alternância das figuras de ação*.

A alternância das figuras de ação resulta da construção e apreensão de ângulos de compreensão do agir-referente distintos entre si, no entanto orientados para a mesma realidade, o que significa que a produção das figuras de ação releva de um processo permanente de escolhas (do agente) efetuadas, em simultâneo, sobre as dimensões temática e discursiva. Nessa medida é possível, no curso de um mesmo texto (ou de um mesmo segmento temático), integrar progressivamente múltiplas (dimensões/modalidades das) figuras de ação, mobilizadas em organizações discursivas diferentes, pelo que o processo de construção de significação “é discursivamente gerado (*gerido*)” (Bulea, 2010b: 161). Esta variabilidade de ângulos de atuação não decorre da diversidade dos géneros textuais ou da pluralidade das organizações temáticas num texto, antes depende do nível enunciativo, mais especificamente da heterogeneidade da organização discursiva atestável numa produção de linguagem ou, ainda, no quadro de um mesmo segmento particular (Bulea, 2010b: 150). Tal evidencia, no entanto, a dificuldade em articular e integrar, numa única figura de ação, o conjunto das dimensões que o agir comporta⁸, o que lhes confere, face ao agir, um “carácter incompleto ou parcial” (Bulea, 2010b: 153). Não obstante, a coocorrência de uma pluralidade de figuras de ação, num mesmo texto (ou segmento temático), compensa a incompletude e a parcialidade de um determinado ângulo de atuação, na medida em que possibilita a integração progressiva de diversos aspetos do agir. E essa integração “é de ordem propriamente *significante*” (Bulea, 2010b: 155), representando “uma possibilidade dentre outras de compreender o ‘mesmo’ agir, mas constituindo um quadro de *integração* de um certo elemento num conjunto coerente”, participando a pessoa “na (e da) construção de significação do agir” (Bulea, 2010b: 159).

⁸ Bulea (2010b: 154) evidencia a dificuldade, por exemplo, em integrar numa única figura diversos componentes, como o actante (e suas motivações, intenções, capacidades e responsabilidades), as avaliações externas e os determinismos socioprofissionais que se exercem sobre o agir, a organização temporal ou cronológica, entre outros. Tal significa que umas dimensões são mais contempladas que outras na mobilização de figuras de ação.

A emergência das figuras de ação resulta, ainda, do próprio trabalho de elaboração das figuras pelo indivíduo e do teor desse processo morfogenético. Esse processo morfogenético solicita, em simultâneo, os planos do *conteúdo* e da *expressão*, e consiste “na efetuação de *cortes interpretativos* que se referem ao agir, explorando as configurações discursivas colocadas socialmente à disposição, pela língua” (i.e., os tipos discursivos), e, dessa forma, engendrando “*estruturas* propriamente *significantes*, apresentando um carácter de dupla-face” (Bulea, 2010b: 152). Assim, as figuras de ação constituem-se como entidades supraordenadas em relação às unidades-signos do tamanho da palavra e, mutuamente, “englobando-as” (Bulea, 2010b: 153). Ou seja, para além de serem “configurações discursivas ‘aplicadas’ ao agir, as figuras de ação constituem entidades semiológicas que permitem a colocação em movimento das unidades linguísticas infraordenadas a que se endereçam” (Bulea, 2016: 209).

De acordo com Bulea (2010b: 153), o estatuto das figuras de ação como *entidades significantes* funda-se na teoria saussuriana do signo, pois, à semelhança do estatuto desse signo, compartilham algumas das suas propriedades semiológicas, constituindo-se como “*entidades globais diferenciais* ou se diferenciando por sua vez uma das outras, sem que essa diferenciação obedeça à estruturação mundana efetiva do agir-referente”. Bulea (2016: 209) assume as figuras de ação como entidades globais diferenciais por preservarem integralmente as propriedades gerais dos signos - o carácter bifacial, diferencial e a natureza psíquica -, na seguinte medida: i) a bifacialidade porque possuem dois vértices – o *conteúdo*, construído em referência ao agir, e o vértice *expressão* construído pelos tipos discursivos; ii) o carácter psíquico porque mobilizam, atualizam e reestruturam as representações e os conhecimentos (relativos ao agir, às suas dimensões e aos tipos discursivos) do actante no curso da atividade de linguagem; e iii) a natureza diferencial (e contrastiva) porque advêm da textualidade, ou seja, ao serem construídas no interior da textualidade exploram os recursos linguísticos e seus *conjuntos de diferenças* (diferenças entre tipos discursivos, entre formas verbais, entre unidades pronominais, entre unidades deíticas, e outras) em funcionamento na língua. No que respeita às propriedades específicas dos signos linguísticos - a arbitrariedade radical, o carácter discreto e linear -, apresentam, segundo Bulea (2016: 211), oscilações, transformações e, inclusive, complexificações dessas características: i) o carácter linear é totalmente preservado e evidencia-se pelo facto de as figuras de ação não ocorrerem, de modo algum, em sobreposição, ou seja, sucedem-se; ii) a arbitrariedade é parcialmente preservada, na medida em que não parece, tendencialmente,

existir uma relação necessária entre determinado tema e determinada organização discursiva, embora surjam algumas afinidades; e iii) o carácter discreto assume algum enfraquecimento por postular que o início e o fim das figuras de ação são geridos textualmente e não de forma sistémica. Quer isto dizer que, ao contrário das unidades da língua, as figuras de ação não admitem, entre si, uma organização associativa, nem são cristalizáveis. Para além disso, dada a sua extensão e complexidade, as entidades semiológicas da ordem das figuras não permitem a realização de operações predicativas entre si, no entanto, enquadram-nas. Embora não permitam a realização dessas operações, possibilitam outras, textuais e semióticas – (macro)encadeamentos temáticos, alternâncias, encaixes, tensões sémicas, exteriorização e manifestação de séries associativas através de isotopias, entre outras.

As figuras de ação apresentam-se, por tal, como reconfigurações do agir na e pela linguagem, servindo como ponto de partida na estruturação e organização do conteúdo temático de um texto, já que não são estanques, antes pelo contrário, emergem de um fundo (que advém da textualidade) e são exportáveis. Tal evidencia o seu carácter dinâmico, auto-criador de significação e de índole morfogenética, sustentando-se “a existência de unidades semiológicas deste tipo de um processo morfogenético sempre a (re)fazer” (Bulea, 2016: 211).

Estas considerações sobre a emergência das figuras de ação evidenciam que a interpretação do agir é um processo simultaneamente gnosiológico e praxiológico, ou seja, mobiliza em simultâneo mecanismos psíquicos (gnosiologia) e a (atividade de) linguagem (praxiologia). E as figuras de ação, no quadro desse trabalho interpretativo do agir, funcionam como o produto de um esquema dialético que relaciona, em simultâneo, os diversos conhecimentos e representações do actante relativos ao agir e as formas de organização discursiva, cuja estruturação reorganiza esses conhecimentos e representações por intermédio da própria atividade de linguagem.

Segundo Bulea (2010b), as figuras de ação complementam a abordagem do *desenvolvimento*, elaborada por Vygotski e recuperada por Bronckart. Assim, considerando Vygotski ([1934]1997) que a pessoa se constitui na interseção entre os pré-construídos do mundo sócio-histórico de que dispõe desde criança e os procedimentos de apropriação e interiorização das propriedades desses pré-construídos, transformando o psiquismo herdado (funções psíquicas inferiores) em capacidades de pensamento consciente (funções psíquicas superiores), as figuras de ação complementam esse esquema desenvolvimental na medida

em que “constituem macrocortes interpretativos, portadores do *debate gnosiológico relativo ao agir*” (Bulea, 2010b: 163). Por outras palavras, a alternância das figuras de ação constitui o processo de apropriação e interiorização do debate social que a envolve, em que, a partir de várias figuras interpretativas coocorrentes desse agir, este é reconfigurado numa tentativa de “construção de uma certa coerência global do agir (...), desembocando na (...) atribuição de nova(s) significações para o que as pessoas fazem e são” (Bulea, 2010b: 163-164). E ao serem organizadas pelos tipos de discurso - eles próprios estruturas linguísticas que colocam em interface as representações coletivas e individuais -, as figuras de ação asseguram a colocação em interface dessas mesmas representações quando relacionadas com o agir, adquirindo o estatuto de *processo interpretativo potencialmente desenvolvimental* (Bulea, 2010b: 167).

4.5. Contributo das figuras de ação para a análise da implicação

Na ótica de Bulea (2010b: 19), as suas hipóteses interpretativas constituem *pistas de reflexões*, admitindo que o exame das figuras de ação que desencadeou é válido para as suas análises, mas possível de ser exportado para outros textos, no quadro de outras atividades e aliado a outros dispositivos de análise das práticas. Estender o procedimento (ou metodologia) de compreensão do agir configura uma forma de enriquecer os estudos que englobam as figuras de ação e potenciar desdobramentos dos procedimentos: uma vez que são exportáveis, não são estanques e emergem da textualidade, podem potenciar a construção de novas figuras interpretativas do agir.

Partindo desta hipótese de Bulea, e da minha questão central de investigação, procedo à exportação da noção de *figuras de ação* de Bulea para o meu trabalho de análise. A decisão de integrar as figuras de ação na análise resulta do facto de, tal como Bulea atesta, constituírem pontos de vista sobre o agir que traduzem escolhas de carácter enunciativo concretizadas pelos tipos linguísticos. Tendo em conta que os tipos de discurso participam de maneira constitutiva no processo de interpretação do agir e que as figuras de ação são as formas interpretativas que visam o agir organizadas pelos tipos de discurso, assumo que as figuras de ação contribuem para a análise da implicação. Ao configurarem representações do agir, assumo, igualmente, no meu trabalho, que permitem perceber como se constrói a representação da liderança do agente de produção. Na medida em que as figuras de ação

resultam da combinação entre a análise dos tipos discursivos como formas de organização enunciativa mobilizadas nas produções linguísticas e na análise do conteúdo temático da ordem do agir, a análise das figuras de ação pressupõe a análise linguística. No quadro metodológico das figuras de ação, os tipos discursivos são os elementos que possibilitam a identificação dos processos de agentividade (marcas de pessoa: marcas linguísticas e enunciativas/marcas de implicação) e situacionalidade (eixos temporais manifestados nos textos), resultando as figuras de ação das escolhas no seio das representações do agir que dependem desses processos.

Sustentada na hipótese de que há formas de implicação diferentes no processo de produção textual, que resultam em modelos distintos de liderança construídos discursivamente e visivelmente marcados, parto da análise linguística e enunciativa e exporto a noção de *figuras de ação* para o trabalho interpretativo. Nessa medida, pretendo verificar como as mulheres em posição de liderança se implicam no texto e como o seu agir pode configurar uma atitude (efetiva e/ou específica) de liderança. Tendo em consideração que as figuras de ação serão aplicadas em contextos distintos daqueles em que decorreu a sua emergência – outros gêneros de textos, outras atividades e outro agir-referente -, coloco em perspectiva a suficiência ou insuficiência das figuras de ação nas representações construídas textual e linguisticamente sobre o agir de mulheres em posição de liderança. Nesse alinhamento, assumo a possibilidade de emergirem da análise textual figuras de ação novas na sua relação com o agir-referente que as mobiliza e às suas especificidades linguísticas, propondo, nesse caso, a noção de *figura de ação liderança*.

III. ASPETOS PROCEDIMENTAIS DE ANÁLISE

A partir da exposição teórico-metodológica desenvolvida no capítulo anterior, exponho, nesta etapa, os aspetos procedimentais que orientam a análise textual. Assim, apresento, no primeiro ponto, os critérios selecionados para a constituição e organização do *corpus* de análise; no segundo ponto, faço uma breve descrição do género textual do *corpus*; no terceiro, enuncio os objetivos que norteiam a análise; e, no quarto ponto, demonstro como se processará a análise textual e respetivo estudo comparativo, dando conta da sua moldura teórico-metodológica.

1. Constituição do *corpus* de análise

Para a constituição do *corpus* de análise seleccionei 12 textos. Esta seleção orientou-se por dois grupos de critérios: os critérios gerais e os critérios específicos.

Como critérios gerais de seleção dos textos, defini um *critério principal* e um *subcritério*. O critério geral principal resulta da questão de investigação - mostrar como as mulheres em posição de liderança se implicam no texto -, pelo que seleccionei 6 textos de mulheres pioneiras em posições de liderança em Portugal. O subcritério geral subordina-se ao critério principal, e resulta da necessidade de enquadrar um estudo comparativo, integrando, também, 6 textos de homens produzidos no âmbito das mesmas atividades socioprofissionais que os textos produzidos por mulheres.

Como critérios específicos de seleção do *corpus*, defini os *agentes de produção*, a *posição de liderança*, a *atividade*, a *finalidade*, a *temporalidade* e o *suporte*, que estabelecem entre si uma relação interdependente, como a seguir identifico e pormenorizo.

Quanto aos *agentes de produção*, os textos foram produzidos por 6 mulheres e por 6 homens e resultam nos seguintes:

| AGENTES DE PRODUÇÃO | | | |
|---------------------|-----------------------------|------------------------------|--------|
| MULHERES | Maria de Lourdes Pintasilgo | Carlos Alberto da Mota Pinto | HOMENS |
| | Assunção Esteves | Jaime Gama | |
| | Maria da Glória Garcia | Manuel Braga da Cruz | |
| | Isabel Mota | Artur Santos Silva | |
| | Marisa Matias | Edgar Silva | |
| | Ana Gomes | João Ferreira | |

Figura 18. Agentes de produção

A seleção dos agentes de produção está relacionada com outro critério: a *posição de liderança*. O termo *posição de liderança* refere todos os agentes de produção que se assumem em posições de relevo sociopolítico na ocupação ou na candidatura à ocupação de cargos públicos, independentemente da finalidade da produção textual.

No que respeita à posição de liderança, a opção pelos agentes de produção femininos relaciona-se com o critério geral principal de seleção dos textos: mulheres pioneiras em posições de liderança em Portugal.

Assim, Maria de Lourdes Pintasilgo foi a primeira mulher a ocupar o cargo público de Primeira-ministra; Assunção Esteves de Presidente da Assembleia da República; Maria da Glória Garcia de Reitora da Universidade Católica Portuguesa; Isabel Mota de Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian; Marisa Matias foi a primeira mulher a atingir votos eleitorais recordes na candidatura ao cargo público de Presidente da República, nas presidenciais de 2016; e Ana Gomes conquistou, igualmente, votos eleitorais recordes na candidatura ao cargo público de Presidente da República, sendo, contudo, a primeira mulher a ocupar o 2º lugar nos resultados eleitorais nas presidenciais de 2021, ultrapassando a recordista Marisa Matias no sufrágio de 2016.

A opção pelos agentes de produção masculinos corresponde ao subcritério geral de seleção dos textos, que resulta da necessidade de integrar um estudo comparativo com 6 textos de homens produzidos no âmbito das mesmas atividades socioprofissionais que os textos produzidos por mulheres.

Dessa forma, Carlos Alberto da Mota Pinto constitui-se como o antecessor de Maria de Lourdes Pintasilgo na ocupação do cargo público de Primeiro-ministro; Jaime Gama como o antecessor de Assunção Esteves (Presidente da Assembleia da República); Manuel

Braga da Cruz como o antecessor de Maria da Glória Garcia (Reitor da Universidade Católica Portuguesa); Artur Santos Silva como o antecessor de Isabel Mota Garcia (Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian); Edgar Silva representa o candidato às presidenciais 2016 posicionado abaixo de Marisa Matias nos resultados eleitorais; e João Ferreira, alinhado pelo mesmo critério, é um dos candidatos às presidenciais 2021 em posição inferior a Ana Gomes.

O critério *posição de liderança* relaciona-se, também, com o critério *atividade*, uma vez que os agentes de produção e as posições de liderança que assumem estão associados às atividades socioprofissionais em que os textos são produzidos. Assim, a maior parte dos textos relaciona-se com a *atividade política*, à exceção dos textos produzidos na ocupação da reitoria da Universidade Católica Portuguesa, que correspondem à *atividade académica*, e à exceção dos textos produzidos na ocupação da presidência da Fundação Calouste Gulbenkian, que se relacionam com a *atividade cultural*.

O critério *finalidade* surge associado aos três anteriores: os agentes de produção, a posição de liderança e a atividade. Os textos organizam-se em três finalidades de produção: a apresentação do programa do governo no âmbito da ocupação de um cargo público; a tomada de posse de um cargo público; e a candidatura a um cargo público.

Especificamente, os textos de Maria de Lourdes Pintasilgo e do seu antecessor foram produzidos para apresentar o programa do governo que os agentes de produção presidem na posição de liderança de Primeira/o-ministra/o. Os textos produzidos pelos agentes na posição de liderança de Presidentes da Assembleia da República, de Reitora e Reitor da Universidade Católica Portuguesa e de Presidentes da Fundação Calouste Gulbenkian, apresentam a mesma finalidade – a tomada de posse de um cargo público. Diferencia-os, no entanto, a *atividade* (social) representada nas posições de liderança assumidas: os primeiros relacionam-se com a atividade política (Presidência da Assembleia da República); os segundos com a atividade académica (Reitoria da Universidade Católica Portuguesa); e os últimos com a atividade cultural (Presidência da Fundação Calouste Gulbenkian). Por fim, os textos de Marisa Matias e de Edgar Silva, e de Ana Gomes e de João Ferreira foram produzidos com a finalidade de os agentes de produção se candidatarem ao cargo público de Presidente da República. Diferencia-os, contudo, a *temporalidade*: os textos de Marisa

Matias e de Edgar Silva foram produzidos nas presidenciais de 2016 e os textos de Ana Gomes e de João Ferreira nas presidenciais recentes, de 2021.

O critério *temporalidade* do contexto de produção dos textos do *corpus*, para além de ser um critério de seleção diferenciador entre eles, apresenta outra particularidade. Assim, optei por textos recentes, tendo sido produzidos, a maior parte, entre 2011 e 2020, salvo os textos produzidos na ocupação do cargo de Primeira/o-ministra/o, datando o texto de Maria de Lourdes Pintasilgo de 1979 e o do seu antecessor de 1978. Quanto aos textos recentes, o de Assunção Esteves (Presidente da Assembleia da República) foi produzido em 2011 e o do seu antecessor em 2005; o de Maria da Glória Garcia (Reitora da Universidade Católica Portuguesa) foi produzido em 2012 e o do seu antecessor em 2000; o de Isabel Mota (Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian) foi produzido em 2017 e o do seu antecessor em 2012. Mais recentes ainda, destaco os textos de candidatura às presidenciais, sendo que os que remetem para as presidenciais de 2016 foram produzidos em 2015, e os que remetem para as presidenciais de 2021 foram produzidos em 2020.

Para além da temporalidade ser a característica de diferenciação entre os textos produzidos pelas/os candidatas/os à ocupação do cargo público de Presidente da República, a opção por integrar os textos das presidenciais de 2021 advém do seu carácter extremamente recente, o que acentua a relevância da amostra. No entanto, justifica, igualmente, o lapso temporal na constituição do *corpus*, uma vez que todos os textos foram reunidos entre 2016 e 2017, à exceção deste grupo de textos que só puderam ser acedidos em 2020, ano em que foram produzidos.

Por último, ainda que menos dependente dos critérios acima mencionados, importa referir o *suporte*. Os textos apresentam duas configurações: textos em suporte impresso e textos em suporte digital. Assim, os textos em suporte impresso foram recolhidos com recurso a textos publicados em livro, como o texto de Carlos Alberto da Mota Pinto (integra a obra *Servir Portugal*, 1986, da sua autoria); e o texto de Manuel Braga da Cruz (integra a obra *Os dias da Universidade e outras intervenções*, 2012, também da sua autoria). Os textos em suporte digital foram recolhidos i) por intermédio da Internet, em sítios web/páginas oficiais, como o texto de Maria da Glória Garcia, descarregado e fixado através de *print-screen*, para contornar a intrínseca e intensa caducidade dos textos em circulação na

Internet, salvaguardando o seu conteúdo; ii) por contacto direto com instituições representadas pelos agentes de produção, via correio electrónico, como a Assembleia da República (textos de Assunção Esteves e de Jaime Gama), a Fundação Calouste Gulbenkian (textos de Isabel Mota e de Artur Santos Silva), o grupo partidário PCP (textos de Edgar Silva e de João Ferreira), o Centro de Documentação 25 de abril e a Fundação Cuidar o Futuro/Arquivo Pintasilgo (texto de Maria de Lourdes Pintasilgo); e por contacto direto com os próprios agentes de produção visados, via correio electrónico, como as candidatas às eleições presidenciais Marisa Matias e Ana Gomes. Saliento, ainda, que a integração e a reprodução dos textos na tese foram devidamente autorizadas, quer pelas entidades institucionais, quer pelos próprios autores visados.

Expostos os critérios de seleção dos textos do *corpus*, apresento os critérios da sua organização.

De um lado, para mostrar a constituição do *corpus*, que estabeleço em contraste de autoria, dividi os 12 textos em 6 grupos. A cada grupo associo a letra G (inicial de *Grupo*) e um número para os distinguir, de 1 a 6, resultando nas designações G1, G2, G3, G4, G5 e G6. Cada um desses grupos integra dois textos – o texto produzido pela mulher e o texto produzido pelo homem, no âmbito das mesmas posições de liderança e no exercício das mesmas atividades socioprofissionais. Esta designação em termos de *Grupo* será útil, apenas, para mostrar a constituição e a organização do *corpus* em contraste de autoria.

De outro lado, para facilitar a referência aos textos e respetivos agentes de produção, no plano da análise textual, estabeleço as designações genéricas **TM** para referir os textos de mulheres pioneiras e **TH** para mencionar os textos de homens, seus correspondentes no cargo público representado. A cada uma destas designações associo um número de 1 a 6, sendo que tanto os textos de mulheres como os de homens se designam de 1 a 6. Esta opção resulta do facto de integrarem o mesmo *Grupo*, igualmente referido em termos numéricos de 1 a 6 (G1 a G6), pelo que o que distingue os textos em termos de autoria é o binómio TM-TH.

Em suma, o *corpus* apresenta a seguinte configuração:

| Corpus de análise | | | | | | | | | | | | |
|----------------------|-----------------------------|------------------------------|---------------------------------------|------------|--|----------------------|--|--------------------|---------------------------------------|-------------|---------------------------------------|---------------|
| Grupo | G1 | | G2 | | G3 | | G4 | | G5 | | G6 | |
| Designação | TM1 | TH1 | TM2 | TH2 | TM3 | TH3 | TM4 | TH4 | TM5 | TH5 | TM6 | TH6 |
| Agente de produção | Maria de Lourdes Pintasilgo | Carlos Alberto da Mota Pinto | Assunção Esteves | Jaime Gama | Maria da Glória Garcia | Manuel Braga da Cruz | Isabel Mota | Artur Santos Silva | Marisa Matias | Edgar Silva | Ana Gomes | João Ferreira |
| Posição de liderança | Primeira/o-ministra/o | | Presidente da Assembleia da República | | Reitora/Reitor da Universidade Católica Portuguesa | | Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian | | Candidata/o a Presidente da República | | Candidata/o a Presidente da República | |
| Atividade | Política | | Política | | Académica | | Cultural | | Política | | Política | |
| Finalidade | Apresentação do governo | | Tomada de posse | | Tomada de posse | | Tomada de posse | | Candidatura | | Candidatura | |
| Género textual | Intervenção pública | | | | | | | | | | | |
| Temporalidade | 1979 | 1978 | 2011 | 2005 | 2012 | 2000 | 2017 | 2012 | 2015 | 2020 | | |
| Suporte | Digital | Impresso | Digital | | Digital | Impresso | Digital | | Digital | | Digital | |

Figura 19. *Corpus de análise*

Os textos do *corpus* foram integrados na tese, conforme rececionados, e podem ser consultados em anexo: o TM1 no Anexo B.2.; o TM2 no Anexo B.3.; o TM3 no Anexo B.4.; o TM4 no Anexo B.5.; o TM5 no Anexo B.6.; o TM6 no Anexo B.7.; o TH1 no Anexo B.8.; o TH2 no Anexo B.9.; o TH3 no Anexo B.10.; o TH4 no Anexo B.11.; o TH5 no Anexo B.12.; e o TH6 no Anexo B.13.

Por fim, dos critérios estipulados, nomeadamente a *posição de liderança*, a *atividade* e a *finalidade*, resultaram 12 textos que, genologicamente, configuram 12 *intervenções públicas*. Sobre o género textual do *corpus* ocupo-me a seguir.

2. O género de texto do *corpus*: a *intervenção pública*

No quadro do Interacionismo Sociodiscursivo, a questão do género textual é central, reconhecendo a Voloshinov ([1929]1977) o papel cimeiro no que respeita à noção moderna de *género de texto*, associada a qualquer atividade social. Voloshinov ([1929]1977) considera que as atividades determinam os géneros, que se materializam por meio dos géneros e que as formas de representações coletivas (da atividade) que concretizam os signos são organizadas nesses mesmos géneros, justificando a sua diversidade. Na perspetiva do Interacionismo Sociodiscursivo, as produções de linguagem devem ser consideradas na sua relação com a atividade humana em geral, constituindo as ações de linguagem as representações de um agente sobre a atividade coletiva geral (Bronckart,

[1997]1999: 107). Nessa medida, Bronckart ([1997]1999: 73) entende que a linguagem é uma forma de atividade e que as atividades de linguagem comentam as atividades gerais, materializando-se nos textos; e utiliza o termo *gêneros de texto* para dar conta da organização das diversas formas textuais que comentam uma atividade, entendendo que todo o texto pertence a um gênero. E este é adaptado e adotado em função das escolhas do agente de produção e da sua situação de produção, sendo esse processo de adoção e adaptação do modelo de gênero o que regula e origina qualquer produção textual, realizando-se no quadro semiótico de uma língua natural. Ainda de acordo com Bronckart (2006a: 146), nesse processo de adoção e adaptação do modelo de gênero, as representações cruzam-se com o conhecimento próprio que o agente de produção tem do arquitexto e dos modelos de gêneros textuais aí disponíveis, organizados em forma de nebulosa.

Pela centralidade que o gênero textual assume no âmbito do Interacionismo, proponho uma breve reflexão sobre o gênero textual do meu *corpus*: a *intervenção pública*. Para tal, retomo alguns pressupostos de Aristóteles (2005, 1991) e, a seguir, sustento a minha opção nas orientações do Interacionismo Sociodiscursivo.

Na sua *Retórica*, Aristóteles (2005: 38-40) estipula a existência de três gêneros de discursos retóricos - o judicial, o político e o epidíctico – classificando-os e distinguindo-os de acordo com três fatores principais: o objetivo do orador, o tema e o tipo de ouvinte. Para além destes critérios de diferenciação, Aristóteles (2005: 48) menciona o estilo, e, ainda, a dimensão social dos gêneros, postulando que a existência de cada um decorria de uma necessidade específica da sociedade, pelo que o seu funcionamento era determinado pelo social. Para o que pretendo evidenciar, parto desta dimensão social dos gêneros, também preservada nos trabalhos desenvolvidos no âmbito do projeto do Interacionismo Sociodiscursivo, justificando a existência de determinado gênero de texto com a satisfação de uma necessidade específica da sociedade (*polis*). Ainda de acordo com Aristóteles (1991: 3), toda a ação humana visava satisfazer, no sentido da *polis*, as necessidades do homem, tendo em conta uma finalidade (social) específica. Tal como as ações, as finalidades eram de ordem vária, dependendo essas da atividade (*energeia*) em que se realizam. Nessa medida, a finalidade da ação poderia ser a própria atividade representada ou, não sendo um fim em si mesmo, a finalidade poderia estar relacionada com algo produzido pela atividade.

No âmbito do meu trabalho, e a partir desta relação entre gêneros de texto, atividades e finalidades, os textos do *corpus* constituem-se como *intervenções públicas*. Em linhas gerais, situam-se na ideia da intervenção da *polis*, cumprindo diversas finalidades que

envolvem as distintas atividades (sociais) que os textos representam. No seio do Interacionismo Sociodiscursivo, partindo da lógica da nebulosa dos gêneros, esta organização dos gêneros textuais permite adaptar o gênero textual em função do que está em causa no caso específico dos meus textos do *corpus*: a posição de liderança, a atividade e a finalidade. Assim, os textos constituem-se como *intervenções públicas* na medida em que representam textos produzidos por agentes em distintas posições de liderança em cargos públicos, resultantes de distintas atividades – a política, a académica e a cultural –, e com finalidades que variam de acordo com as necessidades de produção decorrentes das posições de liderança assumidas, resultando em intervenções sociais públicas: a apresentação do programa do governo de um cargo público, a tomada de posse de um cargo público e a candidatura a um cargo público.

No que respeita à construção discursiva das *intervenções públicas*, apresento alguns pressupostos que permitem pensar a relação do gênero textual com a sua construção discursiva. Para tal, retomo algumas considerações já anteriormente mencionadas que, na área da Análise do Discurso, se ocupam da construção e produção de *discursos políticos* e sua relação com o *ethos*. De seguida, demonstro, no âmbito do quadro epistemológico do Interacionismo Sociodiscursivo, como se perspetiva essa relação do gênero textual com a construção discursiva.

No campo da análise do discurso, van Dijk (1992: 14) entende o estudo do discurso político como o estudo do uso real da linguagem, em situações reais e por locutores reais. Pinto (2006: 79) assume o discurso político não só como um instrumento sociopolítico-histórico, mas como um espaço de enunciação e, nessa medida, ocupando o sujeito um papel fundamental, sendo qualquer pessoa legítima para enunciar o discurso político.

Na construção do discurso político, a questão do sujeito é central, tão central quanto é a função social de um discurso político, sobretudo por ser um espaço onde o sujeito constrói a sua subjetividade:

o discurso político (...) é um discurso de visões de mundo. É um discurso que tem como princípio básico a polémica, ou seja, ele vive através da polémica, vive através da desconstrução do outro. Essa é uma questão fundamental para entendê-lo, porque o que ele faz é desconstruir o outro, para se construir. Porque, se ele não desconstruir o outro ele não tem condições de construir a si próprio. (...) O discurso político precisa ser analisado nessas duas linhas: o êxito em desconstruir o outro e a forma como constrói a si próprio, como oposição ao outro.

Pinto, 2006: 92-93

De acordo com Charadeau (2006), por intermédio da linguagem, o discurso político encerra em si relações de poder que colocam em interação as instâncias políticas, a sua ação política, e os valores atribuídos a essas ações. Ainda na perspectiva de Charadeau (2007: 7), o autor relaciona o discurso político com a noção de *influência*, considerando-a o ato em que qualquer sujeito procura compartilhar com o outro (interlocutor) o seu universo de discurso. Nessa medida, as estratégias discursivas (de argumentação, persuasão, manipulação, entre outras) do discurso político constituem-se como uma prática social inscrita na problemática geral da influência (Charadeau, 2007: 2). Essas relações de influência são construídas na linguagem de acordo com um princípio de alteridade, isto é, com o pressuposto de que não há um *eu* sem um *tu*. Em consequência disso, a consciência de si mesmo enquanto *eu* (sujeito comunicante) e de sua diferença identitária decorre do reconhecimento da existência do *outro*:

ces rapports d'influence se jouent dans le langage selon un *principe d'altérité* (il n'y a pas de *Je* sans *Tu*). La conséquence en est que: (...) la prise de conscience de soi comme sujet communicant dépend de la possibilité de reconnaître l'existence d'un autre dans sa différence identitaire de sujet parlant (...).

Charadeau, 2007: 2

A atividade de influenciar pauta-se, assim, por algumas estratégias linguístico-discursivas constitutivas dos discursos políticos, nomeadamente a ocorrência de sequências argumentativas, já que estas, segundo Machado (2005: 246), visam “convencer o destinatário da validade do posicionamento do de produção diante de um objeto de discurso visto como contestável”. Desse modo, e de acordo com Charadeau (2009: 29), o discurso político orienta-se pelas estratégias discursivas de argumentação e persuasão com o objetivo global de *fazer crer* e, em última instância *fazer fazer*:

le *Je* veut *faire faire* (*faire penser* ou *faire dire*) quelque chose à *Tu*, comme dans une visée de «prescription», mais ici, le *Je* n'est pas en position d'autorité, il ne peut pas *obliger à faire*, seulement *inciter à faire*. Il doit alors avoir recours à un *faire croire*, dans l'espoir que le *Tu* y adhère et agisse (ou pense) dans la direction souhaitée par le *Je*. Le *Tu* (individu ou public), percevant que le sujet parlant n'est pas en position d'autorité, se trouve alors en position de *devoir croire* ce qui lui est dit.

Charadeau, 2007: 2

Em contexto nacional, há investigação relevante sobre os discursos políticos, em particular sobre a análise da construção de *ethè* em discursos políticos de homens influentes, como por exemplo os contributos de Pinto (2020, 2013), Marques (2008, 2000), Menéndez (2007) e Pita & Pinto (2014).

Fernanda Miranda Menéndez (2007) desenvolve um trabalho sobre a análise do poder argumentativo de Salazar e, também na esteira da Análise do Discurso e, especificamente, de Maingueneau, assume o discurso político como o espaço onde se constrói a imagem do enunciador a partir de diferentes indícios discursivos que, por sua vez, se constroem numa relação entre o enunciador e os seus destinatários. Nessa medida, considera os discursos políticos “discursos de poder” (Menéndez, 2007: 1).

Alexandra Guedes Pinto (2020, 2013) assume que a construção da imagem do eu “se faz, prototipicamente, pelo menos parcialmente, por alteridade, ou seja, por oposição a um *outro* de que o *eu* se serve para se autoidentificar e face a quem se posiciona para construir uma identidade qualificada” (Pinto, 2020: 44). E essa construção realiza-se por intermédio de “estratégias discursivas e políticas de cada um” que, por sua vez, “produzem efeitos da/na construção do *ethos*” (Pinto, 2020: 45). A partir da análise de manifestos políticos eleitorais, procura demonstrar em que medida as estratégias linguísticas indiciam determinadas circunstâncias contextuais influentes na organização textual. Dessa forma, revela que o género textual se manifesta na superfície dos textos, considerando que “a integração do género numa prática discursiva predeterminada que o condiciona é um dos aspetos da integração do texto no seu contexto (Pinto, 2013: 196). Nos seus trabalhos, assume que os manifestos políticos têm marcas linguísticas do seu enunciador à superfície do discurso, marcas essas fortes de modalização e subjetividade que atestam a presença do autor no texto e, ainda, marcas de argumentatividade que suportam a presença da controvérsia e da persuasão, característica desse género textual (Pinto, 2013: 198). A essas marcas designa marcas explícitas de subjetividade e de modalidade subjetiva, que são indicadas por meio de pronomes pessoais de primeira pessoa e de formas verbais de primeira pessoa. Pinto (2013: 203) considera estas marcas “primordiais da inscrição do sujeito na língua, funcionando como operadores linguísticos que têm por função referenciar o discurso em relação ao sujeito da enunciação e às suas coordenadas espaço-temporais”. Ainda no âmbito destas marcas, Pinto distingue as marcas que indiciam o *eu* e as marcas que indiciam o *nós*, procedendo à contagem da sua ocorrência nos textos. As primeiras são as mais reveladoras da subjetividade do autor, considerando que se realizam por via de

formas linguísticas de primeira pessoa do singular e que atestam a presença do autor no texto. No que respeita às marcas representadas através do *nós*, efetivadas por formas de primeira pessoa do plural, sobretudo em pronomes pessoais e possessivos, assume que ocorrem quando os destinatários da mensagem são transformados em coenunciadores da mesma, pelo que o “*NÓS* engloba não só o enunciador da mensagem, mas também o próprio destinatário da mesma, num movimento argumentativo de envolvimento intradiscursivo do destinatário”, resultando numa ação conjunta (Pinto, 2013: 209).

Maria Aldina Marques (2008: 2) aborda a questão das imagens discursivas dos interlocutores (*ehos*) em debates eleitorais e em discursos políticos parlamentares, definindo *discurso político* como uma dimensão fundamental da acção política que contribui “para a construção das representações que circulam sobre os políticos, os seus *ethe*”. Segundo a autora (2008: 2), os interlocutores apresentam-se nesses discursos “ora como vozes colectivas ora como vozes individuais, marcadas de modo prototípico no uso dos pronomes pessoais *eu* e *nós*”, revelando uma organização enunciativa do discurso político em que se destaca a construção discursiva da imagem do locutor na sua relação com o *outro* (o destinatário). Para além de relacionar o discurso político com o *ethos*, Marques (2008: 4) assume que este é condicionado pelas características do género textual, considerando que o género é central para a construção do discurso: “a noção de género é central para a análise linguística do discurso, na medida em que constrói o nó central de todo o processo da construção discursiva”.

No seio dos trabalhos do Interacionismo Sociodiscursivo, Bronckart ([1997]1999) destaca a crucial importância da análise do género textual na construção discursiva, evidenciando a relação constitutiva que se estabelece entre o género de texto e os recursos linguísticos, ou seja, as relações entre géneros de texto e tipos de discurso. Bronckart ([1997]1999) assume que os tipos de discurso são segmentos constitutivos (e constituintes) fundamentais dos géneros, estabelecendo uma relação vinculativa necessária, pelo que os géneros mobilizam, sempre e necessariamente, pelo menos um tipo discursivo. Recuperando o que disse anteriormente (cf. II.3.3.), no caso, por exemplo, das *intervenções políticas*, o autor demonstra que existem ligações relevantes entre esse género e os tipos de discurso, apontando os tipos discursivos interativos, da ordem da implicação (discurso interativo e relato interativo) como predominantes, conforme atesta Miranda (2008) ao esquematizar as relações que Bronckart estabelece entre os tipos de discurso e os géneros textuais (cf. II.3.3., Figura 16). Pode-se, nesse sentido, estabelecer, de alguma forma, relações importantes entre

a *intervenção política* e a ocorrência de marcas que traduzem envolvimento do agente de produção no texto, de como são exemplo as marcas deícticas de primeira pessoa do singular (*eu*) e de primeira pessoa do plural (*nós*), como Pinto (2013) evidencia nos seus trabalhos. E nessa medida, a relação entre gêneros de textos e a construção discursiva torna-se essencial, pois esta possibilita uma configuração genérica particular, já que os gêneros selecionam e estabilizam a ocorrência dos tipos discursivos. Dessa forma, os tipos discursivos, conforme adianta Miranda (2008), funcionam como pistas para a identificação dos gêneros, pois apresentam “valores e comportamentos particulares que se prendem com o modo de funcionamento social do gênero em causa” (Miranda, 2008: 94).

No meu trabalho, em particular, estas considerações permitem pensar a relação entre a *intervenção pública* e a sua construção discursiva, na medida em que, no alinhamento do Interacionismo Sociodiscursivo, de um modo geral, a ocorrência de determinados tipos de discurso pode funcionar como uma pista que se relaciona com o funcionamento social desse gênero, auxiliando na sua identificação; e, de modo específico, constitui uma via que permite equacionar a presença autoral nos textos, que assume distintos valores, auxiliando, conseqüentemente, na análise da implicação a partir de marcas linguísticas específicas que marcam o agente no processo de produção da sua *intervenção pública*.

3. Objetivos e procedimentos metodológicos gerais

No enquadramento teórico-metodológico do Interacionismo Sociodiscursivo, assume-se que a linguagem é materializada em textos empíricos, que funcionam como unidade comunicativa global, tendo como unidade básica de análise o agir humano. Agir esse que se manifesta no quadro dos pré-construídos sócio-históricos gerados pelo próprio indivíduo – os gêneros de texto. Nessa medida, Bronckart ([1997]1999: 337) apresenta “um quadro teórico e metodológico para análise dos processos em ação em toda a produção textual”, que prevê a organização coerente dos textos ao nível interno. Com algumas modificações, esse modelo otimiza as três instâncias consideradas pertencentes à análise textual/discursiva e que compõem as dimensões do trabalho de análise desta investigação: o nível organizacional, o nível enunciativo e o nível da semiologia do agir (Machado & Bronckart, 2009).

O objetivo central do meu trabalho é dar conta da representação discursiva do agir

de mulheres e homens em posição de liderança, no sentido de perceber, por um lado, como se implicam nos textos que produzem e, por outro lado, em que medida o seu agir pode configurar uma atitude (efetiva e/ou específica) de liderança. Para a realização deste objetivo, apresento uma abordagem linguística, de modo a verificar se essa representação ocorre, tendencialmente (e constitutivamente), de forma implicada ou não; e se a representação discursiva do agir está relacionada com a questão da liderança.

Especificamente, para analisar o modo como se configura linguisticamente o agir de mulheres e homens em posição de liderança, pretendo observar, nos textos que constituem o meu *corpus* de análise, as marcas linguísticas e enunciativas constitutivas da enunciação de mulheres e homens, verificando, (i) como se distribuem e orquestram essas marcas no texto, (ii) como determinam o grau de implicação das instâncias de produção e (iii) quais as repercussões desses mecanismos linguísticos na construção da representação da liderança. Assim, a partir das noções sociointeracionistas de *tipos de discurso* e *figuras de ação*, perspetivo identificar:

- ⇒ Que *tipos de discurso* são mobilizados na representação do agir?
- ⇒ Que *marcas de implicação* são mobilizadas na representação do agir?
- ⇒ E da articulação dos tipos de discurso com o conteúdo temático do agir, que *figuras de ação* são mobilizadas no texto?

Sustentada na hipótese de que há formas de implicação diferentes no processo de produção textual, que resultam em modelos distintos de liderança construídos discursivamente, pretendo verificar de que modo as mulheres, enquanto agentes de produção, constroem linguisticamente a sua liderança e de que modo essa materialidade linguística contribui para as questões (sociais) de visibilidade das mulheres: têm tendência a um discurso implicado, conferindo-lhes visibilidade ou, pelo contrário, a norma linguística surge como um elemento apagador do sujeito feminino? A partir dessa questão, pretendo verificar que relação(ões) se estabelece(m) entre figuras de ação e a representação discursiva da liderança de mulheres; e, na hipótese de tomar em consideração um agir-referente liderança, verificar se emerge da análise textual uma figura de ação nova.

O trabalho enquadra, de um lado, a análise de textos de autoria feminina, e, de outro lado, comparativamente, textos de autoria masculina, a partir das suas atividades de linguagem no mesmo domínio social e político, mais especificamente nas suas práticas

socioprofissionais. A integração do estudo comparativo resulta da necessidade de verificar, igualmente, de que modo(s) se representa textual e linguisticamente a liderança de homens, traçando a configuração linguística do seu agir nos textos e aferindo em que medida a representação da liderança de mulheres é diferente da dos homens, bem como o modo como se implicam nos discursos que produzem.

A partir de uma abordagem descendente de análise, que combina a análise qualitativa e quantitativa, recorro às noções de *tipos de discurso* e *figuras de ação* para descrever, compreender e interpretar as diferentes configurações e representações do agir dos agentes de produção construídas nos textos, alinhadas com as questões de liderança. Na secção seguinte demonstro como, teórica e metodologicamente, se processará a análise textual.

4. Moldura teórico-metodológica da análise textual

A análise textual que desenvolvo enquadra-se nos pressupostos teórico-metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo e a metodologia de análise dos dados explora o modelo de análise de textos (Bronckart, [1997]1999; Machado & Bronckart, 2009), prevendo a análise das condições de produção dos textos (modelo de ação de linguagem) e a análise da arquitetura interna. Assim, para analisar o modo como as mulheres (e os homens) se implicam nos discursos que produzem configurando um possível modelo de liderança, assumo como objeto de estudo textos empíricos considerando o género de texto em que ocorrem: o *corpus* de análise é constituído por 12 *intervenções públicas*, 6 produzidas por mulheres pioneiras na ocupação de posições de liderança em Portugal e, comparativamente, 6 de autoria masculina. Para além disso, opto por uma abordagem descendente de análise, articulando a análise qualitativa com a análise quantitativa, que a seguir pormenorizo.

No que respeita à opção por uma abordagem descendente de análise, assumo o ponto de vista preconizado por Voloshinov ([1929]1977), já anteriormente referido, de que também se aproxima Rastier (2001: 13), quando preconiza a orientação do global para o local, e que Bronckart (2008b: 39) viabiliza nos seguintes termos e ordem de análise: i) da análise das formas e tipos de interação verbal em conexão com as suas condições concretas (i.e. contextos sociais de comunicação); ii) para as formas/produtos pré-construídos (i.e.

gêneros); e, a partir daí, iii) para o reexame das formas linguísticas na sua apresentação linguística habitual (i.e. língua). Neste seguimento, desenvolvo quatro procedimentos gerais de análise, partindo das instâncias supraordenadas, i.e., atividades e gêneros, para os aspetos linguísticos, i.e., processos e unidades microlinguísticas: ou seja, parto da análise das situações de produção dos objetos linguísticos (contexto de produção) para a observação das características composicionais dos textos (componente genológica e singular dos textos) e, daí, para o exame das propriedades linguístico-discursivas (*marcas linguísticas* e *enunciativas – tipos de discurso*) e das propriedades do agir (*figuras de ação*) nos textos.

Num viés descendente, estes quatro procedimentos gerais correspondem a quatro etapas principais de análise – a análise dos *aspetos situacionais*, a análise dos *aspetos temático-composicionais*, a análise dos *aspetos linguístico-discursivos* e a análise dos *aspetos semiológico-interpretativos*:

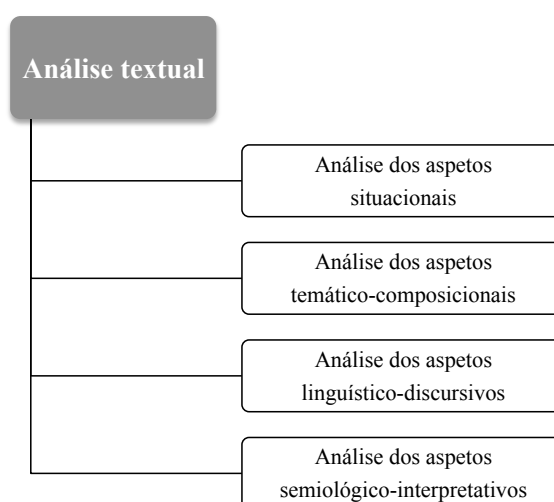


Figura 20. Etapas procedimentais da análise textual

O primeiro procedimento (análise dos aspetos situacionais) integra-se no modelo de análise das condições de produção dos textos (ou modelo de ação de linguagem) e os três restantes (análise dos aspetos temático-composicionais, dos aspetos linguístico-discursivos e dos aspetos semiológico-interpretativos) no modelo da arquitetura interna. Estas etapas de análise empreendem-se elencando os quatro níveis/planos do modelo de análise de textos do Interacionismo Sociodiscursivo (Machado & Bronckart, 2009): o contexto sociointeracional de produção; o nível organizacional; o nível enunciativo; e o nível da semiologia do agir.

Assim, a análise dos aspetos situacionais enquadra o nível contexto sociointeracional de produção, a análise dos aspetos temático-composicionais enquadra o nível organizacional, a análise dos aspetos linguístico-discursivos enquadra o nível organizacional e enunciativo, e os aspetos semiológico-interpretativos o nível da semiologia do agir que se relaciona com os outros níveis mencionados.

Embora o percurso das análises obedeça à configuração sequencial descendente de análise das etapas acima mencionadas, os quatro níveis mobilizados apresentam-se em interação e interpenetram-se: ou seja, a análise dos aspetos situacionais convoca o contexto sociointeracional de produção; a análise dos aspetos temático-composicionais engaja o nível organizacional, da mesma forma que esta dimensão é requisitada, a par da dimensão enunciativa, na análise dos aspetos linguístico-discursivos; e a análise dos aspetos semiológico-interpretativos convoca obrigatoriamente os dados das análise dos aspetos contextuais, dos genológicos e dos linguístico-discursivos, pois permitem compreender as representações do agir dos agentes de produção mobilizadas sobre a sua situação de produção, sobre a escolha do género e sobre as suas opções linguísticas na produção do texto, auxiliando na descrição do agir.

No que respeita aos elementos que compõem os diferentes níveis do modelo de análise de textos do Interacionismo Sociodiscursivo, a análise dos aspetos situacionais mobiliza o *contexto sociointeracional de produção*, a análise dos aspetos temático-composicionais convoca o *plano geral* do género textual, a análise dos aspetos linguístico-discursivos requisita os *tipos de discurso* (marcas linguísticas e enunciativas) que, conseqüentemente, enquadram as *marcas de implicação*; e a análise dos aspetos semiológico-interpretativos prevê as *figuras de ação*. Estas etapas e respetivas noções como recurso de análise relacionam-se com quatro finalidades amplas do trabalho analítico, respetivamente, a saber: a análise do contexto; a análise do género textual; a análise da implicação; e a análise do agir.

Assim, de uma forma geral, na primeira etapa, com o objetivo de analisar o *contexto*, procedo à identificação os parâmetros objetivos e sociosubjetivos das condições de produção dos textos. Na segunda etapa, com o objetivo de caracterizar o *género textual*, procedo à observação da componente genológica e composicional dos textos, identificando as unidades que organizam o espaço textual e que permitem a caracterização global dos textos. Na terceira etapa, com o objetivo de analisar a *implicação*, procedo à identificação das marcas linguísticas e enunciativas em ocorrência nos textos e que configuram os tipos

discursivos. A partir dessas marcas linguísticas e enunciativas, destaco as que designo como *marcas de implicação*, que permitem atestar graus distintos da implicação e, dessa forma, verificar se as mulheres têm tendência, ou não, para um discurso mais implicado do que os homens. Na quarta e última etapa, a análise dos tipos de discurso e, em particular, das marcas de implicação articula-se posteriormente com o conteúdo temático, de forma a identificar as *figuras de ação* que emergem, enquanto interpretações do agir.

A cada etapa da análise textual que acabou de ser exposta procede, ainda, um movimento comparativo, colocando de um lado, na sua globalidade, os dados observados nos textos de mulheres e, de outro, os dados observados nos textos de homens, no sentido de perceber se as representações mobilizadas na enunciação dos agentes de produção são coincidentes ou, pelo contrário, se a configuração linguística de mulheres e homens é díspar.

Antes de proceder à particularização do trabalho de análise previsto em cada etapa, apresento a moldura teórico-metodológica que orienta a análise textual:

| Etapas | Noções | Procedimentos | Objetivos |
|--------------------------------------|---|---|-----------------------|
| Aspectos situacionais | Contexto de produção | - Identificar a “história” dos textos, a partir de informações externas ao texto que constroem os conhecimentos sobre a situação de produção (hipóteses sobre as representações iniciais dos agentes de produção acerca dos aspectos contextuais) | Análise do contexto |
| | Contexto físico | - Identificar as informações sobre o espaço físico, o tempo e os sujeitos (emissor/recetor) da situação de produção | |
| | Contexto sociossubjetivo | - Identificar as representações sociais acerca do quadro social de interação, dos papéis sociais dos agentes (enunciador/destinatário) e dos objetivos da interação | |
| Aspectos temático-composicionais | Plano geral do texto | - Dar conta da formatação genológica dos textos - Depreender o conteúdo temático mobilizado - Conhecer parcialmente o agir construído nos textos | Análise do gênero |
| | Composicionalidade | - Identificar as unidades externas que estruturam e organizam o espaço textual (por exemplo, organizadores textuais como títulos, subtítulos, intertítulos, entre outros) - Levantar as informações que atestam padrões composicionais convencionais e/ou padrões singulares (dimensão singular face a traços específicos) | |
| | Conteúdo temático | - Identificar as informações que acionam o conteúdo temático - Identificar os segmentos temáticos centrais | |
| Aspectos linguístico-discursivos | Tipos discursivos | - Compreender as escolhas psicolinguísticas que os agentes produtores fazem no momento de produção textual - Identificar os mundos discursivos criados e que traduzem as escolhas psicolinguísticas do agente de produção - Identificar as marcas linguísticas e enunciativas que semiotizam e concretizam os mundos discursivos - Identificar os tipos discursivos mobilizados - Fazer o levantamento e a contagem dos tipos de discurso em ocorrência nos textos | Análise da implicação |
| | Marcas linguísticas e enunciativas | - Compreender como se constrói o posicionamento enunciativo nos textos: proximidade ou distanciamento - Identificar a presença e/ou ausência das marcas linguísticas e enunciativas (unidades deícticas pessoais, temporais e espaciais; outras unidades deícticas que remetem para a interação verbal; formas verbais; anáforas, auxiliares de modo, organizadores textuais, frases não declarativas, modalizações) - Identificar os respetivos tipos discursivos constituintes das marcas linguísticas e enunciativas em ocorrência nos textos | |
| | Marcas de implicação | - Mostrar como os agentes produtores se implicam nos textos que produzem - Isolar, a partir das marcas linguísticas e enunciativas, as marcas de implicação em ocorrência nos textos, fazer o seu levantamento e contagem (marcas linguísticas e enunciativas deícticas, nomeadamente nomes, formas pronominais pessoais e possessivas, determinantes possessivos e desinências número-pessoais das formas verbais) - Determinar o grau de implicação dos agentes produtores nos textos - Auxiliar na descrição do agir | |
| Aspectos semiológico-interpretativos | Figuras de ação <i>(Figura de ação liderança)</i> | - Observar e identificar as representações textualmente construídas sobre um agir específico: o agir-liderança - Elaborar a configuração da representação discursiva da liderança, a partir da reinterpretação dos dados obtidos na análise do plano organizacional (tipos discursivos) e do plano enunciativo (marcas enunciativas) e sua articulação com a análise do plano semântico (figuras de ação) - Identificar as figuras de ação em ocorrência nos textos - Relacionar e articular os tipos de discurso com as figuras de ação quando o agir surge sob a forma de liderança - Perceber que que relação(ões) se estabelece(m) entre figuras de ação e a representação discursiva da liderança - Observar a possível emergência, a partir da análise textual, de figuras de ação novas que tomem em consideração um agir-referente que se relaciona com as questões de liderança – figura de ação liderança . - Fazer o levantamento e a contagem das figuras de ação liderança em ocorrência nos textos | Análise do agir |
| | Dimensões do agir | - Identificar as dimensões do agir tematizadas nos textos: dimensão motivacional (razões/motivos), dimensão da intencionalidade (finalidades/intenções) e dimensão dos recursos para o agir (instrumentos/capacidades) | |
| | Tipos de agir | - Identificar os tipos de agir configurados nos textos (modo como o agir é representado): individual ou coletivo | |

Figura 21. Moldura teórico-metodológica da análise textual

Especificamente, desenvolvo a análise textual combinando a abordagem qualitativa e a abordagem quantitativa. A opção pela abordagem qualitativa relaciona-se com a própria concepção de texto adotada: o texto como unidade comunicativa, construído em situação, admitindo-se como um sistema complexo e dinâmico e caracterizado pelas interações situadas entre sujeitos. A abordagem qualitativa permite mostrar as (ir)regularidades, ou traçar um perfil que advém da análise dos dados, no sentido de as compreender, explicar ou prever, permitindo *controlar* variáveis sem as tornar redutíveis ou, até, evitáveis (Coutinho, 2012b: 32-33). Por seu turno, a abordagem quantitativa resulta da necessidade de evidenciar e sustentar os resultados obtidos da análise qualitativa, procedendo à contagem de alguns dados em ocorrência, como mais à frente pormenorizo (terceira e quarta etapas de análise).

Assim, para dar conta do funcionamento social dos textos e das suas propriedades linguísticas, numa articulação entre análise qualitativa e quantitativa, apresento, de seguida, com pormenor, os procedimentos mobilizados.

Etapa 1. Aspetos situacionais:

Contemplando apenas a análise qualitativa nesta etapa, identifico as representações do agente de produção sobre o contexto físico e o contexto sociosubjetivo da sua situação de produção, e que exercem influência sobre a forma do texto. Essas representações distribuem-se por oito parâmetros objetivos e sociosubjetivos: os sujeitos - emissor e recetor, o espaço da produção textual, o momento, os papéis sociais assumidos pelos sujeitos - enunciatador e destinatário, o lugar social e o objetivo da produção textual. Especificamente, no que respeita ao contexto físico, identifico os dados dos parâmetros objetivos da situação de ação de linguagem: o lugar físico da produção (espaço), o momento da produção (tempo), e os agentes físicos/sujeitos (emissor e recetor). De seguida, procedo à identificação das representações dos parâmetros sociosubjetivos (representações sociais) mobilizados nos textos: o quadro social da interação (i.e. o tipo de interação), os papéis sociais dos agentes que interagem (emissor e recetor desempenham os papéis sociais de enunciatador e destinatário, respetivamente), e os objetivos (comunicativos) que decorrem da interação.

O aparelho analítico⁹ dos aspetos situacionais apresenta a seguinte configuração:

| ASPETOS SITUACIONAIS | | | |
|--|--|---|----------------------------|
| | Contexto sociointeracional de produção | | |
| Parâmetros objetivos (contexto físico) | Sujeitos Espaço Temporalidade | Emissor Recetor | |
| | Parâmetros sociosubjetivos (contexto sociosubjetivo) | Papéis sociais Instituição social Objetivo(s) | Enunciador Destinatário |

Figura 22. Aparelho analítico dos aspetos situacionais

Etapa 2. Aspetos temático-composicionais:

A partir de uma abordagem qualitativa, procedo à observação da componente genológica, composicional e temática dos textos, levantando, por um lado, as informações que estruturam e organizam os textos (composicionalidade), e, por outro lado, levantando as informações que acionam o conteúdo temático. A identificação das informações que organizam o espaço textual permite ter uma visão geral do texto e das suas partes, no que respeita à sua composição e disposição, e identificar as representações construídas pelo agente de produção sobre o género textual que melhor se enquadre no ato comunicativo que produz, toldando as suas escolhas. Para este procedimento, recorro a marcadores linguísticos que atestam padrões composicionais convencionais e/ou singulares fixados pelo género textual, considerando, sobretudo, organizadores textuais de ordem paratextual, como, por exemplo, os

⁹ A designação *aparelho analítico* refere-se aos elementos recuperados da *moldura teórico-metodológica da análise textual* (cf. Figura 21), no que respeita à etapa visada e às respetivas noções gerais mobilizadas, particularizando e desdobrando essas noções em outros elementos que serão objeto de análise. Assim, cada etapa de análise integra um aparelho analítico (cf. Figuras 22, 23, 24 e 26), encontrando-se nessa designação uma forma de diferenciar os elementos gerais da análise textual (*moldura teórico-metodológica da análise textual*) e os elementos, que enquadram aqueles, a aplicar em cada etapa da análise textual (*aparelho analítico*).

títulos, os subtítulos, os intertítulos, as mudanças de partes ou de capítulos, os parágrafos introdutórios apresentando as divisões do texto, entre outros. No que respeita às informações que acionam o conteúdo temático, reúno o conjunto de dados contidos nos textos que remetem para os mundos físico e sociossubjetivo, e identifico os segmentos temáticos centrais que podem ser recuperados pela leitura e codificados num resumo. A partir dos dados extraídos na observação das componentes composicionais e temáticas dos textos, apresento o desenho do padrão composicional e da configuração temática do género textual em questão – a *intervenção pública*.

O aparelho analítico dos aspetos temático-composicionais apresenta a seguinte disposição dos seus elementos:

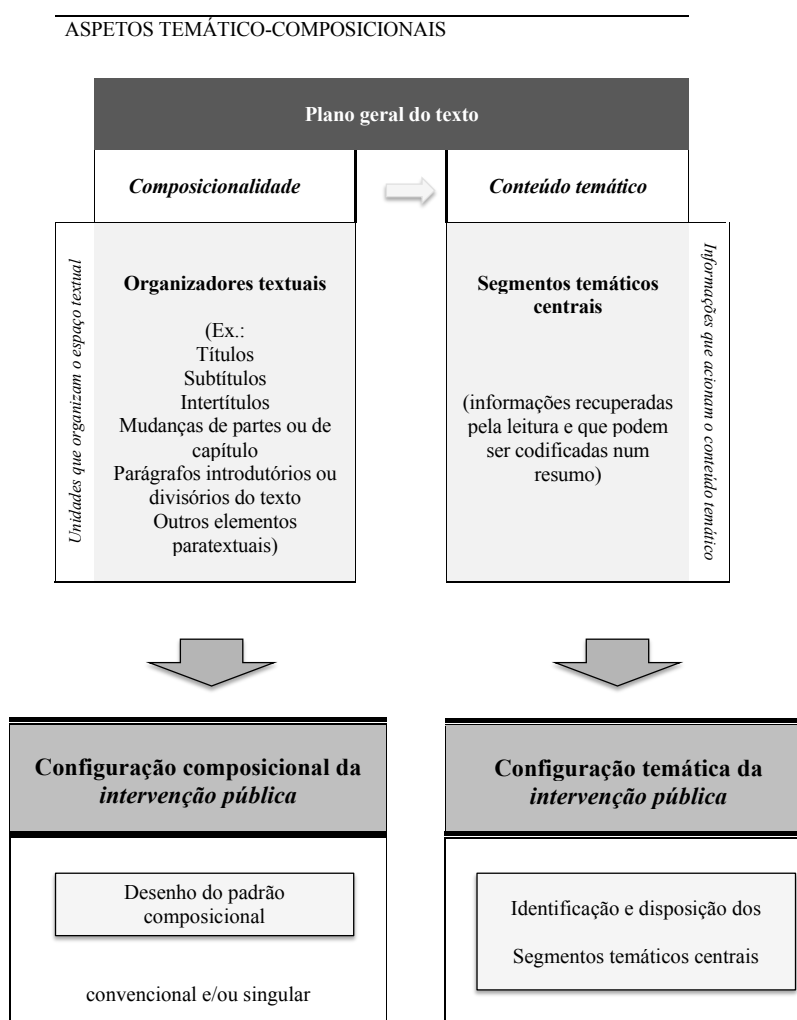


Figura 23. Aparelho analítico dos aspetos temático-composicionais

Etapa 3. Aspectos linguístico-discursivos:

A análise dos aspectos linguístico-discursivos tem como primeira finalidade perceber a posição do enunciador em relação ao seu agir (*implicação*), ou seja, se se coloca em posição de proximidade ou, pelo contrário, de distanciamento. As formas linguísticas que semiotizam estas relações de implicação e não implicação conformam marcas linguísticas e enunciativas, mobilizando elementos do plano organizacional e do plano enunciativo da arquitetura interna dos textos, e configuram os tipos de discurso. Essas formas linguísticas materializam as escolhas psicolinguísticas do agente de produção, traduzindo os mundos discursivos (ordem do expor ou narrar; ordem da implicação ou autonomia). A segunda finalidade é perceber se as mulheres têm tendência para um discurso mais implicado do que os homens. Nesta análise, articulo a análise qualitativa com a análise quantitativa. Assim, num primeiro momento, identifico as formas linguísticas e enunciativas configurativas dos tipos de discurso em ocorrência nos textos, e, de seguida, destaco as marcas de implicação que permitem atestar graus distintos da implicação. Num segundo momento, procedo à contagem do número de ocorrências dos tipos de discurso e das marcas de implicação, em cada texto.

Na observação das marcas linguísticas e enunciativas que configuram os tipos de discurso, identifico a presença e/ou ausência, com ou sem valor deítico, de unidades que remetem para a interação verbal, integrando aqui as marcas de pessoa (deixis pessoal); de outros fenómenos de ancoragem situacional (deixis espacial e temporal); de formas verbais e de verbo modal; de pronome indefinido *se* (e construções verbais com o clítico impessoal); de frases não declarativas; de anáforas (nominais e pronominais) e/ou retomas anafóricas; de organizadores textuais, como por exemplo os lógico-argumentativos e os temporais; e de modalizações (epistémicas, deônticas, apreciativas e pragmáticas).

Quanto ao exame das *marcas de implicação*, estas permitem particularizar o processo de implicação do agente de produção na produção textual. As marcas de implicação constituem-se no eixo da agentividade e estão contempladas nas marcas linguísticas e enunciativas configurativas dos tipos discursivos. No trabalho, procedo ao destaque dessas marcas, designando-as ***marcas de implicação*** (cf., abaixo, Figura 25), que se constituem por deíticos pessoais, como, por exemplo, os nomes, as formas pronominais pessoais e possessivas, os determinantes possessivos e as desinências número-pessoais das formas verbais. De seguida, procedo à contagem da sua ocorrência em cada texto e verifico o *grau de implicação* que traduzem.

O aparelho analítico dos aspetos linguístico-discursivos apresenta a seguinte constituição e desdobramento dos seus elementos:

ASPETOS LINGUÍSTICO-DISCURSIVOS

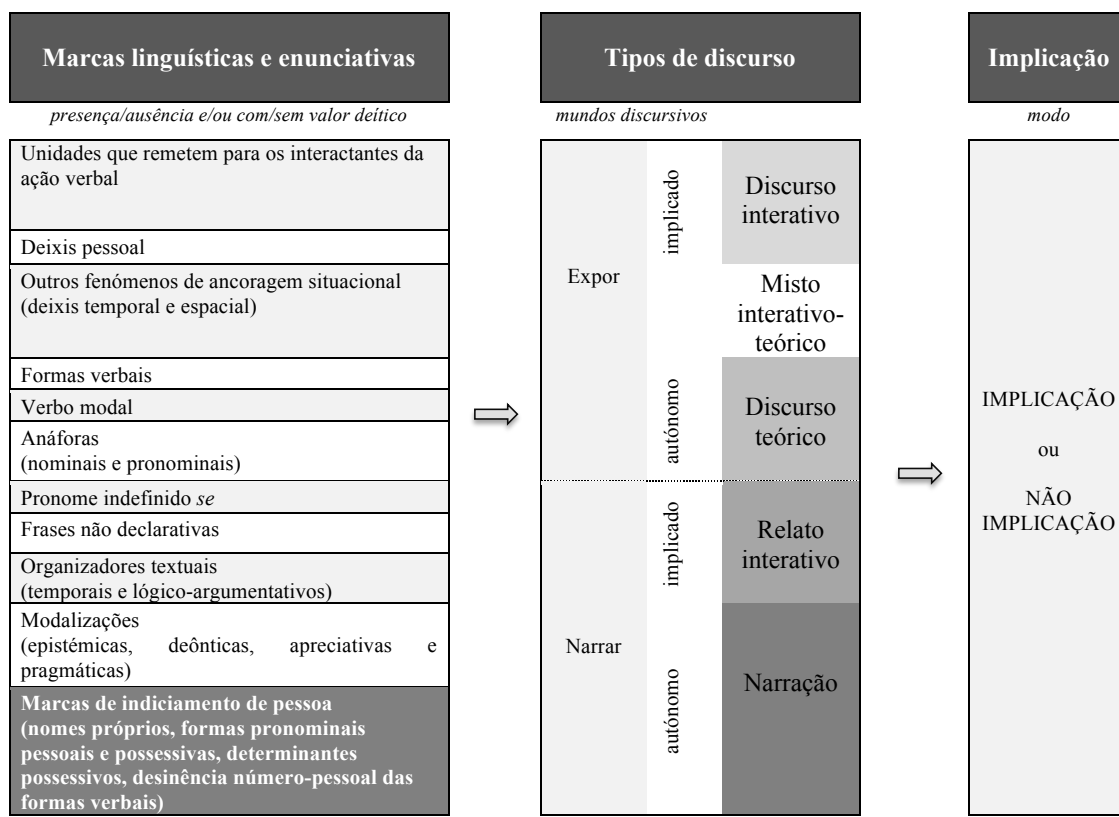


Figura 24. Aparelho analítico dos aspetos linguístico-discursivos

| Marcas de implicação | | | |
|--------------------------|--|---|--|
| <i>deíticos pessoais</i> | nomes próprios (outros sintagmas nominais) pronomes pessoais pronomes possessivos determinantes possessivos | marcas de primeira pessoa do singular (1ª PS) marcas de primeira pessoa do plural (1ª PPI) | <i>Grau de implicação</i> <i>implicação forte</i> <i>implicação atenuada</i> |
| | <i>formas verbais</i> desinência número-pessoal | marcas de terceira pessoa do singular (3ª PS) (parafrazeável por marcas de implicação atenuada) | <i>implicação fraca</i> |

Figura 25. Marcas de implicação

Etapa 4. Aspectos semiológico-interpretativos:

Para a observação dos aspectos semiológico-interpretativos, parto dos dados obtidos na análise anterior (aspectos linguístico-discursivos), uma vez que reúnem o conjunto de informações/conhecimentos que constituem pistas para a compreensão e descrição do agir. Embora o nível da semiologia do agir comporte elementos como as *dimensões do agir*, o *tipo de agir* e os papéis atribuídos aos protagonistas, dada a extensão dos textos e a dimensão das análises, esses aspectos não serão desenvolvidos, detendo-me, apenas, na noção de *figuras de ação*.

Assim, a partir de uma abordagem qualitativa, identifico as figuras de ação mobilizadas no trabalho interpretativo, no sentido de perceber que relações se estabelecem entre as figuras de ação e a representação discursiva do agir liderança. Parto do pressuposto que a noção de *figuras de ação* é passível de ser exportada e aplicada noutros textos, no quadro de outras atividades que não as que lhe deram origem.

Dessa observação, já assumida por Bulea (2010b), questiono se as figuras de ação são (in)suficientes, ou se a análise textual faz emergir outra figura de ação nova quando o agir surge sob a forma de liderança. A este questionamento associo a hipótese de um novo contributo, propondo a noção de *figura de ação liderança*.

O aparelho analítico dos aspectos semiológico-interpretativos configura-se do seguinte modo:

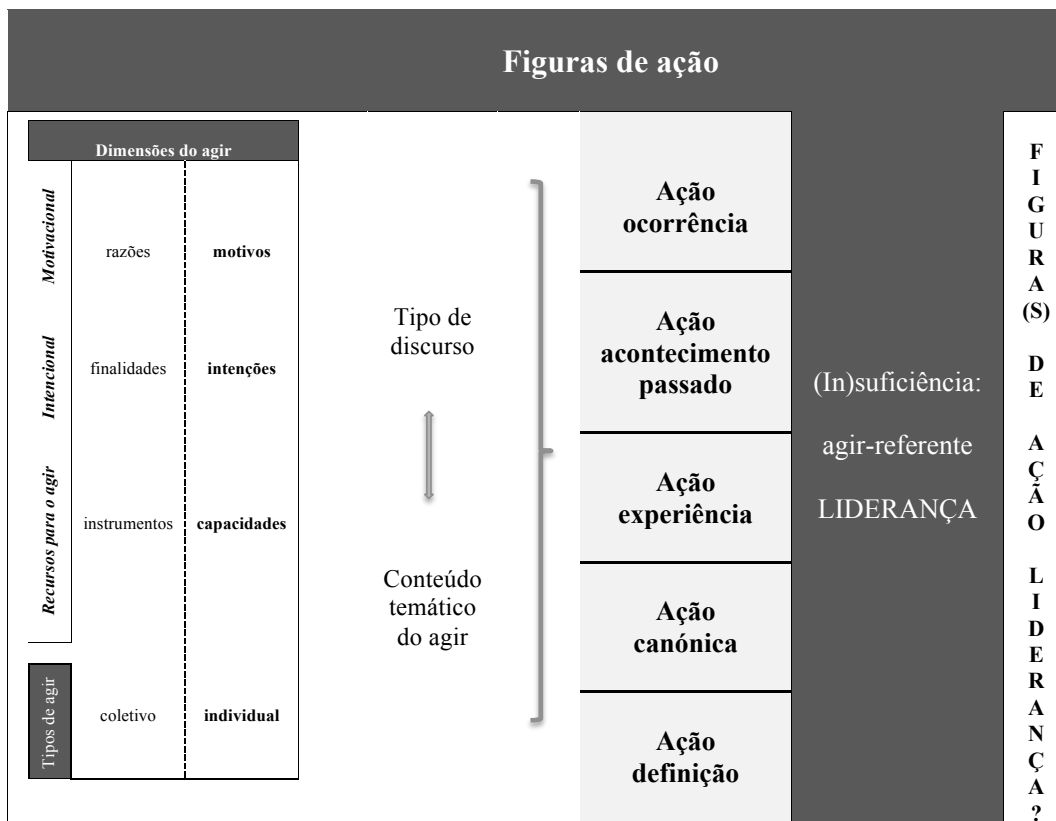


Figura 26. Aparelho analítico dos aspetos semiológico-interpretativos

A partir destes elementos teórico-metodológicos, num diálogo comparativo que coloca, de um lado, os textos de mulheres e, de outro, os textos de homens, procedo à análise textual com o fito de cotejar como se implicam mulheres e homens nos textos, como a representação do agir pode configurar (uma atitude específica/efetiva de) liderança e, subsequentemente, que modelo de liderança traduz um *discurso implicado*.

IV. ANÁLISE TEXTUAL E COMPARATIVA

A análise textual e comparativa que norteia este capítulo tem o objetivo de dar conta da representação discursiva do agir de mulheres e homens em posição de liderança, no sentido de perceber, por um lado, como se implicam nos textos que produzem e, por outro lado, em que medida o seu agir pode configurar uma atitude (efetiva e/ou específica) de liderança. A minha hipótese sustenta-se no facto de que há formas de implicação diferentes no processo de produção textual, que resultam em modelos distintos de liderança construídos discursivamente.

As análises desenvolvem-se em quatro etapas, a partir de uma abordagem descendente, contemplando a primeira e segunda etapas a análise do funcionamento social dos textos, recorrendo-se à análise do contexto de produção e, de seguida, à análise da configuração geral do género dos textos. A terceira e quarta etapas ocupam-se da análise das propriedades linguísticas¹⁰ dos textos, a partir das noções de *tipos discursivos* e de *figuras de ação*. Estas noções, propostas pelo quadro do Interacionismo Sociodiscursivo, constituem, neste trabalho, a via para a identificação do modo como se representa discursivamente a liderança de mulheres. No que respeita aos tipos de discurso, constituem a via para a identificação das propriedades linguísticas e enunciativas que são constitutivas da configuração linguística do agir de mulheres e homens, no intuito de perceber, em particular, se tendem a implicar-se ou, pelo contrário, a distanciar-se no texto. Assim, a partir dessas marcas linguísticas e enunciativas, destaco as que designo como *marcas de implicação*, que permitem atestar graus distintos da implicação e, dessa forma, verificar se as mulheres têm tendência, ou não, para um discurso mais implicado do que os homens. A análise dos tipos de discurso e, em particular, das marcas de implicação articula-se posteriormente com o conteúdo temático, de forma a identificar as figuras de ação que emergem, enquanto interpretações do agir. Nesse sentido, pretendo verificar que relação(ões) se estabelece(m) entre figuras de ação e a representação discursiva da liderança de mulheres; e, na hipótese de tomar em consideração um agir-referente liderança, verificar se emergem da análise textual outras figuras de ação, propondo a noção de *figura de ação liderança*.

¹⁰ No entendimento global do meu trabalho, as propriedades linguísticas subentendem as dimensões praxiológica e gnosiológica.

A partir destes pressupostos, oriento a análise textual e comparativa em dois sentidos: num primeiro momento (ponto 1), procedo à aplicação das noções e dos procedimentos expostos na moldura teórico-metodológica desenvolvida para a análise textual, que se desdobra em quatro etapas (cf. III.4.Figura 21); e, num segundo momento (ponto 2), questiono a aplicabilidade das figuras de ação quando o agir-referente é a liderança e coloco em perspetiva a possibilidade de emergência de uma figura de ação nova, que advém da análise textual.

1. As quatro etapas de análise

Apresento, de seguida, os dados identificados nos textos produzidos pelas instâncias produtoras femininas, de um lado, e masculinas, de outro, nas quatro etapas de análise, e respetivos movimentos comparativos.

1.1. Análise dos aspetos situacionais

Para esta etapa, procedo à identificação e à descrição do contexto de produção dos textos, aplicando os elementos desenvolvidos no aparelho analítico dos aspetos situacionais (cf. III.4.Figura 22), no sentido de determinar a “história” dos textos, os seus produtores efetivos e os seus destinatários.

Assim, a partir de uma abordagem qualitativa, identifico, de um lado, os dados relativos ao contexto físico e, de outro, os dados relativos ao contexto sociossubjetivo da situação de produção.

Para a descrição do contexto físico, faço o levantamento das marcas linguísticas que permitem identificar os seguintes parâmetros objetivos: os sujeitos - emissor e recetor; o espaço da produção textual; e o momento de produção.

Para a descrição do contexto sociossubjetivo, recorro a marcas linguísticas que permitem identificar as representações dos seguintes parâmetros sociossubjetivos mobilizados

nos textos: os papéis sociais dos agentes que interagem (enunciador e destinatário); o quadro social da interação (interação sociosubjetiva); e os objetivos¹¹ da ação comunicativa.

1.1.1. Nos textos de mulheres

No que respeita ao **contexto físico**, a categoria *emissor* (sujeito empírico) é marcada pelo recurso a nomes próprios no TM3, no TM4 e no TM5. No TM1, no TM2 e no TM6 o autor empírico não é linguisticamente marcado. No TM3, o dado acerca da autoria empírica apresenta-se a seguir ao título, alinhado à direita, sob a forma de elemento paratextual, com recurso ao nome próprio *Maria da Glória Garcia*; e surge complementado por um elemento multimodal (fotografia). No TM4, a presença da autora empírica é marcada linguisticamente na assinatura do texto, no fim do texto, por intermédio de nome próprio - *Isabel Mota*. No TM5, o sujeito físico é visível no título do texto, sob a forma de nome próprio - *Marisa Matias*.

No que respeita à categoria *recetor* (empírico), não surge marcada linguisticamente em nenhum texto, assumindo o papel sociosubjetivo de destinatário, como mais à frente darei conta.

Relativamente à categoria *espaço*, surge materializada em todos os textos com recurso a deícticos espaciais, mais especificamente sob a forma de nomes próprios, geralmente designando a entidade institucional representada e que coincide com o lugar onde o texto é produzido. Esta categoria é visível em momentos distintos do plano de texto: no TM1, tal como no TM6, o lugar físico é dado a conhecer no corpo do texto, pelo agente de produção, surgindo marcado no TM1 pelo deíctico espacial sob a forma de nome próprio - *Assembleia da República*; e materializado no TM6 por intermédio do nome próprio - *Casa da Imprensa*. No TM2 o espaço é linguisticamente marcado no título com recurso ao nome próprio - *Palácio de S. Bento* - e complementado por um elemento paratextual - o logótipo da instituição (*Assembleia da República*). No TM3, a marcação linguística do espaço surge no mesmo

¹¹ Bronckart, Bulea & Frisalon (2004: 346) distinguem *finalidades* de *objetivos*, entendendo que o primeiro termo se aplica às *atividades* e o segundo termo às *ações* imputadas a actantes singulares. Dessa forma, as finalidades permitem distinguir tipos de atividades, que se associam a uma organização coletiva e que são orientadas para uma finalidade social. Por seu turno, as ações articulam-se com os objetivos, na medida em que a ação é um recorte da atividade coletiva, assumida por um actante singular em função dos objetivos para essa mesma ação, sobre os quais os agentes têm consciência, capacitando-os para formar representações dos prováveis efeitos da atividade na qual estão engajados. No entendimento deste trabalho, utilizo aqui o termo *objetivos* por remeterem para os propósitos da ação comunicativa imputada aos agentes de produção.

elemento paratextual que identifica o sujeito empírico, por intermédio de nome próprio – *Universidade Católica Portuguesa* –, que remete para a entidade institucional representada e que coincide com o lugar físico. No TM4, o espaço é materializado com recurso a nome próprio - *Fundação Calouste Gulbenkian* - no cabeçalho do discurso, sob a forma de logótipo da entidade institucional. No TM5, a categoria física espaço é visível num texto que antecede o discurso, por intermédio dos nomes próprios *Teatro Thalia e Lisboa*.

O parâmetro *tempo* é identificado pelo recurso a deícticos temporais, mais especificamente a datas, salvo em TM6 que não é linguisticamente marcado, apresentando distintas incidências no território textual: no TM1 a temporalidade é materializada linguisticamente por data - *13 de Agosto de 1979* – no subtítulo; no TM2 a data (*21 de Junho de 2011*) surge no título; no TM3 o deíctico temporal - *18 de outubro de 2012* – é identificado numa nota introdutória, facto que decorre de o texto circular numa revista; no TM4 surge sob a forma de subtítulo (*3 de maio de 2017*); e no TM5, à semelhança da categoria física espaço, a temporalidade (*7 de Novembro, 2015*) é marcada no texto que antecede o discurso.

No que respeita ao **contexto sociossubjetivo**, assumo, nestes textos, dado o enquadramento altamente institucional, a relevância do parâmetro papel social dos sujeitos (*enunciador*). Independentemente do autor empírico surgir linguisticamente marcado, considero que os agentes de produção produzem os textos na qualidade do papel que assumem, coincidente com a posição de liderança que ocupam, visível a partir de nomes que representam as funções desempenhadas no cargo público. Assim, apesar de, por exemplo, no TM1, o sujeito físico ser *Maria de Lourdes Pintasilgo*, a relevância incide no facto de se assumir como agente de produção no papel de primeira-ministra, inferido por ser responsável pela *apresentação do programa do Governo*, conforme atesta o título (*Discurso na apresentação do programa do Governo*). No TM2, a categoria enunciador é marcada linguisticamente no título, com recurso à forma de tratamento *S. EXA* seguida do nome *Presidente da Assembleia da República*, verificando-se que o agente, apesar de empiricamente se tratar de *Assunção Esteves*, produz o texto na qualidade de Presidente da Assembleia da República, correspondente ao cargo público que representa. No TM3, o papel social do enunciador é marcado no título através de adjetivo qualificativo+nome (*Magnífica Reitora*), entendendo-se que é no exercício da função social de Reitora, também equivalente à posição de liderança que ocupa, que o agente produz o seu texto. No TM4, entende-se que a assinatura do texto, com recurso a nome próprio (*Isabel Mota*), pode simultaneamente referir o sujeito

empírico e o papel social, face ao contexto institucional, admitindo-se que assina o texto na qualidade de presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, uma vez que o texto produzido constitui o seu discurso de tomada de posse. No TM5, o agente de produção assume-se no papel social de *candidata às eleições presidenciais de 2016*, assim linguisticamente marcado no subtítulo do texto. No TM6, a identificação do papel social do enunciador não surge tão explicitamente marcada como nos outros textos, subentendendo-se pelo título que se trata da *apresentação da candidatura*, sendo apenas visível no corpo do texto, por intermédio da atividade discursiva, o facto de se declarar como candidata: *É para mim uma honra fazer esta declaração (...)*.

No que concerne ao papel social *destinatário*, verifica-se que na maior parte dos textos o enunciador refere-se ao beneficiário da ação recorrendo a determinadas formas de tratamento, por norma seguidas de nome, constituindo essas os marcadores linguísticos que indiciam o papel sociosubjetivo. Assim, no TM1, o destinatário é identificado no início do corpo textual, num intertítulo, com recurso às formas de tratamento *Senhor presidente da Assembleia da República, Senhoras Deputadas e Senhores Deputados*. Estes destinatários são, ainda, retomados ao longo do corpo do texto, sob a forma de intertítulos, linguisticamente marcados como *Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados*. No TM2, os destinatários surgem identificados no início do texto, no movimento de abertura do discurso (alinhado à esquerda), de duas formas: a instância produtora dirige-se por intermédio de formas de tratamento seguidas de nome a beneficiários específicos, com valor institucional - *Sr.as e Srs. Deputados; Sr. Ministro Adjunto e dos Assuntos Parlamentares -*; e dirige-se a outros destinatários, que generaliza, podendo ou não integrarem a instituição representada, recorrendo aos determinantes possessivos de primeira pessoa do singular precedidos de nome - *minhas senhoras e meus senhores*. No TM3, apesar do contexto altamente institucional, os destinatários são identificados no corpo do texto, com valores distintos, à semelhança do sucedido em TM2: um destinatário assume forte valor institucional, sendo linguisticamente marcado pelo recurso ao adjetivo *Magno* seguido de nome *Chanceler (da Universidade Católica)*; e o outro surge generalizado pelo pronome indefinido plural *todos (os que se dignaram acompanhar pessoalmente este acto)*. No TM4, à semelhança do observado no TM1 e no TM2, os destinatários surgem identificados sob a forma de intertítulo, no início do texto, e linguisticamente marcados por intermédio de formas de tratamento seguidas de nome. Também como em TM2, as formas de tratamento assumem valores diferentes, adquirindo formalidade quando remetem para entidades institucionais em cargos públicos de relevo, e

informalidade quando referem outras pessoas - institucionais ou não. Assim, no primeiro caso, o destinatário surge marcado pelas formas de tratamento *Senhor* (+ nome) ou *Senhor Doutor/Professor* (+ nome) - *Senhor Presidente da República*, *Senhores Presidentes Doutor Jorge Sampaio e Professor Aníbal Cavaco Silva*, *Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa*, *D. Manuel Clemente*, *Senhor Doutor Artur Santos Silva*. No segundo caso, menos informal, os destinatários são marcados pelas formas de tratamento *Cara/Caros* (*Cara e Caros Colegas; Caros colaboradores da Fundação*) e pelos determinantes possessivos de primeira pessoa do singular precedidos de nome - *Minhas Senhoras e Meus Senhores*. Nos TM5 e TM6 os destinatários imediatos são circunstancialmente distintos dos representados nos outros textos: se nos textos TM1 a TM4 os destinatários eram particularizados, por norma de forma hierarquizada, fruto de uma contingência institucional e até do próprio cargo representado, nos TM5 e TM6 os destinatários surgem exclusivamente identificados como um grupo coletivo, generalizado. No TM6, o destinatário é explícita e linguisticamente marcado logo no início do texto pelo recurso aos pronomes indefinidos plurais *todas/todos* (*Boa tarde a todas e a todos!*), a quem o sujeito enunciador se dirige, cumprimentando. No TM5 sucede o mesmo – o sujeito enunciador cumprimenta os presentes e agradece a sua presença -, porém o destinatário *todas/todos* surge subentendido na forma verbal *estarem* (*Muito boa tarde e muito obrigada por estarem aqui.*). Esta disposição da categoria sociosubjetiva nos TM5 e TM6, de forma coletivizada e generalizada, não reconhecendo estatutos nem hierarquias, decorre do próprio quadro social de interação e do propósito comunicativo dessas intervenções públicas – o de apresentar a candidatura a um cargo público; ao passo que os outros textos constituem intervenções públicas que ocorrem no âmbito da ocupação do cargo público, o que faz prever formas de interação diferenciadas.

Do ponto de vista da *interação sociosubjetiva*, observa-se que os agentes de produção interagem (e produzem os textos) na qualidade do papel social que assumem, relacionando-se, ainda, com a atividade a que os textos reportam e com os *objetivos* comunicativos. Dessa forma, verifica-se que o quadro social de interação surge em estreita ligação com a *posição de liderança* em que os agentes de produção se assumem na ocupação ou na candidatura à ocupação de cargos públicos. Assim, o TM1 figura na esfera política, apresentando-se o agente de produção como Primeira-ministra, com o objetivo de apresentar o programa do governo a que preside (V Governo Constitucional) e expor as motivações e os objetivos do compromisso assumido. O TM2 pertence à atividade política, o enunciador assume-se como Presidente da Assembleia da República na XII Legislatura, apresentando o seu ato político

com o objetivo de tomar posse do cargo, expondo as suas intenções, as suas motivações e os objetivos que estabelece para o futuro no exercício das suas funções. O TM3 associa-se à atividade académica, que decorre da própria natureza institucional da Universidade Católica Portuguesa, assumindo-se a instância produtora como Reitora da mesma, produzindo o seu texto com o intuito de tomar posse do cargo e de explicar as suas motivações, intenções, objetivos e modos de atuação futura. O TM4 imbuí-se na esfera cultural, também decorrente da própria natureza da instituição representada - a Fundação Calouste Gulbenkian. Ainda na ótica da interação sociossubjetiva e dos propósitos comunicativos, a instância enunciativa interage com os seus destinatários na qualidade de Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, a quem expõe, na tomada de posse ao cargo público, as suas motivações, intenções, capacidades, perspetivas futuras e propostas de atuação que decorrem do compromisso assumido. Nos TM5 e TM6, as instâncias produtoras assumem-se como candidatas às eleições presidenciais, com o objetivo de se candidatarem ao cargo público e de apresentarem as motivações, as intenções, as capacidades e os objetivos de atuação no cargo que esperam almejar, figurando ambos os textos no âmbito político.

A situação comunicativa nos textos, mais especificamente o tipo de interação e os objetivos da ação comunicativa acima identificados, é dada a conhecer pela atividade discursiva, realizada a partir da perspetiva individual do enunciador, no movimento introdutório dos textos, por intermédio de verbos pragmáticos (como por exemplo, *cumprir*, *aceitar*, *presidir*, *assumir*, *declarar*, *ser/estar*) e de marcas linguísticas que marcam a instância enunciativa (com recurso a deícticos pessoais de primeira pessoa do singular). No entanto, e porque esses dados sinalizam, ainda, o segmento temático central, esta questão será retomada e pormenorizada na secção seguinte deste capítulo, respeitante à análise dos aspetos temático-composicionais, mais especificamente na identificação do conteúdo temático.

Apresento, na figura abaixo, os dados observados, no seu conjunto, nos textos de mulheres:

| | | Contexto sociointeracional de produção | | | | | | |
|-----------------------------|----------------------------|---|---|--|--|---|---|--|
| | | TM1 | TM2 | TM3 | TM4 | TM5 | TM6 | |
| Parâmetros objetivos | Sujeitos | Emissor | não marcado | não marcado | Maria da Glória Garcia | Isabel Mota | Marisa Matias | não marcado |
| | | Recetor | não marcado | não marcado | não marcado | não marcado | não marcado | não marcado |
| | Espaço | Assembleia da República | Palácio de S. Bento | Universidade Católica Portuguesa | Fundação Calouste Gulbenkian | Teatro Thalia, Lisboa | Casa da Imprensa | |
| | Temporalidade | 13 de Agosto de 1979 | 21 de Junho de 2011 | 18 de outubro de 2012 | 3 de maio de 2017 | 07 de Novembro, 2015 | não marcado | |
| Parâmetros sociossubjetivos | Papéis sociais | Enunciador | Primeira-ministra do V Governo Constitucional | Presidente da Assembleia da República na XII Legislatura | Reitora da Universidade Católica Portuguesa | Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian | Candidata às eleições presidenciais 2016 | Candidata às eleições presidenciais 2021 |
| | | Destinatário | Senhor presidente da Assembleia da República senhoras deputadas senhores deputados | Sr.as e Srs. Deputados Sr. Ministro Adjunto e dos Assuntos Parlamentares Minhas Senhoras e Meus Senhores | Magno Chanceler, Senhor D. José da Cruz Policarpo todos os que se dignaram a acompanhar pessoalmente este acto | Senhor Presidente da República Senhores Presidentes Doutor Jorge Sampaio e Professor Aníbal Cavaco Silva Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente Senhor Doutor Artur Santos Silva Cara e Caros Colegas Caros colaboradores da Fundação Minhas Senhoras e Meus Senhores | Marcado na forma verbal <i>estarem</i> (subentende-se <i>todos os presentes</i>) | todas todos |
| | Quadro social de interação | Chefe de governo - destinatários Esfera política Apresentação do programa de governo | Presidente da Assembleia da República – destinatários Esfera política Tomada de posse | Reitora da Universidade Católica Portuguesa – destinatários Esfera académica Tomada de posse | Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian – destinatários Esfera cultural Tomada de posse | Candidatas às eleições presidenciais – destinatários Esfera política Candidatura ao cargo de Presidente da República | | |
| | Objetivos | Apresentar o programa do governo Expor as intenções, motivações, objetivos e ações futuras na ocupação do cargo público | Proferir tomada de posse Expor as intenções, motivações, objetivos e ações futuras na ocupação do cargo público | | Candidatar ao cargo público Expor as intenções, motivações, objetivos e ações futuras para a possível futura ocupação do cargo público | | | |

Figura 27. Os aspetos situacionais nos textos de mulheres

1.1.2. Nos textos de homens

No que respeita ao **contexto físico**, a categoria *emissor* (sujeito empírico) surge sempre marcada linguisticamente nos textos de homens por intermédio de nomes próprios e é identificada em TH1 e TH3 na capa dos livros (facto que decorre do suporte impresso); nos títulos de TH2, TH5 e TH6; e no elemento paratextual sob a forma de assinatura do texto em TH4. Especificamente, no TH1 o sujeito físico é marcado pelo nome próprio *Carlos Alberto da Mota Pinto*; no TH2 pelo nome próprio *Jaime Gama*; no TH3 pelo nome próprio *Manuel Braga da Cruz*; no TH4 pelo nome próprio *Artur Santos Silva*; no TH5 pelo nome próprio *Edgar Silva*; e no TH6 pelo nome próprio *João Ferreira*.

Relativamente ao parâmetro *recetor* (empírico), e à semelhança do corrido nos textos de mulheres, não surge marcado linguisticamente, assumindo o papel sociossubjetivo de destinatário.

A categoria *espaço* é observada apenas em TH1, TH3 e TH5, visível através de nomes próprios: em TH1 surge no subtítulo, coincidindo o lugar com a entidade institucional

representada (*Assembleia da República*); em TH3, à semelhança da categoria tempo, o lugar físico é identificado no elemento paratextual nota de rodapé sob a forma do nome próprio *Lisboa*; e em TH5, também marcado linguisticamente pelo nome próprio *Lisboa*, o dado é identificado no subtítulo, tal como o parâmetro temporalidade. Os TH2, TH4 e TH6 não apresentam marcação linguística relativamente ao espaço.

Quanto às informações relativas ao momento de produção (*temporalidade*), são materializadas com recurso a deícticos temporais sob a forma de datas, com incidências distintas no plano de texto: em TH1 surge no título (*4 de Dezembro de 1978*); no TH2 também (*16.03.2005*); no TH3 a temporalidade é identificada no elemento paratextual nota de rodapé, informação aí remetida pelo título (*12 de Outubro de 2000*); no TH4 ocorre no elemento paratextual sob a forma de assinatura do texto (*3 de maio de 2012*), tal como a categoria emissor; no TH5 a categoria tempo é particularizada no subtítulo (*15 Outubro 2015*); e no TH6, o momento de produção surge especificado no elemento paratextual em forma de assinatura, no fim do texto (*17/09/2020*).

No que respeita ao **contexto socio subjetivo**, pelas mesmas razões já apontadas nos textos de mulheres, o papel social do *enunciador* assume grande relevância, uma vez que é dessa condição que resultam as produções textuais. Embora o sujeito empírico surja sempre delimitado, o papel social do enunciador destaca-se face ao contexto institucional dos textos e é marcado de diversas formas: no TH1 o sujeito assume-se como responsável pela apresentação do programa do Governo, conforme atesta o subtítulo (*Discurso proferido na Assembleia da República, quando da apresentação do programa do Governo*); no TH2 a categoria enunciador é marcada linguisticamente no título, com recurso ao nome *Presidente da Assembleia da República*; no TH3 é igualmente identificado no título por intermédio do nome *Reitor*; no TH4 o enunciador surge linguisticamente efetivado no elemento paratextual assinatura, através do nome *Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian*; nos TH5 e TH6, o enunciador é marcado nos títulos pelos nomes próprios - *Edgar Silva* e *João Ferreira*, respetivamente -, integrados, ainda, na expressão *Candidatura de... às Eleições Presidenciais*, permitindo verificar que produzem os seus textos na qualidade de candidatos ao cargo público de Presidente da República.

Quanto ao papel socio subjetivo *destinatário*, é marcado linguisticamente de diversas formas e em momentos distintos do texto: nos TH1 e TH4, os beneficiários da ação são

marcados com recurso às formas de tratamento, seguidas de nomes próprios, no início do corpo textual, num intertítulo. Assim, no TH1, os destinatários materializam-se como *Senhor Presidente da Assembleia da República* e *Senhores Deputados* e são, ainda, retomados ao longo do corpo do texto, sob a forma de intertítulos, linguisticamente marcados como *Senhor Presidente* e *Senhores Deputados*. No TH4 surgem uma única vez referidos com recurso a duas formas de tratamento - *Senhor Doutor* e *Caras/Caros*: a primeira com forte valor institucional e, por isso mais formal, seguida de nome próprio que sinaliza uma pessoa em específico (*Senhor Doutor Emilio Rui Vilar*); e a segunda, mais informal, é especificada por intermédio de nomes que pontuam um determinado grupo (*Caras e Caros Colegas; Caros Colaboradores e Amigos*). Neste texto, os destinatários imediatos da ação surgem mencionados unidirecional e hierarquicamente, de forma descendente, iniciando com a entidade individual de relevo institucional, e, depois, com destinatários coletivos: o grupo coletivo no qual a própria instância produtora se insere (*Caras e Caros Colegas*) e, por fim, o público em geral, interno (*Caros Colaboradores*) e externo (*Amigos*) à instituição social. Nos TH2, TH3, TH5 e TH6, o parâmetro destinatário é marcado no corpo do texto, com uma disposição diferente. No TH2, os beneficiários são identificados na atividade discursiva que sinaliza saudação/cumprimento, com recurso ao nome que pontua um grupo - *Deputados*, particularizados como *Deputados da X Legislatura*; com recurso ao nome+adjetivo *Presidente cessante*, especificado pelo nome próprio *Mota Amaral* e, ainda, pelo determinante possessivo+nome *meu conterrâneo*. No TH3, os destinatários são igualmente visíveis a partir da atividade discursiva de agradecimento, a quem o agente de produção se dirige e identifica com recurso às formas de tratamento. Estas formas de tratamento são, ainda, em alguns casos, antecedidas da função que os destinatários desempenham no quadro social da interação e precedidas de nomes próprios que sinalizam a pessoa física: *Vice-Reitores, a Prof. Doutora Maria da Glória Garcia e o Prof. Doutor P. Carlos Moreira de Azevedo; Pró-Reitor, o Dr. José Alberto Tavares Moreira; Prof. Doutor Manuel Isidro Alves; Senhores Vice-Reitores (cessantes)*. No TH5, o destinatário dilui-se no coletivo identificado no pronome indefinido plural *todos*, e é visível quando o agente de produção direciona o seu ato a todos os presentes no momento da interação, referindo a candidatura como *esta nossa candidatura*. No TH6, os beneficiários da ação são sinalizados, também, pelo pronome indefinido plural *todos*, todavia neste texto antecedido pela forma verbal *dirijo-me*, marcando a intenção de o agente de produção falar para esse coletivo.

Do ponto de vista do *quadro social de interação*, os papéis assumidos pelos agentes de produção permitem, ainda, evidenciar a atividade que os textos comentam e os objetivos da ação comunicativa, relacionando-se com a *posição de liderança* em que os agentes de produção se assumem na ocupação ou na candidatura à ocupação de cargos públicos. Assim, no TH1, a instância produtora assume-se como chefe do Governo, e é nessa qualidade que produz o texto, figurando na esfera política, com o intuito de apresentar o programa do governo a que preside e de expor as motivações e os objetivos do compromisso assumido. No TH2, o enunciador assume-se como Presidente da Assembleia da República, produzindo o seu texto nessa qualidade, com o objetivo de tomar posse do cargo público (âmbito político) e de expor as suas intenções, as suas motivações e os objetivos que estabelece para o futuro no exercício das suas funções. No TH3, o papel social de Reitor da Universidade Católica Portuguesa faz prever a interação na esfera académica, sendo o texto produzido com o objetivo de tomar posse do cargo público e de explicar as motivações e intenções do enunciador na ocupação do cargo. No TH4, a instância enunciativa interage com os seus destinatários na qualidade de Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, a quem expõe, na tomada de posse ao cargo, as suas motivações, intenções, capacidades, perspetivas futuras e pressupostos de atuações na ocupação do cargo. O texto respeita à atividade cultural, que decorre da natureza institucional da Fundação Calouste Gulbenkian. Nos TH5 e TH6, as instâncias produtoras assumem-se como candidatos ao cargo de presidente da República: no TH5 nas eleições presidenciais de 2016 e no TH6 nas presidenciais de 2021, informação essa identificado no título. Ambos os textos figuram na esfera política, com o objetivo de apresentar as motivações, as intenções, as capacidades, os objetivos e os projetos de um compromisso/cargo que esperam almejar.

Tal como já mencionado nos textos de mulheres, o tipo de interação e os objetivos da ação comunicativa são dados a conhecer pela atividade discursiva, pelo recurso a determinados verbos e marcas de pessoa que indiciam o enunciador, sinalizando, ainda, o segmento temático central. Todavia, pelas razões já apontadas, relego essa análise para a secção seguinte, respeitante ao conteúdo temático.

Apresento, na figura abaixo, os dados observados nos textos de homens:

| | | | Contexto sociointeracional de produção | | | | | |
|-----------------------------|----------------------------|---------------|--|---|---|--|--|--|
| | | | TH1 | TH2 | TH3 | TH4 | TH5 | TH6 |
| Parâmetros objetivos | Sujeitos | Emissor | Carlos Alberto da Mota Pinto | Jaime Gama | Manuel Braga da Cruz | Artur Santos Silva | Edgar Silva | João Ferreira |
| | | Recetor | não marcado | não marcado | não marcado | não marcado | não marcado | não marcado |
| | Espaço | | Assembleia da República | não marcado | Lisboa | não marcado | Lisboa | não marcado |
| | | Temporalidade | 4 de Dezembro 1978 | 16.03.2005 | 12 de Outubro de 2000 | 3 de maio de 2012 | 15 Outubro 2015 | 17/09/2020 |
| Parâmetros socio-subjetivos | Papéis sociais | Enunciador | Primeiro-ministro do IV Governo Constitucional | Presidente da Assembleia da República na XI Legislatura | Reitor da Universidade Católica Portuguesa | Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian | Candidato às eleições presidenciais 2016 | Candidato às eleições presidenciais 2021 |
| | | Destinatário | Senhor Presidente da Assembleia da República; Senhores Deputados | Deputados da X Legislatura; Presidente cessante, Mota Amaral, meu conterrâneo | Vice-Reitores, a Prof. Doutora Maria da Glória Garcia e o Prof. Doutor P. Carlos Moreira de Azevedo; Pró-Reitor, o Dr. José Alberto Tavares Moreira; Prof. Doutor Manuel Isidro Alves; Senhores Vice-Reitores (cessantes) | Senhor Doutor Emilio Rui Vilar; Caras e Caros Colegas; Caros Colaboradores e Amigos | todos | todos |
| | Quadro social de interação | | Chefe de governo - destinatários Esfera política Apresentação do programa de governo | Presidente da Assembleia da República – destinatários Esfera política Tomada de posse | Reitor da Universidade Católica Portuguesa – destinatários Esfera académica Tomada de posse | Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian – destinatários Esfera cultural Tomada de posse | Candidatos às eleições presidenciais – destinatários Esfera política Candidatura ao cargo de Presidente da República | |
| | | Objetivos | Apresentar o programa do governo Expor as intenções, motivações, objetivos e ações futuras na ocupação do cargo público | Expor as intenções, motivações, objetivos e ações futuras na ocupação do cargo público | Proferir tomada de posse público | | Candidatar ao cargo de Presidente da República Expor as intenções, motivações, objetivos e ações futuras para a possível futura ocupação do cargo público | |

Figura 28. Os aspetos situacionais nos textos de homens

A seguir proponho uma visão global, e num viés comparativo, sobre os elementos da situação de produção observados nos textos de mulheres e nos textos de homens.

1.1.3. Movimento comparativo da análise dos aspetos situacionais

No cômputo geral, a análise dos aspetos situacionais sustentou-se na identificação dos dados, por um lado, do contexto material da ação e, por outro lado, do contexto socio-subjetivo, com o levantamento das informações relativas a oito parâmetros: os sujeitos empíricos emissor e recetor; o espaço da produção textual; a temporalidade; os papéis sociais enunciador e destinatário; o quadro social de interação e o(s) objetivo(s) da produção textual. Dos dados observados, aferi conclusões idênticas, quer nos textos de mulheres, quer nos textos de homens.

No que respeita ao **contexto físico**, constatei que tanto nos textos de mulheres como nos textos de homens as informações são, predominantemente, materializadas no início do texto no título e/ou subtítulo, onde se subtraem informações relativamente ao autor empírico,

ao momento da produção e o espaço físico. Não obstante, em alguns textos, essas categorias são identificadas no corpo do texto ou em elementos paratextuais em forma de assinatura; ou, ainda, no caso dos textos das mulheres, complementados com elementos que circundam o texto, como elementos multimodais. Para além disso, verifiquei que, em casos pontuais, algumas categorias são omissas, ou seja, não são linguisticamente marcadas, como é o caso das categorias emissor e temporalidade em alguns textos de mulheres; e da categoria espaço em alguns textos de homens. Em todos os textos, de mulheres e de homens, no entanto, a categoria física *receptor* não é linguisticamente marcada.

Em traços gerais, a categoria *emissor* (sujeito empírico), tanto nos textos de mulheres como nos textos de homens, representa uma pessoa física, por norma assinalada por intermédio de nome próprio. Nos textos de mulheres, a categoria emissor é linguisticamente omissa nos TM1, TM2 e TM6, e nos outros textos surge marcada pelo recurso a nomes próprios: no TM5, a autora empírica é identificada no título; nos TM3 e TM4 é visível num elemento paratextual (assinatura); e, ainda, no TM3 surge complementada por um elemento multimodal (fotografia). Nos textos de homens, a categoria *emissor* (sujeito empírico) surge sempre marcada linguisticamente, também por intermédio de nomes próprios: é identificada em TH1 e TH3 na capa dos livros; nos títulos de TH2, TH5 e TH6; e no elemento paratextual sob a forma de assinatura em TH4.

Quanto à categoria *espaço* (físico), tanto nos textos de mulheres como nos textos de homens, surge materializada com recurso a deícticos espaciais, mais especificamente sob a forma de nomes próprios, ora designando a entidade institucional representada e que coincide com o lugar onde o texto é produzido (TM1, TM2, TM3, TM4 e TH1); ora remetendo para um lugar físico particularizado (TM5 e TM6); ora para um local mais amplo/abstrato (TH3, TH5). Nos textos de homens TH2, TH4 e TH6, o parâmetro espaço é omissa. Esta categoria é visível em momentos distintos dos planos de texto. Assim, nos textos de mulheres, o parâmetro espaço é linguisticamente marcado, no TM5, num texto que antecede o discurso propriamente dito; no TM2, no título e complementado por um elemento paratextual (logótipo da instituição); no TM3, no elemento paratextual assinatura; no TM4, o espaço é materializado no elemento paratextual cabeçalho do discurso, sob a forma de logótipo da entidade institucional; e nos TM1 e TM6, o lugar físico é dado a conhecer no corpo do texto. Nos textos de homens, o lugar físico surge marcado, no TH1, no subtítulo; no TH3, no elemento paratextual nota de rodapé; e, no TH5, no subtítulo.

Relativamente à *temporalidade* (momento de produção), é marcada linguisticamente de igual modo nos textos de mulheres e de homens, ou seja, com recurso a déicticos temporais sob a forma de datas, salvo em TM6 que não tem marcação linguística. A sua incidência no plano dos textos é, todavia, distinta: em TM2, TH1, TH2 surge no título; em TM1, TM4 e TH5 no subtítulo; em TM3 e TM5 a temporalidade é identificada num texto que antecede o discurso propriamente dito; em TH3 no elemento paratextual nota de rodapé; e em TH4 e TH6 o dado sobre o momento de produção é visível no elemento paratextual assinatura.

No que respeita ao **contexto sociossubjetivo**, verifiquei fortes semelhanças nos textos de mulheres e nos textos de homens. Assim, quanto ao parâmetro papel social dos agentes de produção (*enunciador*), embora em alguns textos a presença física do sujeito empírico seja marcada linguisticamente, dado o enquadramento altamente institucional dos textos assumo a relevância do papel social enunciador, já que é sempre delimitado e é a partir dessa condição que resultam as produções textuais. Por tal, considero que em todos os textos os agentes de produção produzem os textos na qualidade do papel que assumem, coincidente com a posição de liderança que ocupam, visível a partir de nomes que representam as funções desempenhadas no cargo público: nos TM1 e TH1, o agente de produção produz o texto na qualidade de primeira/o-ministra/o, na apresentação do programa do Governo, visível no título e subtítulo, respetivamente; nos TM2 e TH2, os agentes de produção assumem-se como Presidentes da Assembleia da República (marcados nos títulos); nos TM3 e TH3 como Reitora e Reitor da Universidade Católica Portuguesa (presentes nos títulos); nos TM4 e TH4 os agentes assumem o papel de Presidentes da Fundação Calouste Gulbenkian, linguisticamente marcado na assinatura de ambos os textos; nos TM5, TH5, TM6 e TH6, verifica-se que os agentes produzem os textos na qualidade de candidatos ao cargo público de Presidente da República, como atestam os títulos, salvo em TM5, onde a informação é identificada no subtítulo.

Na perspetiva da *interação sociossubjetiva*, os enunciadores assumem esses papéis e interagem com determinados *destinatários*, sendo em quase todos os casos este papel social marcado por formas de tratamento, formais e informais, precedidas de nomes próprios ou nomes comuns respeitantes à função sócio-institucional que desempenham (TM1, TM2, TM3, TM4 e TH1, TH2, TH3 e TH4); ou pelo recurso, em alguns textos, ao pronome indefinido pluralizado *todos* (TM3, TM5, TM6 e TH5, TH6). A formalidade ou informalidade das formas de tratamento decorre do próprio contexto institucional, sendo comumente utilizadas de forma hierarquizada: as formas *Senhores, Senhoras, Doutor, Doutora, Professor*, entre

outras, são usadas para referir beneficiários diretamente relacionados com a instituição social representada; e as formas *Caras, Caros, Meus Senhores, Minhas Senhoras*, entre outras, para referir outros beneficiários, de forma mais informal, internos ou externos à instituição, com estatuto menos representativo no contexto institucional. Especificamente, no TM1, os destinatários são identificados no início do corpo textual, sob a forma de intertítulo, e retomados ao longo do corpo do texto em outros intertítulos, com recurso exclusivo às formas de tratamento formais. No TM2, os destinatários surgem identificados no início do texto, no movimento de abertura do discurso, ora com recurso a formas de tratamento formais, ora informais. No TM3, apesar do contexto altamente institucional, os destinatários são identificados no corpo do texto, com valores distintos, recorrendo a formas de tratamento formais e ao pronome indefinido plural. No TM4, à semelhança do observado no TM1 e no TM2, os destinatários surgem identificados sob a forma de intertítulo, no início do texto, e linguisticamente marcados por intermédio de formas de tratamento formais e informais, seguidas de nomes (próprios ou comuns). Nos TM5 e TM6 os destinatários imediatos são circunstancialmente distintos dos identificados nos outros textos, representando um coletivo generalizado pelos pronomes indefinidos plurais *todas/todos*, justificável pelo menor enquadramento institucional destes textos, decorrente, igualmente, do próprio quadro social de interação e do propósito comunicativo dessas intervenções públicas – o de apresentar a candidatura a um cargo público, em oposição às intervenções públicas que ocorrem no âmbito da ocupação do cargo público. Justifica-se, assim, nestes textos, tal como se verificará em TH5 e TH6, a opção pelo recurso ao pronome indefinido plural, em detrimento do recurso às formas de tratamento: enunciador e destinatário colocam-se num plano de igualdade, pois as instâncias produtoras posicionam-se como candidatas/os à ocupação de um cargo público; pelo contrário, nos outros textos, as instâncias produtoras já ocupam o cargo, por si hierarquizado, prevendo formas de interação diferenciadas que decorrem de contingências sociais, políticas e institucionais. Quanto aos textos de homens, no TH1 os beneficiários da ação são marcados com recurso às formas de tratamento formais, no início do texto e retomados ao longo do corpo do texto, sob a forma de intertítulos. No TH2 são identificados no corpo do texto, na atividade discursiva que sinaliza saudação/cumprimento, com recurso a nomes. No TH3, os destinatários são igualmente visíveis a partir da atividade discursiva, neste caso de agradecimento, com recurso a formas de tratamento formais. No TH4 os destinatários são marcados com recurso às formas de tratamento formais e informais, seguidas de nomes próprios ou comuns, no início do corpo textual, num intertítulo. Nos TH5 e TH6, tal como

acima mencionado, o destinatário dilui-se no coletivo identificado no corpo do texto pelo pronome indefinido plural *todos*.

Verifica-se, ainda, a estreita ligação entre os papéis sócias representados e a *posição de liderança* em que os agentes de produção se assumem na ocupação ou na candidatura à ocupação de cargos públicos. Nessa medida, os textos figuram em distintas atividades - na atividade política (TM1/TH1, TM2/TH2, TM5/TH6 e TM6/TH6), na académica (TM3/TH3) e na cultural (TM4/TH4) – apresentando finalidades sociais que decorrem dessas atividades: a apresentação do programa de governo na ocupação de um cargo público (TM1/TH1); a tomada de posse a um cargo público (TM2/TH2, TM3/TH3 e TM4/TH4); e a candidatura a um cargo público (TM5/TH6 e TM6/TH6). No quadro da interação social, especificamente, os agentes produzem os textos com os *objetivos* de apresentar o programa do governo na qualidade de primeira/o-ministra/o; de tomar posse do cargo de Presidente da Assembleia da República, de Reitora/Reitor da Universidade Católica Portuguesa e de Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian; e de se candidatarem ao cargo de Presidente da República; expondo as sua motivações, as sua intenções, as sua capacidades, e as suas propostas de atuação futura no exercício das funções no cargo público que representam ou que almejam representar. Esta situação comunicativa nos textos é, ainda, dada a conhecer pela atividade discursiva, realizada a partir da perspectiva individual do enunciador, no movimento introdutório dos textos, por intermédio de verbos pragmáticos e de marcas linguísticas e enunciativas que marcam o agente de produção, sinalizando, igualmente, o segmento temático central, como mais à frente se retomará.

Importa clarificar que, por uma questão de ordem prática, os dados relativos ao contexto físico e ao contexto sociossubjetivo foram analisados colocando de um lado os textos de mulheres e, de outro, os de homens. No entanto, independentemente da estruturação e disposição das categorias físicas e sociossubjetivas no plano textual, atesto as seguintes conclusões: no que respeita à análise dos aspetos situacionais dos textos, verifico que as características tanto dos textos de autoria feminina como de autoria masculina não apresentam, de uma forma geral, dissemelhanças substanciais. Quer isto dizer que as propriedades contextuais que sobressaem dos textos relacionam-se com uma contingência do próprio género textual, aproximando todos os textos do *corpus*, e apresentando, de um modo geral, características previsíveis e marcadoras do género textual em evidência (intervenção pública), independentemente da autoria. Nessa medida, as diferenças e oscilações na disposição e gestão dos parâmetros contextuais que se salientam recaem, potencialmente,

sobre a agentividade, resultando de escolhas individuais, o que confere ao texto identidade e singularidade, todavia não alteram sobejamente a sua especificidade genológica, nem colocam os textos em confronto de autoria.

De seguida, procedo à segunda etapa de análise, relativa aos aspetos temático-composicionais.

1.2. Análise dos aspetos temático-composicionais

Nesta etapa, com o objetivo de caracterizar o género textual *intervenção pública*, procedo à observação da componente genológica, composicional e temática dos textos, aplicando os elementos explanados no aparelho analítico dos aspetos temático-composicionais (cf. III.4.Figura 23).

Assim, num primeiro momento, com recurso a uma abordagem qualitativa, identifico o plano geral dos textos levantando as informações que estruturam e organizam os textos (composicionalidade) e desenho o formato composicional das *intervenções públicas*. Num segundo momento, faço o levantamento das informações que acionam o conteúdo temático e apresento a configuração temática das *intervenções públicas*¹².

Para o levantamento das informações que organizam o espaço textual e que permitem a caracterização global dos textos, recorro a marcadores linguísticos que atestam padrões composicionais convencionais e/ou singulares fixados pelo género textual. Considero, aqui, com particular relevo, organizadores textuais de ordem paratextual, como, por exemplo, os títulos, os subtítulos, os intertítulos, as mudanças de partes ou de capítulos, os parágrafos introdutórios apresentando as divisões do texto, entre outros.

Relativamente à observação dos elementos que identificam o conteúdo temático dos textos, parto da análise composicional dos textos e reúno o conjunto de informações aí

¹² Esta etapa designa-se *aspetos temático-composicionais*, no entanto a análise inicia-se na ordem inversa, levantando-se primeiramente algumas informações acerca da composicionalidade, e imbuindo-se a identificação das informações que acionam o conteúdo temático num momento particular da análise da composicionalidade. Esta ordem justifica-se pelo facto de as informações que configuram a composição dos planos gerais dos textos constituírem pistas sobre o conteúdo temático dos textos, auxiliando na identificação dos segmentos temáticos centrais. Por uma questão de coerência linguística, todavia, optei por recorrer à expressão *aspetos temático-composicionais*.

contidas que remetem para os mundos físico e sociossubjetivo, identificando os segmentos temáticos centrais, recuperados pela leitura e codificando-os num resumo.

1.2.1. Nos textos de mulheres

Relativamente à **composicionalidade**, verifico que nos textos de mulheres o organizador textual título, presente em todos os textos, remete para a designação de género textual. Essa designação é visível a partir de breves construções nominalizadas: no TM1 com recurso à expressão *Discurso na apresentação do programa do Governo*; nos TM2 e TM4 os textos são linguisticamente identificados como um *Discurso de tomada de posse*; no TM3 verifica-se tratar-se de um *Discurso de Posse*; no TM5 o título identifica o texto como uma *Declaração*; e no TM6 como um *Discurso de apresentação de candidatura*.

À exceção do TM6, os textos apresentam o organizador textual subtítulo, com construções nominalizadas idênticas aos títulos e/ou deícticos espaciais que remetem para o lugar físico da situação de produção e, ainda, deícticos temporais sob a forma de datas que respeitam ao momento de produção. Esta disposição do subtítulo pode assumir diversas funções, tais como particularizar e/ou reiterar o género textual (TM3: *Discurso Tomada de Posse*), ou complementar o título com a identificação de elementos espaciais e/ou temporais do mundo objetivo (TM1: *13 de Agosto de 1979*; TM2: *Palácio de S. Bento, 21 de junho de 2011*, TM4: *3 de maio de 2017*; e TM5: *2016*) e/ou elementos sociossubjetivos (TM5: *Candidata às Eleições Presidenciais*).

A partir destes organizadores pré-textuais - títulos, e em alguns casos com complemento do subtítulo -, padronizados, assume-se que todos os textos se constituem como intervenções públicas na ou para a ocupação de um cargo público, produzidos no âmbito das atividades socioprofissionais dos agentes de produção. Apresentam, no entanto, oscilações, decorrentes da finalidade, tal como atestam os títulos e/ou subtítulos: intervenções públicas de apresentação de programa de governo (TM1); intervenções públicas de tomada de posse (TM2, TM3 e TM4); e intervenções públicas de declaração/apresentação de candidatura (TM5 e TM6).

No que respeita ao corpo dos textos, apresentam oscilações de tamanho mas são, de um modo geral, bastante longos, o que se associa ao foco expositivo e argumentativo que enforma os textos. Para determinar a extensão dos textos, procedi à contabilização do número

de palavras, apresentando as seguintes evidências: o TM1 apresenta 2260 palavras, o TM2 comporta 978 palavras, o TM3 assume-se o mais extenso com 2865 palavras, o TM4 tem 1887 palavras, o TM5 2140 palavras, e o TM6 é o menos extenso, com 852 palavras.

Embora com algumas oscilações, verifica-se que o corpo dos textos apresenta uma estrutura tripartida, comportando um momento de abertura, um momento expositivo-argumentativo (desenvolvimento), e um momento de fecho/encerramento do discurso.

O movimento de abertura é, em alguns textos, suprimido (TM3), no entanto, quando ocorre é identificado de duas formas: sob a forma de organizador textual intertítulo, que coincide com a identificação do papel sociossujeito *destinatários* (TM1, TM2 e TM4); e sob a forma de parágrafo introdutório do texto, correspondente à atividade discursiva de cumprimento, linguisticamente marcada pela forma *Boa tarde* (TM5 e TM6).

O momento de encerramento/fecho pontua o fim do discurso, ocorre em todos os textos, e surge no seguimento da parte expositiva-argumentativa, não havendo, por norma, uma delimitação gráfica por intertítulos (salvo TM4), como no momento de abertura. No entanto, as estratégias discursivas a que os agentes de produção recorrem sugerem o fim do texto, de pendor exortativo, bem como a segmentação em parágrafos, constituindo o último ou os últimos parágrafos do texto: em TM1, o fecho é marcado no último parágrafo do texto e delimitado pela expressão de um voto/desejo; em TM2, correspondente aos três parágrafos finais, e em TM6 aos dois últimos parágrafos, o fecho é sinalizado pela forma de agradecimento (*Muito Obrigada.*); em TM3, é assinalado por um pedido, de cunho religioso, introduzido por *que* (*Que Deus ilumine...*), no último parágrafo; em TM4, o encerramento é visível nos dois parágrafos, um correspondente à interpelação dos destinatários sob a forma de intertítulo e o outro indiciado por modalização epistémica (*Estou certa que*); e, em TM5, no último parágrafo, por uma construção oracional com função exortativa/interpelativa (*É a força... É a vossa força*).

O momento de exposição-argumentação¹³ corresponde ao desenvolvimento no plano geral do texto, ocupando a maior mancha textual, balizado pelo fecho em todos os casos e pela abertura, salvo em TM3; e apresenta também uma disposição ternária que prevê os lugares retóricos introdução, desenvolvimento e conclusão. Esta disposição tripartida surge delimitada

¹³ A denominação desta parcela do texto como *exposição-argumentação* deve-se ao facto de os textos, enquanto intervenções públicas, adquirirem, por um lado, uma dimensão expositiva e, por outro, uma dimensão persuasiva/argumentativa, uma vez que se expõem os objetivos do compromisso assumido ou a assumir, se expressam pontos de vista, se formulam juízos e se induz à ação com o intuito de validar a decisão anunciada (a ocupação do cargo público) ou a anunciar (a possível futura ocupação do cargo público).

por parágrafos e permite identificar as informações que acionam o **conteúdo temático**, a partir da atividade discursiva que permeia esses segmentos, depreendendo-se os segmentos temáticos centrais, recuperados pela leitura e que codifico num resumo.

Assim, a introdução da exposição-argumentação constitui-se pelo primeiro parágrafo em TM1 e em TM2, pelos primeiros três em TM3 e TM4, e pelos dois primeiros parágrafos em TM5 e TM6, e sinaliza o segmento temático central (segmento temático 1) correspondente ao propósito da ação comunicativa. Por intermédio da leitura dos segmentos iniciais de cada texto, verifica-se que o segmento temático principal é aí explanado e conforma a razão que leva os agentes de produção a produzirem os seus textos no âmbito do cargo público que assumem ou que desejam assumir, ou seja: apresentar o programa do governo (TM1); tomar posse e assumir funções de um cargo público de relevo (TM2, TM3 e TM4); e declarar-se candidata ao cargo presidencial (TM5 e TM6). Embora exista um núcleo temático que difere consoante o propósito comunicativo dos textos, estes apresentam um fio condutor temático-estrutural comum que decorre desse núcleo: o segmento temático 2. Este segmento temático constitui o desdobramento do segmento temático principal, caracterizando-se pela exposição das motivações, intenções, objetivos e ações futuras no âmbito do papel social em que as instâncias enunciativas foram investidas na ocupação de um cargo público (TM1, TM2, TM3 e TM4) ou que almejam ocupar (TM5 e TM6); e inaugura o desenvolvimento da exposição-argumentação.

O desenvolvimento da parte expositiva-argumentativa é, quanto à sua estruturação, heterogéneo, apresentando cada texto uma singularidade composicional, com traços específicos, conferindo dinamismo ao invés de rigidez ao próprio género textual. A singularidade de cada texto reside nas características composicionais e temáticas que a seguir pormenorizo, evidenciando, por um lado, a partir de organizadores textuais a composição da exposição-argumentação e, por outro lado, codificando num resumo as informações que acionam o conteúdo temático.

No TM1, o primeiro parágrafo introduz o segmento temático central – apresentar o programa do governo -, desdobrado nos parágrafos seguintes (segmento temático 2), onde o agente de produção expõe as suas intenções. As traves mestras do programa do governo são anunciadas após esta contextualização, identificadas por elementos peritextuais, sob a forma de numeração. Assim, verifica-se que os parágrafos balizados pelos números 1 a 4 remetem para a apresentação e exposição do programa do governo. Seguem-se dois momentos textuais indiciados por intertítulos que remetem para os destinatários, marcando o primeiro intertítulo

um complemento ao programa do governo onde o agente de produção expõe as suas motivações e intenções e, o segundo, pontuando a conclusão da exposição-argumentação.

No TM2, o primeiro parágrafo introduz o segmento temático central – presidir ao Parlamento. Os parágrafos seguintes assinalam o desenvolvimento da exposição-argumentação, em que a instância enunciativa expõe as suas motivações e intenções (segmento temático 2). A estrutura retórica introdução-desenvolvimento-conclusão não surge sementada por intertítulos (as ideias surgem de forma sucessiva, apenas paragrafadas), pelo que só é codificada na leitura.

No TM3, o momento inicial corresponde aos três primeiros parágrafos conformando a identificação do segmento central – assumir funções como reitora. Os parágrafos seguintes particularizam a importância da situação comunicativa, verificando-se que termina com a exposição das intenções, motivações, objetivos e modos de atuação futuros, que surgem pontuadas por componentes peritextuais (segmento temático 2). À semelhança do TM1, esse momento é segmentado por elementos numéricos, entre 1 e 8, e ocupam a maior parte do corpo textual. A conclusão é determinada pela atividade discursiva, assinalando-se linguisticamente o término do discurso por intermédio da forma verbal *terminar* (*E termino com (...)*).

No TM4 verifica-se uma organização composicional mais complexa, com recurso a distintos elementos peritextuais: o corpo textual é composto por seis partes, e cada parte surge assinalada por numeração romana e respetivo título. Estes intertítulos segmentam a finalidade de cada mudança de parte: a primeira (I. Introdução) apresenta o segmento temático central – a aceitação do cargo de presidente da Fundação Calouste Gulbenkian; a segunda (II. Agradecimentos) surge com o intuito de dirigir os agradecimentos formais; a terceira (III. Enquadramento) enquadra o percurso da instância enunciativa na instituição social que representa e, ainda, sinaliza as duas partes seguintes (segmento temático 2): os compromissos (IV. Compromissos), onde expõe as suas intenções e objetivos futuros, e a agenda (V. Agenda), onde projeta os modos de atuação no exercício das suas funções; e a última conforma o fim do discurso (VI. Conclusão). Esta segmentação surge, ainda, complementada em algumas partes por outros elementos peritextuais: nos compromissos, apresentam-se três graficamente marcados por numeração de 1 a 3 e, na agenda, sucede o mesmo, destacando-se oito modos de atuação enumerados de 1 a 8. Ocorre, ainda, no interior das partes I, III e IV, a interpelação a alguns destinatários, intertitularizados como no TM1.

No TM5, a exposição-argumentação surge francamente delimitada: após os dois parágrafos de abertura, o texto surge seccionado em partes, marcadas pelos elementos peritextuais numeração romana, de I a VI. A primeira parte (I.) constitui a introdução e apresenta o segmento temático central (segundo parágrafo) – candidatura à presidência da República. Nos seguintes parágrafos, seccionados pelos elementos II., III., IV. e V., desdobra-se o segmento temático 1, expondo-se os propósitos da candidatura, ou seja, a apresentação da tese/ponto de vista central que o agente de produção pretende veicular e a respeito do qual pretende conquistar o voto, desdobrando em argumentos sustentados com o objetivo de induzir à ação (segmento temático 2). Na parte final do texto (VI.) – conclusão – retoma-se a tese central respaldada pelos argumentos desenvolvidos anteriormente e conclui-se o texto com a incitação ao voto.

No TM6 prevê-se a mesma hierarquização do que é enunciado, tal como em TM5, uma vez que ambos os textos apresentam o mesmo segmento temático central – a candidatura à presidência da República. No entanto - e aí reside a singularidade composicional dos textos que se prevê decorrer da agentividade - os argumentos/pontos de vista são apresentados de forma distinta: se no TM5 eram seccionados em partes, graficamente marcados por elementos peritextuais, no TM6 a estrutura composicional é idêntica à observada no TM2. Ou seja, a estrutura retórica introdução-desenvolvimento-conclusão não surge segmentada por intertítulos, sugerindo um texto “corrido”, em que as ideias são apenas divididas por parágrafos, pelo que a sua estrutura é somente codificada na leitura. A introdução (3º e 4º parágrafos) precede a abertura e apresenta o segmento temático 1 – candidatura à presidência da República – desenrolando-se, nos seguintes parágrafos, a defesa das convicções do agente de produção (segmento temático 2).

Quanto à conclusão da exposição-argumentação, que antecede o fecho/encerramento do discurso no plano geral do texto, é estruturada com recurso aos seguintes organizadores textuais: em TM1 com cinco parágrafos anteriores ao do fecho, delimitados por intertítulo; em TM2 com um parágrafo que antecede os três parágrafos do fecho; em TM3 com um parágrafo, anterior ao parágrafo do fecho; em TM4 com seis parágrafos anteriores aos do fecho e em TM5 com dois parágrafos, em ambos os textos linguisticamente marcados por intertítulo; e em TM6 com dois parágrafos que antecedem o encerramento. Esta organização textual da conclusão é, ainda, codificada pela leitura, verificando-se, resumidamente, que se trata do momento em que os agentes de produção retomam a tese central respaldada pelos argumentos desenvolvidos anteriormente e dão conta, em jeito conclusivo, das capacidades

que os constituem como os representantes ideais na ocupação ou para a ocupação do cargo público visado (segmento temático 3).

Embora estejam identificadas as principais características composicionais, de cada texto, salientam-se outros elementos – paratextuais - que não coexistem em todos os textos, considerando-se elementos que respeitam a uma composição local e, inclusive, do contexto altamente institucional, ou, ainda, que decorre do próprio suporte: é o caso de elementos multimodais que acompanham o TM3 – fotografia do sujeito empírico; a marca de autoria (assinatura) e a referência ao espaço físico no TM3 após o título; e os recursos semiográficos identificativos das instituições – logótipo - que encabeçam o plano geral dos textos TM2 e TM4.

Na figura abaixo, apresento os dados observados, no seu conjunto, na análise dos aspetos temático-composicionais nos textos de mulheres:

| ASPETOS TEMÁTICO-COMPOSICIONAIS | | | | | | |
|---|---|---|--|---|---|--|
| Plano geral dos textos | | | | | | |
| | TM1 | TM2 | TM3 | TM4 | TM5 | TM6 |
| Organizadores textuais (Título) | Designação de género | Designação de género | Designação de género Elementos do mundo sociossubjetivo: quadro social de interação | Designação de género | Designação de género | Designação de género |
| Organizadores textuais (Subtítulo) | Elementos do mundo físico: tempo | Elementos do mundo físico: espaço e tempo Elementos do mundo sociossubjetivo: quadro social de interação | Reiteração do género | Elementos do mundo físico: tempo | Elementos do mundo físico: tempo Elemento do mundo sócioossubjetivo: quadro social de interação | (ausência) |
| Organizadores textuais (Intertítulos, mudanças de partes e parágrafos divisorios) | Segmentações por numeração cardinal, de 1 a 4 Intertítulos (parâmetro sociossubjetivo destinatários) | (ausência) | Segmentações por numeração cardinal, de 1 a 8 | Segmentações intertitulares por numeração romana, de I a VI, seguida de construção nominal única Subsencionamento dos segmentos IV e V por numeração cardinal, de 1 a 3 e de 1 a 8, respetivamente Intertítulos (parâmetro sociossubjetivo destinatários) | Segmentações intertitulares por numeração romana, de I a VI | (ausência) |
| Outros elementos paratextuais | (ausência) | Recurso semiográfico (logótipo) – instituição e espaço físico | Assinatura no início do texto e elemento multimodal - agentividade Elementos do mundo físico: espaço | Assinatura no final do texto - agentividade Recurso semiográfico (logótipo) – instituição e espaço físico | (ausência) | (ausência) |
| Configuração composicional do plano de texto | Título (e subtítulo) Abertura (destinatários) Exposição-argumentação (configuração retórica clássica: introdução-desenvolvimento-conclusão) Fecho | Título (e subtítulo) Abertura (destinatários) Exposição-argumentação (configuração retórica clássica: introdução-desenvolvimento-conclusão) Fecho | Título (e subtítulo) Abertura (destinatários) Exposição-argumentação (configuração retórica clássica: introdução-desenvolvimento-conclusão) Fecho | Título (e subtítulo) Abertura (destinatários) Exposição-argumentação (configuração retórica clássica: introdução-desenvolvimento-conclusão) Fecho | Título (e subtítulo) Abertura (destinatários) Exposição-argumentação (configuração retórica clássica: introdução-desenvolvimento-conclusão) Fecho | Título Abertura (destinatários) Exposição-argumentação (configuração retórica clássica: introdução-desenvolvimento-conclusão) Fecho |
| Conteúdo temático | Designação de género (título) Segmento temático 1: apresentar o programa do governo (introdução) Segmento temático 2: expor as intenções, motivações, objetivos e modos de atuação (desenvolvimento) Segmento temático 3: respaldar as capacidades do agente de produção para a representação do cargo público (conclusão) | Designação de género (título) Segmento temático 1: proferir tomada de posse (introdução) Segmento temático 2: expor as intenções, motivações, objetivos e modos de atuação (desenvolvimento) Segmento temático 3: respaldar as capacidades do agente de produção para a representação do cargo público (conclusão) | | | Designação de género (título) Segmento temático 1: candidatar às eleições presidenciais (introdução) Segmento temático 2: expor as intenções, motivações, objetivos e modos de atuação (desenvolvimento) Segmento temático 3: respaldar as capacidades do agente de produção para a representação do cargo público (conclusão) | |

Figura 29. Os aspetos temático-composicionais nos textos de mulheres

Em suma, no que concerne aos dados observados na análise da **composicionalidade**, assumo que embora se verifiquem oscilações na configuração composicional dos textos, essas não alteram substancialmente a formatação genológica que se entende padronizada e

convencional das intervenções públicas (planos de texto convencionais), antes possibilitam atestar padrões singulares que decorrem da perspectiva individual do agente de produção, do propósito comunicativo e do próprio quadro social de interação. Embora a atividade discursiva condicione a disposição textual dos elementos composicionais, a mancha gráfica do género textual intervenção pública pode ser, em termos gerais, representada pela seguinte figura:

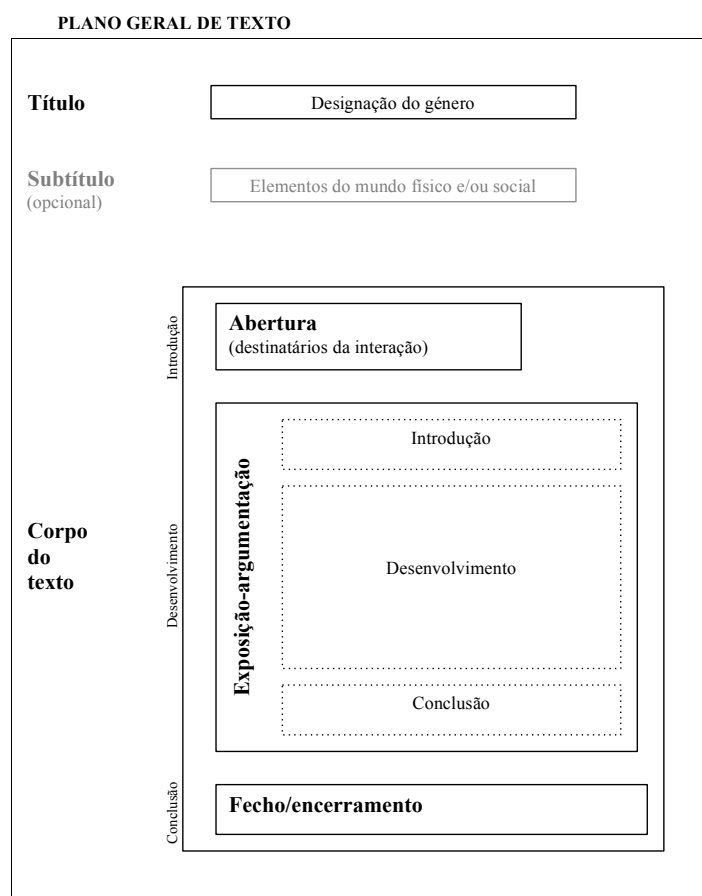


Figura 30. Configuração composicional da *intervenção pública*

Relativamente às informações que acionam o **conteúdo temático**, verifico que todos os textos apresentam uma disposição e distribuição idênticas dos segmentos temáticos centrais, recuperados pela leitura na parte expositiva-argumentativa e que podem ser codificados num resumo: o segmento temático central (segmento temático 1) é manifestado na introdução, amplificado no desenvolvimento (segmento temático 2) e respaldado na conclusão

(segmento temático 3). Nos segmentos temáticos, o agir comunicativo é quase sempre captado sob a forma de construção praxiológica, numa relação temporal e de agentividade, marcada, maioritariamente, pelas formas verbais do presente do indicativo e pelas marcas de pessoa de primeira pessoa do singular e/ou do plural, pontuando a atividade discursiva individual e/ou de um coletivo que os agentes de produção representam ou integram. Os temas centrais coincidem com a natureza dos domínios institucionais em que as instâncias produtoras atuam - político (TM1, TM2, TM5 e TM6), académico (TM3) e cultural (TM4) – pelo que as especificidades da macroestrutura temática se justificam pelas atividades em que os textos foram produzidos. Ainda assim, a configuração temática evidenciada é comum a todos os textos, pelo que constitui uma componente genológica que se ajusta à organização composicional prototípica prevista pelas intervenções públicas. A figura seguinte esquematiza a configuração temática dos textos:

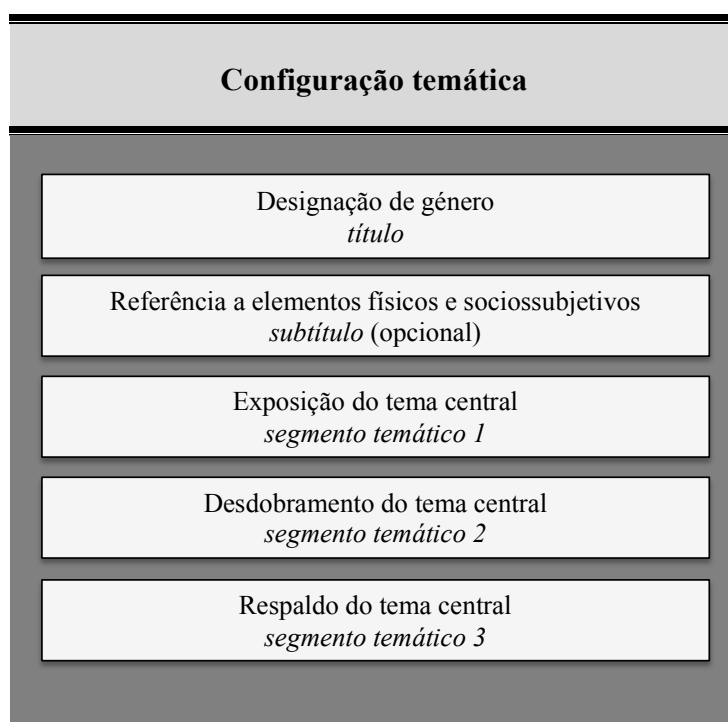


Figura 31. Configuração temática da *intervenção pública*

No ponto seguinte, apresento os dados temático-composicionais identificados nos textos de autoria masculina.

1.2.2. Nos textos de homens

Relativamente às unidades que organizam o espaço textual e contribuem para definir o padrão **composicional** dos textos, verifico que todos os textos de homens possuem título que remete para a designação de género, à exceção do TH1 que refere a categoria física tempo. À semelhança dos textos de mulheres, a designação de género é marcada por intermédio de breves construções nominalizadas no título, identificando este, ainda, o papel sociossubjetivo do enunciador (salvo TH4): *Intervenção na posse do Presidente da Assembleia da República* no TH2; *Posse ao cargo de Reitor* no TH3; *Discurso de início de mandato* no TH4; *Declaração de Candidatura de Edgar Silva às Eleições Presidenciais* no TH5; e *Declaração de Candidatura de João Ferreira às Eleições Presidenciais* no TH6.

Os textos TH1, TH2 e TH5 apresentam, ainda, um subtítulo, que pode assumir diversas funções: no caso excecional do TH1, verifica-se que as designações de género e do quadro social de interação surgem no subtítulo (*Discurso proferido na Assembleia da República, quando da apresentação do programa do Governo*) e a referência à categoria física aparece no título (*4 de Dezembro de 1978*), disposição essa que é comum e convencionalmente invertida nos outros textos. No TH2, o subtítulo identifica categorias físicas, como a autoria (*Jaime Gama*) e a temporalidade (*16.03.2005*). No TH5, o subtítulo complementa o título com a identificação de elementos espaciais e temporais do mundo objetivo (*15 Outubro 2015, Lisboa*).

A partir destes elementos pré-textuais – títulos e subtítulos –, padronizados, afere-se nos textos de homens o mesmo que nos textos de autoria feminina, por a eles reportarem comparativamente: todos os textos constituem-se como intervenções públicas na ou para a ocupação de um cargo público, apresentando apenas oscilações que decorrem da intenção comunicativa e do quadro social de interação.

Relativamente à extensão dos textos, e também à feição dos textos de mulheres, apresentam-se bastante extensos: o TH1 é o menos extenso, com 1350 palavras, o TH2 comporta 1654 palavras, o TH3 apresenta 2619 palavras, o TH4 tem 2442 palavras, o TH5 assume-se o mais extenso, com 3876 palavras, e o TH6 contabiliza 2630 palavras.

Em termos composicionais, aponta-se uma estruturação geral idêntica à observada nos textos das instâncias produtoras femininas, atestando-se padrões convencionais definitórios do género intervenção pública: o corpo do texto é, em alguns casos, delimitado por um momento

de abertura (introdução no plano geral do texto) e, em todos os casos, por um momento de fechamento (conclusão no plano geral do texto). No meio dessa delimitação do corpo textual coabita o momento de exposição-argumentação, que corresponde ao desenvolvimento no plano geral do texto. No seio deste mesmo desenvolvimento coexiste, ainda, uma disposição ternária que prevê os lugares retóricos da introdução, desenvolvimento e conclusão, com a disposição e organização que a seguir particularizo.

O movimento de abertura é suprimido em quase todos os textos, à exceção de TH1 e TH4, que é assinalado sob a forma do organizador textual intertítulo, que coincide com a identificação do papel socio subjetivo *destinatários*.

O momento de encerramento pontua o fim do discurso e é linguisticamente marcado por estratégias discursivas que sugerem o término, e delimitado por parágrafos finais, oscilando entre um e dois parágrafos curtos: em TH1 corresponde aos dois últimos parágrafos do texto, compostos por duas frases curtas interpelativas (por vocativo e frase declarativa); em TH2 constitui a última frase do texto, e o fecho surge integrado na parte da conclusão da exposição-argumentação e indiciado por modalização epistémica (*Estou certo de que*); em TH3 é assinalado pelo último parágrafo (e linguisticamente fixado pela forma verbal *termino* seguido de pedido do foro religioso *E peço a Deus...*); em TH4 conforma o último parágrafo constituído, apenas, pela forma de agradecimento *Muito Obrigado*; em TH5 compreende os três últimos parágrafos que se constituem por três frases não declarativas, construídas em paralelismo anafórico, sem núcleo verbal, com função apelativa assumida pela interjeição *Viva (...)*!; e em TH6 conforma o último parágrafo que se identifica por frase não declarativa, sinalizando um apelo efetivado pela forma verbal *fixemos*.

Também à semelhança do observado nos textos de mulheres, a exposição-argumentação ocupa a maior parte do corpo textual, delimitado pelo fecho em todos os casos e pela abertura apenas nos TH1 e TH4. O corpo da exposição-argumentação surge com uma segmentação tripartida, retórica, delimitada por parágrafos e que, tal como nos textos de mulheres, permite identificar as informações que acionam o **conteúdo temático**, a partir da atividade discursiva que permeia esses segmentos, recuperando-se os segmentos temáticos pela leitura e que codifico num resumo.

Assim, a introdução da exposição-argumentação comporta em TH1 os três primeiros parágrafos; em TH2 os cinco primeiros parágrafos, marcados graficamente por elemento peritextual; em TH3 o primeiro parágrafo; nos TH4 e TH5 os dois primeiros parágrafos; e no

TH6 os oito parágrafos iniciais, sinalizados por intertítulo; e introduz o tema central (segmento temático 1) correspondente ao propósito da ação comunicativa. Recuperado pela leitura, o segmento temático central expõe as razões que levam os agentes a produzirem os seus textos, no papel social (enunciador) que assumem: apresentar o programa do governo (TH1); tomar posse e assumir funções de um cargo público de relevo (TH2, TH3 e TH4); e declarar-se candidato ao cargo presidencial (TH5 e TH6). Este segmento temático principal é ampliado e desenvolvido nos parágrafos que precedem a introdução, no desenvolvimento da exposição-argumentação, igualmente recuperado pela leitura e conformando o segmento temático 2.

Conforme assumi relativamente aos textos de mulheres, também nos textos de homens o desenvolvimento da parte expositiva-argumentativa se estrutura e organiza heterogeneamente. Os textos apresentam uma singularidade composicional que se prevê influenciada pelas escolhas agentivas, já que genologicamente não altera os seus padrões convencionais; e os textos assumem, ainda que com disposições distintas, os mesmos objetivos: expor as motivações, intenções, objetivos e ações futuras no âmbito do compromisso assumido ou a assumir e do papel em que os agentes de produção foram investidos (segmento temático 2). A singularidade de cada texto reside na organização composicional e temática que a seguir evidencio, mostrando, por um lado, a partir de organizadores textuais a composição da exposição-argumentação e, por outro lado, codificando num resumo as informações que acionam o conteúdo temático.

No TH1, após o momento de abertura, o primeiro parágrafo introduz o segmento temático central – apresentar o programa do governo –, ampliado nos dois parágrafos imediatos da introdução. Os parágrafos seguintes, que constituem o desenvolvimento do texto, particularizam o programa do governo, e identificam-se por elementos peritextuais, sob a forma de intertítulos. O texto comporta quatro intertítulos que se constituem por construções oracionais: o primeiro precede o intertítulo correspondente ao momento de abertura e que refere o parâmetro socio subjetivo destinatários, e apresenta a importância do programa do Governo; o segundo intertítulo conforma a constituição do Governo; o terceiro, na mesma linha que o primeiro, precedido de outro intertítulo que remete para o parâmetro socio subjetivo destinatários, tece considerações sobre a democracia; e, por fim, o quarto intertítulo, constituindo-se em paralelismo anafórico com o fecho do texto, pontua as considerações finais do agente de produção.

No TH2, os cinco primeiros parágrafos da introdução aludem aos destinatários intratextualmente (três primeiros parágrafos) e ao segmento temático central (4º parágrafo) – presidir ao Parlamento. A introdução surge seccionada por elemento peritextual sob a forma de numeração cardinal (1) e o restante texto também: o desenvolvimento da exposição-argumentação desdobra-se em sete pontos, segmentados pelos elementos peritextuais numéricos de 2 a 8, remetendo para os modos de atuação governativa propostos. A conclusão da exposição-argumentação integra-se no ponto 8.

No TH3, o primeiro parágrafo apresenta o segmento temático central – assumir funções como reitor. Os parágrafos seguintes assinalam o desenvolvimento da exposição-argumentação, em que a instância enunciativa expõe as suas considerações pessoais, profissionais e institucionais acerca do ato/compromisso social que assume. A estrutura retórica introdução-desenvolvimento-conclusão não surge sementada por intertítulos (as ideias surgem de forma sucessiva, apenas paragrafadas), pelo que só é codificada na leitura.

No TH4, após o movimento de abertura, expõe-se, nos dois primeiros parágrafos (introdução), o segmento temático central – a aceitação do cargo de presidente da Fundação Calouste Gulbenkian. À semelhança do TH3, os lugares retóricos introdução e desenvolvimento não surgem sementadas por intertítulos, sugerindo um texto “corrido”, codificado na leitura: situando na introdução os propósitos comunicativos (segmento temático 1) e no desenvolvimento o desdobramento em intenções, motivações e modos de atuação futura (segmento temático 2). Já a conclusão da exposição-argumentação é seccionada por intertítulo que remete para a categoria sociossubjetiva destinatários.

No TH5, verifica-se uma organização composicional mais complexa, e com recurso a distintos elementos peritextuais: a introdução não é seccionada graficamente, subentende-se, contudo, ser a primeira parte, pois o texto prossegue com intertítulo iniciado em II. Nessa primeira parte, apresenta-se o segmento temático central nos dois primeiros parágrafos - candidatura à presidência da República – desenrolando-se, nos seguintes parágrafos, os propósitos da candidatura, ou seja, a apresentação da tese/ponto de vista central que pretende veicular e a respeito do qual pretende convencer o destinatário a aderir à sua tese (segmento temático 2). Findo este momento, o texto é, então, linguisticamente segmento em partes, por intermédio de numeração romana (II a VI) seguida de construções oracionais organizadas em intertítulos que oscilam entre interrogações retóricas (II, III e IV) e construções sem núcleo verbal (V e VI): nas três primeiras partes com o intuito de responder às questões que assentam na proposta de atuação da instância enunciativa no papel de candidato a Presidente da

República e, nas duas últimas, com o objetivo de expor o papel do Presidente da República (V) e as suas linhas de atuação fundamentais (VI). Nesta última, as linhas de atuação seguem uma divisão própria e complementar, assinalada por numeração de 1 a 10 com respetivos intertítulos, marcados linguisticamente por construções iniciadas por infinitivo verbal. A conclusão surge textual e graficamente espaçada da exposição-argumentação.

No TH6, o texto é todo segmentado com recurso a elementos peritextuais sob a forma de numeração romana (I a VII): a parte I apresenta o segmento temático central nos dois primeiros parágrafos – a candidatura ao cargo de Presidente da República – e desdobra-se em mais seis parágrafos que constituem um apelo aos destinatários, linguisticamente marcado pela forma verbal *apelar*. As partes II a VI correspondem ao desenvolvimento e apresentam as considerações da instância produtiva sobre o ato que protagoniza (segmento temático 2). A conclusão é marcada por intermédio do elemento numérico VII, num intertítulo.

No que respeita à conclusão da parte expositiva-argumentativa, antecede o fecho do discurso e é estruturada da seguinte forma: no TH1 corresponde aos quatro parágrafos que antecedem o fecho, introduzida por intertítulo; no TH2 conforma o último parágrafo do texto que condensa o fecho; no TH3 remete para o último parágrafo anterior ao momento de encerramento; no TH4 para os quatro parágrafos que antecedem o fecho, sinalizados por intertítulo; no TH5 constitui-se por três parágrafos antecidos do fecho, graficamente dividido da argumentação-exposição; e no TH6 enforma três parágrafos, linguisticamente seccionados por intertítulo. A conclusão assume a particularidade de se focar na pessoa que produz o texto e no papel que assume, sublinhando e respaldando as motivações, os objetivos do compromisso assumido ou a assumir, e as capacidades dos agentes de produção na ou para a ocupação do cargo público que os constituem como os representantes ideais (segmento temático 3).

Importa mencionar, ainda, apesar de não alterar a formatação composicional dos textos acima elencada, que coexistem nos textos outros elemento paratextuais, fruto de uma contingência agentiva (escolhas pessoais) ou institucional: no TH3, as informações acerca das categorias físicas espaço e tempo surgem como complemento do título, remetidas para nota de rodapé; no TH6, identifica-se a categoria física tempo em forma de assinatura, no fim do texto; e no TH4, a paratextualidade comporta, igualmente sob a forma de assinatura no fim do texto, os dados sociosubjetivos relativos ao quadro social de interação (*início de mandato como Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian*).

Em suma, pelo exposto, e de acordo com as mesmas conclusões aferidas na análise dos aspetos temático-composicionais nos textos de mulheres, assumo que, no que respeita à **composicionalidade**, as oscilações composicionais constituem os padrões singulares dos textos, que decorrem de uma contingência agentiva ou devido ao enquadramento institucional dos textos, todavia, não alteram a formatação genológica que se entende padronizada e convencional das intervenções públicas. Nessa medida, projeto, nos textos de homens, a mesma disposição e organização do plano de texto da intervenção pública que esquematizei na Figura 30 para os textos de mulheres (cf. secção 1.2.1., Figura 30). Da mesma forma, relativamente às informações que acionam o **conteúdo temático**, concluo que todos os textos de homens apresentam uma disposição e distribuição idênticas dos segmentos temáticos centrais, recuperados pela leitura na parte expositiva-argumentativa e que podem ser codificados num resumo: o segmento temático central (segmento temático 1) é manifestado na introdução, amplificado no desenvolvimento (segmento temático 2) e respaldado na conclusão (segmento temático 3). Para além disso, verifico, igualmente, que nos segmentos temáticos, o agir comunicativo é quase sempre captado sob a forma de construção praxiológica, em que a relação temporal surge linguisticamente marcada por formas que atestam o momento presente da situação de produção; e a agentividade é dada a conhecer ora por intermédio da perspetiva individual, ora diluindo-se num coletivo de que o agente de produção faz parte. Também os temas centrais coincidem com o domínio institucional em que os agentes atuam e a partir do qual produzem os seus textos: a atividade política (TH1, TH2, TH5 e TH6), a atividade académica (TH3) e a atividade cultural (TH4). Ainda assim, os textos apresentam uma configuração temática comum, disposta e estruturada de forma idêntica, pelo que considero ser uma componente genológica prototípica das intervenções públicas. Nesse sentido, aplico aos textos de homens a mesma configuração temática da intervenção pública que esquematizei na Figura 31 para os textos de mulheres (cf. secção 1.2.1., Figura 31).

Concluindo, a figura abaixo sistematiza os dados observados, no seu conjunto, na análise dos aspetos temático-composicionais nos textos de autoria masculina:

| | | Plano geral dos textos | | | | | |
|--------------------|--|--|---|---|--|--|---|
| | | TH1 | TH2 | TH3 | TH4 | TH5 | TH6 |
| Composicionalidade | Organizadores textuais (Título) | Elementos do mundo físico: tempo | Designação de género | Designação de género Elementos do mundo sociossubjetivo: quadro social de interação | Designação de género | Designação de género | Designação de género |
| | Organizadores textuais (Subtítulo) | Designação de género Elementos do mundo físico: espaço Elementos do mundo sociossubjetivo: quadro social de interação | Agentividade Elementos do mundo físico: tempo Elementos do mundo sociossubjetivo: quadro social de interação | (ausência) | (ausência) | Elementos do mundo físico: tempo e espaço | (ausência) |
| | Organizadores textuais (Inter-títulos, mudanças de partes e parágrafos divisórios) | Segmentações através de quatro inter-títulos, dois deles (primeiro e terceiro) precedidos de intertítulo que assinala parâmetro sociossubjetivo destinatários | Segmentações por numeração cardinal de 1 a 8 | (ausência) | Segmentação apenas da conclusão por intertítulo (parâmetro sociossubjetivo destinatários) | Segmentações intertitulares por numeração romana, de I a VI, seguida de oração interrogativa ou construção sem núcleo verbal | Segmentações intertitulares por numeração romana, de I a VII |
| | Outros elementos paratextuais | Agentividade (capa do livro) | (ausência) | Nota de rodapé - elementos do mundo físico: espaço e tempo Agentividade (capa do livro) | Assinatura no final do texto – elementos físicos (agentividade, temporalidade) e elementos sociossubjetivos (quadro social de interação) | (ausência) | Elemento físico temporalidade (assinatura) |
| | Configuração composicional do plano de texto | Título (e subtítulo) Abertura (destinatários) Exposição-argumentação (configuração retórica clássica: introdução-desenvolvimento-conclusão) Fecho | Título (e subtítulo) ausência de abertura Exposição-argumentação (configuração retórica clássica: introdução-desenvolvimento-conclusão) Fecho | Título (ausência de abertura) Exposição-argumentação (configuração retórica clássica: introdução-desenvolvimento-conclusão) Fecho | Título Abertura (destinatários) Exposição-argumentação (configuração retórica clássica: introdução-desenvolvimento-conclusão) Fecho | Título (e subtítulo) ausência de abertura Exposição-argumentação (configuração retórica clássica: introdução-desenvolvimento-conclusão) Fecho | Título (ausência de abertura) Exposição-argumentação (configuração retórica clássica: introdução-desenvolvimento-conclusão) Fecho |
| | Conteúdo temático | Designação de género (subtítulo) Segmento temático 1: apresentar o programa do governo (introdução) Segmento temático 2: expor as intenções, motivações, objetivos e modos de atuação (desenvolvimento) Segmento temático 3: respaldar as capacidades do agente de produção para a representação do cargo público (conclusão) | Designação de género (título) Segmento temático 1: proferir tomada de posse (introdução) Segmento temático 2: expor as intenções, motivações, objetivos e modos de atuação (desenvolvimento) Segmento temático 3: respaldar as capacidades do agente de produção para a representação do cargo público (conclusão) | | | | Designação de género (título) Segmento temático 1: candidatar às eleições presidenciais (introdução) Segmento temático 2: expor as intenções, motivações, objetivos e modos de atuação (desenvolvimento) Segmento temático 3: respaldar as capacidades do agente de produção para a representação do cargo público (conclusão) |

Figura 32. Os aspetos temático-composicionais nos textos de homens

De seguida, reúno os dados temático-composicionais evidenciados e, à luz de uma perspetiva comparativa, enuncio as conclusões mais significativas.

1.2.3. Movimento comparativo da análise dos aspetos temático-composicionais

Tal como preconizado na análise comparativa referente aos aspetos situacionais, também aqui verifico que os textos de autoria feminina e de autoria masculina não se apresentam contrastivamente, nem em termos genológicos, nem em termos agentivos. Nessa medida, concluo, de um modo geral, na observação do plano geral dos textos, que estes não sustentam características discriminatórias, antes uma formatação genológica padronizada e convencional de todas as intervenções públicas (planos de texto convencionais). Não obstante, essa convencionalidade não é rígida, possibilitando observar padrões singulares que decorrem de escolhas do agente de produção, do propósito comunicativo e do próprio quadro social de interação. Nesse sentido, a instância produtora responsabiliza-se pela disposição e gestão das informações no território textual, de forma particular, contudo sem alterar a identidade genológica do texto.

Especificamente, as conclusões mais significativas permitiram evidenciar comparativamente, em relação à composicionalidade, que as unidades que organizam o espaço textual contribuem para definir o padrão composicional dos textos. Nessa medida, verifico que todos os textos - de mulheres e homens – apresentam um título (com breves construções frásicas), que, de uma forma geral, remete para a designação de género textual. Já o organizador textual subtítulo parece facultativo, podendo ou não ocorrer, no entanto, quando ocorre, assume a função de particularizar/reiterar o género, geralmente marcado linguisticamente por breves construções sem núcleo verbal; ou, ainda, com a função de sinalizar elementos espaciais (deíticos espaciais sob a forma de nomes) e temporais (deíticos espaciais sob a forma de datas) do mundo objetivo e/ou elementos socio subjetivos (com recurso a nomes).

Quanto à extensão e estruturação interna dos textos, verifico que tanto os textos de mulheres como os de homens evidenciam oscilações de tamanho, todavia são, por norma, bastante extensos. Ainda assim, os textos de autoria masculina apresentam-se mais extensos do que os textos de mulheres, apresentando, no total, 14.571 palavras face às 10.982 palavras que conformam os 6 textos de autoria feminina. Em termos estruturais, no entanto, aponta-se uma composição geral idêntica em todos os textos, atestando-se padrões convencionais definitórios do género intervenção pública: o corpo do texto é, em alguns casos, delimitado por um momento de abertura e, em todos os casos, por um momento de encerramento. E no meio dessa delimitação do corpo textual coabita o momento de exposição-argumentação, que corresponde ao desenvolvimento no plano geral do texto, e igualmente apresentando uma estrutura tripartida, segundo configuração retórica clássica. As singularidades textuais resultam, precisamente, da disposição e gestão da informação nesses momentos textuais, todavia seguem a mesma orientação. Assim, a abertura remete para a categoria socio subjetiva destinatários (papel social). A introdução assinala o início da exposição-argumentação e dá conta do segmento temático central que corresponde aos objetivos da ação comunicativa (segmento temático 1). O desenvolvimento estrutura-se e organiza-se heterogeneamente, evidenciando aí, os textos, a maior singularidade composicional (traços específicos) que se assume decorrer de escolhas agentivas, já que genologicamente não alteram os padrões convencionais do género, e amplificam e desdobram o tema central que se resume na exposição das motivações, intenções, objetivos e ações futuras no âmbito do compromisso assumido ou a assumir e do papel em que os agentes de produção foram investidos (segmento temático 2). A conclusão antecede o momento de encerramento do discurso e respaldam as

capacidades, as intenções e as motivações explanadas no desenvolvimento e que constituem o agente de produção como o representante ideal na ocupação ou para a ocupação do cargo público visado (segmento temático 3).

Ainda no que respeita às informações que acionam o conteúdo temático, a sua identificação provém das segmentações assinaladas no tecido textual, na exposição-argumentação, e todos os textos apresentam a mesma configuração temática que sintetizo da seguinte forma: o segmento temático principal (segmento temático 1) é manifestado na introdução, amplificado no desenvolvimento (segmento temático 2) e respaldado na conclusão (segmento temático 3). A disposição e configuração temáticas constituem uma componente genológica que se ajusta à organização composicional prototípica prevista em todas as intervenções públicas: os temas centrais relacionam-se com as atividades em que os agentes produzem os discursos; e nos segmentos temáticos o agir comunicativo é captado a partir de marcas que indiciam a pessoa, quer sob uma perspetiva individual, quer coletiva, e a partir de eixos temporais que pontuam o momento presente da interação.

Em suma, das considerações mencionados, assumo, em termos composicionais, que as oscilações composicionais constituem os padrões singulares dos textos, que decorrem de uma contingência agentiva ou devido ao enquadramento institucional dos textos, todavia, não alteram a formatação genológica que se entende padronizada e convencional das intervenções públicas. Da mesma forma, admito, quanto ao conteúdo temático, que todos os textos apresentam uma disposição e distribuição idênticas dos segmentos temáticos centrais, recuperados pela leitura e que podem ser codificados num resumo, constituindo uma componente genológica prototípica das intervenções públicas.

Na secção que se segue, procedo ao exame dos aspetos linguístico-discursivos.

1.3. Análise dos aspetos linguístico-discursivos

Na terceira etapa, recorrendo aos elementos projetados no aparelho analítico dos aspetos linguístico-discursivos (cf. III.4.Figuras 24 e 25), pretendo traçar o modo como se configura linguisticamente a enunciação de mulheres e homens e perceber como os agentes de produção se implicam nos textos que produzem (grau de implicação discursiva). Assim, articulando a análise qualitativa com a análise quantitativa, procedo, num primeiro

momento, à identificação das marcas linguísticas e enunciativas em ocorrência nos textos, e, consequentemente, dos tipos de discurso que as configuram; bem como destaco as marcas de implicação em ocorrência, que enquadram aquelas marcas linguísticas e enunciativas. Num segundo momento, contemplando uma abordagem quantitativa, procedo à contagem do número de ocorrências dos tipos de discurso e das marcas de implicação, em cada texto. No terceiro momento, enceto o respectivo exame comparativo das ocorrências nos textos de mulheres e nos textos de homens.

No primeiro momento, para verificar o modo como se configura linguisticamente a enunciação de mulheres e homens em posição de liderança, identifico a presença e/ou ausência, com ou sem valor deítico, das formas linguísticas e enunciativas em ocorrência nos textos e os tipos de discurso que mobilizam. Para perceber como os agentes de produção se implicam no texto, destaco, na própria análise das marcas linguísticas e enunciativas em ocorrência nos textos, as marcas de implicação.

As marcas linguísticas e enunciativas constituintes dos tipos de discurso em destaque nas análises são: as unidades que remetem para a interação verbal, integrando aqui as marcas de pessoa (deixis pessoal); outros fenômenos de ancoragem situacional (deixis espacial e temporal); as formas verbais e, ainda, o verbo modal; o pronome indefinido *se* (e construções verbais com o clítico impessoal); as frases não declarativas; as anáforas (nominais e pronominais) e/ou retomas anafóricas; os organizadores textuais, dos quais destaco os lógico-argumentativos e temporais; e as modalizações epistémicas, deônticas, apreciativas e pragmáticas. Ressalvo, aqui, no entanto, que embora as análises destes elementos linguísticos e enunciativos sejam pormenorizadas, não são absolutamente exaustivas, priorizando-se as formas mais relevantes para o objeto de análise num momento específico.

A partir destas marcas, destaco as marcas de implicação, nomeadamente, a ocorrência de nomes (próprios ou outros sintagmas nominais), de formas pronominais pessoais e/ou possessivas, de determinantes demonstrativos e de desinências número-pessoais das formas verbais. Neste trabalho, tenho em consideração duas perspectivas: a ocorrência de marcas de implicação que remetem para o protagonista da interação verbal e que conformam unidades deíticas de primeira pessoa do singular (1ª PS); e/ou a ocorrência de marcas de implicação que assinalam um coletivo/grupo que o agente de produção integra/representa, assumindo um valor de implicação dilatado que resulta em unidades deíticas de primeira pessoa do plural (1ª PPI). O grau de implicação efetivado nas marcas

número-pessoais das formas nominais, pronominais e verbais permite verificar se a implicação do agente de produção é forte/atestada (*eu*) ou se, por outro lado, é atenuada pela dilatação na forma pluralizada (*nós*).

Ainda, no cômputo geral, o exame das marcas linguísticas e enunciativas (e de implicação) permitem identificar a ocorrência dos seguintes tipos de discurso nos textos: o discurso interativo, o discurso teórico, o discurso misto interativo-teórico, o relato interativo e a narração.

Metodologicamente, a análise é estruturada, organizada e executada da seguinte forma:

- a) Cada texto é reproduzido, na íntegra, e de forma compartimentada, isto é, tendo em conta a sua divisão por parágrafos. Esta divisão é, ainda, subsegmentada, uma vez que cada parágrafo comporta um ou mais segmentos, por norma bem delimitados por ponto final ou outro sinal gráfico que pontua as frases não declarativas. Admito, no entanto, em alguns casos, fronteiras menos perceptíveis balizadas por outros sinais gráficos, como ponto e vírgulas ou dois pontos.
- b) Cada texto é esquematizado num quadro próprio, que corresponde à análise pormenorizada dos “Aspetos linguístico-discursivos”. O quadro contém as seguintes secções:
 - a secção que pontua os momentos textuais (abertura, introdução, desenvolvimento, conclusão e fecho), correspondendo a cada uma das partes do texto um ou mais parágrafos e, conseqüentemente, a cada parágrafo um ou mais segmentos textuais, não havendo uma estrutura rígida;
 - a secção que corresponde à divisão do texto por parágrafos, com o símbolo que representa o parágrafo (§) e diferenciados por numeração, com a designação *P.número*;
 - a secção que integra o texto em si, reproduzido na íntegra, já dividido e segmentado, sob a designação *Segmento textual*. Estes segmentos são retomados na última secção dos quadros, intitulada *Segmento*, no entanto de forma abreviada, por intermédio de *S.número*, de modo a poderem ser reanalisados sem ser necessário reproduzir o texto na íntegra;

- a secção com a análise propriamente dita, isto é, com a identificação, discriminação e distribuição das marcas linguísticas e enunciativas, bem como o isolamento e o destaque das marcas de implicação, em ocorrência em cada segmento textual, com a designação *Marcas linguísticas e enunciativas*;
- a secção que resulta da anterior, e que comporta os tipos de discurso mobilizados na identificação e levantamento das marcas linguísticas em ocorrência nos textos, em cada segmento textual, sob a designação *Tipos de discurso*.

Considerando a extensão dos textos, que resultam numa análise muito longa, transferi os pormenores da análise para anexos, onde identifico e elenco todos os dados observados, em quadros próprios, como acima referi, e obedecendo à estrutura que descrevi¹⁴. De modo a não sobrecarregar o corpo da tese e a facilitar a sua leitura, apresento, de seguida, uma síntese dos dados observados e esquematizo, em tabelas mais simplificadas, a contagem das ocorrências dos tipos de discurso e das marcas de implicação em cada texto e, posteriormente, em perspectiva comparativa.

1.3.1. Nos textos de mulheres

O TM1 apresenta 44 parágrafos, subdivididos em 81 segmentos. Do levantamento das marcas linguísticas e enunciativas em ocorrência nos segmentos textuais, contabilizo a presença de 83 tipos de discurso. Em maior número, identifico o tipo de discurso discurso teórico (31 ocorrências), seguindo-se o misto interativo-teórico (26 ocorrências), o discurso interativo (24 ocorrências) e, pontualmente, o relato interativo (2 ocorrências). Quanto ao tipo de discurso narração, não ocorre. Na perspectiva da ocupação do espaço textual, o discurso interativo surge, exclusivamente (i.e., sem a presença de outros tipos discursivos), no momento de abertura, na introdução e na conclusão. O discurso teórico surge, apenas, no desenvolvimento. No desenvolvimento são, ainda, mobilizados, para além do discurso

¹⁴ Para consulta integral das análises dos aspetos linguístico-discursivos dos textos de autoria feminina, cf: TM1 - Anexo A.1./Quadro 1; TM2 - Anexo A.2./Quadro 2; TM3 - Anexo A.3./Quadro 3; TM4 - Anexo A.4./Quadro 4; TM5 - Anexo A.5./Quadro 5; e TM6 - Anexo A.6./Quadro 6. Para consulta das análises dos textos de autoria masculina, cf.: TH1 - Anexo A.7./Quadro 7; TH2 - Anexo A.8./Quadro 8; TH3 - Anexo A.9./Quadro 9; TH4 - Anexo A.10./Quadro 10; TH5 - Anexo A.11./Quadro 11; e TH6 - Anexo A.12./Quadro 12.

interativo e do discurso teórico, os tipos de discurso relato interativo e misto interativo-teórico, ocorrendo este último, também, no fecho, a par do discurso interativo.

O TM2 integra 26 parágrafos e 44 segmentos. Na observação dos dados, atesto a presença de 44 tipos de discurso, com maior predomínio de discurso interativo (29 ocorrências), seguido de discurso teórico (13 ocorrências) e, em menor número, de misto interativo-teórico e de narração, com 1 ocorrência cada. Já o relato interativo não ocorre. Na ocupação do espaço textual, o discurso interativo predomina em todos os momentos textuais, ocorrendo isoladamente na abertura, na conclusão e no encerramento/fecho do texto. A maior diversidade discursiva apresenta-se no desenvolvimento, verificando-se a ocorrência de todos os tipos de discurso em evidência. Na introdução, identifico a presença de marcas que mobilizam o discurso interativo, o discurso teórico e o segmento de narração.

O TM3 comporta 49 parágrafos, compartimentados em 109 segmentos. Na análise das marcas linguísticas e enunciativas neste texto, observo 110 ocorrências de tipos de discurso distribuídas do seguinte modo: 50 ocorrências de discurso interativo, 44 ocorrências de discurso teórico, 10 ocorrências de misto interativo-teórico, e 3 ocorrências de narração e de relato interativo. Na disposição dos tipos de discurso no plano textual, verifico que o discurso interativo é mobilizado em todas as partes do território textual e, ainda, em exclusivo na conclusão e no fecho do discurso. A introdução admite a presença de discurso interativo e de relato interativo. À semelhança dos outros textos do *corpus*, a maior heterogeneidade discursiva apresenta-se no desenvolvimento, onde surgem todos os tipos discursivos identificados.

O TM4 evidencia 58 parágrafos, divididos em 68 segmentos. Esta segmentação coincide, igualmente, com a ocorrência dos tipos de discurso que resulta da identificação das estratégias linguístico-discursivas mobilizadas. Assim, das 68 ocorrências, verifico a forte prevalência de discurso interativo (49 ocorrências) em detrimento de discurso teórico (15 ocorrências) e, em menor número, a presença de relato interativo (2 ocorrências), de misto interativo-teórico (1 ocorrência) e de narração (1 ocorrência). Quanto à distribuição dos constituintes discursivos no território textual, atesto a presença exclusiva de discurso interativo na abertura, na introdução e no fecho. No desenvolvimento, constato a maior diversidade discursiva, ocorrendo todos os tipos de discurso assinalados. Na conclusão, para além de segmentos de discurso interativo, observo a presença de segmentos de discurso teórico.

O TM5 contabiliza 56 parágrafos e 99 segmentos textuais. Em cada um destes segmentos, com um tipo de discurso cada, o conjunto das marcas linguístico-discursivas observadas resulta no franco predomínio de discurso interativo (62 ocorrências), seguindo-se a ocorrência de segmentos de discurso teórico (34 ocorrências), de relato interativo (2 ocorrências) e uma ocorrência pontual de narração. Na distribuição dos tipos de discurso no território textual, identifico a presença de discurso interativo em todas as partes do corpo do texto, ocorrendo isoladamente na abertura. Na introdução, na conclusão e no fecho coabitam o discurso interativo e o discurso teórico. No desenvolvimento coexistem todos os tipos de discurso.

O TM6 tem 29 parágrafos com 43 segmentos. A constituição discursiva deste texto mobiliza 47 tipos de discurso, com particular destaque para a ocorrência de discurso interativo (31 ocorrências) e com menor incidência de discurso teórico (11 ocorrências) e de relato interativo (2 ocorrências). O discurso interativo destaca-se dos outros constituintes não só por ocorrer com mais frequência, mas por ser parte integrante de todo o território textual, surgindo em todas os momentos, e, ainda, isolado na abertura, na conclusão e no fecho da intervenção pública. O relato interativo é visível na introdução e no desenvolvimento. Já o discurso teórico ocorre unicamente no desenvolvimento.

Dos dados apurados nos textos de mulheres, no cômputo geral, contabilizo a ocorrência de 448 tipos de discurso, sendo que 245 são de discurso interativo, 148 de discurso teórico, 38 de misto interativo-teórico, 11 de relato interativo e 6 de narração.

A figura seguinte ilustra a contagem dos tipos de discurso apurados nos textos de mulheres:

| | | Tipos de discurso: TMs | | | | | | Total |
|-------------------|--------------------------|------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|------------|
| | | TM1 | TM2 | TM3 | TM4 | TM5 | TM6 | |
| Tipos de discurso | Discurso interativo | 24 | 29 | 50 | 49 | 62 | 31 | 245 |
| | Relato interativo | 2 | - | 3 | 2 | 2 | 2 | 11 |
| | Discurso teórico | 31 | 13 | 44 | 15 | 34 | 11 | 148 |
| | Narração | - | 1 | 3 | 1 | 1 | - | 6 |
| | Misto interativo-teórico | 26 | 1 | 10 | 1 | - | - | 38 |
| Total | | 83 | 44 | 110 | 68 | 99 | 44 | 448 |

Figura 33. Ocorrência dos tipos de discurso nos textos de mulheres

Concluo, da análise as textos de mulheres, que o discurso interativo é o constituinte com maior prevalência. Dessa forma, as escolhas discursivas ativadas pelos agentes de produção atestam a interação social em curso que protagonizam, mobilizando com frequência os parâmetros materiais da ação, nomeadamente, a presença do agente de produção no processos de produção textual, o beneficiário da ação e os elementos espaço-temporais. Tal evidencia, portanto, uma atestada proximidade relacional e espaço-temporal entre a situação de produção, os interactantes e o conteúdo temático mobilizado, e, conseqüentemente, o mundo discursivo semiotizado e ativado por essas escolhas - o “expor implicado”.

Relativamente aos destinatários, são frequentemente interpelados, sugerindo a interação real, marcados pela ocorrência de unidades adaptadas às circunstâncias de produção, como o recurso a formas de tratamento e a nomes próprios.

Quanto às referências espaço-temporais, verifica-se a forte presença de unidades com valor deítico que remetem para a interação verbal e que pontuam o espaço, com forte recurso a advérbios de lugar, e o momento da produção textual, por intermédio do recurso a advérbios de tempo.

No que concerne ao parâmetro actante, verifico, em todos os textos de autoria feminina, a coexistência de duas origens enunciativas, em que o agente de produção marca linguisticamente a sua presença, ora pelo recurso a deíticos de primeira pessoa do singular (1ª PS), ora pelo recurso a marcas linguísticas e enunciativas de primeira pessoa do plural (1ª PPI). Estas estratégias linguísticas, visíveis pelo recurso a formas pronominais pessoais e possessivas, a determinantes possessivos e a desinências número-pessoais presentes nas formas verbais, pontuam, ainda, as marcas de implicação, que mais à frente darei conta, e que traduzem diferentes modos de implicação no processo de produção textual. Não obstante, independentemente de o agente de produção assumir estatuto individual (1ª PS) ou coletivo (1ª PPI), as estratégias discursivas que o assinalam ocorrem, sobretudo, em segmentos de discurso interativo, assumindo um posicionamento enunciativo implicado e apresentando o foco do conteúdo temático. Mais especificamente, a preferência por marcas deíticas que assinalam a equivalência entre a instância produtora do texto e o autor dos processos evocados, quer na forma de 1ª PS, quer de 1ª PPI, evidenciam o posicionamento privilegiado pelo agente de produção feminino: em situação de interação com o momento de produção e com forte grau de contextualização. Nesse sentido, o discurso e as suas dimensões temáticas situam-se no encaço imediato do agente de produção, mobilizando

segmentos tecidos a partir de relações de implicação e conjunção existentes entre o mundo discursivo construído e o mundo real dos agentes de produção. Proximidade essa iniciada, para além do que mencionei sobre a presença de unidades deícticas pessoais, espaciais e temporais que remetem para os interactantes e para a interação real, pelo recurso, com grande ênfase, às formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico, e que pontuam o momento atual e o aspeto pontual da interação, e com forte valor performativo e/ou psicológico, sobretudo presente em formas verbais como *assumir, candidatar, saber, querer, declarar, agradecer, acreditar, sentir, cuidar*, entre outros. Os segmentos de discurso interativo destacam-se por apresentarem os motivos, as intenções, as capacidades e os modos de atuação dos agentes de produção na ocupação ou possível futura ocupação do cargo de destaque, sendo revelador da posição subjetiva do agente face ao conteúdo tematizado, também, o recurso a modalizações pragmáticas e apreciativas.

Quanto ao relato interativo, surge parcamente e quase sempre associado a segmentos de discurso interativo, em que o agente de produção assume o relato do seu próprio agir, porém reportando-se a uma ação passada, incitada pela rememoração. Caracterizando-se pela disjunção em relação ao mundo ordinário e deixando transparecer uma análise retrospectiva do agir, ocorre com recurso a marcas deícticas pessoais que pontuam o agente de produção no texto, no entanto com presença de formas verbais da ordem do narrar, destacando-se as formas de pretérito perfeito do indicativo.

Relativamente ao misto interativo-teórico, assumo neste trabalho a particularidade de se relacionar com uma outra origem enunciativa, porém não ocorre com a mesma frequência, nem em todas os textos (não ocorre nos TM5 e TM6). Essa instância é de ordem coletiva, em que o agente de produção se insere e representa, com forte valor institucional. Surge efetivada linguisticamente por marcas de terceira pessoa do singular (3ª PS) e/ou pelo recurso a sintagmas nominais que referenciam a instituição representada - o *Governo*, em TM1; o *Parlamento*, em TM2; a *Universidade Católica Portuguesa*, em TM3; e a *Fundação Calouste Gulbenkian*, em TM4. No entanto, não se dissocia, totalmente, da voz do autor, pois é parafraseável por *nós*, isto é, com valor de marcas de implicação atenuada do *eu*. Para além disso, surge em segmentos ora marcados pela presença de formas verbais de presente do indicativo, com valor performativo, ora fortemente marcados pela ocorrência de formas verbais de futuro, mas que enunciativamente não pontuam um afastamento temporal da ação de linguagem. Parecem, portanto, enquadrar-se na ordem do expor, uma vez que sugerem intenções e modos de atuação futura que são pensados e projetados para o futuro, no

momento da produção (e no curso do agir); e na ordem da implicação, pois apresentam marcas deícticas de pessoa, ainda que com valor enfraquecido (implicação fraca). Assim, não apresentando marcas deícticas de primeira pessoa do singular ou do plural que remetem para o agente de produção e para a situação de interação, mas não apresentando, igualmente, uma total abstração do *eu* nem da situação de produção e do conteúdo tematizado, sobretudo pelo forte valor institucional decorrente do contexto de produção, assumo, nestes segmentos, um tipo de discurso misto interativo-teórico.

No que respeita ao discurso teórico, com grande expressividade, aponta para o momento teórico e argumentativo dos textos e evidencia um raciocínio de ordem lógica sobre o conteúdo tematizado, que sustenta os processos de teorização e argumentação necessários para legitimar as posições assumidas. Nestes textos, alude, ora ao estado das coisas e ao *modus operandi* das instituições sociais que os agentes de produção representam (TM1, TM2, TM3 e TM4), ora ao estado do País (TM5 e TM6). Os processos verbalizados pelos agentes de produção relacionam-se em conjunção com a situação de produção (mundo do expor), porém com distanciamento enunciativo (autonomia – ausência de marcas agentivas). A função destes segmentos é, portanto, de apresentar factos tidos como assertivos que se relacionam com a apresentação de aspetos do conteúdo temático, sobressaindo, fundamentalmente, para veicular informações e divulgar conhecimentos da realidade, e surgem frequentemente com as seguintes estratégias linguísticas: ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal; presença, com maior destaque, de formas verbais de presente do indicativo sem valor deíctico e, em menor grau, de formas verbais de pretérito perfeito composto, construções passivas, construções infinitivas impessoais e gerúndios; presença de formas pronominais indefinidas (*se*, com valor endofórico); de organizadores textuais com valor lógico-argumentativo; forte recurso a procedimentos de referência deíctica intratextual, com grande evidência de retomas anafóricas (únicas ou construídas sob a forma repetida de paralelismo anafórico); e com particular evidência de modalizações epistémicas, que conferem ao texto objetividade e assertividade, ou deónticas, com recurso aos verbos modais *poder* e *dever*.

Por fim, a ocorrência parca de narração, nestes textos, funciona como complemento ao que é enunciado, marcando um momento subsidiário (complementando informação ou contextualizando determinado tema) que não carece de conhecimento do contexto que permeia as ações de linguagem a ele associadas. Pontuam factos ocorridos no passado, dados a conhecer pelo forte recurso às formas verbais de pretérito perfeito do indicativo, em

casos pontuais de pretérito imperfeito do indicativo ou de particípio passado, da ordem do narrar, e a organizadores textuais temporais, essencialmente por via de datas. Estes parcos relatos desenvolvem-se a partir de uma origem espaço-temporal explícita, porém ocupam um plano periférico face ao momento de produção textual, apresentando um conteúdo genérico, não implicando, dessa forma, nem o agente de produção nem a situação de produção.

Retomando o que mencionei acima sobre o posicionamento enunciativo do agente de produção no texto, em que verifico a coexistência de três origens enunciativas, marcadas linguisticamente, sobretudo, por unidades deícticas de 1ª PS e/ou de 1ª PPI, e, pontualmente, por marcas de 3ª PS, a observação destes dados permite aferir o modo como os agentes de produção se implicam nos textos que produzem. Para esta análise, a partir dos mecanismos linguísticos e enunciativos já identificados, procedi à identificação das marcas de pessoa, nomeadamente, nomes, formas pronominais pessoais e possessivas, determinantes possessivos e desinências número-pessoais presentes nas formas verbais, em segmentos com tipos de discurso da ordem da implicação (o discurso interativo, o relato interativo e, neste trabalho, o misto interativo-teórico), destacando-as pelo número de ocorrências. Essas marcas designo **marcas de implicação**.

Estas estratégias linguísticas e enunciativas que marcam o *eu* resultam de escolhas imputadas à agentividade, coocorrentes em todos os textos (salvo as marcas de 3ª PS), de forma alternada, ou não, no interior do mesmo segmento ou entre segmentos, e traduzem diferentes modos de implicação no processo de produção textual, que variam em grau.

Tendo em consideração que as marcas de 3ª PS (misto interativo-teórico) não ocorrem em todos os textos, apenas naqueles com forte valor institucional, não contabilizarei a sua ocorrência em termos estatísticos, nem comparativos. Ainda assim, importa mencionar que estas marcas surgem em segmentos que mobilizam o tipo de discurso misto interativo-teórico, remetem para um coletivo institucional que o agente de produção representa, são parafraseáveis pelas marcas dilatadas de 1ª PPI com valor de implicação atenuada, porém, sofrendo um enfraquecimento por se diluírem numa terceira pessoa assumem um grau de implicação fraca. De um modo geral, as marcas deícticas de 3ª PS, coletivizadas, ocorrem em 26 segmento no TM1, em 10 segmentos no TM3 e em apenas 1 segmento nos TM2 e TM4.

Relativamente às marcas de 1ª PS e de 1ª PPI, a implicação é forte quando o agente se enuncia por intermédio de marcas de 1ª PS e atenuada quando o agente se imbuí num coletivo (*nós*) que integra ou representa, recorrendo a marcas de 1ª PPI.

No caso da forma coletivizada, a implicação do *eu* surge atenuada, pois o agente de produção opta por se diluir numa identidade plural, ora de forma genérica (*nós* que se subentende *o País* que o agente de produção almeja representar, em TM5 e em TM6), ora com forte valor institucional, adaptado às circunstâncias de produção (a instituição que o agente de produção representa - o *Governo*, em TM1; o *Parlamento*, em TM2; a *Universidade Católica Portuguesa*, em TM3; a *Fundação Calouste Gulbenkian*, em TM4), em que o agir é captado sob uma perspetiva coletiva, no seio de uma ação comum. Por tal, as formas de 1ªPPI surgem com valor deítico dilatado, ou seja, o grau de implicação é atenuado quando o agente de produção se assume como parte de um coletivo.

Os segmentos com predomínio de marcas linguísticas que atestam a forte implicação no texto (1ª PS) revelam o maior envolvimento e a subjetividade do agente de produção, que aí assume a inteira e pessoal responsabilidade do dizer (estatuto individual do *eu*) e, portanto, o estatuto de ator no processo de produção textual. O recurso às formas de 1ª PS está associado à representação do agir do actante de forma atestada e fortemente implicada nos factos apresentados, sinalizando-os como o resultado de uma ação individual. O facto de se enunciar de forma pessoal e implicada sobrevaloriza o ato pessoal protagonizado na ocupação (ou futura ocupação) do cargo de destaque, onde se apresentam as intenções, as causas, os objetivos, as convicções, os pressupostos de atuação e as expectativas que daí decorrem.

Apesar da coexistência nos textos de ambas as formas linguísticas e enunciativas que marcam o dizer – de 1ª PS e de 1ª PPI -, verifico oscilações na ocorrência dessas marcas de implicação, ou seja, o privilégio por umas em detrimento de outras, como a seguir particularizo.

A partir de uma abordagem quantitativa, procedi à contagem do número de ocorrências das marcas de implicação de 1ª PS e de 1ª PPI, em segmentos da ordem da implicação (discurso interativo e relato interativo) e verifiquei, nos textos de mulheres, um total de 261 ocorrências de marcas de implicação de 1ª PS e 141 ocorrências de marcas deíticas de 1ª PPI, perfazendo um total de 402 marcas de implicação em ocorrência. Estas distribuem-se da seguinte forma: no TM1 contabilizei a ocorrência de 40 marcas de

implicação, sendo que 33 remetem para as marcas deíticas de 1ª PS e apenas 5 conformam marcas deíticas com valor dilatado, de 1ª PPI. No TM2, verifiquei a presença de 52 marcas de implicação, sendo que 19 conformam marcas deíticas de 1ª PS e, com maior destaque, 33 ocorrências assinalam marcas deíticas de 1ª PPI. No TM3, contabilizei a ocorrência de 53 marcas de implicação, correspondendo 36 às marcas deíticas de 1ª PS e 17 às marcas deíticas de 1ª PPI. No TM4, num total de 102 marcas de implicação registradas, 79 conformam marcas deíticas de 1ª PS e apenas 23 assinalam formas de 1ª PPI. No TM5, das 108 marcas de implicação aferidas, 57 remetem para marcas deíticas de 1ª PS e 51 para marcas deíticas de 1ª PPI. Por fim, no TM6, constatei que das 47 marcas de implicação em ocorrência, 35 correspondem a formas deíticas de 1ª PS e apenas 12 configuram marcas deíticas de 1ª PPI.

Na figura que se segue esquematizo as ocorrências das marcas de implicação nos textos de autoria feminina:

| | | Marcas de implicação: TMs | | | | | | Total |
|----------------------------|---------------------|---------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-------|
| | | TM1 | TM2 | TM3 | TM4 | TM5 | TM6 | |
| Tipos de discurso | Discurso interativo | 26 | 29 | 53 | 51 | 64 | 33 | 256 |
| | Relato interativo | | | | | | | |
| Marcas de implicação | 1ª PS | 35 | 19 | 36 | 79 | 57 | 35 | 261 |
| | 1ª PPI | 5 | 33 | 17 | 23 | 51 | 12 | 141 |
| Nº de marcas de implicação | | 40 | 52 | 53 | 102 | 108 | 47 | 402 |

Figura 34. Ocorrência das marcas de implicação nos textos de mulheres

De acordo com a identificação e o levantamento das marcas linguístico-discursivas e dos procedimentos enunciativos que marcam o agente de produção no texto, concluo que, nos textos de mulheres, recorre-se alternadamente quer a formas deíticas de 1ª PS, quer a marcas exofóricas de 1ª PPI, com uma clara investida da pessoa no texto nas formas de 1ª PS e com dilatação do valor deítico de *eu* na forma pluralizada de 1ª PPI. Nessa medida, a atividade discursiva dos agentes de produção foca tanto a instituição social em si (objetivos, perspectivas e modos de ação institucionais comuns); como a *pessoa*, de forma singular e individual, e inteiramente responsável pelo ato que protagoniza. No entanto, estas escolhas agentivas não apresentam o mesmo predomínio, privilegiando as mulheres, de um modo

geral, umas formas em detrimento de outras: apesar de se verificar, no TM2, a tendência para o agente de produção optar pelas formas deíticas de 1ª PPI face às formas de 1ª PS, imputando a responsabilidade do dizer a uma voz coletiva, que representa; nos restantes textos de mulheres, as formas pluralizadas são categoricamente ultrapassadas pela preferência - e tendência – em dizer *eu*, posicionando-se as mulheres, predominantemente, de forma atestada e implicada no processo de produção textual.

No ponto seguinte, com base nos mesmos procedimentos de análise evidenciados nos textos de mulheres, apresento a análise dos aspetos linguístico-discursivos nos textos de homens.

1.3.2. Nos textos de homens

O TH1 é composto por 25 parágrafos, desdobrados em 42 segmentos. No levantamento das ocorrências constituintes destes segmentos, verifico a presença de 43 tipos de discurso, com predomínio do discurso interativo (20 ocorrências), seguindo-se o misto interativo-teórico (13 ocorrências), e, em menor número, o relato interativo (6 ocorrências), o discurso teórico (3 ocorrências) e a narração (1 ocorrência). Na perspetiva da ocupação do espaço textual, o discurso interativo surge em todas as partes do texto, exceto na introdução, e em exclusivo na abertura e no fecho do discurso. A introdução comporta segmentos de relato interativo e misto interativo-teórico e a conclusão de discurso interativo e misto interativo-teórico. O desenvolvimento integra todos os tipos de discurso, onde ocorre, também, em exclusivo, o discurso teórico e a narração.

O TH2 apresenta 24 parágrafos, subdivididos em 48 segmentos. A identificação das estratégias linguísticas e enunciativas no TH2 evidencia um número de ocorrências equilibrado de discurso teórico (23 ocorrências) e de discurso interativo (24 ocorrências). Dos 51 tipos de discurso em ocorrência, identifiquei, ainda, 1 ocorrência de narração e de misto interativo-teórico e 2 ocorrências de relato interativo. Na distribuição dos tipos de discurso no território textual, já não se atesta o mesmo equilíbrio: os segmentos de discurso teórico ocorrem exclusivamente na parte do desenvolvimento, tal como o segmento de narração e de misto interativo-teórico. Já os segmentos de discurso interativo ocorrem em

todos os momentos textuais e, inclusive, isoladamente na conclusão e no fecho. O momento introdutório apresenta, ainda, a ocorrência dos segmentos de relato interativo.

O TH3 integra 28 parágrafos, compartimentados em 72 segmentos textuais. Estes segmentos equivalem a um tipo de discurso, contabilizando 41 ocorrências de discurso interativo, 27 de discurso teórico, 2 de relato interativo, e 1 de misto interativo-teórico, bem como de narração. No que respeita à ocupação textual dos tipos de discurso, os segmentos de relato interativo são exclusivamente mobilizados na introdução e os de discurso interativo na conclusão e no fecho. O desenvolvimento comporta, para além dos segmentos de discurso interativo, todos os restantes.

O TH4 compõe-se por 51 parágrafos, seccionados em 83 segmentos. O TH4, à semelhança do TH2, apresenta uma ocorrência equilibrada de segmentos de discurso interativo (31 ocorrências) e de discurso teórico (29 ocorrências). Revela, em contrapartida, face aos outros textos, uma presença expressiva de segmentos de relato interativo, com 21 ocorrências. Já o misto interativo-teórico, tal como a narração, ocorrem, apenas, uma vez. O total de 83 ocorrências dos tipos de discurso dispõem-se no plano do texto do seguinte modo: o discurso interativo ocorre em todas as partes do texto e em exclusivo na abertura, na introdução e no fecho; a narração e o relato interativo ocorrem exclusivamente no desenvolvimento; e o discurso teórico prevalece no desenvolvimento e sucede na conclusão.

O TH5 configura o texto mais extenso, com 87 parágrafos subdivididos em 155 segmentos. Estes segmentos atestam uma constituição discursiva com particular destaque para a ocorrência de segmentos de discurso teórico (110 ocorrências), sendo o texto que mais segmentos teóricos comporta. Com alguma evidência, também, verifico a ocorrência de discurso interativo (43 ocorrências) e, com menor incidência, a ocorrência de segmentos de narração (3 ocorrências). Os tipos de discurso misto interativo-teórico e relato interativo não estão presentes. Na ocupação do espaço textual, os segmentos de discurso interativo surgem em todas as partes e destacam-se na conclusão e no fecho por ocorrerem em exclusivo. Os segmentos de narração aparecem apenas no desenvolvimento. Os segmentos de discurso teórico, à exceção da conclusão e do fecho, predominam nas outras partes do plano textual.

O TH6 apresenta 62 parágrafos e 113 segmentos textuais. Também à semelhança do TH5, este texto evidencia um franco domínio de segmentos de discurso teórico (79 ocorrências). Relativamente aos restantes tipos de discurso, contabilizo 29 ocorrências de

discurso interativo, 3 de relato interativo e 2 de narração. O misto interativo-teórico não ocorre. Na ocupação textual, apenas o fecho mobiliza um tipo de discurso isolado - o discurso interativo. Este tipo de discurso permeia, ainda, todas as outras partes textuais. Verifico, no entanto, uma grande heterogeneidade discursiva na introdução, contrariamente ao sucedido em outros textos: a introdução de TH6 comporta segmentos de discurso interativo, de discurso teórico e de narração. O desenvolvimento mobiliza todos os tipos de discurso em ocorrência, sendo que o relato interativo aparece unicamente nessa parte. A conclusão integra tanto segmentos de discurso teórico como de discurso interativo.

O exame dos dados linguístico-discursivos nos textos de homens, de um modo geral, permitiu apurar a ocorrência de 518 tipos de discurso, correspondendo 271 à presença de discurso teórico, 188 de discurso interativo, 34 de relato interativo, 16 de misto interativo-teórico e 9 de narração. A figura que se segue esquematiza esta análise:

| | | Tipos de discurso: THs | | | | | | Total |
|-------------------|--------------------------|------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|------------|
| | | TH1 | TH2 | TH3 | TH4 | TH5 | TH6 | |
| Tipos de discurso | Discurso interativo | 24 | 24 | 41 | 31 | 43 | 29 | 188 |
| | Relato interativo | 6 | 2 | 2 | 21 | - | 3 | 34 |
| | Discurso teórico | 3 | 23 | 27 | 29 | 110 | 79 | 271 |
| | Narração | 1 | 1 | 1 | 1 | 3 | 2 | 9 |
| | Misto interativo-teórico | 13 | 1 | 1 | 1 | - | - | 16 |
| | Total | 43 | 51 | 72 | 83 | 156 | 113 | 518 |

Figura 35. Ocorrência dos tipos de discurso nos textos de homens

Apesar das distintas ocorrências de tipos de discurso e das oscilações na sua disposição e distribuição no plano textual nos textos de mulheres e nos textos de homens, admito que apresentam comportamentos idênticos. Quer isto dizer que assumem as mesmas características, porém com incidências textuais distintas, pois se nos textos de mulheres predominavam os segmentos de discurso interativo, nos textos de homens privilegiam-se os segmentos de discurso teórico. Também com características idênticas surgem os segmentos de relato interativo e de narração, no entanto com maior projeção nos textos de homens. Já o misto interativo-teórico ocorre com mais frequência nos textos de mulheres, todavia, em ambos os casos, com franca incidência nos textos correspondentes TM1/TH1.

Ao contrário dos textos de mulheres, nos textos de homens não se verifica a opção de o agente de produção se colocar predominantemente em situação de interação e, portanto, próximo relacional e espaço-temporalmente com a situação de produção, os interactantes e o conteúdo temático. Antes sobressai o momento teórico e argumentativo dos textos, que põe em evidência a apresentação de factos objetivos, concretos sobre os aspetos do conteúdo temático, predominando um raciocínio lógico, objetivo e assertivo, com menor expressão de subjetividade. Privilegiam-se, portanto, nos textos de homens, sobretudo nos TH5 e TH6, os segmentos teóricos, ativando-se escolhas que semiotizam um “expor autónomo”. Isso significa que o agente produtor posiciona-se, predominantemente, por intermédio de relações de autonomia entre o mundo discursivo construído e o mundo real do produtor, assinalando um maior distanciamento do *eu* na produção textual.

Para além do carácter autónomo das relações entre a instância de agentividade e os parâmetros da ação de linguagem, conferindo ao texto um forte pendor teórico (implicação nula do *eu*), nos textos de homens, verifico o recurso, com maior ênfase, às relações de disjunção em relação ao mundo ordinário – narrando experiências/eventos passados. Estes segmentos (relato interativo e narração) são marcados por tempos verbais da ordem do narrar e pelos organizadores temporais, o que sugere um maior distanciamento (ou, pelo menos, uma franca instabilidade) espaço-temporal entre o actante, o beneficiário da ação e o próprio conteúdo temático.

Ainda assim, quanto à ocorrência de segmentos que atestam a presença do agente de produção (discurso interativo, relato interativo e misto interativo-teórico), verifico estratégias idênticas às observadas nos textos de mulheres: a mesma coexistência de duas origens enunciativas, em que o agente de produção marca o seu dizer com recurso a marcas deíticas de 1ª PS e a unidades deíticas de 1ª PPl. Da mesma forma, observo a presença de outra instância enunciativa que, tal como nos textos de mulheres, só ocorre nos textos com forte valor institucional (TH1, TH2, TH3 e TH4) e que remete para um coletivo que o agente de produção representa (o *Governo*, em TH1; o *Parlamento*, em TH2; a *Universidade Católica Portuguesa*, em TH3; e a *Fundação Calouste Gulbenkian*, em TH4). Essa instância é linguisticamente marcada por formas de 3ª PS, sugerindo um maior enfraquecimento do *eu* face às marcas deíticas de 1ª PS e, até, de 1ª PPl, mas potencialmente parafraseável pelas marcas de implicação atenuada (*nós*). A presença destas marcas linguístico-discursivas originam os segmentos de misto interativo-teórico, ocorrentes em 13 segmentos no TH1 e em apenas 1 segmento nos TH2, TH3 e TH4.

Retomando a alternância entre formas deíticas de 1ª PS e de 1ª PPI, presente em todos os textos do *corpus*, e que marcam a implicação do agente de produção, também nos textos de homens assumem os mesmos valores: a primeira estratégia assinala a voz do autor empírico, fazendo coincidir emissor e enunciador, com implicação atestada do *eu*; e a segunda, diluindo-se o agente de produção num grupo, a responsabilidade do dizer não decorre de uma ação individual, antes o agir é captado de modo coletivo, com implicação atenuada do *eu*. Tal como nos textos de mulheres, estas estratégias linguísticas e enunciativas são visíveis pelo recurso àquilo que designei marcas de implicação, e que nos textos de homens apresentam as particularidades que a seguir descreverei.

A análise das marcas de implicação, nos textos de autoria masculina, baseou-se no mesmo procedimento: identificação das marcas de pessoa, nomeadamente, nomes, formas pronominais pessoais e possessivas, determinantes possessivos e desinências número-pessoais presentes nas formas verbais, em segmentos com tipos de discurso da ordem da implicação (o discurso interativo, o relato interativo e, neste trabalho, o misto interativo-teórico), destacando-as pelo número de ocorrências. Pelas razões já apontadas nos textos de mulheres, dou conta, apenas, da ocorrência das marcas de implicação de 1ª PS e de 1ª PPI, já que as marcas deíticas de 3ª PS (misto interativo-teórico) resultam de uma contingência própria, contextual e institucional, e não ocorre em todos os textos. As marcas de implicação de 1ª PS e de 1ª PPI assumem os mesmos valores que nos textos de mulheres: a implicação é forte/atestada nas formas de dizer *eu*, e atenuada nas formas dilatadas/pluralizadas.

Também nos textos de autoria masculina, nas formas pluralizadas (*nós*), o agente de produção opta por se assumir como parte de um coletivo, em que os processos são verbalizados, tal como nos textos de mulheres, ora de forma genérica (*nós* que se subentende *o País* que o agente de produção almeja representar, em TH5 e em TH6), ora com forte valor institucional, adaptado às circunstâncias de produção (a instituição que o agente de produção representa - o *Governo*, em TH1; o *Parlamento*, em TH2; a *Universidade Católica Portuguesa*, em TH3; a *Fundação Calouste Gulbenkian*, em TH4).

Após a identificação dos dados, procedi, então, à contagem do número de ocorrências das marcas de implicação de 1ª PS e de 1ª PPI nos textos de homens, atestando um total de 129 ocorrências de marcas de implicação de 1ª PS e 205 ocorrências de marcas deíticas de 1ª PPI, num total de 334 marcas de implicação. Estas ocorrências distribuem-se

da seguinte forma: no TH1, ocorrem 19 marcas de implicação, sendo que 5 remetem para as marcas deíticas de 1ª PS e 14 conformam marcas deíticas de 1ª PPI. No TH2, estão presentes 59 marcas de implicação, das quais 30 conformam marcas deíticas de 1ª PS e 29 assinalam marcas deíticas de 1ª PPI. No TH3, contabilizei a ocorrência de 99 marcas de implicação, correspondendo 19 às marcas deíticas de 1ª PS e, com grande expressividade, 80 configuram marcas dilatadas de 1ª PPI. No TH4, das 62 marcas de implicação registadas, 29 são de 1ª PS e 33 são de 1ª PPI. No TH5, as 56 marcas de implicação aferidas remetem para 32 unidades deíticas de 1ª PS e 24 para unidades de 1ª PPI. Por último, no TH6, constatei a presença de 39 marcas de implicação – 14 com valor de implicação forte (1ª PS) e 25 com valor de implicação atenuada (1ª PPI).

A figura abaixo traduz as ocorrências de marcas de implicação observadas nos textos de autoria masculina:

| | | Marcas de implicação: THs | | | | | | Total |
|----------------------------|---------------------|---------------------------|-----|-----|-----|-----|-----|-------|
| | | TH1 | TH2 | TH3 | TH4 | TH5 | TH6 | |
| Tipos de discurso | Discurso interativo | 30 | 26 | 43 | 52 | 43 | 32 | 222 |
| | Relato interativo | | | | | | | |
| Marcas de implicação | 1ª PS | 5 | 30 | 19 | 29 | 32 | 14 | 129 |
| | 1ª PPI | 14 | 29 | 80 | 33 | 24 | 25 | 205 |
| Nº de marcas de implicação | | 19 | 59 | 99 | 62 | 56 | 39 | 334 |

Figura 36. Ocorrência das marcas de implicação nos textos de homens

Pelo exposto concluo, do mesmo modo que conclui nos textos de mulheres, que os homens recorrem, para se enunciarem, alternadamente quer a marcas deíticas de 1ª PS, quer a marcas exofóricas de 1ª PPI. Verifico, contudo, nos textos de homens que, apesar de alguns textos apresentarem um equilíbrio no recurso às marcas de implicação do *eu*, ora usando-as de forma atestada, ora atenuada, no cômputo geral, o agente de produção masculino tende, com maior ênfase, a recorrer às formas de implicação coletivas. Assim, para além de privilegiarem um raciocínio lógico e a teorização dos processos, mobilizando-se maioritariamente segmentos de discurso teórico que atestam distanciamento enunciativo e a não implicação; nos procedimentos de implicação discursiva, as escolhas linguísticas e

enunciativas que marcam a presença do agente de produção tendem a enfraquecê-la, predominando escolhas que traduzem um discurso menos implicado.

No ponto seguinte, reúno os dados aqui evidenciados e, em perspectiva comparativa, apresento os resultados que permitem aferir o modo como mulheres e homens se implicam no processo textual e que escolhas (agentivas) traduzem um discurso implicado.

1.3.3. Movimento comparativo da análise dos aspetos linguístico-discursivos

A perspectiva comparativa que apresento contrapõe os dados observados na análise dos aspetos linguístico-discursivos nos textos de mulheres e nos textos de homens. Assim, a partir dos dados obtidos, aplicando as noções de *tipos de discurso* e *marcas de implicação*, pretendo verificar o modo como se configura linguisticamente a enunciação de mulheres e homens em posição de liderança e, conseqüentemente, aferir se essa enunciação é, tendencialmente, implicada ou não.

Neste movimento comparativo apresento os resultados de forma global e coloco em perspectiva os dados levantados na análise dos aspetos linguístico-discursivos, com base na contagem das ocorrências dos tipos de discurso e das marcas de implicação.

A análise dos aspetos linguístico-discursivos permite evidenciar, primeiramente, que os textos de mulheres e homens, apesar de extensos, apresentam distinções na sua paragrafação e segmentação. Assim, os textos foram formalmente caracterizados tendo em conta a sua extensão em termos de palavras, o número de parágrafos que integram e a respetiva compartimentação em segmentos textuais.

Verifico, assim, que os textos de mulheres apresentam, na sua totalidade, uma extensão de 10.982 palavras, comportando 262 parágrafos e 444 segmentos textuais:

| Caracterização formal dos TMs | | | | | | | |
|-------------------------------|------|-----|------|------|------|-----|---------------|
| | TM1 | TM2 | TM3 | TM4 | TM5 | TM6 | Total |
| Extensão | 2260 | 978 | 2865 | 1887 | 2140 | 852 | 10.982 |
| Paragrafação | 44 | 26 | 49 | 58 | 56 | 29 | 262 |
| Segmentação | 81 | 44 | 109 | 68 | 99 | 43 | 444 |

Figura 37. Caracterização formal dos textos de mulheres

No que respeita aos textos de homens, evidenciam, na sua globalidade, uma extensão de 14.571 palavras, integrando 277 parágrafos e 513 segmentos:

| Caracterização formal dos THs | | | | | | | |
|-------------------------------|------|------|------|------|------|------|---------------|
| | TH1 | TH2 | TH3 | TH4 | TH5 | TH6 | Total |
| Extensão | 1350 | 1654 | 2619 | 2442 | 3876 | 2630 | 14.571 |
| Paragrafação | 25 | 24 | 28 | 51 | 87 | 62 | 277 |
| Segmentação | 42 | 48 | 72 | 83 | 155 | 113 | 513 |

Figura 38. Caracterização formal dos textos de homens

Os dados identificados revelam que os homens tendem a produzir discursos mais longos que as mulheres, não comportando nenhum menos que a fronteira das 1000 palavras e excedendo, o maior, as 3000 palavras. A acompanhar essa tendência, observo que os textos de homens comportam mais parágrafos (277 contra 262) e mais segmentos textuais (513 contra 444). Nos textos de mulheres, o mais extenso é o TM3 e o menos extenso o TM6; e, nos textos de homens, o TH1 é o texto mais pequeno e o TH5 é o mais longo. Em suma, atesto que não há uma relação constitutiva entre os grupos de textos e a sua extensão e compartimentação, pelo que infiro decorrer de escolhas agentivas, que não afetam a configuração genológica dos textos, nem a sua caracterização como *intervenções públicas*, nem, ainda, parece relacionar-se com a finalidade comunicativa dos distintos grupos de textos. Para além disso, verifico que o número de parágrafos não determina a maior ou menor ocorrência de segmentos, no entanto, quanto maior for o número de palavras (extensão), maior é, também, o número de segmentos.

Relativamente aos segmentos textuais, onde procedi à identificação e ao levantamento das marcas linguísticas e enunciativas em ocorrência, tal como referi anteriormente, verifico que nos textos de mulheres ocorrem 448 tipos de discurso e, nos textos de homens, ocorrem 518. De um modo geral, nos textos de mulheres e de homens são mobilizados os tipos de discurso discurso interativo, relato interativo, misto interativo-teórico, discurso teórico e narração. No entanto, a sua incidência no processo de produção textual é distinta, privilegiando mulheres e homens tipos de discurso em detrimento de outros. No que respeita às mulheres, verifiquei que das 448 ocorrências, 245 são de discurso interativo, 148 de discurso teórico, 38 de misto interativo-teórico, 11 de relato interativo e 6 de narração. Assim, considerando os tipos de discurso do eixo da implicação os discurso interativo, o relato interativo e o misto interativo-teórico, nos textos de mulheres mobilizam-se 294 segmentos com implicação. Em contrapartida, considerando no eixo da autonomia (sem implicação) os tipos discursivos discurso teórico e narração, contabilizei 154 ocorrências. Nos textos de homens, observei que das 518 ocorrências, 271 são de discurso teórico, 188 de discurso interativo, 34 de relato interativo, 16 de misto interativo-teórico e 9 de narração. Dessa forma, nos textos de homens, atestei a presença de 238 segmentos que traduzem a implicação do agente de produção no texto e 280 segmentos em que o agente de produção opta por se distanciar (não implicação).

A figura abaixo dá conta destes dados, em perspetiva comparativa:

| | | TMs | THs | | |
|-------------------------------------|--------------------------------------|------------|------------|-----------------------|---------------------------|
| Tipos de discurso | Discurso interativo | 245 | 188 | <i>Implicação</i> | <i>Modo de implicação</i> |
| | Relato interativo | 11 | 34 | | |
| | Misto interativo-teórico | 38 | 16 | | |
| | Total segmentos de implicação | 294 | 238 | | |
| | Discurso teórico | 148 | 271 | <i>Não implicação</i> | |
| | Narração | 6 | 9 | | |
| Total segmentos de autonomia | 154 | 280 | | | |

Figura 39. Estudo comparativo da ocorrência dos tipos de discurso

Em suma, constatei que dos tipos de discurso em ocorrência, o discurso interativo e o discurso teórico são os constituintes que prevalecem em ambos os grupos de textos (mulheres e homens). No entanto, nos textos de mulheres predominam os segmentos de discurso interativo e, ainda os segmentos que traduzem a implicação do agente de produção face aos segmentos em que não se implica. Já nos textos de autoria masculina, destaca-se o tipo de discurso teórico e, ainda, o conjunto dos tipos de discurso que traduzem a não implicação no texto.

Estas evidências permitem, num primeiro momento, projetar algumas conclusões promissoras: na configuração linguística da enunciação de mulheres e homens em posição de liderança, as mulheres tendem a optar por mecanismos linguísticos e enunciativos que mobilizam segmentos da ordem da implicação, semiotizando, com maior ênfase, o expor implicado (discurso interativo). Por seu turno, os homens dão preferência a uma enunciação que se pauta por escolhas que mobilizam segmentos da ordem da autonomia, semiotizando, sobretudo, o expor autónomo (discurso teórico). Apesar de estes dados ainda não serem suficientes para demonstrar como mulheres e homens se implicam nos textos que produzem, adiantam algumas hipóteses: mulheres e homens enunciam-se de forma substancialmente diferente, observando-se que os modos de representação das instâncias produtoras femininas apresentam pontos de contacto que os colocam em oposição às configurações discursivas encontradas nos textos de homens. Tal sugere, portanto, que as regularidades observadas nestes textos, num e noutro caso, traduzem uma tendência que parece constitutiva e representativa de uma configuração linguística própria, ou pelo menos comum, de instâncias produtoras femininas de um lado; e, do outro, de instâncias produtoras masculinas.

Para mostrar como as mulheres e os homens se implicam nos textos que produzem, procedi à identificação e destaque, nos segmentos de discurso interativo e relativo interativo (eixo da implicação), as marcas linguísticas e enunciativas que configuram as marcas de implicação, nomeadamente os nomes, as formas pronominais pessoais e possessivas, os determinantes possessivos e as desinências número-pessoais das formas verbais, de 1ª PS e de 1ª PPI.

Das análises a todos os textos do *corpus* resultaram as seguintes evidências: nos processos de implicação do agente de produção, verifiquei a coexistência de duas origens enunciativas, em que o agente de produção marca linguisticamente a sua presença com recurso a formas deíticas de 1ª PS ou a marcas deíticas de 1ª PPI. As marcas deíticas singulares pontuam uma responsabilização total do *eu* no *dictum* textual, em que o agir é

captado e representado de forma individual; e as marcas coletivas (pluralizadas) assinalam a diluição do agente de produção numa voz coletiva, em que a responsabilidade do dizer não decorre de uma ação individual, antes o agir é captado de modo coletivo e, portanto, atenuando o envolvimento do agente de produção no texto. Os valores das estratégias enunciativas de 1ª PS e de 1ª PPI marcam posicionamentos diferentes no processo de produção textual, ou seja, diferentes modos de implicação, que variam em grau: a implicação é forte nas formas de dizer *eu* e enfraquecida quando a instância se imbuí num coletivo (*nós*) que integra e/ou que representa.

Para mostrar como mulheres e homens se implicam nos textos, baseei-me, nos textos de mulheres, nos dados linguístico-discursivos extraídos de 256 segmentos (245 de discurso interativo e 11 de relato interativo) e, nos textos de homens, de 222 segmentos (188 de discurso interativo e 34 de relato interativo). Nos textos de mulheres, contabilizei a ocorrência de 402 marcas de implicação, correspondendo 261 a marcas deíticas de 1ª PS e 141 a marcas de 1ª PPI. Nos textos de homens, atestei a presença de 334 marcas de implicação, sendo que 129 conformam marcas deíticas de 1ª PS e 205 de 1ª PPI.

A figura que apresento ilustra a ocorrência das marcas de implicação nos textos de mulheres e de homens, em perspectiva comparativa:

| ESTUDO COMPARATIVO: IMPLICAÇÃO | | | | | |
|--------------------------------|---------------------|------------|------------|-------------------|--------------------|
| | | TMs | THs | | |
| Tipos de discurso | Discurso interativo | 245 | 188 | <i>Implicação</i> | Grau de implicação |
| | Relato interativo | 11 | 34 | | |
| | Total | 256 | 222 | | |
| Marcas de implicação | 1ª PS | 261 | 129 | <i>forte</i> | |
| | 1ª PPI | 141 | 205 | <i>atenuada</i> | |
| | Total | 402 | 334 | | |

Figura 40. Estudo comparativo da ocorrência das marcas de implicação

De um modo geral, nos textos de mulheres aferi o recurso, com maior ênfase, às formas de 1ª PS, em detrimento das formas de 1ª PPI, revelando que as mulheres tendem a optar por estratégias linguísticas e enunciativas que traduzem uma implicação forte do *eu* no

texto. Já os homens, para além de privilegiarem o recurso a segmentos de não implicação, nos segmentos em que se implicam, tendem a enunciar-se com recurso à forma deíctica pluralizada (1ª PPI), com valor dilatado, traduzindo uma implicação atenuada no processo de produção textual. A adicionar a esta observação, sublinhando-a, constato que, apesar de os textos dos homens serem mais extensos, com um número de palavras relativamente maior face aos textos de autoria feminina, os textos de mulheres mobilizam mais marcas de implicação que os textos de homens.

Em suma, a partir dos dados coletados referentes às ocorrências dos tipos de discurso e das marcas de implicação nos textos de mulheres e nos textos de homens, concluo que, em conjunto, essas estratégias linguísticas e enunciativas permitem atestar como se configura linguisticamente a enunciação de mulheres e homens em posição de liderança e, ainda, como se implicam nos discursos que produzem. De forma geral, mulheres e homens recorrem a dois modos de se enunciarem: com implicação e sem implicação. Estes dois modos de enunciação evidenciam, ainda, outra especificidade – o grau de implicação. Nas situações discursivas em que não há implicação, o grau de implicação é nulo. Nas situações discursivas em que se indicia a presença do agente de produção, o recurso a formas deícticas de 1ª PS evidencia um grau de implicação forte no texto, e o recurso às marcas de 1ª PPI, um grau de implicação atenuada.

De forma específica, no que respeita à configuração linguístico-discursiva da enunciação de mulheres e homens em posição de liderança, verifico que nos textos de mulheres predominam regularidades materializadas por marcas de implicação que traduzem a tendência para um forte envolvimento da instância produtora feminina no processo de produção textual. Assim, admito que a maior parte da enunciação das autoras visadas mobiliza segmentos de discurso interativo, assinalando a equivalência entre a instância produtora do texto e o autor (e ator) dos processos evocados. Posso, assim, adiantar que as mulheres se representam, prevalentemente, no mundo do expor, numa relação de conjunção entre as coordenadas que organizam o conteúdo temático e as da ação de linguagem; e de implicação, numa relação que se estabelece entre as instâncias de agentividade e os parâmetros da ação de linguagem. Pelo contrário, e embora as instâncias produtoras masculinas mobilizem processos discursivos da ordem do expor implicado, observo o predomínio de segmentos da ordem da autonomia, em que a relação entre as instâncias de agentividade e os parâmetros da ação de

linguagem não é explicitada, mobilizando, com maior predomínio, o discurso teórico, e evidenciando, ainda, uma implicação nula do *eu* no texto.

Quanto à implicação de mulheres e homens em posição de liderança, apesar da evidente presença de indícios linguístico-enunciativos que remetem para a representação do agir do agente de produção, quer de forma individual (marcas de 1ª PS), quer coletiva (marcas 1ª PPI), nos textos de homens atesta-se o predomínio das formas deíticas de 1ª PPI e, nos textos de mulheres, pelo contrário, as formas pluralizadas são categoricamente ultrapassadas pelo privilégio de “dizer *eu*”. A forte presença do *eu*, como forma dominante, traduz uma clara tendência para a mulher se enunciar de forma implicada e assumir-se como ator dos processos verbalizados.

Com efeito, tendo sido atestados diferentes posicionamentos enunciativos, que reiteram a hipótese, avançada por Maria de Lourdes Pintasilgo, de que *mulheres e homens falam de forma diferente*, o facto de se observarem valores altos relativamente às formas de implicação das mulheres faz prever a possibilidade de se confirmar a tendência para as mulheres se implicarem, mais do que os homens, nos textos que produzem.

Subsequentemente, equaciono a possibilidade de essa materialidade linguística/discursiva configurar uma atitude (específica/efetiva) de liderança. Assim, no ponto seguinte, a partir da análise evidenciada nesta secção em articulação com a identificação das figuras de ação, dou conta do modo como a representação do agir de mulheres e homens é marcada discursivamente.

1.4. Análise dos aspetos semiológico-interpretativos

Na quarta e última etapa, pretendo analisar o modo como o agir de mulheres e homens em posição de liderança é representado.

Assim, num primeiro momento, parto dos dados obtidos na análise anterior (aspetos linguístico-discursivos) e procedo à identificação das propriedades do agir em ocorrência nos textos, por intermédio das figuras de ação (cf. III.4. Figura 26), colocando em perspetiva a sua aplicabilidade nas representações construídas textual e linguisticamente do agir de mulheres e homens em posição de liderança. Baseio-me no pressuposto de que a noção de *figuras de ação* é passível de ser exportada, podendo ser verificada a sua emergência

noutros textos, no quadro de outras atividades que não as que lhe deram origem. Mais especificamente, parto da articulação entre os tipos discursivos e o conteúdo temático do agir, considerando dois eixos fundamentais de análise, que decorrem da organização discursiva dos textos: o eixo da *sequencialidade* e o eixo da *agentividade*, uma vez que, por um lado, as escolhas das representações do agir dependem de eixos temporais manifestados nos textos e, por outro lado, as escolhas das representações do agir determinam o posicionamento do agente de produção nos textos, isto é, de implicação ou de não implicação. Esta análise não pretende ser absolutamente exaustiva, tem antes como objetivo mostrar se todas as figuras de ação ocorrem nos textos selecionados, comprovando a hipótese assumida por Bulea (2010b) de que as figuras de ação podem ser aplicadas no seio de outras atividades distintas da saúde e da educação e visando um outro agir-referente.

De seguida, num segundo momento, assumo a hipótese que as representações do agir de mulheres e homens, construídas textualmente e marcadas discursivamente, configuram um possível modelo de liderança e que, de alguma forma, se relaciona com a opção pela implicação ou não dos agentes no processo de produção textual. Assim, a partir do posicionamento de Bulea (2010b) que considera a possibilidade de se construírem, no trabalho interpretativo, figuras de ação novas na sua relação com o agir-referente que as mobiliza e às suas especificidades linguísticas, questiono se as figuras de ação são suficientes ou se a análise textual faz emergir outra figura de ação nova quando o agir surge sob a forma de liderança. A este questionamento associo a hipótese de um novo contributo, propondo a noção de *figura de ação liderança*.

Dada a centralidade desta questão no meu trabalho, demonstro, primeiramente, a aplicabilidade das figuras de ação nos textos e respetivo movimento comparativo (subpontos 1.4.1. e 1.4.2.) e relego, para outro plano, a análise da representação do agir-liderança (ponto 2.).

1.4.1. As figuras de ação nos textos de mulheres e nos textos de homens

Para a abordagem das figuras de ação, exporto as características das cinco figuras de ação identificadas por Bulea – *ação ocorrência*, *ação acontecimento passado*, *ação experiência*, *ação canónica* e *ação definição* -, e aplico-as aos textos no sentido de verificar se ocorrem.

Metodologicamente, baseio-me numa análise qualitativa, em que, por intermédio dos mecanismos discursivos evidenciados na análise da etapa anterior, identifico as figuras interpretativas do agir construídas. Assim, no quadro metodológico das figuras de ação, os tipos discursivos são os elementos preponderantes para a identificação dos processos de agentividade (marcas de pessoa) e situacionalidade (eixos temporais manifestados nos textos), resultando as figuras de ação de escolhas no seio das representações do agir que são dependentes desses processos. Especificamente, para identificar as figuras de ação, tenho em consideração as suas características diferenciais, avançadas por Bulea (2009, 2010b), que respeitam às seguintes dimensões: os traços gerais da compreensão do agir, a estrutura geral, a organização discursiva e enunciativa (tipos discursivos), o eixo de referência temporal (e eixos locais), as localizações (formas verbais), a agentividade (marcas de pessoa) e as modalizações (epistémica, deôntica, apreciativa e pragmática).

Na exportação das características das figuras de ação identificadas por Bulea e na articulação com os dados extraídos da análise dos aspetos linguístico-discursivos e enunciativos, verifico que a ocorrência de uma determinada figura de ação se relaciona com a mesma ocorrência de um determinado tipo de discurso, comprovando a tendência atestada por Bulea (2010b: 75) de que os tipos de discurso participam de forma “constitutiva e potencialmente autónoma” no processo de interpretação do agir.

Assim, verifico que as ocorrências de segmentos de discurso interativo mobilizam, no processo interpretativo, a presença da ação ocorrência; a ação canónica e a ação definição relacionam-se com os segmentos de discurso teórico; e a ação acontecimento passado é mobilizada pelo relato interativo. Tendo observado, na análise dos aspetos linguístico-discursivos, um predomínio dos tipos discursivos discurso interativo e discurso teórico, a identificação das figuras de ação permitiu evidenciar, igualmente, de um modo geral, o maior predomínio da figura de ação ocorrência nos textos e, em segmentos de discurso teórico, da figura de ação canónica. Com menos ocorrências, mas ainda assim relativamente expressivas, assinalo a presença das figuras de ação acontecimento passado e definição. Já a figura de ação experiência é a que apresenta menos expressividade, sendo a sua ocorrência residual, remetendo para segmentos de discurso interativo.

De seguida, particularizo as características que permitem mobilizar as figuras interpretativas na representação do agir e respetivos exemplos. Tal como mencionei, esta análise não pretende ser exaustiva, pelo que serão extraídos apenas alguns exemplos que comprovem a emergência das figuras de ação já anteriormente identificadas nos textos do

meu *corpus*, sem pretender propriamente uma correspondência entre todas as figuras de ação e todos os textos. Ressalvo, no entanto, também como já referi, que as figuras de ação propostas por Bulea ocorrem em todos os textos. Os exemplos correspondem a segmentos textuais, tanto dos textos de mulheres (*TM número*) como dos textos de homens (*TH número*), identificados a seguir por *S. número* e respectivo enunciado, contendo a(s) figura(s) de ação em análise.

No que respeita à **figura de ação ocorrência**, tanto nos textos de mulheres como nos textos de homens verifico que pontua os segmentos em que a instância agentiva se coloca em relação de proximidade com a situação de interação, pelo que o agir é captado com um forte grau de contextualização. Dessa forma, o discurso e as suas dimensões temáticas situam-se no encaço imediato do actante, mobilizando exclusivamente segmentos de discurso interativo, organizados em relação direta com os parâmetros físicos e actanciais da situação de interação, permanecendo o eixo de referência temporal o dessa mesma situação, e delimitado.

Estruturalmente, a figura de ação ocorrência emerge sob a forma de ajuntamento de elementos heterogêneos relacionados com o agir, ou seja, depende de uma apresentação desorganizada de aspetos diversos. Apesar dessa desordem, os elementos do agir são situados em relação ao contexto de enunciação ou à situação de produção. Por tal, o eixo temporal de referência permanece o da situação de interação, com particular destaque para as localizações que assinalam simultaneidade ativas pelo predomínio de formas do presente do indicativo e com valor deítico. O eixo de referência temporal é ainda delimitado, para além da ocorrência de deíticos temporais marcados nas formas verbais, pelo recurso a outras expressões temporais (sobretudo advérbios). Ainda, e uma vez que o eixo de referência temporal coincide, por norma, com o da situação de interação, a figura de ação ocorrência nestes textos comporta inúmeros eixos locais, consubstanciados no recurso a formas deíticas espaciais (advérbios e nomes próprios de pendor institucional).

Do ponto de vista das marcas de agentividade, na ação ocorrência atesta-se uma implicação forte do agente nos atos constitutivos do agir, marcada pelo deítico pessoal *eu*. Assim, o actante é quase exclusivamente identificado e designado na primeira pessoa do singular (1ª PS), visível, sobretudo, nos pronomes pessoais e possessivos, nos determinantes possessivos e nas desinências número-pessoais das formas verbais, marcando a equivalência

entre a instância emissora do texto e o autor dos processos evocados, e assinalando a sua atestada e forte implicação e, por tal, o seu estatuto de ator nos processos evocados.

Os exemplo extraídos, um no texto de mulheres e outro no texto de homens, atestam a construção desta figura de ação, com as características acima evidenciadas:

- Ex. 1 (*TM1, S.2*): Eis-me perante a Assembleia da República, a cumprir o preceito constitucional de apresentação do Programa do Governo.
- Ex. 2 (*TH3, S. 10*): Sucedo nas funções de Reitor ao Prof. Doutor Manuel Isidro Alves (...).

Bulea (2009, 2010b) assume, ainda, que em referência ao eixo da situação de interação, para além de localizações (*repérages*) efetivadas por formas verbais que pontuam a localização de simultaneidade (presente do indicativo), a figura de ação ocorrência admite outras: de anterioridade e de posterioridade. Assim, é possível, também, observar o recurso a formas do passado (pretérito perfeito e pretérito imperfeito) e a formas do futuro (nomeadamente, futuro composto, simples e perifrástico), que marcam (e materializam) a temporalidade do ato de produção. O exemplo que se segue ilustra a localização de posterioridade, materializada pela forma verbal de futuro simples:

- Ex. 3 (*TM6, S. 43*): Estarei disponível agora para algumas perguntas, nos próximos 30 minutos.

Segundo a autora, estas três localizações (simultaneidade, anterioridade e posterioridade) podem surgir alternadas, e essa alternância pode, ainda, ocorrer com frequência e rapidez entre elas; como o exemplo a seguir demonstra:

- Ex. 4 (*TM4, S. 59*): Tenho sido muito feliz nesta casa, indo agora, espero, viver um novo ciclo com a alegria e o entusiasmo de sempre e com um renovado sentido de futuro e de esperança.

No que respeita às marcas de agentividade, segundo Bulea (2009, 2010b), atesta-se, como mostrei acima, a implicação forte do agente nos atos constitutivos do agir (1ª PS). No entanto, ainda de acordo com a autora, é possível verificar-se a ocorrência do pronome *nós*, que retoma, geralmente, complexos identificáveis, a partir do cotexto ou do contexto, onde o actante se insere como parte de um grupo/coletivo e cujo funcionamento é potencialmente deítico. Assumo, no meu trabalho, a coexistência, no processo de implicação do agente de produção no texto, de duas origens enunciativas marcadas pelos deíticos de 1ª PS e de 1ª PPI. Prevendo a ação ocorrência a possibilidade de captar o agir do ponto de vista individual e coletivo, verifico que essa figura de ação pontua tanto os processos captados pelo protagonista da interação verbal, como os processos captados a partir de formas enunciativas pluralizadas, representando um coletivo onde o actante se inser. No entanto, ressalvo, à semelhança do que aferi na análise dos aspetos linguístico-discursivos, que a implicação forte do actante, que lhe confere o papel de ator, é assinalada nas marcas de 1ª PS. Por seu turno, a implicação do agente a partir das marcas dilatadas (1ª PPI) é responsável pela verbalização de acontecimentos deíticos que se relacionam com elementos da ação de linguagem, mas que marcam a responsabilidade do dizer-fazer institucional, integrando, necessariamente, o agente de produção. Nessa medida, a sua atividade discursiva foca a instituição social em si (objetivos, perspectivas e modos de ação institucionais comuns); ao contrário da forma singular, que foca a *pessoa*, enquanto responsável pelo ato que assume. O posicionamento enunciativo, de forma individual ou coletiva, é francamente distinto, pelo que se percebe quando a agir assume verdadeiramente um estatuto individual e quando assume o estatuto coletivo: com uma clara investida da pessoa no texto pelo recurso às formas de 1ª PS e com enfraquecimento da voz do agente de produção por intermédio da forma dilatada, de 1ª PPI.

Apesar de as marcas de 1ª PPI (implicação atenuada) ocorrerem com maior ênfase nos textos de homens, apresento abaixo, também, um exemplo extraído dos textos de mulheres:

- Ex. 5 (*TM2, S. 24*): O Tratado de Lisboa abriu-nos, a nós, Parlamento, a um protagonismo de larga escala que não podemos desperdiçar.
- Ex. 6 (*TH5, S. 17*): Não podemos ficar indiferentes ao acentuar do processo de regressão social, de acumulação e polarização da riqueza.

Por fim, a ação ocorrência caracteriza-se, ainda, por comportar um grande número de modalizações externas às relações predicativas, sob a forma de modalizações deônticas e epistémicas, com maior ênfase das modalizações deônticas. No entanto, e ao contrário das outras figuras de ação, comporta relações predicativas indiretas materializadas sob a forma de modalizações pragmáticas:

- Ex. 7 (*TM3, S.9*): Quero que saibam que as assumo com alegria.
- Ex. 8 (*TH6, S. 15*): A todos apelo: (...).

Relativamente à **figura de ação acontecimento passado**, embora ocorra com maior incidência nos textos de homens, apresenta as mesmas evidências. Nesta figura, o agir é captado sem relação com a situação de produção de linguagem, ou seja, numa relação de não contiguidade com a situação da sua textualização. O agir é contextualizado sob o ângulo da singularidade, de forma fragmentária e seletiva, configurando um momento anterior ao da produção de linguagem, isto é, propõe uma compreensão retrospectiva do agir.

Tratando-se da extração do passado de uma unidade praxiológica (ilustrativa do agir), do ponto de vista da organização discursiva, a ação acontecimento passado aparece em segmentos de relato interativo (tipo de discurso) e os processos evocados são captados em referência a um eixo temporal situado a montante (antes) da situação. Embora os processos narrados estejam explicitamente distanciados dos parâmetros temporais da situação de interação, o agente de produção permanece atestadamente implicado no evento narrado, por intermédio da presença de deíticos de 1ª PS (ou de 1ª PPl).

Os factos narrados são assegurados por mecanismos em que a localização dos processos codificados, em relação ao eixo de referência temporal, é efetivada pela presença de formas verbais de pretérito perfeito simples e de pretérito imperfeito; e são geralmente limitados por expressões/organizadores temporais (que ocorrem, por norma, no início do segmento). Assim, os factos relatados são estruturados sob a forma de esquema narrativo prototípico, cronológico, sustentando o seu estatuto de “evento”.

Nestes textos, a ação acontecimento passado apenas contribui para a manutenção do segmento temático central. O acontecimento narrado possui um carácter meramente ilustrativo face à sua circunstancialidade, é enunciado em feição de “história”, extraído do passado, e evidencia uma experiência ordinária do actante:

- Ex. 9 (*TH1*, S. 2): Indigitado pelo Senhor Presidente da República para formar Governo, procedi à constituição do respectivo elenco governativo.
- Ex. 10 (*TH2*, S. 7): Candidato obviamente sem sucesso em 1969, pela CEUD de Lisboa, eleito e reeleito desde há 30 anos como Deputado da democracia – sempre pelo PS, primeiro pelos Açores, em 1975, e, depois de 83, por Lisboa – tive a honra de presidir a várias Comissões e ao meu próprio Grupo de Deputados.
- Ex. 11 (*TM3*, S. 6): Entendeu o Magno Chanceler da Universidade Católica Portuguesa, depois de ouvida a Universidade, através dos seus órgãos superiores, e de ouvida também a Conferência Episcopal, propor à Congregação para a Educação Católica o meu nome para Reitora.

No que concerne à **figura de ação canónica**, com relevante predomínio nos textos, sobretudo nos de homens, o agir é captado e compreendido sob forma de construção teórica, fazendo abstração do contexto em que se desenvolve e das propriedades do actante que a efetua. Esta figura de ação propõe uma lógica do processo que se apresenta como a-contextualizada, com validade geral e cuja responsabilidade é imputada a uma instância normativa/institucional exterior ao actante. Dessa forma, em relação ao eixo de referência temporal, esta figura de ação caracteriza-se pela evocação genérica dos factos, que não se relacionam nem com a situação de interação, nem com qualquer referência de origem temporal, pelo que o eixo temporal é não delimitado e não marcado. Nessa medida, não comporta nenhuma localização, sendo que os processos são compreendidos, maioritariamente, por formas verbais de presente do indicativo sem valor deítico, traduzindo uma organização cronológica do processo. A sua estruturação geral é expressa por intermédio de uma organização frásica recorrente, invariável, correspondente à estrutura canónica *sujeito – verbo – complemento* e, ainda, pode comportar estruturas argumentativas efetivadas por organizadores textuais lógico-argumentativos.

Sendo uma forma de construção teórica, prototípica e neutra, com uma estrutura cronológica (prototípica) do curso do agir, organiza-se sob o eixo do expor e da autonomia, podendo, por vezes, mesclar-se com o discurso interativo, resultando num discurso misto teórico-interativo.

No plano agentivo, observa-se a presença da forma pronominal indefinida *se*, que não remete para o protagonista da interação em curso e que marca uma instância agentiva neutra, adquirindo o estatuto da noção de *agente*. Decorrente da atorialidade neutralizada, as modalizações observáveis, nesta figura, são quase exclusivamente externas às relações predicativas e assinalando modalizações deônticas (*é preciso*).

A presença de ação canónica nos textos surge, sobretudo, para pontuar factos tidos como assertivos que se relacionam com a apresentação de aspetos do conteúdo temático; e para veicular informações factuais, manifestando uma intenção comunicativa imputada, essencialmente, à divulgação de conhecimentos da realidade. Associa-se ao raciocínio de ordem lógica do discurso teórico que sustenta os processos de teorização e argumentação necessários para legitimar as posições assumidas. Dessa forma, as situações sociodiscursivas inscrevem-se no mundo do *expor* e da *autonomia*, com distanciamento do *eu*, aludindo, maioritariamente, ao estado das coisas e ao *modus operandi* do coletivo (institucional ou não) que o agente de produção representa ou deseja representar:

- Ex. 12 (*TM6, S. 37*): A Presidência da República pode e deve ser centro de convergência da diversidade e do pluralismo.
- Ex. 13 (*TH4, S. 72*): Uma última palavra sobre o governo da Fundação: é preciso prosseguir o caminho já traçado no sentido de aumentar a influência dos administradores não executivos.
- Ex. 14 (*TH5, S. 133 / S. 134*): É preciso defender a Autonomia, reedificar o edifício autonómico, tornando-o leal às aspirações das populações e fazendo dele o reflexo dos ideais (...). / É preciso inverter o processo de ataque e desfiguração do Poder Local Democrático, e reconduzi-lo por via das condições que lhe são devidas de autonomia administrativa e financeira (...).

Quanto à **figura de ação definição**, o agir é captado enquanto objeto de reflexão, em termos de redefinição por parte do actante. Ao contrário das outras figuras de ação, é descontextualizada, não tematiza os actantes, nem a organização cronológica do agir, nem

os componentes praxiológicos, mas encerra em si traços que asseguram a identidade do agir, circunscrevendo-o e delimitando-o face a outras formas de agir/atividade.

Na dimensão discursiva e enunciativa, à semelhança da ação canónica, insere-se em segmentos organizados sob a modalidade do expor, mobilizando o tipo de discurso discurso teórico. A agentividade é quase nula, situação essa exclusiva da figura de ação definição. Em contrapartida, e em contraste com as outras figuras de ação, esta é fortemente marcada no plano enunciativo, comportando o maior número de mecanismos de posicionamento enunciativo. Nessa medida, a responsabilidade e atoriedade estão investidas e transferidas sobre o próprio ato de “dizer o agir”, materializadas, sobretudo, por modalizações epistémicas, apreciativas, ou, ainda, deônticas externas à relação predicativa.

Quanto ao eixo de referência temporal, é sempre não limitado com predomínio da forma verbal de presente do indicativo sem valor deítico. Diferencia-se, no entanto, da ação canónica, pelo facto de as formas verbais de presente do indicativo não deítico se basearem, excecionalmente, nos processos (gestos/atos) relacionados com o agir em si, o que comporta, discursivamente, um número reduzido de relações predicativas fortes (*sujeito + verbo*). No entanto, mobiliza relações predicativas constituídas por construções impessoais, que configuram retomas anafóricas integrais do próprio signo que codifica o agir(-referente), sendo o seu valor objeto de redefinição.

Essas construções impessoais assumem-se com o verbo *ser* (ou *ter*), como marca de atribuição de propriedade, sobretudo na forma *é* (ou *tem*); e inserem-se em estruturas recorrentes em que *é* é precedido de um sintagma nominal ou adjetival (*É + qualquer coisa*):

- Ex. 15 (*TH5, S. 1*): Esta candidatura é indissociável de um colectivo que a impulsiona e inseparável de uma memória viva, de uma longa história de resistência e de projecto;

e admite, ainda, estruturas com o verbo haver, na forma impessoal *há*, em que *há* é precedido, também, de um sintagma nominal ou adjetival (*Há + qualquer coisa*):

- Ex. 16 (*TH5, S. 2 / S.3*): Há uma memória partilhada e vivida por tantos homens e tantas mulheres (...). / Há uma longa marcha do sentido do intolerável.

Por fim, a **figura de ação experiência** parece ser uma das figuras com fraca ocorrência, todavia é possível detetá-la. Nesta, o agir é captado a partir da cristalização pessoal de múltiplas ocorrências vividas, correspondendo a uma espécie de balanço da experiência singular do actante. Apesar de descontextualizada e abstrata, ela é recontextualizável, sendo passível de ser adaptada pelo actante, pois é construída e assumida por ele e aplicável a cada contexto particular.

Do ponto de vista discursivo e enunciativo, a figura de ação experiência, tal como a ação ocorrência, organiza-se, sobretudo, sob a forma de discurso interativo. Distingue-se, porém, da ação ocorrência, pelo eixo de referência temporal, uma vez que se estrutura sob um único eixo, homogêneo (ausência de eixos locais) e não delimitado. Por tal, é marcado por advérbios generalizantes e com valor de reiteração (*sempre, normalmente*, entre outros) e por sintagmas preposicionais e nominais com esse valor genérico e reiterativo (*de todo modo, de qualquer forma*, entre outros). Para além disso, não comporta nenhuma localização, que se traduz pelo recurso ao presente do indicativo sem valor dêitico e pela presença de organizadores temporais. Assim, a organização discursiva desta figura procede por justaposição de processos, que reproduzem, tendencialmente, a ordem cronológica do processo. Esta compreensão cronológica integra muitas marcas de variabilidade, o que lhe confere uma estruturação temporal elástica (*se + qualquer coisa; ver + x, ver + y; fazer ou não fazer*; entre outros). Também, no que respeita às modalizações, são mais frequentes que na ação ocorrência, especificamente no que concerne às modalizações epistémicas, deônticas e apreciativas, no entanto com uma diminuição substancial de modalizações pragmáticas.

No que respeita à agentividade, observa-se a coexistência e cofuncionamento de múltiplas formas pronominais (*eu, tu, nós*, pronome indefinido *se*, entre outras), traduzindo uma implicação mais fraca do *eu*, já que assume o duplo estatuto de instância de autorregulador de bifurcações do agir e de lugar de capitalização e dessingularização das experiências vividas.

O exemplo a seguir configura a captação do agir por intermédio da figura de ação experiência (**a negrito**):

- Ex. 17 (*TH6, S. 105*): **Se os ventos são agrestes – e são agrestes por vezes os ventos da História – sabemos que temos de os enfrentar.**

Retomando o exemplo acima, assume uma particularidade: a alternância de figuras de ação. Ora, se a destacado é possível identificar a figura de ação experiência, o mesmo segmento admite outra figura interpretativa – a ação ocorrência (a sublinhado). Segundo Bulea (2010b: 150), a emergência das figuras de ação resulta de uma *dupla heterogeneidade*: temática e discursiva. Assim, se, por um lado, os temas sobre um determinado agir podem variar de um para outro texto do ponto de vista da sua presença/ausência, adquirindo as figuras de ação autonomia; por outro lado, os tipos discursivos mobilizados variam no curso do agir, não se observando nenhuma relação biunívoca entre um determinado tipo de discurso e o conteúdo temático. Dessa forma, um determinado tema não convoca, necessariamente, um dado tipo de discurso, ainda que seja potencialmente estruturável de acordo com uma dada organização discursiva, podendo existir uma “combinação preferencial de um certo tema e de uma certa organização discursiva” (Bulea, 2010b: 152). Esta complexidade do processo interpretativo admite o que Bulea designa a *alternância das figuras de ação*, atestando, ainda, que o processo de construção de significação “*é discursivamente gerado (gerido)*” (Bulea, 2010b: 161).

A alternância da figuras de ação resulta, assim, da construção e apreensão de ângulos de compreensão do agir-referente distintos entre si, no entanto orientados para a mesma realidade. Nessa medida é possível, no curso de um mesmo texto, ou de um mesmo segmento temático, integrar múltiplas figuras de ação, mobilizadas em organizações discursivas diferentes.

Esta alternância pode, ainda, adquirir diversas dimensões, o que significa que, por exemplo, a alternância pode ocorrer no interior do mesmo segmento textual ou entre segmentos.

Nos exemplos que a seguir apresento, é possível identificar a alternância da figura de ação acontecimento passado (**a negrito**) com a figura de ação ocorrência (a sublinhado), mobilizando, no interior do mesmo segmento, o tipo de discurso relato interativo (**a negrito**) e o discurso interativo (a sublinhado). Ainda, revelador da complexidade e da autonomia do processo de construção da significação, a alternância das figuras de ação pode ocorrer sem ordem aparente, quer de forma sucessiva (Ex. 18), quer de forma intercalada (Ex. 19):

- Ex. 18 (*TM1, S. 15*): **Tendo o Senhor Presidente da República anunciado simultaneamente a realização de eleições intercalares e a formação de um Governo, que governasse o País até nova clarificação do equilíbrio das forças partidárias nascida da consulta popular, o Governo a que presido, embora constitucional, surge marcado pela "transição".**
- Ex. 19 (*TH2, S. 8*): **A minha primeira comparência neste hemiciclo – e assim cumprimento a bancada da imprensa – data, aliás, do início dos anos setenta, era eu jovem jornalista de um periódico livre – tão obstinadamente livre quanto modestamente artesanal –, o “República”, para assegurar a cobertura da ala liberal.**

Importa igualmente mencionar que determinado produto interpretativo não parece alternar preferencialmente com outro. Quer isto dizer que, por exemplo, se no exemplo acima se verificou a presença, no interior do mesmo segmento, de ação acontecimento (relato interativo) alternada com ação ocorrência (discurso interativo), nos dois exemplos abaixo, a alternância ocorre entre a ação canónica (**a negrito**) e a ação definição (a sublinhado), mobilizando, em ambos os casos, o tipo de discurso discurso teórico:

- Ex. 20 (*TM4, S. 30*): **Também, a integração nas principais redes de fundações internacionais, que projetou a Fundação para um patamar muito relevante a nível global, é uma mais-valia indispensável para uma eficaz intervenção nos grandes problemas do nosso tempo.**
- Ex. 21 (*TH4, S. 37*): A Fundação Gulbenkian é uma das mais internacionais das fundações europeias, é a maior não sectorial e a que exerce mais significativas e diversificadas atividades diretas, com a acrescida responsabilidade de atuar num País de média dimensão, com relevantes insuficiências estruturais.

Da mesma forma, entre segmentos textuais, a mobilização de figuras de ação parece ser potencialmente autónoma e discursivamente gerida/gerada. Os exemplos que destaco a seguir mostram, igualmente, por um lado, que todas as figuras de ação podem alternar entre si e, por outro lado, que a alternância pode suceder com duas ou mais figuras de ação, com frequência e rapidez entre elas.

O exemplo 22 mostra a alternância entre as figuras de ação definição (**a negrito**), canónica (a sublinhado) e ocorrência (*a itálico*), mobilizando as duas primeiras o discurso teórico e a última o discurso interativo:

- Ex. 22 (TM5, S. 43 / S. 44 / S. 45): **Uma Presidente de todos os portugueses é uma Presidente que não está de costas voltadas aos problemas que enfrentamos, nem está curvada perante uma mão cheia de poderosos.** / Uma Presidente de todos os portugueses sabe que o poder tem de estar do lado dos cidadãos e das cidadãs. / *Não podemos ter um Presidente indiferente ao que estão a fazer aos reformados e pensionistas, à destruição dos direitos constitucionais dos trabalhadores (...).*

No exemplo 23 é visível a alternância entre, por exemplo, a figura de ação acontecimento passado (**a negrito**) e a canónica (a sublinhado), em segmentos que mobilizam, no primeiro, o tipo de discurso relato interativo e, no segundo, o discurso teórico:

- Ex. 23 (TH5, S. 2 / S.3): **Depois de uma sequência ilustre de membros do clero religioso e diocesano à frente dos destinos desta Universidade – iniciada pelo saudoso P. Bacelar e Oliveira -, que tão decisivamente contribuíram para o seu lançamento, expansão e consolidação, chegou o momento de chamar os leigos a esta responsabilidade.** / Este apelo ao laicado não significa menor afirmação da identidade católica da Universidade, nem qualquer enfraquecimento da sua ligação à Igreja, ao serviço da qual quer continuar, em estreita ligação com a hierarquia e com o Magno Chanceler.

Reunindo as considerações feitas, apresento os resultados mais relevantes à luz de uma perspetiva comparativa, colocando em interface mulheres e homens.

1.4.2. Movimento comparativo da análise dos aspetos semiológico-interpretativos

Dos dados observados, atesto a hipótese avançada por Bulea de que a noção de *figuras de ação* é passível de ser exportada e aplicada noutros textos, no quadro de outras

atividades que não as que lhe deram origem. Assim, a partir do meu trabalho, concluo que todas as figuras de ação são mobilizadas na representação do agir de mulheres e homens em posição de liderança. Admito, igualmente, que o processo de construção de significação é complexo e discursivamente gerado/gerido, o que possibilita verificar a construção e a apreensão de ângulos de compreensão do agir-referente distintos entre si. Nessa medida, as figuras interpretativas do agir podem alternar entre si, integrando-se, no curso de um mesmo texto, diversas figuras de ação, mobilizadas em organizações discursivas diferentes.

Aportada, também, nos dados extraídos da análise dos aspetos linguístico-discursivos, corroboro a hipótese de Bulea (2010b: 75) de que os tipos de discurso participam de maneira “constitutiva e potencialmente autónoma” no processo de interpretação do agir pelas pessoas, mediatizando, no interior de um texto, a relação que o actante mantém com o conteúdo mobilizado em relação ao agir. Nessa medida, na identificação das figuras de ação em ocorrência nos textos, mesmo que de forma pouco exaustiva, posso concluir o seguinte: ainda que as figuras de ação não sejam unilateralmente dependentes das escolhas temáticas e das escolhas discursivas, o seu “teor e o tom de sua dimensão interpretativa são, contudo, parcialmente restritos aos (ou dependentes dos) recursos linguísticos mobilizados” (Bulea, 2010b: 17). Assim, tendo verificado que na configuração linguística da enunciação de mulheres e homens em posição de liderança, as mulheres tendem a optar por mecanismos linguísticos e enunciativos que mobilizam o tipo discursivo discurso interativo, e que os homens dão preferência a escolhas que mobilizam segmentos da ordem da autonomia (discurso teórico) e do narrar (relato interativo); na identificação das figuras de ação, assumo que nos textos de mulheres ocorre, com maior ênfase, face aos textos de homens, a figura de ação ocorrência e, nos textos de homens, face aos textos de autoria feminina, atesto o maior domínio de ação canónica e ação definição e, ainda, de ação acontecimento passado. Em suma, estas evidências atestam que nos textos de mulheres são acionadas, com maior domínio, figuras interpretativas que pontuam a situação de interação, com forte grau de contextualização, e que marcam a agentividade implicada, adquirindo o *eu* estatuto de ator nos processos evocados (implicação atestada do *eu*). Pelo contrário, nos textos de homens, prevalecem as figuras de ação que captam o agir de forma a-contextualizada, distanciado da situação de interação, e que assinalam, com maior ênfase, a agentividade neutra e/ou nula (não implicação do *eu*). Considerando a projeção dos dados observados no plano das formas de agentividade, admito, ainda, que os actantes femininos são tendencialmente entendidos, mais do que os homens, como atores das suas práticas (estatuto de ator).

A minha hipótese de trabalho sustenta-se, todavia, no facto de que há formas de implicação diferentes no processo de produção textual, que resultam em modelos distintos de liderança construídos discursivamente. Embora comprove que as figuras de ação são aplicáveis noutros textos e no quadro de outras atividades, da análise dos tipos de discurso e, em particular, das marcas de implicação, articuladas com o conteúdo temático, verifico que as figuras de ação que emergem, enquanto interpretações do agir, são insuficientes para determinar uma atitude específica e/ou efetiva de liderança. Em contrapartida, ao tomar em consideração um agir-referente liderança, identifico outro produto interpretativo que emergiu das análises, levando-me a acrescentar à noção de *figuras de ação* proposta por Bulea, um novo contributo: a noção de *figura de ação liderança*.

No ponto seguinte, apresento a noção de *figura de ação liderança*.

2. A representação discursiva do agir-liderança

A partir da análise da configuração linguística do agir de mulheres e homens em posição de liderança, concluo que se observam diferentes posicionamentos enunciativos que atestam a possibilidade de se confirmar a tendência para as mulheres se implicarem, mais do que os homens, nos textos que produzem. Dessa forma, verifico que as mulheres privilegiam na enunciação, com maior ênfase, formas de implicação forte, ou seja, de primeira pessoa do singular, e os homens optam por formas pluralizadas, revelando uma implicação discursiva que surge atenuada pela dilatação do *eu* na primeira pessoa do plural. Pelo exposto, a minha hipótese de trabalho sustenta-se no facto de que essas formas de implicação diferentes resultam em modelos distintos de liderança construídos discursivamente. Assim, para verificar como as mulheres e os homens representam discursivamente o seu agir, exparto e aplico a noção de figuras de ação. Na análise dos tipos de discurso e, em particular, das marcas de implicação, articuladas com o conteúdo temático do agir, verifico que todas as figuras de ação emergem nos textos enquanto interpretações do agir. Embora sejam aplicáveis, ao tomar em consideração o agir-referente liderança constato, por um lado, que as figuras de ação não permitem equacionar uma atitude específica/efetiva de liderança, mas, por outro lado, que emerge da análise textual uma nova figura quando relacionada com a questão da liderança. Proponho, assim, uma nova noção: a *figura de ação liderança*.

Nos dois pontos seguintes, apresento, primeiramente, os traços e as características diferenciais da figura de ação liderança (ponto 2.1.) e, depois, procedo à sua análise nos textos de mulheres e de homens (ponto 2.2.).

2.1. A figura de ação liderança

A figura de ação liderança, tal como as figuras de ação que resultaram das pesquisas lideradas por Bulea, emerge da análise da representação do agir tendo em conta as propriedades discursivas dos textos. Assim, configura, igualmente, um produto interpretativo que textualiza o agir, tendo como agir-referente a *liderança*. A sua emergência, enquanto figura interpretativa do agir construída textualmente, procede da observação da compreensão do agir nos textos quando relacionado com o agir-liderança e da observação dos mecanismos discursivos (linguísticos e enunciativos) em evidência, mais especificamente, os tipos de discurso e, subsequentemente, as marcas de implicação (agentividade) e o eixo temporal manifestado nos textos.

Para a caracterização da figura de ação liderança, baseei-me nas mesmas dimensões que deram origem às figuras de ação: os traços gerais da compreensão do agir, a estrutura geral, o eixo de referência temporal, as localizações (*repérages*) e formas verbais, a organização discursiva e enunciativa (tipos discursivos), a agentividade e as modalizações.

De seguida, apresento as suas principais características.

A ação liderança

A figura de ação liderança propõe uma compreensão prospetiva do agir. Por tal, o agir não é situado em relação de contiguidade com a situação da sua textualização, no entanto é evocado no momento da situação de produção e captado em termos de compromisso orientado para o futuro do que se vai *fazer* ou *fazer fazer*, considerando as intenções e as capacidades de ação do agente.

Estruturalmente, a figura de ação liderança emerge de estruturas injuntivas/exortativas, desiderativas e compromissivas, resultando numa compreensão do

agir que denota desejo, compromisso. Por tal, os processos evocados são compreendidos em referência a um eixo temporal situado a jusante (orientado para o futuro) da situação de produção e surge marcado. Em referência a este eixo, observa-se um número significativo de localizações efetivadas por formas verbais específicas que pontuam localizações de posterioridade, destacando-se a ocorrência de formas de futuro simples; de futuro perifrástico; de construções com futuro+infinitivo; de presente do indicativo com valor de futuro; e de presente do conjuntivo, ora com valor exortativo, ora expressando um desejo. Apesar de serem as mais ocorrentes, a captação dos processos admite outras construções verbais com unidades lexicais e valores aspetuais que marcam uma orientação prospetiva, das quais destaco:

- presença de verbo aspetual, no futuro perifrástico, assinalando prolongamento da situação, sem delimitação temporal + infinitivo (Ex.: *Ir* (FUT PERIF)+*continuar a+infinitivo*);

- presença de verbo modal, no presente do indicativo + infinitivo (Ex.: *ter de+infinitivo*);

- presença de verbo modal, nas formas de futuro ou de presente do indicativo, assinalando uma asserção negativa ou afirmativa, precedido de:

- verbo aspetual no infinitivo, assinalando suspensão da situação + infinitivo (Ex.: *[não] poder* (FUT/PRES IND)+ *deixar de+infinitivo*);
- verbo aspetual no infinitivo, assinalando prolongamento da situação, sem delimitação temporal + infinitivo (Ex. *[não] poder* (FUT/PRES IND)+ *continuar a+infinitivo*);
- ambas as construções anteriores: verbo aspetual no infinitivo, assinalando suspensão da situação + infinitivo + verbo aspetual no infinitivo, assinalando prolongamento da situação, sem delimitação temporal + infinitivo (Ex. *[não] poder* (FUT/PRES IND)+*deixar de+infinitivo+continuar a+infinitivo*);

- presença de construções com presente do indicativo, que assinalam uma orientação prospetiva marcada por:

- unidades lexicais que carregam fortemente uma orientação prospetiva (Ex.: *comprometer, querer, esperar, desejar*), podendo, ainda, ser precedidas de infinitivo (Ex.: *querer/desejar/esperar+infinitivo*);

- unidade lexical *querer* + verbo aspetual no infinitivo assinalando prolongamento da situação, sem delimitação temporal + infinitivo (Ex.: *querer* (PRES IND) *continuar a+infinitivo*);
- unidade lexical *querer* + presente do conjuntivo (expressão de desejo);
- orações subordinativas finais com infinitivo (Ex.: *verbo* (PRES IND)+*para+infinitivo*);
- construção modal, precedida de:
 - infinitivo (Ex.: *há que/é indispensável/é necessário+infinitivo*);
 - verbo aspetual no presente do conjuntivo assinalando prolongamento da situação, sem delimitação temporal + infinitivo (Ex.: *é necessário que+continuar a* (PRES CONJ)+*infinitivo*);

- presença de construções com gerúndio, com valor de simultaneidade, precedidas de formas verbais de futuro ou de outras construções verbais que marcam a uma orientação prospetiva.

A marcação temporal dos processos pode, ainda, ocorrer por intermédio de localizadores temporais, ou seja, expressões temporais deíticas com valor de posterioridade (*amanha, daqui a x anos*, entre outras).

Do ponto de vista da organização discursiva e enunciativa, a ação liderança aparece, quase exclusivamente, em segmentos de discurso interativo, podendo, todavia, organizar-se sob a forma de um misto interativo-teórico.

No que respeita às marcas de agentividade, observa-se a coexistência de múltiplas marcas de pessoa, sendo que o actante permanece sempre implicado na ação liderança. O actante surge identificado e designado, sobretudo, na primeira pessoa do singular (*eu*) e na primeira pessoa do plural (*nós*), por intermédio de marcas de implicação como, por exemplo, nomes próprios, formas pronominais pessoais e possessivas, determinantes possessivos e desinências número-pessoais das formas verbais. É possível, ainda, a ocorrência de marcas de terceira pessoa do singular (*ele/a*), parafraseável por *nós*, que retoma um complexo identificável a partir do contexto e que traduz, geralmente, um coletivo com forte valor institucional, que o actante representa, justificando, assim, a organização desta figura de ação sob a forma de misto interativo-teórico. Estes diferentes posicionamentos marcam graus distintos de implicação. Assim, a implicação é forte quando o agente é identificado nas formas deíticas de primeira pessoa do singular, marcando a

equivalência entre a instância emissora do texto e o autor dos processos evocados (estatuto de ator). A implicação é atenuada quando o autor dos processos evocados se dilui num grupo/coletivo que integra e/ou representa, sendo designado pelas formas deíticas pluralizadas (de primeira pessoa) e enfraquecendo e tornando instável, dessa forma, o estatuto de ator. Nas formas de terceira pessoa do singular, ainda que parafraseáveis por marcas agentivas de implicação atenuada (*nós*), atesta-se uma maior dissociação entre o autor do processo evocado e o autor da atividade de linguagem, traduzindo um maior distanciamento do actante em relação ao agir e, portanto, com implicação mais fraca.

Decorrente da atorialidade (implicação do actante), a ação liderança caracteriza-se por comportar um número significativo de modalizações pragmáticas, responsabilizando o agente em relação às suas ações e atribuindo-lhe intenções, finalidades, razões ou capacidades de ação (Ex.: *querer, procurar, comprometer, gostar de, desejar*, entre outros + verbo no infinitivo). Em menor número, mas com expressividade, comporta modalizações deônticas, apresentando os elementos do conteúdo temático como socialmente necessários, desejáveis, permitidos, entre outros (Ex.: *ter de, dever, [não] poder, ser necessário, ser preciso*, entre outros); e modalizações apreciativas, configurando uma avaliação subjetiva de elementos do conteúdo temático (Ex.: *facilmente, bem, mal, (in)felizmente*, entre outros).

Na continuidade do trabalho de Bulea (2009, 2010b), o quadro que abaixo apresento coloca em perspectiva as características diferenciais das figuras de ação que resultaram das suas pesquisas e a figura de ação liderança que resulta do meu trabalho:

FIGURAS DE AÇÃO

| | Ocorrência | Acontecimento passado | Experiência | Canônica | Definição | LIDERANÇA |
|---|--|--|---|---|---|---|
| Tipo de discurso | <i>Discurso interativo</i> (discurso relatado) | <i>Relato interativo</i> | <i>Discurso interativo</i> | <i>Discurso teórico</i> (misto interativo-teórico) | <i>Discurso teórico</i> | <i>Discurso interativo</i> (misto interativo-teórico) |
| Agentividade | Implicação forte (estatuto de ator) <i>eu</i> | Implicação atestável <i>eu</i> | Implicação fraca <i>tu, (eu, se)</i> | Implicação neutra <i>se</i> | Implicação nula | Implicação forte (<i>eu</i>) Implicação atenuada (<i>nós</i>) Implicação fraca (<i>ele/a</i> - parafraseável por <i>nós</i>) |
| Eixo de referência temporal | Situação de interação (eixos locais) | A montante (marcado) | Não delimitado (marcado) | Não delimitado (não marcado) | Não delimitado | A jusante, orientado para o futuro (marcado) |
| Localizações (formas verbais) | Sim., Ant., Post. Pres., Pps, Fut Per. | Isocrônicas Pps, Imp. | Neutras Pres. Gen. | Pres. Gen. | Formas impessoais <i>ser/ter</i> | Post. Fut.; Fut. Per.; Pres. (valor de Fut.); Pres. Conj. (valor exortativo ou expressão de desejo); outras construções verbais com unidades lexicais e valores aspetuais que marcam uma orientação prospectiva |
| Modalizações (predominantes) | M-PRAG M-DEON M-EPIS | | M-EPIS M-DEON M-APR | M-DEON | M-EPIS M-APR M-DEON | M-PRAG (predominante) M-DEON M-APR |
| Estrutura geral | Apresentação desorganizada | Esquema narrativo Organização temporal cronológica | Cronologia elástica | Processo de justaposição S-V-Cpl | <i>É qualquer coisa...</i> <i>Há qualquer coisa...</i> | Estruturas injuntiva/exortativa, desiderativa e compromissiva |
| Traços gerais da compreensão do agir | O agir é captado na simultaneidade do pôr em forma linguística, com uma forte contextualização | O agir é captado de forma retrospectiva, delimitando e extraindo do passado uma unidade praxeológica ilustrativa do agir | O agir é captado a partir da cristalização pessoal de múltiplas ocorrências vividas | O agir é captado sob forma de construção teórica | O agir é captado enquanto objeto de reflexão, em termos de redefinição por parte do actante | O agir é captado de forma prospectiva, em termos de compromisso orientado para o futuro do que se vai <i>fazer</i> ou <i>fazer fazer</i> |

Figura 41. Características diferenciais da *figura de ação liderança*

Retomando o aspeto agentivo, a figura de ação liderança tem a particularidade de admitir a coexistência de diferentes marcas agentivas, que resultam do processo de implicação do agente de produção no texto. Tendo verificado que os agentes de produção assumem distintos posicionamentos enunciativos na representação do seu agir; e que esses posicionamentos traduzem diferentes formas de implicação, que variam em grau – forte, atenuada e fraca -; e sustentada na hipótese de que essas formas (e graus) de implicação resultam em modelos distintos de liderança construídos discursivamente, reconheço que a figura de ação liderança admite, igualmente, valores distintos.

Assim, para diferenciar as diferentes formas de implicação do actante na representação do agir-liderança, admito que a figura de ação liderança permite desdobramentos. Dessa forma, quando o actante surge identificado e designado na primeira pessoa do singular (*eu*), atestando-se a sua implicação forte nos processos evocados (estatuto de ator), a figura de ação liderança assume esse grau e desdobra-se em *ação liderança implicada*. Quando o autor dos processos evocados se dilui num grupo/coletivo que integra e/ou representa, sendo designado pelas formas deícticas de primeira pessoa do plural (*nós*), atenuando a sua implicação e enfraquecendo o estatuto de ator, a figura de ação desdobra-se em *ação liderança atenuada*. Por fim, quando o autor dos processos evocados é designado por intermédio de formas linguísticas e enunciativas de terceira pessoa do singular (*ele/a*), parafraseáveis pelas marcas deícticas de primeira pessoa do plural, e que traduzem um maior distanciamento do actante em relação ao agir e, portanto, uma implicação fraca do *eu*, a ação liderança desdobra-se em *ação liderança fraca*.

A figura que a seguir apresento ilustra os possíveis desdobramentos da figura de ação liderança e que resultam dos distintos graus de implicação assumidos pelos actantes na representação do seu agir(-liderança):

FIGURA(S) DE AÇÃO LIDERANÇA

| | Liderança <i>implicada</i> | Liderança <i>atenuada</i> | Liderança <i>fraca</i> |
|---|---|--------------------------------------|--|
| Traços gerais da compreensão do agir | O agir é captado de forma prospetiva, em termos de compromisso orientado para o futuro do que se vai <i>fazer</i> ou <i>fazer fazer</i> | | |
| Eixo de referência temporal | A jusante, orientado para o futuro (marcado) | | |
| Localizações (formas verbais) | Post. Fut.; Fut. Per.; Pres. (valor de Fut.); Pres. Conj. (valor exortativo ou expressão de desejo); outras construções verbais com unidades lexicais e valores aspetuais que marcam uma orientação prospetiva | | |
| Estrutura geral | Estruturas injuntiva/exortativa, desiderativa e compromissiva | | |
| Modalizações | M-PRAG (predominante) M-DEON M-APR | | |
| Agentividade | 1ª PS <i>eu</i> | 1ª PPI <i>nós</i> | 3ª PS <i>ele/a</i> (parafraseável <i>nós</i>) |
| Mecanismos discursivos | Nomes próprios Pronomes pessoais Pronomes possessivos Determinantes possessivos Desinência número-pessoal das formas verbais | | |
| Tipos de discurso | Discurso interativo | Discurso interativo | Misto interativo-teórico |
| Implicação | Forte | Atenuada | Fraca |

Figura 42. A(s) *figura(s) de ação liderança*

Diferenciados os traços e as características da *figura de ação liderança*, apresento, a seguir, as análises das quais resultou a emergência desta figura interpretativa do agir.

2.2. A emergência da *figura de ação liderança*: análises

Neste ponto, procedo à identificação das figuras de ação liderança que emergem das análises quando o agir se relaciona com as questões de liderança.

Para o levantamento das figuras de ação liderança, apoio-me numa análise qualitativa e quantitativa, em que, de um lado, identifico todas as figuras de ação liderança em ocorrência nos textos de mulheres e nos textos de homens e, de outro lado, em perspectiva comparativa, procedo à contagem dessas ocorrências para apresentar os resultados.

Para a identificação das figuras de ação liderança, considere as propriedades discursivas dos textos, observadas na análise dos aspetos linguístico-discursivos, nomeadamente, as marcas de implicação (agentividade) e os tipos de discurso. A isto acrescento os outros traços da ação liderança, observando o eixo de referência temporal, as localizações (e formas verbais) e as modalizações.

Metodologicamente, apresento os dados observados em cada texto, ilustrados por um quadro próprio, também para cada texto, que os esquematiza e identifica. Neste quadro serão apenas reproduzidos os segmentos textuais que apresentam a figura de ação liderança, contendo sete secções, organizadas da seguinte forma:

- a) A secção que identifica o parágrafo, bem como o respetivo segmento do texto onde ocorre a figura de ação liderança. O parágrafo é representado pelo símbolo (§) e diferenciado por numeração, com a designação *P.número*; e o segmento (*ST*) especificado por *S.número*.
- b) A secção que identifica o tipo de discurso em ocorrência no segmento textual, exportado da análise dos aspetos linguístico-discursivos. Esta secção é sinalizada pela forma abreviada *TD* e os tipos de discurso destacados (a negrito) com as designações abreviadas *DI* (discurso interativo) e *MIT* (misto interativo-teórico). Somente estes dois tipos de discurso serão contemplados, pois tal como referi, a figura de ação liderança organiza-se sob essas duas formas.
- c) A secção que integra o segmento textual onde ocorre a figura de ação liderança e que é reproduzido na íntegra. Em alguns casos, os segmentos apresentam partes destacadas (a negrito), o que significa que apenas aí é identificada uma figura de ação liderança, comportando o resto do segmento outras figuras de ação, que mais à frente darei conta, mostrando a alternância das figuras de ação.
- d) As três secções seguintes subtraem as características que me permitem identificar a figura de ação liderança em ocorrência, das quais destaco:
 - as *Localizações (formas verbais)*: nesta secção identifico a presença, em cada

segmento textual, das formas verbais, bem como de outras construções verbais com unidades lexicais e valores aspetuais, que marcam uma orientação prospetiva.

- a *Agentividade (implicação)*: nesta secção exporto os dados observados na análise dos aspetos linguístico-discursivos, mencionando, de uma forma geral, as marcas de implicação em ocorrência. Destaco, apenas, se as marcas que atestam a presença do agente de produção no texto são de 1ª PS (*eu*), se de 1ª PPl (*nós*), ou se de 3ª PS (*ele/a* parafraseável por *nós*), com base nas seguintes marcas de implicação: nomes próprios, formas pronominais pessoais e possessivas, determinantes demonstrativos e desinências número-pessoais das formas verbais. A adicionar a esta informação, refiro o respetivo grau de implicação mobilizado - se de implicação forte do *eu*, se de implicação atenuada do *eu*, ou se de implicação fraca do *eu* -, que permitirá, na última secção do quadro (*Figura de ação liderança*), identificar e distinguir os diferentes valores da figura de ação liderança - ação liderança *implicada*, ação liderança *atenuada*, ação liderança *fraca*, respetivamente.
- a *Modalização*: as modalizações, também já identificadas na análise dos aspetos linguístico-discursivos, são para esta secção exportadas, designadas abreviadamente como M-PRAG (modalização pragmática), M-APR (modalização apreciativa), M-DEON (modalização deontica) e M-EPIS (modalização epistémica). No movimento comparativo, faço, também, a contagem geral destas ocorrências para atestar as predominantes na figura de ação liderança.

Dos quadros que identificam as figuras de ação liderança não constam especificamente alguns traços que as caracterizam e que mencionei no ponto acima, tais como, os traços gerais da compreensão do agir, a estrutura e o eixo de referência temporal. Assumo, portanto, que em todos os casos o agir é captado de forma prospetiva, em termos de compromisso orientado para o futuro; e que as localizações (formas verbais), que serão identificadas nos quadros, evidenciam de forma implícita as estruturas injuntiva/exortativa, desiderativa e compromissiva da ação liderança, bem como o facto de, em relação ao eixo de referência temporal, ser sempre marcado, a jusante, isto é, orientado para o futuro.

A seguir, apresento a emergência da figura de ação liderança na análise de cada texto, agrupando, de um lado, os textos de mulheres e, de outro, os textos de homens.

2.2.1. Nos textos de mulheres

Na análise dos textos de mulheres identifiquei 46 ocorrências de figuras de ação liderança. Dessas, 22 configuram ação liderança implicada, 17 representam ação liderança fraca e 7 correspondem a ação liderança atenuada.

A seguir, apresento, com pormenor, as ocorrências das figuras de ação liderança em cada texto e as características que as mobilizam.

- **TM1**

Do TM1 emergem 15 figuras de ação liderança, das quais 14 captam o agir a partir de mecanismos discursivos que assinalam uma terceira pessoa do singular e, portanto, com implicação fraca do *eu*, mobilizando a figura de ação liderança fraca organizada pelo tipo de discurso misto interativo-teórico. Nestas figuras de ação, observo a ocorrência de diversas localizações com orientação prospetiva marcadas por formas verbais de futuro (*esquecerá; repousará; valorizar-se-ão; conduzirá; entender-se-á*); de futuro + infinitivo (sobretudo com recurso ao verbo *procurar*); de presente do indicativo com valor de futuro (*culmina*); de construção modal no presente do indicativo + infinitivo (*é indispensável descentralizar*); e de construção verbal com verbo modal, no futuro, assinalando uma asserção negativa, precedido de verbo aspetual no infinitivo (*deixar de*), assinalando suspensão da situação + infinitivo (*não poderá deixar de ser*); e de construções com gerúndio, com valor de simultaneidade, precedidas de formas verbais de futuro (*conduzirá... exigindo; procurará... repartindo*). Para além disso, verifico a ocorrência de modalização deontica (*não poderá deixar de ser*), de modalizações apreciativas (*e indispensável; facilmente*), de modalização epistémica (*Entende o Governo*), e um franco predomínio de modalizações pragmáticas, marcadas, sobretudo, pelo verbo *procurar*.

Atesto, ainda, a presença de uma figura de ação liderança implicada, organizada pelo discurso interativo, em que o agir é captado a partir da primeira pessoa do singular, com implicação forte do *eu*. O eixo de referência temporal surge marcado, a jusante, orientado para o futuro, pelo recurso à forma verbal de presente do conjuntivo (*possa*), assinalando a expressão de um desejo e capacidade de ação, e pelo recurso a um localizador temporal

deítico com valor de posterioridade (*no termo dos 100 dias*). Neste segmento, observo, ainda, a presença de modalização pragmática (*possa dizer*).

Na figura seguinte, apresento o quadro com o levantamento das figuras de ação liderança em ocorrência no TM1 e as características que as permitem identificar:

Figura de ação liderança - TM1

| § ST | TD | Segmento textual | Localizações (formas verbais) | Agentividade (implicação) | Modalização | Figura de ação liderança |
|--------------|-----|--|---|---|------------------|--------------------------|
| P.12 S.25 | MIT | Com plena consciência da sua responsabilidade política, procurará gerir as questões do Estado de tal modo que, não por incúria nem por falta de previsão, esses Governos se venham a encontrar a braços com situações cuja solução esteja fora do alcance das suas possibilidades governativas. | FUT+INF | Marcas de pessoa (3ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação fraca do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (fraca) |
| P.18 S.37 | MIT | Pelo seu estilo e pela sua conduta, o Governo procurará, nas breves semanas de que dispõe, contribuir para pôr em relevo outros dilemas bem mais complexos e que estão presentes em todas as formas de regime político, conscientes e democráticas. | FUT+INF | Marcas de pessoa (3ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal; nome próprio <i>Governo</i> Implicação fraca do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (fraca) |
| P.19 S.39 | MIT | 2. O clima de serenidade, que é intenção do Governo reforçar, não poderá deixar de ser uma atmosfera e vivência de liberdade, querida e consentida, onde mutuamente se enriqueçam as virtualidades pessoais e as aspirações colectivas. | Vmod (FUT+Asserção NEG)+Vasp (<i>deixar de</i> =suspensão de situação)+INF (orientação prospetiva) | Marcas de pessoa (3ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal; nome próprio <i>Governo</i> Implicação fraca do <i>eu</i> | M-PRAG M-DEON | liderança (fraca) |
| P.20 S.40 | MIT | Atento à inviolabilidade da liberdade de consciência e ao pleno exercício das restantes liberdades fundamentais, o Governo procurará estimular os Portugueses a desenvolverem a capacidade de se situarem criadoramente, face à história que lhes é dado viver. | FUT+INF | Marcas de pessoa (3ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal; nome próprio <i>Governo</i> Implicação fraca do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (fraca) |
| P.21 S.41 | MIT | Não esquecerá também que a criatividade individual encontra terreno fértil em todas as formas de associação onde estão patentes a comunidade de interesses e de afectos. | FUT | Marcas de pessoa (3ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação fraca do <i>eu</i> | | liderança (fraca) |
| P.22 S.42 | MIT | Procurará, assim, dar especial relevo, aos espaços e aos gestos que exprimem a originalidade de cada um, tentando que se criem e fortaleçam | FUT+INF | Marcas de pessoa (3ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação fraca do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (fraca) |

| | | | | | | |
|--------------|-----|---|---|--|-----------------|--------------------------|
| | | organismos vivos onde a interacção criadora se possa estabelecer. | | | | |
| P.23 S.44 | MIT | Nela repousará a liberdade colectiva que culmina na afirmação inequívoca da independência nacional e nos esforços para a tornar actuante no concerto dos condicionalismos internacionais. | FUT PRES IND (valor de FUT) | Marcas de pessoa (3ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação fraca do <i>eu</i> | | liderança (fraca) |
| P.25 S.49 | MIT | A consciência desses direitos conduzirá toda a acção do actual Governo, exigindo que a política de produção de riqueza e a sua distribuição sejam subordinadas à satisfação das necessidades que condicionam o dia-a-dia da vida nacional. | FUT GER (valor de simultaneidade) | Marcas de pessoa (3ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal; nome próprio <i>Governo</i> Implicação fraca do <i>eu</i> | | liderança (fraca) |
| P.26 S.51 | MIT | Em termos práticos, isto significa que o Governo procurará minorar o fosso existente entre a camada da população que detém um poder de compra elevado, e as largas franjas que não chegam sequer a aceder aos níveis mínimos de subsistência. | FUT+INF | Marcas de pessoa (3ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal; nome próprio <i>Governo</i> Implicação fraca do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (fraca) |
| P.27 S.52 | MIT | Entender-se-á, assim, facilmente, que a alimentação, a saúde, a habitação, a educação e a segurança social constituam o conjunto de necessidades básicas que merecerão, deste Governo, todo o esforço que a sua curta duração lhe permitir. | FUT | Marcas de pessoa (3ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal; determinante demonstrativo + nome próprio <i>Governo</i> Implicação fraca do <i>eu</i> | M-APR | liderança (fraca) |
| P.28 S.54 | MIT | Procurará, por isso, o Governo dar incremento a todas as iniciativas em curso e leis em execução que, repartindo a autoridade, reforçam a responsabilidade de cada cidadão e de cada comunidade humana, qualquer que seja a sua dimensão. | FUT+INF GER (valor de simultaneidade) | Marcas de pessoa (3ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal e nome próprio <i>Governo</i> Implicação fraca do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (fraca) |
| P.28 S.55 | MIT | Valorizar-se-ão, assim, todas as formas de vivência colectiva e democrática que se manifestem em qualquer local do continente e nas regiões autónomas. | FUT | Marcas de pessoa (3ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação fraca do <i>eu</i> | | liderança (fraca) |
| P.30 S.57 | MIT | Entende o Governo que para tal é indispensável descentralizar de forma | PRES IND+INF (orientação prospetiva) | Marcas de pessoa (3ª PS): desinência número-pessoal da | M-EPIS M-APR | liderança (fraca) |

| | | | | | | |
|--------------|-----|---|--|--|--------|------------------------------|
| | | clara as decisões políticas e desconcentrar as decisões técnicas. | marcada por <i>construção modal+infinitivo</i>) | forma verbal; nome próprio <i>Governo</i> Implicação fraca do <i>eu</i> | | |
| P.30 S.58 | MIT | Tal desconcentração permitirá encarar, com realismo, a diversidade, tão rica em potencialidades, das várias zonas do País e responder com rapidez às exigências, reais e legítimas, das populações. | FUT+INF | Marcas de pessoa (3ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação fraca do <i>eu</i> | | liderança (fraca) |
| P.44 S.80 | DI | Por isso, um só voto exprimo: que, no termo dos 100 dias, possa dizer que "da obra ousada é minha a parte feita" . | Localizador temporal (deítico com valor de posterioridade) PRES CONJ (expressão de desejo/capacidade de ação) | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal; pronome possessivo Implicação forte do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (implicada) |

Figura 43. Levantamento das figuras de ação liderança no TM1

- **TM2**

Do TM2 emergem 4 figuras de ação liderança, organizadas pelo discurso interativo. Dessas 4, verifico a ocorrência de 2 figuras de ação liderança implicada, em que os processos são captados a partir de marcas deíticas de 1ª PS atestando a implicação forte do *eu*; e 2 figuras de ação liderança atenuada, em que os processos são captados a partir de uma voz coletiva, enfraquecida pelo recurso às formas deíticas de 1ª PPL.

Nas figuras de ação implicada, o agir é compreendido em referência a um eixo temporal situado a jusante, sempre marcado por formas verbais de futuro simples (*farei; assumi-la-ei*).

Já nas figuras de ação liderança atenuada, a orientação prospetiva dos atos constitutivos do agir é marcada, temporalmente, pelo recurso a uma construção verbal com verbo modal no futuro + infinitivo (*teremos de perguntar*), pelo recurso a formas verbais de presente do indicativo com valor de futuro (*decidimos; vamos*), num dos casos intensificada pelo recurso a um localizador temporal deítico com valor de posterioridade (*amanhã [vamos]*). Nestas figuras de ação, observo, ainda, a ocorrência de uma modalização deontica (*teremos de*) e de uma modalização pragmática (*vamos ao trabalho*).

O TM2 apresenta a seguinte configuração das figuras de ação liderança:

Figura de ação liderança – TM2

| § ST | TD | Segmento textual | Localizações (formas verbais) | Agentividade (implicação) | Modalização | Figura de ação liderança |
|-----------|----|--|---|--|-------------|------------------------------|
| P.8 S.11 | DI | Que orgulho e que responsabilidade é a nossa: ou decidimos melhorar o mundo ou teremos de perguntar como se dorme o nosso sono. | FUT (Vmodal)+INF PRES IND (valor de FUT) | Marcas de pessoa (1ª PPI): pronome pessoal; determinante possessivo; desinência número-pessoal da forma verbal Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-DEON | liderança (atenuada) |
| P.22 S.39 | DI | Farei de cada dia um esforço para a redenção histórica da sua circunstância. | FUT | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação forte do <i>eu</i> | | liderança (implicada) |
| P.23 S.40 | DI | A função em que sou investida é, por natureza, não partidária e assumi-la-ei em cada acto como tal. | FUT | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação forte do <i>eu</i> | | liderança (implicada) |
| P.26 S.44 | DI | Amanhã vamos ao trabalho! | Localizador temporal (deítico com valor de posterioridade) PRES IND (valor de FUT) | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (atenuada) |

Figura 44. Levantamento das figuras de ação liderança no TM2

- **TM3**

Do TM3 emergem 6 figuras de ação liderança. Dessas, 3 organizam-se pelo tipo de discurso misto interativo-teórico, captando o agir a partir de mecanismos discursivos que assinalam uma terceira pessoa do singular e, portanto, com implicação fraca do *eu*, mobilizando a figura de ação liderança fraca. Nos segmentos organizados pelo tipo de discurso interativo, observo a emergência de 2 figuras de ação liderança implicada, em que o agir é captado a partir de mecanismos discursivos que assinalam a primeira pessoa do singular (implicação forte do *eu*); e 1 figura de ação liderança atenuada, em que o agir é

captado a partir de mecanismos discursivos que assinalam a primeira pessoa do plural (implicação atenuada do *eu*).

Nas ocorrências de figura de ação liderança fraca, a orientação prospetiva do agir é marcada por formas verbais de futuro perifrástico (*vai cruzar, vai elevar; vai cruzar, vai difundir*), num dos casos precedido de construção com gerúndio, com valor de simultaneidade (*vai elevar... promovendo..., continuando*); e por construções verbais com verbo modal no futuro + infinitivo (*terá de cumprir*), assinalando aqui, igualmente, a presença de modalização deôntica.

A figura de ação liderança atenuada surge marcada pelo recurso a uma construção verbal com verbo modal no futuro perifrástico, precedido de verbo aspetual no infinitivo (*continuar a*) que assinala prolongamento da situação, sem delimitação temporal + infinitivo (*vamos continuar a andar*); e assinala, ainda, a presença de modalização pragmática.

Nos segmentos em que o agente de produção atesta a sua presença e adquire o estatuto de ator nos processos evocados, marcados pelo deítico pessoal *eu*, o agir é captado pelo recurso a construções verbais de futuro perifrástico + infinitivo (*vou poder levar*), assinalando, da mesma forma, uma modalização pragmática; e de futuro + infinitivo (*procurarei dar*), também assinalando uma modalização pragmática, e ocorrendo, ainda, uma modalização apreciativa no mesmo segmento (*com alegria e humildade*).

A figura abaixo ilustra as ocorrências das figuras de ação liderança no TM3:

Figura de ação liderança – TM3

| § ST | TD | Segmento textual | Localizações (formas verbais) | Agentividade (implicação) | Modalização | Figura de ação liderança |
|---------------|-----|--|---|--|-----------------|--------------------------------|
| P.4 S.11 | DI | Porque vou poder levar por diante um projecto em que me revejo e acredito. | FUT PERIF+INF | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal; pronome pessoal Implicação forte do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (implicada) |
| P.6 S.14 | DI | Com alegria e humildade procurarei dar corpo às funções que agora assumo. | FUT+INF | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação forte do <i>eu</i> | M-APR M-PRAG | liderança (implicada) |
| P.7 S.60 | MIT | E, consciente disso, não vai cruzar os braços, antes os vai elevar, promovendo espaços alargados de diálogo e de liberdade, continuando a procurar uma melhor compreensão da pessoa e das suas realizações. | FUT PERIF GER (valor de simultaneidade) | Marcas de pessoa (3ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação fraca do <i>eu</i> | | liderança (fraca) |
| P.28 S.73 | MIT | Por isso, a Universidade Católica Portuguesa não vai cruzar os braços, antes vai difundir esta sua ambição junto das várias gerações que a procuram. | FUT PERIF | Marcas de pessoa (3ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação fraca do <i>eu</i> | | liderança (fraca) |
| P.46 S.103 | MIT | É neste horizonte de esperança de uma universidade cuja vocação é inspirar que a Universidade Católica Portuguesa terá de cumprir quotidianamente a sua missão: investir na investigação em rede, aberta, multidisciplinar, fundada na cultura humanista que a identifica, formar para a confiança pela força conjugada dos saberes teórico e prático, defender intransigentemente a qualidade, no plano nacional e internacional. | FUT (Vmodal)+INF | Marcas de pessoa (3ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação fraca do <i>eu</i> | M-DEON | liderança (fraca) |
| P.48 S.107 | DI | Agora, vamos continuar a andar. | FUT PERIF Vasp (<i>continuar a</i> =prolongament o da situação, sem delimitação temporal)+INF | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (atenuada) |

Figura 45. Levantamento das *figuras de ação liderança* no TM3

- **TM4**

Do TM4 emergem 5 figuras de ação liderança: 3 sob a forma de ação liderança implicada e 2 sob a forma de liderança atenuada, organizadas pelo discurso interativo. No plano agentivo, a ação liderança implicada é marcada pela presença forte do *eu*, por intermédio de marcas deíticas de 1ª PS; e a ação liderança atenuada por marcas de 1ª PPI que enfraquecem a implicação do actante no texto.

A orientação prospetiva do agir é marcada, no caso dos segmentos com ação liderança implicada, pelas formas verbais de futuro simples (*empenhar-me-ei; fá-lo-ei*), num dos casos precedido de construção com gerúndio, com valor de simultaneidade (*fá-lo-ei... sabendo*) e, ainda, de verbo modal no presente do indicativo + infinitivo (*posso contar*); e pela forma verbal de presente do conjuntivo, assinalando a expressão de um desejo orientado para o futuro (*tenham orgulho*), intensificada pelo localizador temporal deítico com valor de posterioridade (*daqui a 5 anos*). A ocorrência de modalizações é visível, neste texto, apenas nos segmentos com figura de ação liderança implicada, comportando modalizações pragmáticas (*posso contar; empenhar-me-ei*), modalizações apreciativas (*com humildade, entusiasmo e sentido do dever; sinceramente*) e uma modalização epistémica (*sabendo*).

Na figura de ação liderança atenuada, o eixo de referência temporal é marcado a jusante por intermédio de formas verbais de futuro simples (*será; construiremos; reforçaremos*), num dos casos precedida de construção com gerúndio, com valor de simultaneidade (*reforçaremos... articulando*).

Na figura que se segue listo todas as ocorrências das figuras de ação liderança no TM4 e as especificidades linguísticas que as originam:

Figura de ação liderança – TM4

| § ST | TD | Segmento textual | Localizações (formas verbais) | Agentividade (implicação) | Modalização | Figura de ação liderança |
|--------------|----|---|--|---|---------------------------|----------------------------------|
| P.10 S.11 | DI | Fá-lo-ei com humildade, entusiasmo e sentido do dever, sabendo que posso contar com um grupo de Colegas cujas qualidades pessoais e profissionais são ímpares. | FUT PRES IND (Vmodal)+INF (orientação prospetiva) GER (valor de simultaneidade) | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação forte do <i>eu</i> | M-APR M-EPIS M-PRAG | liderança (implicada) |
| P.23 S.28 | DI | Será a partir desta leitura que construiremos a nossa agenda, num equilíbrio entre o legado da Fundação e as exigências da modernidade. | FUT | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número- pessoal da forma verbal; determinante possessivo Implicação atenuada do <i>eu</i> | | liderança (atenuada) |
| P.41 S.49 | DI | À luz dos compromissos que mencionei, empenhar-me-ei na promoção da seguinte agenda: | FUT | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal; pronomes pessoais Implicação forte do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (implicada) |
| P.43 S.51 | DI | Reforçaremos pois o planeamento estratégico e a colaboração entre todas as áreas, articulando virtuosamente as suas valências e competências em torno de uma visão comum. | FUT GER (valor de simultaneidade) | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação atenuada do <i>eu</i> | | liderança (atenuada) |
| P.56 S.64 | DI | Espero sinceramente que daqui a 5 anos todos os que têm confiado em mim tenham orgulho no meu mandato como a primeira mulher Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian. | Localizador temporal (deítico com valor de posterioridade) PRES CONJ (expressão de desejo) | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal; pronomes pessoais; determinante possessivo Implicação forte do <i>eu</i> | M-APR | liderança (implicada) |

Figura 46. Levantamento das *figuras de ação liderança* no TM4

- **TM5**

Do TM5 emergem 12 figuras de ação liderança, organizadas pelo discurso interativo, das quais 10 captam o agir a partir de mecanismos discursivos que assinalam a presença atestada do actante (implicação forte do *eu*), com recurso a marcas linguísticas e enunciativas de 1ª PS, predominando, assim, a figura de ação liderança implicada. As localizações nas ocorrências de ação liderança implicada apresentam uma grande heterogeneidade das formas verbais, sendo a orientação prospetiva do agir marcada por: i) formas verbais de futuro simples (sobretudo *serei; farei; [comigo] estará*); ii) forma verbal de futuro perifrástico (*irá pactuar*); iii) forma verbal de presente do indicativo com valor de futuro (*[não] esqueço*); e iv) construções com presente do indicativo + orações subordinativas finais com infinitivo (*candidato-me para+infinitivo*). Quanto à modalização, apenas um segmento comporta uma modalização apreciativa (*ninguém duvida*).

Verifico, ainda, a presença de 2 figuras de ação liderança atenuada, assinaladas pelas seguintes características: a) no eixo da agentividade, a presença de marcas de 1ª PPI; b) no eixo da temporalidade, a presença de verbo modal no presente do indicativo (*temos de*) e de orações subordinativas finais com infinitivo (*para concretizar, para levar*), a marcar a orientação prospetiva do agir; e c) nas modalizações, a presença de modalização deontica (*temos de*) e de modalização apreciativa (*tão bonita, tão intensamente*).

O levantamento das figuras de ação liderança no TM5 apresenta a seguinte configuração:

Figura de ação liderança – TM5

| § ST | TD | Segmento textual | Localizações (formas verbais) | Agentividade (implicação) | Modalização | Figura de ação liderança |
|--------------|----|---|---|--|-------------|------------------------------|
| P.4 S.10 | DI | E aqui estou: serei candidata à presidência da República. | FUT | Marcas de pessoa (1ºPS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação forte do <i>eu</i> | | liderança (implicada) |
| P.8 S.18 | DI | Os próximos tempos serão duros, temos de preparar-nos para isso. | Vmod (PRES IND) (valor de FUT) | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal; pronomes pessoais Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-DEON | liderança (atenuada) |
| P.10 S.23 | DI | Candidato-me para ajudar a derrotar este projecto das elites. | PRES IND+SUB FINAL+INF (orientação prospetiva) | Marcas de pessoa (1ºPS): desinência número-pessoal da forma verbal; pronomes pessoais Implicação forte do <i>eu</i> | | liderança (implicada) |
| P.10 S.25 | DI | Não me candidato para fazer número, para animar a campanha ou para erguer a bandeira do partido. | PRES IND+SUB FINAL+INF (orientação prospetiva) | Marcas de pessoa (1ºPS): desinência número-pessoal da forma verbal; pronomes pessoais Implicação forte do <i>eu</i> | | liderança (implicada) |
| P.11 S.26 | DI | Esta candidatura vem para somar e não para subtrair, vem para agregar, vem para mobilizar. | PRES IND+SUB FINAL+INF (orientação prospetiva) | Marcas de pessoa (1ºPS): <i>esta candidatura</i> parafraseável por <i>a minha candidatura</i> | | liderança (implicada) |
| P.12 S.29 | DI | Candidato-me para trazer uma alternativa popular para estas eleições, na convicção de que, numa República, são os votos que decidem quem é que vai estar na chefia do Estado. | PRES IND+SUB FINAL+INF (orientação prospetiva) | Marcas de pessoa (1ºPS): desinência número-pessoal da forma verbal; pronomes pessoais Implicação forte do <i>eu</i> | | liderança (implicada) |
| P.16 S.35 | DI | Serei uma Presidente de todos e todas as portuguesas, mas não esqueço o que se está a fazer aos mais pobres para salvar os bancos, não esqueço o que se está a fazer aos jovens para os fazer desistir do país, não esqueço o que se está a fazer às mulheres para que sejam sofredoras submissas, não esqueço o que se está a fazer aos trabalhadores para pagar salários miseráveis, não esqueço o que se está a fazer aos velhos para desonrar vidas inteiras de trabalho e de sacrifício. | FUT PRES IND (valor de FUT) | Marcas de pessoa (1ºPS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação forte do <i>eu</i> | | liderança (implicada) |
| P.17 S.37 | DI | Para concretizar e para levar mais longe aquela esperança tão bonita que um dia se viveu tão intensamente no mês de Abril e que hoje | SUB FINAL+INF (orientação prospetiva) | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal; determinante | M-APR | liderança (atenuada) |

| | | | | | | |
|--------------|----|--|------------------|---|-------|------------------------------|
| | | vemos de novo a brilhar nos olhos da nossa gente. | | possessivo Implicação atenuada do <i>eu</i> | | |
| P.35 S.59 | DI | Serei uma Presidente da República tão política quanto a Constituição o é na sua opção política de fundo, que não é de modo algum neutra em relação às questões essenciais. | FUT | Marcas de pessoa (1ªPS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação forte do <i>eu</i> | | liderança (implicada) |
| P.37 S.62 | DI | Tudo farei para dar densidade à aliança da geração jovem, dita a ‘mais bem preparada de sempre’, e a geração dos seus pais e dos seus avós, que tanto investiram na preparação e no futuro dos seus filhos e netos. | FUT | Marcas de pessoa (1ªPS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação forte do <i>eu</i> | | liderança (implicada) |
| P.45 S.77 | DI | Serei uma Presidente da República que não irá pactuar com a humilhação do país, porque isso é negar uma das competências mais fundamentais que é de ser o garante da independência nacional. | FUT FUT PERIF | Marcas de pessoa (1ªPS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação forte do <i>eu</i> | | liderança (implicada) |
| P.49 S.87 | DI | Num mundo cheio de injustiça e de guerras, comigo ninguém duvida que Portugal estará sempre, sempre ao lado da justiça e da paz. | FUT | Marcas de pessoa (1ªPS): pronome pessoal Implicação forte do <i>eu</i> | M-APR | liderança (implicada) |

Figura 47. Levantamento das figuras de ação liderança no TM5

- **TM6**

Do TM6 emergem 4 figuras de ação liderança, organizadas pelo discurso interativo, e assumindo-se, exclusivamente, como figuras de ação liderança implicada.

Nas figuras de ação liderança implicada em ocorrência, o actante surge identificado e designado na primeira pessoa do singular (*eu*), atestando a sua forte implicação nos processos evocados e reforçando o seu estatuto de ator. Em referência ao eixo temporal, a compreensão dos processos orientados para o futuro é marcada de duas formas: em dois casos, pelo recurso às formas verbais de futuro simples (*serei*; [*a minha candidatura*] *será*); e, noutros dois casos, pelo recurso a uma unidade lexical que carrega fortemente uma orientação prospetiva (*querer*), no presente do indicativo, precedida de infinitivo (*quero ouvir*; *quero cuidar*), assinalando igualmente modalizações pragmáticas.

Na figura abaixo, reproduzo as características das figuras de ação liderança implicada em ocorrência no TM6 e respetivos segmentos textuais de onde emergem:

Figura de ação liderança – TM6

| § ST | TD | Segmento textual | Localizações (formas verbais) | Agentividade (implicação) | Modalização | Figura de ação liderança |
|--------------|----|--|---|---|-------------|--------------------------------|
| P.18 S.25 | DI | Tenho abertura e capacidade para dialogar, quero ouvir todos os quadrantes democráticos. | PRES IND+INF (orientação prospectiva marcada por <i>querer+infinitivo</i>) | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação forte do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (implicada) |
| P.19 S.26 | DI | E cuidei, sempre cuidei e quero cuidar deste País: acredito que temos as condições para o tornar muito melhor, mais justo e mais acolhedor para todos e para todas as gerações. | PRES IND+INF (orientação prospectiva marcada por <i>querer+infinitivo</i>) | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação forte do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (implicada) |
| P.20 S.28 | DI | Serei por isso candidata às próximas eleições presidenciais. | FUT | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação forte do <i>eu</i> | | liderança (implicada) |
| P.26 S.38 | DI | A minha candidatura será aberta a militantes de todos os partidos democráticos e a todas as pessoas que, não tendo atividade política, se identificam com as causas que defendo. | FUT | Marcas de pessoa (1ª PS): determinante possessivo + nome + desinência número-pessoal da forma verbal Implicação forte do <i>eu</i> | | liderança (implicada) |

Figura 48. Levantamento das figuras de ação liderança no TM6

Por fim, importa recuperar outra questão, já anteriormente assumida: a alternância das figuras de ação. Tal como demonstrei, na pegada de Bulea, nestes textos é possível verificar a construção e apreensão de ângulos de compreensão do agir-referente distintos entre si, integrando no mesmo texto e/ou no mesmo segmento várias figuras de ação, mobilizadas em organizações discursivas diferentes. No que respeita à figura de ação liderança, esta também admite a possibilidade de alternar com outras figuras de ação, entre segmentos e no interior do mesmo segmento, sobretudo com a figura de ação ocorrência, igualmente organizada pelo discurso interativo.

Nos exemplos que recupero da análise das figuras de ação liderança, demonstro essa alternância no interior do mesmo segmento, entre a figura de ação liderança (**a negrito**) e a figura de ação ocorrência (a sublinhado). Tal é revelador da complexidade do processo interpretativo, já que, nestes casos que evidencio, a alternância mostra o agir captado de forma prospetiva, em termos de compromisso orientado para o futuro do que se vai *fazer* ou *fazer fazer* (ação liderança), e o agir captado na simultaneidade do pôr em forma linguística, com uma forte contextualização (ação ocorrência). Para além disso, essa alternância pode também ocorrer, tal como demonstrei na análise das figuras de ação, sem ordem aparente, quer de forma sucessiva (Exs. 24 e 25), quer de forma intercalada (Ex. 26):

- Ex. 24 (TM1, S. 80): Por isso, um só voto expremo: que, no termo dos 100 dias, possa dizer que "da obra ousada é minha a parte feita".
- Ex. 25 (TM5, S. 10): E aqui estou: serei candidata à presidência da República.
- Ex. 26 (TM6, S. 26): E cuido, sempre cuidei e quero cuidar deste País: acredito que temos as condições para o tornar muito melhor, mais justo e mais acolhedor para todos e para todas as gerações.

Identificadas as figuras de ação liderança que emergem nos textos de mulheres, procedo à sua identificação nos textos de homens.

2.2.2. Nos textos de homens

Na análise dos textos de homens identifiquei 54 ocorrências de figuras de ação liderança, das quais 30 configuram ação liderança atenuada, 17 representam ação liderança implicada e 7 correspondem a ação liderança atenuada.

A seguir, dou a conhecer as figuras de ação liderança em ocorrência em cada texto e as características que as mobilizam.

- **TH1**

Do TH1 emergem 5 figuras de ação liderança, das quais 4 são organizadas pelo tipo de discurso misto interativo-teórico, captando o agir a partir de mecanismos discursivos que assinalam uma terceira pessoa do singular e, portanto, com implicação fraca do *eu*, mobilizando a figura de ação liderança fraca. Nestas ocorrências de figura de ação liderança fraca, a orientação prospectiva do agir é marcada por formas verbais de futuro simples (*sê-lo-á; interpretar-á; animar-á*), em dois casos precedidas de construção com gerúndio, com valor de simultaneidade (*sê-lo-á... robustecendo, tergiversando, reduzindo...; animar-á... aceitando...*); por construções verbais com futuro simples + infinitivo (*fará vacilar*); e pelo recurso a uma unidade lexical que marca a orientação prospectiva (*visar*), no presente do indicativo, precedida de infinitivo (*visa realizar*).

A outra figura de ação liderança presente neste texto é a figura de ação liderança atenuada, organizada pelo discurso interativo. As características que a identificam são a presença, no eixo da agentividade, de marcas de 1ª PPI; e, no eixo da temporalidade, da forma verbal de futuro simples (*contribuirá*) e de uma unidade lexical que carrega fortemente uma orientação prospectiva (*querer*), no presente do indicativo, precedida de infinitivo (*queremos participar*), assinalando também modalização pragmática.

A figura seguinte traduz a emergência das figuras de ação liderança no TH1:

Figura de ação liderança – TH1

| § ST | TD | Segmento textual | Localizações (formas verbais) | Agentividade (implicação) | Modalização | Figura de ação liderança |
|--------------|-----|--|---|--|-------------|--------------------------------|
| P.18 S.31 | MIT | E sê-lo-á, robustecendo as Instituições e o Estado Democrático, não tergiversando na aplicação das suas leis, disciplinando o trabalho, reduzindo os défices orçamentais, melhorando as condições para o investimento privado e para a eficácia e credibilidade do sector público, corrigindo a situação de injustiça relativa em que se encontram certos grupos da sociedade portuguesa, reforçando uma acção de persistente elucidação ideológica do que é e não é a própria regra de conduta democrática e respondendo, sem receios, a todos os que a desafiem. | FUT GER (valor de simultaneidade) | Marcas de pessoa (3ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação fraca do <i>eu</i> | | liderança (fraca) |
| P.21 S.36 | MIT | Não rejeitado o Programa, no termo deste debate parlamentar, o Governo interpretará a sua vigência como assente numa base de consenso, ao menos tácito, ainda que com diversas motivações. | FUT | Marcas de pessoa (3ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal; nome próprio <i>Governo</i> Implicação fraca do <i>eu</i> | | liderança (fraca) |
| P.21 S.37 | MIT | E esta ideia de consenso animará a sua actividade futura, quer aceitando – como é seu dever constitucional – os mecanismos de fiscalização e censura desta Assembleia, quer não renunciando a ajuizar da oportunidade da apresentação de uma moção de confiança, quer considerando as consequências que, por coerência elementar, para ele podem advir de modificações legislativas introduzidas pelo Parlamento. | FUT GER (valor de simultaneidade) | Marcas de pessoa (3ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação fraca do <i>eu</i> | | liderança (fraca) |

| | | | | | | |
|--------------|-----|--|---|---|--------|---------------------------------|
| P.22 S.39 | MIT | Visa realizar, assente numa plataforma dos democratas, uma política que considera servir os altos interesses da Pátria e da democracia – e na sua realização nada nem ninguém o fará vacilar , se da Assembleia lhe advier o resultado da não rejeição do seu Programa. | PRES IND+INF (orientação prospetiva marcada por <i>visar</i>) FUT+INF | Marcas de pessoa (3ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação fraca do <i>eu</i> | | liderança (fraca) |
| P.23 S.40 | DI | O debate parlamentar, que hoje se inicia, contribuirá, também, e nisso queremos participar, para a dignificação dos partidos políticos democráticos. | FUT PRES IND+INF (orientação prospetiva marcada por <i>querer+infinitivo</i>) | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (atenuada) |

Figura 49. Levantamento das figuras de ação liderança no TH1

- **TH2**

Do TH2 emergem 7 figuras de ação liderança: 4 sob a forma de ação liderança implicada e 3 sob a forma de liderança atenuada, organizadas pelo discurso interativo.

Nas figuras de ação liderança implicada, o agir é captado a partir de formas linguísticas e enunciativas de 1ª PS, traduzindo a implicação forte do *eu*. A orientação prospetiva do agir é marcada pelas formas verbais de futuro simples (*invocarei; bater-me-ei; descurarei*) e, ainda, de futuro simples precedido de infinitivo (*procurarei exercer*), assinalando neste último caso, igualmente, uma modalização pragmática.

Na figura de ação liderança atenuada, o agir é captado pelas formas de implicação dilatadas (1ª PPI), enfraquecendo o estatuto de ator do *eu* na verbalização dos processos (implicação atenuada). O eixo de referência temporal é marcado a jusante por intermédio de formas verbais de futuro simples (*contaremos*), de futuro simples + infinitivo (*saberemos assumir, reconhecer*) e de futuro perifrástico (*vamos trabalhar*). No que respeita às modalizações, no segmento em que a ação liderança atenuada é marcada pelo futuro perifrástico, observo a presença de modalização pragmática (*vamos trabalhar*) e de modalização apreciativa (*bem e a bem*).

A seguir, apresento todas as ocorrências das figuras de ação liderança no TH2 e as suas especificidades linguísticas:

Figura de ação liderança – TH2

| § ST | TD | Segmento textual | Localizações (formas verbiais) | Agentividade (implicação) | Modalização | Figura de ação liderança |
|--------------|----|---|--------------------------------------|--|-------------|--------------------------------|
| P.4 S.5 | DI | Inspirado nos ensinamentos dos que me antecederam neste lugar, procurarei exercer com sobriedade, eficiência e sentido de equilíbrio a missão em que acabo de ser investido. | FUT+INF | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação forte do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (implicada) |
| P.12 S.19 | DI | Não sou adepto de grandes chavões e por isso não invocarei qualquer grandiosa reforma do Parlamento , porque sei onde sempre chegam – e não muito longe – os chamados pacotes grandiloquentes sobre reformas globais dos sistemas políticos. | FUT | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação forte do <i>eu</i> | | liderança (implicada) |
| P.12 S.20 | DI | Mas bater-me-ei por modificações consequentes, que assegurem à Assembleia da República protagonismo crescente e responsável na nossa arquitectura constitucional. | FUT | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal; pronomes pessoais Implicação forte do <i>eu</i> | | liderança (implicada) |
| P.20 S.39 | DI | São duas prioridades da eficiência parlamentar que não descurei, pois delas depende igualmente a eficiência institucional do nosso País para adquirir ganhos de produtividade na concorrência institucional europeia. | FUT | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação forte do <i>eu</i> | | liderança (implicada) |

| | | | | | | |
|--------------|----|---|-----------|--|-----------------|-----------------------------|
| P.20 S.41 | DI | Daqui os saúdo consciente de que contaremos com o seu inexcedível labor ao longo da Legislatura que agora se inicia. | FUT | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação atenuada do <i>eu</i> | | liderança (atenuada) |
| P.23 S.47 | DI | Estou certo de que nesta Câmara pessoalmente todos nos respeitamos, respeitamos as nossas perspectivas políticas diferenciadas, saberemos assumi-las com vigor, mas igualmente saberemos pactar um consenso quando for caso disso e o interesse nacional o aconselhar, reconhecer - e recordar – o mérito de um adversário, distinguir entre o efêmero da refrega e o essencial do compromisso político, em suma, conviver com civilidade e argumentar com vida. | FUT+INF | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação atenuada do <i>eu</i> | | liderança (atenuada) |
| P.24 S.48 | DI | Estou certo de que vamos trabalhar bem e a bem de Portugal. | FUT PERIF | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-APR M-PRAG | liderança (atenuada) |

Figura 50. Levantamento das *figuras de ação liderança* no TH2

- **TH3**

Do TH3 emergem 19 figuras de ação liderança. Dessas, 17 configuram a ação liderança atenuada e 2 a ação liderança fraca.

A ação liderança atenuada é assinalada, no eixo da agentividade, pela presença de marcas de 1ª PPI, sendo os processos evocados com implicação atenuada do *eu* pela diluição do actante num coletivo que representa. As localizações nas ocorrências de ação liderança atenuada apresentam uma grande heterogeneidade das formas verbais, sendo a orientação prospetiva do agir marcada por: i) futuro simples com valor modal + infinitivo (*teremos que fazer*); ii) futuro perifrástico (*[é nossa intenção] vir a chamar*); iii) unidades lexicais (*desejar e querer*), no presente do indicativo, precedidas de infinitivo (*desejamos colaborar*;

queremos ser; queremos manter); iv) unidade lexical (*querer*), no presente do indicativo, precedida de verbo aspetual no infinitivo, assinalando prolongamento da situação, sem delimitação temporal + infinitivo (*queremos continuar a ser*); v) unidade lexical (*querer*), no presente do indicativo, precedida de infinitivo e, ainda, precedida de construção de gerúndio, com valor de simultaneidade (*queremos constituir... continuando; queremos reforçar... ancorando-nos*); vi) unidades lexicais (*querer* e *desejar*), no presente do indicativo, precedidas de presente do conjuntivo, assinalando expressão de desejo (*queremos que seja; esperamos possa*); vii) construções com orações subordinativas finais + infinitivo, precedidas de verbo no presente do indicativo + infinitivo (*para manter... temos que reforçar*); viii) unidade lexical (*esperar*), no presente do indicativo (*esperamos*), antecedida de forma verbal de futuro (*contribuirá*); e ix) construção modal, no presente do indicativo (*é necessário*), precedida de verbo aspetual (*continuar a*) no presente do conjuntivo, assinalando prolongamento da situação, sem delimitação temporal + infinitivo e, ainda, precedida de construção com gerúndio, com valor de simultaneidade (*é necessário que continuemos a empenhar-nos... dando*). Quanto às modalizações, observo um forte domínio de modalizações pragmáticas (sobretudo marcadas pelos verbos *querer* e *desejar*) e, em menor número, ocorrem modalizações apreciativas (*de maneira diferente e melhor; assim esperamos*) e modalizações deônticas (*temos que; é necessário que*).

As ocorrências de ação liderança fraca emergem das seguintes características: a) a organização discursiva sob a forma de misto interativo-teórico; b) no eixo da agentividade, a presença de marcas de 3ª PS (*ele/a* parafraseável por *nós*, com implicação fraca do eu); c) no eixo da temporalidade, a marcar a orientação prospetiva do agir identifico a presença de duas construções com verbo modal: uma construção verbal com verbo modal, no presente do indicativo, assinalando uma asserção negativa, precedido de verbo aspetual no infinitivo (*deixar de*), marcando suspensão da situação + infinitivo + verbo aspetual no infinitivo (*continuar a*), assinalando prolongamento da situação, sem delimitação temporal + infinitivo (*não pode deixar de procurar continuar a qualificar*); e uma construção verbal com verbo modal, no presente do indicativo, precedido de verbo aspetual no infinitivo, assinalando prolongamento da situação, sem delimitação temporal + infinitivo (*deve procurar continuar a consolidar*); d) nas modalizações, a presença de modalização pragmática (*procurar continuar a*) e de modalizações deônticas (*não pode deixar; deve procurar continuar a*).

O TH3 apresenta a seguinte configuração das figuras de ação liderança:

Figura de ação liderança – TH3

| § ST | TD | Segmento textual | Localizações (formas verbais) | Agentividade (implicação) | Modalização | Figura de ação liderança |
|--------------|-----|--|---|--|------------------|---------------------------------|
| P.16 S.35 | MIT | A Universidade Católica, atenta aos desafios que se colocam ao ensino superior, não pode pois deixar de procurar continuar a qualificar científica e pedagogicamente o seu ensino. | Vmod (PRES IND+Asserção NEG)+Vasp (<i>deixar</i> <i>de</i> =suspensão de situação)+INF+ Vasp (<i>continuar</i> <i>a</i> =prolongamento da situação, sem delimitação temporal)+INF (orientação prospetiva) | Marcas de pessoa (3ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal; nome próprio <i>Universidade</i> <i>Católica</i> Implicação fraca do <i>eu</i> | M-DEON M-PRAG | liderança (fraca) |
| P.16 S.36 | DI | Para essa qualificação muito pode contribuir o sistema de avaliação em que estamos inseridos, com o qual desejamos colaborar mais intensamente, e que esperamos possa a prazo permitir que o mérito e a qualidade venham a ser premiados e incentivados, mesmo em termos financeiros. | PRES IND+INF (orientação prospetiva marcada pelo verbo <i>desejar</i>) PRES IND (orientação prospetiva marcada pelo verbo <i>esperar</i>)+PRES CONJ (expressão de desejo) | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (atenuada) |
| P.17 S.37 | MIT | Os tempos não são seguramente de expansão, e por isso a Universidade Católica deve procurar continuar a consolidar institucionalmente as suas unidades com a formação de um corpo docente próprio, preparado pedagogicamente e empenhado cientificamente. | Vmod (PRES IND)+INF+Vasp (<i>continuar</i> <i>a</i> =prolongamento da situação, sem delimitação temporal)+INF (orientação prospetiva) | Marcas de pessoa (3ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal; nome próprio <i>Universidade</i> <i>Católica</i> Implicação fraca do <i>eu</i> | M-DEON | liderança (fraca) |
| P.17 S.39 | DI | Queremos continuar a servir, de maneira diferente e melhor, as necessidades de formação profissional universitária da sociedade portuguesa, as necessidades de formação cultural e espiritual, as necessidades de investigação científica. | PRES IND (<i>querer</i>) +INF Vasp (<i>continuar</i> <i>a</i> =prolongamento da situação, sem delimitação temporal)+INF (orientação prospetiva) | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-APR M-PRAG | liderança (atenuada) |
| P.17 S.40 | DI | Queremos em suma ser mais Universidade. | PRES IND+INF (orientação prospetiva marcada por <i>querer+ser</i>) | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (atenuada) |

| | | | | | | |
|--------------|-----------|---|--|--|--------|-----------------------------|
| P.18 S.42 | DI | Queremos continuar a ser uma universidade de elite mas aberta a todos, e de modo especial aos mais desfavorecidos e carenciados. | PRES IND (<i>querer</i>) +INF Vasp (<i>continuar</i> <i>a</i> =prolongamento da situação, sem delimitação temporal)+INF (orientação prospetiva) | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (atenuada) |
| P.18 S.43 | DI | Queremos continuar a ser uma Universidade onde ninguém deixa de entrar por dificuldades económicas. | PRES IND (<i>querer</i>) +INF Vasp (<i>continuar</i> <i>a</i> =prolongamento da situação, sem delimitação temporal)+INF (orientação prospetiva) | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (atenuada) |
| P.18 S.44 | DI | Queremos continuar a ser uma Universidade solidária, em especial com os povos dos países de expressão portuguesa. | PRES IND (<i>querer</i>) +INF Vasp (<i>continuar</i> <i>a</i> =prolongamento da situação, sem delimitação temporal)+INF (orientação prospetiva) | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (atenuada) |
| P.19 S.45 | DI | Queremos constituir uma comunidade universitária, continuando a ostentar a forte identidade que todos nos reconhecem, traduzida na dedicação entusiasta de todos os que aqui trabalham, e que surpreende quem nos visita, queremos manter e desenvolver o clima inigualável de convivência e cooperação entre alunos, funcionários e professores que nos caracteriza. | PRES IND+INF (orientação prospetiva marcada por <i>querer+infinitivo</i>) GER (valor de simultaneidade) | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal; pronomes pessoais Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (atenuada) |
| P.19 S.46 | DI | Queremos que toda a nossa actividade seja perspétivada pela mundividência cristã e pelos valores do evangelho. | PRES IND (orientação prospetiva marcada pelo verbo <i>querer</i>)+PRES CONJ (expressão de desejo) | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal; determinante possessivo Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (atenuada) |
| P.19 S.47 | DI | Queremos em suma que a Universidade seja cada vez mais Católica. | PRES IND (orientação prospetiva marcada pelo verbo <i>querer</i>)+PRES CONJ (expressão de desejo) | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (atenuada) |
| P.20 S.48 | DI | Queremos, por último, que a Universidade Católica seja cada vez mais portuguesa. | PRES IND (orientação prospetiva marcada pelo verbo | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal | M-PRAG | liderança (atenuada) |

| | | | <i>querer</i>)+PRES CONJ (expressão de desejo) | Implicação atenuada do <i>eu</i> | | |
|--------------|-----------|---|---|---|--------|---------------------------------|
| P.21 S.53 | DI | Para manter esta unidade nacional temos porém que reforçar a coesão interna da Universidade, enfrentando naturais problemas de crescimento. | SUB FINAL+INF+ PRES IND+INF (orientação prospetiva) | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-DEON | liderança (atenuada) |
| P.21 S.56 | DI | É nossa intenção, nesse sentido, vir a chamar mais frequentemente os presidentes dos vários Centros espalhados pelo país à co-responsabilidade do governo geral da Universidade. | FUT PERIF | Marcas de pessoa (1ª PPI): determinante possessivo Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (atenuada) |
| P.21 S.57 | DI | Trazer as autoridades periféricas ao centro contribuirá, assim esperamos, para o reforço e partilha de uma visão global mais difusa pelas partes da Universidade e para potenciar as vantagens desta dimensão alargada. | FUT PRES IND (orientação prospetiva, marcada pelo verbo <i>esperar</i>) | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-APR | liderança (atenuada) |
| P.23 S.59 | DI | Toda a reflexão que conjuntamente teremos que fazer para nos ajustarmos às mudanças que os tempos foram produzindo na realidade da Universidade terá que ser orientada pela preocupação, que, de todos os lados é intensamente sublinhada, de fortalecer a unidade da Universidade – tão necessária quanto do exterior não falta quem nos deseje divididos e enfraquecidos – e no respeito pela nossa especificidade institucional. | FUT+INF | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal; pronomes pessoais; determinante possessivo Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-DEON | liderança (atenuada) |
| P.25 S.67 | DI | Temos uma imensa rede de amigos que queremos reforçar, ancorando-nos por eles cada vez mais na sociedade , de quem cada vez mais dependemos. | PRES IND+INF (orientação prospetiva marcada pelo verbo <i>querer+infinitivo</i>) GER (valor de simultaneidade) | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal; pronomes pessoais Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (atenuada) |
| P.25 S.68 | DI | E, entre eles, contamos especialmente com os nossos antigos alunos, que queremos manter melhor informados do que fazemos e projectamos, não apenas para os seus filhos, mas também para eles próprios. | PRES IND+INF (orientação prospetiva marcada pelo verbo <i>querer+infinitivo</i>) | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal; determinante possessivo Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (atenuada) |
| P.27 S.70 | DI | Para lhes responder, é necessário que todos continuemos a empenhar- | PRES IND (<i>construção modal</i>)+PRES | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência | M-DEON | liderança (atenuada) |

| | | |
|---|---|--|
| nos, dando o melhor de nós próprios, e na posição de cada um, no reforço da comunidade que somos. | CONJ Vasp (<i>continuar</i> a=prolongamento da situação, sem delimitação temporal)+INF (orientação prospectiva) | número-pessoal da forma verbal; pronomes pessoais Implicação atenuada do <i>eu</i> |
| | GER (valor de simultaneidade) | |

Figura 51. Levantamento das *figuras de ação liderança* no TH3

- **TH4**

Do TH4 emergem 7 figuras de ação liderança. Dessas, 1 organiza-se pelo tipo de discurso misto interativo-teórico, captando o agir a partir de mecanismos discursivos que assinalam uma 3ª PS (implicação fraca do *eu*) e resultando numa ação liderança fraca. Nos segmentos organizados pelo discurso interativo, 5 figuras de ação liderança são de liderança atenuada, em que o agir é captado a partir de mecanismos discursivos que assinalam a 1ª PPI (implicação atenuada do *eu*); e 1 figura de ação liderança é de liderança implicada, em que o agir é captado a partir de mecanismos discursivos que assinalam a 1ª PS (implicação forte do *eu*).

Em referência ao eixo temporal, na figura de ação liderança fraca, a orientação prospectiva do agir é marcada por uma forma verbal de futuro (*será*). Já na figura de ação liderança implicada, o agir é compreendido por intermédio de uma forma verbal de presente do conjuntivo, expressando um desejo (*que exijam de*); e por intermédio de uma unidade lexical que carrega fortemente uma orientação prospectiva (*esperar*), no presente do indicativo. Na figura de ação liderança atenuada, à exceção de uma ocorrência em que a orientação prospectiva do agir é marcada pelo futuro simples (*procuraremos*) comportando, ainda, uma modalização pragmática; todas as restantes ocorrências são marcadas por construções com verbo modal, representando modalizações deônticas (sobretudo por *ter de*). Nestes casos, as localizações (formas verbais) são marcadas por verbo modal no futuro simples, precedido de infinitivo (*terão de constituir*); por verbo modal no presente do indicativo, precedido de infinitivo (*temos de ser*); por verbo modal no presente do indicativo, precedido de verbo aspetual no infinitivo (*continuar a*) que assinala prolongamento da situação, sem delimitação temporal + infinitivo (*temos de continuar a*

ser); e por construção modal no presente do indicativo, precedida de infinitivo (*há que reforçar*).

O levantamento das figuras de ação liderança no TH4 apresenta a seguinte configuração:

Figura de ação liderança – TH4

| § ST | TD | Segmento textual | Localizações (formas verbais) | Agentividade (implicação) | Modalização | Figura de ação liderança |
|--------------|-----|--|--|--|-------------|-----------------------------|
| P.26 S.38 | MIT | A principal e permanente preocupação da Fundação será a de assegurar as condições da sua perpetuidade. | FUT | Marcas de pessoa (3ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação fraca do <i>eu</i> | | liderança (fraca) |
| P.26 S.39 | DI | A dimensão, a solidez e a rentabilidade do seu património terão sempre de constituir a primeira prioridade, tal como a sustentabilidade da sua estrutura de custos fixos, essencial para nos permitir manter a indispensável agilidade nestes tempos tão perturbados e incertos. | Vmod (FUT)+INF | Marcas de pessoa (1ª PPI): pronome pessoal Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-DEON | liderança (atenuada) |
| P.34 S.54 | DI | Desde logo, há que reforçar essa extraordinária marca que é a Fundação Calouste Gulbenkian, associada a muito do que de melhor se tem feito nos domínios de atividade que escolhemos, em Portugal e mesmo no plano internacional. | PRES IND (construção modal)+INF (orientação prospetiva) | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-DEON | liderança (atenuada) |
| P.35 S.55 | DI | Temos de continuar a ser uma instituição ágil e inovadora, a participar nos exigentes desafios da sociedade do conhecimento, a construir perspectivas de longo prazo, a contribuir para a construção de pontes entre culturas, não esquecendo que podemos ajudar a Europa e o Ocidente nas relações com o Médio Oriente, em atenção ao legado do nosso Fundador. | Vmod (PRES IND)+ INF Vasp (continuar a= prolongamento da situação, sem delimitação temporal)+INF (orientação prospetiva) | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-DEON | liderança (atenuada) |

| | | | | | | |
|--------------|-----------|--|---|--|--------|------------------------------|
| P.35 S.56 | DI | Temos, também, de ser um agregador das redes sociais que fortalecem o papel da sociedade civil perante os grandes desafios do Sec. XXI, que acabam por se concentrar, em última análise, na área das políticas sociais, aqui entendidas em sentido lato. | Vmod (PRES IND)+ INF (orientação prospectiva) | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-DEON | liderança (atenuada) |
| P.44 S.71 | DI | Procuraremos aqui centrar-nos em intervenções inovadoras e não fazer simplesmente o que outros já fazem. | FUT+INF | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal; pronomes pessoais Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (atenuada) |
| P.50 S.82 | DI | É o que espero de todos, é o que espero que todos exijam de mim. | PRES IND (orientação prospectiva marcada pelo verbo <i>esperar</i>) PRES CONJ (expressão de desejo) | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal; pronomes pessoais Implicação forte do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (implicada) |

Figura 52. Levantamento das figuras de ação liderança no TH4

- **TH5**

Do TH5 emergem 12 figuras de ação liderança, organizadas pelo discurso interativo e configurando, exclusivamente, figuras de ação liderança implicada. Assim, o actante surge sempre identificado e designado a partir de marcas deíticas de 1ª PS, atestando a sua forte implicação nos processos evocados (estatuto de ator). Em referência ao eixo temporal, a orientação prospectiva da compreensão dos agir é marcada de duas formas: pelo recurso às formas verbais de futuro simples (*estarei; lutarei; assumirei; defenderei*); e pelo recurso a uma unidade lexical que carrega fortemente uma orientação prospectiva (*comprometer*), no presente do indicativo (*comprometo[-me]*), assinalando, igualmente, todas as ocorrências de modalizações pragmáticas.

Abaixo, o quadro ilustra as figuras de ação liderança presentes no TH5:

Figura de ação liderança – TH5

| § ST | TD | Segmento textual | Localizações (formas verbais) | Agentividade (implicação) | Modalização | Figura de ação liderança |
|--------------|-----------|---|--|---|-------------|----------------------------------|
| P.19 S.48 | DI | Como Presidente da República, estarei sempre ao lado dos que defendem a Justiça Social. | FUT | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação forte do <i>eu</i> | | liderança (implicada) |
| P.19 S.49 | DI | Como Presidente da República, lutarei contra a injustiça. | FUT | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação forte do <i>eu</i> | | liderança (implicada) |
| P.19 S.50 | DI | Tanto no exercício de poderes de decisão, como no uso do diálogo e da palavra, assumo e assumirei o compromisso da opção preferencial pelos mais pobres, pelos explorados. | FUT | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação forte do <i>eu</i> | | liderança (implicada) |
| P.22 S.60 | DI | Como candidato a Presidente da República e como Presidente da República, defenderei um outro rumo para Portugal que comporte a valorização do trabalho e dos trabalhadores, de afirmação dos seus direitos, que combata a precariedade e o desemprego, um rumo que tenha no aumento dos salários, na elevação do poder de compra, um factor decisivo de justiça social e de contribuição incontornável para reduzir as desigualdades na distribuição do rendimento. | FUT | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação forte do <i>eu</i> | | liderança (implicada) |
| P.49 S.99 | DI | Comprometo-me, pois, a tudo fazer quanto à salvaguarda da “Constituição Laboral”, naquele que é o capítulo sobre os direitos, liberdades e garantias dos trabalhadores. | PRES IND (orientação prospetiva marcada pelo verbo <i>comprometer</i>) | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal; pronomes pessoais Implicação forte do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (implicada) |

| | | | | | | |
|---------------|-----------|---|--|---|--------|----------------------------------|
| P.60 S.122 | DI | Comprometo-me com a causa da libertação das amarras da pobreza, encarando-a como dever do Presidente da República, na imperiosa tarefa de intervenção na defesa dos direitos humanos, na promoção de uma sociedade democrática assente nos valores da dignidade humana, da Justiça Social e da responsabilidade colectiva. | PRES IND (orientação prospetiva marcada pelo verbo <i>comprometer</i>) | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal; pronomes pessoais Implicação forte do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (implicada) |
| P.66 S.130 | DI | Comprometo-me com esta justa causa, que não é de hoje, a qual, em última instância, visa uma outra cultura dos direitos. | PRES IND (orientação prospetiva marcada pelo verbo <i>comprometer</i>) | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal; pronomes pessoais Implicação forte do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (implicada) |
| P.71 S.135 | DI | Comprometo-me a defender uma política determinada pela valorização do Poder Local Democrático, pela criação das regiões administrativas, como determina a Constituição, e em favor das regiões insulares distantes pela vitalização da Autonomia e pelo aperfeiçoamento dos instrumentos adequados ao seu aprofundamento. | PRES IND (orientação prospetiva marcada pelo verbo <i>comprometer</i>) | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal; pronomes pessoais Implicação forte do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (implicada) |
| P.75 S.140 | DI | Comprometo-me, entre outros objectivos, a promover a participação cívica e política e o diálogo com as estruturas representativas da Diáspora e a respeitar a autonomia e a legitimidade institucional do Conselho das Comunidades Portuguesas. | PRES IND (orientação prospetiva marcada pelo verbo <i>comprometer</i>) | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal; pronomes pessoais Implicação forte do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (implicada) |
| P.80 S.148 | DI | Aqui me comprometo com políticas que recusem a submissão do País a ditames e políticas atentatórias dos direitos e interesses do Povo português e da democracia, com políticas que confiem na força e capacidades do Povo para recuperar para Portugal os instrumentos de soberania necessários ao progresso e desenvolvimento do País. | PRES IND (orientação prospetiva marcada pelo verbo <i>comprometer</i>) | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal; pronomes pessoais Implicação forte do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (implicada) |
| P.81 S.149 | DI | Aqui me comprometo, tendo como referência o artigo 7º da CRP, a intervir no âmbito dos poderes presidenciais, a que Portugal pratique uma política diversificada de relações internacionais de paz, amizade e cooperação com todos os Povos. | PRES IND (orientação prospetiva marcada pelo verbo <i>comprometer</i>) | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal; pronomes pessoais Implicação forte do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (implicada) |
| P.84 S.152 | DI | Como candidato ou como Presidente da República defenderei, intransigentemente, os ideais libertadores de Abril, a nossa Constituição da República e o regime democrático que ela consagra e projecta. | FUT | Marcas de pessoa (1ª PS): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação forte do <i>eu</i> | | liderança (implicada) |

Figura 53. Levantamento das *figuras de ação liderança* no TH5

- **TH6**

Do TH6 emergem 4 figuras de ação liderança, organizadas pelo discurso interativo, que captam o agir a partir de mecanismos discursivos que assinalam uma 1ª PPI e, portanto, com implicação atenuada do *eu*, mobilizando a figura de ação liderança atenuada. Numa das ocorrências de figura de ação liderança, o eixo de referência temporal é marcado, a jusante, por intermédio de uma forma verbal de futuro perifrástico (*[não]vamos desistir*); e nas restantes três figuras de ação liderança, a orientação prospetiva do agir é delimitada por formas verbais de presente do conjuntivo, com valor exortativo (*façamos, acertemos, fixemos*). Em todos os casos, verifico a presença de modalizações pragmáticas, ocorrendo neste texto, ainda, uma modalização apreciativa (*com coragem, com audácia, com determinação*).

Na figura abaixo, destaco as figuras de ação liderança atenuada em ocorrência no TH6:

| Figura de ação liderança – TH6 | | | | | | |
|--------------------------------|----|--|-------------------------------|---|-----------------|--------------------------|
| § ST | TD | Segmento textual | Localizações (formas verbais) | Agentividade (implicação) | Modalização | Figura de ação liderança |
| P.1 S.7 | DI | De que não vamos desistir. | FUT PERIF | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (atenuada) |
| P.8 S.23 | DI | Façamos desta candidatura parte da luta pela mudança que desejamos para as nossas vidas, da mudança que Portugal precisa. | PRES CONJ (valor exortativo) | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal; determinante possessivo Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (atenuada) |
| P.61 S.112 | DI | Acertemos então o passo com a marcha da História. Com coragem, com audácia, com determinação! | PRES CONJ (valor exortativo) | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-PRAG M-APR | liderança (atenuada) |
| P.62 S.113 | DI | Fixemos no presente e no futuro de Portugal os valores de Abril e o seu horizonte de fraternidade, liberdade, igualdade e esperança! | PRES CONJ (valor exortativo) | Marcas de pessoa (1ª PPI): desinência número-pessoal da forma verbal Implicação atenuada do <i>eu</i> | M-PRAG | liderança (atenuada) |

Figura 54. Levantamento das figuras de ação liderança no TH6

Por fim, também à semelhança do que constatei nos textos de mulheres, nos textos de homens é possível verificar a construção de ângulos de compreensão do agir distintos, em que um mesmo segmento integra a figura de ação liderança alternada com outra, e mobilizadas em organizações discursivas diferentes.

Nos exemplos que selecionei nos textos de autoria masculina, essa alternância das figuras de ação ocorre no interior do mesmo segmento, observando-se a captação do agir em termos de compromisso orientado para o futuro, mobilizando a figura de ação liderança (**a negrito**) e a compreensão do agir em contiguidade com a situação de produção, com forte grau de contextualização, mobilizando figura de ação ocorrência (a sublinhado). Também equivalente ao que disse nos textos de mulheres, essa alternância pode ocorrer quer de forma sucessiva (Ex. 27), quer de forma intercalada (Ex. 28):

- Ex. 27 (TH2, S. 47): Estou certo de que nesta Câmara pessoalmente todos nos respeitamos, respeitamos as nossas perspectivas políticas diferenciadas, **saberemos assumi-las com vigor, mas igualmente saberemos pactar um consenso quando for caso disso (...)**.
- Ex. 28 (TH3, S. 67): Temos uma imensa rede de amigos que **queremos reforçar, ancorando-nos por eles cada vez mais na sociedade**, de quem cada vez mais dependemos.

Com base no levantamento das figuras de ação liderança em ocorrência nos textos, apresento, no ponto seguinte, o movimento comparativo que coloca em interface mulheres e homens, no sentido de perceber em que medida a representação do agir pode configurar uma atitude (efetiva e/ou específica) de liderança.

2.2.3. Movimento comparativo da análise das *figuras de ação liderança*

Neste ponto apresento, comparativamente, os dados observados na análise das *figuras de ação liderança* que emergem nos textos de mulheres e nos textos de homens. Assim, com recurso a uma abordagem qualitativa e quantitativa, procedi ao levantamento das figuras de ação liderança em ocorrência nos textos e respetiva contagem.

De um modo geral, verifico que a figura de ação liderança emerge em todos os textos, quer de autoria feminina, quer de autoria masculina, atestando que:

a) o agir-liderança é compreendido, em todos os casos, em termos de compromisso orientado para o futuro do que se vai *fazer* ou *fazer fazer*;

b) a orientação prospetiva do agir é marcada, em referência ao eixo temporal, a jusante, por intermédio do recurso i) a várias formas verbais, com destaque para as formas que marcam posterioridade (futuro simples e perifrástico, precedido ou não de infinitivo) e para as formas de presente com valor exortativo ou expressando desejo, e ii) a construções verbais com unidades lexicais e valores aspetuais;

c) as figuras de ação emergem de estruturas injuntivas/exortativas, desiderativas e compromissivas;

d) as figuras de ação liderança podem, como atesta Bulea (2010b), funcionar em alternância com as figuras de ação que relevam dos seus trabalhos;

e) as figuras de ação comportam um número significativo de modalizações pragmáticas face às outras, embora verifique a presença de modalizações deonticas e apreciativas. Apesar de esta consideração não pretender ser exaustiva, importa salientar que das análises extraí, nos segmentos em que emerge a figura de ação liderança, 72 modalizações, das quais 45 configuram modalizações pragmáticas, 13 modalizações deonticas, 11 modalizações apreciativas, e apenas 2 modalizações epistémicas. Assim, para além de concluir que as modalizações epistémicas têm uma expressividade quase nula na figura de ação liderança, destaco que as modalizações pragmáticas são as mais reveladoras da captação do agir-liderança em termos de compromisso para o futuro (orientação prospetiva do agir), atribuindo aos actantes motivos, intenções, finalidades e capacidades de ação, e responsabilizando-os nos atos constitutivos do agir.

Especificamente, dos dados examinados, constatei que nos textos de mulheres emergem 46 figuras de ação liderança, das quais 22 atestam uma implicação forte do *eu* nos atos constitutivos do agir, resultando na figura de ação liderança implicada; 17 configuram a figura de ação liderança fraca, originada pela implicação fraca do *eu* nos processos evocados; e 7 atestam um enfraquecimento da implicação autorial, pelo recurso a marcas agentivas de 1ª PPI, conformando a figura de ação liderança atenuada. As 46 ocorrências das figuras de ação liderança nos textos de mulheres apresentam, ainda, a seguinte configuração: no TM1, ocorrem 15 figuras de ação liderança, das quais 14 são de ação liderança fraca e 1

é de ação liderança implicada. No TM2, verifico a presença de 4 figuras de ação liderança, sendo 2 de ação liderança implicada e outras 2 de ação liderança atenuada. No TM3, observo que, num total de 6, 3 correspondem à ação liderança fraca, 2 à ação liderança implicada e 1 à ação liderança atenuada. No TM4, estão presentes 5 figuras de ação liderança – 3 de ação liderança implicada e 2 de ação liderança atenuada. No TM5, observo o maior predomínio de figuras de ação liderança implicada, com 10 ocorrências, e 2 de ação liderança atenuada, perfazendo 12 ocorrências. Por fim, no TM6, as 4 figuras de ação liderança emergentes configuram ação liderança implicada.

A figura que se segue esquematiza todas as ocorrências das figuras de ação liderança nos textos de mulheres:

| <i>Figura de ação liderança: TMs</i> | | | | | | | |
|---|-----------|----------|----------|----------|-----------|----------|-----------|
| | TM1 | TM2 | TM3 | TM4 | TM5 | TM6 | Total |
| Liderança implicada | 1 | 2 | 2 | 3 | 10 | 4 | 22 |
| Liderança atenuada | - | 2 | 1 | 2 | 2 | - | 7 |
| Liderança fraca | 14 | - | 3 | - | - | - | 17 |
| Total de <i>figuras de ação liderança</i> | 15 | 4 | 6 | 5 | 12 | 4 | 46 |

Figura 55. Ocorrência das *figuras de ação liderança* nos textos de mulheres

Quanto aos textos de homens, identifiquei a emergência de 54 figuras de ação liderança, das quais 30 apresentam uma implicação atenuada do *eu* nos atos constitutivos do agir, resultando na figura de ação liderança atenuada; 17 representam a figura de ação liderança implicada, que traduz a implicação forte do *eu* e o seu estatuto de ator nos processos evocados; e 7 pontuam a figura de ação liderança fraca, mobilizada pelo recurso a marcas agentivas de 3ª PS. As 54 ocorrências das figuras de ação liderança distribuem-se nos textos de autoria masculina da seguinte forma: no TH1, ocorrem 5 figuras de ação liderança, das quais 4 são de ação liderança fraca e 1 é de ação liderança atenuada. No TH2, identifiquei 7 figuras de ação liderança, correspondendo 4 a ação liderança implicada e 3 a ação liderança atenuada. No TH3, observo o maior número de ocorrências de figuras de ação liderança (19 ocorrências), configurando 17 a ação liderança atenuada e 2 a ação liderança fraca. No TH4, verifico a presença de 7 figuras de ação liderança, traduzindo 5 a ação liderança atenuada, 1 a ação liderança implicada e, igualmente, 1 a ação liderança

fraca. No TH5, estão presentes 12 figuras de ação liderança, ocorrendo exclusivamente sob a forma de ação liderança implicada. Por último, no TH6, as 4 figuras de ação liderança presentes emergem como ação liderança atenuada.

A figura abaixo ilustra as ocorrências das figuras de ação liderança nos textos de homens:

| <i>Figura de ação liderança: THs</i> | | | | | | | |
|---|----------|----------|-----------|----------|-----------|----------|-----------|
| | TH1 | TH2 | TH3 | TH4 | TH5 | TH6 | Total |
| Liderança implicada | - | 4 | - | 1 | 12 | - | 17 |
| Liderança atenuada | 1 | 3 | 17 | 5 | - | 4 | 30 |
| Liderança fraca | 4 | - | 2 | 1 | - | - | 7 |
| Total de <i>figuras de ação liderança</i> | 5 | 7 | 19 | 7 | 12 | 4 | 54 |

Figura 56. Ocorrência das *figuras de ação liderança* nos textos de homens

É no eixo da agentividade que reside outra particularidade da figura de ação liderança, verificando que assume diferentes formas que resultam dos distintos modos de implicação do agente de produção no texto e, portanto, nos atos constitutivos do agir; colocando em contraste os modos de representação do agir de mulheres e de homens. Na análise da configuração linguística de mulheres e homens em posição de liderança, verifiquei que os agentes de produção assumem posicionamentos enunciativos distintos, visíveis por marcas linguísticas e enunciativas (marcas de implicação) que traduzem graus de implicação distintos (forte, atenuada e fraca). Concluí, na análise dos aspectos linguístico-discursivos, que as mulheres revelam a tendência para se enunciarem a partir de marcas de 1ª PS (*eu*), atestando a sua implicação forte no texto, e os homens o privilégio por marcas deíticas pluralizadas (1ª PPI), atenuando a sua implicação. Nesse alinhamento, assumo a hipótese de que essas formas de implicação resultam em modelos distintos de liderança construídos discursivamente.

Assim, nas figuras de ação liderança, organizadas pelo discurso interativo (e em casos pontuais pelo misto interativo-teórico), o actante permanece sempre implicado, no entanto é identificado e designado de três formas: na primeira pessoa do singular (*eu*), na primeira pessoa do plural (*nós*), e, em casos pontuais, na terceira pessoa do singular (*ele/a*), parafraseável por *nós*. Esta última retoma um complexo identificável a partir do contexto e

que traduz, geralmente, um coletivo com forte valor institucional que o actante representa, justificando, dessa forma, a possível organização da figura de ação liderança sob a forma de misto interativo-teórico. Estes diferentes posicionamentos visíveis na ação liderança marcam graus distintos de implicação e permitem o desdobramento desta figura em ação liderança *implicada*, ação liderança *atenuada* e ação liderança *fraca*. Na ação liderança *implicada*, o agente é identificado nas formas deíticas de 1ª PS, marcando a equivalência entre a instância emissora do texto e o autor dos processos evocados (estatuto de ator), traduzindo a sua implicação forte. Na ação liderança *atenuada*, o actante é designado pelas formas deíticas dilatadas de 1ª PPI, enfraquecendo e tornando instável o estatuto de ator nos processos evocados, traduzindo uma implicação *atenuada*. Na ação liderança *fraca*, o actante é identificado pelas formas de 3ª PS, parafraseáveis por marcas agentivas de implicação *atenuada* (*nós*), marcando uma maior dissociação/distanciamento do actante em relação ao agir e, portanto, traduzindo uma implicação *fraca*.

Na figura seguinte, dou conta da totalidade das ocorrências das figuras de ação liderança, particularizando as ocorrências de ação liderança *implicada*, de ação liderança *atenuada* e de ação liderança *fraca*, colocando, de um lado, o conjunto dos textos de mulheres e, de outro, o conjunto dos textos de homens:

| ESTUDO COMPARATIVO: FIGURA DE AÇÃO LIDERANÇA | | | | | |
|--|----------------------------|-----|-----|----------------------------------|------------|
| | | TMs | THs | | |
| Figuras de ação | Liderança <i>implicada</i> | 22 | 17 | Implicação <i>forte</i> do eu | Implicação |
| | Liderança <i>atenuada</i> | 7 | 30 | Implicação <i>atenuada</i> do eu | |
| | Liderança <i>fraca</i> | 17 | 7 | Implicação <i>fraca</i> do eu | |
| | Total | 46 | 54 | | |

Figura 57. Estudo comparativo da ocorrência das figuras de ação liderança

Pelo exposto, observo uma presença ligeiramente maior de figuras de ação liderança nos textos de homens (54 ocorrências) face aos textos de mulheres (46 ocorrências).

Observo, também, que apesar de se verificarem, em todos os textos, distintas origens enunciativas, sinalizadas pela coexistência de marcas de 1ª PS (*eu*), de 1ª PPI (*nós*) e de 3ª PS (*ele/a* parafraseável por *nós*), na representação do agir-liderança das mulheres, os processos são maioritariamente captados mobilizando no eixo da implicação as formas de enunciação que atestam a sua presença forte no texto e, portanto, prevalecendo a liderança implicada (22 ocorrências). Já a representação do agir-liderança dos homens evidencia a opção por formas de enunciação que enfraquecem a sua presença no texto, resultando numa maior expressividade de ação liderança atenuada (30 ocorrências). A adicionar a isto, observo um dado revelador que me permite considerar a possibilidade de o agir configurar uma atitude (específica e/ou efetiva) de liderança: para além de os homens privilegiarem a representação do seu agir por intermédio de uma voz coletiva (liderança atenuada), a ação liderança implicada não ocorre em todos os textos de autoria masculina, sendo que dos 6 textos apresentados, apenas em 3 emerge esta figura de ação liderança (cf. Figura 56). Por seu turno, para além de as mulheres representarem discursivamente o seu agir, com maior ênfase, com forte evidência do *eu*, em todos os textos de autoria feminina a liderança é marcada pelas formas de dizer *eu*, emergindo a ação liderança implicada (cf. Figura 55).

Em suma, estes factos permitem-me colocar a questão nos seguintes termos: para além de as mulheres revelarem uma maior tendência, face aos homens, para dizer *eu*, a materialidade linguística/discursiva contribui para repensar as questões (sociais) da (in)visibilidade do género, evidenciando, por parte das mulheres, uma atitude efetiva de liderança implicada, discursivamente marcada. É, portanto, nas formas de dizer *eu*, privilegiadas pelas mulheres, que se traduz o envolvimento, o investimento e a subjetividade do actante no seu próprio agir, resultando num “modelo de liderança feminina, de geração de empatia e de inter-relação diferente da dos homens”¹⁵.

¹⁵ A propósito, veja-se a reflexão de Hélia Gonçalves Pereira em entrevista ao Diário de Notícias, realizada em 15 de agosto de 2021, sobre a ocupação de cargos de destaque por mulheres. Hélia Gonçalves Pereira é a primeira mulher a assumir funções como reitora da Universidade Europeia, em março de 2021, e posiciona-se no alinhamento deste trabalho, defendendo uma liderança de mulheres distinta da dos homens. Para mais pormenor, cf. a entrevista na íntegra, disponível em <https://www.dn.pt/sociedade/-as-mulheres-conseguem-ter-modelos-de-lideranca-de-geracao-de-empatia-de-inter-relacao-diferentes-dos-dos-homens-14034091.html>. Acesso em 15 de agosto de 2021.

V. ASPETOS (IN)CONCLUSIVOS

Neste último capítulo apresento uma visão geral dos resultados das análises a partir da questão central de investigação – *Como se implicam as mulheres e os homens nos textos?* -, evidenciando os contributos dos dados obtidos para a compreensão do agir de mulheres e homens em posição de liderança, a partir da atividade de linguagem; e refletindo sobre a necessária continuidade de estudos que relacionem as questões da linguagem com as questões (sociais) do género.

O interesse em relacionar a problemática da linguagem com a problemática das mulheres encontra neste trabalho a oportunidade de voltar uma vez mais – e onde sempre é necessário voltar – ao pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo. A partir de uma hipótese sugerida pela autora (1981) - de que *mulheres e homens falam de forma diferente* – proponho uma abordagem linguística que dê conta da representação discursiva do agir de mulheres e homens em posição de liderança. Nesse alinhamento, pretendo verificar, por um lado, como se implicam as mulheres e os homens nos textos que produzem e, por outro lado, em que medida o seu agir pode configurar uma atitude (efetiva e/ou específica) de liderança.

A minha hipótese de trabalho sustenta-se no facto de que há formas de implicação diferentes no processo de produção textual, que resultam em modelos distintos de liderança construídos discursivamente, encontrando nos pressupostos teórico-metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo, mais especificamente nas noções de *tipos de discurso* e *figuras de ação*, a via para fundamentar a minha questão de investigação. Assim, de um lado, os tipos de discurso permitem identificar as propriedades linguísticas e enunciativas que são constitutivas da configuração linguística do agir de mulheres e homens, e perceber, em particular, se tendem a implicar-se ou, pelo contrário, a distanciar-se no texto. A partir dessas marcas linguísticas e enunciativas, destaco as que designo como *marcas de implicação*, que permitem atestar graus distintos da implicação e, dessa forma, verificar se as mulheres têm tendência, ou não, para um discurso mais implicado do que os homens. De outro lado, articulo, posteriormente, a análise dos tipos de discurso e, em particular, das marcas de implicação, com o conteúdo temático do agir, de forma a identificar as figuras de ação que emergem, enquanto interpretações do agir. Aporto-me na hipótese de Bulea (2010b) de que a noção de *figuras de ação* é passível de ser exportada e aplicada noutros textos, no quadro de outras atividades que não as que lhe deram origem. Ainda sustentada no posicionamento de

Bulea (2010b), que considera a possibilidade de se construírem, no trabalho interpretativo, figuras de ação novas na sua relação com o agir-referente que as mobiliza, pretendo aferir que relação(ões) se estabelece(m) entre figuras de ação e a representação discursiva da liderança de mulheres; e, na hipótese de tomar em consideração um agir-referente liderança, verificar se emerge da análise textual outra figura de ação. Esta hipótese leva-me a propor a noção de *figura de ação liderança*.

O meu *corpus* de análise constitui-se por doze intervenções públicas, enquadrando, num viés comparativo, textos de mulheres e homens que representam atividades de linguagem produzidas no exercício das mesmas práticas socioprofissionais, em posição de liderança e em contexto português. A opção por um estudo comparativo surge no intuito de a análise não ser redutora, verificando se as mulheres, em posição de liderança, tendem ou não para um discurso mais implicado do que os homens, e em que medida a atitude de liderança na representação do agir de mulheres é diferente da atitude de liderança dos homens.

Para a análise textual, apoio-me numa abordagem descendente que parte da análise das atividades e dos géneros para a análise dos aspetos (micro)linguísticos, pelo que a abordagem linguística dos textos apresenta quatro etapas: na primeira etapa, analisei o contexto de produção dos textos visados (aspetos situacionais); na segunda etapa procedi à caracterização global do género textual *intervenção pública* (aspetos temático-composicionais); na terceira etapa analisei o modo como as mulheres e os homens se implicam nos textos, a partir da identificação dos tipos de discurso e, em particular, das marcas de implicação (aspetos linguístico-discursivos); e na quarta e última etapa, a partir da análise linguístico-discursiva, procedi à identificação das propriedades do agir por intermédio das figuras de ação (aspetos semiológico-interpretativos). Desta etapa, com o objetivo de aferir que reconfigurações interpretativas mobilizadas no texto, organizadas pelos tipos de discurso e alinhadas com as marcas de implicação, permitem equacionar um modelo de liderança, resultou a análise das *figuras de ação liderança*.

Opto, ainda, pela articulação entre uma abordagem qualitativa e uma abordagem quantitativa. Assim, de um lado, procedo à identificação e ao levantamento de todos os dados em análise (abordagem qualitativa); e, de outro lado, contabilizo as ocorrências mais significativas, de como são exemplo as ocorrências dos tipos de discurso, das marcas de implicação e das figuras de ação liderança, em cada texto (abordagem quantitativa). No fim, em perspetiva comparativa, totalizo essas ocorrências e aponto as conclusões mais

significativas: como se implicam mulheres e homens nos textos, como essa representação do agir configura liderança e, subsequentemente, que modelo de liderança traduz a implicação do *eu*.

Considerando as quatro etapas de análise, demonstro que, de uma forma global, em termos genológicos, a análise dos aspetos situacionais e dos aspetos temático-composicionais não evidencia diferenças substanciais entre os textos; porém, em termos agentivos, surgem as maiores protuberâncias, colocando a análise dos aspetos linguístico-discursivos e dos aspetos semiológico-interpretativos os textos em contraste de autoria. A seguir, sistematizo, por etapas, os resultados mais significativos.

Na análise dos **aspetos situacionais**, a identificação das informações que compõem a situação de produção dos textos - descrição da sua “história”, dos seus produtores efetivos e dos seus destinatários - atesta que as características, tanto dos textos de autoria feminina como de autoria masculina, não apresentam, de uma forma geral, dissemelhanças substanciais. Quer isto dizer que as características contextuais que sobressaem dos textos relacionam-se com uma contingência do próprio género textual – intervenções públicas –, o que faz prever vários pontos de contacto entre eles, independentemente da autoria. Nessa medida, as diferenças que se salientam na organização e disposição destes aspetos contextuais no plano textual decorrem potencialmente da agentividade, sendo fruto de escolhas (e representações) individuais, que conferem aos textos identidade e individualidade, todavia não os colocam em confronto de autoria.

Na análise dos **aspetos temático-composicionais**, à semelhança da análise referente aos aspetos situacionais, aferi que os textos de autoria feminina e de autoria masculina também não se apresentam contrastivamente, nem em termos genológicos, nem em termos agentivos. De um modo geral, a observação do plano global dos textos previu, de um lado, a identificação de elementos composicionais que apreendem a estruturação/configuração geral dos textos, dando conta da sua formatação genológica; e, de outro, a observação dos elementos que identificam o conteúdo temático dos textos. Assim, verifiquei que os textos não sustentam características discriminatórias, apresentando uma formatação genológica padronizada e convencional de todas as intervenções públicas (planos de texto convencionais). Não obstante, essa convencionalidade não é rígida, possibilitando observar padrões singulares

que decorrem das opções individuais do agente de produção, do propósito comunicativo e do próprio quadro de interação. Nesse sentido, o agente de produção responsabiliza-se pela disposição e gestão das informações no território textual, de forma singular, contudo sem alterar a identidade genológica do texto.

Na análise dos **aspectos linguístico-discursivos**, observei que a constituição discursiva dos textos de mulheres e de homens apresenta-se num contraponto que faz emergir questões de autoria (agentividade), atestando a primeira evidência: mulheres e homens enunciam-se de forma diferente.

Das regularidades identificadas, verifiquei que os modos de representação das instâncias produtoras femininas apresentam pontos de contacto que os colocam em oposição às configurações discursivas assinaladas nos textos de homens, o que traduz uma tendência que parece constitutiva e representativa de uma configuração linguística própria, ou pelo menos comum, de instâncias produtoras femininas, de um lado, e, do outro, de instâncias produtoras masculinas. Assim, de um modo geral, ao aplicar a noção de *tipos de discurso*, constatei que na configuração linguística da enunciação de mulheres são mobilizadas, com maior ênfase, formas linguísticas e enunciativas que atestam um forte investimento da pessoa no processo de produção textual. Essas escolhas linguísticas e enunciativas traduzem a opção das mulheres, no processo enunciativo, de se representarem tendencialmente no mundo do expor, numa relação de conjunção entre as coordenadas que organizam o conteúdo temático e as da ação de linguagem, e de implicação, numa relação que se estabelece entre as instâncias de agentividade e os parâmetros da ação de linguagem, mobilizando segmentos de discurso interativo. Quanto aos textos de homens, observei, contrariamente, a preferência pela mobilização, no processo enunciativo, de segmentos da ordem da autonomia, em que a relação entre as instâncias de agentividade e os parâmetros da ação de linguagem não é explicitada, de carácter conjunto, ocorrendo, com maior ênfase face aos textos de mulheres, o tipo de discurso teórico, e evidenciando a tendência para um maior distanciamento do *eu* no processo de produção textual.

Ainda, ao aplicar a noção de *tipos de discurso*, verifiquei que algumas marcas linguísticas e enunciativas mobilizadas permitem atestar diferentes modos de implicação do agente de produção no texto, designando-as *marcas de implicação*. Estas marcas permitem distinguir três graus de implicação - implicação forte, implicação atenuada e implicação fraca

– que traduzem as opções dos agentes de produção em se enunciarem a partir de formas linguísticas e enunciativas de primeira pessoa do singular, de primeira pessoa do plural e de terceira pessoa do singular (parafrazeável por *nós*), respetivamente.

Especificamente, quanto ao recurso às marcas de terceira pessoa do singular (3ª PS), assumo neste trabalho a particularidade de se relacionar com uma origem enunciativa que ocorre pontualmente e apenas nos textos com forte valor institucional. Essa instância é de ordem coletiva, em que o agente de produção se insere, remetendo, igualmente, para a instituição que representa no cargo público que ocupa, e surge efetivada linguisticamente por marcas de 3ª PS e/ou pelo recurso a sintagmas nominais que referenciam a instituição representada - o *Governo*, em TM1 e TH1; o *Parlamento*, em TM2 e TH2; a *Universidade Católica Portuguesa*, em TM3 e TH3; e a *Fundação Calouste Gulbenkian*, em TM4 e TH4. Apesar de ocorrer pontualmente, não se dissocia, totalmente, da voz do autor, pois é parafrazeável por *nós*, isto é, com valor de marcas de implicação atenuada do *eu*. Também pela razão já evidenciada, face ao seu forte pendor institucional, resultante do contexto, essa instância não surge nos textos TM5/TH5 e TM6/TH6, já que estes são produzidos com o objetivo de os agentes virem a ocupar um cargo público.

No que respeita às marcas de primeira pessoa do singular (1ª PS) e de primeira pessoa do plural (1ª PPI), é aqui que atesto as evidências mais significativas no processo de implicação do *eu*: em todos os textos observei a coexistência de dois posicionamentos enunciativos na representação do agir, que assinalam, por um lado, um agir individual marcado pelas formas deíticas de 1ª PS e, por outro lado, um agir coletivo marcado pelas formas deíticas de 1ª PPI. Apesar dessa alternância de posicionamentos enunciativos, constatei que as mulheres tendem a enunciar-se de forma singular e fortemente implicada, optando, preferencialmente, pelas formas de dizer *eu*; já nos textos de homens, verifiquei que estes privilegiam formas de enunciação materializadas por deíticos de 1ª PPI (*nós*), imbuindo-se num coletivo que enfraquece a presença e o posicionamento autoral, traduzindo uma implicação atenuada no texto. Estas evidências permitem confirmar a tendência para as mulheres, em posição de liderança, se implicarem, mais do que os homens, nos textos que produzem e, conseqüentemente, questionar o modo como a representação do seu agir pode configurar (uma atitude de) liderança.

Assim, na análise dos **aspetos semiológico-interpretativos**, retomei as evidências assinaladas na análise dos aspetos linguístico-discursivos e mobilizei para o trabalho interpretativo a noção de *figuras de ação* Bulea (2009, 2010b), com o objetivo de verificar como as mulheres e os homens representam o seu agir e em que medida o seu agir pode configurar uma atitude (efetiva e/ou específica) de liderança.

Dos dados observados, atestei a hipótese avançada por Bulea de que a noção de *figuras de ação* é passível de ser exportada para outros textos, no quadro de outras atividades que não as que lhe deram origem. Nesse sentido, verifiquei que todas as figuras de ação são mobilizadas na representação do agir de mulheres e homens em posição de liderança. Da mesma forma, e ainda no alinhamento dos trabalhos de Bulea (2010b), constatei que o processo de construção de significação é complexo e discursivamente gerado/gerido, possibilitando a construção de ângulos de compreensão do agir-referente distintos entre si. Por tal, para além de observar que emergem todas as figuras de ação, enquanto interpretações do agir, estas podem alternar entre si, integrando-se, no curso de um mesmo texto, diversas figuras de ação, mobilizadas em organizações discursivas diferentes.

Especificamente, a partir dos dados extraídos da análise dos aspetos linguístico-discursivos, aportada na hipótese de Bulea (2010b: 75) de que os tipos de discurso participam constitutivamente no processo de interpretação do agir, a identificação das figuras de ação em ocorrência nos textos permitiu-me concluir o seguinte: na configuração linguística da enunciação de mulheres e homens em posição de liderança, as mulheres tendem a optar por mecanismos linguísticos e enunciativos que mobilizam o tipo discursivo discurso interativo e os homens o discurso teórico, fazendo prever a ocorrência, com maior ênfase, nos textos de mulheres, da figura de ação ocorrência e, nos textos de homens, das figuras de ação canónica e definição. Estas evidências atestam que nos textos de homens prevalecem as figuras de ação que captam o agir de forma a-contextualizada, distanciado da situação de interação, marcando uma agentividade neutra e/ou nula (não implicação do *eu*). Já nos textos de autoria feminina emergem, com maior predomínio, figuras interpretativas que assinalam a situação de interação e que marcam uma agentividade implicada, recorrendo as mulheres, preferencialmente, às formas de dizer *eu* (implicação forte do *eu*) e evidenciando o seu estatuto de ator nos processos evocados.

Não obstante as considerações alcançadas, verifiquei que na representação discursiva da liderança das mulheres, ao tomar em consideração o agir-referente liderança, a compreensão e captação dos processos evocados pelos agentes de produção faz emergir na

análise textual uma nova figura de ação que permite equacionar modos de representação constitutivos de uma atitude (efetiva e/ou específica) de liderança, relacionada com a pessoa implicada no agir. Tal levou-me a propor a noção de *figura de ação liderança*.

A noção de *figura de ação liderança* sustenta-se na minha hipótese de trabalho, assumindo que a liderança é construída discursivamente.

A figura de ação liderança emerge da análise da representação do agir tendo em conta as propriedades discursivas dos textos, tal como as figuras de ação que resultam das pesquisas lideradas por Bulea (2010b), no entanto configura um produto interpretativo que textualiza o agir-referente *liderança*. A sua emergência, enquanto figura interpretativa do agir construída textualmente, procede da observação da compreensão do agir nos meus textos, ao articular os mecanismos discursivos (linguísticos e enunciativos) em evidência, mais especificamente, os tipos de discurso e, subsequentemente, as marcas de implicação (agentividade), e o eixo temporal manifestado nos textos, com o conteúdo temático do agir-liderança.

Nessa medida, nas análises, a emergência da figura de ação liderança resultou da identificação de uma compreensão prospetiva do agir, evocado no momento da situação de produção, porém captado em termos de compromisso orientado para o futuro do que se vai *fazer* ou *fazer fazer*. Verifiquei, assim, que essa orientação prospetiva do agir é marcada, em referência ao eixo temporal, a jusante, por intermédio do recurso a i) várias formas verbais, com destaque para as formas que marcam posterioridade (futuro simples e perifrástico, precedido ou não de infinitivo) e para as formas de presente com valor exortativo ou expressando desejo; e do recurso a ii) construções verbais com unidades lexicais e valores aspetuais; podendo, ainda, ser marcada por intermédio de iii) localizadores temporais deíticos com valor de posterioridade. A sua marcação temporal assinala, também, a sua construção em estruturas injuntivas/exortativas, desiderativas e compromissivas. Sendo uma figura de ação em que o actante permanece sempre implicado, considerando as intenções e as capacidades de ação do agente, constatei, igualmente, que comporta um número significativo de modalizações pragmáticas face às outras, embora verifique a presença de modalizações deónticas e apreciativas. A ação liderança organiza-se discursivamente, de acordo com o examinado, quase exclusivamente, em segmentos de discurso interativo, podendo, todavia, organizar-se sob a forma de um misto interativo-teórico. Esta organização permite, ainda, a observação, no que respeita à agentividade, da coexistência de múltiplas

marcas de pessoa (marcas de implicação), assumindo a ação liderança a particularidade de o actante surgir identificado e designado de três formas: na primeira pessoa do singular (*eu*) e na primeira pessoa do plural (*nós*), sustentando a sua organização sob a forma de discurso interativo; e na terceira pessoa do singular (*ele/a*, parafraseável por *nós*), justificando, assim, a sua organização sob a forma de misto interativo-teórico. Estes diferentes posicionamentos marcam graus distintos de implicação na captação dos atos constitutivos do agir, sendo a implicação forte quando o agente é identificado nas formas deíticas de 1ª PS, marcando a equivalência entre a instância emissora do texto e o autor dos processos evocados (estatuto de ator). Quando o autor dos processos evocados se dilui num grupo/coletivo que integra e/ou representa, sendo designado pelas formas deíticas de 1ª PPI, o estatuto de ator é enfraquecido, resultando numa implicação atenuada. Já as formas de 3ª PS marcam um maior distanciamento/dissociação do actante em relação ao agir e, portanto, com implicação mais fraca. Por tal, admito que a figura de ação permite o desdobramento em ação liderança *implicada*, ação liderança *atenuada* e ação liderança *fraca*, respetivamente.

Na análise do conjunto das figuras de ação liderança em ocorrência nos textos de mulheres e nos textos de homens, observei a sua presença em todos os textos, ainda que ligeiramente maior nos textos de homens. Não obstante, duas evidências assumem-se reveladoras. De um lado, apesar de verificar em todos os textos distintas origens enunciativas, sinalizadas pela coexistência de marcas de 1ª PS (*eu*), de 1ª PPI (*nós*) e de 3ª PS (*ele/a* parafraseável por *nós*), na representação do agir-liderança das mulheres, os processos são maioritariamente captados mobilizando no eixo da implicação as formas de enunciação que atestam a sua presença forte no texto e, portanto, a liderança implicada. Na representação do agir-liderança dos homens, a opção por formas de enunciação que enfraquecem a sua presença no texto, resultam numa maior expressividade de ação liderança atenuada. De outro lado, para além de os homens privilegiarem a representação do seu agir por intermédio da liderança atenuada (*nós*), a ação liderança implicada (*eu*) não ocorre em todos os textos; já nos textos de mulheres, para além de a liderança ser marcada pelas formas de dizer *eu*, em todos os textos é visível a emergência da ação liderança implicada.

Em suma, no conjunto das análises, apresento as conclusões mais significativas: com efeito, tendo sido atestados diferentes posicionamentos enunciativos, que reiteram a hipótese, avançada por Maria de Lourdes Pintasilgo, de que *mulheres e homens falam de forma diferente*, o facto de se observarem valores altos relativamente às formas de implicação das mulheres faz prever a possibilidade de se confirmar a tendência para as

mulheres se implicarem, mais do que os homens, nos textos que produzem. Adicionalmente, para além de as mulheres revelarem uma maior tendência, face aos homens, para dizer *eu*, a materialidade linguística/discursiva contribui para repensar as questões (sociais) da (in)visibilidade do género. Nessa medida, relacionando a materialidade linguística com as questões da liderança, nos textos de homens, a tendência para a não implicação e o privilégio pelos posicionamentos enunciativos coletivos resultam numa atitude de liderança menos implicada nos processos verbalizados, traduzindo uma instabilidade relacional entre os elementos constitutivos do agir-liderança, e sugerindo uma menor interação e um menor investimento subjetivo do agente de produção no texto. Pelo contrário, nos textos de mulheres, a tendência para se implicarem nos textos que produzem e, portanto, o privilégio pelas formas de dizer *eu*, evidenciam, por parte das mulheres, uma atitude efetiva de liderança implicada, discursivamente marcada. Uma atitude de liderança que se traduz num maior envolvimento, num maior investimento e numa maior subjetividade do actante no seu próprio agir e na (inter-)relação com o outro, o que resulta num modelo de liderança que gera empatia.

Nesta leitura das análises evidencio, por fim, que a liderança que aqui está em causa é veiculada pela linguagem: é na interação linguística que acontece, que é gerado e gerido o fenómeno da liderança. Como fenómeno linguístico, a liderança chega pela responsabilidade de quem diz e de como diz, sendo a liderança feminina, assim, visível nos processos discursivos, não só pela tendência da mulher para se implicar na representação de si, mas acima de tudo porque essa implicação é o investimento da pessoa toda. Trata-se de falar de outra maneira, dizer outra coisa, a partir de uma verdade sua: tomar a palavra. Inédita, subversiva, “porque vinda do vivido de cada uma” (Pintasilgo, 1981: 42), essa palavra feminina diz-se no singular, a partir da primeira pessoa, com audácia, implicando-se:

“Ouvir falar uma mulher do seu lugar de mulher é ver desdobrar diante de nós todo o universo que ela evoca”, “(...) é navegar com ela nos meandros da sua história, desenrolar o seu tempo de ontem a hoje e amanhã”: “(...) a tomada da palavra é, para as mulheres, a possibilidade (a audácia?) de dizer *eu* (...) que nos chega modelada por um corpo, por uma história, dizendo-se em cada momento”.

Pintasilgo, 1981: 42, 54, 43

É influenciar! É cuidar o futuro! É pensar e(m) agir! É liderança!

A terminar, alguns apontamentos orientados para o futuro:

Dada a extensão dos textos e o pormenor com que alguns aspetos foram tratados, no termo da análise, entendo que algumas questões precisam de ser retomadas ou, até, consideradas. Saliento, por exemplo, o caso dos outros constituintes do plano semântico, para além das figuras de ação, que permitem verificar como o agir é representado - *dimensões do agir* (motivacional, intencional e dos recursos para o agir); *tipos de agir* (individual ou coletivo); e papéis atribuídos aos protagonistas (*agentes* ou *atores*). Não tendo sido possível considerá-los, admito a hipótese de que possam contribuir para a análise da representação do agir-liderança, abrindo, aqui, a possibilidade de ser uma linha a retomar.

Ouso, ainda, adiantar que, se os pressupostos teórico-epistemológicos e os procedimentos metodológicos oferecidos pelo Interacionismo Sociodiscursivo são válidos para esta análise, originando, por sua vez, outros contributos, posso redimensionar o que Bulea havia preconizado sobre os seus métodos e dizer: as noções de *marcas de implicação* e de *figuras de ação liderança* são passíveis de exportar, pelo que é necessário pensá-las, futuramente, para outros (géneros de) textos, sob pena de esta análise ser redutora.

Tal como corrobora Coutinho, é uma necessidade (um compromisso?) de ordem prática (2012a: 9):

“voltar aos textos, ainda, outra vez, muitas vezes; sobretudo, ‘agir a palavra’”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adam, J-M.** (2008a). *A lingüística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez.
- Adam, J-M.** ([1992]2008b). *Les Textes: types et prototypes – récit, description, argumentation, explication et dialogue*. Paris: Armand Colin.
- Adam, J-M.** (1999). *Linguistique textuelle. Des genres des discours aux textes*. Paris: Nathan.
- Amossy, R.** (2010). *La présentation de soi – Ethos et identité verbale*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Amossy, R.** (2005). *Imagens de si no discurso – a construção do ethos*. São Paulo: Contexto.
- Aristóteles** (2005). *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Júnior *et al.* Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Aristóteles** (1991). *Ética e Nicômaco*. Trad. Vallandro & Bornheim. São Paulo: Editora Nova Cultural.
- Bakhtin, M./Voloshinov, V.** (2006). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. HUCITEC.
- Barreno, M. I., Horta, M. T., & Da Costa, M. V.** (2010). *Novas Cartas Portuguesas*. Amaral, A. L. (Org.). Lisboa: Dom Quixote.
- Baylon, C.** (1991). *Sociolinguistique. Société, Langue et Discours*. France: Édition Nathan.
- Beaugrand, R., & Dressler, W.** (1981). *Introduction to text linguistics*. London: Longman.
- Beauvoir, S.** ([1949]2015a). *O Segundo Sexo*. Volume 1 – Os factos e os mitos. Trad. Sérgio Milliet. Lisboa: Quetzal Editores.
- Beauvoir, S.** ([1949]2015b). *O Segundo Sexo*. Volume 2 – A experiência vivida. Trad. Sérgio Milliet. Lisboa: Quetzal Editores.
- Benveniste, É.** (1976). Da subjetividade na linguagem. *Problemas de linguística geral, 1*, 284-293. São Paulo: Companhia Editora Nacional e EDUSP.
- Bernárdez, E.** (1995). *Teoría y Epistemología del Texto*. Madrid: Cátedra.

- Bernardo, F.** (2010). *Femininografia's: Pensar-Habitar-Escrever o mundo no feminino*. In Magalhães, J., Tavares, M., Coelho, S., Góis, M., & Seixas, E. (Coord.), *Quem tem medo dos feminismos?* (pp. 213-229). Funchal: Nova Delphi.
- Bota, C., & Bronckart, J-P.** (2007). Volochinov et Bakhtine: deux approches radicalement opposées des genres de textes et de leur statut. *Linx*, 56, 73-89. URL: <https://linx.revues.org/360>. Acesso em 27 de setembro de 2016.
- Bronckart, J-P.** (2012). A linguagem no centro dos sistemas que constituem o ser humano. *Caderno das Letras*, 11, 33-53. Centro de letras e comunicação: Universidade Federal de Pelotas.
- Bronckart, J-P.** (2009). Le langage au coeur du fonctionnement humain. Un essai d'intégration des apports de Voloshinov, Vygotski et Saussure. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 3, 31-62. Lisboa: Edições Colibri/CLUNL.
- Bronckart, J-P.** (2008a). Discussion de quelques concepts pour une approche praxéologique du langage. In CD-ROM des *Actes du 1er Congrès mondial de linguistique française* (pp. 855-861). URL: <http://dx.doi.org/10.1051/cmlf08313>. Acesso em 16 de outubro de 2016.
- Bronckart, J-P.** (2008b). Genre de textes, types de discours et “degrés” de langue. Hommage à François Rastier. *Texto!*, XIII(1), 1-95. URL: <http://www.revue-texto.net/index.php?id=86>. Acesso em 07 de junho de 2018.
- Bronckart, J-P.** (2008c). *O agir nos discursos. Das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Trad. A. R. Machado & M. L. Matêncio. Campinas: Mercado das Letras.
- Bronckart, J-P.** (2007). Un retour nécessaire sur la question du développement. *Colloque Vygotski et les recherches en éducation et en didactiques des disciplines* (PPT). URL: <https://isd-international.org/site/wp-content/uploads/2017/11/Vyg2-2007-ConfJPB-ppt.pdf>. Acesso em 22 de outubro de 2020.
- Bronckart, J-P.** (2006a). *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Machado, A. R., & Matencio M. L. (Orgs.). Campinas/São Paulo: Mercado das Letras.
- Bronckart, J-P.** (2006b). Interacionismo Sócio-discursivo: uma entrevista com Jean Paul Bronckart. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, 4(6), 1-30.

- Bronckart, J-P.** (2005). Os Gêneros de Texto e os Tipos de Discurso como formatos das interações de desenvolvimento. In Anscombre, J-C. *et al.* (Eds.), *Análise do Discurso* (pp. 37-75). Lisboa: Hugin.
- Bronckart, J-P.** (2004a). Le langage comme agir et l'analyse des discours. In *Agir et discours en situation de travail* (pp. 67-87). Genève: FAPSE, UNIGE, *Les Cahiers de la Section des Sciences de l'Education*, 103.
- Bronckart, J-P.** (2004b). Pour un développement collectif de l'interactionisme sociodiscursif. *Caleidoscópico*, 2(2), 113-123.
- Bronckart, J-P.** (2004c). Pourquoi et comment analyser l'agir verbal et non verbal en situation de travail?. In *Agir et discours en situation de travail* (pp. 11-144). Genève: FAPSE, UNIGE, *Les Cahiers de la Section des Sciences de l'Education*, 103.
- Bronckart, J-P.** (2004d). Les genres de textes et leur contribution au développement psychologique. *Langages*, 153, 98-108.
- Bronckart, J-P.** ([1997]1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC.
- Bronckart, J-P.** (1997). *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme sócio-discursif*. Paris: Delachaux et Niestlé.
- Bronckart, J-P., & Bulea, E.** (2011). Como o psiquismo humano se torna histórico-cultural? As contribuições da análise saussuriana às teses desenvolvimentais de Vigotski". *cadernoscenpec*, 1(1), 147-166.
- Bronckart, J-P., & Bulea, E.** (2006). La dynamique de l'agir dans la dynamique des discours. In *Sujet, activité, environnement: approches, problèmes, outils* (pp. 105-134). Paris: PUF.
- Bronckart, J-P., Bulea, E., & Fristalon, I.** (2004). Les conditions d'émergence de l'action dans le langage. *Cahiers de Linguistique Française*, 26, 345-369.
- Bronckart, J-P., Bulea, E., & Bota, C.** (2014). *O projeto de Ferdinand de Saussure*. Fortaleza: Parole.

- Bronckart, J-P., & Machado, A. R.** (2004). Procedimentos de análise de textos sobre o trabalho educacional. In *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva* (pp. 131-163). Londrina: Eduel.
- Bronckart, J-P., et al.** (2004). *Agir et discours en situation de travail*. Genève: FAPSE, UNIGE, *Les Cahiers de la Section des Sciences de l'Education*, 103.
- Bulea, E.** (2016). Tipos de discurso e interpretação do agir: o potencial de desenvolvimento das figuras de ação. *D.E.L.T.A.*, 32(1), 189-213.
- Bulea, E.** (2014a). É assim que vivem os signos?. Trad. Antónia Coutinho. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 9, 61-93. Lisboa: Edições Colibri/CLUNL.
- Bulea, E.** (2014b). *Langage, interprétation de l'agir et développement. Le rôle de l'activité langagière dans les démarches d'analyse des pratiques à visée formative*. Saarbrücken, Deutschland: PAF (Presses Académiques Francophones).
- Bulea, E.** (2010a). La langue au service du texte?. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 5, 55-76. Lisboa: Edições Colibri/CLUNL.
- Bulea, E.** (2010b). *Linguagem e efeitos desenvolvimentais da interpretação da atividade*. Campinas/São Paulo: Mercado das Letras.
- Bulea, E.** (2009). Types de discours et interpretation de l'agir: le potentiel développemental des figures d'action. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 3, 135-152. Lisboa: Edições Colibri/CLUNL.
- Bulea, E.** (2006). La nature dynamique des faits langagiers, ou de la "vie" chez Ferdinand de Saussure. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 59, 5-19.
- Bulea, E., & Bronckart, J-P.** (2008). As potencialidades praxiológicas e epistêmicas dos (tipos de) discursos. *SCRIPTA*, 12(22), 42-83.
- Bulea, E., Leurquin, E., & Carneiro, F.** (2013). O agir do professor e as figuras de ação: por uma análise interacionista. In Bueno, L., Lopes, M. A., Cristovão, V. L. (Eds.), *Gêneros textuais e formação inicial: uma homenagem a Malu Matencio* (pp. 109-132). Campinas: Mercado de Letras.

- Bulea, E., & Fristalon, I.** (2004). Agir, agentivité et temporalité dans des entretiens sur le travail infirmier. In *Agir et discours en situation de travail* (pp. 213-262). Genève: FAPSE, UNIGE, *Les Cahiers de la Section des Sciences de l'Éducation*, 103.
- Charaudeau, P.** (2009). Le discours de manipulation entre persuasion et influence sociale. *Acte du colloque de Lyon*, 1-14.
- Charaudeau, P.** (2007). De l'argumentation entre les visées d'influence de la situation de communication. In Boix, C., *Argumentation, Manipulation, Persuasion*. Paris: L'Harmattan.
- Charaudeau, P., & Maingueneau, D.** (2004). *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto.
- Cixous, H.** (1997). Sorties : out and out : attacks/ways out/forays. In Belsey, C., & Moore, J. (eds.). *The Feminist reader. Essays in gender and the politics of literary criticism*. London: Macmillan Press.
- Collin, F.** (1981). Béatrice Didier, *L'écriture-femme*, PUF. *Les Bulletins du GRIF*, 5, 17-18. URL: http://www.persee.fr/doc/grif_07706138_1981_num_5_1_2300_t1_0017_0000_2. Acesso em 09 de abril de 2018.
- Coseriu, E.** (2007). *Linguística del texto. Introducción a la hermenéutica del sentido*. Madrid: Arco/Libros, S.L.
- Coutinho, M. A.** (2017). Da natureza heurística da Teoria do Texto. *Revista Investigações*, 30(2), 153-172.
- Coutinho, M. A.** (2014a). Language in Action: Epistemological and Methodological Issues. In: *From Language to Discourse*, ed. Clara Nunes Correia (Coord.), Camile Tanto, Larysa Shotropa, Lúcia Cunha & Noémia Jorge, Cambridge Scholars Publishing, pp. 224-235.
- Coutinho, M. A.** (2014b). Les liages textuels au défi d'une approche descendante. In Monte, M., & Philippe, G., *Genres et textes. Déterminations, évolutions et confrontations* (pp. 269-286). Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- Coutinho, M. A.** (2012a). As mulheres no pensamento de Maria de Lourdes Pintasilgo. *Faces de Eva*, 27, 9-25. Lisboa: Edições Colibri/ CLUNL.
- Coutinho, M. A.** (2012b). *Teoria do Texto* (Relatório de unidade curricular no âmbito do concurso para Professor Associado na área disciplinar de Linguística, Linguística do Texto e

do Discurso). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

Coutinho, M. A. (2012c). Dos géneros de texto à gramática. *D.E.L.T.A.*, 28(1), 27-50.

Coutinho, M. A. (2008). Marcadores discursivos e tipos de discurso. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 2, 193-210. Lisboa: Edições Colibri/CLUNL.

Coutinho, M. A. (2007). Descrever géneros de texto: resistências e estratégias. In *IV Simpósio Internacional de Estudos de Géneros Textuais (SIGET)* – CD-ROM (pp. 639-647). Santa Catarina: Universidade do Sul de Santa Catarina, Brasil. URL: <http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/cd/Port/20.pdf>. Acesso em 5 de janeiro de 2017.

Coutinho, M. A. (2006). O texto como objecto empírico: consequências e desafios para a linguística. *Veredas*, 10(1-2), 1-13.

URL: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo076.pdf>. Acesso em 07 de junho de 2017.

Coutinho, M. A. (2005). Para uma linguística dos géneros de texto. *Diacrítica*, 19(1), 73-88. Braga: Universidade do Minho.

Coutinho, M. A. (2004). Schematisation (discursive) et disposition (textuelle). In Adam, J-M., Grize, J-B., & Bouacha, M. (Orgs.), *Texte et discours: catégories pour l'analyse* (29-42). Dijon: Editions Universitaires de Dijon.

Coutinho, M. A. (2001). Saberes e dizeres. *Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*, 14, 141-151. Lisboa: Edições Colibri.

Coutinho, M. A. (1999). *Texto(s) e competência textual* (Tese de Doutoramento em Linguística – Teoria do Texto). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

Coutinho, A., & Miranda, F. (2009). To describe textual genres: problems and strategies. In Bazerman, C., Figueiredo, D., & Bonini, A. (Orgs.), *Genre in a Changing World* (pp. 35-55). Colorado & Indiana: Parlor Press & WAC Clearinghouse.

Cunha, M. C. (2015). *A configuração linguística do agir institucional em sítios web* (Tese de Doutoramento em Linguística – Linguística do Texto e do Discurso). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

- Dionísio, Â., Machado, A. R., & Bezerra, M. A. (Eds.)** (2007). *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- Duarte, I.** (2003). Aspectos linguísticos da organização textual. In Mateus, M. H. *et al.*, *Gramática da Língua Portuguesa* (pp. 85-123). Lisboa: Caminho (5ª ed. revista e aumentada).
- Eagly, A. H., & Carli, L. L.** (2003). The female leadership advantage: An evaluation of the evidence. *The Leadership Quarterly*, 14, 807-834.
- Flick, U.** (2002). Qualitative research – state of the art. *Social Science Information*, 41(1), 5-24.
- Fonseca, J.** (1994). O lugar da pragmática na teoria e na análise linguísticas. *Máthesis*, 3, 35-42. Disponível em: http://www4.crb.ucp.pt/biblioteca/mathesis/Mat3/mathesis3_35.pdf. Acesso em 27 de setembro de 2016.
- Freitag, R., & Severo, C. (Eds.)**. (2015). *Mulheres, linguagem e poder: estudos de gênero na sociolinguística brasileira*. São Paulo: Blucher.
- Genette, G.** (1979). *Introduction à l'architexte*. Paris: Seuil.
- Gonçalves, M.** (2017). Texto e gênero: modalidade ou modalização?. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 3-09, 99-117.
- Gonçalves, A., Batista, J., & Diel, T.** (2017). O ensino de gêneros orais nas aulas de língua portuguesa: reflexões sobre o trabalho docente. *LETRAS*, 27(54), 127-147.
- Halliday, M. A. K., & Hasan, R.** (1985). *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- Halliday, M. A. K., & Hasan, R.** (1976). *Cohesion in English*. London & New York: Longman.
- Halliday, M. A. K., & Matthiessen, C.** (2004). *An Introduction to Functional Grammar*. London: Hodder Arnold.
- Heberle, V., Ostermann, A., & Figueiredo, D. (Eds.)**. (2006). *Linguagem e gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos*. Florianópolis: Editora da UFSC.
- Irigaray, L.** (1993). *Je, tu, nous. Toward a Culture of Difference*. Trad. Alison Martin. New York: Routledge.

- Irigaray, L.** (1985). *Parler n'est jamais neutre*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Joaquim, C. D. C.** (2021). A repetição como estratégia de (re)formulação em discursos políticos de autoria feminina e masculina: uma questão de gênero(s)? *Reformuler, une question de genres? / Reformular, uma questão de géneros?*, Driss A., Gonçalves, M. & Silva, F. (eds.), V. N. Famalicão: Editora Húmus, 1ª edição, 309-332.
- Joaquim, C. D. C.** (2021). Linguagem e gênero: uma abordagem exploratória da configuração linguística da enunciação de mulheres em posição de destaque. *Textos Seleccionados do XIII e XIV Fórum de Partilha Linguística*, Barbero, C. & Tomaz, M. (eds.), Lisboa: NOVA FCSH – CLUNL, 31-43.
- Joaquim, C. D. C.** (2021). Haverá um falar-de-mulher? As marcas de (in)determinação do sujeito como estratégia de (não) implicação em entrevistas a mulheres e homens de destaque. *Textos Seleccionados do XIII e XIV Fórum de Partilha Linguística*, Barbero, C. & Tomaz, M. (eds.), Lisboa: NOVA FCSH – CLUNL, 195-207.
- Joaquim, C. D. C.** (2019). A representação discursiva de mulheres e homens em posição de destaque: um estudo comparativo e exploratório. *Linguagens de Poder*, Marques, M. A. & Guimarães, S. (eds.), V. N. Famalicão: Editora Húmus/CEHUM, 1ª edição, 133-157.
- Jodelet, D.** (2003). Aperçus sur les méthodologies qualitative. In Moscovici, S., & Fabrice B. (Eds.). *Les méthodes des sciences humaines* (pp. 139-162). Paris: PUF.
- Kerbrat-Orecchioni, C.** (2001). *Les actes de langage dans le discours. Théorie et fonctionnement*. Paris: Nathan.
- Kerbrat-Orecchioni, C.** (1998). *L'énonciation de la subjectivité dans le langage*. Paris: Armand Colin.
- Koch, I.** (1997). Lingüística Textual: Retrospectos e Perspectivas. *Alfa*, 41, 67-78. São Paulo: Unicamp.
- Lakoff, R.** (2004). *Language and Woman's Place: Text and Commentaries*. New York: Oxford University Press.
- Leontyev, A. N.** ([1977]2009). *Activity and Consciousness*. In *Marxists Internet Archive* (pp. 1-192).

- Machado, A. R.** (2005). A perspectiva interacionista sociodiscursiva de Bronckart. In Meurer, J. L., Bonini, A., & Motta-Roth, D. (Eds.). *Gêneros: teorias, métodos, debates* (pp. 237-259). São Paulo: Parábola.
- Machado, A. R., & Bronckart, J-P.** (2009). (Re-)configurações do trabalho do professor construídas nos e pelos textos: a perspectiva metodológica do grupo ALTER-LAEL. In Machado, A. R., *Linguagem e Educação. O trabalho do professor em uma nova perspectiva* (pp. 31-77). Campinas: Mercado de Letras.
- Machado, A. R., & Bronckart, J-P.** (2005). De que modo os textos oficiais prescrevem o trabalho do professor? Análise comparativa de documentos brasileiros e genebrinos. *D.E.L.T.A.*, 21(2), 183-214.
- Mainqueneau, D.** (2008). A noção de ethos discursivo. In Motta Raquel, A., & Salgado, L., *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto.
- Mainqueneau, D.** (2005a). As Categorias da Análise do Discurso. In: Anscombre, J-C. *et al.* (Eds.), *Análise do Discurso* (pp. 81-104). Lisboa: Hugin.
- Mainqueneau, D.** (2005b). Ethos, cenografia, incorporação. In Amossy, R. (Ed.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos* (pp. 68-92). São Paulo: Contexto.
- Marcuschi, L. A.** (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Marques, M. A.** (2008). Arrogância e Construção do ethos no Discurso Político Português. *Actas do III Simpósio Internacional de Análise do Discurso*, 1-10. URL: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/27048/1/Arrog%C3%A2ncia%20e%20ethos.pdf>. Acesso em 01 de setembro de 2016.
- Marques, M. A.** (2000). *Funcionamento do Discurso Político Parlamentar – organização enunciativa no Debate da Interpeção ao Governo*. Braga: CEHUM/Universidade do Minho.
- Martins, C.** (2013). *Mulheres, política e visibilidade mediática. As lideranças de Maria de Lourdes Pintasilgo e de Manuela Ferreira Leite* (Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação – Estudo dos Media e do Jornalismo). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Portugal.
- Menéndez, F.** (2007). Salazar ou a conquista discursiva do poder. *Veredas - Revista de Estudios Lingüísticos*, 1-12.

URL: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo111.pdf>. Acesso em 01 de setembro de 2016.

Miranda, F. (2010). *Textos e géneros em diálogo. Uma abordagem linguística da intertextualização*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Miranda, F. (2008). Géneros de texto e tipos de discurso na perspectiva do Interaccionismo Sociodiscursivo: que relações?. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 1, 81-100. Edições Colibri/CLUNL.

Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Ostermann, A. C., & Fontana, B. (Eds.). (2010). *Linguagem, Género, Sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola Editorial.

Pintasilgo, M. (1988). Notes diverses jointes à un article rédigé en portugais sur les femmes. Centro de documentação e de publicações da Fundação *Cuidar o Futuro*, Pasta 0262.002. URL: <http://www.arquivopintasilgo.pt/arquivopintasilgo/Documentos/0262.002.pdf>. Acesso em 09 de abril de 2018.

Pintasilgo, M. (1981). *Os novos feminismos: interrogação para os cristãos?*. Lisboa: Moraes Editores.

Pinto, A. (2020). Os refugiados em manifestos políticos presidenciais: entre silenciar e dar voz. *Comunicação e Sociedade*, 38, 41-57.

Pinto, A. (2013). Marcas de dialogismo e polifonia nos manifestos políticos das presidenciais de 2011. *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 8, 195-212. Lisboa: Edições Colibri/CLUNL.

Pinto, C. (2006). Elementos para uma análise de discurso político. *Revista Barbaroi*, 24, 78-109.

Pita, S., & Pinto, R. (2014). Construção dos ethè em discursos políticos em Portugal e no Brasil: um estudo comparativo. *REDIS: Revista de estudos do discurso*, 3, 126-155.

Prigogine, I. (1990). O Homem e a Natureza. In *Balanço do Século* (pp. 191-216). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Rastier, F. (2001). *Arts et sciences du texte*. Paris: PUF.

- Ricoeur, P.** (1986). *Du texte à l'action. Essais d'herméneutique II*. Paris: Seuil. Tradução Portuguesa, Porto: Rés Ed.
- Rivera, F., & Artmann, E.** (2006). "A liderança como intersubjetividade lingüística". *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, 10(20), 411-426.
- Saussure, F.** (2004). *Escritos de Linguística Geral*. In Bouquet, S., & Engler, R. (Eds.). São Paulo: Cultrix.
- Saussure, F.** (1995). *Curso de Linguística geral*. Trad. Antonio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.
- Simonin-Grumbach, J.** (1975). Pour une typologie des discours. In Kristeva, J., *et al.* (Eds.), *Langue, discours, société* (pp. 85-121). Paris: Seuil.
- Tannen, D.** (1993). *Gender and conversational interaction*. New York: Oxford University Press.
- Tannen, D.** (1990). *You just don't understand: Women and men in conversation*. New York: Morrow.
- Tannen, D.** (1984). *Conversational style: Analyzing talk among friends*. Norwood: Ablex.
- Tavares, M.** (2011). *Feminismos: percursos e desafios (1947-2007)*. Lisboa: Texto Editores.
- Van Dijk, T.** (2006). *De la Gramática del Texto al Análisis Crítico del Discurso. Una breve autobiografía académica*. Barcelona: Universidad Pompeu Fabra.
- Van Dijk, T.** (1992). *La ciencia del texto*. Barcelona: Ediciones Paidós.
- Voloshinov, V.** ([1929]1977). *Marxism and the Philosophy of Language*. Harvard: Harvard University and the Academic Press Inc. [Edição original: Voloshinov, Valentin Nikolaevich (1929). *Marksizm i filosofijazyka*. Leningrad: Proboj].
- Vygotski, L.** ([1934]1997). *Pensée et langage*. Trad. F. Séve. Paris: La Dispute.

CORPUS

TM1

Pintasilgo, M. (1979). Discurso na apresentação do programa do Governo. Pasta 0094.020 do Arquivo da FCF.

URL: <https://www.arquivopintasilgo.pt/arquivopintasilgo/Documentos/0094.020.pdf>.

Acesso em 03 de janeiro de 2022.

TM2

Esteves, A. (2011). Discurso de tomada de posse de S. Exa a Presidente da Assembleia da República na XII Legislatura.

URL:

<https://www.parlamento.pt/sites/PAR/PARXIII/Presidente/Paginas/DiscursoPosse.aspx>.

Acesso em 07 de junho de 2017.

TM3

Garcia, M. (2012). Discurso de Posse da Magnífica Reitora da Universidade Católica Portuguesa. *Gaudium Sciendi*, 3, 17-30.

URL: http://www2.ucp.pt/resources/Documentos/SCUCP/GaudiumSciendi/GaudiumSciendi_N3/N3_ParteI_Discurso%20Reitora%20Mar%C3%A7o.pdf. Acesso em 08 de setembro de 2018.

TM4

Mota, I. (2017). Discurso de tomada de posse. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Gabinete do Presidente.

URL: https://content.gulbenkian.pt/wpcontent/uploads/2017/05/29151927/2017_Discursode tomadaposse_vfinal.pdf. Acesso em 08 de setembro de 2018.

TM5

Matias, M. (2015). Declaração de Marisa Matias. *Esquerda*, página oficial. URL: <https://www.esquerda.net/videos/candidato-me-em-nome-da-esperanca-de-um-pais-novo-e-justo/39475>. Acesso em 08 de setembro de 2018.

TM6

Gomes, A. (2020). Portugal é connosco. Discurso de candidatura às presidenciais de 2021. URL: <https://anagomes2021.pt/portugal-e-connosco/>. Acesso em 20 de fevereiro de 2021.

TH1

Mota Pinto, C. (1986). 4 de Dezembro de 1978. Discurso proferido na Assembleia da República, quando da apresentação do programa do Governo. In Mota Pinto, C., *Servir Portugal. Textos escolhidos* (pp. 147-150). Publicações Dom Quixote.

TH2

Gama, J. (2005). Intervenção na posse do Presidente da Assembleia da República. URL: <https://debates.parlamento.pt/catalogo/r3/dar/01/10/01/002/2005-03-16?sft=true&pOffset=220&pPeriodo=r3&pPublicacao=dar&pSerie=01&pLegis=10&deputado=263#p25>. Acesso em 07 de junho de 2017.

TH3

Cruz, M. (2012). Posse do cargo de Reitor. In Cruz, M., *Os Dias da Universidade e outras intervenções* (pp. 15-21). Lisboa: Universidade Católica Editora.

TH4

Silva, A. (2012). Discurso de início de mandato. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Gabinete do Presidente. URL: <https://gulbenkian.pt/fundacao/discursos/>. Acesso em 08 de setembro de 2018.

TH5:

Silva, E. (2015). Declaração de Candidatura de Edgar Silva às Eleições Presidenciais 2016.

URL: <http://www.edgarsilva2016.pt/declaracao>. Acesso em 04 de fevereiro de 2021.

TH6

Ferreira, J. (2020). Declaração de Candidatura de João Ferreira às Eleições Presidenciais

2021. URL: <http://www.joaoferreira2021.pt/declaracao>. Acesso em 04 de fevereiro de 2021.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1. Abordagem descendente da análise textual | 21 |
| Figura 2. Condições de produção dos textos | 34 |
| Figura 3. Níveis da arquitetura textual | 35 |
| Figura 4. Constituintes do plano organizacional | 39 |
| Figura 5. Constituintes do plano enunciativo | 42 |
| Figura 6. Modalizações | 45 |
| Figura 7: Constituintes do plano da semiologia do agir | 47 |
| Figura 8. Elementos constitutivos do agir | 48 |
| Figura 9: Relações das categorias <i>texto</i> , <i>discurso</i> e <i>género</i> | 50 |
| Figura 10. Os mundos discursivos | 56 |
| Figura 11. Os tipos de discurso | 57 |
| Figura 12. Configuração linguística do <i>discurso interativo</i> | 60 |
| Figura 13. Configuração linguística do <i>discurso teórico</i> | 61 |
| Figura 14. Configuração linguística do <i>relato interativo</i> | 62 |
| Figura 15. Configuração linguística da <i>narração</i> | 63 |
| Figura 16. Relação entre variantes de tipos de discurso e géneros de texto | 65 |
| Figura 17. Características diferenciais das figuras de ação | 85 |
| Figura 18. Agentes de produção | 92 |
| Figura 19. <i>Corpus</i> de análise | 96 |
| Figura 20. Etapas procedimentais da análise textual | 105 |
| Figura 21. Moldura teórico-metodológica da análise textual | 108 |
| Figura 22. Aparelho analítico dos aspetos situacionais | 110 |
| Figura 23. Aparelho analítico dos aspetos temático-composicionais | 111 |
| Figura 24. Aparelho analítico dos aspetos linguístico-discursivos | 113 |
| Figura 25. Marcas de implicação | 113 |
| Figura 26. Aparelho analítico dos aspetos semiológico-interpretativos | 115 |
| Figura 27. Os aspetos situacionais nos textos de mulheres | 123 |
| Figura 28. Os aspetos situacionais nos textos de homens | 127 |
| Figura 29. Os aspetos temático-composicionais nos textos de mulheres | 138 |
| Figura 30. Configuração composicional da <i>intervenção pública</i> | 139 |
| Figura 31. Configuração temática da <i>intervenção pública</i> | 140 |

| | |
|--|-----|
| Figura 32. Os aspetos temático-composicionais nos textos de homens | 147 |
| Figura 33. Ocorrência dos tipos de discurso nos textos de mulheres | 154 |
| Figura 34. Ocorrência das marcas de implicação nos textos de mulheres | 160 |
| Figura 35. Ocorrência dos tipos de discurso nos textos de homens | 163 |
| Figura 36. Ocorrência das marcas de implicação nos textos de homens | 166 |
| Figura 37. Caracterização formal dos textos de mulheres | 168 |
| Figura 38. Caracterização formal dos textos de homens | 168 |
| Figura 39. Estudo comparativo da ocorrência dos tipos de discurso | 169 |
| Figura 40. Estudo comparativo da ocorrência das marcas de implicação | 171 |
| Figura 41. Características diferenciais da <i>figura de ação liderança</i> | 193 |
| Figura 42. A(s) <i>figura(s) de ação liderança</i> | 195 |
| Figura 43. Levantamento das <i>figuras de ação liderança</i> no TM1 | 200 |
| Figura 44. Levantamento das <i>figuras de ação liderança</i> no TM2 | 203 |
| Figura 45. Levantamento das <i>figuras de ação liderança</i> no TM3 | 205 |
| Figura 46. Levantamento das <i>figuras de ação liderança</i> no TM4 | 207 |
| Figura 47. Levantamento das <i>figuras de ação liderança</i> no TM5 | 209 |
| Figura 48. Levantamento das <i>figuras de ação liderança</i> no TM6 | 211 |
| Figura 49. Levantamento das <i>figuras de ação liderança</i> no TH1 | 214 |
| Figura 50. Levantamento das <i>figuras de ação liderança</i> no TH2 | 216 |
| Figura 51. Levantamento das <i>figuras de ação liderança</i> no TH3 | 219 |
| Figura 52. Levantamento das <i>figuras de ação liderança</i> no TH4 | 223 |
| Figura 53. Levantamento das <i>figuras de ação liderança</i> no TH5 | 225 |
| Figura 54. Levantamento das <i>figuras de ação liderança</i> no TH6 | 227 |
| Figura 55. Ocorrência das <i>figuras de ação liderança</i> nos textos de mulheres | 230 |
| Figura 56. Ocorrência das <i>figuras de ação liderança</i> nos textos de homens | 231 |
| Figura 57. Estudo comparativo da ocorrência das <i>figuras de ação liderança</i> | 232 |

LISTA DE ANEXOS

| | |
|--|-----|
| ANEXO A. Análise dos aspetos linguístico-discursivos | 261 |
| A.1. Quadro 1. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TM1 | 262 |
| A.2. Quadro 2. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TM2 | 275 |
| A.3. Quadro 3. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TM3 | 282 |
| A.4. Quadro 4. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TM4 | 298 |
| A.5. Quadro 5. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TM5 | 310 |
| A.6. Quadro 6. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TM6 | 324 |
| A.7. Quadro 7. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TH1 | 330 |
| A.8. Quadro 8. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TH2 | 337 |
| A.9. Quadro 9. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TH3 | 346 |
| A.10. Quadro 10. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TH4 | 360 |
| A.11. Quadro 11. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TH5 | 374 |
| A.12. Quadro 12. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TH6 | 394 |
| | |
| ANEXO B. <i>Corpus</i> de análise | 409 |
| | |
| B.1. <i>Corpus</i> | 410 |
| B.2. TM1 | 411 |
| B.3. TM2 | 416 |
| B.4. TM3 | 420 |
| B.5. TM4 | 432 |
| B.6. TM5 | 448 |
| B.7. TM6 | 454 |
| B.8. TH1 | 457 |
| B.9. TH2 | 462 |
| B.10. TH3 | 474 |
| B.11. TH4 | 482 |
| B.12. TH5 | 490 |
| B.13. TH6 | 499 |

ANEXO A. Análise dos aspetos linguístico-discursivos

Anexo A.1.

| Quadro 1. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TM1 | | | | | |
|--|------------------|---|--|--|---------------------|
| § | Segmento textual | Marcas linguísticas e enunciativas | Tipo de discurso | Segmento | |
| Abertura | P.1 | Senhor Presidente da Assembleia da República, Senhoras Deputadas, Senhores Deputados: | Unidades que remetem para a interação verbal: designação de destinatários diretos por intermédio de nomes próprios e de formas de tratamento (justificado pelo contexto de produção) | Discurso interativo | S.1 |
| | Introdução | P.2 | Eis-me perante a Assembleia da República, a cumprir o preceito constitucional de apresentação do Programa do Governo. | Presença de marcas de pessoa de 1ª PS, que remetem para o protagonista da interação verbal (2 ocorrências): - pronome pessoal de 1ª PS (<i>me</i>), intensificado pelo advérbio de designação <i>eis</i> (com valor de proximidade espacial e temporal (presente); e com valor deítico - de pessoa, tempo e espaço) - desinência número-pessoal do verbo Forma verbal de infinitivo pessoal | Discurso interativo |
| | | Faço-o em plena convicção de que me é concedido um privilégio: expor aos legítimos representantes do povo - perante os quais o Governo é responsável - as traves mestras de uma actuação e de uma filosofia para o que tenho vindo a chamar de "marcha dos cem dias". | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal – deíticos de 1ª PS (4 ocorrências): - pronome (<i>me</i>) - nas desinências número-pessoais de três formas verbais (<i>faço</i> , <i>tenho vindo</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>faço</i>); de pretérito perfeito composto (<i>tenho vindo</i>); de infinitivo pessoal (<i>expor</i>); e de presente do indicativo da voz passiva (<i>me é concedido</i>) Anáforas pronominais (<i>faço-o</i>) Modalização apreciativa (<i>plena convicção</i> , <i>um privilégio</i>) | Discurso interativo | S.3 |
| Desenvolvimento | P.3 | A decisão, já tomada pelo Senhor Presidente da República, de dissolução desta Assembleia em nada prejudica ou diminui o acto que hoje realizo. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal – deíticos de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal do verbo (<i>realizo</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>realizo</i>) Deítico temporal (<i>hoje</i>) Deítico espacial (<i>desta Assembleia</i>) Modalização apreciativa (<i>prejudica ou diminui</i>) | Discurso interativo | S.4 |
| | | Pelo contrário, tenho a consciência de que uma clara transparência - que o mesmo é dizer rigor e profundidade, em termos dos objectivos e das perspectivas globais do programa - é exigida ao Governo, durante o debate que hoje iniciamos. | Alternância entre: a) Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal – deíticos de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal <i>tenho</i> Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>tenho</i>) b) Marca linguística e enunciativa de 1ª PPI (coletivo <i>Governo</i> que o agente de produção integra e representa) (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal <i>iniciamos</i> Forma verbal de presente do indicativo, com | Discurso interativo | S.5 |

| | | | | |
|-----|---|--|--------------------------|-----|
| | | valor deítico (<i>iniciamos</i>) Deítico temporal (<i>hoje</i>) | | |
| | Mais: sabendo a intensa actividade legislativa realizada pela Assembleia na presente legislatura, é-me particularmente grato poder afirmar que o Governo, a que presido, se honra de poder dar execução às leis aqui votadas, independentemente do conhecimento dos grupos que contribuíram para, em cada caso, se estabelecer uma maioria. | Alternância entre: a) Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal - deíticos de 1ª PS (5 ocorrências): - nas desinências número-pessoais das formas verbais (<i>presido, é-me</i>) - outras marcas de número-pessoa implícitas (<i>[eu]sabendo, [eu]poder</i>) - no pronome <i>-me</i> em posição átona Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>presido</i>); de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>[eu]sabendo</i>); de infinitivo pessoal (<i>[eu]poder</i>); e de presente do indicativo da voz passiva (<i>é-me grato</i>) Ocorrência de verbo modal, no infinitivo pessoal (<i>poder</i>) Deítico temporal (<i>presente legislatura</i>) Deítico espacial (<i>aqui</i>) | Discurso interativo | S.6 |
| | | b) Marcas de 3ª PS, referentes à instituição <i>Governo</i> que o agente de produção integra e representa (valor de implicação fraca do <i>eu</i>): - formas verbais de presente do indicativo (<i>honra</i>) e de infinitivo pessoal (<i>poder</i>) - nome próprio <i>Governo</i> Ocorrência de verbo modal (<i>poder</i>), no infinitivo pessoal Modalizações apreciativas (<i>é-me particularmente grato; o Governo se honra...</i>) Modalizações deónticas (<i>poder afirmar, poder dar</i>) | Misto interativo-teórico | |
| P.4 | Na verdade, em democracia, o voto não é qualificado, não surge afectado de qualquer coeficiente que ligue a decisão maioritária obtida a um ou outro sector do hemiciclo. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é, surge</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>na verdade</i>) | Discurso teórico | S.7 |
| | E essa neutralidade objectiva do voto é para o Executivo, mais uma garantia de que, fazendo cumprir as leis, assume a vontade da maioria - garantia que ganha maior força pelo facto de, ao longo da história desta legislatura, a maioria não ter tido configuração monolítica. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é, assume</i>) Presença de anáforas | Discurso teórico | S.8 |
| P.5 | Assim, o que, para o poder legislativo, poderá ter sido um caminho de alianças e confrontos vários - normais e correntes em qualquer parlamento, torna-se para o Poder executivo mais uma certeza de não estar, na sua prática, a favorecer nenhuma formação política, em detrimento de outras. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>torna-se</i>); e de infinitivo pessoal de pretérito (<i>ter sido</i>) Presença de pronome indefinido <i>se</i> , sem valor deítico (<i>torna-se</i>) Ocorrência de verbo modal, no futuro (<i>poderá</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>assim</i>) Modalizações epistémicas (<i>uma certeza</i> ; | Discurso teórico | S.9 |

| | | | | |
|-----|--|--|--|------|
| | | <i>poderá ter sido)</i> | | |
| | Que outros factores não houvera e já este era suficientemente forte para postular a total isenção do Governo! | Frase não declarativa (exclamativa) Formas verbais de pretérito mais-que-perfeito (<i>houvera</i>) e pretérito perfeito simples (<i>era</i>) Presença do nome próprio <i>Governo</i> Modalização apreciativa (<i>já este era suficientemente forte</i>) | Discurso interativo | S.10 |
| P.6 | Julgo, porém, que a Assembleia tem o direito de saber, de forma mais completa, que imagem tem o Governo de si próprio: que Governo é, como entende sê-lo. | Marcas de pessoa - unidades deícticas de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal do verbo (<i>julgo</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>julgo</i>) Presença do nome próprio <i>Governo</i> Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>porém</i>) Modalização epistémica (<i>Julgo que</i>) | Discurso interativo | S.11 |
| P.7 | As circunstâncias especiais que conduziram à formação deste Governo levantaram, naturalmente, dúvidas quanto à sua natureza e aos seus limites. | Presença de unidades deícticas que remetem para a interação verbal: marcas de 3ª PS, referentes à instituição <i>Governo</i> que o agente de produção integra e representa: - determinante demonstrativo + nome próprio <i>Governo</i> Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>conduziram, levantaram</i>) Anáforas pronominais (<i>sua</i>) | Relato interativo | S.12 |
| | Não pode o Governo escamotear, perante o povo, tais interrogações. | Marcas de 3ª PS, referentes à instituição <i>Governo</i> que o agente de produção integra e representa (coletivo com valor de implicação fraca do <i>eu</i> , porém parafraseável por <i>nós</i>): - desinência número-pessoal do verbo (<i>pode</i>) e nome próprio <i>Governo</i> Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>pode</i>) Presença de anáforas Modalização deontica (<i>não pode escamotear...</i>) | Misto interativo-teórico | S.13 |
| | Por isso tenta responder-lhes, à guisa de questões prévias, no I capítulo do Programa ao enunciar "as referências políticas" em que se enquadra. | Marcas de 3ª PS, referentes à instituição <i>Governo</i> que o agente de produção integra e representa (coletivo com valor de implicação fraca do <i>eu</i> , porém parafraseável por <i>nós</i>): - desinência número-pessoal do verbo (<i>tenta</i>) Formas verbais de presente do indicativo (<i>tenta</i>) Presença de anáforas Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>Por isso</i>) | Misto interativo-teórico | S.14 |
| P.8 | Tendo o Senhor Presidente da República anunciado simultaneamente a realização de eleições intercalares e a formação de um Governo, que governasse o País até nova clarificação do equilíbrio das forças partidárias nascida da consulta popular, o Governo a que presido, embora constitucional, surge marcado pela "transição". | Presença de: a) Formas de tratamento e nome próprio (<i>Senhor Presidente da República</i>) Construção de gerúndio composto (<i>tendo anunciado</i>), e forma verbal de pretérito imperfeito do conjuntivo b) Unidades deícticas de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal <i>presido</i> Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>presido</i>) Modalidade apreciativa (<i>embora... surge marcado pela "transição"</i>) | Relato interativo Discurso interativo | S.15 |
| | Transição e não ruptura - que tal seja bem entendido. | Forma verbal de presente do conjuntivo (<i>seja</i>) Modalidade apreciativa (<i>que tal seja bem</i>) | Discurso interativo | S.16 |

| | | <i>atendido)</i> | | |
|------|--|--|--------------------------|------|
| | O Governo insere-se numa prática e numa interdependência das instituições democráticas, exigidas pelo espírito do 25 de Abril, que não permitem encará-lo como uma descontinuidade, uma interrupção, um parêntesis na vida democrática. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>insere-se</i>) Presença de anáforas pronominais (<i>encará-lo</i>) | Discurso teórico | S.17 |
| | Transição que o Governo, sentindo-lhe as limitações está, no entanto, disposto a aproveitar nas virtualidades que encerra. | Marcas deícticas de 3ª PS (coletivo com valor de implicação fraca do <i>eu</i> , porém parafraseável por <i>nós</i>): - nas formas verbais e nome próprio <i>Governo</i> Formas verbais de presente, sem valor deíctico (<i>encerra, está</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>no entanto</i>) | Misto interativo-teórico | S.18 |
| P.9 | Primeiro, porque tal período poderá ser um "tempo de actuação" útil, para os partidos e forças políticas, permitindo a necessária clarificação da vida política portuguesa e, em consequência, a prossecução de um projecto de vida que responda, sem temores, desvios ou hesitações, às aspirações do povo português. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbo modal, no futuro (<i>poderá</i>) Construção de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>permitindo</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>primeiro, porque, em consequência</i>) Presença de anáfora nominal (<i>período de [transição]</i>) Modalização epistémica (<i>poderá ser</i>) | Discurso teórico | S.19 |
| P.10 | Depois, porque, num período de transição, a sociedade-em-trânsito não é uma sociedade fechada sobre si própria. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente, sem valor deíctico (<i>é</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>depois, porque</i>) | Discurso teórico | S.20 |
| | Escoa-se de um tempo já vivido para se alongar, adentrando-se, num tempo ainda desconhecido. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente, sem valor deíctico (<i>escoa-se</i>) Pronome indefinido <i>se</i> | Discurso teórico | S.21 |
| P.11 | O Governo, de uma tal sociedade tem necessariamente de se projectar para o futuro, agudamente consciente de que todas as suas decisões devem ser fermento revitalizador do tecido social da vida da democracia portuguesa mas também, de que todos os seus actos têm de ser garante da liberdade de actuação dos dirigentes, que as eleições intercalares levarem a assumir a condução da coisa pública. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbos modais, no presente do indicativo (<i>tem de, devem</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>mas também</i>) Modalizações deonticas (<i>tem necessariamente de, devem ser, têm de ser</i>) | Discurso teórico | S.22 |
| P.12 | Tem este Governo, assim, a firme convicção de que lhe compete preparar, a muitos níveis, as tarefas dos que vierem a seguir. | Marcas deícticas de 3ª PS (coletivo com valor de implicação fraca do <i>eu</i> , porém parafraseável por <i>nós</i>): - nas formas verbais; e no determinate demonstrativo+nome próprio <i>Governo</i> Forma verbal de presente (<i>tem</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>assim</i>) Anáforas pronominais referentes a <i>Governo</i> (<i>lhe</i>) Modalização epistémica (<i>tem a firme</i>) | Misto interativo-teórico | S.23 |

| | | | | |
|------|---|--|--------------------------|------|
| | | <i>convicção...)</i> | | |
| | Não considera os Governos futuros como inimigos ou rivais. | Marcas deíticas de 3ª PS nas formas verbais, referente ao coletivo <i>Governo</i> que o agente de produção representa (coletivo com valor de implicação fraca do <i>eu</i> , porém parafraseável por <i>nós</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>considera</i>), sem valor deítico | Misto interativo-teórico | S.24 |
| | Com plena consciência da sua responsabilidade política, procurará gerir as questões do Estado de tal modo que, não por incúria nem por falta de previsão, esses Governos se venham a encontrar a braços com situações cuja solução esteja fora do alcance das suas possibilidades governativas. | Marcas deíticas de 3ª PS (coletivo com valor de implicação fraca do <i>eu</i> , porém parafraseável por <i>nós</i>): - nas formas verbais (desinência número-pessoal), referente ao coletivo <i>Governo</i> que o agente de produção representa Formas verbal de futuro simples + infinitivo (<i>procurará gerir</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>de tal modo que</i>) Modalização pragmática (<i>procurará gerir</i>) | Misto interativo-teórico | S.25 |
| P.13 | Um governo de transição supõe ainda outro factor. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente (<i>supõe</i>), sem valor deítico Anáfora nominal (<i>governo de transição</i>) | Discurso teórico | S.26 |
| P.14 | É que não lhe é dado tempo para procurar, experimentando-as, várias soluções. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Construção passiva – presente do indicativo da voz passiva (<i>é dado</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>é que</i>) Presença de anáforas | Discurso teórico | S.27 |
| | Tem de gerir, decidir, executar, perante um horizonte fixo. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbo modal, no presente (<i>tem de</i>) Modalização deontica (<i>Tem de</i>) | Discurso teórico | S.28 |
| P.15 | Paradoxalmente, é assim um governo de transição aquele que, para poder governar, mais exige à partida um conjunto nítido de valores éticos e políticos que lhe sirvam de referencial e uma concepção eficaz e rigorosa da sua estrutura e funcionamento. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente (<i>é, exige</i>), sem valor deítico Ocorrência de verbo modal (<i>poder</i>) Anáfora nominal (<i>governo de transição</i>) e pronominal (<i>lhe, sua</i>) Modalização deontica (<i>poder governar</i>) Modalização apreciativa (<i>paradoxalmente</i>) | Discurso teórico | S.29 |
| | Ora os valores e referências, que norteiam a acção do Governo, constam, sucintamente, do II capítulo do programa, intitulado "perspectivas globais da acção governativa". | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Presença de formas verbais do presente, sem valor deítico (<i>norteiam, constam</i>) | Discurso teórico | S.30 |

| | | | | |
|------|--|--|--------------------------|------|
| | Que me seja permitido indicá-los, a um tempo, na perspectiva de uma visão colegialmente assumida, que o Governo, para si mesmo, definiu e na sequência das convicções pessoais de que, ao longo de vários momentos, tenho vindo a testemunhar ao País. | Presença de marcas de pessoa que remetem para o agente de produção, sob a forma de 1ª PS (3 ocorrências): <ul style="list-style-type: none"> - nos pronomes pessoais (<i>me</i>); - nas desinências número-pessoais de duas formas verbais (<i>me seja, tenho vindo</i>) Construções passivas - de presente do conjuntivo (<i>me seja permitido</i>) e do pretérito perfeito do indicativo composto (<i>tenho vindo</i>) Designação de destinatários, por intermédio de formas de tratamento+nome próprio (<i>Srs. Deputados</i>) Modalização pragmáticas (<i>Que me seja permitido</i>) | Discurso interativo | S.31 |
| P.16 | 1. O Governo considera-se vinculado, pelo seu mandato, de forma prioritária, às eleições intercalares. | Marcas deícticas de 3ª PS, referente ao coletivo <i>Governo</i> : <ul style="list-style-type: none"> - nas formas verbais (desinência número-pessoal) e no nome próprio <i>Governo</i> Formas verbais de presente do indicativo (<i>considera-se</i>) Pronome indefinido <i>se</i> Presença de anáforas (<i>seu</i> – referentes a <i>Governo</i>) | Misto interativo-teórico | S.32 |
| | É a esse mandato que vai buscar os vectores determinantes da sua actuação e as perspectivas globais em que os seus objectivos se enquadram. | Marcas deícticas de 3ª PS, referente ao coletivo <i>Governo</i> : na forma verbal Formas verbais de futuro perifrástico (<i>vai buscar</i>) Presença de anáforas (<i>sua, seus</i> – referentes a <i>Governo</i>) | Misto interativo-teórico | S.33 |
| P.17 | A primeira condição para o exercício da governação é, assim, a criação de um clima de serenidade que, para além de proporcionar o enquadramento necessário para que o acto eleitoral se realize com a correcção e a dignidade que lhe são próprios, torne possível que os Portugueses se ponham, a si próprios, as verdadeiras questões que dizem respeito à sua vida, hoje e no futuro. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é, são, dizem</i>); e de presente do conjuntivo (<i>realize, ponham, torne possível</i>) Anáforas pronominais - <i>lhe, sua</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>para além de</i>) | Discurso teórico | S.34 |
| | Ora estas questões não se identificam, necessariamente, com as zonas de confronto rígido em que frequentemente se categorizam as opções. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo (<i>identificam, categorizam</i>), sem valor deíctico Pronome indefinido <i>se</i> , sem valor deíctico Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>Ora</i>) Modalização epistémica (<i>necessariamente</i>) | Discurso teórico | S.35 |
| | Elas ultrapassam os dilemas meramente ideológicos para se situarem no plano das aspirações, das perplexidades e das motivações que tocam o quotidiano da vida individual e colectiva. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente (<i>ultrapassam</i>), sem valor deíctico Anáforas pronominais (<i>Elas</i>) | Discurso teórico | S.36 |

| | | | | |
|------|--|---|--------------------------|------|
| P.18 | Pelo seu estilo e pela sua conduta, o Governo procurará, nas breves semanas de que dispõe, contribuir para pôr em relevo outros dilemas bem mais complexos e que estão presentes em todas as formas de regime político, conscientes e democráticas. | Marcas deíticas de 3ª PS, referente ao coletivo <i>Governo</i> : - nas formas verbais (desinência número-pessoal) - no nome próprio <i>Governo</i> Forma verbal de futuro simples + infinitivo (<i>procurará contribuir</i>) Modalização pragmática (<i>procurará contribuir</i>) | Misto interativo-teórico | S.37 |
| | São esses dilemas, entre outros: a relação entre a economia e os direitos sociais; entre a acumulação e a distribuição; entre a promoção individual e a responsabilidade colectiva; entre a afirmação da identidade cultural de cada povo e a diversificação do seu relacionamento com outros povos. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Presença de forma verbal de presente, sem valor deítico (<i>são</i>) | Discurso teórico | S.38 |
| P.19 | 2. O clima de serenidade, que é intenção do Governo reforçar, não poderá deixar de ser uma atmosfera e vivência de liberdade, querida e consentida, onde mutuamente se enriqueçam as virtualidades pessoais e as aspirações colectivas. | Marcas deíticas de 3ª PS, referente ao coletivo <i>Governo</i> : - nas formas verbais (desinência número-pessoal) - no nome próprio <i>Governo</i> Forma verbal de presente + infinitivo (<i>é intenção reforçar</i>), com valor de futuro Ocorrência de verbo modal, no futuro simples + infinitivo (<i>poderá deixar</i>) Modalização deontica (<i>não poderá deixar de ser</i>) Modalização pragmática (<i>que é intenção do Governo reforçar</i>) | Misto interativo-teórico | S.39 |
| P.20 | Atento à inviolabilidade da liberdade de consciência e ao pleno exercício das restantes liberdades fundamentais, o Governo procurará estimular os Portugueses a desenvolverem a capacidade de se situarem criadoramente, face à história que lhes é dado viver. | Marcas deíticas de 3ª PS, referente ao coletivo <i>Governo</i> (implicação <i>fraca</i> do <i>eu</i> – coletivo parafraseável por <i>nós</i>): - nas formas verbais (desinência número-pessoal) - no nome próprio <i>Governo</i> Presença de formas verbais de futuro simples + infinitivo (sobretudo com recurso ao verbo <i>procurar</i> no futuro simples + infinitivo) Modalização pragmática (<i>procurará estimular</i>) | Misto interativo-teórico | S.40 |
| P.21 | Não esquecerá também que a criatividade individual encontra terreno fértil em todas as formas de associação onde estão patentes a comunidade de interesses e de afectos. | Marcas deíticas de 3ª PS, referente ao coletivo <i>Governo</i> (implicação <i>fraca</i> do <i>eu</i> – coletivo parafraseável por <i>nós</i>): - nas formas verbais (desinência número-pessoal) Forma verbal de futuro simples (<i>esquecerá</i>) | Misto interativo-teórico | S.41 |
| P.22 | Procurará, assim, dar especial relevo, aos espaços e aos gestos que exprimem a originalidade de cada um, tentando que se criem e fortaleçam organismos vivos onde a interacção criadora se possa estabelecer. | Marcas deíticas de 3ª PS, referente ao coletivo <i>Governo</i> (implicação <i>fraca</i> do <i>eu</i> – coletivo parafraseável por <i>nós</i>): - nas formas verbais (desinência número-pessoal) Presença de formas verbais de futuro simples + infinitivo (sobretudo com recurso ao verbo <i>procurar</i> no futuro+infinitivo) Modalização pragmática (<i>Procurará dar</i>) | Misto interativo-teórico | S.42 |
| P.23 | Este clima de liberdade, pessoal e de grupo, é condição para a expressão de uma identidade cultural consciente dos seus valores e dos seus objectivos. | Presença de forma verbal de presente (<i>é</i>) Presença de anáforas (<i>seus valores/seus objectivos</i> – referente a <i>Governo</i>) | Misto interativo-teórico | S.43 |

| | | | | |
|------|--|--|--------------------------|------|
| | Nela repousará a liberdade colectiva que culmina na afirmação inequívoca da independência nacional e nos esforços para a tornar actuante no concerto dos condicionalismos internacionais. | Presença de formas verbais de futuro simples (<i>repousará</i>); e de presente do indicativo, com valor de futuro (<i>culmina na (...) para a tornar</i>) Presença de anáforas (<i>nela</i> – referente a <i>Governo</i>) | Misto interativo-teórico | S.44 |
| P.24 | Creio bem que, longe já das épocas distantes de um isolamento sem brio, não podemos permitir qualquer submissão a poderes alheios, por mais neutras que sejam as suas aparências e benevolentes as suas intenções. | Alternância entre: - unidades deíticas de 1ª PS (1 ocorrência): desinência número-pessoal do verbo Forma verbal de presente do indicativo (<i>creio</i>), com valor deítico - desinência número-pessoal de 1ª PPI (1 ocorrência), no verbo modal <i>podemos</i> Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização epistémica (<i>Creio bem que</i>) Modalização deontica (<i>não podemos permitir</i>) | Discurso interativo | S.45 |
| | Onde quer que Portugal está presente, é uma história e um povo - que não se renegam nem amedrontam. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Presença de formas verbais do presente do indicativo, sem valor deítico (<i>está, é, renegam, amedrontam</i>) Pronome indefinido <i>se</i> | Discurso teórico | S.46 |
| P.25 | 3. A afirmação das liberdades vai de par, em democracia, com a prioridade atribuída à satisfação das necessidades básicas de cada povo. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente, sem valor deítico (<i>vai, é, altera-se, impede-se</i>) Pronome indefinido <i>se</i> , sem valor deítico Retomas anafóricas - nominais (<i>prioridade, direitos</i>) | Discurso teórico | S.47 |
| | No contexto português, tal prioridade é claramente afirmada pela Constituição, em termos de resposta aos direitos fundamentais dos cidadãos. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente, sem valor deítico (<i>é</i>) Pronome indefinido <i>se</i> , sem valor deítico Retomas anafóricas - nominais (<i>prioridade</i>) | Discurso teórico | S.48 |
| | A consciência desses direitos conduzirá toda a acção do actual Governo, exigindo que a política de produção de riqueza e a sua distribuição sejam subordinadas à satisfação das necessidades que condicionam o dia-a-dia da vida nacional. | Marcas deíticas de 3ª PS, referente ao coletivo <i>Governo</i> : nas formas verbais e no nome próprio <i>Governo</i> Forma verbal de futuro simples (<i>conduzirá</i>) Construção com gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>exigindo</i>) Retoma anafórica (<i>desses direitos</i>) | Misto interativo-teórico | S.49 |
| | Altera-se, assim, a tradicional correlação entre a economia e o social - impede-se que as chamadas "exigências da economia" invadam todo o campo da decisão política, provocando o estrangulamento dos objectivos sociais. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>altera-se, impede-se</i>) Pronome indefinido <i>se</i> Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>assim</i>) | Discurso teórico | S.50 |
| P.26 | Em termos práticos, isto significa que o Governo procurará minorar o fosso existente entre a camada da população que detém um poder de compra elevado, e as largas | Marcas deíticas de 3ª PS, referente ao coletivo <i>Governo</i> (implicação <i>fraca</i> do <i>eu</i> – coletivo parafraseável por <i>nós</i>): - nas formas verbais (desinência número-pessoal) | Misto interativo-teórico | S.51 |

| | | | | |
|------|---|--|--------------------------|------|
| | franjas que não chegam sequer a aceder aos níveis mínimos de subsistência. | - no nome próprio <i>Governo</i> Form verbal de futuro + infinitivo (<i>procurará minorar</i>) Anáforas pronominais (<i>isto</i>) Modalização pragmática (<i>procurará minorar</i>) | | |
| P.27 | Entender-se-á, assim, facilmente, que a alimentação, a saúde, a habitação, a educação e a segurança social constituam o conjunto de necessidades básicas que merecerão, deste Governo, todo o esforço que a sua curta duração lhe permitir. | Marcas deíticas de 3ª PS, referente ao coletivo <i>Governo</i> (implicação <i>fraca</i> do <i>eu</i> – coletivo parafraseável por <i>nós</i>): - nas formas verbais (desinência número-pessoal) - no determinante demonstrativo+nome próprio <i>Governo</i> Formas verbais de futuro simples (<i>entender-se-á, merecerão</i>) Anáforas pronominais Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>assim</i>) Modalização apreciativa (<i>facilmente</i>) | Misto interativo-teórico | S.52 |
| P.28 | 4. A preparação do acto eleitoral supõe também a mobilização de todos os recursos humanos para uma maior capacidade de decisão e de empenhamento. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente, sem valor deítico (<i>supõe</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>também</i>) | Discurso teórico | S.53 |
| | Procurará, por isso, o Governo dar incremento a todas as iniciativas em curso e leis em execução que, repartindo a autoridade, reforçam a responsabilidade de cada cidadão e de cada comunidade humana, qualquer que seja a sua dimensão. | Marcas deíticas de 3ª PS, referente ao coletivo <i>Governo</i> (implicação <i>fraca</i> do <i>eu</i> – coletivo parafraseável por <i>nós</i>): - nas formas verbais (desinência número-pessoal) - no nome próprio <i>Governo</i> Presença de forma verbal de futuro + infinitivo (<i>procurará dar</i>) Construção com gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>repartindo</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>por isso</i>) Modalização pragmática (<i>procurará dar</i>) | Misto interativo-teórico | S.54 |
| | Valorizar-se-ão, assim, todas as formas de vivência colectiva e democrática que se manifestem em qualquer local do continente e nas regiões autónomas. | Marcas deíticas de 3ª PS, referente ao coletivo <i>Governo</i> (implicação <i>fraca</i> do <i>eu</i> – coletivo parafraseável por <i>nós</i>): - nas formas verbais (desinência número-pessoal) - no nome próprio <i>Governo</i> Forma verbal de futuro simples (<i>valorizar-se-ão</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>assim</i>) | Misto interativo-teórico | S.55 |

| | | | | |
|------|--|---|--------------------------|------|
| P.29 | São as comunidades coesas e homogêneas que modelam a identidade cultural, que salvagam e enriquecem o patrimônio, que determinam a orientação da produção, que asseguram o modo mais conveniente de se organizarem e estabelecerem as normas da sua convivência, mas este movimento social, legítimo e necessário, só será operativo se a ele corresponder um aparelho de Estado capaz de se adaptar às exigências e responsabilidades que daí decorrem. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente, sem valor deíctico (<i>são, modelam, salvagam, enriquecem, determinam, asseguram</i>) Forma verbal de futuro simples (<i>será</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>mas</i>) Procedimentos de referência deíctica intratextual | Discurso teórico | S.56 |
| P.30 | Entende o Governo que para tal é indispensável descentralizar de forma clara as decisões políticas e desconcentrar as decisões técnicas. | Marcas deícticas de 3ª PS, referente ao coletivo <i>Governo</i> (implicação <i>fraca</i> do <i>eu</i> – coletivo parafraseável por <i>nós</i>): - nas formas verbais (desinência número-pessoal) - no nome próprio <i>Governo</i> Formas verbais de presente do indicativo (<i>entende</i>); e construções com infinitivo (<i>é indispensável descentralizar...</i>), com valor de futuro Modalização epistémica (<i>Entende o Governo</i>) Modalização apreciativa (<i>é indispensável...</i>) | Misto interativo-teórico | S.57 |
| | Tal desconcentração permitirá encarar, com realismo, a diversidade, tão rica em potencialidades, das várias zonas do País e responder com rapidez às exigências, reais e legítimas, das populações. | Marcas deícticas de 3ª PS, referente ao coletivo <i>Governo</i> (implicação <i>fraca</i> do <i>eu</i> – coletivo parafraseável por <i>nós</i>): - nas formas verbais (desinência número-pessoal) Forma verbal de futuro + infinitivo (<i>permitirá [ao Governo] encarar</i>) Retomas anafóricas (anáforas – <i>Tal desconcentração</i>) | Misto interativo-teórico | S.58 |
| P.31 | Senhor Presidente, Senhores Deputados: | Unidades que remetem para a interação verbal: designação de destinatários diretos por intermédio de nomes próprios e de formas de tratamento | Discurso interativo | S.59 |
| P.32 | Para além das traves mestras que acabo de enunciar ao nível dos valores, o programa que tenho a honra de apresentar traduz, ao nível das estruturas e funcionamento do Executivo, algumas inovações que, embora introduzidas a nível experimental, não deixarão de abrir caminhos para uma mais eficaz gestão da coisa pública. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal: - marcas de 1ª PS na desinência número-pessoal dos verbos (2 ocorrências) Formas verbais de presente do indicativo (<i>acabo, tenho</i>), com valor deíctico Forma verbal de futuro simples (<i>deixarão</i>) Modalização apreciativas (<i>tenho a honra</i>) | Discurso interativo | S.60 |
| P.33 | Tal é o conteúdo dos capítulos III e IV do programa onde se enunciam, respectivamente, objectivos por áreas de problemas e medidas sectoriais, a nível político e legislativo. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é, se enunciam</i>) Procedimentos de referência deíctica intratextual (<i>onde</i>) | Discurso teórico | S.61 |
| P.34 | Pela primeira vez, a área social e a área cultural aparecem na estrutura do Governo, a par da área económica. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>aparecem</i>) Organizadores temporais (<i>pela primeira vez</i>) | Discurso teórico | S.62 |

| | | | | | |
|-----------|------|---|---|--------------------------|------|
| | | Na área social se incluem não só os sectores da saúde e da segurança social mas também o trabalho, a habitação e obras públicas, os transportes e comunicações. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>incluem-se</i>) Pronome indefinido <i>se</i> Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>não só...mas também</i>) | Discurso teórico | S.63 |
| | | Com tal integração se pretende manifestar o peso da intenção social do Governo relativamente aos Ministérios responsáveis por tais sectores. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>se pretende</i>) Pronome indefinido <i>se</i> Anáforas | Discurso teórico | S.64 |
| | P.35 | Na área cultural incluem-se os sectores da cultura e da ciência - agora integrados num Ministério - e os sectores da educação e da comunicação social. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>incluem-se</i>) Pronome indefinido <i>se</i> | Discurso teórico | S.65 |
| | | Também aqui há uma intenção que pretende dar à cultura o carácter pluriforme que necessariamente tem na sociedade moderna. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>há, pretende, teme</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>também</i>) Procedimentos de referência deíctica intratextual (<i>aqui</i>) Modalização deontica (<i>necessariamente tem</i>) | Discurso teórico | S.66 |
| | P.36 | Não hesita o Governo em declarar, perante a Assembleia, que esta estrutura está longe de ser uma mera reorganização de sectores. | Marcas deícticas de 3ª PS, referente ao coletivo <i>Governo</i> (implicação <i>fraca</i> do <i>eu</i> – coletivo parafraseável por <i>nós</i>): - nas formas verbais (desinência número-pessoal) - no nome próprio <i>Governo</i> Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>hesita</i>) | Misto interativo-teórico | S.67 |
| | | Ela destina-se a permitir que o Governo realize a tarefa que lhe cabe relativamente à Administração Pública: descompartimentar para melhor coordenar. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>destina-se</i>) Presença de anáforas pronominais (<i>Ela, lhe</i>) | Discurso teórico | S.68 |
| | P.37 | Ao enunciar no capítulo IV as "principais medidas políticas e legislativas", o Governo não as identifica com o somatório dos programas internos que necessariamente guiarão a acção de cada Ministério. | Marcas deícticas de 3ª PS, referente ao coletivo <i>Governo</i> (implicação <i>fraca</i> do <i>eu</i> – coletivo parafraseável por <i>nós</i>): - nas formas verbais (desinência número-pessoal) - no nome próprio <i>Governo</i> Forma verbal de futuro simples (<i>guiarão</i>); e de presente (<i>identifica</i>) Anáforas pronominais (<i>as</i>) Modalização deontica (<i>necessariamente guiarão</i>) | Misto interativo-teórico | S.69 |
| | | Houve a preocupação de indicar, de forma selectiva, as medidas que correspondem a opções políticas, abandonando assim o esquema, até agora seguido, da listagem exaustiva das acções a empreender. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>houve</i>), de presente do indicativo sem valor deíctico (<i>corresponde</i>); e de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>abandonando</i>) | Discurso teórico | S.70 |
| Conclusão | P.38 | Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados: | Unidades que remetem para a interação verbal: designação de destinatários diretos por intermédio de nomes próprios e de formas de tratamento | Discurso interativo | S.71 |

| | | | | | |
|--------------|------|---|--|--------------------------|------|
| | P.39 | Era minha intenção ter completado o programa do Governo com uma folha que, para mim mesma, apelidei de "exortatória". | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal – marcas de 1ª PS (4 ocorrências): - no pronome pessoal (<i>mim[mesma]</i>) - no determinante possessivo (<i>minha</i>) - nas duas formas verbais (<i>apelidei, ter completado</i>) Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>apelidei</i>); e de infinitivo pessoal composto (<i>ter completado</i>) | Discurso interativo | S.72 |
| | | Não o fiz por escrito, mas faço-o agora. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - desinências número-pessoais nas formas verbais (<i>fiz, faço-o</i>) Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>fiz</i>); e de presente do indicativo (<i>faço-o</i>), com valor deíctico Anáforas pronominais (<i>o,-o</i>) Deíctico temporal (<i>agora</i>) | Discurso interativo | S.73 |
| | P.40 | Ao expor algumas linhas do programa do Governo, deixei claras as motivações e as finalidades do compromisso que, com os meus colegas no Governo, livremente assumi. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal – marcas de 1ª PS (4 ocorrências): - determinante possessivo (<i>meus</i>) - marcas número-pessoais nas três formas verbais (<i>deixei, assumi, expor</i>) Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>deixei, assumi</i>); e de infinitivo pessoal (<i>expor</i>) | Discurso interativo | S.74 |
| | | A esta Assembleia - e por ela, ao povo português - alguma coisa peço, em troca: | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal na forma verbal <i>peço</i> Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>peço</i>) Designação de destinatários (<i>esta Assembleia e povo português</i>) Deíctico espacial (<i>Assembleia</i>) Modalização pragmática (<i>alguma coisa peço em troca</i>) | Discurso interativo | S.75 |
| | P.41 | - A participação activa e consciente nas tarefas que nos cabem porque, homens e mulheres deste país, somos a maior riqueza que ele possui; | Presença de unidades deícticas, com valor dilatado, de 1º PPI (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal na forma verbal (<i>somos</i>) - nos pronomes pessoais (<i>nos; nos</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>somos</i>), com valor deíctico | Discurso interativo | S.76 |
| | P.42 | - A tolerância e o respeito mútuo, reparando injustiças, procurando soluções dialogantes para os conflitos, desfazendo os equívocos que facilmente se propagam e nos enleiam; | | Discurso interativo | S.77 |
| | P.43 | - A confiança nos outros, para além das discriminações, das passividades, das ideias feitas. | | Discurso interativo | S.78 |
| Fecho | P.44 | Fora este Governo ocasião de um tal desabrochar de valores e a sua missão estaria cumprida. | Marcas deícticas de 3ª PS, referente ao coletivo <i>Governo</i> (implicação <i>fraca</i> do <i>eu</i> – coletivo parafraseável por <i>nós</i>): - no determinante | Misto interativo-teórico | S.79 |

| | | | |
|---|--|---------------------|------|
| | demonstrativo+ <i>Governo</i> Formas verbais de pretérito-mais-que-perfeito (<i>fora</i>); e condicional composto (<i>estaria cumprida</i>), com valor atual | | |
| Por isso, um só voto exprimo: que, no termo dos 100 dias, possa dizer que "da obra ousada é minha a parte feita". | <p>Presença de unidades deícticas de 1ª PS (3 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das forma verbal (<i>exprimo</i>) - na desinência número-pessoal do verbo modal (<i>possa</i>) - nas forma pronominal possessiva (<i>minha</i>) <p>Formas verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>exprimo</i>)</p> <p>Ocorrência de verbo modal (<i>possa</i>), no presente do conjuntivo (expressão de desejo intensificada pelo organizador temporal <i>no termo dos 100 dias</i>)</p> <p>Organizador temporal, com valor de posterioridade (<i>no termo dos 100 dias</i>)</p> <p>Organizador textual lógico-argumentativo (<i>Por isso</i>)</p> <p>Mdalizações pragmáticas (<i>um só voto exprimo, possa dizer</i>)</p> | Discurso interativo | S.80 |
| O "por fazer" é com os homens e com Deus. | Forma verbal de presente do indicativo (<i>é</i>) | Discurso interativo | S.81 |

Anexo A.2.

| Quadro 2. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TM2 | | | | |
|--|------------------|---|--|----------------------------|
| § | Segmento textual | Marcas linguísticas e enunciativas | Tipo de discurso | Segmento |
| Abertura | P.1 | Sr. ^{as} e Srs. Deputados, Sr. Ministro Adjunto e dos Assuntos Parlamentares, Minhas Senhoras e Meus Senhores, | Unidades que remetem para a interação verbal: designação de destinatários diretos por intermédio de nomes próprios e de formas de tratamento (justificado pelo contexto de produção) Presença de unidades deícticas de 1ª PS (2 ocorrências): - nos determinantes possessivos (<i>minhas/meus</i>) | Discurso interativo S.1 |
| | P.2 | Presidir ao Parlamento constitui a maior honra da minha vida! | Presença de unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - no determinante demonstrativo (<i>minha</i>) - na desinência número-pessoal do verbo Forma verbal de infinitivo pessoal (<i>presidir</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>constitui</i>) Presença de frase não declarativa (exclamativa) Modalização apreciativa (<i>a maior honra da minha vida</i>) | Discurso interativo S.2 |
| Introdução | P.3 | Porque o Parlamento se constrói sobre o discurso dos direitos e da sua força legitimadora, evidenciado pelo voto universal, livre e igual. | Ausência de marcas deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>constrói</i>) Pronome indefinido <i>se</i> , sem valor deíctico Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>porque</i>) | Discurso teórico S.3 |
| | | E porque foram os parlamentos que inscreveram a dignidade humana no sentido das instituições e ligaram o exercício do poder ao progresso da civilização. | Ausência de marcas deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais da ordem do narrar, de pretérito perfeito do indicativo (<i>foram, inscreveram, ligaram</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>porque; e</i>) Paralelismo anafórico, retomado por <i>porque</i> | Narração S.4 |
| Desenvolvimento | P.4 | Nós, os Deputados, somos portadores de um mandato que se gera na igualdade e na liberdade, damos corpo a um poder que se forma na moral universal que dita os critérios da justiça. | Presença de unidades deícticas que remetem para a interação verbal, de 1ª PPI, com valor de implicação dilatado/atenuado (coletivo em que o agente de produção se insere e representa) (3 ocorrências): - na forma pronominal pessoal (<i>nós</i>), intensificada pelo nome próprio (<i>Deputados</i>) - nas desinências número-pessoais das duas formas verbais (<i>somos, damos</i>) Formas verbais de presente do indicativo (<i>somos, damos</i>), com valor deíctico | Discurso interativo S.5 |

| | | | | |
|-----|---|--|---------------------|------|
| P.5 | Que orgulho, Srs. Deputados, e que responsabilidade que é estarmos aqui! | <p>Unidades deícticas de 1ª PPI, que remetem para a interação verbal, com grau de implicação atenuado (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - nas formas verbais de infinitivo pessoal (<i>estarmos</i>) <p>Designação de destinatários diretos por intermédio de nomes próprios e de formas de tratamento, coincidente com o grupo em que o agente de produção se insere/representa</p> <p>Frase não declarativa (exclamativa)</p> <p>Deixis espacial (<i>aqui</i>)</p> <p>Modalização apreciativa (<i>Que orgulho, que responsabilidade</i>)</p> | Discurso interativo | S.6 |
| P.6 | Filhos da razão e da história da razão, somos nós o cais da esperança. | <p>Unidades deícticas de 1ª PPI, que remetem para a interação verbal, com grau de implicação atenuado (2 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - nas formas pronominais pessoais (<i>nós</i>) - na desinência número-pessoal do verbo (<i>somos</i>) <p>Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>somos</i>)</p> | Discurso interativo | S.7 |
| | Da esperança que, num domingo de Junho, saiu de casa para nos escolher, da esperança que não saiu, que é a dos cidadãos que, lá bem no fundo, esperam para se reconciliar com a política, e de uma outra esperança, a esperança silenciosa e triste dos mais frágeis e dependentes. | <p>Marcas deícticas de 1ª PPI na forma pronominal pessoal (1 ocorrência) – grupo que o agente de produção integra</p> <p>Presença de formas verbais de pretérito simples (<i>saiu</i>) e de presente do indicativo (<i>é, esperam</i>)</p> <p>Organizadores temporais (<i>num domingo de Junho</i>)</p> <p>Presença de anáforas - antecedente <i>da esperança</i> (repetição fiel do antecedente)</p> | Discurso interativo | S.8 |
| P.7 | Muitos não puderam votar, muitos vivem em espaços existenciais fechados, ou quase fechados, longe de uma opinião pública crítica e vigilante e, por isso mesmo, vendo perigar, tantas vezes, os direitos humanos. | <p>Ausência de marcas deícticas que remetem para a interação verbal</p> <p>Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>vivem</i>); de pretérito perfeito (<i>puderam</i>); e de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>vendo</i>)</p> <p>Ocorrência de verbo modal, no pretérito perfeito simples (<i>puderam</i>)</p> <p>Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>por isso</i>)</p> <p>Modalização epistêmica (<i>não puderam votar</i>)</p> | Discurso teórico | S.9 |
| P.8 | A esperança que nos convoca, Srs. Deputados, 230 eleitos! | <p>Presença de unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado, de 1ª PPI (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na forma pronominal pessoal (<i>nos</i>) <p>Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>nos convoca</i>)</p> <p>Frase não declarativa (exclamativa)</p> | Discurso interativo | S.10 |
| | Que orgulho e que responsabilidade é a nossa: ou decidimos melhorar o mundo ou teremos de perguntar como se dorme o nosso sono. | <p>Presença de unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PPI (4 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal de duas formas verbais (<i>decidimos, teremos de perguntar</i>) - na forma pronominal possessiva (<i>nossa</i>) - no determinante possessivo (<i>nosso</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>decidimos</i>); e futuro <i>ter de</i> + infinitivo (<i>teremos de perguntar</i>)</p> | Discurso interativo | S.11 |

| | | | | |
|------|--|--|---------------------|------|
| | | Frase não declarativa (exclamativa) Modalização apreciativa (<i>Que orgulho, que responsabilidade</i>) Modalização deontica (<i>teremos de perguntar</i>) | | |
| P.9 | Fomos chamados à função sagrada da representação política que nos dá o poder da legislação e do escrutínio. | Presença de unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PPI com grau de implicação atenuado (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal do verbo (<i>fomos chamados</i>) - na forma pronominal pessoal (<i>nos</i>) Construções passivas, de pretérito perfeito (<i>fomos chamados</i>) – paralelismo anafórico com segmento seguinte | Discurso interativo | S.12 |
| | Fomos chamados por um povo que tem na própria história a marca da universalidade e que anda à procura de repercutir, no futuro, a sua Odisseia. | Presença de unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal do verbo (<i>fomos chamados</i>) Construções passivas, de pretérito perfeito (<i>fomos chamados</i>) – paralelismo anafórico | Discurso interativo | S.13 |
| P.10 | Não estamos sós, aqui. | Presença de unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PPI (1 ocorrência): - nas formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>estamos</i>) Deíctico espacial (<i>aqui</i>) | Discurso interativo | S.14 |
| | São tantos os projectos, as expectativas, as inquietações que conosco se sentam e que exigem de nós que cultivemos, com os domínios da vida das pessoas concretas, formas de comunicação contínua, muito para além do tempo das eleições e do espaço dos partidos. | Presença de unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PPI (2 ocorrências): - nas formas pronominais (<i>conosco, nós</i>) Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>são, se sentam, exigem</i>) | Discurso interativo | S.15 |
| P.11 | Verdadeiramente, o que se nos exige é a reinvenção da democracia sobre o eterno <i>a priori</i> da humanidade do homem. | Presença de unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado, de 1ª PPI (1 ocorrência): - na forma pronominal pessoal (<i>nos</i>) Formas verbais do presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>exige, é</i>) Pronome indefinido <i>se</i> Modalização epistémica (<i>Verdadeiramente</i>) | Discurso interativo | S.16 |
| P.12 | Somos hoje um Parlamento no horizonte da Europa e do mundo, às portas de uma época universal já antecipada em diferentes modos pelo pensamento de Tocqueville, Kant, Goethe, Humboldt, Marx ou Simmel. | Unidades que remetem para os protagonistas da interação verbal, com implicação atenuada, de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal do verbo (<i>somos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>somos</i>) Organizador temporal (<i>hoje</i>) | Discurso interativo | S.17 |
| P.13 | O cosmopolitismo e a globalização empurram-nos para a moralidade de uma consciência de mundo e, ao mesmo tempo, revolvem os velhos paradigmas da política. | Unidades que remetem para os protagonistas da interação verbal, de 1ª PPI (1 ocorrência): - forma átona do pronome <i>-nos</i> Formas verbais de presente do indicativo (<i>empurram-nos, revolvem</i>) | Discurso interativo | S.18 |
| P.14 | Formas alargadas de união de Estados — como a União Europeia — emergem, com o esbatimento das fronteiras e da agonia da diferença entre cidadão e estrangeiro, com o trabalho político | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>emergem</i>) Pronome indefinido <i>se</i> | Discurso teórico | S.19 |

| | | | | |
|------|---|---|---------------------|------|
| | em rede, os poderes soberanos a esbaterem-se, para serem participantes no projecto moral de uma acção partilhada. | | | |
| | Mesmo contra «os velhos do Restelo», o mundo caminha para a frente e a política é cada vez mais global e antropocêntrica. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>caminha, é</i>) | Discurso teórico | S.20 |
| | O sentido da função parlamentar ganha novas dimensões neste ambiente político e social. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>ganha</i>) | Discurso teórico | S.21 |
| P.15 | Na União Europeia, devemos ser co-autores de corpo inteiro e não membros passivos, devemos lutar pela coerência da União, para que tenha um centro, pois só com um centro pode ser actor na ordem mundial, e para que se descentralize, pois só descentralizando pode ser democracia. | Presença de marcas linguísticas que remetem para os protagonistas da interação verbal, de 1ª PPI (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal <i>devemos</i> Ocorrência de verbos modais, no presente do indicativo (<i>devemos</i>) Modalizações deónticas (<i>devemos ser; devemos lutar</i>) | Discurso interativo | S.22 |
| | Devemos, enfim, lutar para que a Europa se tome a sério como pátria de direitos em que, afinal, se reconhecem todas as pátrias. | Presença de marcas linguísticas que remetem para os protagonistas da interação verbal, de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal <i>devemos</i> Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>devemos</i>) Modalização deóntica (<i>Devemos lutar</i>) | Discurso interativo | S.23 |
| P.16 | O Tratado de Lisboa abriu-nos, a nós, Parlamento, a um protagonismo de larga escala que não podemos desperdiçar. | Unidades deíticas que remetem para a interação verbal, com valor dilatado de implicação (coletivo), de 1ª PPI (3 ocorrências): - nas formas pronominais pessoais (forma átona <i>nos; e nós</i>), intensificadas pelo nome próprio designativo do coletivo <i>Parlamento</i> - na desinência número-pessoal da forma verbal <i>podemos</i> Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização deóntica (<i>não podemos desperdiçar</i>) | Discurso interativo | S.24 |
| P.17 | Para mais, cabe em primeira mão aos parlamentos interpretar e solucionar os problemas de legitimação do espaço alargado da democracia moderna e europeia. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>cabe</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>para mais</i>) | Discurso teórico | S.25 |
| | Aí, onde o pluralismo cultural e social se intensifica, o consenso não é possível apenas a partir das instituições e da representação. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Pronome indefinido <i>se</i> , sem valor deítico (<i>[pluralismo]se intensifica</i>) Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>intensifica</i>) Pronome indefinido <i>se</i> Procedimento de referência deítica intratextual (<i>aí</i>) Modalização epistémica (<i>não é possível</i>) | Discurso teórico | S.26 |

| | | | | |
|------|---|---|--------------------------|------|
| | A insuficiência do sufrágio dita que os cidadãos se associem às instituições, chama pelo seu estatuto de participantes no processo político e chama por novos actores — empresas, associações, ONG. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>dita, chama</i>) Pronome indefinido <i>se</i> , sem valor deíctico (<i>[cidadãos]se associem</i>) Presença de anáforas (<i>seu estatuto [dos cidadãos]</i>) | Discurso teórico | S.27 |
| P.18 | A ideia de política virtuosa, inaugurada na Grécia Antiga, candidata-se também às soluções da nova modernidade. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Pronome indefinido <i>se</i> , sem valor deíctico Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>candidata-se</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>também</i>) | Discurso teórico | S.28 |
| | Chegou o tempo da perda do monopólio político do Estado. | Ausência de marcas enunciativas que remetem para a interação verbal Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>chegou</i>) | Discurso teórico | S.29 |
| | O Parlamento, que é, como disse Mirabeau, o mapa do povo, deverá legislar, fiscalizar, representar, mas também, pela mão de cada um dos seus Deputados, fazer a sociedade, ela mesma, gerar o político. | Marcas deícticas de 3ª PS, referente ao coletivo <i>Parlamento</i> , que o agente de produção integra e representa: - nas formas verbais e no nome próprio <i>Parlamento</i> Ocorrência de verbo modal, no futuro simples + infinitivo (<i>deverá legislar, fiscalizar</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>mas também</i>) Modalização deontica (<i>deverá</i>) | Misto interativo-teórico | S.30 |
| P.19 | Vivemos um tempo de efemeridade, em que, à partida, nada está garantido, para lembrar recentes palavras do meu amigo Eduardo Lourenço. | Alternância entre unidades deícticas de 1ª PS e de 1ª PPI, que remetem para o protagonista da interação verbal: - com implicação atenuada do <i>eu</i> – marca de 1ª PPI (1 ocorrência): na marca número-pessoal da forma verbal <i>vivemos</i> Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>vivemos</i>) - com implicação forte do <i>eu</i> – marca de 1ª PS (2 ocorrências): na marca de número-pessoal da forma verbal (<i>[eu]lembrar</i>) e no determinante possessivo (<i>meu</i>) Forma verbal de infinitivo pessoal (<i>[eu]lembrar</i>) Modalização apreciativa (<i>efemeridade, à partida, nada está garantido</i>) | Discurso interativo | S.31 |
| | Mas é um tempo fascinante, que nos faz reconhecer numa humanidade transversal, que chama pela virtude da política, que alarga a nossa cidade para o mundo, um tempo de uma proximidade dinâmica, porque hoje tudo interage e se aproxima. | Unidades deícticas que remetem para a interação verbal, de 1ª PPI (2 ocorrências): - na forma pronominal pessoal (<i>nos</i>) - no determinante possessivo (<i>nossa</i>) Formas verbais de presente do indicativo (<i>é, chama, alarga, interage, aproxima</i>) Presença de anáfora que retoma elemento do segmento anterior (<i>tempo</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>mas, porque</i>) Deíctico temporal (<i>hoje</i>) | Discurso interativo | S.32 |
| | Porventura, nunca o sentido do outro esteve tão presente nas formas de vida dos indivíduos e dos grupos. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de pretérito perfeito do indicativo (<i>esteve</i>), com valor atual intensificado por <i>tão presente</i> Presença de organizadores textuais | Discurso teórico | S.33 |

| | | (porventura) | | | |
|-----------|------|--|---|---------------------|------|
| Conclusão | P.20 | O mundo vive uma revolução tecnológica, demográfica, política, que traz consigo, verdadeiramente, os genes de uma revolução moral. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>vive</i>) Modalização epistêmica (<i>verdadeiramente</i>) | Discurso teórico | S.34 |
| | | Os problemas globais, paradoxo das coisas, mostram que o interesse egoísta de cada um apenas se resolve na partilha, no exercício da vontade moral de uma justiça para todos. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>mostram, resolve</i>) Pronome indefinido <i>se</i> (<i>[interesse]se resolve</i>) | Discurso teórico | S.35 |
| | P.21 | Que orgulho o nosso, Srs. Deputados e Sr. ^{as} Deputadas, de sermos protagonistas activos deste tempo! | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado de 1ª PPI (2 ocorrências): - na marca número-pessoal da forma verbal (<i>sermos</i>) - na forma pronominal possessivo (<i>nosso</i>), reiterada pelas formas de tratamento + nomes próprios (referentes ao coletivo <i>Deputados</i>) Forma verbal de infinitivo pessoal, deíctico (<i>sermos</i>) Frase não declarativa (exclamativa) Modalização apreciativa (<i>Que orgulho (...)!</i>) | Discurso interativo | S.36 |
| | P.22 | Dedico este meu momento de alegria a todas as mulheres. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal - formas de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal do verbo (<i>dedico</i>) - no determinante possessivo (<i>meu</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>dedico</i>) | Discurso interativo | S.37 |
| | | As mulheres políticas que trazem para o espaço público o valor da entrega e a matriz do amor, mas, sobretudo, às mulheres anónimas e oprimidas. | Recurso a enumeração que particulariza o referente <i>mulheres</i> , iniciado no segmento anterior – designa um destinatário beneficiário da ação | Discurso interativo | S.38 |
| | | Farei de cada dia um esforço para a redenção histórica da sua circunstância. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal - marcas de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal <i>farei</i> Forma verbal de futuro simples (<i>farei</i>) Anáforas pronominais (<i>sua</i>) | Discurso interativo | S.39 |
| | P.23 | A função em que sou investida é, por natureza, não partidária e assumi-la-ei em cada acto como tal. | Presença de unidades que remetem para o protagonista da interação verbal - formas linguísticas de 1ª PS (2 ocorrências): - nas desinências número-pessoais das duas formas verbais Forma verbal de futuro simples (<i>assumi-la-ei</i>) Forma verbal de presente do indicativo da voz passiva (<i>sou investida</i>) Anáforas pronominais (<i>-la</i>) | Discurso interativo | S.40 |
| | | Mas quero agradecer ao PSD, em cujas fileiras percorri os caminhos da política e onde tive espaço para ligar a minha lealdade à minha liberdade, a honra de me haver indicado. | Presença de unidades que remetem para o protagonista da interação verbal - marcas linguísticas e enunciativas de 1ª PS (6 ocorrências): - na forma pronominal pessoal (<i>me</i>) - nos dois determinantes possessivos (<i>minha, minha</i>) | Discurso interativo | S.41 |

| | | | | | |
|-------|------|---|---|---------------------|------|
| | | <ul style="list-style-type: none"> - nas desinências número-pessoais ocorrentes nas três formas verbais (<i>quero, percorri, tive</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>quero</i>) e de pretérito perfeito simples (<i>percorri, tive</i>)</p> <p>Modalização apreciativa (<i>a honra de</i>)</p> <p>Modalização pragmática (<i>quero agradecer</i>)</p> | | | |
| Fecho | P.24 | Muito obrigada. | Forma de agradecimento aos destinatários diretos (sugere a interação real) | Discurso interativo | S.42 |
| | P.25 | Dou um abraço a todos os Deputados, no prazer de em muitos reencontrar um abraço especial dos meus amigos de todas as bancadas. | <p>Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal – marcas linguísticas e enunciativas de 1ª PS (2 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>dou</i>) - no determinante possessivo (<i>meus</i>) <p>Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>dou</i>)</p> <p>Modalizações apreciativas (<i>no prazer de, um abraço especial</i>)</p> | Discurso interativo | S.43 |
| | P.26 | Amanhã vamos ao trabalho! | <p>Unidades deíticas que remetem para a interação verbal, de 1ª PPI (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal <i>vamos</i>, com valor de futuro <p>Forma verbal de presente do indicativo (<i>vamos</i>), com valor de futuro, intensificado pelo advérbio de tempo <i>amanhã</i></p> <p>Organizador temporal, com valor de posterioridade (<i>amanhã</i>)</p> <p>Frase não declarativa (exclamativa)</p> <p>Modalização pragmática (<i>vamos ao trabalho</i>)</p> | Discurso interativo | S.44 |

Anexo A.3.

| Quadro 3. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TM3 | | | | | |
|--|------------------|---|---|---------------------|-----|
| § | Segmento textual | Marcas linguísticas e enunciativas | Tipo de discurso | Segmento | |
| Introdução | P.1 | O momento é solene. | Paralelismo anafórico (introduzido por <i>o momento</i>) – deítico temporal que indicia o momento da situação de interação Modalização apreciativa (<i>é solene</i>) | Discurso interativo | S.1 |
| | | O momento é intenso. | Paralelismo anafórico (introduzido por <i>o momento</i>) – deítico temporal que indicia o momento da situação de interação Modalização apreciativa (<i>é intenso</i>) | Discurso interativo | S.2 |
| | | O momento é forte. | Paralelismo anafórico (introduzido por <i>o momento</i>) – deítico temporal que indicia o momento da situação de interação Modalização apreciativa (<i>é forte</i>) | Discurso interativo | S.3 |
| | | Assim o sinto. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal - marcas deíticas de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal <i>sinto</i> Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>sinto</i>) Anáforas pronominais (<i>o</i>) | Discurso interativo | S.4 |
| | | Assim o comunico. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal - marcas deíticas de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal <i>comunico</i> Forma verbal de presente, com valor deítico (<i>comunico</i>) Anáforas pronominais (<i>o</i>) Paralelismo anafórico com segmento anterior (iniciado por <i>Assim</i>) | Discurso interativo | S.5 |
| Introdução | P.2 | Entendeu o Magno Chanceler da Universidade Católica Portuguesa, depois de ouvida a Universidade, através dos seus órgãos superiores, e de ouvida também a Conferência Episcopal, propor à Congregação para a Educação Católica o meu nome para Reitora. | Presença de uma unidade deítica de 1ª PS (1 ocorrência), que remete para o protagonista da interação verbal: - determinante possessivo (<i>meu</i>) Formas verbais da ordem do narrar, de pretérito perfeito simples (<i>entendeu</i>); e formas de participio passado (<i>ouvida</i>) | Relato interativo | S.6 |
| | | E a Congregação para a Educação Católica, entidade para o efeito competente, aceitou-o. | Presença de nomes próprios Formas verbais da ordem do narrar, de pretérito perfeito simples (<i>aceitou</i>) Anáfora pronominal (<i>-o</i>) | Relato interativo | S.7 |
| Introdução | P.3 | Assumo funções perante o Magno Chanceler, Senhor D. José da Cruz Policarpo, e na presença de todos os que se dignaram acompanhar pessoalmente este acto. | Unidades deíticas que remetem para a interação verbal: - marcas deíticas de 1ª PS (1 ocorrência): na desinência número-pessoal da forma verbal <i>assumo</i> - designação de destinatários diretos por intermédio de nomes próprios e de formas de tratamento (<i>perante o Magno Chanceler, Senhor D. José da Cruz Policarpo, e na presença de todos...</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>assumo</i>) Deítico espaço-temporal (<i>este acto</i>) | Discurso interativo | S.8 |

| | | | | | |
|-----------------|-----|---|--|---------------------|------|
| Desenvolvimento | P.4 | Quero que saibam que as assumo com alegria. | <p>Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal - marcas deícticas de 1ª PS (2 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das duas formas verbais (<i>quero, assumo</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>quero, assumo</i>)</p> <p>Anáforas pronominais (<i>as</i> – referente a <i>funções</i>)</p> <p>Modalização pragmática (<i>Quero que saibam</i>)</p> <p>Modalização apreciativa (<i>com alegria</i>)</p> | Discurso interativo | S.9 |
| | | Com muita alegria. | Modalização apreciativa (<i>Com muita alegria</i>) | Discurso interativo | S.10 |
| | | Porque vou poder levar por diante um projecto em que me revejo e acredito. | <p>Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal - marcas deícticas de 1ª PS (4 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das três formas verbais (<i>vou, revejo e acredito</i>) - na forma pronominal pessoal (<i>me</i>) <p>Forma verbal de futuro perifrástico (<i>vou poder levar</i>)</p> <p>Ocorrência de verbo modal (<i>poder</i>)</p> <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>revejo, acredito</i>)</p> <p>Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>porque</i>)</p> <p>Modalização pragmática (<i>poder levar</i>)</p> | Discurso interativo | S.11 |
| | P.5 | Assumo-as também com humildade. | <p>Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal - marcas deícticas de 1ª PS (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal <i>assumo</i> <p>Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>assumo</i>)</p> <p>Anáforas pronominais (<i>as</i> – referente a <i>funções</i>)</p> <p>Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>também</i>)</p> <p>Modalização apreciativa (<i>com humildade</i>)</p> | Discurso interativo | S.12 |
| | | Porque sei que são muitas e muitas as pessoas que se revêem neste projecto e igualmente nele acreditam. | <p>Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal - marcas deícticas de 1ª PS (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal <i>sei</i> <p>Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>sei</i>)</p> <p>Anáforas pronominais (<i>nele</i>)</p> <p>Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>porque</i>)</p> | Discurso interativo | S.13 |
| | P.6 | Com alegria e humildade procurarei dar corpo às funções que agora assumo. | <p>Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal - marcas deícticas de 1ª PS (2 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das duas formas verbais (<i>procurarei, assumo</i>) <p>Forma verbal de futuro + infinitivo (<i>procurarei dar</i>)</p> <p>Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>assumo</i>)</p> <p>Deíctico temporal (<i>agora</i>)</p> <p>Modalização apreciativa (<i>Com alegria e humildade</i>)</p> <p>Modalização pragmática (<i>procurarei dar</i>)</p> | Discurso interativo | S.14 |

| | | | | |
|-----|---|--|---------------------|------|
| P.7 | 1. O chamamento de um leigo à reitoria da Universidade Católica Portuguesa, há doze anos, correspondeu a uma leitura sábia dos sinais que o tempo espalha na sociedade e contribuiu para um maior entrosamento da universidade na sociedade, sem que isso tenha afectado a identidade que conforma a universidade – ser católica. | Ausência de marcas enunciativas que remetem para a situação de interação Formas verbais da ordem do narrar, de pretérito perfeito simples (<i>correspondeu, contribuiu</i>) Organizadores temporais (<i>há 12 anos</i>) | Narração | S.15 |
| | Entendo que o chamamento de uma mulher à reitoria da Universidade Católica Portuguesa se insere na mesma linha de interpretação dos sinais dispersos no mosaico do tempo, responsabilizando, de modo especial, quem escolhe e de um modo porventura ainda mais especial quem é escolhido. | Unidades que remetem para os protagonistas da interação verbal: marcas deícticas de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal <i>entendo</i> Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>entendo</i>) Modalizações apreciativas (<i>de modo especial... e de um modo ainda mais especial</i>) Modalização epistémica (<i>porventura</i>) | Discurso interativo | S.16 |
| P.8 | Assumo a responsabilidade com espírito de serviço, na liberdade com que aceitei exercer o cargo. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal: - marcas deícticas de 1ª PS (2 ocorrências): desinência número-pessoal das formas verbais <i>assumo</i> e <i>aceitei</i> Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>assumo</i>); e de pretérito perfeito simples (<i>aceitei</i>) Modalização apreciativa (<i>espírito de serviço, na liberdade</i>) | Discurso interativo | S.17 |
| P.9 | 2. Ninguém decerto se admirará se, neste momento, o meu pensamento e as minhas palavras se dirigirem para quem me precede no cargo, o Prof. Doutor Manuel Braga da Cruz, o primeiro leigo a presidir aos destinos desta Universidade, e durante três mandatos consecutivos. | Presença de unidades que remetem para o protagonista da interação verbal - marcas de 1ª PS (3 ocorrências): - nos dois determinantes possessivos (<i>meu, minhas</i>) - na forma pronominal pessoal (<i>me</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>me precede</i>) Forma verbal de infinitivo pessoal (<i>dirigirem</i>) Forma verbal de futuro simples (<i>admirará</i>), com valor atual intensificado pelo deíctico temporal <i>neste momento</i> Deíctico temporal (<i>neste momento</i> [=momento da interação verbal]) Deíctico espacial (desta <i>Universidade</i>) Referência a destinatários (<i>Prof. Doutor Manuel Braga da Cruz</i>) | Discurso interativo | S.18 |
| | A gratidão, em termos pessoais, é o que sinto, e sei ser esse o sentimento institucional, partilhado pela Universidade. | Presença de unidades deícticas de 1ª PS (2 ocorrências) que remetem para o protagonista da interação verbal: - desinência número-pessoal das formas verbais <i>sinto</i> e <i>sei</i> Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>sinto, sei</i>) Modalização apreciativa (<i>em termos pessoais</i>) | Discurso interativo | S.19 |

| | | | | |
|------|---|--|---------------------|------|
| | <p>Todos <i>lhe</i> somos devedores do empenho, sabedoria, inteligência, sensatez, com que, ao longo dos anos, conduziu esta grande nau, vencendo obstáculos, vindos de diferentes e inesperados quadrantes, e adaptando capacidades diversificadas às situações incómodas, hostis ou preocupantes, que se foram sucedendo, sempre fiel à matriz católica, defendendo intransigentemente os valores cristãos.</p> | <p>Presença de unidades deícticas que remetem para a interação verbal - marcas de 1ª PPI com valor de implicação atenuada (coletivo que o agente de produção integra e representa) (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal <i>somos</i> <p>Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>somos</i>)</p> <p>Organizadores temporais (<i>ao longo dos anos</i>)</p> <p>Anáforas pronominais (<i>lhe</i> – referente a destinatário <i>Prof. Doutor Manuel Braga da Cruz</i>)</p> | Discurso interativo | S.20 |
| | <p>Mas também, consolidando e fortalecendo a instituição, seja criando um quadro de docente próprio, seja rasgando caminhos novos, desde logo no ensino das tecnologias e das ciências da saúde, seja abrindo espaço à internacionalização, enfatizando o nome da Universidade Católica Portuguesa na sociedade portuguesa e ampliando-a à sociedade internacional.</p> | <p>Ausência de marcas enunciativas que remetem para a interação verbal</p> <p>Construções de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>vencendo, conduzindo, defendendo, adaptando, consolidando, fortalecendo, criando, rasgando, abrindo, enfatizando</i>)</p> <p>Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>mas, também, seja</i>)</p> <p>Presença de anáforas pronominais</p> | Discurso teórico | S.21 |
| P.10 | <p>Integrei, como vice-reitora a primeira equipa reitoral do Prof. Doutor Manuel Braga da Cruz, da qual fazia também parte, como vice-reitor, o Prof. Doutor Carlos Moreira Azevedo.</p> | <p>Presença de unidades deícticas de 1ª PS (1 ocorrência), que remetem para a interação verbal:</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal <i>integrei</i> <p>Forma verbal da ordem do narrar, de pretérito perfeito simples (<i>integrei</i>)</p> | Relato interativo | S.22 |
| | <p>Guardo bem viva na memória a imagem desse tempo de trabalho e de aprendizagem, a imagem de um tempo de colaboração empenhada e fraterna.</p> | <p>Presença de unidades deícticas de 1ª PS (1 ocorrência), que remetem para o protagonista da interação verbal:</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência de número-pessoal da forma verbal <i>guardo</i> <p>Forma verbal de presente do indicativo (<i>guardo</i>), com valor deíctico</p> <p>Modalizações apreciativas (<i>bem viva na memória</i>)</p> | Discurso interativo | S.23 |
| | <p>Exprimir a minha gratidão, neste particular, é muito mais do que o cumprimento de um dever.</p> | <p>Presença de unidades deícticas de 1ª PS (2 ocorrências), que remetem para a interação verbal:</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal - no determinante possessivo (<i>minha</i>) <p>Formas pessoais de infinitivo pessoal (<i>[eu]exprimir</i>)</p> <p>Modalização apreciativa (<i>é muito mais do que o cumprimento de um dever.</i>)</p> | Discurso interativo | S.24 |
| | <p>É um acto de justiça.</p> | <p>Formas verbais de presente do indicativo (<i>é</i>)</p> <p>Modalização apreciativa (<i>É um acto de justiça.</i>)</p> | Discurso interativo | S.25 |
| P.11 | <p>À Sra. Vice-Reitora, Prof. Doutora Maria Luísa Leal de Faria Geraldês Barba, que hoje cessa funções, gostaria de deixar também o testemunho, pessoal e institucional, de agradecimento.</p> | <p>Unidades deícticas que remetem para o agente de produção, de 1ª PS (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal <p>Forma verbal do condicional, com valor atual (<i>gostaria de deixar</i>)</p> <p>Forma verbal de presente do indicativo (<i>cessa</i>)</p> <p>Designação de destinatários diretos por intermédio de nomes próprios e de formas de tratamento</p> <p>Deíctico temporal (<i>hoje</i>)</p> <p>Modalização pragmática (<i>gostaria de</i>)</p> | Discurso interativo | S.26 |

| | | | | |
|------|--|---|--------------------------|------|
| | <p>A abnegação, inteligência, cultura, serenidade são-lhe unanimemente reconhecidas e a Universidade Católica firmemente espera continuar a poder beneficiar do seu trabalho e dedicação.</p> | <p>Marcas deíticas de 3ª PS referentes ao coletivo <i>Universidade Católica</i>, que o agente de produção representa e integra (parafraaseável por marcas linguísticas de implicação atenuada - <i>nós</i>):</p> <ul style="list-style-type: none"> - nome próprio (<i>Universidade Católica</i>) <p>Presença de formas verbais de presente do indicativo (<i>espera</i>)</p> <p>Ocorrência de verbo modal (<i>poder</i>), no infinitivo pessoal</p> <p>Construção passiva truncada (<i>são-lhe reconhecidas</i>)</p> <p>Anáforas pronominais (<i>-lhe, seu</i>)</p> <p>Modalização deontica (<i>poder beneficiar</i>)</p> | Misto interativo-teórico | S.27 |
| P.12 | <p>3. A equipa, que comigo toma posse, integra como Vice-Reitores a Prof. Doutora Isabel Maria de Oliveira Capelo Gil, Directora da Faculdade de Ciências Humanas, e o Prof. Doutor José Tolentino Calaça de Mendonça, da Faculdade de Teologia, como Pró-Reitor o Prof. Doutor Mário António de Sousa Aroso de Almeida, da Faculdade de Direito – Escola do Porto e, como Administradora, a Dra. Maria Helena Brissos ferreira Martins de Almeida, da FCEE, que transita da anterior para a actual equipa reitoral.</p> | <p>Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - forma pronominal pessoal (<i>comigo</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>toma posse, integra, transita</i>)</p> <p>Presença de nomes próprios e de formas de tratamento</p> | Discurso interativo | S.28 |
| | <p>Ninguém lhes regateia mérito, empenho, energia, seriedade, tranquilidade de juízo, qualidades que tenho a certeza irão continuar a colocar ao serviço da Universidade, agora em novos e exigentes desempenhos.</p> | <p>Presença de unidades deíticas de 1ª PS, que remetem para o agente de produção (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>tenho a certeza</i>) <p>Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>tenho</i>)</p> <p>Presença de anáforas pronominais (<i>lhes</i>)</p> <p>Modalizações epistémicas (<i>tenho a certeza que</i>)</p> <p>Modalizações apreciativas (<i>novos e exigentes</i>)</p> | Discurso interativo | S.29 |
| | <p>Agradeço-lhes terem aceiteado colaborar desta forma na Universidade, sacrificando projectos académicos e pessoais, a vida familiar, mas com a aceitação reconhecendo, de um lado, que a instituição merece a sua dedicação e que os seus talentos lhe podem ser deste modo úteis, de outro, que acreditam no projecto protagonizado pela Universidade Católica Portuguesa, o querem servir e ser partes mais actantes desse trabalho.</p> | <p>Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>agradeço</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>agradeço</i>)</p> <p>Presença de anáforas pronominais (<i>-lhes, lhe, seus, sua</i>)</p> <p>Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>de um lado... de outro; mas</i>)</p> | Discurso interativo | S.30 |

| | | | | |
|------|--|--|---------------------|------|
| P.13 | 4. Uma qualquer reflexão sobre o momento que atravessamos vem normalmente ensombreada de preocupações e embrulhada numa efervescência de notícias, vindas dos planos nacional, europeu, internacional, e incidindo sobre vários âmbitos, nomeadamente económico, político, social, financeiro, de médio e de longo prazos. | Unidades deícticas que remetem para a interação verbal, com valor de implicação atenuada (coletivo <i>nós</i>) – 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>atravessamos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>atravessamos</i>) | Discurso interativo | S.31 |
| P.14 | O maior problema reside em não se dispor de informação completa sobre a realidade, de si complexa, e aquela de que se dispõe nem sempre ser fidedigna. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>reside, dispõe</i>) Formas verbais infinitivas impessoais (<i>se dispor, ser</i>) Pronome indefinido <i>se</i> | Discurso teórico | S.32 |
| | A dificuldade de fazer previsões com o grau de segurança que a razão exige para, em face dessas previsões, definir objectivos e gizar caminhos para os perseguir é, por isso, gigantesca. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>exige, é</i>) Formas verbais infinitivas impessoais (<i>definir, gizar, perseguir</i>) Anáforas pronominais (<i>os</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>por isso</i>) | Discurso teórico | S.33 |
| | O risco de errar aumenta exponencialmente. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>aumenta</i>) | Discurso teórico | S.34 |
| | Não admira que aprender a não errar e, se o erro acontecer, aprender a não voltar a cometê-lo, tivesse passado a integrar o nosso quotidiano. | Unidades deícticas que remetem para a interação verbal, com valor de implicação atenuada (coletivo <i>nós</i>) – 1ª PPI (1 ocorrência): - no determinante possessivo (<i>nosso</i>) Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>não admira</i>) Formas verbais infinitivas (<i>acontecer, aprender, integrar</i>) Forma verbal composta de pretérito mais-que-perfeito do conjuntivo (<i>tivesse passado</i>) Anáforas pronominais (<i>-lo</i>) | Discurso interativo | S.35 |
| P.15 | Trata-se de uma aprendizagem que demanda aprofundamento de saberes, alargamento do conhecimento teórico, promoção da cooperação entre as áreas científicas; que exige alianças entre a experiência concreta e o saber abstracto, o abandono de visões pessoais, e a busca de outras que as complementem ou ampliem. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>trata-se, demanda, exige</i>) Presença de pronome indefinido <i>se</i> | Discurso teórico | S.36 |
| P.16 | Ora o local de aprendizagem é a escola. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>ora</i>) | Discurso teórico | S.37 |
| | E o local por excelência de formação científica e de cruzamento de conhecimentos é | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor | Discurso teórico | S.38 |

| | | | | |
|------|--|--|--------------------------|------|
| | a universidade, a escola superior dos múltiplos saberes. | deítico (<i>é</i>) | | |
| | E, se assim é, então o tempo, hoje, é de afirmação, clara e inequívoca, da universidade. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>) Organizador temporal (<i>hoje</i>) Organizadores lógico-argumentativos (<i>se, assim, então</i>) | Discurso teórico | S.39 |
| P.17 | Ao desalento da vivência social tem a universidade a obrigação de dar uma resposta positiva e forte, diminuindo o espaço da ignorância, estimulando o pensamento a encontrar soluções, desenhando modelos alternativos, estreitando a capacidade de errar. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>tem</i>) Construções de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>diminuindo, estimulando, desenhando, estreitando</i>) Modalização deontica (<i>tem a obrigação de</i>) | Discurso teórico | S.40 |
| | A universidade tem a obrigação de se adequar ao tempo em que vivemos: ensinando a lidar com a complexidade e a incerteza, reforçando a importância do diálogo amplo de ideias, desenvolvendo redes de comunicação e entreajuda na sociedade. | Unidades deíticas que remetem para a interação verbal, com valor de implicação atenuada (coletivo <i>nós</i>) – 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>vivemos</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>vivemos</i>) Construções de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>ensinando, reforçando, desenvolvendo</i>) Modalização deontica (<i>tem a obrigação de</i>) | Discurso interativo | S.41 |
| | É uma responsabilidade que lhe pertence por inteiro, pelo simples facto de ser universidade. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>) Anáforas pronominais (<i>lhe</i>) | Discurso teórico | S.42 |
| P.18 | A Universidade Católica Portuguesa está consciente do desafio que tem pela frente e não quer ficar de braços cruzados. | Marcas deíticas de 3ª PS referentes ao coletivo <i>Universidade Católica</i> , que o agente de produção representa e integra (parafraseável por marcas linguísticas de implicação atenuada - <i>nós</i>) Presença de nome próprio (<i>Universidade Católica</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>está consciente, tem, quer</i>) | Misto interativo-teórico | S.43 |
| | Quer ser parte do processo de viragem, ajudando a resolver os problemas já identificados e a identificar os que estão por definir. | Marcas deíticas de 3ª PS referentes ao coletivo <i>Universidade Católica</i> , que o agente de produção representa e integra (parafraseável por marcas linguísticas de implicação atenuada - <i>nós</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>quer</i>) Construção de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>ajudando</i>) | Misto interativo-teórico | S.44 |
| P.19 | 5. Mas o momento actual traz consigo outro conjunto de preocupações. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>traz</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>mas</i>) | Discurso teórico | S.45 |
| | De facto, são cada vez mais inquietantes as questões emergentes dos poderes que as ciências e as tecnologias inovadoras colocam à disposição da sociedade, e é cada vez mais perturbador o peso que o presente adquire sobre o passado e sobre o futuro. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>colocam, adquire</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>de facto</i>) | Discurso teórico | S.46 |
| P.20 | O conforto que as tecnologias de | Unidades deíticas que remetem para a interação | Discurso | S.47 |

| | | | | |
|------|--|---|--------------------------|------|
| | <p>ponta trazem ao bem-estar social e o prazer com que beneficiamos das mais avançadas descobertas do cérebro humano: aceleração das comunicações, criação de realidade virtual, acentuação da vivência de sensações impedem uma reflexão serena sobre as alterações que estão a provocar.</p> | <p>verbal, com valor de implicação atenuada (coletivo <i>nós</i>) – 1ª PPI (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>beneficiamos</i>) <p>Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>beneficiamos</i>)</p> | interativo | |
| | <p>E impedem-na também pela vertigem com que se sucedem.</p> | <p>Ausência de unidades que remetem para os interactantes</p> <p>Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>impedem, sucedem</i>)</p> <p>Anáforas pronominais (<i>impedem-na</i>)</p> <p>Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>também</i>)</p> | Discurso teórico | S.48 |
| | <p>Mas a reflexão é necessária e urgente, porque está em causa a nossa vida em sociedade.</p> | <p>Unidades deíticas que remetem para a interação verbal, com valor de implicação atenuada (coletivo <i>nós</i>) – 1ª PPI (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - no determinante possessivo (<i>nossa</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo (<i>é, estão</i>)</p> <p>Organizadores lógico-argumentativos (<i>porque</i>)</p> <p>Modalização epistémica (<i>é necessária e urgente</i>)</p> | Discurso interativo | S.49 |
| P.21 | <p>Não é esta, porém, uma qualquer reflexão.</p> | <p>Presença de anáfora (<i>esta reflexão</i>)</p> <p>Presença de pronome demonstrativo (<i>esta[reflexão]</i>), que remete para o momento da produção</p> <p>Formas verbais de presente do indicativo</p> | Discurso interativo | S.50 |
| | <p>Ela exige um “incremento de alma”, como lembra o Cardeal John Henry Newman, a quem devemos páginas profundas sobre o pensamento universitário.</p> | <p>Presença de anáfora que retoma elemento de segmento anterior (<i>ela [reflexão]</i>)</p> <p>Unidades deíticas que remetem para a interação verbal, com valor de implicação atenuada (coletivo <i>nós</i>) – 1ª PPI (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>devemos</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>devemos</i>)</p> | Discurso interativo | S.51 |
| | <p>“Um incremento de alma” traduzido numa especial sabedoria para compreender os frutos do pensamento e para os encarar à luz do espírito e das diversas formas de aperfeiçoamento humano.</p> | <p>Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal</p> <p>Formas verbais infinitivas e presença de participio passado</p> <p>Anáforas pronominais</p> | Discurso teórico | S.52 |
| P.22 | <p>Ora a Universidade Católica sente-se, neste âmbito, particularmente habilitada.</p> | <p>Marcas deíticas de 3ª PS referentes ao coletivo <i>Universidade Católica</i>, que o agente de produção representa e integra (parafrazeável por marcas linguísticas de implicação atenuada - <i>nós</i>)</p> <p>Presença de nome próprio (<i>Universidade Católica</i>)</p> <p>Forma verbal de presente do indicativo (<i>sente-se</i>)</p> <p>Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>ora</i>)</p> | Misto interativo-teórico | S.53 |
| | <p>Fundada em princípios e valores humanos, ao mesmo tempo que rasga futuros científicos, é portadora de uma memória que, enraizada no espírito, alimenta a alma e dá-lhe o suplemento que eleva e a coloca ao serviço de um melhor entendimento da pessoa e das suas realizações.</p> | <p>Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal</p> <p>Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é, dá-lhe, eleva, coloca</i>)</p> <p>Anáforas pronominais</p> | Discurso teórico | S.54 |

| | | | | |
|------|---|--|--------------------------|------|
| P.23 | Afirmar a Universidade Católica na sociedade é, pois, hoje, mais importante do que nunca, porque os valores que protagoniza conferem força espiritual à acção e tornam-na capaz de mudança. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>protagoniza, conferem, tornam</i>) Anáforas pronominais (<i>tornam-na</i>) Organizador temporal (<i>hoje</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>porque</i>) | Discurso teórico | S.55 |
| | A investigação e o ensino, quer tenham base teológica, quer fundo filosófico, social ou escancarem as portas à beleza, nas mais variadas expressões em que a arte se revela, quer se desenvolvam na biotecnologia, na economia, na gestão, na engenharia, no direito, nas ciências da saúde, na comunicação social, são alimentados pelas realidades do espírito, sem as quais não há hierarquia de valores a preservar. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>tenham, desenvolvam, há</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>quer...quer</i>) | Discurso teórico | S.56 |
| P.24 | Em <i>Levantar o Céu</i> , José Mattoso lembra que “a racionalidade esgota-se: mas a sabedoria não conhece limites”. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>lembra, explica, esgota-se</i>) | Discurso teórico | S.57 |
| | “A diferença” – explica – “não está na proposta concreta, mas no pressuposto da mensagem que se pretende transmitir”. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>explica</i>) | Discurso teórico | S.58 |
| P.25 | Em suma, a Universidade Católica é importante na sociedade. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>em suma</i>) | Discurso teórico | S.59 |
| | E, consciente disso, não vai cruzar os braços, antes os vai elevar, promovendo espaços alargados de diálogo e de liberdade, continuando a procurar uma melhor compreensão da pessoa e das suas realizações. | Marcas deícticas de 3ª PS referentes ao coletivo <i>Universidade Católica</i> , que o agente de produção representa e integra (parafrazeável por marcas linguísticas de implicação atenuada - <i>nós</i>): - presente na desinência número-pessoal dos verbos Formas verbais de futuro perifrástico (<i>vai cruzar, vai elevar</i>) Construções de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>promovendo, continuando a procurar</i>) | Misto interativo-teórico | S.60 |
| P.26 | 6. Acresce que as constantes ameaças ao bem-estar, que pairam sobre a sociedade portuguesa, a dificuldade com que a economia se confronta em se relançar e criar emprego, o embate na realidade de um tempo que tudo prometia, não só fazem temer a saída sistemática de Portugal de gerações que legitimamente procuram melhores dias como difundem uma cultura de desânimo que não contribui para a ultrapassagem necessária. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>acresce, fazem, difundem, contribui, entre outros</i>) | Discurso teórico | S.61 |

| | | | | |
|------|---|--|---------------------|------|
| P.27 | E também aqui a afirmação universitária é importante. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo (<i>é</i>), sem valor deítico Procedimento de referenciação deítica intratextual (<i>aqui</i>) | Discurso teórico | S.62 |
| | E, nela, a afirmação da Universidade Católica Portuguesa. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Presença de anáfora pronominal (<i>nela</i>) – referente a <i>afirmação universitária</i> , presente no segmento anterior | Discurso teórico | S.63 |
| | Formar para a confiança tem chamado a Portugal e a esta Universidade, para ensinar e investigar, grandes professores e investigadores das maiores universidades mundiais. | Presença de unidades deíticas que remetem para a situação de interação: determinante demonstrativo <i>esta</i> + nome próprio <i>Universidade</i> (valor deítico espacial) Formas verbais de pretérito perfeito composto (<i>tem chamado</i>) | Discurso interativo | S.64 |
| | Aqui leccionam. | Presença de unidades deíticas que remetem para a situação de interação: deítico espacial <i>Aqui</i> Formas verbais de presente do indicativo (<i>leccionam</i>) | Discurso interativo | S.65 |
| | Aqui estudam. | Presença de unidades deíticas que remetem para a situação de interação: deítico espacial <i>Aqui</i> Formas verbais de presente do indicativo (<i>estudam</i>) Paralelismo anafórico com segmento anterior, iniciado por <i>Aqui</i> | Discurso interativo | S.66 |
| | Porque reconhecem mérito à Universidade. | Ausência de unidades deíticas Formas verbais de presente do indicativo (<i>reconhecem</i>), sem valor deítico Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>porque</i>) | Discurso teórico | S.67 |
| | Aqui mostram, pelo exemplo da sua opção, que em Portugal se produz ciência ao mais alto nível. | Presença de unidades deíticas que remetem para a situação de interação: deítico espacial <i>Aqui</i> Formas verbais de presente do indicativo (<i>mostram</i>) | Discurso interativo | S.68 |
| | E os alunos das mais variadas procuram a Universidade Católica Portuguesa para estudarem, sabendo que os cursos são amplamente reconhecidos, que os graus estão ao nível do que de melhor se atribui no plano internacional e que o convívio com a cultura universitária portuguesa os enriquece. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>procuram, estão, são, enriquece</i>) | Discurso teórico | S.69 |
| | O mesmo se diga dos estudantes nacionais que, sabendo da valia do que aprende nesta universidade, optam por fazer os seus estudos em Portugal. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>optam</i>); e de presente do conjuntivo (<i>diga</i>) Anáforas pronominais | Discurso teórico | S.70 |
| P.28 | Formar para a confiança, trabalhar no sentido de aumentar permanentemente a qualidade de tudo quanto faz, incentivar a interculturalidade são realidades que pertencem ao cerne da acção da Universidade Católica Portuguesa, onde quer que esta se desdobre. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Construções infinitivas (<i>formar, incentivar</i>) Formas verbais de presente do conjuntivo (<i>se desdobre</i>) Pronome indefinido <i>se</i> Anáforas pronominais (<i>esta</i>) | Discurso teórico | S.71 |

| | | | | |
|------|--|--|--------------------------|------|
| | E de todas elas irradia um especial gosto pela vida e pela vida em sociedade, marcada pelo pluralismo, sempre no respeito pelo outro, ciente de que cada um é portador de capacidade de mudança. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>irradia, é</i>) Anáforas pronominais (<i>elas</i>) Modalizações apreciativas (<i>um especial gosto</i>) | Discurso teórico | S.72 |
| | Por isso, a Universidade Católica Portuguesa não vai cruzar os braços, antes vai difundir esta sua ambição junto das várias gerações que a procuram. | Marcas deíticas de 3ª PS referentes ao coletivo <i>Universidade Católica</i> , que o agente de produção representa e integra (parafraaseável por marcas linguísticas de implicação atenuada - <i>nós</i>): - na desinência número-pessoal das formas verbais - na presença de nome próprio (<i>Universidade Católica</i>) Formas verbais de futuro perifrástico (<i>vai cruzar, vai difundir</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>por isso</i>) Anáforas pronominais (<i>a</i>) | Misto interativo-teórico | S.73 |
| P.29 | 7. Não admira que, no sistema universitário português, mau grado o pagamento de propinas ao custo real, e logo, muito acima das propinas das universidades estatais, a Universidade Católica continue a ser, para tantos e tantos alunos, a primeira opção. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>admira</i>) e de presente do conjuntivo (<i>continue</i>) | Discurso teórico | S.74 |
| P.30 | Consagrado na Constituição Apostólica “Ex Corde Ecclesiae”, o modelo da Universidade Católica Portuguesa envolve o reconhecimento na sociedade civil de um espaço de diálogo onde as diferenças culturais de homens e mulheres se cruzam numa harmonia baseada numa constante actualização do sentido do que é a dignidade humana, contribuindo para o enriquecimento cultural, substrato fundante da sociedade. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>envolve</i>) | Discurso teórico | S.75 |
| P.31 | As relações entre a Igreja e a Universidade são umbilicais. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>são</i>) | Discurso teórico | S.76 |
| | Nelas repousa a mundividência que é hoje o maior património cultural da universidade e que, na sua especificidade, esta transmite à sociedade. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>repousa, transmite</i>) Anáforas pronominais (<i>nelas, sua, esta</i>) Organizador temporal (<i>hoje</i>) | Discurso teórico | S.77 |
| P.32 | Uma especificidade que a Concordata entre a República Portuguesa e a Santa Sé, assinada em 18 de Maio de 2004 na cidade do Vaticano, deixou clara, garantindo à Universidade Católica Portuguesa autonomia e liberdade. | Ausência de marcas enunciativas Anáfora nominal (Retoma fiel do antecedente <i>especificidade</i>) Forma verbal da ordem do narrar, de pretérito perfeito simples (<i>deixou</i>) Organizadores temporais (<i>em 18 de Maio de 2008</i>) | Narração | S.78 |

| | | | | |
|------|---|--|---------------------|------|
| P.33 | Dentro dessa liberdade, a Universidade Católica Portuguesa, para além da sede em Lisboa, espraia-se pelos Centro Regionais de Braga, Porto e Viseu, enraizando o projecto universitário no espaço português, num horizonte que ronda os 12. 000 alunos. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>espraia-se</i>) Retoma anafórica (<i>dessa liberdade</i>) Anáforas pronominais Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>para além de</i>) | Discurso teórico | S.79 |
| | E é a realidade espiritual antes aludida que permite não só hierarquizar valores e preservá-los, como lançar e tecer as redes das solidariedades que agregam e das responsabilidades que unem e sedimentam. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>permite, é, unem, sedimentam</i>) Construções infinitivas impessoais Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>não só... como</i>) | Discurso teórico | S.80 |
| | Plurilocalizada, a Universidade Católica Portuguesa é uma só, na realidade espiritual que afunda, na cultura ética que transmite, na acção conjugada de concretização do projecto que lhe dá vida. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente, sem valor deíctico (<i>é</i>) Anáforas pronominais (<i>lhe</i>) | Discurso teórico | S.81 |
| P.34 | Sob outra perspectiva, a Universidade Católica Portuguesa agrega Faculdades, Institutos, Unidades de Investigação, Centros de Estudos; promove o ensino, incentiva a investigação, estimula debates de ideias e em tudo procura deixar a identidade que a torna única no panorama universitário português, produzindo pensamento sobre a formação integral da pessoa humana, contribuindo para uma sociedade mais fraterna. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>agrega, incentiva, estimula, procura</i>) Construção de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>produzindo, contribuindo</i>) | Discurso teórico | S.82 |
| P.35 | A Universidade Católica Portuguesa goza de um corpo único de docentes e investigadores, de qualidade superior e abnegação inexcelsível. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>goza</i>) | Discurso teórico | S.83 |
| | A eles e ao conjunto de funcionários que empenhadamente, e com dádiva pessoal nem sempre realçada, suportam a organização imensa em que a universidade hoje se desdobra se deve o quotidiano que permite concretizar o sonho que esta universidade acalenta. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>suportam, deve, permite</i>) Anáforas pronominais e nominais Organizador temporal (<i>hoje</i>) Modalização apreciativa (<i>empenhadamente; nem sempre realçada</i>) | Discurso teórico | S.84 |
| | Que todos continuem a sentir-se partes imprescindíveis da realização desse sonho. | Unidades que remetem para a interação verbal: designação de destinatários diretos por intermédio do pronome indefinido plural <i>todos</i> e da forma verbal <i>continuem</i> – valores exortativo e aspetual Presença de anáfora (<i>desse sonho</i>), que retoma o referente <i>sonho</i> , presente no segmento anterior | Discurso interativo | S.85 |
| P.36 | Pela Universidade Católica Portuguesa passaram já muitos milhares de estudantes, nela estudam outros milhares e muitos milhares virão, em razão do que nela procuram e encontram. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>estudam, procuram, encontram</i>) Anáforas pronominais (<i>nela</i>), referentes a <i>Universidade Católica Portuguesa</i> | Discurso teórico | S.86 |

| | | | | |
|------|--|--|--------------------------|------|
| | E o que dela divulgam, em saber e confiança, nos mais variados lugares que ocupam na sociedade, deixando o nome forte da sua formação acadêmica, são prova de que “a Católica é para a vida”! | Presença de frase não declarativa (exclamativa) Formas verbais de presente (<i>divulgam, ocupam, são</i>) Anáforas pronominais (<i>dela, sua</i>), referentes a <i>Universidade Católica Portuguesa</i> | Discurso interativo | S.87 |
| P.37 | Por tudo apelo à sociedade civil em geral e, em especial, às escolas católicas, aos benfeitores da Universidade Católica Portuguesa, aos seus antigos alunos, docentes, funcionários, para que continuem a confiar nesta instituição e não deixem de a apoiar. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal do verbo <i>apelo</i> Forma verbal de presente do indicativo (<i>apelo</i>), com valor deíctico Referência a destinatários beneficiários da ação: nas formas verbais de presente do conjuntivo (<i>continuem/deixem</i>) – valor exortativo Anáforas pronominais Modalização pragmática (<i>apelo... para que continuem</i>) | Discurso interativo | S.88 |
| | Ajuízem de forma exigente os resultados da sua acção e actuem em conformidade. | Unidades que remetem para a interação verbal: designação de destinatários diretos por intermédio das formas verbais com valor de imperativo (de 2ª PPI [vós] – <i>ajuízem, actuem</i>) Presença de anáforas, referentes à instituição <i>Universidade Católica (sua)</i> | Discurso interativo | S.89 |
| | Tenho a certeza de que se sentirão reconfortados com o que dela recebem. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal do verbo <i>tenho</i> Forma verbal de presente do indicativo (<i>tenho</i>), com valor deíctico Presença de anáforas, referentes à instituição <i>Universidade Católica (dela)</i> Modalização epistémica (<i>Tenho a certeza de que...</i>) | Discurso interativo | S.90 |
| P.38 | No sistema de ensino superior português, a Universidade Católica Portuguesa não tem tido a vida facilitada. Pelo contrário. | Ausência de marcas agentivas Formas verbais de pretérito perfeito composto (<i>tem tido</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>pelo contrário</i>) | Discurso teórico | S.91 |
| | Os estabelecimentos de ensino superior estatais que com ela concorrem têm um ponto de partida financeiro distinto, pelo que, além da gestão, diria ser, na Universidade Católica, um constante e hábil esforço de contenção, quaisquer iniciativas de cursos ou investigação, cuja necessidade, em certas áreas, sentimos, demandam tarefas acrescidas de angariação de fundos e constantes movimentos de adaptação. | Alternância entre: a) Unidades que remetem para o agente de produção, com marcas deícticas de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal do verbo <i>diria</i> Forma verbal do condicional (<i>diria</i>) b) Unidades deícticas de 1ª PPI (coletivo – valor dilatado da implicação do <i>eu</i>) (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal do verbo <i>sentimos</i> Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>sentimos</i>) | Discurso interativo | S.92 |
| | Mas saber que a sociedade reconhece valor ao que a Universidade Católica Portuguesa faz, dá-lhe um particular ânimo para vencer obstáculos. | Marcas deícticas de 3ª PS referentes ao coletivo <i>Universidade Católica</i> , que o agente de produção representa e integra (parafrazeável por marcas linguísticas de implicação atenuada - <i>nós</i>): - na desinência número-pessoal da forma verbal <i>saber</i> - na presença de nome próprio, com valor deíctico (<i>Universidade Católica</i>) | Misto interativo-teórico | S.93 |

| | | | | |
|------|---|---|--------------------------|------|
| | | <p>Forma verbal de infinitivo pessoal (<i>fa Universidade Católica] saber</i>)</p> <p>Formas verbais de presente do indicativo (<i>reconhece, faz, dá</i>)</p> <p>Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>mas</i>)</p> <p>Anáforas pronominais, referentes ao coletivo <i>Universidade Católica (-lhe)</i></p> | | |
| P.39 | <p>O Estado, através das inúmeras entidades, órgãos e serviços com quem a Universidade Católica Portuguesa especialmente se relaciona – o Ministério da Educação e Ciência, outras universidades públicas e institutos politécnicos, o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, a Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior sabe o que desta Universidade pode esperar, em competência, lealdade e espírito de serviço, para contínuo enriquecimento do sistema nacional de ensino superior.</p> | <p>Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal</p> <p>Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>sabe</i>)</p> <p>Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>pode</i>)</p> <p>Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>por sua vez, bem como</i>)</p> <p>Modalização deôntica (<i>pode esperar</i>)</p> | Discurso teórico | S.94 |
| | <p>Por sua vez, a Universidade Católica espera poder continuar a beneficiar, da parte do Estado, de idêntico modo de agir, bem como uma sensibilidade particular para o que a distingue.</p> | <p>Marcas deícticas de 3ª PS referentes ao coletivo <i>Universidade Católica</i>, que o agente de produção representa e integra (parafraseável por marcas linguísticas de implicação atenuada - <i>nós</i>):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal <i>espera</i> - na presença de nome próprio, com valor deíctico (<i>Universidade Católica</i>) <p>Forma verbal de presente do indicativo (<i>espera</i>)</p> <p>Ocorrência de verbo modal, no infinitivo (<i>poder</i>)</p> <p>Construções com infinitivo (<i>poder continuar</i>)</p> <p>Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>por sua vez, bem como</i>)</p> <p>Anáforas pronominais, referentes a <i>Universidade Católica (a)</i></p> <p>Modalização deôntica (<i>poder continuar a beneficiar</i>)</p> | Misto interativo-teórico | S.95 |
| P.40 | <p>E um relacionamento franco e aberto deseja a Universidade Católica continuar a ter com as universidades e estabelecimentos de ensino politécnico privados portugueses.</p> | <p>Marcas deícticas de 3ª PS referentes ao coletivo <i>Universidade Católica</i>, que o agente de produção representa e integra (parafraseável por marcas linguísticas de implicação atenuada - <i>nós</i>):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal - na presença de nome próprio, com valor deíctico (<i>Universidade Católica</i>) <p>Forma verbal de presente do indicativo (<i>deseja</i>)</p> <p>Construções com infinitivo (<i>continuar a ter</i>)</p> | Misto interativo-teórico | S.96 |
| P.41 | <p>8. Já se disse que, apesar de difícil, o tempo é hoje de afirmação da universidade, no espaço social, de afirmação de uma identidade cultural que eleva, de afirmação do valor do que é português.</p> | <p>Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal</p> <p>Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>disse</i>); e de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é, eleva</i>)</p> <p>Pronome indefinido <i>se (se disse)</i></p> <p>Organizador temporal (<i>hoje</i>)</p> | Discurso teórico | S.97 |
| P.42 | <p>No quadro desta afirmação da Universidade Católica Portuguesa, naquele que é o tempo que não escolhemos mas nos escolheu a nós para o vivermos, mais do que fixar</p> | <p>Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PPI (4 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal de duas formas verbais: <i>escolhemos, vivermos</i> - nas duas formas pronominais pessoais | Discurso interativo | S.98 |

| | | | | |
|-----------|--|--|--------------------------|-------|
| | metas e delinear programas de acção, é preciso saber gerir expectativas, num dia-a-dia de trabalho, rigor, coesão, solidariedade, transformando a fraqueza em força e a adversidade em razão de esperança. | (<i>nos, nós</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>escolhemos</i>); e de infinitivo pessoal (<i>vivermos</i>) Presença de anáfora (<i>desta afirmação</i>) Modalização deontica (<i>é preciso</i>) | | |
| P.43 | Um velho provérbio oriental lembra que quando o vento sopra forte há quem levante muros e há quem construa moinhos de vento. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>lembra</i>) | Discurso teórico | S.99 |
| | À atitude defensiva de quem constrói muros para se proteger, preferimos a inspiração de quem usa o vento como energia. | Presença de marca deítica com valor dilatado (coletivo que o protagonista da interação verbal integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal <i>preferimos</i> Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>preferimos</i>) | Discurso interativo | S.100 |
| P.44 | É essa inspiração que queremos para a Universidade Católica Portuguesa e que queremos que esta irradie. | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal com valor dilatado (coletivo), de 1ª PPI (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal das duas formas verbais: <i>queremos</i> Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>queremos</i>) Presença de anáfora (referente a <i>inspiração</i>) Modalização pragmática (<i>queremos</i>) | Discurso interativo | S.101 |
| P.45 | Porque a vocação da Universidade Católica Portuguesa reside precisamente aqui, em inspirar, em ser fonte de inspiração: inspirar, levar cada um a encontrar em si o engenho que transforma o que se recebe em futuro promissor. | Ausência de marcas deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>reside, transforma, se recebe</i>) Construções infinitivas impessoais (<i>inspirar, levar</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>porque</i>) Procedimentos de referência deítica intratextual (<i>aqui</i>) | Discurso teórico | S.102 |
| P.46 | É neste horizonte de esperança de uma universidade cuja vocação é inspirar que a Universidade Católica Portuguesa terá de cumprir quotidianamente a sua missão: investir na investigação em rede, aberta, multidisciplinar, fundada na cultura humanista que a identifica, formar para a confiança pela força conjugada dos saberes teórico e prático, defender intransigentemente a qualidade, no plano nacional e internacional. | Marcas deíticas de 3ª PS referentes ao coletivo <i>Universidade Católica</i> , que o agente de produção representa e integra (parafraseável por marcas linguísticas de implicação atenuada - <i>nós</i>): - na desinência número-pessoal da forma verbal de futuro <i>terá (de cumprir)</i> - no nome próprio (<i>Universidade Católica</i>) Ocorrência de verbo modal, no futuro simples + infinitivo (<i>terá de</i>) Construções infinitivas (<i>investir, formar, defender</i>) Anáforas pronominais (<i>sua</i>) Modalização deontica (<i>terá de cumprir</i>) | Misto interativo-teórico | S.103 |
| Conclusão | P.47 E termino com a adaptação do refrão de uma canção ouvida há muito: “que a universidade católica portuguesa volte a ser o que nunca foi”, isto é, que a Universidade Católica Portuguesa seja capaz de, em cada dia, regressar ao momento em que nasceu, em que não tinha passado e só um projecto imenso a realizar, um projecto da | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal - marcas linguísticas de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal <i>termino</i> Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>termino</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>isto é</i>) Paralelismos anafóricos (iniciados por <i>um projeto</i>) | Discurso interativo | S.104 |

| | | | | |
|-------|------|---|---|---------------------------|
| | | sociedade civil, um projecto de Igreja: inspirar, ser fonte de inspiração. | | |
| | P.48 | A viagem que a Universidade Católica Portuguesa inicia com a minha tomada de posse começa com um passo. | Presença de unidades que remetem para o protagonista da interação verbal - marcas deíticas de 1ª PS (1 ocorrência): - no determinante possessivo (<i>minha</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>inicia, começa</i>) | Discurso interativo S.105 |
| | | Está dado. | Forma verbal de presente + participio passado (referente a <i>um passo</i> , presente no segmento anterior) | Discurso interativo S.106 |
| | | Agora, vamos continuar a andar. | Presença de unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor de implicação dilatado (grupo que integra) - marcas deíticas de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>vamos continuar a andar</i>) Forma verbal de futuro perifrástico (<i>vamos continuar</i>) Deítico temporal (<i>agora</i>) Modalização pragmática (<i>vamos continuar a</i>) | Discurso interativo S.107 |
| Fecho | P.49 | Que Deus ilumine o meu caminho. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal: - marcas deíticas de 1ª PS (1 ocorrência), no determinante possessivo <i>meu</i> Oração introduzida por <i>que</i> + forma verbal no presente do conjuntivo (valor de desejo) Modalização pragmática (<i>Que Deus ilumine</i>) | Discurso interativo S.108 |
| | | Que Deus ilumine o nosso caminho. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado (grupo em que se insere): - marcas deíticas de 1ª PPI (1 ocorrência), no determinante possessivo <i>nosso</i> Oração introduzida por <i>que</i> + forma verbal no presente do conjuntivo (valor de desejo) Modalização pragmática (<i>Que Deus ilumine</i>) | Discurso interativo S.109 |

Anexo A.4.

| Quadro 4. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TM4 | | | | | |
|--|-----|---|--|---------------------|----------|
| | § | Segmento textual | Marcas linguísticas e enunciativas | Tipo de discurso | Segmento |
| Abertura | P.1 | Senhor Presidente da República Senhores Presidentes Doutor Jorge Sampaio e Professor Aníbal Cavaco Silva, Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente Senhor Doutor Artur Santos Silva Cara e caros colegas Caros colaboradores da Fundação Minhas Senhoras e Meus Senhores | Unidades que remetem para a interação verbal: designação de destinatários diretos por intermédio de nomes próprios e de formas de tratamento (justificado pelo contexto de produção) Presença de unidades deícticas de 1ª PS (2 ocorrências): - nos determinantes demonstrativos (<i>minhas/meus</i>) | Discurso interativo | S.1 |
| | P.2 | É com um sentimento de profunda gratidão pelo nosso Fundador e pela instituição que criou que aceito a confiança que os meus colegas do Conselho de Administração em mim depositaram. | Unidades que remetem para a interação verbal, com alternância entre: a) marcas deícticas de 1ª PPI (coletivo que o agente de produção integra e representa – valor atenuado de implicação) (1 ocorrência): - no determinante possessivo (<i>nosso</i>) b) unidades deícticas de 1ª PS (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>aceito</i>) - na forma pronominal pessoal (<i>mim</i>) - no determinante possessivo (<i>meus</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>aceito</i>) Modalização apreciativa (<i>um sentimento de profunda gratidão</i>) | Discurso interativo | S.2 |
| Introdução | P.3 | As minhas primeiras palavras são naturalmente para o Senhor Presidente da República, que nos honra e que tanto gosto nos dá com a sua presença. | Unidades que remetem para a interação verbal, com alternância entre: a) unidades deícticas de 1ª PS (1 ocorrência): - no determinante possessivo (<i>minhas</i>) b) marcas deícticas de 1ª PPI (coletivo que o agente de produção integra e representa – valor atenuado de implicação) (2 ocorrências): - nos dois pronomes pessoais (<i>nos; nos</i>) Formas verbais de presente do indicativo (<i>são, honra, dá</i>) Designação de destinatário direto, por intermédio de formas de tratamento + nome próprio (<i>Presidente da República</i>) Anáforas pronominais (<i>sua</i> – referente a destinatário imediato da ação) Modalização apreciativa (<i>nos honra e tanto gosto nos dá</i>) | Discurso interativo | S.3 |
| | P.4 | Agradeço também a todos os amigos e colaboradores da Fundação que se quiseram associar a este momento especial, e com os quais todos | Unidades que remetem para a interação verbal, com alternância entre: a) unidades deícticas de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da | Discurso interativo | S.4 |

| | | | | | |
|-----------------|--|--|--|---------------------|-----|
| | os dias construímos esta obra sempre inacabada que é a Fundação Calouste Gulbenkian. | <p>forma verbal (<i>agradeço</i>)</p> <p>b) marcas deícticas de 1ª PPI (coletivo que o agente de produção integra e representa – valor atenuado de implicação) (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>construímos</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>agradeço, construímos</i>)</p> <p>Designação de destinatários imediatos (<i>todos os amigos e colaboradores da Fundação que se quiseram associar a este momento especial</i>)</p> <p>Deítico temporal (<i>este momento especial</i>)</p> | | | |
| Desenvolvimento | P.5 | Minhas senhoras e meus senhores, | <p>Unidades que remetem para a interação verbal: designação de destinatários diretos por intermédio de nomes e de formas de tratamento</p> <p>Presença de unidades deícticas de 1ª PS (2 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - nos determinantes demonstrativos (<i>minhas/meus</i>) | Discurso interativo | S.5 |
| | P.6 | Confesso que no momento em que o Dr. Santos Silva me desafiou, a primeira imagem que me ocorreu foi aquela sucessão da galeria de retratos dos Presidentes desta casa – Doutor José Azevedo Perdigão, Professor Ferrer Correia, Doutor Victor de Sá Machado, Doutor Emílio Rui Vilar e agora Doutor Artur Santos Silva, personalidades tão conhecidas e admiradas na sociedade portuguesa, que despertam uma mais do que merecida reverência. | <p>Unidades deícticas de 1ª PS, que remetem para o protagonista da interação verbal (4 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - nas desinências de número-pessoal das duas formas verbais (<i>confesso, ocorreu</i>) - nas duas formas pronominais pessoais (<i>me; me</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>confesso</i>); e de pretérito perfeito simples (<i>me ocorreu</i>)</p> <p>Deixis espacial (<i>desta casa</i>)</p> <p>Modalizações apreciativas (<i>mais do que merecida reverência</i>)</p> | Discurso interativo | S.6 |
| | P.7 | Realista como sou, a verdade é que naquele momento senti uma certa apreensão face à magnitude da tarefa. | <p>Unidades deícticas de 1ª PS, que remetem para o protagonista da interação verbal (2 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - nas desinências de número-pessoal das formas verbais (<i>sou, senti</i>) <p>Formas verbais de presente, com valor deítico (<i>sou</i>); e de pretérito perfeito simples (<i>senti</i>)</p> <p>Modalizações apreciativas (<i>realista como sou, certa apreensão</i>)</p> | Discurso interativo | S.7 |
| | P.8 | Mas como sou uma mulher de coragem, e sei que na vida nada acontece por acaso, e que tudo tem o seu tempo, foi com grande determinação que assumi este desafio. | <p>Unidades deícticas de 1ª PS, que remetem para o protagonista da interação verbal (3 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - nas desinências de número-pessoal das formas verbais (<i>sou, sei, assumi</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>sou, sei</i>); e de pretérito perfeito simples (<i>assumi</i>)</p> <p>Modalizações apreciativas (<i>uma mulher de coragem; com grande determinação</i>)</p> | Discurso interativo | S.8 |
| | P.9 | Hoje é sem dúvida um dos dias mais marcantes da minha vida. | <p>Unidades deícticas de 1ª PS, que remetem para o protagonista da interação verbal (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - no determinante possessivo (<i>minha</i>) <p>Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>é</i>)</p> <p>Deítico temporal (<i>hoje</i>)</p> <p>Modalização epistémica (<i>é sem dúvida</i>)</p> | Discurso interativo | S.9 |

| | | | | |
|------|--|---|---------------------|------|
| | <p>Tenho a consciência de que o privilégio de assumir a presidência da Fundação Calouste Gulbenkian é apenas excedido pela responsabilidade de servir uma instituição cujo legado ao serviço do bem comum a todos nos honra.</p> | <p>Unidades que remetem para a interação verbal, com alternância entre:</p> <p>a) unidades deícticas de 1ª PS (3 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das formas verbais <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>tenho</i>); e de infinitivo pessoal (<i>[eu]assumir, [eu]servir</i>)</p> <p>b) marcas deícticas de 1ª PPI (coletivo que o agente de produção integra e representa – valor atenuado de implicação) (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - no pronome pessoal (<i>nos</i>) <p>Modalizações apreciativas (<i>o privilégio de assumir; a todos nos honra</i>)</p> | Discurso interativo | S.10 |
| P.10 | <p>Fá-lo-ei com humildade, entusiasmo e sentido do dever, sabendo que posso contar com um grupo de Colegas cujas qualidades pessoais e profissionais são ímpares.</p> | <p>Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (3 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das formas verbais <p>Formas verbais do futuro simples (<i>fá-lo-ei</i>)</p> <p>Construções de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>sabendo[eu]</i>)</p> <p>Ocorrência de verbo modal (<i>posso</i>), no presente do indicativo</p> <p>Presença de anáfora pronominal, na forma verbal <i>fá-lo-ei</i></p> <p>Modalizações apreciativas (<i>com humildade, entusiasmo e sentido do dever; cujas qualidades são ímpares</i>)</p> <p>Modalização epistêmica (<i>sabendo</i>)</p> <p>Modalização pragmática (<i>posso contar</i>)</p> | Discurso interativo | S.11 |
| P.11 | <p>É também um estímulo saber que a Fundação tem um conjunto de colaboradores que respeita e personifica o extraordinário legado da Fundação dos últimos 60 anos.</p> | <p>Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>[eu saber]</i>) <p>Forma verbal de infinitivo pessoal (<i>[eu saber]</i>)</p> <p>Outras formas verbais, de presente do indicativo</p> <p>Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>também</i>)</p> <p>Organizadores temporais (<i>últimos 60 anos</i>)</p> <p>Modalização apreciativa (<i>é um estímulo</i>)</p> | Discurso interativo | S.12 |
| P.12 | <p>Gostava hoje de recordar e sublinhar os tantos exemplos de dedicação, lealdade e compromisso que, no fundo, são a alma desta casa.</p> | <p>Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>gostava</i>) <p>Forma verbal de pretérito imperfeito do indicativo (<i>gostava de</i>), com valor de presente, sublinhado pelo advérbio temporal (<i>hoje</i>)</p> <p>Deíctico temporal (<i>hoje</i>)</p> <p>Deíctico espacial (<i>desta casa</i>)</p> <p>Modalização pragmática (<i>Gostava de</i>)</p> | Discurso interativo | S.13 |
| | <p>Num momento em que uma geração mais nova está a ser chamada a novas responsabilidades, importa que esta renovação assente numa verdadeira cumplicidade entre todos, de acordo com a própria cultura da instituição.</p> | <p>Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal</p> <p>Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>está, importa, assente</i>); e construções passivas (<i>está a ser chamada</i>)</p> | Discurso teórico | S.14 |

| | | | | |
|------|---|---|---------------------|------|
| P.13 | Suceder a uma personalidade com o prestígio do Doutor Artur Santos Silva torna ainda mais exigente a responsabilidade que me atribuíram. | Presença de unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal de infinitivo pessoal ([eu]suceder) - no pronome (me) Formas verbais de infinitivo pessoal e de presente do indicativo Modalização apreciativa (<i>ainda mais exigente</i>) | Discurso interativo | S.15 |
| P.14 | A Fundação muito deve à sua liderança sempre presente e dedicação, rigor, curiosidade intelectual, espírito empreendedor e capacidade de mobilização. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente, sem valor deíctico (<i>deve</i>) | Discurso teórico | S.16 |
| P.15 | Como tivemos oportunidade de ouvir, inspirou-nos a levar a Fundação cada vez mais para fora destes muros, chegando mais longe, dentro e fora do País, a sua preocupação principal, e alargando as nossas redes de parceiros e interlocutores. | Unidades deícticas que remetem para a interação verbal, de 1ª PPI (coletivo que o agente de produção integra e representa – valor atenuado de implicação) (3 ocorrências): <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal - no pronome pessoal em posição átona (-nos) - no determinante possessivo (<i>nossas</i>) Formas verbais do pretérito perfeito simples, da ordem do narrar (<i>tivemos, inspirou-nos</i>) Anáforas pronominais | Relato interativo | S.17 |
| P.16 | Muito obrigada, Artur, Caro Presidente, por continuar a linhagem de presidentes ilustres da Fundação Calouste Gulbekian. | Unidades que remetem para a interação verbal: Designação de destinatários diretos por intermédio de nomes próprios (<i>Artur</i>); e de formas de tratamento + nome próprio (<i>Caro Presidente</i>) – em vocativo Forma de agradecimento (<i>Muito Obrigada</i>) | Discurso interativo | S.18 |
| P.17 | Sei que vou romper a tradição coimbrã da Faculdade de Direito - sou mulher, economista e de Lisboa - mas julgo que é mais uma prova da extraordinária capacidade de adaptação e evolução da Fundação. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (4 ocorrências): <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das formas verbais Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>sei, vou, sou, julgo</i>) Modalização epistémica (<i>julgo que é mais uma prova</i>) | Discurso interativo | S.19 |
| P.18 | Neste momento tão especial, quero também reconhecer publicamente o quanto devo aos mestres que, ao longo da minha carreira, me orientaram e sempre me deram asas para poder voar. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (6 ocorrências): <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal de três formas verbais - nos dois pronomes pessoais (<i>me; me</i>) - no determinante possessivo (<i>minha</i>) Formas verbais do presente do indicativo, com valor deíctico (<i>quero, devo</i>) Deíctico temporal (<i>neste momento</i>) Ocorrência de verbo modal, no infinitivo pessoal ([eu]poder) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>também</i>) Modalização deontica (<i>para poder voar</i>) Modalização pragmática (<i>quero reconhecer</i>) | Discurso interativo | S.20 |

| | | | | |
|------|---|---|---------------------|------|
| | Estou a pensar na Eng. ^a Alexandra Gomes, nos Professores Cavaco Silva e Valente de Oliveira, no Dr. Emílio Rui Vilar e, abusando do protocolo, no próprio Prof. Marcelo Rebelo de Sousa. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal Formas verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>estou</i>) Presença de nomes próprios e formas de tratamento (destinatários) | Discurso interativo | S.21 |
| P.19 | Caros Colegas, Colaboradores e Amigos, | Unidades que remetem para a interação verbal: designação de destinatários diretos por intermédio de nomes próprios e de formas de tratamento | Discurso interativo | S.22 |
| P.20 | Recordo muito bem o dia em que comecei a trabalhar nesta casa e, mais de 20 anos depois, tudo na Fundação me é próximo e familiar. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal das formas verbais - no pronome pessoal (<i>me</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>recordo</i>); e de pretérito perfeito simples (<i>comecei</i>) Deíctico espacial (<i>nesta casa</i>) Organizadores temporais (<i>mais de 20 anos</i>) | Discurso interativo | S.23 |
| P.21 | Conheço as pessoas e os desafios que a instituição hoje enfrenta. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>conheço</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>conheço</i>) Organizador temporal (<i>hoje</i>) | Discurso interativo | S.24 |
| | Acompanhei bem de perto as mudanças que a Fundação foi vivendo nas últimas décadas, em função dos constrangimentos da sua perpetuidade, ou da própria alteração do contexto da sua intervenção. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>acompanhei</i>) Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>acompanhei</i>), da ordem do narrar Organizadores temporais (<i>nas últimas décadas</i>) Presença de anáforas pronominais | Relato interativo | S.25 |
| P.22 | Assumo todas as escolhas passadas, e estou certa que os meus Colegas do Conselho de Administração me acompanham nos compromissos que considero essenciais para que a Fundação continue a desempenhar, de forma exemplar, a missão que lhe foi confiada por essa personagem fascinante do século XX que foi Calouste Gulbenkian. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (5 ocorrências): - na desinência número-pessoal de três formas verbais (<i>assumo, estou, considero</i>) - no pronome pessoal (<i>me</i>) - no determinante possessivo (<i>meus</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>assumo, estou, considero</i>) Modalizações apreciativas (<i>que considero essenciais, de forma exemplar, essa personagem fascinante</i>) Modalização epistémica (<i>estou certa que</i>) | Discurso interativo | S.26 |
| P.23 | Hoje interessa-me, sobretudo, refletir sobre o seu momento presente e sobre as circunstâncias que condicionam o seu futuro. | Unidades que remetem para a interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências) - na forma pronominal (<i>me</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>interessa-me</i>), com valor deíctico Deíctico temporal (<i>hoje</i>) – assinala o momento da interação real | Discurso interativo | S.27 |

| | | | | |
|------|---|--|---------------------|------|
| | Será a partir desta leitura que construiremos a nossa agenda, num equilíbrio entre o legado da Fundação e as exigências da modernidade. | Presença de unidades deícticas de 1ª PPI, com valor dilatado, referente ao coletivo que o agente de produção integra e representa (2 ocorrências): <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal de futuro (<i>construiremos</i>) - no determinante possessivo (<i>nossa</i>) Formas verbais de futuro simples (<i>construiremos, será</i>) Presença de anáfora (<i>desta leitura</i>) | Discurso interativo | S.28 |
| P.24 | Sinto que os portugueses continuam a exigir e a confiar na Fundação Calouste Gulbenkian, o que é um grande estímulo para nós. | Unidades que remetem para a interação verbal, com alternância entre: <ul style="list-style-type: none"> a) unidades deícticas de 1ª PS (1 ocorrência): <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>sinto</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>sinto</i>) b) marcas deícticas de 1ª PPI (coletivo que o agente de produção integra e representa – valor atenuado de implicação) (1 ocorrência): <ul style="list-style-type: none"> - no pronome pessoal (<i>nós</i>) Modalização apreciativa (<i>é um grande estímulo</i>) | Discurso interativo | S.29 |
| P.25 | Também, a integração nas principais redes de fundações internacionais, que projetou a Fundação para um patamar muito relevante a nível global, é uma mais-valia indispensável para uma eficaz intervenção nos grandes problemas do nosso tempo. | Presença de unidades deícticas de 1ª PPI, com valor dilatado, referente ao coletivo que o agente de produção integra e representa (1 ocorrência): <ul style="list-style-type: none"> - no determinante possessivo (<i>nosso</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>é [uma mais-valia]</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>também</i>) | Discurso interativo | S.30 |
| P.26 | Entre o local e o global, a Fundação deve continuar o seu trabalho filantrópico enquanto instituição portuguesa aberta ao mundo. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbo modal (<i>deve</i>), no presente do indicativo Modalização deontica (<i>deve continuar</i>) | Discurso teórico | S.31 |
| P.27 | Numa coincidência feliz e muito simbólica, o meu mandato inicia-se quando decorre uma das mais importantes exposições que a Fundação alguma vez organizou: José de Almada Negreiros, “Uma Maneira de Ser Moderno”. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): <ul style="list-style-type: none"> - no determinante possessivo (<i>meu</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>[o meu mandato] inicia-se</i>) Modalização apreciativa (<i>coincidência feliz e muito simbólica</i>) | Discurso interativo | S.32 |
| P.28 | O Almada tem, para mim, uma das mais certas definições sobre o que significa ser “moderno” e que, como sabem, até deu origem ao título da exposição: “Isto de ser moderno”, dizia-nos, “é como ser elegante: não é uma maneira de vestir mas sim uma maneira de ser. Ser moderno (...)”, conclui, “é ser o legítimo descobridor da novidade”. | Unidades deícticas que remetem para a interação verbal, com alternância entre: <ul style="list-style-type: none"> a) unidades deícticas de 1ª PS (1 ocorrência): <ul style="list-style-type: none"> - no pronome pessoal (<i>mim</i>) b) marcas deícticas de 1ª PPI (coletivo que o agente de produção integra e representa – valor atenuado de implicação) (1 ocorrência): <ul style="list-style-type: none"> - no pronome pessoal em posição átona (<i>-nos</i>) Presença de formas verbais de presente do indicativo (<i>tem, sabem, significa</i>) Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>deu, conclui</i>); e de pretérito imperfeito do | Discurso interativo | S.33 |

| | | | | |
|------|--|--|--------------------------|------|
| | | indicativo (<i>dizia-nos</i>) Presença de unidades que remetem para os destinatários imediatos da ação, na desinência número-pessoal da forma verbal de presente do indicativo <i>sabem</i> (sugere a interação real) | | |
| P.29 | Para mim, este é também o principal desígnio da Fundação, - a mais relevante instituição filantrópica portuguesa - antecipar o futuro e apostar na inovação, ajudando a preparar os cidadãos de amanhã. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - no pronome pessoal (<i>mim</i>) Formas verbais do presente do indicativo, com valor deíctico (<i>é</i>) Presença de anáfora, que remete para elementos do segmento anterior (<i>este</i>) | Discurso interativo | S.34 |
| P.30 | Uma Fundação como a nossa deve assumir-se como agente de mudança, utilizando para esse efeito todos os recursos que tem ao seu dispor, financeiros e não financeiros, bem como toda a sua experiência acumulada. | Unidades deícticas que remetem para a interação verbal, com alternância entre: a) marcas deícticas de 3ª PS referentes ao coletivo <i>Fundação</i> , que o agente de produção representa e integra (parafraseável por marcas linguísticas de implicação atenuada - <i>nós</i>): - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>deve assumir-se; tem</i>) - no nome próprio (<i>Fundação</i>) b) marca deíctica de 1ª PPI (coletivo que o agente de produção integra e representa – valor atenuado de implicação) (1 ocorrência): - no pronome possessivo (<i>nossa</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>tem</i>) Pronome indefinido <i>se</i> Ocorrência de verbo modal (<i>deve</i>), no presente do indicativo Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>bem como</i>) Modalização deontica (<i>deve assumir-se</i>) | Misto interativo-teórico | S.35 |
| P.31 | A par de uma ligação mais estreita entre todas as atividades que a Fundação promove, importa dar maior expressão ao seu papel de mobilização e mediação, ativando o seu poder de convocatória. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>importa, promove</i>) Construções de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>ativando</i>) Anáforas pronominais Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>a par de</i>) | Discurso teórico | S.36 |
| | E contribuindo sempre para a produção de conhecimento e para o ensaio de soluções para os principais problemas. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Construções de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>contribuindo</i>) | Discurso teórico | S.37 |
| P.32 | Importa compreender que há novos desafios e, mantendo-se fiel às suas finalidades estatutárias, a Fundação tem de ousar trilhar caminhos novos, como, aliás, sempre o fez no passado. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>há, importa</i>); e de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>mantendo-se</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>tem de</i>) Pronome indefinido <i>se</i> (<i>mantendo-se</i>) Anáforas pronominais Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>como, aliás</i>) Modalização deontica (<i>tem de ousar</i>) | Discurso teórico | S.38 |
| P.33 | É neste contexto que assumo os seguintes compromissos: | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da | Discurso interativo | S.39 |

| | | | | |
|------|---|--|---------------------|------|
| | | forma verbal (<i>assumo</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>assumo</i>), com valor deítico | | |
| P.34 | 1- O primeiro é, desde logo, um compromisso com o futuro, garantindo que a Fundação acompanha os novos tempos, antecipando as questões essenciais que determinam as estruturas do conhecimento e o impacto da tecnologia na sociedade, e que asseguram a sustentabilidade dos recursos naturais e dos sistemas sociais. | Compromissos assumidos pelo agente de produção – dá continuidade ao segmento anterior Construções de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>garantindo, antecipando</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>é</i>) Forma verbal de indicativo, com valor de posterioridade (<i>acompanha</i>) Presença de nome próprio (<i>Fundação</i>) | Discurso interativo | S.40 |
| P.35 | 2 - O segundo compromisso é com os mais vulneráveis, aqueles que mais necessitam do nosso apoio e que, como tal, deverão ser os principais beneficiários da atividade da Fundação. | Presença de unidades deíticas de 1ª PPI, com valor dilatado, referente ao coletivo que o agente de produção integra e representa (1 ocorrência): - no determinante possessivo (<i>nosso</i>) Formas verbais de presente do indicativo (<i>é, necessitam</i>) Ocorrência de verbo modal, no futuro simples (<i>deverão</i>) Modalização deontica (<i>deverão ser</i>) Modalizações apreciativas (<i>que mais necessitam do nosso apoio</i>) | Discurso interativo | S.41 |
| | Esta é a responsabilidade primeira de uma instituição filantrópica como a nossa, que a todos pertence. | Retoma dos compromissos assumidos pelo agente de produção (<i>esta é a responsabilidade primeira</i>) Presença de unidades deíticas de 1ª PPI, com valor dilatado, referente ao coletivo que o agente de produção integra e representa (1 ocorrência): - no pronome possessivo (<i>nossa</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>é</i>) Presença de anáfora pronominal (<i>Esta</i>) | Discurso interativo | S.42 |
| P.36 | 3- O terceiro compromisso está relacionado com a importância da cultura, – falo de arte, de educação e de ciência - que nos dá a sabedoria e constitui os alicerces da tão necessária tolerância nos tempos conturbados em que vivemos. | Unidades deíticas que remetem para a interação verbal, com alternância entre: a) unidades deíticas de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>falo</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>falo</i>) b) marcas deíticas de 1ª PPI (coletivo que o agente de produção integra e representa – valor atenuado de implicação) (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>vivemos</i>) - no pronome pessoal (<i>nos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>vivemos</i>) Modalizações apreciativas (<i>tão necessária... nos tempos conturbados em que vivemos</i>) | Discurso interativo | S.43 |
| P.37 | Sabemos que uma sociedade culta dificilmente será compatível com uma sociedade que não é solidária. | Unidades deíticas que remetem para a interação verbal, de 1ª PPI (coletivo que o agente de produção integra e representa – valor atenuado de implicação) (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>sabemos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>sabemos</i>) | Discurso interativo | S.44 |
| P.38 | Como afirmava Sophia de Mello Breyner, em 1975, perante a Assembleia | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de pretérito imperfeito do | Narração | S.45 |

| | | | | |
|------|---|--|---------------------|------|
| | Constituinte, “a cultura não existe para enfeitar a vida mas sim para a transformar para que o homem possa construir e construir-se em consciência, em verdade e liberdade, e em justiça”. | indicativo (<i>afirmava</i>), da ordem do narrar Presença de organizadores temporais (<i>em 1975</i>) | | |
| P.39 | A meu ver, a Fundação encontra-se numa posição de vantagem. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - no determinante possessivo (<i>meu</i>) | Discurso interativo | S.46 |
| | Dispõe da experiência, mas também de todos os instrumentos necessários para atingir estes três compromissos como um todo. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>dispõe</i>) Presença de anáforas (<i>estes três compromissos</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>mas também</i>) | Discurso teórico | S.47 |
| P.40 | E esta é a minha mensagem principal: vejo a Fundação como uma instituição filantrópica, única e una, que constrói a sua identidade na diversidade da sua intervenção, da arte à ciência, da educação à beneficência, as quatro finalidades estatutárias definidas pelo nosso fundador, numa combinação equilibrada de recursos. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>vejo</i>) - no determinante possessivo (<i>minha</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>vejo</i>) Modalização apreciativa (<i>filantrópica, única e una</i>) | Discurso interativo | S.48 |
| P.41 | À luz dos compromissos que mencionei, empenhar-me-ei na promoção da seguinte agenda: | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>mencionei</i>) Forma verbal de pretérito perfeito simples (<i>mencionei</i>) - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>empenhar-me-ei</i>) - no pronome pessoal em posição átona (<i>me</i>) Forma verbal de futuro simples (<i>empenhar-me-ei</i>) Modalização pragmática (<i>empenhar-me-ei</i>) | Discurso interativo | S.49 |
| P.42 | 1. Projetar a Fundação como um todo, alinhada pela mesma visão e missão, aumentando o impacto social das suas atividades. | Estratégia discursiva para enumerar os pontos da agenda: Ausência de marcas que remetem para a interação verbal, com construções verbais infinitivas impessoais (<i>projetar</i>) e gerúndio (<i>aumentando</i>) | Discurso teórico | S.50 |
| P.43 | Reforçaremos pois o planeamento estratégico e a colaboração entre todas as áreas, articulando virtuosamente as suas valências e competências em torno de uma visão comum. | Unidades deícticas que remetem para a interação verbal, de 1ª PPI (coletivo que o agente de produção integra e representa – valor atenuado de implicação) (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>reforçaremos</i>) Forma verbal de futuro simples (<i>reforçaremos</i>) Construções de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>articulando</i>) | Discurso interativo | S.51 |
| P.44 | 2. Concretizar uma nova abordagem da política de intervenção da Fundação, orientada para a resolução de problemas, procurando um | Estratégia discursiva para enumerar os pontos da agenda: Ausência de marcas que remetem para a interação verbal, com construções infinitivas impessoais (<i>concretizar</i>); e de gerúndio, com | Discurso teórico | S.52 |

| | | | | | |
|------|--|--|---|---------------------|------|
| | maior foco, transversalidade e inovação assentes em três pilares fundamentais – a coesão social, a sustentabilidade e o conhecimento. | valor de simultaneidade (<i>procurando</i>) | | | |
| P.45 | 3. Afirmar a Fundação como impulsionadora da preparação das novas gerações e das novas lideranças nas diferentes áreas em que atuamos, o que significa pôr a tônica da ação naquilo que acreditamos que o futuro vai exigir. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PPI, referente ao grupo que o agente de produção representa, com valor de implicação atenuado (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal das formas verbais Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>atuamos, acreditamos</i>) Forma verbal de futuro perifrástico (<i>vai exigir</i>) | Discurso interativo | S.53 | |
| P.46 | 4. Potenciar a criação artística nas suas infinitas possibilidades, ativando o papel cívico da cultura, entendida num sentido amplo de criação, de inovação e de promoção da acessibilidade da cultura a todos os cidadãos. | Estratégia discursiva para enumerar os pontos da agenda: Ausência de marcas que remetem para a interação verbal, com construções infinitivas impessoais e gerúndio | Discurso teórico | S.54 | |
| P.47 | 5. Destacar o potencial das artes no questionamento, compreensão e diálogo entre diferentes épocas e civilizações, nomeadamente entre o Ocidente e o Oriente, tirando partido do legado e coleção do Fundador, bem como da relação próxima com as Comunidades Arménias. | Estratégia discursiva para enumerar os pontos da agenda: Ausência de marcas que remetem para a interação verbal, com construções infinitivas impessoais e de gerúndio Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>bem como</i>) | Discurso teórico | S.55 | |
| P.48 | 6. Posicionar a Fundação como um centro de reflexão e debate, que enquadre os problemas de Portugal com os problemas da Europa e do Mundo, em parceria com as principais fundações, “think tanks” e universidades, contribuindo para a consolidação de um modelo de sociedade humanista e de diálogo entre culturas. | Estratégia discursiva para enumerar os pontos da agenda: Ausência de marcas que remetem para a interação verbal, com construções infinitivas impessoais e de gerúndio | Discurso teórico | S.56 | |
| P.49 | 7. Aumentar a flexibilidade da organização no sentido de maior descentralização e transversalidade, baseada numa cultura interna de agilidade, responsabilidade e compromisso. | Estratégia discursiva para enumerar os pontos da agenda: Ausência de marcas que remetem para a interação verbal, com construções infinitivas impessoais e de gerúndio | Discurso teórico | S.57 | |
| P.50 | 8. Manter a liberdade de opção nos caminhos a seguir, sem nunca diminuir a qualidade daquilo que fazemos, mas com a consciência de que a prudência na gestão dos recursos exige sempre escolhas. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PPI, referente ao grupo que o agente de produção representa, com valor de implicação atenuado (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal Formas verbais de presente do indicativo (<i>fazemos</i>), com valor deíctico Modalizações apreciativas (<i>sem nunca diminuir a qualidade</i>) | Discurso interativo | S.58 | |
| Co | P.51 | A terminar, uma nota pessoal | Unidades deícticas que remetem para o agente de produção, de 1ª PS (3 ocorrências): | Discurso interativo | S.59 |

| | | | | | |
|--------------|------|---|---|---------------------|------|
| | P.52 | Tenho sido muito feliz nesta casa, indo agora, espero, viver um novo ciclo com a alegria e o entusiasmo de sempre e com um renovado sentido de futuro e de esperança. | <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das formas verbais Formas verbais de pretérito perfeito composto (<i>tenho sido</i>); de presente do indicativo, com valor deítico (<i>espero</i>); e de futuro perifrástico (<i>indo[eu] viver</i>) Deítico espacial (<i>nesta casa</i>) Deítico temporal (<i>agora</i>) Modalizações apreciativas (<i>muito feliz; com a alegria e o entusiasmo de sempre</i>) | | |
| | P.53 | Sei que só consegui chegar até aqui com o apoio permanente da minha família. | Unidades deícticas que remetem para o agente de produção, de 1ª PS (3 ocorrências): <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das duas formas verbais - no determinante possessivo (<i>minha</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>sei</i>); e de pretérito perfeito simples (<i>consegui</i>) | Discurso interativo | S.60 |
| | | E por isso, quero acima de tudo, dizer agora às minhas netas que uma carreira profissional é apenas, e só, uma parte importante da nossa vida. | Unidades deícticas que remetem para o agente de produção, de 1ª PS (2 ocorrências): <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal - no determinante possessivo (<i>minhas</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>quero</i>) Deítico temporal (<i>agora</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>e por isso</i>) Modalização pragmática (<i>quero dizer agora às minhas netas</i>) | Discurso interativo | S.61 |
| | P.54 | A realização pessoal vai muito mais além, e exige escolhas, sensibilidade e bom senso que preservem o essencial - o amor, a família e a integridade. | Ausência de marcas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>vai, exige, preservem</i>) | Discurso teórico | S.62 |
| | P.55 | Conciliar uma carreira com a família é um desafio também para os homens, mas a verdade é que as mulheres têm-se confrontado com mais dificuldades e incompreensão e têm feito um longo e persistente caminho na procura da igualdade. | Ausência de marcas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é, têm-se</i>); e de pretérito perfeito composto (<i>têm feito</i>) Pronome indefinido <i>se</i> (<i>têm-se</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>mas, também</i>) Modalizações epistémicas (<i>a verdade é que</i>) | Discurso teórico | S.63 |
| | P.56 | Espero sinceramente que daqui a 5 anos todos os que têm confiado em mim tenham orgulho no meu mandato como a primeira mulher Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian. | Unidades deícticas que remetem para o agente de produção, de 1ª PS (3 ocorrências): <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>espero</i>) - no pronome pessoal (<i>mim</i>) - no determinante possessivo (<i>meu</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>espero</i>) Forma verbal de presente do conjuntivo (<i>tenham</i>) – expressa um desejo, projetado para o futuro, demarcado pelo organizador temporal <i>daqui a 5 anos</i> Organizador temporal, com valor de posterioridade (<i>daqui a 5 anos</i>) Modalização apreciativa (<i>sinceramente</i>) | Discurso interativo | S.64 |
| Fecho | P.57 | Senhor Presidente da República, | Unidades que remetem para a interação verbal: designação de destinatários diretos por intermédio de nomes próprios e de formas de tratamento | Discurso interativo | S.65 |

| | | | | |
|------|--|--|---------------------|------|
| P.58 | Estou certa que a Fundação poderá contar consigo em todas as ocasiões. | <p>Presença de:</p> <p>a) Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>estou</i>) <p>Forma verbal de presente do indicativo (<i>estou</i>), com valor deíctico</p> <p>Modalização epistêmica (<i>estou certa que...</i>)</p> <p>b) Marcas de 3ª PS:</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>poderá</i>) - no nome próprio (<i>Fundação</i>) <p>Presença de formas referenciais de destinatário imediato da ação (<i>consigo</i>) – interpelação direta, sugere a interação real</p> <p>Ocorrência de verbo modal <i>poder</i>, no futuro simples (<i>poderá</i>)</p> <p>Modalização deontica (<i>poderá contar</i>)</p> | Discurso interativo | S.66 |
| | Saiba que esta será sempre a sua Casa e que aqui encontrará interlocutores interessados e dedicados. | <p>Interpelação direta a destinatário imediato, por intermédio da forma verbal <i>saiba</i> – sugere a interação real</p> <p>Formas verbais de futuro simples (<i>será, encontrará</i>)</p> <p>Deixis espacial (<i>esta Casa, aqui</i>)</p> <p>Modalização pragmática (<i>Saiba que</i>)</p> | Discurso interativo | S.67 |
| | Como não vejo melhor forma de começar o meu mandato e ainda que não estivesse previsto, gostaria de o convidar, se assim entender adequado, de subir a este palco e usar da palavra. | <p>Unidades deícticas que remetem para o agente de produção, de 1ª PS (3 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>vejo, gostaria</i>) - no determinante possessivo (<i>meu</i>) <p>Designação de destinatário imediato (<i>o[convidar]; entender; subir; usar</i>) - interpelação direta (sugere a interação real)</p> <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>vejo</i>); e de condicional (<i>gostaria de</i>)</p> <p>Modalizações apreciativas (<i>não vejo melhor forma de...</i>)</p> <p>Modalização pragmática (<i>gostaria de o convidar</i>)</p> | Discurso interativo | S.68 |

Anexo A.5.

| Quadro 5. Análise dos aspectos linguístico-discursivos no TM5 | | | | | |
|---|------------------|--|---|---------------------|-----|
| § | Segmento textual | Marcas linguísticas e enunciativas | Tipo de discurso | Segmento | |
| Abertura | P.1 | Muito boa tarde e muito obrigada por estarem aqui! | Unidades que remetem para a interação verbal: Designação de destinatários diretos – interactantes (implícito na desinência número-pessoal da forma verbal <i>estarem</i> [subentende-se <i>vocês=os que estão presentes</i>] – sugere a interação real) Formas de cumprimento e agradecimento Frase não declarativa (exclamativa) Deítico espacial (<i>aquí</i>) | Discurso interativo | S.1 |
| | P.2 | Não imaginam a alegria que é ter nesta sala hoje algumas das pessoas mais importantes da minha vida e de quanto isso me conforta o coração. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal - no determinante possessivo (<i>minha</i>) - no pronome pessoal (<i>me</i>) Forma verbal de infinitivo pessoal (<i>ter</i>) Outras formas verbais de presente do indicativo (<i>imaginam, conforta</i>) Referência aos destinatários imediatos da ação, subentendida na desinência número-pessoal da forma verbal <i>imaginam</i> (= [<i>vocês</i>] não <i>imaginam</i>) Deítico temporal (<i>hoje</i>) Deítico espacial (<i>nesta sala</i>) Modalizações apreciativas (<i>a alegria que é, mais importantes da minha vida</i>) | Discurso interativo | S.2 |
| Introdução | P.3 | Vivemos tempos exaltantes. | Unidades deícticas que remetem para a interação verbal, de 1ª PPI (valor atenuado de implicação) (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>vivemos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>vivemos</i>) | Discurso interativo | S.3 |
| | | São tempos de uma esperança muito refrescante. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo (<i>são</i>), sem valor deítico Anáfora nominal (<i>tempos</i>) | Discurso teórico | S.4 |
| | | Esperança num país solidário, num país desenvolvido, num país soberano. | Presença de anáforas nominais (referente lexical - <i>Esperança</i>) – continuidade do segmento anterior | Discurso teórico | S.5 |
| | | Esperança num Portugal de que nos possamos orgulhar. | Presença de unidades deícticas que remetem para a interação verbal - marcas de 1ª PPI, com valor dilatado do <i>eu</i> (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>possamos</i>) - no pronome pessoal (<i>nos</i>) Ocorrência de verbo modal (<i>possamos</i>), no presente do conjuntivo Anáfora nominal (<i>Esperança</i>) Modalização epistêmica (<i>possamos orgulhar</i>) | Discurso interativo | S.6 |
| | | Um país que trate bem as pessoas, os cidadãos e as cidadãs, os trabalhadores e as trabalhadoras, com respeito, com decência e com dignidade: numa palavra, que os trate como gente, gente que merece muito melhor do que o que tem tido. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do conjuntivo (<i>trate, merece</i>); e pretérito perfeito composto (<i>tem tido</i>) Presença de anáforas pronominais | Discurso teórico | S.7 |

| | | | | | |
|-----------------|-----|---|--|---------------------|------|
| Desenvolvimento | P.4 | Agora, a democracia está a passar por aqui. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente, sem valor deítico (<i>está</i>) Procedimentos de referenciação deíctica intratextual (<i>agora, aqui</i>) | Discurso teórico | S.8 |
| | | Ela chama por todos nós, e chamou também por mim. | Alternância entre: a) Marcas deícticas de 1ª PPI, com valor dilatado do <i>eu</i> (1 ocorrência): - no pronome pessoal (<i>nós</i>) b) Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - no pronome pessoal (<i>mim</i>) Formas verbais de presente do indicativo (<i>chama</i>); e de pretérito perfeito simples (<i>chamou</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>também</i>) | Discurso interativo | S.9 |
| | | E aqui estou: serei candidata à presidência da República. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>estou</i>) Fora verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>estou</i>) Deíctico espacial (<i>aqui</i>) - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>serei</i>) Forma verbal de futuro simples (<i>serei</i>) | Discurso interativo | S.10 |
| | | O nosso lema – UMA POR TODOS – diz-nos da esperança de levarmos até Belém uma política que não exclua, uma política que não se coloque ao serviço das minorias privilegiadas de sempre. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado, referente ao coletivo que o agente de produção integra, de 1ª PPI (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>estarmos</i>) - no pronome pessoal em posição átona (<i>-nos</i>) - no determinante possessivo (<i>nosso</i>) Forma verbal de infinitivo pessoal (<i>levarmos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>diz-nos</i>) Deíctico espacial (<i>Belém</i>) | Discurso interativo | S.11 |
| | P.5 | A direita anda desesperada como nunca a tínhamos visto, os grandes interesses consideram-se em risco e, em conjunto têm um projecto: onde cresce a esperança, espalham o medo; onde se forma a união, semeiam a chantagem; onde há sinais de mudança, tentam manter o <i>status quo</i> . | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado, referente ao coletivo que o agente de produção integra, de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal composta (<i>tínhamos visto</i>) Forma verbal de pretérito mais-que-perfeito composto (<i>tínhamos visto</i>) Paralelismo anafórico no interior do segmento (introduzido por <i>onde</i>) | Discurso interativo | S.12 |
| | P.6 | Querem fazer das presidenciais uma segunda volta das legislativas, querem uma desforra, querem vingança. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>querem</i>) Paralelismo anafórico no interior do segmento (introduzido por <i>querem</i>) | Discurso teórico | S.13 |

| | | | | |
|--|---|--|---------------------|------|
| P.7 | Perdida a maioria absoluta no parlamento, pretendem, pelo menos, manter o poder em Belém para, a partir daí, bloquearem qualquer processo de transformação. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>pretendem, bloquearem</i>) | Discurso teórico | S.14 |
| P.8 | A direita dos interesses está toda unida neste projecto. | Ausência de marcas deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>está</i>) | Discurso teórico | S.15 |
| | Está em plena contra-ofensiva. | Ausência de marcas deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>está</i>) | Discurso teórico | S.16 |
| | A contra-ofensiva de quem não quer perder os seus privilégios e quer proteger os seus interesses, de quem não concebe um mundo sem esses privilégios e serem eles a mandar. | Ausência de marcas deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>está, concebe</i>); construções infinitivas impessoais (<i>quer perder, quer proteger</i>) Anáforas nominais (<i>contra-ofensiva</i>) Anáforas pronominais | Discurso teórico | S.17 |
| | Os próximos tempos serão duros, temos de preparar-nos para isso. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado, referente ao coletivo que o agente de produção integra, de 1ª PPI (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal das duas formas verbais - no pronome pessoal em posição átona (<i>-nos</i>) Ocorrência de verbo modal (<i>temos de</i>), no presente do indicativo, com valor de futuro Forma verbal de futuro simples (<i>serão</i>) Forma verbal de infinitivo pessoal (<i>preparar-nos</i>) Organizadores temporais (<i>próximos tempos</i>) Modalização deôntica (<i>temos de preparar-nos</i>) | Discurso interativo | S.18 |
| E uma forma de nos protegermos é garantir que temos na Presidência da República alguém que não dê cobertura aos ataques contra o país e contra a democracia. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado, referente ao coletivo que o agente de produção integra, de 1ª PPI (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal das duas formas verbais - no pronome pessoal (<i>nos</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>temos</i>); e infinitivo pessoal (<i>protegermos</i>) | Discurso interativo | S.19 | |
| P.9 | A direita apresenta-se com um rosto mais civilizado, com um ar mais moderno e tolerante, mas não se iludam: quem procurou fazer da televisão um trampolim ao serviço da sua desmesurada ambição política, estará disposto a vender tudo e o seu contrário para atingir os seus objectivos. | Presença de unidades que remetem para os interactantes da ação real: Designação de destinatário na forma verbal <i>iludam</i> , sugerindo a interação real (<i>iludam = [vocês]</i>) Forma verbal com valor de imperativo – interpelação direta aos destinatários Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>mas</i>) | Discurso interativo | S.20 |
| | Contudo, a pauta é a mesma de sempre: profundamente conservadora no que respeita aos direitos e às liberdades individuais, profundamente | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado, referente ao coletivo que o agente de produção integra, de 1ª PPI (2 ocorrências): - nos determinantes possessivos (<i>nossa, nossa</i>) Formas verbais de presente do indicativo Modalização apreciativa (<i>profundamente conservadora,</i> | Discurso interativo | S.21 |

| | | | | |
|------|---|---|---------------------|------|
| | subserviente à lei do mercado e do mais forte, profundamente covarde no que respeita à nossa soberania e à nossa relação com a Europa e com o Mundo. | <i>profundamente subserviente)</i> | | |
| | Esta continua a ser uma disputa entre as elites poderosas e a maioria do povo. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>continua</i>) | Discurso teórico | S.22 |
| P.10 | Candidato-me para ajudar a derrotar este projecto das elites. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>candidato</i>) - no pronome pessoal em posição átona (<i>-me</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>candidato</i>), com valor deíctico Construções com infinitivo (<i>ajudar, derrotar</i>) | Discurso interativo | S.23 |
| | Porque a presidência da República, no nosso regime constitucional, é um dos centros nevrálgicos da definição do perfil do país que queremos. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado, referente ao coletivo que o agente de produção integra, de 1ª PPI (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>queremos</i>) - no determinante possessivo (<i>nosso</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>queremos</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>porque</i>) | Discurso interativo | S.24 |
| | Não me candidato para fazer número, para animar a campanha ou para erguer a bandeira do partido. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>candidato</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>candidato</i>), com valor deíctico Construções com infinitivo (<i>fazer, animar, erguer</i>) | Discurso interativo | S.25 |
| P.11 | Esta candidatura vem para somar e não para subtrair, vem para agregar, vem para mobilizar. | Presença de marcas deícticas que remetem para a interação verbal: - no determinante demonstrativo+nome (<i>esta candidatura</i>) – sugere o momento da ação Formas verbais de presente do indicativo (<i>vem</i>) Construções com infinitivo (<i>somar, subtrair, agregar, mobilizar</i>) | Discurso interativo | S.26 |
| | Cada voto que esta candidatura conquistar à abstenção é um voto que põe a direita mais longe de Belém. | Presença de marcas deícticas que remetem para a interação verbal: - no determinante demonstrativo+nome (<i>esta candidatura</i>) – sugere o momento da ação Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>é</i>) | Discurso interativo | S.27 |
| | Numa eleição a duas voltas, é a pluralidade que mobiliza e pode ser a unidade forçada que diminui. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é, mobiliza</i>) Ocorrência de verbo modal (<i>pode</i>), no presente do indicativo Modalização deôntica (<i>pode ser</i>) | Discurso teórico | S.28 |
| P.12 | Candidato-me para trazer uma alternativa popular para estas eleições, na convicção de que, numa República, são os votos que decidem quem é que vai estar na chefia do Estado. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>candidato</i>) - no pronome pessoal em posição átona (<i>-me</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>candidato</i>), com valor deíctico Construções com infinitivo (<i>trazer</i>) | Discurso interativo | S.29 |

| | | | | |
|------|---|--|---------------------|------|
| P.13 | A alternativa que eu represento não está refém de qualquer cumplicidade com o mundo dos negócios duvidosos que têm destruído o país. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>represento</i>) - no pronome pessoal (<i>eu</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>represento</i>), com valor deíctico | Discurso interativo | S.30 |
| P.14 | Sou uma mulher de esquerda, assumo as minhas causas, e não tenciono fingir que sou neutra para conquistar simpatias. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (5 ocorrências): - na desinência número-pessoal das quatro formas verbais (<i>sou, assumo, tenciono, sou</i>) - no determinante possessivo (<i>minhas</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>sou, assumo, tenciono</i>) | Discurso interativo | S.31 |
| | Não quero ser politicamente correcta, quero ser politicamente verdadeira. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal das duas formas verbal (<i>quero</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>quero</i>) Modalização pragmática (<i>quero ser</i>) | Discurso interativo | S.32 |
| P.15 | Candidato-me partindo de uma premissa radical: é possível chegar à presidência sem a protecção do Espírito Santo. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>candidato</i>) - no pronome pessoal em posição átona (<i>-me</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>candidato</i>) Modalização epistémica (<i>é possível</i>) | Discurso interativo | S.33 |
| | Nunca fui avençada do dito, em claro conflito de interesses com funções públicas na mesma área, e nunca festejei a passagem de ano no iate do Ricardo Salgado. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>fui, festejei</i>) Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>fui, festejei</i>) | Discurso interativo | S.34 |
| P.16 | Serei uma Presidente de todos e todas as portuguesas, mas não esqueço o que se está a fazer aos mais pobres para salvar os bancos, não esqueço o que se está a fazer aos jovens para os fazer desistir do país, não esqueço o que se está a fazer às mulheres para que sejam sofredoras submissas, não esqueço o que se está a fazer aos trabalhadores para pagar salários miseráveis, não esqueço o que se está a fazer aos velhos para desonrar vidas inteiras de trabalho e de sacrifício. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (6 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>serei</i>) Forma verbal de futuro simples (<i>serei</i>) - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>esqueço</i>), que ocorre cinco vezes Forma verbal de presente do indicativo (<i>esqueço</i>), com valor deíctico (posterioridade) Paralelismo anafórico (introduzido por <i>não esqueço o que se está a fazer... para...</i>) | Discurso interativo | S.35 |
| | É em nome deste povo que sofre, mas que resiste, que me candidato. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>candidato</i>) - no pronome pessoal (<i>me</i>) | Discurso interativo | S.36 |

| | | | | |
|------|---|--|---------------------|------|
| | | Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>candidato</i>) | | |
| P.17 | Para concretizar e para levar mais longe aquela esperança tão bonita que um dia se viveu tão intensamente no mês de Abril e que hoje vemos de novo a brilhar nos olhos da nossa gente. | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado, referente ao coletivo que o agente de produção integra, de 1ª PPI (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>vemos</i>) - no determinante possessivo (<i>nossa</i>) Construções com infinitivo (<i>concretizar, levar</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>vemos</i>) Organizador temporal (<i>hoje</i>) Modalizações apreciativas (<i>tão bonita... tão intensamente</i>) | Discurso interativo | S.37 |
| P.18 | Essa esperança precisa de uma presidente próxima dos cidadãos, sem jogos nem calculismos eleitorais, independente das decisões dos estados maiores partidários e dos conselhos de administração das empresas, de ideias claras e bem definidas, que recuse sem hesitações nem malabarismos linguísticos a austeridade inútil imposta pela especulação financeira e pelos seus representantes europeus e internacionais. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>precisa</i>); e de presente do conjuntivo (<i>recuse</i>) Presença de anáforas (<i>essa esperança</i>) Modalização deontica (<i>precisa de</i>) | Discurso teórico | S.38 |
| P.19 | Uma Presidente que ajude a meter a austeridade na gaveta, mas que tire da gaveta a Constituição. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente conjuntivo (<i>ajude, tire</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>mas</i>) | Discurso teórico | S.39 |
| | A Constituição é muito mais do que o sistema jurídico que institui, é na sua substância um projecto político para o país. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é, institui</i>) | Discurso teórico | S.40 |
| | E esse projecto é o de uma democracia inteira, tanto política como cultural, tanto económica como social. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>) Presença de anáfora (<i>esse projecto</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>tanto...como</i>) | Discurso teórico | S.41 |
| P.20 | Portugal precisa de regressar à Constituição, ao projecto de sociedade e de país que ela desenha: igualdade e coesão social, pleno emprego e trabalho com direitos, economia pública, estado social, democratização cultural, pluralidade informativa, independência e soberania, apostado em soluções pacíficas para os graves problemas do mundo. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>precisa de, desenha</i>) Presença de anáfora pronominal (<i>ela</i>) Modalização deontica (<i>precisa de</i>) | Discurso teórico | S.42 |

| | | | | |
|------|--|---|---------------------|------|
| P.21 | Uma Presidente de todos os portugueses é uma Presidente que não está de costas voltadas aos problemas que enfrentamos, nem está curvada perante uma mão cheia de poderosos. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado, referente ao coletivo que o agente de produção integra, de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>enfrentamos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>enfrentamos</i>) | Discurso interativo | S.43 |
| | Uma Presidente de todos os portugueses sabe que o poder tem de estar do lado dos cidadãos e das cidadãs. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo (<i>sabe</i>), sem valor deíctico Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>tem de</i>) Paralelismo anafórico com segmento anterior (<i>uma Presidente de todos os portugueses</i>) Modalização deontica (<i>tem de estar...</i>) | Discurso teórico | S.44 |
| P.22 | Não podemos ter um Presidente indiferente ao que estão a fazer aos reformados e pensionistas, à destruição dos direitos constitucionais dos trabalhadores, à pobreza e ao desemprego, à destruição da nossa agricultura e das nossas pescas, à destruição do ensino público, à destruição do serviço nacional de saúde, à violência de género. | Estratégia discursiva de P.22 a P.33: construções em paralelismo anafórico, por intermédio do auxiliar (<i>não</i>) <i>poder</i> +infinitivo, e com marcas deícticas de 1ª PPI, com valor dilatado do <i>eu</i> (coletivo que integra) Paralelismos anafóricos iniciados por: <i>Não podemos ter um Presidente indiferente a...</i> Presença de marcas deícticas de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>podemos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização deontica (<i>não podemos ter...</i>) | Discurso interativo | S.45 |
| P.23 | Não podemos ter um Presidente indiferente ao que estão a fazer aos reformados e pensionistas, à quebra do contrato que tinha sido estabelecido entre o Estado Português e esses cidadãos mais velhos. | Estratégia discursiva de P.22 a P.33: construções em paralelismo anafórico (cf. P.22) Presença de marcas deícticas de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>podemos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização deontica (<i>não podemos ter...</i>) | Discurso interativo | S.46 |
| P.24 | Não podemos ter um Presidente indiferente à destruição dos direitos constitucionais dos trabalhadores. | Estratégia discursiva de P.22 a P.33: construções em paralelismo anafórico (cf. P.22) Presença de marcas deícticas de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>podemos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização deontica (<i>não podemos ter...</i>) | Discurso interativo | S.47 |
| P.25 | Não podemos ter um presidente indiferente à pobreza e ao desemprego. | Estratégia discursiva de P.22 a P.33: construções em paralelismo anafórico (cf. P.22) Presença de marcas deícticas de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>podemos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização deontica (<i>não podemos ter...</i>) | Discurso interativo | S.48 |
| P.26 | Não podemos ter um Presidente indiferente à destruição da nossa agricultura e das nossas pescas em nome do direito à concorrência das | Estratégia discursiva de P.22 a P.33: construções em paralelismo anafórico (cf. P.22) Presença de marcas deícticas de 1ª PPI (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>podemos</i>) | Discurso interativo | S.49 |

| | | | | |
|------|---|---|---------------------|------|
| | multinacionais. | - nos determinantes possessivos (<i>nossa, nossas</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização deontica (<i>não podemos ter...</i>) | | |
| P.27 | Não podemos ter um Presidente indiferente à destruição do ensino público, em nome da liberdade empresarial dos negociantes da educação privada. | Estratégia discursiva de P.22 a P.33: construções em paralelismo anafórico (cf. P.22) Presença de marcas deícticas de 1ª PPl (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>podemos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização deontica (<i>não podemos ter...</i>) | Discurso interativo | S.50 |
| P.28 | Não podemos ter um Presidente indiferente à destruição do serviço nacional de saúde no altar dos hospitais-empresa e dos negócios milionários das parcerias público-privadas. | Estratégia discursiva de P.22 a P.33: construções em paralelismo anafórico (cf. P.22) Presença de marcas deícticas de 1ª PPl (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>podemos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização deontica (<i>não podemos ter...</i>) | Discurso interativo | S.51 |
| P.29 | Não podemos ter um Presidente indiferente à violência de género, que mata todos os anos em Portugal. | Estratégia discursiva de P.22 a P.33: construções em paralelismo anafórico (cf. P.22) Presença de marcas deícticas de 1ª PPl (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>podemos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização deontica (<i>não podemos ter...</i>) | Discurso interativo | S.52 |
| P.30 | Não podemos ter um Presidente que acha que as mulheres devem ser condenadas quando decidem interromper a sua gravidez. | Estratégia discursiva de P.22 a P.33: construções em paralelismo anafórico (cf. P.22) Presença de marcas deícticas de 1ª PPl (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>podemos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização deontica (<i>não podemos ter...</i>) | Discurso interativo | S.53 |
| P.31 | Não podemos ter um Presidente indiferente à defesa da habitação para todos, porque a habitação é um direito constitucional antes de ser um mero mercado de habitação. | Estratégia discursiva de P.22 a P.33: construções em paralelismo anafórico (cf. P.22) Presença de marcas deícticas de 1ª PPl (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>podemos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização deontica (<i>não podemos ter...</i>) | Discurso interativo | S.54 |
| P.32 | Não podemos ter um Presidente que fique indiferente ao ver partir quase meio milhão dos cidadãos que jurou defender. | Estratégia discursiva de P.22 a P.33: construções em paralelismo anafórico (cf. P.22) Presença de marcas deícticas de 1ª PPl (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>podemos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização deontica (<i>não podemos ter...</i>) | Discurso interativo | S.55 |
| P.33 | Não podemos ter um Presidente indiferente aos direitos de todos serem tratados com respeito e dignidade, sejam minoria ou maioria. | Estratégia discursiva de P.22 a P.33: construções em paralelismo anafórico (cf. P.22) Presença de marcas deícticas de 1ª PPl (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>podemos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) | Discurso interativo | S.56 |

| | | Modalização deôntica (<i>não podemos ter...</i>) | | |
|------|---|---|---------------------|------|
| P.34 | Tudo isto tem a ver com a essência da nossa Constituição e, portanto, com a função do Presidente da República. | Presença de marcas deíticas de 1ª PPI (1 ocorrência): - no determinante possessivo (<i>nossa</i>) Formas verbais de presente do indicativo Procedimento de referência deítica intratextual (<i>isto</i>) | Discurso interativo | S.57 |
| | Defender a Constituição não pode ser um programa vago, sem conteúdo, nem apenas o respeito de meros prazos e procedimentos, é antes defender o seu conteúdo político. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>) Ocorrência de verbo modal (<i>pode</i>), no presente do indicativo Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>nem, apenas, antes</i>) Modalização deôntica (<i>não pode ser</i>) | Discurso teórico | S.58 |
| P.35 | Serei uma Presidente da República tão política quanto a Constituição o é na sua opção política de fundo, que não é de modo algum neutra em relação às questões essenciais. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>serei</i>) Forma verbal de futuro simples (<i>serei</i>) | Discurso interativo | S.59 |
| | Não foi por acaso que, nos últimos quatro anos, a direita se dedicou tanto a atacar a Constituição. | Ausência de marcas agentivas Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>foi, dedicou</i>), da ordem do narrar Organizadores textuais temporais (<i>nos últimos quatro anos</i>) | Narração | S.60 |
| P.36 | Candidato-me em nome da esperança de um país novo e justo. | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>candidato</i>) - no pronome pessoal em posição átona (<i>-me</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>candidato</i>), com valor deítico | Discurso interativo | S.61 |
| P.37 | Tudo farei para dar densidade à aliança da geração jovem, dita a 'mais bem preparada de sempre', e a geração dos seus pais e dos seus avós, que tanto investiram na preparação e no futuro dos seus filhos e netos. | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>farei</i>) Forma verbal de futuro simples (<i>farei</i>) Presença de anáforas pronominais (<i>seus</i>) | Discurso interativo | S.62 |
| P.38 | A aliança entre estas duas ou três gerações está hoje a configurar um novo espaço e um novo tempo. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>está</i>) | Discurso teórico | S.63 |
| | Este é o tempo de dar as mãos e de agarrar o futuro, o tempo de perceber que a vida não tem de ser sinónimo de sofrimento. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>tem de</i>) Paralelismo anafórico (iniciado por <i>Este é o tempo de</i>) Modalização deôntica (<i>tem de ser</i>) | Discurso teórico | S.64 |
| | Este é o tempo de um Portugal novo, justo e solidário. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor | Discurso teórico | S.65 |

| | | | | |
|------|--|---|---------------------|------|
| | | deítico (<i>é</i>) Paralelismo anafórico (iniciado por <i>Este é o tempo de</i>) | | |
| P.39 | Se dúvidas houvesse sobre a importância do Presidente da República, todas elas foram esclarecidas nas últimas semanas. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Construções passivas (<i>foram esclarecidas</i>) Forma verbal de pretérito imperfeito do conjuntivo (<i>houvesse</i>) Organizadores temporais (<i>nas últimas semanas</i>) | Discurso teórico | S.66 |
| | O Presidente que temos em funções é o exemplo de quem usa o seu papel para defender a estabilidade dos seus no poder e não a estabilidade da vida dos portugueses. | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado, referente ao coletivo que o agente de produção integra, de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>temos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>temos</i>) Presença de anáforas pronominais | Discurso interativo | S.67 |
| | O Presidente que temos em funções tem sido um divisor, uma força de bloqueio da democracia. | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado, referente ao coletivo que o agente de produção integra, de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>temos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>temos</i>) Paralelismo anafórico com segmento anterior (<i>O Presidente que temos em funções</i>) | Discurso interativo | S.68 |
| | Precisamos de alguém que agregue em vez de dividir, que resolva em vez de complicar. | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado, referente ao coletivo que o agente de produção integra, de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>precisamos de</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>precisamos de</i>) Modalizações deónicas (<i>Precisamos de</i>) | Discurso interativo | S.69 |
| P.40 | Precisamos de uma Presidente de todos os portugueses e não de todos os mercados. | Estratégia discursiva de P.40 a P.43, iniciada no segmento anterior: construções em paralelismo anafórico iniciado por <i>precisamos de</i> , e com marcas deíticas de 1ª PPI, com valor dilatado do <i>eu</i> (coletivo que integra) Presença de marcas deíticas de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>precisamos de</i>) Modalização deónica (<i>Precisamos de...</i>) | Discurso interativo | S.70 |
| P.41 | Precisamos de uma Presidente de todos os portugueses e não de todos os conselhos de administração das grandes empresas. | Estratégia discursiva de P.40 a P.43: construções em paralelismo anafórico (cf. P.40) Presença de marcas deíticas de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>precisamos</i>) Modalização deónica (<i>Precisamos de...</i>) | Discurso interativo | S.71 |
| P.42 | Precisamos de uma Presidente de todos os portugueses e não de todos os banqueiros. | Estratégia discursiva de P.40 a P.43: construções em paralelismo anafórico (cf. P.40) Presença de marcas deíticas de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>precisamos</i>) Modalização deónica (<i>Precisamos de...</i>) | Discurso interativo | S.72 |
| P.43 | Precisamos de uma Presidente independente dos interesses que atacam | Estratégia discursiva de P.40 a P.43: construções em paralelismo anafórico (cf. P.40) | Discurso interativo | S.73 |

| | | | | |
|------|--|--|---------------------|------|
| | a nossa independência. | <p>Presença de marcas deíticas de 1ª PPI (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>precisamos</i>) <p>Modalização deônica (<i>Precisamos de...</i>)</p> | | |
| P.44 | Conheço o país por dentro e conheço o país a partir de fora. | <p>Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal - marcas de 1ª PS (2 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das duas formas verbais (<i>conheço</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo (<i>conheço</i>), com valor deítico</p> | Discurso interativo | S.74 |
| | Conheço bem o processo de transformação da União Europeia a que assistimos nos últimos anos. | <p>Alternância entre:</p> <p>a) Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>conheço</i>) <p>b) Marcas deíticas de 1ª PPI, com valor dilatado do <i>eu</i> (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>assistimos</i>) <p>Formas verbais de presente do, com valor deítico indicativo (<i>conheço, assistimos</i>)</p> <p>Organizadores temporais (<i>nos últimos anos</i>)</p> | Discurso interativo | S.75 |
| | Vi-o a acontecer, confrontei os seus protagonistas, sei para onde nos querem levar e “sei que não vou por aí”. | <p>Alternância entre:</p> <p>a) Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal - marcas de 1ª PS (5 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das formas verbais, que ocorre cinco vezes (<i>vi, confrontei, sei, sei, vou</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>sei, sei, vou</i>); e de pretérito perfeito (<i>vi, confrontei</i>)</p> <p>Presença de anáforas pronominais (<i>-o</i>)</p> <p>b) Marcas deíticas de 1ª PPI, com valor dilatado do <i>eu</i> (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - no pronome pessoal (<i>nos</i>) | Discurso interativo | S.76 |
| P.45 | Serei uma Presidente da República que não irá pactuar com a humilhação do país, porque isso é negar uma das competências mais fundamentais que é de ser o garante da independência nacional. | <p>Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>serei</i>) <p>Forma verbal de futuro simples (<i>serei</i>)</p> <p>Forma verbal de futuro perifrástico (<i>irá pactuar</i>)</p> | Discurso interativo | S.77 |
| P.46 | Sei que na Europa a regra é a da negociação e do compromisso, mas também sei que a negociação facilmente se transforma em imposição sempre que não se obedece aos ditames dos mercados contra o Estado Social. | <p>Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das duas formas verbais (<i>sei, sei</i>) <p>Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>sei</i>)</p> <p>Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>mas também</i>)</p> | Discurso interativo | S.78 |

| | | | | |
|------|--|---|---------------------|------|
| P.47 | Por isso, sei que só pode ter êxito numa negociação quem souber aliar à construção de compromissos a firmeza na defesa dos princípios. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>sei</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>sei</i>) | Discurso interativo | S.79 |
| | Lamentavelmente, isso tem faltado na posição institucional de Portugal em todas as negociações europeias. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de pretérito perfeito composto (<i>tem faltado</i>) Procedimento de referência deítica intratextual (<i>isso</i>) Modalização apreciativa (<i>lamentavelmente</i>) | Discurso teórico | S.80 |
| | E isso tem que mudar. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>tem que</i>) Procedimento de referência deítica intratextual (<i>isso</i>) Modalização deontica (<i>tem que</i>) | Discurso teórico | S.81 |
| P.48 | “Defender Portugal”, “defender o interesse nacional”, não são expressões vazias. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>são</i>) | Discurso teórico | S.82 |
| | Mas não é coisa que se faça só com discursos. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>); e de presente do conjuntivo (<i>faça</i>) Presença de pronome indefinido <i>se</i> | Discurso teórico | S.83 |
| | Faz-se com tomadas de posição firmes e, isso, nos últimos dez anos, não vimos nenhuma. E tantas vezes foi necessário... | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado, referente ao coletivo que o agente de produção integra, de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>vimos</i>) Forma verbal de pretérito perfeito simples (<i>vimos, foi</i>), da ordem do narrar Organizadores textuais temporais (<i>nos últimos dez anos</i>) Modalizações apreciativas (<i>firmes... não vimos nenhuma</i>) Modalização deontica (<i>foi necessário</i>) | Relato interativo | S.84 |
| P.49 | A Presidência da República não tem apenas a ver com um Portugal dentro de fronteiras, nem apenas com um Portugal dentro da União Europeia. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>tem a ver</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>apenas, nem</i>) | Discurso teórico | S.85 |
| | Tem a ver também com a posição de Portugal no mundo. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>tem a ver</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>também</i>) Presença de anáfora (<i>Tem a ver</i>) | Discurso teórico | S.86 |
| | Num mundo cheio de injustiça e de guerras, comigo ninguém duvida que Portugal estará sempre, sempre ao lado da justiça e da paz. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na forma pronominal pessoal (<i>comigo</i>) Forma verbal de futuro simples (<i>[comigo]estará</i>) Modalização apreciativa (<i>ninguém duvida</i>) | Discurso interativo | S.87 |
| P.50 | Já corri muito mundo, já vi muitas coisas que não queria ver, já escutei muitas palavras que não queria ter escutado. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (5 ocorrências): - na desinência número-pessoal das cinco formas verbais (<i>corri, vi, queria, escutei, queria</i>) Formas verbais de pretérito perfeito simples, da ordem do narrar | Relato interativo | S.88 |

| | | | | | |
|-----------|------|---|--|---------------------|------|
| Conclusão | P.51 | A indiferença das instituições portuguesas face ao drama escandaloso dos refugiados só é compreensível porque temos governantes e representantes que nunca se deram ao trabalho de ir directamente aos locais e falar directamente com quem sofre e conhecer que razões tão profundas tem alguém para decidir abandonar a sua terra, de se fazer ao mar e atravessar a Europa a pé, a empurrar a cadeira de rodas da sua mãe ou a trazer um bebé recém-nascido sujeito às intempéries e ao risco. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado (coletivo), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>temos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>temos</i>) | Discurso interativo | S.89 |
| | P.52 | Nenhuma mãe ou nenhum pai arrisca a vida dos seus filhos em barcos de papel se esses barcos não forem mais seguros que o chão que pisavam antes. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>arrisca</i>) | Discurso teórico | S.90 |
| | P.53 | Quem não conseguir compreender isto não é digno de ocupar a Presidência da República Portuguesa. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo (<i>[não] é</i>), sem valor deítico Construções infinitivas impessoais (<i>não conseguir compreender; de ocupar</i>) Procedimentos de referenciação deítica intratextual (<i>isto</i>) | Discurso teórico | S.91 |
| | P.54 | Num Portugal em mudança não podemos deixar a Presidência na mesma, num mero regime de continuidade, numa mera continuidade do regime. | Unidades que remetem para a interação verbal - marca deítica de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal do verbo (<i>podemos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização deontica (<i>não podemos deixar</i>) | Discurso interativo | S.92 |
| | P.55 | Há uma forma diferente de fazer política. | Ausência de marcas enunciativas Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>há</i>) | Discurso teórico | S.93 |
| | | É essa diferença que vos proponho e é em nome dela que me candidato. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>proponho, candidato</i>) - no pronome pessoal (<i>me</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>candidato, proponho</i>) Designação de destinatários, por intermédio da forma pronominal pessoal (<i>vos</i>) Modalização pragmática (<i>vos proponho</i>) | Discurso interativo | S.94 |
| | | Este é um momento de esperança, é um momento de sonharmos com um Portugal melhor, de sabermos que isso está ao alcance da nossa mão. | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado, referente ao coletivo que o agente de produção integra, de 1ª PPI (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>sabermos, sonharmos</i>) - no determinante possessivo (<i>nossa</i>) Formas verbais de infinitivo pessoal (<i>sabermos, sonharmos</i>) Presença de unidades com valor deítico temporal (<i>este [é]</i>) | Discurso interativo | S.95 |

| | | | | | |
|-------|------|---|--|---------------------|------|
| | | <i>um momento]]</i> | | | |
| | | O voto de Janeiro é um instrumento deste sonho, é um passo no caminho desta esperança. | Ausência de marcas enunciativas Formas verbais de presente do indicativo (<i>é</i>), sem valor deítico Presença de anáforas (<i>deste sonho; desta esperança</i>) | Discurso teórico | S.96 |
| Fecho | P.56 | Num Palácio de Belém que cheira a bafio vai ser preciso abrir as janelas para entrar ar fresco. | Ausência de marcas deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>cheira</i>); e de futuro perifrástico (<i>vai ser</i>) Modalização deontica (<i>vai ser preciso</i>) | Discurso teórico | S.97 |
| | | É a força da democracia que as vai abrir. | Ausência de marcas deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>); e de futuro perifrástico (<i>vai abrir</i>) | Discurso teórico | S.98 |
| | | É a vossa força. | Unidades de 2ª PPl que remetem para os destinatários: no determinante possessivo <i>vossa</i> – sugere a interação real | Discurso interativo | S.99 |

Anexo A.6.

| Quadro 6. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TM6 | | | | | |
|--|------------------|--|---|---------------------|-----|
| § | Segmento textual | Marcas linguísticas e enunciativas | Tipo de discurso | Segmento | |
| Abertura | P.1 | Boa tarde a todas e a todos! | Unidades que remetem para a interação verbal: Designação de destinatários diretos – interactantes (implícito na forma generalizada <i>a todas e a todos</i> [=os que estão presentes]) Frase não declarativa (exclamativa) | Discurso interativo | S.1 |
| | P.2 | Agradeço terem a gentileza de aqui vir. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>agradeço</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>agradeço</i>) Designação de destinatários diretos, por intermédio da forma verbal com valor de 2ª PPI (<i>terem</i> = [vocês]) Deíctico espacial (<i>aqui</i>) | Discurso interativo | S.2 |
| Introdução | P.3 | É para mim uma honra fazer esta declaração na Casa da Imprensa, de história tão rica (já vai em 115 anos) e obra ligada ao jornalismo, jornalistas e outros profissionais da Imprensa. | Presença de unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na forma pronominal pessoal (<i>mim</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>é para mim uma honra</i>) Deíctico espacial (<i>Casa da Imprensa</i>) Modalizações apreciativas (<i>uma honra; tão rica</i>) | Discurso interativo | S.3 |
| | | Antes e depois do 25 de Abril, esta casa sempre acolheu quem se bate pela liberdade e democracia. | Presença de unidades deícticas que remetem para a interação verbal: - Deíctico espacial (<i>esta casa</i>) Forma verbal de pretérito perfeito simples, da ordem do narrar (<i>acolheu</i>) Organizadores temporais (<i>sempre, Antes e depois do 25 de Abril</i>) | Relato interativo | S.4 |
| | P.4 | Esses são dois temas que aqui me trazem hoje, a declarar-me candidata às próximas eleições presidenciais. | Presença de unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (3 ocorrências): - no pronome pessoal (<i>me</i>) - no pronome pessoal em posição átona (<i>-me</i>) - na desinência número-pessoal da forma verbal Forma verbal de infinitivo pessoal (<i>a declarar-me candidata</i>) Deíctico espacial (<i>aqui</i>) Deíctico temporal (<i>hoje</i>) Presença de anáfora (<i>esses</i>) | Discurso interativo | S.5 |
| Desenvolvimento | P.5 | Devo dizer que não contava: durante meses e meses esperei que o meu partido, o Partido Socialista, apresentasse um candidato próprio, saído das suas fileiras ou da sua área política. | Presença de unidades que remetem para o agente de produção, de 1ª PS (4 ocorrências): - na desinência número-pessoal de quatro formas verbais (<i>devo, contava, esperei, defendi</i>) - no determinante possessivo (<i>meu</i>) Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>esperei</i>); e de pretérito imperfeito do indicativo (<i>contava</i>) - (anterioridade) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>devo</i>) Organizadores temporais (<i>durante meses e meses</i>) Modalização deóntica (<i>devo dizer que</i>) | Discurso interativo | S.6 |

| | | | | |
|------|---|---|--|------|
| | Sempre defendi essa ideia. | Presença de unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>defendi</i>) Forma verbal de pretérito perfeito simples (<i>defendi</i>) - (anterioridade) | Discurso interativo | S.7 |
| P.6 | Não compreendo, nem aceito, a desvalorização de um ato tão significativo como a eleição para a Presidência da República. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>compreendo, aceito</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>compreendo, aceito</i>) Modalizações apreciativas (<i>tão significativo</i>) | Discurso interativo | S.8 |
| P.7 | Trata-se do mais alto cargo do nosso sistema semi-presidencialista, segundo a Constituição da República. | Presença de unidades deíticas que remetem para a interação verbal - marcas de 1ª PPI com valor de implicação atenuada (coletivo que o agente de produção integra e representa) (1 ocorrência): - no determinante possessivo (<i>nosso</i>) Formas verbais de presente do indicativo | Discurso interativo | S.9 |
| P.8 | O Presidente da República não é eleito para governar, todos o sabemos, mas a Constituição atribui-lhe um papel vital no equilíbrio do sistema político e partidário. | Presença de unidades deíticas que remetem para a interação verbal - marcas de 1ª PPI com valor de implicação atenuada (coletivo que o agente de produção integra e representa) (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>sabemos</i>) Forma pronominal indefinida, parafraseável por <i>nós</i> (<i>todos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>sabemos</i>) Presença de anáforas pronominais (<i>o, -lhe</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>mas</i>) | Discurso interativo | S.10 |
| | E a defesa da Constituição, um dos primeiros deveres do Presidente da República, tem impacto direto na vida de todos os portugueses. | Ausência de marcas deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>tem</i>) | Discurso teórico | S.11 |
| P.9 | Como pode o socialismo democrático não participar nesta eleição? | Presença de frase não declarativa Presença de deítico que assinala o momento da interação verbal (<i>nesta eleição</i>) Formas verbais de presente do indicativo (<i>pode</i>); e infinitivo pessoal (<i>não participar</i>) | Discurso interativo | S.12 |
| P.10 | Ainda para mais, quando vivemos tempos estranhos, de grave crise económica desencadeada pela crise sanitária de impacte global, tempos que anunciam desemprego, tensões sociais e políticas, mais desigualdades e mais insegurança. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra): - marca de 1ª PPI (1 ocorrência): na forma verbal de presente (<i>vivemos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>vivemos</i>) Modalizações apreciativas (<i>tempos estranhos, grave</i>) | Discurso interativo | S.13 |
| | Há apenas dois dias o Secretário-geral da ONU lembrou que o aquecimento global, e cito António Guterres, “É muito mais grave do que a pandemia em si” por ser “uma ameaça para o planeta e para a nossas próprias vidas”. | Presença de unidades que remetem para a interação verbal: a) Presença de nomes próprios (<i>Secretário-geral da ONU</i>); formas de pretérito perfeito, da ordem do narrar (<i>lembrou</i>); e organizadores temporais (<i>Há apenas dois dias</i>) b) Marcas deíticas de 1ª PS (1 ocorrência): na forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>cito</i>) | Relato interativo Discurso interativo | S.14 |
| | Já é uma ameaça! | Presença de frase não declarativa (exclamativa) | Discurso | S.15 |

| | | Modalização apreciativa (<i>já</i>) | interativo | |
|------|--|---|---------------------|------|
| P.11 | Sabemos que forças anti-democráticas espreitam oportunisticamente, por designios autoritários que só podem trazer repressão e violência, como a História ensina. | Presença de unidades deícticas que remetem para a interação verbal - marcas de 1ª PPI com valor de implicação atenuada (coletivo que o agente de produção integra e representa) (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>sabemos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>sabemos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podem</i>) Modalização epistémica (<i>só podem trazer</i>) | Discurso interativo | S.16 |
| P.12 | Não é possível também ignorarmos que uma parte do sistema, vertido nas próprias instituições da República, se deixou corroer, capturado por interesses financeiros, económicos e outros – que não representam, nem servem, o interesse público geral. | Presença de unidades deícticas que remetem para a interação verbal - marcas de 1ª PPI com valor de implicação atenuada (coletivo que o agente de produção integra e representa) (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>ignorarmos</i>) Forma verbal de infinitivo pessoal ([<i>nós</i>] <i>ignorarmos</i>) Modalização epistémica (<i>Não é possível</i>) | Discurso interativo | S.17 |
| P.13 | Voltamos, portanto, à defesa da liberdade e da democracia. | Presença de unidades deícticas que remetem para a interação verbal - marcas de 1ª PPI com valor de implicação atenuada (coletivo que o agente de produção integra e representa) (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>voltamos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>voltamos</i>) | Discurso interativo | S.18 |
| P.14 | Contra as desigualdades, contra a desumanidade de descartas os mais velhos e a tacañez de não facultar oportunidades aos jovens, contra a lentidão na justiça que só serve a injustiça, contra a iniquidade fiscal, contra a corrupção, a frouxidão no combate ao crime económico e financeiro. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>serve</i>); e construções infinitivas impessoais (<i>não facultar</i>) | Discurso teórico | S.19 |
| P.15 | Não podemos continuar a deixar empurrar cidadãos para as margens, enredados na conversa de falsos profetas ou na letargia da abstenção. | Presença de unidades deícticas que remetem para a interação verbal, de 1ª PPI (coletivo que o agente de produção integra e representa) (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>podemos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização deontica (<i>não podemos</i>) | Discurso interativo | S.20 |
| P.16 | Milhares e milhares de portugueses desiludidos, que foram deixados para trás pela crise, pelo desemprego, pela doença, pela pobreza ou pela exclusão, têm de voltar a acreditar que a democracia vale a pena, que só em democracia e com solidariedade entre gerações poderá haver esperança e progresso neste país. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Presença de construções passivas (<i>foram deixados pela/pelo...</i>) Ocorrência de verbo modal, no futuro simples (<i>poderá</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>têm de</i>) Modalizações deonticas (<i>poderá haver; têm de</i>) | Discurso teórico | S.21 |

| | | | | |
|------|--|--|---------------------|------|
| P.17 | Por isso, depois de um período de reflexão, decidi que não devo, nem posso, desertar deste combate pela democracia. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>decidi, devo, posso</i>) Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>decidi</i>) Ocorrência de verbos modais, no presente do indicativo (<i>devo, posso</i>) Modalização deôntica (<i>não devo</i>) Modalização epistêmica (<i>nem posso</i>) | Discurso interativo | S.22 |
| | Os portugueses decidirão. | Ausência de unidades deícticas Forma verbal de futuro simples (<i>decidirão</i>) | Discurso teórico | S.23 |
| P.18 | Represento o campo do socialismo democrático, progressista: tenho uma história de empenhamento cívico e político, pessoal e profissionalmente, nos planos nacional, europeu e internacional. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>represento, tenho</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>represento, tenho</i>) | Discurso interativo | S.24 |
| | Tenho abertura e capacidade para dialogar, quero ouvir todos os quadrantes democráticos. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>tenho, quero</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>tenho, quero</i>) Construção com infinitivo (<i>quero ouvir</i>) – valor de posterioridade Modalização pragmática (<i>quero ouvir</i>) | Discurso interativo | S.25 |
| P.19 | E cuido, sempre cuidei e quero cuidar deste País: acredito que temos as condições para o tornar muito melhor, mais justo e mais acolhedor para todos e para todas as gerações. | Alternância entre: a) Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (4 ocorrências): - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>acredito, cuido, cuidei e quero cuidar</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>acredito, cuido, quero</i>); e de pretérito perfeito (<i>cuidei</i>) Construção com infinitivo (<i>quero cuidar</i>) – valor de posterioridade Modalização pragmática (<i>quero cuidar</i>) b) Marcas deícticas de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>temos</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>temos</i>), com valor deíctico dilatado Modalização epistêmica (<i>acredito que</i>) Modalização apreciativa (<i>muito melhor, mais justo, mais acolhedor</i>) | Discurso interativo | S.26 |
| | Se mudarmos métodos e práticas, se cuidarmos de mudar o que está mal e nos impede de ir mais longe. | Presença de unidades deícticas com valor dilatado do <i>eu</i> – marcas linguísticas e enunciativas de 1ª PPI (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal das duas formas verbais - no pronome pessoal (<i>nos</i>) Formas verbais de infinitivo pessoal (<i>mudarmos, cuidarmos</i>) | Discurso interativo | S.27 |
| P.20 | Serei por isso candidata às próximas eleições presidenciais. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>serei</i>) Forma verbal de futuro simples (<i>serei</i>) | Discurso interativo | S.28 |

| | | | | |
|------|--|--|---------------------|------|
| P.21 | Candidato-me porque acredito que Portugal precisa de uma presidência diferente. | <p>Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (3 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das duas formas verbais (<i>candidato-me, acredito</i>) - no pronome pessoal em posição átona (<i>-me</i>) <p>Formas verbais no presente do indicativo, com valor deíctico (<i>candidato-me, acredito</i>)</p> <p>Organizadores lógico-argumentativos (<i>porque</i>)</p> <p>Modalização epistémica (<i>acredito que</i>)</p> | Discurso interativo | S.29 |
| P.22 | De uma Presidente que dê garantias de independência. | <p>Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal</p> <p>Forma verbal de presente do conjuntivo (<i>dê</i>)</p> | Discurso teórico | S.30 |
| | Que sirva o interesse nacional e não tenha medo, nem peias, de ir contra interesses instalados. | <p>Estratégia discursiva: segmento construído sob a forma de palelismo anafórico, iniciado por <i>que</i> (antecedente no segmento anterior - <i>De uma Presidente</i>)</p> <p>Formas verbais de presente do conjuntivo (<i>sirva, tenha</i>)</p> | Discurso teórico | S.31 |
| | Que trabalhe por um Portugal mais influente na Europa e no Mundo. | <p>Estratégia discursiva: segmento construído sob a forma de palelismo anafórico, iniciado por <i>que</i> (antecedente - <i>De uma Presidente</i>)</p> <p>Forma verbal de presente do conjuntivo (<i>trabalhe</i>)</p> | Discurso teórico | S.32 |
| | Que trabalhe contra as desigualdades, pelo reforço da segurança colectiva e pelo desenvolvimento das capacidades e qualificações dos portugueses, mais fazendo pela sustentabilidade do planeta. | <p>Estratégia discursiva: segmento construído sob a forma de palelismo anafórico, iniciado por <i>que</i> (antecedente - <i>De uma Presidente</i>)</p> <p>Forma verbal de presente do conjuntivo (<i>trabalhe</i>)</p> | Discurso teórico | S.33 |
| P.23 | De uma Presidente que respeitando os limites da Constituição, zele pelos direitos dos cidadãos e estimule a sociedade civil a escrutinar e pedir contas a quem governa e decide, uma Presidente que colabore com os governos, sejam de que partido forem – sem se deixar condicionar ou ser refém de agendas partidárias. | <p>Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal</p> <p>Formas verbais de presente do conjuntivo (<i>zele, colabore</i>)</p> <p>Paralelismo anafórico, no início de parágrafo (P. 22 e P.23) - <i>De uma Presidente que</i></p> | Discurso teórico | S.34 |
| P.24 | Uma Presidente livre. Livre de cumplicidades e de compromentimentos, que se empenhe para que as instituições da República funcionem com meios adequados, e com mais eficácia, transparência e integridade e mais solidariamente - do Serviço Nacional de Saúde, à Escola Pública; da Administração Pública, à Justiça; da Supervisão bancária e financeira ao Sistema Fiscal; das Polícias às Forças Armadas, etc... | <p>Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal</p> <p>Forma verbal de presente do conjuntivo (<i>empenhe</i>)</p> <p>Presença de anáfora, com antecedente <i>livre</i> (retoma lexical)</p> | Discurso teórico | S.35 |
| P.25 | Candidato-me pela transparência e pela defesa intransigente da liberdade e da democracia. | <p>Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>candidato-me</i>) - no pronome pessoal em posição átona (<i>-me</i>) | Discurso interativo | S.36 |

| | | | | |
|-----------|---|---|---------------------|------|
| | | Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>candidato-me</i>) | | |
| | A Presidência da República pode e deve ser centro de convergência da diversidade e do pluralismo. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbos modais, no presente do indicativo, sem valor deítico (<i>pode, deve</i>) Modalização epistêmica (<i>pode</i>) Modalização deontica (<i>deve ser</i>) | Discurso teórico | S.37 |
| Conclusão | P.26 A minha candidatura será aberta a militantes de todos os partidos democráticos e a todas as pessoas que, não tendo atividade política, se identificam com as causas que defendo. | Unidades deíticas que remetem para a instância produtora, de 1ª PS (2 ocorrências): - no determinante possessivo (<i>minha</i>) Forma verbal de futuro simples ([<i>a minha candidatura</i>] <i>será</i>) - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>defendo</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>defendo</i>) | Discurso interativo | S.38 |
| | Pelo Portugal melhor e mais justo que podemos ser. | Presença de unidade deítica de 1ª PPI, referente ao coletivo com valor dilatado do <i>eu</i> (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>podemos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) – valor de futuro Modalização epistêmica (<i>podemos ser</i>) | Discurso interativo | S.39 |
| | P.27 Aceito todos os apoios pela democracia. | Unidades deíticas que remetem para a instância produtora, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>aceito</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>aceito</i>), com valor deítico | Discurso interativo | S.40 |
| | Não aceito compromissos, nem comprometimentos, que a ponham em causa. | Unidades deíticas que remetem para a instância produtora, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>aceito</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>aceito</i>), com valor deítico Anáforas pronominais (<i>a</i> – referente a <i>minha candidatura</i>) | Discurso interativo | S.41 |
| Fecho | P.28 Muito Obrigada. | Forma de agradecimento aos destinatários diretos (sugere a interação real) | Discurso interativo | S.42 |
| | P.29 Estarei disponível agora para algumas perguntas, nos próximos 30 minutos. | Unidades que remetem para o agente de produção, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>estarei</i>) Forma verbal de futuro simples (<i>estarei</i>) Deítico temporal (<i>nos próximos 30 minutos</i>) Modalização pragmática (<i>estarei disponível</i>) | Discurso interativo | S.43 |

Anexo A.7.

| Quadro 7. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no THI | | | | | |
|--|-----|---|--|--------------------------|----------|
| | § | Segmento textual | Marcas linguísticas e enunciativas | Tipo de discurso | Segmento |
| Abertura | P.1 | Senhor Presidente da Assembleia da República, Senhores Deputados: | Unidades que remetem para a interação verbal: designação de destinatários diretos por intermédio de nomes próprios e de formas de tratamento (justificado pelo contexto de produção) | Discurso interativo | S.1 |
| | P.2 | Indigitado pelo Senhor Presidente da República para formar Governo, procedi à constituição do respectivo elenco governativo. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>procedi</i>) Forma verbal de pretérito perfeito simples (<i>procedi</i>), da ordem do narrar | Relato interativo | S.2 |
| Introdução | | Em 22 de Novembro empossou o Senhor Presidente da República os Ministros, e em 29 de Novembro os Secretários e Subsecretários de Estado, constantes das propostas de nomeação que lhe fiz e que Sua Excelência sancionou. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>fiz</i>) Forma verbal de pretérito perfeito (<i>fiz</i>), da ordem do narrar Designação de destinatário imediato, por intermédio de nomes próprios e de formas de tratamento (<i>Senhor Presidente da República</i>) e de anáforas nominais (<i>Sua Excelência</i>) e pronominais (<i>lhe</i>) Organizadores temporais (<i>Em 22 de Novembro, em 29 de Novembro</i>) | Relato interativo | S.3 |
| | P.3 | Ficou o Governo, desde logo, através desta manifestação de positiva confiança, por parte de quem desfruta de directa e universal legitimidade democrática, investido na plenitude da competência própria dos Governos da República e dotado, assim, de legitimidade constitucional. | Marcas de 3ª PS - presença de nomes próprios, que remetem para a instituição/coletivo que o agente de produção integra e representa (<i>Governo</i>): - na desinência número-pessoal das formas verbais - nome próprio (<i>Governo</i>) Construção passiva, de pretérito perfeito (<i>ficou investido, ficou dotado</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>desde logo, assim</i>) | Relato interativo | S.4 |
| | P.4 | Ao ter a subida honra de proferir, perante a Assembleia da República – órgão de soberania com perfeita legitimidade democrática – esta declaração inaugural da apreciação do Programa do Governo, visa obter a permissão indispensável para o prosseguimento da vigência do mesmo, na plenitude da sua competência, até ao termo da presente legislatura. | Marcas de 3ª PS, referentes à instituição <i>Governo</i> que o agente de produção integra e representa (valor de implicação fraca do <i>eu</i> – parafraseável por <i>nós</i>): - na desinência número-pessoal das formas verbais Formas verbais de presente do indicativo (<i>visa</i>); e de infinitivo pessoal (<i>ter a honra</i>) Presença de anáforas (<i>esta declaração inaugural</i>) Modalizações apreciativas (<i>subida honra...</i>, <i>indispensável</i>) | Misto interativo-teórico | S.5 |
| Desenvolvim | P.5 | Senhor Presidente da Assembleia da República, Senhores Deputados: | Unidades que remetem para a interação verbal: designação de destinatários diretos por intermédio de nomes próprios e de formas de tratamento | Discurso interativo | S.6 |

| | | | | |
|-----|--|--|--------------------------|------|
| P.6 | A discussão desse Programa, e a sua eventual rejeição ou não rejeição, decorrerão nos próximos dias sob a atenção vigilante do País, que anseia pela estabilidade e continuidade governativas, necessárias ao ataque eficaz dos males que o afligem. | Presença de anáforas (<i>desse Programa</i>) – referente ao coletivo <i>Governo</i> Formas verbais de futuro simples (<i>decorrerão</i>) Formas verbais de presente do indicativo (<i>anseia</i>) | Misto interativo-teórico | S.7 |
| | O Governo crê que tal discussão se processará na franqueza e lealdade que os órgãos de soberania reciprocamente se devem na convicção de que a mesma visará apenas a elucidação serena das questões a debater, tudo no interesse do País, eventualmente, mesmo, com o sacrifício de interesses parcelares. | Marcas de 3ª PS, referentes à instituição <i>Governo</i> que o agente de produção integra e representa (valor de implicação fraca do <i>eu</i>): - nas formas verbais de presente do indicativo (<i>crê</i>) - nome próprio <i>Governo</i> Formas verbais de futuro simples (<i>processará, visará</i>) Presença de anáforas (<i>tal discussão, a, desse Programa</i>) Modalização epistémica (<i>crê</i>) | Misto interativo-teórico | S.8 |
| | E acredita que assim seja, antes do mais, pelo interesse de um País que a todos nos enlaça por um substrato cultural comum, por tradições comuns, por uma História comum, por um destino colectivo comum – País que todos devemos continuar. | Alternância entre: a) Marcas de 3ª PS, referentes à instituição <i>Governo</i> que o agente de produção integra e representa (valor de implicação fraca do <i>eu</i>): - na forma verbal de presente do indicativo (<i>acredita</i>) Modalização epistémica (<i>acredita que</i>) | Misto interativo-teórico | S.9 |
| | | b) Marcas de 1ª PPI com valor de implicação atenuada (coletivo que o agente de produção integra e representa) (2 ocorrências): - na forma verbal de presente do indicativo (<i>devemos</i>) - no pronome pessoal (<i>nos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>devemos</i>) Modalização deontica (<i>todos devemos</i>) | Discurso interativo | |
| | Mas acredita, também, que assim seja pela necessidade de fortalecer o regime democrático, no que ele encerra de respeito pela pessoa humana, na sua dimensão individual e social, no que ele possibilita de coexistência de todos, no que ele anuncia da justiça social, concebida, não como bandeira de agitação conducente ao domínio de novas ou velhas oligarquias, mas como imperativo ético de fraternidade. | Marcas de 3ª PS, referentes à instituição <i>Governo</i> que o agente de produção integra e representa (valor de implicação fraca do <i>eu</i>): - na forma verbal de presente do indicativo (<i>acredita</i>) Presença de outras anáforas pronominais (<i>ele, sua</i> [=regime democrático]) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>mas, também</i>) Modalização epistémica (<i>acredita que</i>) | Misto interativo-teórico | S.10 |
| P.7 | Senhor Presidente, Senhores deputados: | Unidades que remetem para a interação verbal: designação de destinatários diretos por intermédio de nomes próprios e de formas de tratamento | Discurso interativo | S.11 |
| P.8 | Merecem destaque, neste momento, quatro aspectos atinentes à constituição do Governo e à sua circunstância. | Ausência de marcas agentivas Forma verbal de presente do indicativo (<i>merecem</i>) Deítico temporal, que assinala o momento da interação real (<i>neste momento</i>) | Discurso interativo | S.12 |

| | | | | |
|------|--|--|--------------------------|------|
| P.9 | Eis o primeiro. | Ausência de marcas agentivas Presença de advérbio (<i>eis</i>) – remete para a situação de interação Construção <i>sem núcleo verbal</i> | Discurso interativo | S.13 |
| | Este Governo, surgido num período em que, a adicionar à crise económica e social, se mantinha uma crise institucional, gerada unicamente por indesejáveis distanciamentos partidários, entendeu não dever reeditar fórmulas de coligação disfarçada que a ninguém – nem aos partidos, nem à democracia, nem ao próprio País – favoreciam. | Marcas de 3ª PS, referentes à instituição <i>Governo</i> que o agente de produção integra e representa (valor de implicação fraca do <i>eu</i>): - nas formas verbais (<i>entendeu</i>) - no determinante demonstrativo+nome próprio (<i>este Governo</i>) Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>entendeu</i>), da ordem do narrar Outras formas verbais: pretérito imperfeito do indicativo (<i>mantinha, favoreciam</i>) Organizadores temporais (<i>num período</i>) | Relato interativo | S.14 |
| | Por isso foi constituído por personalidades desvinculadas de partidos políticos (com excepção de uns poucos cargos de natureza marcadamente executiva e subordinada à orientação política do Conselho de Ministros e do Primeiro Ministro), personalidades que se prontificaram a prestar, através da sua elevada qualificação técnica, um relevante serviço à democracia. | Marcas de 3ª PS, referentes à instituição <i>Governo</i> que o agente de produção integra e representa (valor de implicação fraca do <i>eu</i>): - na forma verbal (<i>foi constituído</i>) Formas verbais de pretérito perfeito da voz passiva (<i>foi constituído por</i>) Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>prontificaram</i>) Presença de nomes próprios Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>por isso</i>) | Relato interativo | S.15 |
| P.10 | Eis o segundo. | Ausência de marcas agentivas Presença de advérbio (<i>eis</i>) – remete para a situação de interação Construção <i>sem núcleo verbal</i> | Discurso interativo | S.16 |
| | Se este Governo se propõe uma actuação presumível até 1980 e não apenas até à realização, aliás hipotética, de eleições intermédias, entende, todavia que a preparação e o aprontamento dos mecanismos eleitorais é um compromisso do seu Programa e uma norma da sua actividade, para não privar a ordem democrática de instrumentos essenciais ao seu funcionamento pleno. | Marcas de 3ª PS, referentes à instituição <i>Governo</i> que o agente de produção integra e representa (valor de implicação fraca do <i>eu</i>): - nas formas verbais (<i>se propõe, entende</i>) - no determinante demonstrativo+nome próprio (<i>este Governo</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>se propõe, entende</i>) Presença de anáforas pronominais (<i>sua, seu</i>) - referentes a <i>este Governo</i> Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>todavia, se, aliás</i>) Organizadores temporais (<i>até 1980</i>) | Misto interativo-teórico | S.17 |
| P.11 | Eis o terceiro. | Ausência de marcas agentivas Presença de advérbio (<i>eis</i>) – remete para a situação de interação Construção <i>sem núcleo verbal</i> | Discurso interativo | S.18 |
| | O Governo manifesta, solenemente, uma firme vontade de cooperação leal e fecunda, nos termos constitucionais, com os demais órgãos de soberania: Presidente da República, Conselho da Revolução, Assembleia da República e tribunais. | Marcas de 3ª PS, referentes à instituição <i>Governo</i> que o agente de produção integra e representa (valor de implicação fraca do <i>eu</i>): - na forma verbal (<i>manifesta</i>) - no nome próprio (<i>Governo</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>manifesta</i>) Presença de nomes próprios | Misto interativo-teórico | S.19 |

| | | | | |
|------|--|--|---------------------|------|
| | E nesta vontade de cooperação, ao serviço da unidade nacional, da democracia e dos legítimos interesses da população, estão também enlaçadas as instituições autonómicas do Poder Regional e os órgãos do Poder Local. | Ausência de unidades deícticas que remetem para os protagonistas da interação verbal Formas verbais de pretérito perfeito composto (<i>estão enlaçadas</i>) Presença de anáforas (<i>nesta vontade</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>e, também</i>) | Discurso teórico | S.20 |
| P.12 | Eis o quarto. | Ausência de marcas agentivas Presença de advérbio (<i>eis</i>) – remete para a situação de interação Construção sem núcleo verbal | Discurso interativo | S.21 |
| | Foi preocupação presente na formação do Governo a inclusão, no seu elenco, de personalidades inseridas em meios socioprofissionais de variados pontos do território português. | Ausência de unidades deícticas que remetem para os interactantes Formas verbais de pretérito perfeito (<i>foi</i>), da ordem do narrar Presença de anáforas (<i>seu</i>) | Narração | S.22 |
| | Assim se espera, o nível do Executivo, uma maior aproximação entre o conteúdo da prática governamental e as concepções, anseios e práticas do Todo português. | Ausência de unidades deícticas que remetem para os interactantes Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>se espera</i>) Presença de pronome indefinido <i>se</i> | Discurso teórico | S.23 |
| P.13 | Senhor Presidente, Senhores Deputados: | Unidades que remetem para a interação verbal: designação de destinatários diretos por intermédio de nomes próprios e de formas de tratamento | Discurso interativo | S.24 |
| P.14 | Nesta mesma sala, em 1975, durante um período dramático da nossa vida colectiva – período que alguns, pelo seu triunfalismo, parecem já esquecer, período que outros, ingenuamente, parecem apagar – quando todas as leis democráticas, quando todos os partidos democráticos, quando todas as instituições democráticas sofriam um cerco que se afigurava mortal, tive o privilégio de combater o totalitarismo, alheio a preocupações sectárias, visando encurtar distâncias entre todos os que podiam convergir na defesa da liberdade. | Alternância entre: a) Marcas de 1ª PPI com valor de implicação atenuada (coletivo que o agente de produção integra e representa) (1 ocorrência): - no determinante possessivo (<i>nossa</i>) b) Marcas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>tive</i>) Forma verbal de pretérito perfeito simples (<i>tive</i>), da ordem do narrar Marcas deícticas espaciais (<i>nesta mesma sala</i>) Organizadores temporais (<i>em 1975</i>) Modalizações apreciativas (<i>período dramático; tive o privilégio</i>) | Relato interativo | S.25 |
| P.15 | Hoje, na mesma sala, embora noutra bancada, presidindo a um Governo cuja orientação e responsabilidade política, nos termos constitucionais, me competem, ousou advogar, com o mesmo espírito e idêntico propósito, a necessidade de fortalecer a democracia. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>ousou</i>) - no pronome pessoal (<i>me</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>ousou</i>) Deíctico temporal (<i>hoje</i>) Deíctico espacial (<i>na mesma sala</i>) | Discurso interativo | S.26 |

| | | | | |
|------|--|--|--------------------------|------|
| P.16 | É que a análise lúcida da situação económica, marcada por elevados défices da balança de pagamentos e do Orçamento Geral do Estado, por elevados negativos de grandes empresas do sector público, por insuficientes condições para o investimento privado, interno e externo, por uma forte inflação, por um preocupante número de desempregados, por uma situação cambial equilibrada graças ao crédito externo, força-nos a convir ser frágil o suporte material da democracia. | Presença de unidades deícticas com valor de implicação atenuada (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência): - no pronome pessoal em posição átona (<i>-nos</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>força-nos</i>) | Discurso interativo | S.27 |
| P.17 | E se a isto acrescentamos a persistência de uma campanha de agitação, veiculada pela reivindicação impossível de satisfazer, quer pela morbidez de um saudosismo de uma era que irreversivelmente findou, e a própria confusão ideológica e verbalista em que, a nosso ver, a democracia se tem deixado enlear, fácil será reconhecer quão perigoso é o desencanto que vai invadindo o povo português, tão disponível para abraçar e sustentar o regime idealizado pelo 25 de Abril. | Presença de unidades deícticas com valor de implicação atenuada (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>acrescentamos</i>) - no determinante possessivo (<i>nosso</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>acrescentamos</i>) Modalização apreciativa (<i>fácil, quão perigoso</i>) | Discurso interativo | S.28 |
| | Regime idealizado pelo 25 de Abril e quase comprometido pela perversão totalitária que, desde cedo, o seguiu. | Presença de anáfora que retoma o antecedente presente no segmento anterior (<i>regime idealizado pelo 25 de Abril</i>) Presença de construções passivas (<i>idealizado pelo 25 de Abril; comprometido pela perversão</i>) Forma verbal de pretérito perfeito simples (<i>seguiu</i>) Presença de anáfora pronominal (<i>o</i>) | Discurso teórico | S.29 |
| P.18 | Por isso, na perspectiva do Governo, o fortalecimento do regime democrático, tem de ser prosseguido consequentemente e sem demora. | Marcas de 3ª PS, referentes à instituição <i>Governo</i> que o agente de produção integra e representa (valor de implicação fraca do <i>eu</i>): - nome próprio (<i>[na perspectiva do]Governo</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>tem de</i>) Construção passiva, no infinitivo pessoal (<i>ser prosseguido</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>por isso</i>) Modalizações deónticas (<i>tem de ser</i>) | Misto interativo-teórico | S.30 |
| | E sê-lo-á, robustecendo as Instituições e o Estado Democrático, não tergiversando na aplicação das suas leis, disciplinando o trabalho, reduzindo os défices orçamentais, melhorando as condições para o investimento privado e para a eficácia e credibilidade do sector público, corrigindo a situação de injustiça relativa em que se | Marca de 3ª PS – coletivo <i>Governo</i> (nas formas de gerúndio) Forma verbal de futuro simples (<i>sê-lo-á</i>) Construções de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>robustecendo, tergiversando, reduzindo, melhorando, corrigindo, reforçando, respondendo</i>) Presença de anáfora pronominal (<i>sê-lo-á</i>) | Misto interativo-teórico | S.31 |

| | | | | | |
|-----------|--|---|--|--------------------------|------|
| | encontram certos grupos da sociedade portuguesa, reforçando uma acção de persistente elucidação ideológica do que é e não é a própria regra de conduta democrática e respondendo, sem receios, a todos os que a desafiem. | | | | |
| P.19 | É, pois, a nosso ver, pelos caminhos do realismo, do equilíbrio, da justa medida, que podemos enfrentar os desafios da hora presente. | Presença de unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (2 ocorrências): <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>podemos</i>) - no determinante possessivo (<i>nosso</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>pois</i>) Modalização deontica (<i>podemos enfrentar</i>) | Discurso interativo | S.32 | |
| | É com este espírito, no respeito pela Constituição e pelas leis, que podemos almejar o reforço da consciência de identidade nacional, o desenvolvimento integral da personalidade dos portugueses, mediante formas de uma liberdade mais plena e responsável, apontada também para uma verdadeira democracia económica, o desenvolvimento material e a qualidade de vida, a realização, gradual e efectiva, da justiça social. | Presença de unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência): <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>podemos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalizações deonticas (<i>podemos almejar</i>) | Discurso interativo | S.33 | |
| Conclusão | P.20 | E como a ética tem de presidir à apreciação das condutas humanas, não queremos, porque não devemos, com o exposto, ignorar tudo o que de positivo foi realizado pelos Governos Constitucionais antecedentes. | Presença de unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (2 ocorrências): <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>queremos, devemos</i>) Forma verbal no presente do indicativo do indicativo, com valor deíctico (<i>queremos</i>) Ocorrência de verbos modais, no presente do indicativo (<i>devemos, tem de</i>) Construções com infinitivo Modalização deontica (<i>não devemos ignorar, tem de</i>) Modalização pragmática (<i>não queremos</i>) | Discurso interativo | S.34 |
| | | Somente nos parece que tudo foi ainda insuficiente, dado, entre outras coisas, o estado de dismantelamento em que encontraram o País. | Presença de unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência): <ul style="list-style-type: none"> - no pronome pessoal (<i>nos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>nos parece</i>) | Discurso interativo | S.35 |
| | P.21 | Não rejeitado o Programa, no termo deste debate parlamentar, o Governo interpretará a sua vigência como assente numa base de consenso, ao menos tácito, ainda que com diversas motivações. | Marcas de 3ª PS, referentes à instituição <i>Governo</i> que o agente de produção integra e representa (valor de implicação fraca do <i>eu</i>): <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>interpretará</i>) - no nome próprio (<i>Governo</i>) Forma verbal de futuro simples (<i>interpretará</i>) Presença de anáforas (<i>sua</i> – referente a <i>Governo</i>) | Misto interativo-teórico | S.36 |

| | | | | | |
|-------|------|---|---|--------------------------|------|
| | | E esta ideia de consenso animará a sua actividade futura, quer aceitando – como é seu dever constitucional – os mecanismos de fiscalização e censura desta Assembleia, quer não renunciando a ajuizar da oportunidade da apresentação de uma moção de confiança, quer considerando as consequências que, por coerência elementar, para ele podem advir de modificações legislativas introduzidas pelo Parlamento. | Presença de anáforas – referente a <i>Governo</i> Forma verbal de futuro simples (<i>animará</i>), intensificadas pela expressão <i>sua actividade futuro</i> [do Governo] Construções de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>aceitando, renunciando, considerando</i>) | Misto interativo-teórico | S.37 |
| | P.22 | Por tudo, o Governo aguarda com a tranquilidade de quem não ambiciona o Poder mas de quem não se exime ao cumprimento de um dever, a decisão da Assembleia da República. | Marcas de 3ª PS, referentes à instituição <i>Governo</i> que o agente de produção integra e representa (valor de implicação fraca do <i>eu</i>): - na desinência número-pessoal das formas verbais - no nome próprio (<i>Governo</i>) Formas verbais de presente do indicativo (<i>aguarda, ambiciona, exime</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>mas</i>) | Misto interativo-teórico | S.38 |
| | | Visa realizar, assente numa plataforma dos democratas, uma política que considera servir os altos interesses da Pátria e da democracia – e na sua realização nada nem ninguém o fará vacilar, se da Assembleia lhe advier o resultado da não rejeição do seu Programa. | Marcas de 3ª PS, referentes à instituição <i>Governo</i> que o agente de produção integra e representa (valor de implicação fraca do <i>eu</i>): - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>visa, considera, fará</i>) Formas verbais de futuro simples (<i>fará</i>); e de presente do indicativo, com valor de futuro (<i>visa realizar</i>) Presença de anáforas pronominais (<i>o, lhe, seu</i>) | Misto interativo-teórico | S.39 |
| | P.23 | O debate parlamentar, que hoje se inicia, contribuirá, também, e nisso queremos participar, para a dignificação dos partidos políticos democráticos. | Presença de unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>queremos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>queremos</i>) Construção com infinitivo Forma verbal de futuro simples (<i>contribuirá</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico demarcado pelo deíctico temporal (<i>hoje se inicia</i>) Deíctico temporal (<i>hoje</i>) Modalização pragmática (<i>queremos participar</i>) | Discurso interativo | S.40 |
| Fecho | P.24 | VV. Ex.as, senhores Deputados, ajuizarão de nós. | Unidades que remetem para a interação verbal: a) Marca deíctica de 1ª PPI (1 ocorrência): - no pronome pessoal (<i>nós</i>) b) Designação de destinatários diretos imediatos da ação: - marcas de 2ª PPI, formas de tratamento e nomes próprios (<i>VV. Ex.as, senhores Deputados</i>) Forma verbal de futuro simples (<i>ajuizarão</i>) | Discurso interativo | S.41 |
| | P.25 | O País de todos ajuizará. | Presença de pronome indefinido <i>todos</i> , que se subentende um grupo em que o agente de produção se insere (parafraaseável por <i>o País de todos [nós]</i>) Forma verbal de futuro simples (<i>ajuizará</i>) | Discurso interativo | S.42 |

Anexo A.8.

| Quadro 8. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TH2 | | | | | |
|--|------------------|--|---|---------------------|-----|
| § | Segmento textual | Marcas linguísticas e enunciativas | Tipo de discurso | Segmento | |
| Introdução | P.1 | 1. Saúdo os Deputados da X Legislatura e formulo votos para o bom êxito dos nossos mandatos ao serviço do país na pluralidade da representação nacional. | <p>Unidades que remetem para a interação verbal</p> <p>Designação de destinatário direto, na saudação, com recurso ao nome próprio (<i>Deputados da X Legislatura</i>)</p> <p>Alternância entre:</p> <p>a) Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência verbal número-pessoal das formas verbais (<i>saúdo e formulo</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>saúdo e formulo</i>)</p> <p>b) Marca linguística de 1ª PPI (coletivo que o agente de produção integra e representa) (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - no determinante possessivo (<i>nossos</i>) | Discurso interativo | S.1 |
| | P.2 | Agradeço, em nome dos meus colegas e no meu próprio, a confiança que em nós acaba de ser depositada para exercer funções na Mesa e no Conselho de Administração da Assembleia da República. | <p>Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal</p> <p>Alternância entre:</p> <p>a) Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (3 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência verbal número-pessoal da forma verbal (<i>agradeço</i>) - nos determinantes possessivos (<i>meus, meu</i>) <p>Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>agradeço</i>)</p> <p>b) Marca linguística de 1ª PPI (coletivo que o agente de produção integra e representa) (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - no pronome pessoal (<i>nós</i>) | Discurso interativo | S.2 |
| | P.3 | Cumprimento de modo especial o Presidente cessante, Mota Amaral, meu conterrâneo, louvando a forma digna, independente e democrática com que durante três anos conduziu o Parlamento. | <p>Designação de destinatário direto, com recurso a forma de tratamento e ao nome próprio (<i>Presidente Mota Amaral</i>)</p> <p>Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência verbal número-pessoal da forma verbal (<i>cumprimento</i>) - no determinante possessivo (<i>meu</i>) <p>Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>cumprimento</i>)</p> <p>Modalizações apreciativas (<i>de modo especial; forma digna, independente e democrática</i>)</p> | Discurso interativo | S.3 |
| | | Em breve, ao descerrarmos o seu retrato na galeria dos antigos Presidentes, teremos a oportunidade de homenagear a sua longa, perseverante e desinteressada, se bem que não encerrada, carreira política em prol dos seus ideais de sempre e do serviço à causa pública. | <p>Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado (coletivo que integra e representa), de 1ª PPI (2 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência verbal número-pessoal das formas verbais (<i>descerrarmos, teremos</i>) <p>Formas verbais de infinitivo pessoal (<i>descerrarmos</i>)</p> <p>Formas verbais de futuro simples (<i>teremos</i>)</p> <p>Organizadores temporais (<i>em breve</i>)</p> | Discurso interativo | S.4 |

| | | | | | |
|-----------------|-----|---|--|--|------|
| | P.4 | Inspirado nos ensinamentos dos que me antecederam neste lugar, procurarei exercer com sobriedade, eficiência e sentido de equilíbrio a missão em que acabo de ser investido. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>procurarei, acabo</i>) - no pronome pessoal (<i>me</i>) Formas verbais de futuro simples (<i>procurarei</i>) + infinitivo (<i>procurarei exercer</i>) Formas verbais de presente do indicativo do indicativo, com valor deíctico (<i>acabo</i>) Deíctico espacial (<i>neste lugar</i>) Modalização pragmática (<i>procurarei exercer</i>) | Discurso interativo | S.5 |
| | P.5 | Não posso dizer que a actividade parlamentar me seja estranha. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>posso</i>) - no pronome pessoal (<i>me</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>posso</i>) Modalização deontica (<i>não posso dizer</i>) | Discurso interativo | S.6 |
| | | Candidato obviamente sem sucesso em 1969, pela CEUD de Lisboa, eleito e reeleito desde há 30 anos como Deputado da democracia – sempre pelo PS, primeiro pelos Açores, em 1975, e, depois de 83, por Lisboa – tive a honra de presidir a várias Comissões e ao meu próprio Grupo de Deputados, bem como de integrar algumas delegações internacionais da Assembleia na galáxia da chamada diplomacia parlamentar contemporânea. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>tive</i>) Forma verbal de pretérito perfeito simples (<i>tive</i>), da ordem do narrar Organizadores temporais (<i>sempre, em 1969, desde há 30 anos, em 1975, depois de 83</i>) Modalizações apreciativas (<i>obviamente sem sucesso; tive a honra</i>) | Relato interativo | S.7 |
| | | A minha primeira comparação neste hemicycle – e assim cumprimento a bancada da imprensa – data, aliás, do início dos anos setenta, era eu jovem jornalista de um periódico livre – tão obstinadamente livre quanto modestamente artesanal –, o “República”, para assegurar a cobertura da ala liberal. | a) Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>era</i>) - no determinante possessivo (<i>minha</i>) - no pronome pessoal (<i>eu</i>) Formas verbais de pretérito imperfeito do indicativo (<i>era</i>), da ordem do narrar Organizadores temporais (<i>início dos anos 70</i>) Modalizações apreciativas (<i>tão obstinadamente livre quanto modestamente artesanal</i>) b) Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência verbal de número-pessoal da forma verbal (<i>cumprimento</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>cumprimento</i>) | Relato interativo Discurso interativo | S.8 |
| Desenvolvimento | P.6 | 2. A X Legislatura emana de um acto eleitoral expressivamente concorrido. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>emana</i>) | Discurso teórico | S.9 |
| | | É, assim, uma Legislatura de reafirmação de confiança nas instituições representativas, não uma Legislatura de crise de identidade quanto à leitura política do abstencionismo, da indiferença ou do desânimo. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>assim</i>) Presença de anáforas nominais (<i>Legislatura</i>) | Discurso teórico | S.10 |

| | | | | |
|------|---|---|--------------------------|------|
| P.7 | Suprindo deficiências do sistema eleitoral, que espero ver corrigidas antes do final da Legislatura, os portugueses endossaram uma solução política de maioria absoluta de um só partido – o que só aconteceu em 87 e 91 -, e mesmo assim após uma experiência governativa habilitadora, abandonando opções minoritárias, de aliança pré-eleitoral ou de anunciada coligação pós-eleitoral. | a) Presença de marcas deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ªPS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>espero</i>) Forma verbal de presente do indicativo do indicativo, com valor deítico (<i>espero</i>) b) Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>endossaram, aconteceu</i>), da ordem do narrar Construções de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>suprindo, abandonando</i>) Presença de organizadores temporais (<i>em 87 e 91</i>) | Discurso interativo | S.11 |
| P.8 | Que grande mudança. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal | Discurso teórico | S.12 |
| | Que enorme responsabilidade. | Construção sob a forma de paralelismo anafórico introduzido por <i>Que</i> (construções sem núcleo verbal) Modalizações apreciativas (<i>grande, enorme</i>) | Discurso teórico | S.13 |
| P.9 | Responsabilidade para o Governo e para o partido que o apoia, na precisão de objectivos, na calendarização de reformas e medidas, na definição do método governativo adequado, no diálogo com a opinião pública. | Construção sob a forma de paralelismo anafórico introduzido por <i>Responsabilidade</i> (P.9) Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>apoia</i>) | Discurso teórico | S.14 |
| | Responsabilidade para a oposição, na estruturação da crítica, na definição de alvos diferenciadores, na construção de alternativas politicamente sufragáveis aos olhos do eleitorado. | Construção sob a forma de paralelismo anafórico introduzido por <i>Responsabilidade</i> (P.9) Construções nominalizadas, sem núcleo verbal (<i>precisão, estruturação, definição, diálogo, construção</i>) Presença de anáfora nominal (<i>Responsabilidade</i>) | Discurso teórico | S.15 |
| P.10 | A X Legislatura, tal como as eleições de 20 de Fevereiro, será, estou certo disso, saudavelmente polarizada. | a) Marcas de 3ª PS, referentes ao coletivo <i>X Legislatura</i> que o agente de produção integra e representa: - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>será</i>) - no nome próprio <i>X Legislatura</i> Forma verbal de futuro simples (<i>será</i>) | Misto interativo-teórico | S.16 |
| | | b) Uma marca deítica que remete para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>estou certo disso</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>estou</i>) Modalização epistémica (<i>estou certo disso</i>) | Discurso interativo | |
| | Como quer a boa governação, isto é, a boa democracia, que igualmente reclama boa oposição. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>reclama</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>isto é</i>) | Discurso teórico | S.17 |
| P.11 | 3. O Parlamento, na nossa Constituição um dos dois Órgãos de Soberania eleitos directamente pelo Povo, robustece a sua afirmação no espaço público sempre que é | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>robustece, é</i>) | Discurso teórico | S.18 |

| | | | | |
|------|---|---|---------------------|------|
| | capaz de reencontrar o essencial das suas funções, as quais obviamente são algo mais do que um terreno frívolo para obtenção de informação privilegiada sobre a vida interna dos partidos ou para facilidades logísticas multiusos ao dispor da primeira promoção expedita. | | | |
| P.12 | Não sou adepto de grandes chavões e por isso não invocarei qualquer grandiosa reforma do Parlamento, porque sei onde sempre chegam – e não muito longe – os chamados pacotes grandiloquentes sobre reformas globais dos sistemas políticos. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (3 ocorrências): <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>sou, sei</i>) Formas de presente do indicativo do indicativo, com valor deítico (<i>sou e sei</i>) <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>invocarei</i>) Formas verbais de futuro simples (<i>invocarei</i>) <p>Modalizações apreciativas (<i>Não sou adepto</i>)</p> | Discurso interativo | S.19 |
| | Mas bater-me-ei por modificações consequentes, que assegurem à Assembleia da República protagonismo crescente e responsável na nossa arquitectura constitucional. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>bater-me-ei</i>) - no pronome pessoal em posição átona (<i>-me</i>) Forma verbal de futuro simples (<i>bater-me-ei</i>) | Discurso interativo | S.20 |
| P.13 | 4. Protagonismo, em primeiro lugar, no exercício da função legislativa. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal <p>Construções nominalizadas, sem núcleo verbal (iniciadas por <i>Protagonismo</i>) – estratégia discursiva em P.13, P.16 e P.18</p> Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>em primeiro lugar</i>) | Discurso teórico | S.21 |
| P.14 | Caberá, aqui, ao Governo e aos Grupos Parlamentares um papel motor. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal <p>Formas verbais de futuro simples (<i>cabará</i>)</p> Procedimentos de referência deítica intratextual (<i>aqui</i>) | Discurso teórico | S.22 |
| | Espera-se, por isso, que todos tenham a noção de que, mais do que legislação avulsa, há que procurar estabelecer, em agregados coerentes, os grandes conjuntos legislativos, susceptíveis de ser debatidos e votados, nas áreas prioritárias onde se impõem as reformas modernizadoras de que o país carece para vencer os desafios mais exigentes. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal <p>Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>espera-se, há que</i>)</p> Presença de pronome indefinido <i>se</i> <p>Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>por isso</i>)</p> | Discurso teórico | S.23 |
| | Aguarda-se que essas leis devam ir ao encontro das necessidades gerais do país e não de aspirações particulares deste ou daquele grupo de interesses, por mais legítimos que sejam, mas insusceptíveis de exprimir o interesse de todos. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal <p>Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>aguarda-se</i>)</p> Ocorrência de verbo modal, no presente do conjuntivo (<i>devam</i>) <p>Presença de pronome indefinido <i>se</i></p> Organizadores com valor lógico-argumentativo (<i>mas</i>) <p>Presença de anáforas (<i>essas leis</i>)</p> | Discurso teórico | S.24 |

| Modalizações deónticas (<i>devam ir</i>) | | | | |
|--|--|--|------------------|------|
| | E, sobretudo, deseja-se que essas leis devam ter substância jurídica e não obedecer a rituais declaratórios sem qualquer eficácia. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>deseja-se</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do conjuntivo (<i>devam</i>) Presença de pronome indefinido <i>se</i> Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>e, sobretudo</i>) Presença de anáforas (<i>essas leis</i>) Modalizações deónticas (<i>devam ter</i>) | Discurso teórico | S.25 |
| P.15 | A definição das grandes prioridades legislativas e, até, da sua sequência temporal, durante cada sessão legislativa e ao longo da própria Legislatura, constituem um imperativo da modernidade inerente ao bom funcionamento das instituições. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>constituem</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>até</i>) | Discurso teórico | S.26 |
| P.16 | 5. Em segundo lugar, protagonismo parlamentar quanto à fiscalização do Executivo. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Construções nominalizadas, sem núcleo verbal (iniciadas por <i>Protagonismo</i>) – estratégia discursiva em P.13, P.16 e P.18 Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>em segundo lugar</i>) | Discurso teórico | S.27 |
| P.17 | Havendo um Governo com maioria absoluta, e, portanto, sem entraves à aplicação do seu programa, compreende-se que o Parlamento seja chamado a um papel simultaneamente de viabilização racional dessas políticas – para isso há uma maioria parlamentar – mas com respeito e observância pelo papel das minorias, assim chamadas, em democracia, não só ao direito mas até ao dever e ao prazer de oposição. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>compreende-se, há</i>) Construção de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>havendo</i>) Construções passivas (<i>seja chamado</i>) Presença de pronome indefinido <i>se</i> (nas formas verbais) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>portanto, não só... mas</i>) | Discurso teórico | S.28 |
| | Os debates mensais com o Primeiro-Ministro, a presença assídua do Executivo em Plenário e nas Comissões, as interpelações, perguntas ao Governo e debates sobre assuntos de relevante interesse nacional, a ratificação de Decretos-Leis, os requerimentos, as audições e as comissões de inquérito – que urge credibilizar – ganham, assim, especial relevo, não tanto como factores de criação de eventos políticos com algum impacto e sem grande consequência, mas como instrumento continuado de controle – freio | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>ganham, urge</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>assim, não tanto... mas como</i>) | Discurso teórico | S.29 |

| | | | | |
|------|---|--|---------------------|------|
| | e contrapeso – do Governo. | | | |
| | É doutrina com a qual todos temos que ser coerentes, estejamos onde estejamos, ontem, hoje ou amanhã, no Governo ou na oposição, na oposição ou no Governo, pois só essa atitude faz radicar as nossas convicções no cerne de uma cultura democrática assente na liberdade do espírito. | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado (coletivo que integra e representa), de 1ª PPI (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal das três formas verbais em ocorrência (<i>temos, estejamos, estejamos</i>) - no determinante possessivo (<i>nossas</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>temos</i>); e de presente do conjuntivo (<i>estejamos</i>) | Discurso interativo | S.30 |
| P.18 | 6. Protagonismo da Assembleia da República, em terceiro lugar, no que toca ao debate político, à discussão de pontos de vista, à aferição do confronto democrático entre ideias alternativas, à iniciativa de referendos. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Construções nominalizadas, sem núcleo verbal (iniciadas por <i>Protagonismo</i>) – estratégia discursiva em P.13, P.16 e P.18 Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>em terceiro lugar</i>) | Discurso teórico | S.31 |
| | A Assembleia deve, por isso, ter sempre presente que, enquanto único Órgão de Soberania completamente transparente no que respeita à visualização do seu processo de decisão, só beneficia com a qualidade do debate, sendo certo que a qualidade do debate será sempre avaliada pela qualidade das ideias em debate. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>deve, beneficia</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>deve</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>por isso</i>) Modalização deontica (<i>deve ter</i>) Modalização epistémica (<i>sendo certo que</i>) | Discurso teórico | S.32 |
| | É no Parlamento que deve residir o centro por excelência de afirmação do valor próprio dos projectos e das propostas de cada corrente política, caso contrário não racionalizaremos nunca a competição política no quadro das instituições representativas e desvitalizaremos a democracia sem honra nem glória. | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado (coletivo que integra e representa), de 1ª PPI (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>racionalizaremos, desvitalizaremos</i>) Formas verbais de futuro simples (<i>racionalizaremos, desvitalizaremos</i>) | Discurso interativo | S.33 |

| | | | | |
|------|--|--|---------------------|------|
| | Estou certo de que, a par da experiência acumulada dos reeleitos, a entrada de novos e novas Deputadas no hemisfério contribuirá para trazer à vida política nacional um acréscimo de qualidade de que todos beneficiaremos, nomeadamente quanto a fazer coincidir a agenda parlamentar em sentido amplo com a agenda dos verdadeiros problemas nacionais e das alternativas em aberto para a sua solução. | Segmento com presença de unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, alternando entre: a) marcas de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>estou certo de que</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>estou</i>) Modalização epistémica (<i>estou certo de que</i>) b) marcas de 1ª PPI, com valor dilatado (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>beneficiaremos</i>) Formas verbais de futuro simples (<i>beneficiaremos</i>) | Discurso interativo | S.34 |
| P.19 | 7. O reforço do papel do Parlamento português não dispensa, naturalmente, o reforço das condições de exercício da sua actividade tendo em conta as exigências de uma sociedade, de uma economia e de uma inserção externa como as actuais. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>dispensa</i>) | Discurso teórico | S.35 |
| | Por isso, há dois domínios particulares em que se impõe o reforço da assessoria técnica às competentes Comissões Parlamentares. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>há, se impõe</i>) Presença de pronome indefinido <i>se</i> Organizadores com valor lógico-argumentativo (<i>Por isso</i>) | Discurso teórico | S.36 |
| P.20 | Um é o da área europeia, em que cada vez mais os Parlamentos nacionais são chamados a exercer, individualmente, ou até em grupo, funções de alerta precoce quanto a medidas legislativas provenientes dos órgãos da União Europeia. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é</i>); e pretérito perfeito composto (<i>são chamados</i>) Presença de anáfora – retoma <i>dois domínios</i> Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>um..., ou</i>) | Discurso teórico | S.37 |
| | Outro, é o vector orçamental e de controle das contas públicas, em que a rapidez da transmissão de dados e a capacidade da sua aferição se tornam pedra de toque de um eficaz controle parlamentar em ponto fulcral da acção governativa. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é, se tornam</i>) Pronome indefinido <i>se</i> Presença de anáfora, que retoma <i>dois domínios</i> Organizadores com valor lógico-argumentativo (<i>outro</i>) | Discurso teórico | S.38 |
| | São duas prioridades da eficiência parlamentar que não descurarei, pois delas depende igualmente a eficiência institucional do nosso País para adquirir ganhos de produtividade na concorrência institucional europeia. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>descurarei</i>) Forma verbal de futuro simples (<i>descurarei</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>pois</i>) | Discurso interativo | S.39 |

| | | | | |
|------|---|---|---------------------|------|
| | A continuação da expansão das novas tecnologias de informação e comunicação será um precioso suporte para a modernização da actividade parlamentar a todos os níveis e sei que para isto mesmo podemos contar com o profissionalismo dos serviços da Assembleia da República, abertos à inovação, conscientes do papel continuado da formação e com qualificados funcionários cumpridores dos seus deveres. | Segmento com presença de unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, alternando entre: a) marcas de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>sei</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>sei</i>) b) marcas de 1ª PPI, com valor dilatado (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>podemos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização epistémica (<i>sei que podemos contar</i>) | Discurso interativo | S.40 |
| | Daqui os saúdo consciente de que contaremos com o seu inexcedível labor ao longo da Legislatura que agora se inicia. | Presença de unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, alternando entre: a) marcas de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>saúdo</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>saúdo</i>) Deíctico espacial (<i>daqui</i>) b) marcas de 1ª PPI, com valor dilatado (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>contaremos</i>) Forma verbal de futuro simples (<i>contaremos</i>) Deíctico temporal (<i>agora</i>) | Discurso interativo | S.41 |
| P.21 | 8. O respeito pela separação de poderes não nos leva a considerar o Parlamento um ente à parte na economia da Constituição. | Unidades que remetem para o protagonistas da interação verbal, com valor dilatado (coletivo que integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - no pronome pessoal (<i>nos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>nos leva</i>) | Discurso interativo | S.42 |
| | Reafirmamos, por isso, o desejo de uma sadia cooperação institucional com os demais Órgãos de Soberania, o Presidente da República, o Governo e os Tribunais, bem como com outras altas instâncias do Estado democrático, as Regiões Autónomas e as autarquias locais. | Unidades que remetem para o protagonistas da interação verbal, com valor dilatado (coletivo que integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>reafirmamos</i>) Forma pessoal de presente do indicativo (<i>reafirmamos</i>), com valor deíctico Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>por isso, bem como</i>) | Discurso interativo | S.43 |
| | Em relação a todos nos move um propósito de diálogo permanente ao serviço dos necessários equilíbrios e consensos por que se pautam a vida democrática e a política civilizada em que acreditamos e que gostamos de praticar. | Unidades que remetem para o protagonistas da interação verbal, com valor dilatado (coletivo que integra), de 1ª PPI (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>acreditamos, gostamos</i>) - no pronome pessoal (<i>nos</i>) Formas verbais de presente do indicativo (<i>acreditamos, gostamos</i>), com valor deíctico | Discurso interativo | S.44 |
| P.22 | Razões de calendário e de pressão de calendário levamos a fazer arrancar a X Legislatura com a única solenidade do trabalho normal, conscientes também da necessidade de adequar o | Unidades que remetem para o protagonistas da interação verbal, com valor dilatado (coletivo que integra), de 1ª PPI (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>atravessamos</i>) - no pronome pessoal em posição átona (<i>nos</i>) | Discurso interativo | S.45 |

| | | | | | |
|--|-----------|--|---|---------------------|------|
| | | <p>nosso estilo de funcionamento a requisitos sóbrios de eficácia, consentâneos com o período que atravessamos na comunidade nacional e com as dificuldades e carências sentidas no quotidiano por tantas e tantos portugueses.</p> | <ul style="list-style-type: none"> - no determinante possessivo (<i>nosso</i>) <p>Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>atravessamos, levam-nos</i>)</p> | | |
| | | <p>Não deixaremos, porém, de celebrar, no próximo 25 de Abril, e de modo condigno, o 30º aniversário da Assembleia Constituinte, convidando os que nela participaram a reunir-se connosco nesse dia para recordar etapas inesquecíveis da edificação do nosso sistema democrático.</p> | <p>Unidades que remetem para o protagonistas da interação verbal, com valor dilatado (coletivo que integra), de 1ª PPI (3 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>deixaremos</i>) - no pronome pessoal (<i>connosco</i>) - no determinante possessivo (<i>nosso</i>) <p>Forma verbal de futuro simples (<i>deixaremos</i>)</p> <p>Construção de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>convidando</i>)</p> <p>Organizadores temporais (<i>no próximo 25 de Abril, nesse dia</i>)</p> | Discurso interativo | S.46 |
| | Conclusão | <p>P.23 Estou certo de que nesta Câmara pessoalmente todos nos respeitamos, respeitamos as nossas perspectivas políticas diferenciadas, saberemos assumi-las com vigor, mas igualmente saberemos pactar um consenso quando for caso disso e o interesse nacional o aconselhar, reconhecer - e recordar – o mérito de um adversário, distinguir entre o efêmero da refrega e o essencial do compromisso político, em suma, conviver com civilidade e argumentar com vida.</p> | <p>Presença de unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, alternando entre:</p> <p>a) marcas de 1ª PS (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>estou</i>) <p>Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>estou</i>)</p> <p>Deítico espacial (<i>nesta Câmara</i>)</p> <p>Modalização epistémica (<i>estou certo de que</i>)</p> <p>b) marcas de 1ª PPI, com valor dilatado (4 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>respeitamos, respeitamos</i>) - no pronome pessoal (<i>nos</i>) - no determinante possessivo (<i>nossas</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>respeitamos, respeitamos</i>)</p> <p>c) marcas de 1ª PPI, com valor dilatado (2 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>saberemos, saberemos</i>) <p>Formas verbais de futuro simples (<i>saberemos, saberemos</i>)</p> <p>Presença de anáforas pronominais (<i>assumi-las</i>)</p> | Discurso interativo | S.47 |
| | Fecho | <p>P.24 Estou certo de que vamos trabalhar bem e a bem de Portugal.</p> | <p>Presença de unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, alternando entre:</p> <p>a) marcas de 1ª PS (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>estou</i>) <p>Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>estou</i>)</p> <p>Modalização epistémica (<i>estou certo de que</i>)</p> <p>b) marcas de 1ª PPI, com valor dilatado (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência verbal de número-pessoal da forma verbal (<i>vamos trabalhar</i>) <p>Forma verbal de futuro perifrástico (<i>vamos trabalhar</i>)</p> <p>Modalização apreciativa (<i>bem e a bem</i>)</p> <p>Modalização pragmática (<i>vamos trabalhar</i>)</p> | Discurso interativo | S.48 |

Anexo A.9.

| Quadro 9. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TH3 | | | | |
|--|--|--|-------------------|----------|
| § | Segmento textual | Marcas linguísticas e enunciativas | Tipo de discurso | Segmento |
| Introdução | P.1 Entendeu o Magno Chanceler da Universidade Católica Portuguesa, depois de cumpridas as disposições estatutárias de consulta aos seus órgãos superiores, propor à Congregação da Educação Católica, com a anuência da Conferência Episcopal Portuguesa, o meu nome para as funções de Reitor. | Presença de unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - no determinate possessivo (<i>meu</i>) Presença de nomes próprios e formas de tratamento (<i>Magno Chanceler da Universidade Católica Portuguesa</i>) Forma verbal de pretérito perfeito simples (<i>entendeu</i>), da ordem do narrar | Relato interativo | S.1 |
| | Depois de uma sequência ilustre de membros do clero religioso e diocesano à frente dos destinos desta Universidade – iniciada pelo saudoso P. Bacelar e Oliveira -, que tão decisivamente contribuíram para o seu lançamento, expansão e consolidação, chegou o momento de chamar os leigos a esta responsabilidade. | Presença de nomes próprios, que remetem para a instituição representada pelo agente de produção (<i>desta Universidade; P. Bacelar e Oliveira</i>) Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>contribuíram, chegou</i>), da ordem do narrar Presença de anáforas Organizadores temporais (<i>depois de</i>) | Relato interativo | S.2 |
| Desenvolvimento | P.2 Este apelo ao laicado não significa menor afirmação da identidade católica da Universidade, nem qualquer enfraquecimento da sua ligação à Igreja, ao serviço da qual quer continuar, em estreita ligação com a hierarquia e com o Magno Chanceler. | Ausência de unidades que remetem para os interactantes da interação verbal Formas verbais de presente do indicativo (<i>significa, quer</i>), sem valor deíctico Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>nem</i>) | Discurso teórico | S.3 |
| | Quer antes traduzir preocupação por uma maior inserção da Universidade na sociedade portuguesa, para melhor corresponder às necessidades do desenvolvimento científico e cultural do país. | Ausência de unidades que remetem para os interactantes da interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>quer</i>) Formas verbais infinitivas impessoais (<i>traduzir, corresponder</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>antes</i>) | Discurso teórico | S.4 |
| | É por isso um apelo que não responsabiliza só pessoalmente o Reitor, mas institucionalmente toda a Universidade. | Ausência de unidades que remetem para os interactantes da interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>responsabiliza</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>por isso, mas</i>) Presença de anáfora (<i>apelo</i>) | Discurso teórico | S.5 |

| | | | | |
|-----|---|--|---------------------|-----|
| P.3 | Comigo tomam posse como Vice-Reitores a Prof. Doutora Maria da Glória Garcia, da Faculdade de Direito, e o Prof. Doutor P. Carlos Moreira de Azevedo, da Faculdade de Teologia e director do Centro de Estudos de História Religiosa. | <p>Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - no pronome pessoal (<i>comigo</i>) <p>Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>[comigo]tomam posse</i>)</p> <p>Presença de nomes próprios e formas de tratamento (<i>Vice-Reitores a Prof. Doutora Maria da Glória Garcia e o Prof. Doutor P. Carlos Moreira de Azevedo</i>)</p> | Discurso interativo | S.6 |
| | Pela primeira vez, assume funções na Reitoria uma mulher, traduzindo assim o papel crescente que, nas instituições universitárias e na Igreja, à semelhança do crescente protagonismo na sociedade, vão tendo as mulheres, nomeadamente as que pelo seu esforço e mérito se afirmam social e culturalmente. | <p>Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal</p> <p>Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>assume, vão, afirmam</i>); e construções de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>traduzindo, tendo</i>)</p> <p>Presença de pronome indefinido <i>se</i></p> <p>Organizadores temporais (<i>pela primeira vez</i>)</p> | Discurso teórico | S.7 |
| | A ambos agradeço a colaboração que aceitaram dar à Universidade, com manifesto sacrifício das suas vidas académicas e pessoais, agradecimento que é extensivo a todos os que de algum modo ficam também sacrificados com esta escolha, entre os quais a diocese do Porto, a cujo prelado ficamos a dever a compreensão que possibilitou a saída de um dos membros mais valiosos do seu clero. | <p>Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, alternando entre:</p> <p>a) marcas deíticas de 1ª PS (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>agradeço</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>agradeço</i>)</p> <p>b) marcas deíticas 1ª PPI – valor dilatado por remeter para um coletivo que o agente de produção integra e representa = a instituição <i>Universidade Católica Portuguesa</i> (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>ficamos</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>ficamos</i>)</p> <p>Presença de anáfora, na forma <i>ambos</i></p> | Discurso interativo | S.8 |
| P.4 | Para presidir ao Conselho da Gestão Financeira, aceitou dar-nos a sua colaboração, como Pró-Reitor, o Dr. José Alberto Tavares Moreira, conhecida figura de administrador público e privado de instituições financeiras, a quem agradecemos igualmente ter aceite voltar à Universidade onde já há alguns anos leccionou no início da sua vida académica. | <p>Unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa - <i>Universidade Católica Portuguesa</i>), de 1ª PPI (2 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>agradecemos</i>) - pronome pessoal em posição átona (<i>-nos</i>) <p>Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>agradecemos</i>)</p> <p>Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>aceitou, leccionou</i>)</p> <p>Presença de nomes próprios e formas de tratamento (<i>Pró-Reitor, o Dr. José Alberto Tavares Moreira</i>)</p> <p>Organizadores temporais (<i>já há alguns anos; no início</i>)</p> <p>Anáforas pronominais (referentes a <i>Pró-Reitor</i>)</p> | Discurso interativo | S.9 |

| | | | | |
|-----|---|--|---------------------|------|
| P.5 | <p>Sucedo nas funções de Reitor ao Prof. Doutor Manuel Isidro Alves, a quem a Universidade Católica fica a dever muitos anos de dedicação, e a quem quero dirigir a minha primeira palavra de gratidão, que exprimo não apenas em nome individual, mas também em nome de toda a Universidade.</p> | <p>Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (3 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>sucedo, quero, exprimo</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>sucedo, quero, exprimo</i>)</p> <p>Presença de nomes próprios que remetem para a instituição representada (<i>Prof. Doutor Manuel Isidro Alves</i>)</p> <p>Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>não apenas... mas também</i>)</p> <p>Modalizações pragmáticas (<i>a quem quero dirigir, que exprimo</i>)</p> | Discurso interativo | S.10 |
| P.6 | <p>Ao deixar a Reitoria, o Prof. Doutor Manuel Isidro Alves lega à Universidade, e a todos nós que nela trabalhamos, um testemunho de empenhamento institucional que permanecerá como exemplo para os que tivemos a honra de com ele colaborar.</p> | <p>Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (3 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>trabalhamos, tivemos</i>) - pronome pessoal (<i>nós</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>trabalhamos</i>); e de pretérito perfeito simples (<i>tivemos</i>)</p> <p>Anáforas pronominais (<i>ele</i>) – referente a <i>Prof. Doutor Manuel Isidro Alves</i></p> <p>Modalizações apreciativas (<i>tivemos a honra</i>)</p> | Discurso interativo | S.11 |
| P.6 | <p>Este agradecimento, estendemo-lo a todos os Senhores Vice-Reitores que também hoje cessam funções, merecedores também da nossa estima e reconhecimento, e que estamos certos continuarão a dar à Universidade, embora noutras funções, a colaboração destes últimos anos.</p> | <p>Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (3 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>estendemo-lo, estamos</i>) - no determinante possessivo (<i>nossa</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>estendemo-lo, estamos</i>)</p> <p>Deíctico temporal (<i>hoje</i>)</p> <p>Anáforas pronominais (referentes a <i>este agradecimento</i> e a destinatários imediatos)</p> <p>Organizadores temporais (<i>destes últimos anos</i>)</p> <p>Modalizações apreciativas (<i>nossa estima e reconhecimento</i>)</p> <p>Modalizações epistémicas (<i>estamos certos</i>)</p> | Discurso interativo | S.12 |
| P.7 | <p>Esta investidura do laicado no governo da Universidade Católica ocorre em tempos que se afiguram de grande transformação do Ensino Superior e universitário em Portugal, numa época caracterizada não já pela expansão que marcou as décadas anteriores, mas pela retração na procura de formação superior graduada.</p> | <p>Ausência de unidades que remetem para os interactantes da interação verbal</p> <p>Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>ocorre, afiguram</i>)</p> <p>Construções passivas (<i>caracterizada pela retracção</i>)</p> <p>Presença de pronome indefinido <i>se</i></p> <p>Presença de anáforas pronominais e nominais</p> <p>Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>mas</i>)</p> | Discurso teórico | S.13 |
| | <p>Apesar do esperado e desejado aumento da escolarização superior e universitária em Portugal, o número de alunos em graduação universitária vai diminuir no nosso país, por razões de decréscimo demográfico.</p> | <p>Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - no determinante possessivo (<i>nosso</i>) <p>Forma verbal de futuro perifrástico (<i>vai diminuir</i>)</p> | Discurso interativo | S.14 |

| | | | | |
|-----|--|---|------------------|------|
| | Esta diminuição da procura de formação superior graduada tem vindo a ser acompanhada por um aumento da oferta pública de ensino superior pelo Estado, quer universitária quer politécnica, afectando mais ainda a capacidade da oferta de ensino superior não oficial, quer privada quer concordatária. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de pretérito perfeito composto (<i>tem vindo</i>); e construções de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>afectando</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>quer... quer...</i>) | Discurso teórico | S.15 |
| P.8 | A ausência de concorrência paritária, pela enorme desproporção de preços de frequência dos diferentes subsistemas de ensino, cria dificuldades de afirmação e de qualificação ao ensino não estatal, ameaçando mesmo relegá-lo para um lugar residual no sistema de ensino. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>cria</i>); e construções de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>ameaçando</i>) Presença de anáforas | Discurso teórico | S.16 |
| P.9 | A esta dificuldade conjuntural, acresce a persistência, em vastos sectores da sociedade portuguesa, de uma mentalidade estatizante que, se noutras áreas tem vindo a ser ultrapassada pela evidência da importância de uma sociedade forte para o desenvolvimento da cidadania e pela demonstração positiva de resultados, persiste contudo em se manter no domínio da educação. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Retomas anafóricas do segmento anterior Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>acresce, persiste</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>contudo</i>) | Discurso teórico | S.17 |
| | Para muitos prevalece ainda a ideia de que deve competir prioritariamente ao Estado e não à sociedade civil a educação dos cidadãos, e que o direito à educação deve ser preenchido antes de mais pelas instituições oficiais do Estado. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>prevalece, deve</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>ainda, antes de mais</i>) | Discurso teórico | S.18 |

| | | | | |
|------|--|---|---------------------|------|
| P.10 | Para nós, a quem os Papas e os Bispos lembram incessantemente o direito e o dever prioritário à educação da sociedade, e nela das famílias, bem como o princípio da subsidiariedade, em boa hora tornado princípio orientador da União Europeia, pelo Tratado de Maastricht, e consagrado na nossa Constituição como princípio de organização e funcionamento do Estado, a liberdade de ensino está ainda longe de ser uma realidade em Portugal. | Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (2 ocorrências): <ul style="list-style-type: none"> - no pronome pessoal (<i>nós</i>) - no determinante possessivo (<i>nossa</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>lembram</i>) | Discurso interativo | S.19 |
| P.11 | Ao constataremos que os sistemas de ensino que maior vitalidade demonstram, e que maior poder de atracção internacional revelam, são precisamente os sistemas menos estatizados e onde a liberdade de ensino mais é respeitada e incentivada, não podemos deixar de formular ardentes votos para que também entre nós se dêem passos no sentido de reforçar a iniciativa privada no domínio da educação, como meio não só de melhor responder às necessidades educativas do país, mas também como meio de mais reforçar a sociedade civil entre nós. | Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (3 ocorrências): <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>constataremos, podemos</i>) - no pronome pessoal (<i>nós</i>) Formas verbais de infinitivo pessoal (<i>constataremos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalizações deónticas (<i>não podemos deixar de</i>) | Discurso interativo | S.20 |
| P.12 | Não tem sido essa a orientação da mais recente Legislação do Ensino Superior em Portugal que traduz, pelo contrário, uma concepção que se julgava já definitivamente ultrapassada com a revisão constitucional de 1982, de subalternidade do ensino particular em relação ao ensino estadual. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de pretérito perfeito composto (<i>tem sido</i>); e de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>traduz</i>) Presença de pronome indefinido <i>se</i> Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>pelo contrário</i>) | Discurso teórico | S.21 |
| | A Lei de Organização e Ordenamento do Ensino Superior, recentemente publicada, estabelece de novo o primado do ensino público, ao entender o ensino particular como supletivo do público, e os contratos-programa do Estado com o ensino particular como meramente transitórios, justificáveis apenas enquanto subsistirem as carências do serviço público. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo (<i>estabelece</i>), sem valor deíctico | Discurso teórico | S.22 |

| | | | | |
|------|---|--|----------------------------|-------------|
| | <p>Ora o serviço público de educação não é exclusivo do ensino oficial do Estado, mas pode e deve ser desempenhado também pelas instituições privadas.</p> | <p>Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo (<i>é</i>), sem valor deíctico Ocorrência de verbos modais, no presente do indicativo (<i>pode, deve</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>ora, mas, também</i>) Modalização epistêmica (<i>pode</i>) Modalização deontica (<i>deve ser</i>)</p> | <p>Discurso teórico</p> | <p>S.23</p> |
| | <p>Por isso nos congratulámos com a celebração do primeiro contrato-programa com o Ministério da Educação, e fazemos votos para que novos contratos venham a ser estabelecidos, não apenas com a Universidade Católica mas com outras instituições privadas de Ensino Superior.</p> | <p>Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>congratulámos, fazemos</i>) - no pronome pessoal (<i>nos</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>fazemos</i>); e de pretérito perfeito (<i>congratulámos</i>)</p> | <p>Discurso interativo</p> | <p>S.24</p> |
| P.13 | <p>Esta conjuntura de retracção da procura de ensino universitário graduado, e de extensão da oferta pública, que atravessamos, não é pois de expansão mas de reorganização.</p> | <p>Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>atravessamos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>atravessamos</i>)</p> | <p>Discurso interativo</p> | <p>S.25</p> |
| | <p>Obriga antes de mais a um redobrado esforço de racionalização, que passa pela compreensão das novas necessidades de formação, não só graduada mas sobretudo pós-graduada, e das novas necessidades de formação contínua e de formação à distância, por uma crescente qualificação científica e pedagógica dessas formações, por um novo e mais adequado relacionamento entre a Universidade e a sociedade.</p> | <p>Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>obriga, passa</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>antes de mais, não só... mas sobretudo</i>)</p> | <p>Discurso teórico</p> | <p>S.26</p> |
| | <p>Tudo isto pede uma maior capacidade de adaptação, uma maior atenção à evolução da sociedade, dos seus mecanismos e das suas necessidades, uma maior articulação com as actividades económicas, sociais e culturais.</p> | <p>Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>pede</i>) Procedimento de referenciação deíctica intratextual (<i>tudo isto</i>)</p> | <p>Discurso teórico</p> | <p>S.27</p> |
| P.14 | <p>Na base de toda esta transformação não pode deixar de estar o reforço da investigação científica e o aprofundamento do conhecimento, base de toda a prestação de serviços académicos à sociedade.</p> | <p>Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>pode</i>) Modalização deontica (<i>não pode deixar de estar</i>)</p> | <p>Discurso teórico</p> | <p>S.28</p> |

| | | | | |
|------|---|--|--------------------------|------|
| | Uma Universidade sem investigação científica, fundamental e aplicada, negar-se-á a si própria e ver-se-á incapacitada a prazo de satisfazer convenientemente os seus compromissos sociais. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de futuro simples (<i>negar-se-á, ver-se-á</i>) Presença de pronome indefinido <i>se</i> Presença de anáforas (<i>seus</i>) | Discurso teórico | S.29 |
| | Essa investigação deve pautar-se pelos mais exigentes padrões de exigência e rigor internacional, de maneira a permitir a afirmação internacional dos nossos académicos. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>deve</i>) Presença de anáforas (<i>esta</i>) Modalização deontica (<i>deve pautar-se</i>) | Discurso teórico | S.30 |
| | É, sem prejuízo da liberdade individual de descoberta e de criatividade, não pode deixar de ser socialmente orientada, atenta às prioridades do desenvolvimento, precisamente porque são escassos os recursos que a ela podem e devem ser destinados. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é, são</i>) Ocorrência de verbos modais, no presente do indicativo (<i>pode, podem e devem</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>porque</i>) Presença de anáforas pronominais (<i>ela</i>) Modalização epistémica (<i>podem ser destinados</i>) Modalizações deonticas (<i>não pode deixar de ser, devem ser</i>) | Discurso teórico | S.31 |
| P.15 | No entanto, a Universidade deve preocupar-se igualmente com a preparação dos seus alunos para o ingresso no mercado de trabalho. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>deve</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>No entanto</i>) Presença de anáforas (<i>seus</i>) Modalização deontica (<i>deve preocupar-se</i>) | Discurso teórico | S.32 |
| | A credibilidade da Universidade também depende da capacidade de afirmação profissional dos seus graduados. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Presença de formas verbais de presente do indicativo (<i>depende</i>), sem valor deítico Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>também</i>) Presença de anáforas (<i>seus</i>) | Discurso teórico | S.33 |
| | Nesse sentido, não podemos descuar o convite a qualificados profissionais para integrarem o nosso corpo docente, nomeadamente em matérias de forte aplicação técnico-profissional. | Unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>podemos</i>) - no determinante possessivo (<i>nosso</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo + infinitivo (<i>podemos descuar</i>) Modalização deontica (<i>não podemos descuar...</i>) | Discurso interativo | S.34 |
| P.16 | A Universidade Católica, atenta aos desafios que se colocam ao ensino superior, não pode pois deixar de procurar continuar a qualificar científica e pedagogicamente o seu ensino. | Unidades deíticas com valor enfraquecido (coletivo que o agente de produção representa), de 3ª PS: - no nome próprio - nas desinências número-pessoais dos verbos Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>pode</i>) Construções com infinitivo (<i>deixar de procurar continuar a qualificar</i>) Presença de anáforas pronominais (<i>seu</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>pois</i>) Modalização deontica (<i>não pode deixar de</i>) Modalização pragmática (<i>procurar continuar a</i>) | Misto interativo-teórico | S.35 |

| | | | | |
|------|---|---|---------------------------------|-------------|
| | <p>Para essa qualificação muito pode contribuir o sistema de avaliação em que estamos inseridos, com o qual desejamos colaborar mais intensamente, e que esperamos possa a prazo permitir que o mérito e a qualidade venham a ser premiados e incentivados, mesmo em termos financeiros.</p> | <p>Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (3 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>estamos, desejamos, esperamos</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>estamos, esperamos</i>)</p> <p>Forma verbal de presente do indicativo + infinitivo, com valor de posterioridade (<i>desejamos colaborar</i>)</p> <p>Ocorrência de verbos modais, no presente do indicativo (<i>pode[contribuir]</i>); e no presente do conjuntivo (<i>possa[permitir]</i>)</p> <p>Presença de anáfora (<i>essa qualificação</i>)</p> <p>Modalizações deícticas (<i>pode contribuir; possa permitir</i>)</p> <p>Modalização pragmática (<i>desejamos colaborar</i>)</p> | <p>Discurso interativo</p> | <p>S.36</p> |
| P.17 | <p>Os tempos não são seguramente de expansão, e por isso a Universidade Católica deve procurar continuar a consolidar institucionalmente as suas unidades com a formação de um corpo docente próprio, preparado pedagogicamente e empenhado cientificamente.</p> | <p>Unidades deícticas com valor enfraquecido (coletivo que o agente de produção representa), de 3ª PS:</p> <ul style="list-style-type: none"> - no nome próprio - nas desinências número-pessoais dos verbos <p>Forma verbal de presente do indicativo (<i>são</i>); e construções infinitivas (<i>procurar continuar a consolidar</i>)</p> <p>Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>deve</i>)</p> <p>Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>por isso</i>)</p> <p>Modalização deíctica (<i>deve</i>)</p> | <p>Misto interativo-teórico</p> | <p>S.37</p> |
| | <p>Mas não deve deixar de estar atenta às novas necessidades de formação universitária que a sociedade portuguesa lhe apresenta, sob as mais variadas formas: quer necessidades de profissionais em certos domínios, quer necessidades de inovação pedagógica nalgumas áreas científicas, ou de elevação científica de algumas formações.</p> | <p>Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal</p> <p>Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>são</i>); e construções infinitivas (<i>deixar de estar</i>)</p> <p>Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>deve</i>)</p> <p>Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>mas, quer... quer</i>)</p> <p>Modalização deíctica (<i>não deve</i>)</p> | <p>Discurso teórico</p> | <p>S.38</p> |
| | <p>Queremos continuar a servir, de maneira diferente e melhor, as necessidades de formação profissional universitária da sociedade portuguesa, as necessidades de formação cultural e espiritual, as necessidades de investigação científica.</p> | <p>Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>queremos</i>) <p>Forma verbal de presente do indicativo (<i>queremos</i>), com valor deíctico</p> <p>Construções com infinitivo</p> <p>Modalização apreciativa (<i>de maneira diferente e melhor</i>)</p> <p>Modalização pragmática (<i>queremos continuar a</i>)</p> | <p>Discurso interativo</p> | <p>S.39</p> |
| | <p>Queremos em suma ser mais Universidade.</p> | <p>Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>queremos</i>) <p>Forma verbal de presente do indicativo (<i>queremos</i>), com valor deíctico – construção em paralelismo anafórico com segmento anterior, iniciado pela forma verbal</p> <p>Construções com infinitivo</p> | <p>Discurso interativo</p> | <p>S.40</p> |

| Modalização pragmática (<i>queremos ser</i>) | | | | |
|--|---|---|---------------------|------|
| P.18 | A identidade católica da Universidade obriga-nos, por seu turno, a uma maior exigência mas também a uma maior abertura. | Unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência): - no pronome pessoal em posição átona (-nos) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>obriga-nos</i>) | Discurso interativo | S.41 |
| | Queremos continuar a ser uma universidade de elite mas aberta a todos, e de modo especial aos mais desfavorecidos e carenciados. | Unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>queremos</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>queremos</i>), com valor deítico Construções com infinitivo Modalização pragmática (<i>queremos continuar a</i>) | Discurso interativo | S.42 |
| | Queremos continuar a ser uma Universidade onde ninguém deixa de entrar por dificuldades económicas. | Unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>queremos</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>queremos</i>), com valor deítico – construção em paralelismo anafórico com segmento anterior, iniciado pela forma verbal Construções com infinitivo Modalização pragmática (<i>queremos continuar a</i>) | Discurso interativo | S.43 |
| | Queremos continuar a ser uma Universidade solidária, em especial com os povos dos países de expressão portuguesa. | Unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>queremos</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>queremos</i>), com valor deítico – construção em paralelismo anafórico, iniciado pela forma verbal Construções com infinitivo Modalização pragmática (<i>queremos continuar a</i>) | Discurso interativo | S.44 |
| P.19 | Queremos constituir uma comunidade universitária, continuando a ostentar a forte identidade que todos nos reconhecem, traduzida na dedicação entusiasta de todos os que aqui trabalham, e que surpreende quem nos visita, queremos manter e desenvolver o clima inigualável de convivência e cooperação entre alunos, funcionários e professores que nos caracteriza. | Unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (4 ocorrências): - na desinência número-pessoal das duas formas verbais (<i>queremos, queremos</i>) - nos dois pronomes pessoais (<i>nos, nos</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>queremos</i>), com valor deítico – construção em paralelismo anafórico, iniciado pela forma verbal Construção de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>continuando</i>) Construções com infinitivo Deítico espacial (<i>aqui</i>) Modalização pragmática (<i>queremos constituir</i>) | Discurso interativo | S.45 |
| | Queremos que toda a nossa actividade seja perspectivada pela mundividência cristã e pelos valores do evangelho. | Unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>queremos</i>) - no determinante possessivo (<i>nossa</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>queremos</i>), com valor deítico – construção em paralelismo anafórico, iniciado pela forma verbal Modalização pragmática (<i>queremos que</i>) | Discurso interativo | S.46 |

| | | | | |
|------|---|--|---------------------|------|
| | Queremos em suma que a Universidade seja cada vez mais Católica. | Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>queremos</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>queremos</i>), com valor deíctico – construção em paralelismo anafórico, iniciado pela forma verbal Modalização pragmática (<i>queremos que</i>) | Discurso interativo | S.47 |
| P.20 | Queremos, por último, que a Universidade Católica seja cada vez mais portuguesa. | Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>queremos</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>queremos</i>), com valor deíctico – construção em paralelismo anafórico, iniciado pela forma verbal Modalização pragmática (<i>queremos que</i>) | Discurso interativo | S.48 |
| | Somos uma universidade nacional, espalhada pelo país, por vontade da Igreja, que assim a instituiu. | Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>somos</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>somos</i>) Presença de anáfora pronominal (<i>a</i> - referente a <i>universidade</i>) | Discurso interativo | S.49 |
| | E não vislumbramos razões para deixar de o ser. | Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>vislumbramos</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>vislumbramos</i>) Presença de anáfora pronominal (<i>o</i> - referente ao segmento anterior) | Discurso interativo | S.50 |
| | Pelo contrário, a diversidade regional tem enriquecido a Universidade que, por sua vez, tem deste modo podido servir a sociedade portuguesa, e de modo especial zonas mais afastadas dos grandes centros. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de pretérito perfeito composto (<i>tem enriquecido, tem podido</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>pelo contrário, por sua vez, deste modo</i>) | Discurso teórico | S.51 |
| | Esta descentralização da Universidade, feita com o apoio das unidades mais antigas, tem permitido a progressiva consolidação de novas unidades que nunca se teriam afirmado sozinhas. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de pretérito perfeito composto (<i>tem permitido</i>) | Discurso teórico | S.52 |
| P.21 | Para manter esta unidade nacional temos porém que reforçar a coesão interna da Universidade, enfrentando naturais problemas de crescimento. | Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>temos</i>) Forma verbal de presente do indicativo + infinitivo, com valor modal (<i>temos que reforçar</i>) Modalização deontica (<i>temos que</i>) | Discurso interativo | S.53 |
| | Os já longos anos de existência da Universidade possibilitaram a crescente afirmação de Centros Regionais, que sentem necessidade de maior autonomia de organização e | Ausência de unidades deícticas Formas verbais de pretérito perfeito (<i>possibilitaram, deram</i>), da ordem do narrar Organizadores temporais (<i>já longos anos</i>) | Narração | S.54 |

| | | | | |
|------|---|---|---------------------|------|
| | funcionamento, e a quem é de justiça reconhecer o contributo que deram para o engrandecimento da Universidade. | | | |
| | A essa legítima aspiração acresce pois a necessidade de maior responsabilização. | Ausência de unidades deícticas Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>acresce</i>) Presença de anáforas (<i>essa</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>pois</i>) | Discurso teórico | S.55 |
| | É nossa intenção, nesse sentido, vir a chamar mais frequentemente os presidentes dos vários Centros espalhados pelo país à co-responsabilidade do governo geral da Universidade. | Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência): - no determinante possessivo (<i>é nossa intenção</i>) Forma verbal de futuro perifrástico (<i>[é nossa intenção] vir a chamar</i>) Modalização pragmática (<i>É nossa intenção vir a chamar</i>) | Discurso interativo | S.56 |
| | Traz as autoridades periféricas ao centro contribuirá, assim esperamos, para o reforço e partilha de uma visão global mais difusa pelas partes da Universidade e para potenciar as vantagens desta dimensão alargada. | Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>esperamos</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>esperamos</i>), com valor de futuro Forma verbal de futuro simples (<i>contribuirá</i>) Modalização apreciativa (<i>assim esperamos</i>) | Discurso interativo | S.57 |
| P.22 | De um modelo desconcentrado, dominante até aos nossos dias, convém aproximar-nos de um modelo mais federado de Universidade, que já os nossos fundadores admitiam prospectivamente. | Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (2 ocorrências): - no pronome pessoal em posição átona (<i>-nos</i>) - nos dois determinantes possessivos (<i>nossos, nossos</i>) Formas verbais de presente do indicativo; e de infinitivo pessoal | Discurso interativo | S.58 |
| P.23 | Toda a reflexão que conjuntamente teremos que fazer para nos ajustarmos às mudanças que os tempos foram produzindo na realidade da Universidade terá que ser orientada pela preocupação, que, de todos os lados é intensamente sublinhada, de fortalecer a unidade da Universidade – tão necessária quanto do exterior não falta quem nos deseje divididos e enfraquecidos – e no respeito pela nossa especificidade institucional. | Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (5 ocorrências): - na desinência número-pessoal das duas formas verbais (<i>teremos, ajustarmos</i>) - nos dois pronomes pessoais (<i>nos, nos</i>) - no determinante possessivo (<i>nossa</i>) Formas verbais de futuro simples, com valor modal (<i>teremos que, terá que</i>) Forma verbal de infinitivo pessoal (<i>ajustarmos</i>) Modalização deontica (<i>teremos que fazer</i>) | Discurso interativo | S.59 |
| P.24 | Somos uma Universidade criada ao abrigo da Concordata assinada entre o Estado português e a Igreja Católica, e dessa Concordata auferimos o direito que nos assiste de liberdade de organização e de funcionamento, no respeito aliás da autonomia universitária em face dos | Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal das duas formas verbais (<i>somos, auferimos</i>) - no pronome pessoal (<i>nos</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>somos</i>); e de pretérito perfeito simples (<i>auferimos</i>) | Discurso interativo | S.60 |

| | | | | |
|------|---|---|---------------------|------|
| | poderes públicos. | | | |
| | Essa autonomia tem-se revelado positiva, possibilitando que a Universidade Católica se tenha vindo a afirmar com os anos, junto da opinião pública e do mundo universitário português e estrangeiro, como uma Universidade de credibilidade confirmada, como uma Universidade que tem prestado ao país relevantes serviços, a começar pela formação de muitos dos seus dirigentes políticos, económicos, sociais e culturais, e pela formação de não pouco dos professores doutorados de outras Universidades públicas. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de pretérito perfeito composto do indicativo e do conjuntivo (<i>tem-se revelado, tenha vindo, tem prestado</i>) Procedimentos de referenciação deíctica intratextual | Discurso teórico | S.61 |
| | Não divisamos motivos que aconselhem a que assim deixe de continuar a ser. | Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>divisamos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>divisamos</i>) | Discurso interativo | S.62 |
| P.25 | Esta singularidade nunca nos colocou fora do sistema de ensino superior vigente em Portugal, antes tem permitido uma inserção de colaboração leal e franca, quer com as Universidades de Estado, que nos convidaram para integrar o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, e com muitas das quais mantemos protocolos de cooperação, quer com Universidades privadas, nacionais e estrangeiras. | Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal das duas formas verbais (<i>mantemos</i>) - nos pronomes pessoais (<i>nos, nos</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>mantemos</i>) | Discurso interativo | S.63 |
| | Somos por isso defensores de que esta colaboração com Universidades públicas e privadas se desenvolva, sem prejuízo da identidade e da singularidade que nos é própria. | Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal das duas formas verbais (<i>somos</i>) - no pronome pessoal (<i>nos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>somos</i>) | Discurso interativo | S.64 |
| | Se nos aproxima das Universidades públicas o sermos uma instituição sem fins lucrativos, claramente votada ao serviço público, temos em comum com as Universidades privadas a dependência do mercado universitário e das propinas que nos pagam os nossos alunos e dos serviços que prestamos à sociedade. | Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (6 ocorrências): - na desinência número-pessoal das três formas verbais (<i>sermos, temos, prestamos</i>) - nos dois pronomes pessoais (<i>nos, nos</i>) - no determinante possessivo (<i>nossos</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>temos, prestamos</i>); e de infinitivo pessoal (<i>sermos</i>) Anáforas pronominais | Discurso interativo | S.65 |

| | | | | |
|------|--|--|---------------------|------|
| | <p>Mas singulariza-nos a nossa identidade confessional, que leva tantos, sob as mais variadas formas, desde as ofertas generosas às colaborações desinteressadas, passando pela oração no silêncio dos claustros, a darem-nos o seu apoio e a sua ajuda.</p> | <p>Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (2 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - nos pronomes pessoais em posição átona (<i>-nos, -nos</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>singulariza-nos</i>)</p> <p>Anáforas pronominais (<i>seu, sua</i>)</p> | Discurso interativo | S.66 |
| | <p>Temos uma imensa rede de amigos que queremos reforçar, ancorando-nos por eles cada vez mais na sociedade, de quem cada vez mais dependemos.</p> | <p>Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (4 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das três formas verbais (<i>temos, queremos, dependemos</i>) - no pronome pessoal em posição átona (<i>-nos</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>temos, queremos, dependemos</i>)</p> <p>Construção de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>ancorando-nos</i>)</p> <p>Modalização pragmática (<i>queremos reforçar</i>)</p> | Discurso interativo | S.67 |
| | <p>E, entre eles, contamos especialmente com os nossos antigos alunos, que queremos manter melhor informados do que fazemos e projectamos, não apenas para os seus filhos, mas também para eles próprios.</p> | <p>Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (5 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das quatro formas verbais (<i>contamos, queremos, fazemos, projetamos</i>) - no determinante possessivo (<i>nossos</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>contamos, queremos, fazemos, projetamos</i>)</p> <p>Construções com infinitivo</p> <p>Modalização pragmática (<i>queremos manter</i>)</p> | Discurso interativo | S.68 |
| P.26 | <p>Os desafios que se colocam à Universidade Católica Portuguesa nos próximos anos são muitos e de vulto: de consolidação institucional mas de abertura contínua às necessidades da sociedade portuguesa; de unidade nacional, no respeito pela autonomia das partes integrantes, e de co-responsabilização acrescida no destino global da Universidade; de valorização científica e qualificação pedagógica, e de credibilização crescente no mercado onde entram os profissionais que preparamos; de formação cultural na afirmação da identidade católica da Universidade; de serviço à sociedade e nela à Igreja de que é parte; de independência e de colaboração com as demais Universidades públicas e privadas; de continuar a ser, em suma, a Universidade única que de todos os lados se reconhece no panorama</p> | <p>Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal</p> <p>Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>são, se colocam, se reconhece</i>)</p> <p>Presença de pronome indefinido <i>se</i></p> <p>Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>mas, em suma</i>)</p> | Discurso teórico | S.69 |

| | | | | | |
|-----------|------------|--|---|---------------------|------|
| | português. | | | | |
| Conclusão | P.27 | Para lhes responder, é necessário que todos continuemos a empenhar-nos, dando o melhor de nós próprios, e na posição de cada um, no reforço da comunidade que somos. | <p>Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (4 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>continuemos, somos</i>) - no pronome pessoal (<i>nós</i>) - no pronome pessoal em posição átona (<i>-nos</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo do indicativo, com valor deíctico (<i>somos</i>); e do conjuntivo (<i>continuemos</i>)</p> <p>Presença de anáfora que retoma elementos do segmento anterior (<i>Para lhes responder</i> [aos desafios])</p> <p>Construção de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>dando</i>)</p> <p>Modalização deontica (<i>é necessário que</i>)</p> | Discurso interativo | S.70 |
| | | Ao Reitor cabe seguramente um papel de maior responsabilidade, que assumo com determinação, na consciência porém da fragilidade das minhas capacidades e das minhas forças, procurando não desiludir a confiança que o Magno Chanceler em mim entendeu depositar, a quem quero por isso manifestar um agradecimento especial, na certeza de que não deixará de me acompanhar com a experiência e o conhecimento directo dos problemas da Universidade que os seus anteriores mandatos de Reitor lhe deram. | <p>Presença de unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (7 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>assumo, desiludir, quero</i>) - nos dois determinantes possessivos (<i>minhas, minhas</i>) - nos dois pronomes pessoais (<i>mim, me</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>assumo, quero</i>); e de infinitivo pessoal (<i>desiludir</i>)</p> <p>Anáforas pronominais (referentes a <i>Magno Chanceler</i>)</p> <p>Modalizações apreciativas (<i>com determinação, na consciência</i>)</p> <p>Modalização pragmática (<i>quero manifestar</i>)</p> | Discurso interativo | S.71 |
| Fecho | P.28 | Termino, fazendo minha a oração pública com que um Reitor da Universidade de Coimbra, há quarenta anos, encerrou o seu discurso de posse na Sala dos Capelos: “E peço a Deus – dizia ele, e digo eu hoje como ele – cujo nome humildemente invoco, que não me falte para tanto com as Suas luzes e com o Seu auxílio”. | <p>Presença de unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (6 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>termino, digo, invoco</i>) - no pronome possessivo (<i>minhas</i>) - nos dois pronomes pessoais (<i>eu, me</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>termino, digo, invoco</i>)</p> <p>Deíctico temporal (<i>hoje</i>)</p> <p>Presença de anáforas (<i>seu, ele</i> [Reitor da Universidade de Coimbra])</p> <p>Modalização pragmática (“E peço a Deus... que não me falte”)</p> | Discurso interativo | S.72 |

Anexo A.10.

| Quadro 10. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TH4 | | | | | |
|---|-----|---|---|---------------------|----------|
| | § | Segmento textual | Marcas linguísticas e enunciativas | Tipo de discurso | Segmento |
| Abertura | P.1 | Senhor Doutor Emílio Rui Vilar, Caras e Caros Colegas, Caros Colaboradores e Amigos, | Unidades que remetem para a interação verbal: designação de destinatários diretos por intermédio de nomes próprios e de formas de tratamento (justificado pelo contexto de produção) | Discurso interativo | S.1 |
| | P.2 | Constitui para mim uma grande honra, em que nunca havia pensado, ser investido Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, por muitos considerada a mais prestigiada instituição do nosso País, com uma consistente projeção internacional. | Alternância entre: a) Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal ([<i>eu</i>] <i>ser investido</i> , <i>havia pensado</i>) - no pronome pessoal (<i>mim</i>) Formas verbais do infinitivo pessoal na voz passiva (<i>ser investido</i>); e formas compostas (<i>havia pensado</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>Constitui [para mim]</i>) b) Unidades deícticas de 1ª PPI (coletivo que o agente de produção integra – valor dilatado da implicação do <i>eu</i>) (1 ocorrência): - no determinante possessivo (<i>nosso</i>) Modalização apreciativa (<i>uma grande honra</i>) | Discurso interativo | S.2 |
| Introdução | P.3 | Agradeço por isso, em primeiro lugar, a confiança dos meus colegas do Conselho de Administração que por unanimidade me elegeram. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>agradeço</i>) - no pronome pessoal (<i>me</i>) - no determinante possessivo (<i>meus</i>) Formas verbais do presente do indicativo (<i>agradeço</i>), com valor deíctico Designação de destinatários imediatos (<i>os meus colegas</i>) | Discurso interativo | S.3 |
| | | As excepcionais qualidades de cada um deles tornam para mim ainda mais gratificante e exigente a sua decisão. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - no pronome pessoal (<i>mim</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico Designação de destinatários imediatos, retomada do segmento anterior, por intermédio de anáforas (<i>deles, sua</i>) Modalização apreciativa (<i>ainda mais exigente e gratificante</i>) | Discurso interativo | S.4 |

| | | | | | |
|-----------------|-----|---|--|---------------------|------|
| Desenvolvimento | P.4 | Pareceu-me justificado situar, no momento em que inicio este mandato, a importância da Fundação no nosso País e a evolução recente da sua atividade. | <p>Alternância entre:</p> <p>a) Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>inicio</i>) - no pronome pessoal em posição átona (<i>-me</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>inicio</i>); e de pretérito perfeito simples (<i>pareceu-me</i>)</p> <p>Deítico temporal (<i>no momento em que inicio este mandato</i>)</p> <p>b) Unidades deícticas de 1ª PPI (coletivo que o agente de produção integra – valor dilatado da implicação do <i>eu</i>) (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - no determinante possessivo (<i>nosso</i>) <p>Modalização epistémica (<i>Pareceu-me justificado</i>)</p> | Discurso interativo | S.5 |
| | | Quando a Fundação foi criada, em 1956, Portugal apresentava os indicadores económicos e sociais mais baixos da Europa: o sector primário absorvia 45% do emprego total; 45% da população era analfabeta e 30% tinha unicamente três anos de escolaridade; a esperança de vida era de 55 anos para os homens e de 60 para as mulheres. | <p>Ausência de marcas linguísticas e enunciativas que remetem para a interação verbal</p> <p>Formas verbais com predomínio do pretérito imperfeito do indicativo (<i>apresentava, absorva, era, tinha</i>); e forma passiva de pretérito perfeito (<i>foi criada</i>), da ordem do narrar</p> <p>Organizadores temporais (<i>em 1956</i>)</p> | Narração | S.6 |
| | P.5 | O gesto de grande generosidade do instituidor da Fundação Calouste Gulbenkian veio a ter um enorme impacto no País. | <p>Presença de nomes próprios, que remetem para a instituição representada pelo agente de produção e seu fundador (<i>Fundação Calouste Gulbenkian</i>)</p> <p>Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>veio</i>), da ordem do narrar</p> | Relato interativo | S.7 |
| | | A Fundação deu seguramente um contributo, desde logo como exemplo, para a mudança que começou a operar-se em Portugal a partir dos anos 60, especialmente nos domínios da Educação, da Saúde, nas Artes e na Ciência. | <p>Presença de nomes próprios, que remetem para a instituição representada pelo agente de produção (<i>Fundação</i>)</p> <p>Formas verbais de pretérito perfeito (<i>deu, começou</i>), da ordem do narrar</p> <p>Organizadores temporais (<i>a partir dos anos 60</i>)</p> | Relato interativo | S.8 |
| | | No contexto do regime ditatorial em que vivíamos, a Fundação infundiu no País “sangue novo”. | <p>Presença de unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>vivíamos</i>) <p>Formas verbais de pretérito imperfeito do indicativo (<i>vivíamos</i>), da ordem do narrar</p> | Relato interativo | S.9 |
| | P.6 | O juízo sobre a ação desenvolvida ao longo dos 55 anos da história da Fundação deve ser o de que as suas áreas finalísticas foram exemplarmente assumidas, quer em Portugal, quer à escala internacional. | <p>Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal</p> <p>Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>deve</i>)</p> <p>Construção passiva, de pretérito perfeito (<i>foram assumidas</i>)</p> <p>Organizadores temporais (<i>ao longo dos 55 anos</i>)</p> <p>Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>quer... quer</i>)</p> <p>Modalização deontica (<i>deve ser</i>)</p> | Discurso teórico | S.10 |
| | P.7 | Graças ao excepcional talento e tato do Doutor Azeredo Perdigão foi possível limitar a | <p>Presença de nomes próprios e formas de tratamento (<i>Doutor Azeredo Perdigão</i>)</p> <p>Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>foi</i>),</p> | Relato interativo | S.11 |

| | | | | |
|------|--|--|---------------------|------|
| | <p>influência da esfera política na vida da Instituição, durante a ditadura e na fase mais perturbada da revolução de Abril.</p> | <p>da ordem do narrar Organizadores temporais (<i>durante a ditadura e na fase da revolução de Abril</i>) Modalização apreciativa (<i>Graças ao excepcional talento e tato</i>) Modalização epistêmica (<i>foi possível</i>)</p> | | |
| P.8 | <p>A grande responsabilidade que hoje assumo reforça-se por suceder a um Presidente que é uma das primeiras personalidades da sociedade portuguesa, com uma dimensão intelectual, profissional, cultural e ética que constitui uma permanente referência inspiradora.</p> | <p>Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>assumo</i>) <p>Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>assumo</i>) Deíctico temporal (<i>hoje</i>)</p> | Discurso interativo | S.12 |
| P.9 | <p>Quando passou a integrar o Conselho de Administração da Fundação, o Doutor Emílio Rui Vilar começou por ser responsável por toda a reorganização da área financeira, pela definição da política de gestão dos investimentos, e pela diversificação da estratégia dos interesses nas áreas do petróleo e do gás.</p> | <p>Presença de nomes próprios e formas de tratamento (<i>Doutor Emílio Rui Vilar</i>), que designam o destinatário da ação Formas verbais de pretérito perfeito (<i>passou, começou</i>), da ordem do narrar Anáfora nominal (retoma do antecedente [<i>Presidente</i>] com substituição lexical – <i>Doutor Emílio Rui Vilar</i>) Organizadores textuais temporais (<i>Quando</i>)</p> | Relato interativo | S.13 |
| P.10 | <p>Ainda antes de assumir a presidência, teve um papel muito relevante na reestruturação operada na Fundação, que chegou a ter mais de 1 200 colaboradores, e que, de forma gradual mas firme, veio a reduzir o seu quadro para cerca de 500 efetivos.</p> | <p>Retoma de segmento anterior: presença de destinatário direto da ação, subentendido nas desinências de número-pessoal das formas verbais (<i>Ainda antes de [ele] assumir a presidência, [ele] teve um papel muito relevante</i>) Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>teve, chegou, veio</i>), da ordem do narrar Organizadores temporais (<i>antes</i>)</p> | Relato interativo | S.14 |
| | <p>Sem essa reestruturação, iniciada na presidência do meu saudoso mestre Ferrer Correia e reafirmada com vigor na presidência do doutor Vítor Sá Machado, a Fundação Calouste Gulbenkian enfrentaria hoje sérias dificuldades quanto à sua sustentabilidade e capacidade de atuação.</p> | <p>Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - no determinante possessivo (<i>meu</i>) <p>Presença de nomes próprios e formas de tratamento (<i>mestre Ferrer Correia; doutor Vítor Sá Machado, Fundação Calouste Gulbenkian</i>) Construções passivas truncadas (<i>iniciada, reafirmada</i>); forma verbal do condicional (<i>enfrentaria</i>), da ordem do narrar Presença de anáfora, que retoma elemento do segmento anterior (<i>essa reestruturação</i>) Anáforas pronominais (<i>sua</i>)</p> | Relato interativo | S.15 |
| P.11 | <p>Em resultado desta intervenção preventiva, decidida e executada em tempo oportuno, Emílio Rui Vilar veio a dar um renovado impulso à vida da Fundação, juntando aos domínios tradicionais novas áreas de atividade e novas metodologias de trabalho.</p> | <p>Presença de nomes próprios, que remetem para destinatário e para a instituição representada (<i>Emílio Rui Avilar, Fundação</i>) Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>veio</i>), da ordem do narrar; e de participípio passado (<i>decidida, executada</i>)</p> | Relato interativo | S.16 |

| | | | | |
|------|---|--|-------------------|------|
| | Foram assim criados os Projetos Transversais e Inovadores, os Programas Gulbenkian e lançadas as chamadas Novas Intervenções, que mobilizaram transversalmente as estruturas da Fundação. | Presença de verbos de pretérito perfeito (<i>mobilizaram</i>), da ordem do narrar Construções passivas truncadas, de pretérito perfeito (<i>foram criados, lançadas</i>) | Relato interativo | S.17 |
| | Sempre que necessário e com flexibilidade, foram chamadas a colaborar nesses projetos prestigiadas personalidades externas que muito valorizaram os trabalhos realizados. | Presença de verbos de pretérito perfeito (<i>valorizaram</i>), da ordem do narrar Construções passivas truncadas, de pretérito perfeito (<i>foram chamados</i>) | Relato interativo | S.18 |
| P.12 | Deste modo, a Fundação passou a intervir em domínios que muitas vezes cruzavam várias das finalidades estatutárias, como o ambiente, o diálogo intercultural, as migrações, a gestão das cidades, o empreendedorismo, a cidadania europeia. | Presença de nomes próprios, que remetem para a instituição representada (<i>Fundação</i>) Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>passou</i>) e pretérito imperfeito do indicativo (<i>cruzavam</i>), da ordem do narrar Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>Deste modo</i>) | Relato interativo | S.19 |
| P.13 | Também as grandes marcas exteriores da Fundação, o edifício da Sede, o Museu e os jardins foram beneficiados com uma importante renovação das suas infraestruturas sendo, em 2011, justamente classificados como Monumento Nacional. | Presença de nomes próprios, que remetem para a instituição representada (<i>Fundação</i>) Construções passivas truncadas, de pretérito perfeito (<i>foram beneficiados, classificados</i>), da ordem do narrar Organizadores temporais (<i>em 2011</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>Também</i>) | Relato interativo | S.20 |
| P.14 | Numa outra perspetiva, Emílio Rui Vilar deu significativa importância à participação nas redes internacionais das fundações, vindo a presidir, em 2008, ao Centro Europeu de Fundações. | Presença de nomes próprios, que remetem para destinatário e para a instituição representada (<i>Emílio Rui Avilar</i>) Formas verbais de pretérito perfeito (<i>deu</i>), da ordem do narrar Organizadores temporais (<i>em 2008</i>) | Relato interativo | S.21 |
| | Três anos antes já tinha assumido a presidência do Centro Português de Fundações que, tal como a rede de fundações dos Países de Língua Oficial Portuguesa, muito beneficiou da sua visão e iniciativa. | Presença de unidades que remetem para destinatário direto da ação - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>[ele] já tinha assumido a presidência</i>) e na anáfora <i>sua visão</i> Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>beneficiou</i>) e pretérito-mais-que-perfeito composto (<i>tinha assumido</i>), da ordem do narrar Organizadores temporais (<i>Três anos antes</i>) | Relato interativo | S.22 |
| P.15 | Aliás, a visibilidade internacional da Fundação reforçou-se com a transferência das delegações de Londres e Paris para novas instalações mais adequadas às suas funções. | Presença de nomes próprios, que remetem para a instituição representada (<i>Fundação</i>) Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>reforçou-se</i>), da ordem do narrar Presença de pronome indefinido <i>se</i> Organizadores com valor lógico-argumentativo (<i>Aliás</i>) | Relato interativo | S.23 |
| P.16 | Mais recentemente, o processo de profunda reestruturação da Fundação ficou marcado, em 2011, pela decisão de iniciar o processo de autonomização do Instituto | Presença de nomes próprios, que remetem para a instituição representada (<i>Fundação</i>) Construções passivas, de pretérito perfeito (<i>ficou marcado pela decisão/pela clara</i>) Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>passou</i>) | Relato interativo | S.24 |

| | | | | |
|------|--|---|---------------------|------|
| | <p>Gulbenkian de Ciência; e, já em 2012, pela clara distinção que a estrutura orgânica passou a estabelecer entre os serviços que desenvolvem atividades permanentes, os que asseguram a gestão, o funcionamento e a logística da Fundação e, por outro lado, os Programas, que desenvolvem as restantes atividades.</p> | <p>Organizadores temporais (<i>Mais recentemente; em 2011; já em 2012</i>) Organizadores com valor lógico-argumentativo (<i>e, por outro lado</i>)</p> | | |
| P.17 | <p>Futuramente, serão também definidos novos Programas, nomeadamente nas áreas da Educação, da Saúde e da Ciência, de acordo com prioridades claras e um horizonte temporal bem definido.</p> | <p>Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Construções passivas truncadas, de futuro do presente do indicativo simples (<i>serão definidos</i>) Organizadores temporais (<i>Futuramente</i>)</p> | Discurso teórico | S.25 |
| | <p>No que respeita aos Programas já selecionados, a prioridade reside agora na escolha dos respetivos conselhos consultivos, das estruturas de acompanhamento e das entidades responsáveis pela avaliação externa.</p> | <p>Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>reside</i>) Organizadores temporais (<i>agora</i>) Organizadores com valor lógico-argumentativo (<i>No que respeita</i>)</p> | Discurso teórico | S.26 |
| P.18 | <p>O Dr. Emílio Rui Vilar deixamos, portanto, um legado inestimável que é nossa obrigação honrar, consolidar e desenvolver.</p> | <p>Presença de unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPl (2 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - no pronome pessoal em posição átona (<i>-nos</i>) - no determinante possessivo (<i>nossa</i>) <p>Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>deixa-nos</i>); e construções com infinitivo (<i>é nossa obrigação honrar, consolidar e desenvolver</i>) Presença de nomes próprios (e formas de tratamento), que remetem para destinatário e para a instituição representada (<i>Dr. Emílio Rui Atilar</i>) Modalizações apreciativas (<i>um legado inestimável</i>) Modalização deíctica (<i>é nossa obrigação...</i>)</p> | Discurso interativo | S.27 |
| P.19 | <p>Com efeito, sob a sua presidência a Fundação reforçou os capitais próprios e a sua sustentabilidade, renovou o sistema de governo e os métodos de trabalho, alargou consideravelmente as suas áreas de intervenção e a sua afirmação internacional, modernizou as suas estruturas em Portugal e no estrangeiro.</p> | <p>Presença de unidades que remetem para destinatário direto da ação - anáfora (<i>sob a sua presidência</i>) Presença de nomes próprios, que remetem para a instituição representada (<i>Fundação</i>) Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>reforçou, renovou, alargou, modernizou</i>), da ordem do narrar Organizadores com valor lógico-argumentativo (<i>Com efeito</i>)</p> | Relato interativo | S.28 |
| | <p>Por isso aqui lhe manifesto, em nome do Conselho de Administração, o mais vivo reconhecimento por ter aceite continuar a fazer parte da equipa que formou, agora na condição de membro não executivo.</p> | <p>Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>manifesto</i>) <p>Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>manifesto</i>) Referência a destinatário direto (subentende-se o <i>Dr. Emílio Rui Vilar</i>), na anáfora pronominal (<i>lhe</i>)</p> | Discurso interativo | S.29 |

| | | Deítico espacial (<i>aqui</i>) Deítico temporal (<i>agora</i>) | | |
|------|---|--|---------------------|------|
| P.20 | A minha relação mais direta com a Fundação começou em 1995, quando o Professor Ferrer Correia me convidou a integrar o Conselho Consultivo Geral então criado. | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - no pronome pessoal (<i>me</i>) - no determinante possessivo (<i>minha</i>) Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>começou, convidou</i>), da ordem do narrar Organizadores temporais (<i>em 1995</i>) | Relato interativo | S.30 |
| | A partir de 2002, a minha participação no Conselho de Administração, sem funções executivas, proporcionou-me um conhecimento muito mais completo da estratégia, das políticas, das atividades desenvolvidas, da situação patrimonial e da elevada qualidade dos recursos humanos da Fundação. | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - no pronome pessoal em posição átona (<i>me</i>) - no determinante possessivo (<i>minha</i>) Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>proporcionou-me</i>), da ordem do narrar Organizadores temporais (<i>A partir de 2002</i>) | Relato interativo | S.31 |
| P.21 | Já após a minha eleição como Presidente, tive a oportunidade de me reunir com a maior parte dos principais Diretores da Fundação, percebendo mais claramente a sua perspetiva sobre as novas políticas, os desafios que devemos saber enfrentar e a grande disponibilidade de todos para a maior interação exigida pelas mudanças organizativas recentemente decididas. | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>tive</i>) - no determinante possessivo (<i>minha</i>) - no pronome pessoal (<i>me</i>) Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>tive</i>), da ordem do narrar Organizadores temporais (<i>após a minha eleição</i>) | Relato interativo | S.32 |
| P.22 | Posso assim dizer que esta Casa, a sua história e a responsabilidade que exige não me são estranhas. | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>posso</i>) - no pronome pessoal (<i>me</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>posso</i>) Deítico espacial (<i>esta Casa</i>) Modalização epistémica (<i>Posso assim dizer...</i>) | Discurso interativo | S.33 |
| P.23 | A Fundação Calouste Gulbenkian é uma das principais fundações europeias e mundiais, com um currículo que evidencia uma busca constante pelas melhores práticas. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é, evidencia</i>) | Discurso teórico | S.34 |
| P.24 | Dispõe hoje de um orçamento anual de cerca de 100 milhões de Euros e, ao contrário de muitas instituições similares, vive apenas da valorização da dotação inicial do seu Fundador, o que veio a proporcionar que o Ativo Total tenha atingido mais de 3.000 milhões de Euros no final de 2011. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>dispõe, vive</i>) Organizadores temporais (<i>hoje, final de 2011</i>) | Discurso teórico | S.35 |

| | | | | |
|------|--|---|--------------------------|------|
| | E mais de um quarto da sua riqueza está representada em participações nos sectores do gás e do petróleo. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de pretérito perfeito composto (<i>está representada</i>) | Discurso teórico | S.36 |
| P.25 | A Fundação Gulbenkian é uma das mais internacionais das fundações europeias, é a maior não sectorial e a que exerce mais significativas e diversificadas atividades diretas, com a acrescida responsabilidade de atuar num País de média dimensão, com relevantes insuficiências estruturais. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é</i>) | Discurso teórico | S.37 |
| P.26 | A principal e permanente preocupação da Fundação será a de assegurar as condições da sua perpetuidade. | Marcas de 3ª PS, referentes à instituição <i>Fundação</i> que o agente de produção integra e representa (valor de implicação fraca do <i>eu</i>): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>será</i>) - nome próprio <i>Fundação</i> Formas verbais de futuro simples (<i>será</i>) Presença de anáforas (<i>sua</i>) | Misto interativo-teórico | S.38 |
| | A dimensão, a solidez e a rentabilidade do seu património terão sempre de constituir a primeira prioridade, tal como a sustentabilidade da sua estrutura de custos fixos, essencial para nos permitir manter a indispensável agilidade nestes tempos tão perturbados e incertos. | Marcas de 1ª PPI (1 ocorrência), com valor dilatado do <i>eu</i> : - no pronome pessoal (<i>nos</i>) Forma verbal de infinitivo pessoal (<i>nos permitir</i>) Ocorrência de verbo modal, no futuro simples + infinitivo (<i>terão de constituir</i>) Modalização deontica (<i>terão de</i>) | Discurso interativo | S.39 |
| P.27 | A crescente internacionalização das atividades da Fundação, que não se questiona, tem de ser compatível com as expectativas criadas e sentidas a nível nacional, num momento em que Portugal vive a mais séria crise da sua história contemporânea. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>vive</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>tem de</i>) Modalização deontica (<i>tem de ser</i>) | Discurso teórico | S.40 |
| | A afirmação da Fundação num mundo global tem de saber manter uma relação de proximidade com os Portugueses. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>tem de</i>) Modalização deontica (<i>tem de saber</i>) | Discurso teórico | S.41 |
| P.28 | Esta afirmação faz-se hoje a partir de uma base muito sólida, sustentada pela qualidade das suas atividades permanentes como o Museu, o IGC, a Orquestra e o Coro, o CAM, a Biblioteca de Arte, sem esquecer o apoio à Diáspora Arménia, o Programa Gulbenkian de Ajuda ao Desenvolvimento, a natureza das “Novas Intervenções”, ou as ações desenvolvidas no Reino Unido e na Irlanda, a partir da Delegação em Londres, em | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>faz-se</i>) Presença de pronome indefinido <i>se</i> Retoma anafórica de elemento presente no segmento anterior (<i>esta afirmação</i>) | Discurso teórico | S.42 |

| | | | | |
|------|--|---|---------------------|------|
| | França e no continente europeu, com a Delegação em Paris. | | | |
| P.29 | O facto de trabalharmos a partir de 3 países, inseridos em redes internacionais, pode maximizar o nosso impacto, independentemente das ações serem levadas a cabo a partir de Lisboa, de Londres ou Paris. | Presença de unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (2 ocorrências): <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>trabalharmos</i>) - no determinante possessivo (<i>nosso</i>) Formas verbais de infinitivo pessoal (<i>trabalharmos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>pode</i>) Modalização epistémica (<i>pode maximizar</i>) | Discurso interativo | S.43 |
| P.30 | Por outro lado, a generalidade dos problemas cruciais do nosso tempo, que se refletem nos Programas em execução ou recentemente aprovados, fazem parte de uma agenda que é partilhada internacionalmente. | Presença de unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência): <ul style="list-style-type: none"> - no determinante possessivo (<i>nosso</i>) Formas verbais de presente do indicativo Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>Por outro lado</i>) | Discurso interativo | S.44 |
| | Muitos temas de importância mundial estão aliás bem expressos na história da Fundação e do próprio Fundador. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo (<i>estão</i>), sem valor deíctico Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>aliás</i>) | Discurso teórico | S.45 |
| P.31 | Importa ainda salientar, a propósito da internacionalização da atividade da Fundação, que tem sido crescente o seu envolvimento em projetos e debates com fundações estrangeiras. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>importa</i>); e de pretérito perfeito composto (<i>tem sido</i>) Anáforas pronominais Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>ainda</i>) | Discurso teórico | S.46 |
| | Esta cooperação abre-nos horizontes, afirma a excelência e a qualidade da Fundação e faz-nos participar em redes que nos proporcionam parcerias enriquecedoras para o nosso futuro. | Presença de unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (4 ocorrências): <ul style="list-style-type: none"> - nos dois pronomes pessoais em posição átona (<i>-nos, -nos</i>) - no pronome pessoal (<i>nos</i>) - no determinante possessivo (<i>nosso</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>abre-nos, faz-nos, nos proporcionam</i>) Presença de anáfora (<i>esta cooperação</i>) | Discurso interativo | S.47 |
| | Oferece-nos, ainda, a oportunidade de nos compararmos e medirmos com os melhores. | Presença de unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (4 ocorrências): <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das duas formas verbais (<i>compararmos, medirmos</i>) - nos dois pronomes pessoais em posição átona (<i>-nos</i>) - no pronome pessoal (<i>nos</i>) Formas verbais de infinitivo pessoal (<i>compararmos, medirmos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>oferece-nos</i>) | Discurso interativo | S.48 |
| P.32 | Como anteriormente recordei, foi-me dada a oportunidade de participar nas decisões estratégicas, na definição de políticas, nas grandes alterações organizacionais e | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>recordei</i>) - no pronome pessoal em posição átona (<i>-me</i>) | Relato interativo | S.49 |

| | | | | |
|------|---|---|---------------------|------|
| | no acompanhamento das principais áreas de atuação da Fundação. | Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>recordei</i>), da ordem do narrar Organizadores textuais temporais (<i>anteriormente</i>) | | |
| P.33 | Estou, pois, totalmente identificado e solidário com as mais importantes decisões tomadas. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>estou</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>estou</i>) | Discurso interativo | S.50 |
| | Mas o Mundo não pára e a Fundação não pode também parar. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais do presente do indicativo, sem valor deítico (<i>para, pode</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>pode</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>mas, também</i>) Modalização deontica (<i>não pode parar</i>) | Discurso teórico | S.51 |
| | É por isso natural que continue a renovar a sua intervenção não apenas para se adaptar, mas para saber estar, se possível, à frente do seu tempo. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>); de presente do conjuntivo (<i>continue</i>); e construções infinitivas impessoais (<i>se adaptar, saber estar</i>) Presença de anáforas (<i>sua, seu</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>por isso, não apenas... mas</i>) | Discurso teórico | S.52 |
| | Gostaria, por isso, de fixar algumas ideias gerais sobre a nossa atuação futura, que refletem muito do que tem vindo a ser discutido pelo Conselho de Administração. | Alternância entre: a) Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>gostaria</i>) Forma verbal de condicional (<i>gostaria de fixar</i>), com valor atual (situação de interação) Modalização pragmática (<i>Gostaria de fixar</i>) b) Unidades deíticas de 1ª PPI (coletivo que o agente de produção integra – valor dilatado da implicação do <i>eu</i>) (1 ocorrência): - no determinante possessivo (<i>nostra</i>) | Discurso interativo | S.53 |
| P.34 | Desde logo, há que reforçar essa extraordinária marca que é a Fundação Calouste Gulbenkian, associada a muito do que de melhor se tem feito nos domínios de atividade que escolhemos, em Portugal e mesmo no plano internacional. | Presença de unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>escolhemos</i>) Forma verbal de presente do indicativo + infinitivo (<i>há que reforçar</i>), com valor de posterioridade Forma verbal de presente do indicativo (<i>escolhemos</i>), com valor deítico Modalizações deonticas (<i>há que reforçar</i>) | Discurso interativo | S.54 |
| P.35 | Temos de continuar a ser uma instituição ágil e inovadora, a participar nos exigentes desafios da sociedade do conhecimento, a construir perspectivas de longo prazo, a contribuir para a construção de pontes entre culturas, não esquecendo que podemos ajudar a Europa e o Ocidente nas relações com o Médio Oriente, em atenção ao legado | Presença de unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal das duas formas verbais (<i>temos, podemos</i>) - no determinante possessivo (<i>nosso</i>) Ocorrência de verbos modais, no presente do indicativo (<i>temos de; podemos</i>) + infinitivo Modalizações deonticas (<i>Temos de; podemos ajudar</i>) | Discurso interativo | S.55 |

| | | | | |
|------|--|---|---------------------|------|
| | do nosso Fundador. | | | |
| | <p>Temos, também, de ser um agregador das redes sociais que fortalecem o papel da sociedade civil perante os grandes desafios do Sec. XXI, que acabam por se concentrar, em última análise, na área das políticas sociais, aqui entendidas em sentido lato.</p> | <p>Presença de unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>temos</i>) <p>Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>temos de</i>) + infinitivo</p> <p>Modalização deôntica (<i>Temos de...</i>)</p> | Discurso interativo | S.56 |
| P.36 | <p>As atividades próprias permanentes têm de continuar a ser realizadas com padrões de qualidade internacional para melhor afirmar a Fundação num mundo global, o que em alguns casos recomendará a concentração num menor número de iniciativas, com ainda maior exigência.</p> | <p>Ausência de unidades que remetem para a interação verbal</p> <p>Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>têm de</i>)</p> <p>Formas verbais de futuro simples (<i>recomendará</i>)</p> <p>Modalização deôntica (<i>têm de</i>)</p> | Discurso teórico | S.57 |
| | <p>Isto implica, também, que não se acumulem atividades próprias com ações de donativo direto (“grant giving”).</p> | <p>Ausência de unidades que remetem para a interação verbal</p> <p>Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>implica</i>), e de presente do conjuntivo (<i>acumulem</i>)</p> <p>Presença de pronome indefinido <i>se</i></p> <p>Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>também</i>)</p> <p>Procedimentos de referenciação deíctica intratextual (<i>isto</i>)</p> | Discurso teórico | S.58 |
| P.37 | <p>É importante continuar a atrair novos públicos para as atividades permanentes da Fundação, com atenção especial às gerações mais jovens, procurando também, na medida do possível, alargar para fora da Grande Lisboa algumas atividades.</p> | <p>Ausência de unidades que remetem para a interação verbal</p> <p>Formas verbais de presente do indicativo com valor , sem valor deíctico (<i>é</i>); construções infinitivas impessoais (<i>continuar a atrair</i>); e de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>procurando</i>)</p> <p>Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>também</i>)</p> | Discurso teórico | S.59 |
| P.38 | <p>A atração de públicos mais jovens estará muito associada aos novos media, a alguns dos Programas, às “Novas Intervenções” e ao enriquecimento e alargamento dos “sites”, em especial no âmbito da Música e das Artes.</p> | <p>Ausência de marcas linguísticas e enunciativas que remetem para a interação verbal</p> <p>Forma verbal de futuro simples (<i>estará</i>)</p> | Discurso teórico | S.60 |
| | <p>É oportuno lembrar, aliás, que a modernização dos sistemas de informação, muito importante para este objetivo, já se iniciou, com a abertura de um concurso para escolher o consultor externo que nos</p> | <p>Presença de unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - no pronome pessoal (<i>nos</i>) <p>Forma verbal de futuro perifrástico (<i>nos vai dar</i>)</p> <p>Formas verbais de presente do indicativo (<i>é oportuno lembrar</i>); e de pretérito perfeito simples</p> | Discurso interativo | S.61 |

| | | | | |
|------|---|--|---------------------|------|
| | vai dar o necessário apoio. | (<i>iniciou</i>) | | |
| P.39 | Os Programas a lançar devem desenvolver-se em áreas em que a Fundação tenha provada capacidade relativa. | Estratégia discursiva: paralelismo anafórico iniciado por sintagma nominal <i>Os Programas</i> e auxiliar de modo <i>dever</i> – inicia-se no P.39 e repete-se nos P.40, P.42 e P.43 Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo do indicativo, sem valor deítico (<i>devem</i>); de presente do conjuntivo (<i>tenha</i>); e construções infinitivas impessoais (<i>desenvolver-se</i>) Prresença de pronome indefinido <i>se</i> Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>devem</i>) Modalização deontica (<i>devem desenvolver-se</i>) | Discurso teórico | S.62 |
| | E é desejável que na medida do possível se reforcem entre si, para que o resultado possa ser superior à simples soma das partes. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>); e de presente do conjuntivo (<i>reforcem, possa</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do conjuntivo (<i>possa</i>) Pronome indefinido <i>se</i> Modalização apreciativa (<i>É desejável que, na medida do possível</i>) Modalização deontica (<i>possa ser</i>) | Discurso teórico | S.63 |
| | A missão dos Programas tem de ser muito clara e assumir objetivos quantificáveis, que possam ser medidos e sujeitos a avaliações objetivas. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbos modais, no presente do indicativo (<i>tem de</i>); e no presente do conjuntivo (<i>possa</i>) Modalizações deonticas (<i>tem de ser, possam ser</i>) | Discurso teórico | S.64 |
| P.40 | Os Programas devem permitir partilhar experiências, contactos, conhecimentos e recursos, materiais e humanos. | Estratégia discursiva: paralelismo anafórico iniciado por sintagma nominal <i>Os Programas</i> e auxiliar de modo <i>dever</i> – inicia-se no P.39 e repete-se nos P.40, P.42 e P.43 Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>devem</i>) Modalização deontica (<i>devem permitir</i>) | Discurso teórico | S.65 |
| | Será fundamental alargar às Delegações no Estrangeiro essa partilha, acompanhada por um indispensável reforço de competências. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbal de futuro simples (<i>será</i>) | Discurso teórico | S.66 |
| P.41 | Por outro lado, tudo devemos fazer para abrir os Programas às melhores competências e talentos nacionais e estrangeiros. | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>devemos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>devemos</i>) Modalização deontica (<i>devemos fazer</i>) | Discurso interativo | S.67 |
| P.42 | Os Programas - e os projetos em que se desdobram - devem ter carácter pluridisciplinar e | Estratégia discursiva: paralelismo anafórico iniciado por sintagma nominal <i>Os Programas</i> e auxiliar de modo <i>dever</i> – inicia-se no P.39 e | Discurso teórico | S.68 |

| | | | | |
|------|--|--|---------------------|------|
| | <p>associar outras fundações e/ou instituições nacionais e estrangeiras; devem valorizar em especial a concretização de parcerias institucionais duradouras e, na medida do possível, integrar nessas parcerias os próprios beneficiários das nossas intervenções.</p> | <p>repete-se nos P.40, P.42 e P.43</p> <p>Ausência de unidades que remetem para a interação verbal</p> <p>Formas verbais do presente do indicativo, sem valor deítico (<i>desdobram</i>)</p> <p>Ocorrência de verbos modais, no presente do indicativo (<i>devem</i>)</p> <p>Modalizações deonticas (<i>devem ter, devem valorizar</i>)</p> | | |
| P.43 | <p>A agenda dos Programas tem de saber eleger as causas certas, capazes de mobilizar para a ação, incentivando a qualidade e a revelação do talento; devem favorecer a inovação, procurar novos caminhos, abrir horizontes e novas formas de olhar o Mundo, contribuindo para a produção de pensamento e conhecimento.</p> | <p>Estratégia discursiva: paralelismo anafórico iniciado por sintagma nominal <i>Os Programas</i> e auxiliar de modo <i>dever</i> – inicia-se no P.39 e repete-se nos P.40, P.42 e P.43</p> <p>Ausência de unidades que remetem para a interação verbal</p> <p>Ocorrência de verbos modais, no presente do indicativo (<i>tem de, devem</i>)</p> <p>Modalizações deonticas (<i>tem de saber; devem favorecer</i>)</p> | Discurso teórico | S.69 |
| P.44 | <p>Por sua vez, como já deixei sugerido, as atividades de donativos diretos têm de estar essencialmente relacionadas com os Programas e trazer para estes valor acrescentado.</p> | <p>Presença de unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>deixei</i>) <p>Forma verbal de pretérito perfeito simples (<i>deixei</i>)</p> <p>Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>têm de</i>)</p> <p>Modalização deontica (<i>têm de estar</i>)</p> | Discurso interativo | S.70 |
| | <p>Procuraremos aqui centrar-nos em intervenções inovadoras e não fazer simplesmente o que outros já fazem.</p> | <p>Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (2 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>procuraremos</i>) - pronome pessoal (<i>nos</i>) <p>Forma verbal de futuro simples (<i>procuraremos</i>)</p> <p>Modalização pragmática (<i>procuraremos</i>)</p> | Discurso interativo | S.71 |
| P.45 | <p>Uma última palavra sobre o governo da Fundação: é preciso prosseguir o caminho já traçado no sentido de aumentar a influência dos administradores não executivos.</p> | <p>Ausência de marcas que remetem para a interação verbal</p> <p>Formas verbais de presente do indicativo (<i>é</i>), sem valor deítico</p> <p>Modalização deontica (<i>é preciso</i>)</p> | Discurso teórico | S.72 |
| P.46 | <p>É fundamental, por outro lado, que os administradores executivos continuem a contribuir para uma agenda comum ainda mais consistente, o que implica evitar que a sua ação se limite aos seus pelouros e responsabilidades específicas.</p> | <p>Ausência de unidades que remetem para a interação verbal</p> <p>Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é, implica</i>); de presente do conjuntivo (<i>continuem</i>); e construções infinitivas impessoais (<i>contribuir, evitar</i>)</p> <p>Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>Por outro lado</i>)</p> <p>Presença de anáforas (<i>seus</i>)</p> | Discurso teórico | S.73 |

| | | | | | |
|-----------|------|--|---|---------------------|------|
| | | E devem estimular, na organização do processo de decisão, e na sua execução, um profundo envolvimento e responsabilização de todos os quadros, cuja gradual e serena renovação deve constituir igual preocupação de todos. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbos modais, no presente do indicativo (<i>devem, deve</i>) Modalizações deônticas (<i>devem estimular; deve constituir</i>) | Discurso teórico | S.74 |
| Conclusão | P.47 | Caros Colegas, Colaboradores e Amigos, | Unidades que remetem para a interação verbal: designação de destinatários diretos por intermédio de nomes próprios e de formas de tratamento | Discurso interativo | S.75 |
| | P.48 | O nosso País vive um momento especialmente exigente e crítico, num quadro internacional e, em especial, europeu, muito complexo, com relevantes implicações nos mercados financeiros, cuja incerteza e volatilidade muito condiciona a atividade da Fundação. | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência): - no determinante possessivo (<i>nosso</i>) Formas verbais de presente do indicativo (<i>vive, condiciona</i>) | Discurso interativo | S.76 |
| | P.49 | Todos temos de estar preparados para suportar dias difíceis. | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>temos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>temos de</i>) Modalização deôntica (<i>temos de estar</i>) | Discurso interativo | S.77 |
| | | Os Colaboradores da Fundação sabem porém que trabalham numa instituição de primeira grandeza, com funções relevantíssimas, beneficiando, de apoios sociais excepcionais e de um ambiente de trabalho de rara qualidade. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>sabem, trabalham</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>porém</i>) | Discurso teórico | S.78 |
| | | Estas condições tão especiais reforçam a nossa responsabilidade na consolidação da solidez desta nobre Instituição, cuja missão se resume afinal em ajudar a sociedade e os seus membros a valorizarem-se, para poderem enfrentar melhor os desafios do seu tempo. | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência): - no determinante possessivo (<i>nossa</i>) Formas verbais de presente do indicativo (<i>reforçam, se resume</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>poderem</i>) Presença de anáforas Modalização epistêmica (<i>poderem enfrentar</i>) | Discurso interativo | S.79 |
| | P.50 | A Fundação Calouste Gulbenkian assegura-nos estabilidade, qualidade e independência. | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (1 ocorrência): - no pronome pessoal em posição átona (<i>-nos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>assegura-nos</i>) Presença de nome próprio (<i>Fundação Calouste Gulbenkian</i>) | Discurso interativo | S.80 |

| | | | | | |
|--------------|------|---|--|---------------------|------|
| | | Isso obriga-nos a seguir com empenho, entusiasmo e inteligência o imperativo de vida do nosso Fundador: “only the best”, fazer apenas o melhor. | <p>Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra e representa), de 1ª PPI (2 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - no pronome pessoal em posição átona (-nos) - no determinante possessivo (<i>nosso</i>) <p>Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>obriga-nos</i>)</p> <p>Presença de nome próprio (<i>Fundador</i>)</p> <p>Procedimentos de referenciação deíctica intratextual (<i>isso</i>)</p> | Discurso interativo | S.81 |
| | | É o que espero de todos, é o que espero que todos exijam de mim. | <p>Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (3 ocorrências):</p> <ul style="list-style-type: none"> - na desinência número-pessoal das duas formas verbais (<i>espero, espero</i>) - no pronome pessoal (<i>mim</i>) <p>Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>espero</i>)</p> <p>Designação de destinatários imediatos na ação, por intermédio do pronome <i>todos</i></p> <p>Modalizações pragmáticas (<i>É o que espero, é o que espero</i>)</p> | Discurso interativo | S.82 |
| Fecho | P.51 | Muito Obrigado. | Forma de agradecimento aos destinatários diretos (sugere a interação real) | Discurso interativo | S.83 |

Anexo A.11.

| Quadro 11. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TH5 | | | | | |
|---|------------------|---|--|---------------------|-----|
| § | Segmento textual | Marcas linguísticas e enunciativas | Tipo de discurso | Segmento | |
| Introdução | P.1 | Esta candidatura é indissociável de um colectivo que a impulsiona e inseparável de uma memória viva, de uma longa história de resistência e de projecto. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>) | Discurso teórico | S.1 |
| | | Há uma memória partilhada e vivida por tantos homens e tantas mulheres que não se resignam, nem se renderam ao mal da resignação. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>há, resignam</i>) | Discurso teórico | S.2 |
| | | Há uma longa marcha do sentido do intolerável. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>há</i>) | Discurso teórico | S.3 |
| | | Contrariando pretensos determinismos e diversas fatalidades, existe uma imparável corrente de homens e de mulheres com a consciência de que a História não pode ser parada. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>existe</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>pode</i>) Modalização deóntica (<i>não pode ser</i>) | Discurso teórico | S.4 |
| | | Muitas e inúmeras mãos querem a transformação da História. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>querem</i>) | Discurso teórico | S.5 |
| | | Esse desassossego corresponde a um longo caminho de procura de afirmação do humano, à construção de percursos concretos de libertação. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>corresponde</i>) | Discurso teórico | S.6 |
| | | É porque reconheci, com a minha própria intervenção, que as causas e lutas de cada um, por mais generosas e empenhadas que sejam, ganham mais força e sentido material quando partilhadas colectivamente, que aqui cheguei a este espaço de luta comum. | Presença de marcas deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>reconheci, cheguei</i>) - no determinante possessivo (<i>minha</i>) Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>reconheci, cheguei</i>) Deítico espacial (<i>aqui</i>) | Discurso interativo | S.7 |
| | P.2 | Assim, esta é a nossa candidatura, a nossa, de uma extensa e funda energia transformadora. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado do <i>eu</i> (referente ao grupo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (2 ocorrências): - no determinante possessivo (<i>nossa[candidatura]</i>) - no pronome possessivo (<i>nossa</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>é</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>assim</i>) Modalização apreciativa (<i>extensa e funda</i>) | Discurso interativo | S.8 |

| | | | | | |
|-----------------|--|---|---|---------------------|------|
| | | Esta é, e será, a nossa candidatura a Presidente da República, a nossa, de um amplo movimento vital para a libertação de todos e de cada um dos homens e de cada uma das mulheres. | Unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado do <i>eu</i> (referente ao grupo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (2 ocorrências): - no determinante possessivo (<i>nossa[candidatura]</i>) - no pronome possessivo (<i>nossa</i>) Formas verbais de presente do indicativo (<i>é</i>) Formas verbais de futuro simples (<i>será</i>) Retomas anafóricas, iniciadas por <i>esta é a nossa candidatura</i> Modalização apreciativa (<i>amplo movimento vital</i>) | Discurso interativo | S.9 |
| Desenvolvimento | P.3 | Este é um tempo em que, no Mundo, cresce uma perversa desigualdade económica entre os indivíduos e entre os países. | Segmentos construídos em paralelismo anafórico: iniciados por <i>Este é um tempo em que...</i> Ausência de marcas deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é, cresce</i>) | Discurso teórico | S.10 |
| | | Multiplica-se a degradação social. | Ausência de marcas deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>multiplica-se</i>) Presença de pronome indefinido <i>se</i> (clítico) | Discurso teórico | S.11 |
| | | Acentuam-se as chagas ambientais e agravam-se os problemas dos trabalhadores e alastra a pobreza, tudo na decorrência directa do domínio absoluto dos grandes grupos económicos. | Ausência de marcas deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>acentuam-se, agravam-se</i>) Presença de pronome indefinido <i>se</i> (clítico) | Discurso teórico | S.12 |
| | | Deste modo, degrada-se a injusta ordem internacional assente na despótica lógica dos mercados que, por cima dos Povos e dos Estados, se vai apropriando de todas as decisões e escolhas, multiplicando focos de tensão e de guerra, espalhando os terríveis flagelos das migrações forçadas e dos refugiados, do desemprego, da fome e da miséria, que mergulham grande parte da Humanidade em indizíveis carências e intoleráveis sofrimentos. | Ausência de marcas deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>degrada-se, mergulham</i>) Construções de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>apropriando, multiplicando, espalhando</i>) Presença de pronome indefinido <i>se</i> Organizadores textuais com valor lógico-argumentativos (<i>Deste modo</i>) | Discurso teórico | S.13 |
| | P.4 | Este é um tempo em que, em Portugal, depois de décadas de governação em confronto com os valores de Abril, se aprofundam as injustiças sociais e a exploração, e medram a corrupção e a concentração da riqueza. | Segmentos construídos em paralelismo anafórico: iniciados por <i>Este é um tempo em que...</i> Ausência de marcas deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é, aprofundam, medram</i>) Presença de pronome indefinido <i>se</i> (clítico) | Discurso teórico | S.14 |
| | Conhecemos esta trajectória de descaracterização do regime democrático, de ataque à soberania e independência nacionais. | Presença de unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>conhecemos</i>) | Discurso interativo | S.15 | |

| | | | | |
|-----|---|--|---------------------|------|
| P.5 | Este é um rumo inaceitável. | Estratégia discursiva recorrente: segmento introduzido pela anáfora pronominal <i>Este (é um rumo/caminho inaceitável)</i> - repetida em P.5, P.8, P.10 e P.13) Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>) | Discurso teórico | S.16 |
| P.6 | Não podemos ficar indiferentes ao acentuar do processo de regressão social, de acumulação e polarização da riqueza. | Segmentos construídos em paralelismo anafórico (estratégia discursiva em P.6, P.7, P.9 e P.12): iniciados por advérbio <i>não</i> +verbo modal <i>poder</i> + <i>infinitivo</i> Presença de unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização deontica (<i>não podemos ficar</i>) | Discurso interativo | S.17 |
| | Não podemos aceitar a continuada alienação do património público e a destruição da nossa estrutura produtiva. | Presença de unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização deontica (<i>não podemos aceitar</i>) | Discurso interativo | S.18 |
| | Não podemos tolerar que se dissimulem os níveis dramáticos de desemprego, das gritantes desigualdades sociais, de negação a milhões de Portugueses, em particular às camadas jovens, da perspectiva de terem direito a condições de vida dignas e de realizarem os seus projectos pessoais e profissionais no País que é seu. | Presença de unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização deontica (<i>não podemos tolerar</i>) | Discurso interativo | S.19 |
| P.7 | Não nos podemos resignar à actual subordinação de Portugal aos centros do capitalismo, expressa pela União Europeia através de pactos e programas que só agredem as condições de vida dos Portugueses e comprometem o futuro do País. | Presença de unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal - no pronome pessoal (<i>nos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização deontica (<i>não podemos resignar</i>) | Discurso interativo | S.20 |
| P.8 | Este é um caminho inaceitável. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>) | Discurso teórico | S.21 |
| P.9 | Não podemos aceitar que Portugal deixe de ser senhor da sua própria História. | Presença de unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização deontica (<i>não podemos aceitar</i>) | Discurso interativo | S.22 |
| | A História mostra-nos períodos vários de efectiva subordinação a terceiros das nossas condições de decisão política. | Presença de unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (2 ocorrências): - no pronome pessoal em posição átona (<i>-nos</i>) | Discurso interativo | S.23 |

| | | | | |
|------|---|--|---------------------|------|
| | | - no determinante possessivo (<i>nossas</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>mostra-nos</i>) | | |
| | Nos nossos dias, o País está a ser saqueado e destruído pelos especuladores, e os responsáveis pela governação decretaram a subordinação de Portugal aos mercados, a subserviência ao grande capital estrangeiro, a submissão à Troika, a subjugação aos especuladores e agiotas. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>está</i>) Construções passivas (<i>saqueado e destruído pelos especuladores</i>) | Discurso teórico | S.24 |
| P.10 | Este é um caminho inaceitável. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>) | Discurso teórico | S.25 |
| P.11 | O Presidente da República, símbolo da unidade do Estado e da independência nacional, tem a particular responsabilidade na defesa de uma estratégia capaz de nos garantir a independência num mundo de grandes interdependências, em que os grandes poderes e os grandes interesses tendem a impor hegemonias limitativas da soberania dos Estados e da liberdade dos Povos. | Ausência de marcas deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais do presente do indicativo, sem valor deítico (<i>tem, tendem</i>) | Discurso teórico | S.26 |
| P.12 | Não podemos capitular perante o intolerável ataque às funções sociais do Estado, face ao corte no investimento público e à desagregação da Administração Pública. | Estratégia discursiva: paralelismo anafórico (advérbio <i>não</i> +verbo modal <i>poder+infinitivo</i> - cf. P.6) Presença de unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal - no pronome pessoal (<i>nos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização deontica (<i>não podemos capitular</i>) | Discurso interativo | S.27 |
| | Não podemos ser cúmplices do ataque ao Serviço Nacional de Saúde e à Escola Pública. | Estratégia discursiva: retomas anafóricas fiéis iniciadas por advérbio <i>não</i> +verbo modal <i>poder+infinitivo</i> (cf. P.6) Presença de unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal - no pronome pessoal (<i>nos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização deontica (<i>não podemos ser</i>) | Discurso interativo | S.28 |
| | Não podemos aceitar a ofensiva contra o trabalho com direitos. | Presença de unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal - no pronome pessoal (<i>nos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) | Discurso interativo | S.29 |

| | | | | |
|------|--|---|---------------------|------|
| | | Modalização deôntica (<i>não podemos aceitar</i>) | | |
| | Não podemos pactuar com o corte nas prestações sociais, com o roubo aos rendimentos, com a brutal injustiça fiscal, com o desemprego, a precariedade, a violação de direitos, enquanto se refina a protecção e apoio ao grande capital, que não pára de aumentar os seus colossais lucros. | Presença de unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal - no pronome pessoal (<i>nos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização deôntica (<i>não podemos pactuar</i>) | Discurso interativo | S.30 |
| P.13 | Este é um caminho inaceitável. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico do verbo ser (<i>é</i>) | Discurso teórico | S.31 |
| | Este não é o Portugal que a Constituição configura. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>) | Discurso teórico | S.32 |
| | Um outro Portugal é possível e está nas nossas mãos alcançá-lo. | Presença de unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - no determinante possessivo (<i>nossas</i>) Anáforas pronominais (<i>-lo</i>) Formas verbais de presente do indicativo | Discurso interativo | S.33 |
| | E é em nome da luta por esse futuro que assumo esta candidatura. | Presença de marcas deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>assumo</i>) Forma verbal de presente do indicativo (<i>assumo</i>), com valor deítico | Discurso interativo | S.34 |
| P.14 | Quem, nesta República, tem em conta os direitos fundamentais dos mais desfavorecidos? | Estratégia discursiva em P.14, P.20 e P.23: segmentos que iniciam os pontos intertitulados por II, III e IV (respetivamente) do discurso, construídos sob a forma de interrogações retóricas: - Presença de frases não declarativas (interrogativas [retóricas]), iniciadas por <i>Quem</i> em paralelismo anafórico A presença do pronome indefinido <i>Quem</i> , com uso interrogativo retórico, sem marcas agentivas e associado a formas de presente do indicativo, sem valor deítico, indiciam uma construção teórica | Discurso teórico | S.35 |
| | Quem escuta o clamor dos excluídos deste mundo? | Estratégia discursiva em P.14, P.20 e P.23: segmentos construídos sob a forma de interrogações retóricas (cf. P.14, S.35) | Discurso teórico | S.36 |
| | Quem responde por milhões de pessoas indefesas face aos “interesses do mercado divinizado, transformado em regra absoluta”? | Estratégia discursiva em P.14, P.20 e P.23: segmentos construídos sob a forma de interrogações retóricas (cf. P.14, S.35) | Discurso teórico | S.37 |
| | Quem responde por tanta gente sacrificada pela desenfreada especulação financeira? | Estratégia discursiva em P.14, P.20 e P.23: segmentos construídos sob a forma de interrogações retóricas (cf. P.14, S.35) | Discurso teórico | S.38 |
| | Quem acolhe o grito das vítimas dos poderes económicos e dos seus interesses predominantes | Estratégia discursiva em P.14, P.20 e P.23: segmentos construídos sob a forma de interrogações retóricas (cf. P.14, S.35) | Discurso teórico | S.39 |

| | | | | |
|------|--|--|---------------------|------|
| | que arrasam tanta vida e a fonte da vida? | | | |
| | Quem se compromete com a justa causa daqueles que estão a ser sufocados pelo domínio absoluto do lucro? | Estratégia discursiva em P.14, P.20 e P.23: segmentos construídos sob a forma de interrogações retóricas (cf. P.14, S.35) | Discurso teórico | S.40 |
| P.15 | Existem práticas de exploração, de injustiças e de rapina, benefícios que só a alguns poucos aproveitam, formas de dominação em função do lucro, que são a raiz profunda da desordem. | Ausência de marcas deícticas que remetem para os interactantes e para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>existem, são</i>) | Discurso teórico | S.41 |
| P.16 | Urge encetar caminhos novos. | Ausência de marcas deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal do presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>urge</i>) | Discurso teórico | S.42 |
| | O sistema de injustiça precisa de ser substituído, com uma viragem à altura das circunstâncias. | Ausência de marcas deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal do presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>precisa</i>) | Discurso teórico | S.43 |
| | O domínio despótico do poder financeiro, e a sua perversa ordem, requer a tomada de decisões para inverter a desordem estabelecida. | Ausência de marcas deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal do presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>requer</i>) | Discurso teórico | S.44 |
| P.17 | A injustiça não é invencível. | Ausência de marcas deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é</i>) | Discurso teórico | S.45 |
| P.18 | Na Constituição do nosso País, o Presidente da República não governa. | Presença de unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - no determinante possessivo (<i>nosso</i>) Forma verbal de presente do indicativo | Discurso interativo | S.46 |
| | Mas o Presidente da República não poderá ser indiferente às carências que os Portugueses sofrem, não poderá ser insensível à exploração que a pobreza comporta, não pode fechar os olhos aos dramas de milhões de pobres, ao desânimo e à desesperança de cada rosto, e de tantos rostos relegados para o silêncio das margens, expulsos, neste País, para as ultraperiferias sociais. | Ausência de marcas deícticas que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>pode</i>); e no futuro simples (<i>poderá</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>mas</i>) Modalização deontica (<i>não poderá ser, não pode fechar</i>) | Discurso teórico | S.47 |
| P.19 | Como Presidente da República, estarei sempre ao lado dos que defendem a Justiça Social. | Presença de unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>estarei</i>) Forma verbal de futuro simples (<i>estarei</i>) | Discurso interativo | S.48 |
| | Como Presidente da República, lutarei contra a injustiça. | Presença de unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>lutarei</i>) Forma verbal de futuro simples (<i>lutarei</i>) | Discurso interativo | S.49 |
| | Tanto no exercício de poderes de decisão, como no uso do diálogo e da palavra, assumo e assumirei o compromisso da opção preferencial pelos mais | Presença de unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da | Discurso interativo | S.50 |

| | | | | |
|------|--|--|---------------------|------|
| | pobres, pelos explorados. | forma verbal (<i>assumo</i>) Formas verbais de presente do indicativo (<i>assumo</i>), com valor deítico - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>assumirei</i>) Forma verbal de futuro simples (<i>assumirei</i>) | | |
| | Não é um compromisso de agora. | Ausência de marcas deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>) Organizadores textuais temporais (<i>agora</i>) | Discurso teórico | S.51 |
| | É um compromisso que tem orientado toda a minha vida. | Presença de unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - no determinante possessivo (<i>minha</i>) Formas verbais de presente do indicativo | Discurso interativo | S.52 |
| P.20 | Quem, em nome da República, dá expressão aos interesses dos trabalhadores e aos seus direitos no emprego? | Estratégia discursiva em P.14, P.20 e P.23: segmentos construídos sob a forma de interrogações retóricas (cf. P.14, S.35) | Discurso teórico | S.53 |
| | Quem responde por milhares de desempregados e pelas condições de vida e de trabalho? | Estratégia discursiva em P.14, P.20 e P.23: segmentos construídos sob a forma de interrogações retóricas (cf. P.14, S.35) | Discurso teórico | S.54 |
| P.21 | Quando o grande patronato aumenta o seu poder sobre os trabalhadores, generalizam-se as formas de precariedade no trabalho, é brutal a violência do ataque aos direitos laborais, aumenta a exploração e a liquidação de direitos e conquistas - como se verifica em relação ao direito à contratação colectiva. | Ausência de marcas deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>aumenta, é, generalizam-se, se verifica</i>) Presença de pronome indefinido <i>se</i> Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>quando, como</i>) | Discurso teórico | S.55 |
| | Desvalorizam-se os salários e cresce a insegurança na vida de quem vive do trabalho e do seu salário. | Ausência de marcas deíticas que remetem para a interação verbal Formas de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>cresce, vive, desvalorizam-se</i>) Presença de pronome indefinido <i>se</i> | Discurso teórico | S.56 |
| | Desregulam-se horários, rouba-se o direito ao lazer e à família, precariza-se a organização da vida de centenas de milhares de trabalhadores. | Ausência de marcas deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>precariza-se, desregulam-se, rouba-se, precariza-se</i>) Presença de pronome indefinido <i>se</i> | Discurso teórico | S.57 |
| | Nestes nossos dias, há uma outra realidade inquietante, boa parte dos trabalhadores vivem na pobreza. | Ausência de marcas deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>há, vivem</i>) Organizadores temporais (<i>Nestes nossos dias</i>) | Discurso teórico | S.58 |
| | Para milhares de trabalhadores não basta que tenham emprego para que se libertem da pobreza. | Ausência de marcas deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>basta</i>) | Discurso teórico | S.59 |
| P.22 | Como candidato a Presidente da República e como Presidente da República, defenderei um outro rumo para Portugal que comporte a valorização do trabalho e dos trabalhadores, de afirmação dos seus direitos, que combata a precariedade e o | Estratégia discursiva (P.22 e P.84): segmento iniciado por <i>Como candidato a Presidente da República e como Presidente da República, defenderei...</i> : Presença de unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da | Discurso interativo | S.60 |

| | | | | |
|------|---|--|------------------|------|
| | desemprego, um rumo que tenha no aumento dos salários, na elevação do poder de compra, um factor decisivo de justiça social e de contribuição incontornável para reduzir as desigualdades na distribuição do rendimento. | forma verbal (<i>defenderei</i>) Forma verbal de futuro simples (<i>defenderei</i>) | | |
| P.23 | Quem acolhe o grito da Natureza? | Estratégia discursiva em P.14, P.20 e P.23: segmentos construídos sob a forma de interrogações retóricas (cf. P.14, S.35) | Discurso teórico | S.61 |
| | Quem responde pelos danos humanos e ambientais, como o das aldeias sem vida, da deflorestação, dos fogos florestais, dos mares e dos rios poluídos, da destruição das fontes de água doce e dos obstáculos ao fundamental acesso à água potável e pública? | Estratégia discursiva em P.14, P.20 e P.23: segmentos construídos sob a forma de interrogações retóricas (cf. P.14, S.35) | Discurso teórico | S.62 |
| | Quem escuta as vítimas do actual modelo de desenvolvimento, produção e consumo? | Estratégia discursiva em P.14, P.20 e P.23: segmentos construídos sob a forma de interrogações retóricas (cf. P.14, S.35) | Discurso teórico | S.63 |
| | Quem assume responsabilidades pelas nocivas alterações dos ecossistemas e pela perda da biodiversidade? | Estratégia discursiva em P.14, P.20 e P.23: segmentos construídos sob a forma de interrogações retóricas (cf. P.14, S.35) | Discurso teórico | S.64 |
| P.24 | Há o mito do progresso, a sacralização dos mercados, apostando num ganho imediato, uma lógica férrea, uma lógica de dominação, que se invoca onipotente, de certos interesses económicos sobre a Natureza, deixando um rasto de danos humanos e ambientais. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>há, se invoca</i>); e construções de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>apostando, deixando</i>) | Discurso teórico | S.65 |
| P.25 | Para uma responsável utilização dos recursos nacionais, o Estado não se pode demitir das obrigações de planificar, coordenar, vigiar e sancionar, tal como prevê o texto constitucional. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo (<i>prevê</i>), sem valor deítico Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>pode</i>) Organizadores com valor lógico-argumentativo (<i>para, tal como</i>) Modalização deontica (<i>não se pode demitir</i>) | Discurso teórico | S.66 |
| P.26 | Na Constituição da República, o Presidente da República não governa, mas não renuncia à sua cidadania e, muito menos, aos deveres de defesa do interesse nacional. | Ausência de marcas deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>governa, renuncia</i>) Organizadores com valor lógico-argumentativo (<i>mas</i>) | Discurso teórico | S.67 |
| | Está, por isso, obrigado, também nesta área, ao dever de incentivar boas práticas, promover a busca de novos caminhos, estimular iniciativas, projectos e políticas alternativas. | Ausência de marcas deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de pretérito perfeito composto (<i>está obrigado</i>) Construções infinitivas impessoais (<i>incentivar, promover, estimular</i>) Organizadores com valor lógico-argumentativo (<i>por isso, também</i>) | Discurso teórico | S.68 |

| | | | | |
|------|--|--|---------------------|------|
| P.27 | O Presidente da República tem um papel determinante na percepção pública de aspectos essenciais da evolução da situação nacional. | Estratégia discursiva: P.27 e P.28 construídos sob a forma de paralelismo anafórico, iniciado por <i>O Presidente da República...</i> Ausência de marcas deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>tem</i>) | Discurso teórico | S.69 |
| | O seu enquadramento no contexto do regime democrático constitucional, a responsabilidade acrescida que resulta da sua eleição directa apontam para uma intervenção política e institucionalmente activa. | Ausência de marcas deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>apontam</i>) Presença de anáforas | Discurso teórico | S.70 |
| | O respeito pelos outros órgãos de soberania e a salvaguarda da interdependência de poderes que a Constituição define, obrigam a que o Presidente da República, quer recorrendo aos poderes de decisão que lhe são constitucionalmente conferidos, quer sabendo usar os seus poderes de influência, tenha tarefas inalienáveis e esteja incumbido de deveres indeclináveis. | Ausência de marcas deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>obrigam, define, são</i>) Formas verbais de presente do conjuntivo (<i>tenha, esteja</i>) Presença de anáforas pronominais Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>quer... quer</i>) | Discurso teórico | S.71 |
| P.28 | O Presidente da República não pode deixar, no âmbito das suas competências e responsabilidades próprias, de defender a mobilização do Povo Português na busca de um outro rumo de desenvolvimento. | Estratégia discursiva: P.27 e P.28 construídos sob a forma de paralelismo anafórico, iniciado por <i>O Presidente da República...</i> Ausência de marcas deíticas que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>pode</i>) Modalização deontica (<i>não pode deixar</i>) | Discurso teórico | S.72 |
| P.29 | E é neste sentido que consideramos que os poderes do Presidente da República podem e devem ser usados ao serviço da ruptura com o rumo das últimas décadas. | Presença de unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado do <i>eu</i> , de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>consideramos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>consideramos</i>) Ocorrência de verbos modais, no presente do indicativo (<i>podem, devem</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>neste sentido</i>) Modalização epistémica (<i>podem</i>) Modalização deontica (<i>devem ser</i>) | Discurso interativo | S.73 |
| P.30 | Se é verdade que o Presidente da República não é governo deve, no entanto, actuar no quadro das funções que a Constituição lhe confere, usando os seus poderes para determinar a mudança, para influenciar um rumo de desenvolvimento, justiça e progresso social para Portugal. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>deve</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>se, no entanto</i>) Modalização epistémica (<i>é verdade que</i>) Modalização deontica (<i>deve actuar</i>) | Discurso teórico | S.74 |

| | | | | |
|------|--|--|---------------------|------|
| P.31 | Esta candidatura que assumo exprime essa exigência de uma profunda ruptura e de viragem em relação às orientações políticas que tanta desordem e tanta regressão impuseram ao nosso País. | Estratégia discursiva presente do indicativo de P.31 a P.34 (paralelismo anafórico, iniciado por <i>Esta candidatura</i>) Alternância entre: a) Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>assumo</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>assumo</i>) b) Marca deítica de 1ª PPI (1 ocorrência): - no determinante possessivo (<i>nosso</i>) | Discurso interativo | S.75 |
| P.32 | Esta é uma candidatura que afirma que há um outro rumo e uma outra política capazes de responder aos problemas de Portugal. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é, afirma, há</i>) | Discurso teórico | S.76 |
| P.33 | Esta candidatura está comprometida com os valores de Abril, para impulsionar o caminho do desenvolvimento, da Justiça e do progresso social, da soberania e independência nacionais. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de pretérito perfeito composto (<i>está comprometida</i>) | Discurso teórico | S.77 |
| P.34 | Esta candidatura está vinculada, inabalavelmente, ao projecto de Abril, inscrito na Constituição da República Portuguesa, que comemora, em breve, o seu 40.º aniversário, que incorpora uma base programática e constitui uma plataforma política capaz de unir os Portugueses no abrir das novas avenidas de esperança e de futuro para Portugal. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de pretérito perfeito composto (<i>está vinculada</i>) Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>comemora, incorpora, constitui</i>) Organizadores textuais temporais (<i>em breve</i>) | Discurso teórico | S.78 |
| P.35 | 1. Defender, cumprir e fazer cumprir a Constituição da República Portuguesa. | Estratégia discursiva para enumerar as 10 linhas de atuação da candidatura - estratégia que se repete em P.35, P.40, P.46, P.50, P.54, P.57, P.61, P.67, P.72 e P.76: Ausência de marcas que remetem para a interação verbal, com construções infinitivas impessoais (<i>defender, cumprir, fazer cumprir</i>) | Discurso teórico | S.79 |
| P.36 | Questão central dos tempos que vivemos é o empenhamento na defesa da Constituição da República. | Presença de unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado (coletivo), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>vivemos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>vivemos</i>) | Discurso interativo | S.80 |
| | Defesa contra a sua constante violação e o desrespeito pelo que ela contém de positivo, e muito é, mas igualmente contra a permanente ameaça e os projectos latentes para a sua liquidação definitiva. | Ausência de unidades que remetem para os interactantes Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>contém, é</i>) Presença de anáforas pronominais (<i>sua, ela</i>) | Discurso teórico | S.81 |

| | | | | |
|------|--|---|---------------------|------|
| P.37 | É na Lei fundamental, e no respeito e efectivação dos seus princípios e normas, que se podem e devem encontrar as saídas para a dramática situação com que o País está confrontado. | Ausência de marcas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>) Ocorrência de verbos modais, no presente do indicativo (<i>podem, devem</i>) Modalização epistémica (<i>podem</i>) Modalização deontica (<i>devem encontrar</i>) | Discurso teórico | S.82 |
| P.38 | A Lei constitucional ratifica e acolhe o inapagável acervo de conquistas e valores desse momento maior da história de Portugal que foi a Revolução de Abril. | Ausência de marcas deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>ratifica, acolhe</i>) | Discurso teórico | S.83 |
| | Podia não ter sido assim. | Ausência de marcas deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de pretérito imperfeito do indicativo (<i>podia</i>); e formas compostas de infinitivo pessoal (<i>ter sido</i>) | Discurso teórico | S.84 |
| | Mas foi de facto assim, e esse facto deve ser reconhecido se queremos honrar a memória histórica, ou seja, a memória viva do Povo português. | Presença de unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado (coletivo), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>queremos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>queremos</i>) Retoma anafórica (<i>esse facto</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>mas, de facto</i>) | Discurso interativo | S.85 |
| P.39 | Por isso, a exigência do cumprimento e respeito pela Constituição tornou-se um factor crucial na defesa do regime democrático, um referencial para qualquer política que se assuma como patriótica e de esquerda. | Ausência de marcas linguísticas que remetem para a interação verbal e para os interactantes da ação Formas verbais de pretérito perfeito (<i>tornou-se</i>) e de presente do conjuntivo (<i>se assuma</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>por isso</i>) | Discurso teórico | S.86 |
| | E também por isso, numa situação política particularmente grave e muito perigosa, a unidade e convergência dos trabalhadores, dos patriotas, dos homens e mulheres democratas em torno da sua defesa deve constituir um imperativo, bem assim como a afirmação de uma política alternativa que respeite os valores de Abril. | Ausência de marcas linguísticas que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>deve</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>e, também, por isso, bem assim como</i>) Modalização deontica (<i>deve constituir</i>) | Discurso teórico | S.87 |
| P.40 | 2. Defender e aprofundar o regime democrático. | Estratégia discursiva para enumerar as 10 linhas de atuação da candidatura - estratégia que se repete em P.35, P.40, P.46, P.50, P.54, P.57, P.61, P.67, P.72 e P.76: Ausência de marcas deíticas que remetem para a interação verbal Construções infinitivas impessoais | Discurso teórico | S.88 |
| P.41 | A República Portuguesa é definida no artigo 2.º da Constituição como “ <i>um Estado de direito democrático, baseado na soberania popular, no pluralismo de expressão e organização política democráticas, no respeito e na</i> | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de pretérito perfeito composto (<i>é definida</i>) | Discurso teórico | S.89 |

| | | | | |
|------|--|--|---------------------|------|
| | <i>garantia de efectivação dos direitos e liberdades fundamentais e na separação e interdependência de poderes, visando a realização da democracia económica, social e cultural e o aprofundamento da democracia participativa”.</i> | | | |
| | Seguramente que ninguém encontrará muitas semelhanças entre esta definição e o panorama actual da sociedade portuguesa. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de futuro simples (<i>encontrará</i>) Presença de anáfora, que retoma elementos do segmento anterior (<i>esta definição</i>) | Discurso teórico | S.90 |
| P.42 | Existem em muitos aspectos da realidade presente desfiguramentos e retrocessos, e uma clara degradação do regime e da ética democráticas a que é necessário dar resposta. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>exigem, é</i>) Modalização deóntica (<i>é necessário dar</i>) | Discurso teórico | S.91 |
| P.43 | A alternativa à democracia existente é mais e melhor Democracia. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é</i>) | Discurso teórico | S.92 |
| P.44 | A afirmação de um Portugal livre e democrático constitui um objectivo que exige a defesa do regime democrático, o respeito pela separação dos poderes, uma justiça independente, democrática, acessível e igual para todos, o combate decidido à corrupção e ao crime económico, o combate à promiscuidade entre o poder político e económico. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>constitui, exige</i>) | Discurso teórico | S.93 |
| | A par de uma política de Defesa Nacional ao serviço da soberania e independência nacionais, que garanta o respeito pelo princípio constitucional de separação entre Forças Armadas e segurança interna e uma política de segurança pública que defenda os direitos dos cidadãos e a tranquilidade pública. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do conjuntivo (<i>garanta, defenda</i>) | Discurso teórico | S.94 |
| P.45 | A minha candidatura defende o aprofundamento da Democracia como um factor imprescindível de desenvolvimento e transformação, vê na participação democrática dos cidadãos em todos os planos da vida colectiva, e na defesa dos direitos, liberdades e garantias, constitucionalmente consagrados, uma pedra angular do reforço, do enraizamento e do aprofundamento do regime democrático. | Presença de unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - no determinante possessivo (<i>minha [candidatura]</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>defende, vê</i>) | Discurso interativo | S.95 |

| | | | | |
|------|--|--|---------------------|-------|
| P.46 | 3. Defender os direitos, liberdades e garantias dos trabalhadores. | Estratégia discursiva para enumerar as 10 linhas de atuação da candidatura, que se repete em P.35, P.40, P.46, P.50, P.54, P.57, P.61, P.67, P.72 e P.76 Ausência de marcas que remetem para a interação verbal, com construções infinitivas impessoais | Discurso teórico | S.96 |
| P.47 | A degradação do regime democrático é inseparável de uma intensa e prolongada ofensiva contra os direitos económicos, sociais e culturais dos trabalhadores, e de uma persistente desvalorização do trabalho. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>) | Discurso teórico | S.97 |
| P.48 | Se a Constituição da República Portuguesa reconhece um amplo leque de direitos, liberdades e garantias aos trabalhadores, no plano individual e no plano colectivo, fá-lo no quadro do reconhecimento de que esses direitos constituem não apenas um elemento estruturante do regime democrático, mas também que o seu exercício é parte integrante do seu desenvolvimento, e do desenvolvimento económico e social do País. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>reconhece, fá-lo, constituem, é</i>) Anáforas pronominais (<i>fá-lo, esses, seu</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>se, não apenas... mas também</i>) | Discurso teórico | S.98 |
| P.49 | Comprometo-me, pois, a tudo fazer quanto à salvaguarda da “Constituição Laboral”, naquele que é o capítulo sobre os direitos, liberdades e garantias dos trabalhadores. | Estratégia discursiva utilizada no final de cada linha de atuação, introduzida por <i>comprometo-me</i> (P.49, P.60, P.66, P.71, P.75) Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>comprometo</i>) - no pronome pessoal em posição átona (<i>-me</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>comprometo-me</i>) Modalização pragmática (<i>comprometo-me</i>) | Discurso interativo | S.99 |
| P.50 | 4. Defender os direitos sociais. | Estratégia discursiva que se repete em P.35, P.40, P.46, P.50, P.54, P.57, P.61, P.67, P.72 e P.76: Ausência de marcas que remetem para a interação verbal, com construções infinitivas impessoais | Discurso teórico | S.100 |
| P.51 | Os direitos – que a Constituição consagra para todos – à saúde e à protecção social, à cultura, à educação e ao ensino, o acesso ao direito e aos tribunais, nomeadamente, são crescentemente negados. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>são, consagra</i>) | Discurso teórico | S.101 |
| P.52 | O Estado tem hoje um papel muito limitado na promoção do acesso à habitação. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>tem</i>) Organizador temporal (<i>hoje</i>) | Discurso teórico | S.102 |

| | | | | |
|------|---|---|------------------|-------|
| | As famílias são afectadas por múltiplas formas, do desemprego e da precariedade à carência de apoios sociais, à altíssima taxa de dependência dos jovens e às dificuldades que defrontam para conseguir uma vida independente. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>defrontam, são</i>) | Discurso teórico | S.103 |
| | Sobre as mulheres, as primeiras a ser atingidas pelos despedimentos, recaem as consequências da ausência de apoios, nomeadamente à maternidade e à primeira infância. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>recaem</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>nomeadamente</i>) | Discurso teórico | S.104 |
| | Está ausente uma política de apoio aos cidadãos portadores de deficiência. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>está</i>) | Discurso teórico | S.105 |
| | Mantém-se por realizar uma política de integração social, económica e cultural dos imigrantes. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>mantém-se</i>) | Discurso teórico | S.106 |
| | E a pretexto de que a base de defesa dos direitos sociais se encontra em crise, a política de direita descapitaliza a Segurança Social e favorece as seguradoras e os fundos de pensões privados, altera de forma injusta e desumana a idade da reforma, penaliza ainda mais os desempregados e os jovens à procura de primeiro emprego, mantém em condições de pobreza extrema a grande massa dos reformados, pensionistas e idosos. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>encontra, descapitaliza, favorece, altera, penaliza, mantém</i>) | Discurso teórico | S.107 |
| P.53 | Estas políticas violam tão frontalmente direitos sociais elementares, atingem tão duramente uma tão grande massa de Portugueses e Portuguesas, entre os mais desprotegidos e pobres, constituem uma tão implacável violência social, que nenhum responsável político, e muito menos um Presidente da República, lhes poderá ser indiferente. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>violam, atingem, constituem</i>) Anáforas pronominais (<i>estas, lhes</i>) | Discurso teórico | S.108 |
| P.54 | 5. Promover o crescimento económico e o desenvolvimento. | Estratégia discursiva que se repete em P.35, P.40, P.46, P.50, P.54, P.57, P.61, P.67, P.72 e P.76: Ausência de marcas deíticas que remetem para a interação verbal, com construções infinitivas impessoais | Discurso teórico | S.109 |
| P.55 | Ao arpeio das incumbências constitucionais (nomeadamente as contidas nos artigos 80.º e 81.º), através das privatizações e dos compromissos assumidos no quadro da integração europeia, foram subtraídas ao Estado alavancas essenciais de intervenção e regulação, e de | Ausência de marcas que remetem para a interação verbal Construções passivas, de pretérito perfeito (<i>foram subtraídas</i>) | Discurso teórico | S.110 |

| | | | | |
|------|--|---|---------------------|-------|
| | concretização de políticas capazes de promover um desenvolvimento equilibrado. | | | |
| P.56 | Defendo que um outro Portugal é possível. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>defendo</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>defendo</i>) | Discurso interativo | S.111 |
| | Com uma economia mista que defenda os recursos e a produção nacional, o emprego, que promova a ciência e a tecnologia, que desenvolva e modernize as capacidades produtivas nacionais, que desenvolva a economia do mar e apoie os pescadores, apoie e incentive as micro, pequenas e médias empresas. | Paralelismos anafóricos iniciados por <i>Com...</i> : Formas verbais de presente do conjuntivo, introduzidas por <i>que</i> (<i>que defenda, que desenvolva, apoie...</i>) | Discurso teórico | S.112 |
| | Com uma perspectiva de desenvolvimento que não abandone o interior, que apoie os pequenos e médios agricultores, nem promova uma desequilibrada concentração de populações, equipamentos, actividades e serviços em áreas desordenadas e entregues à especulação imobiliária. | Paralelismos anafóricos iniciados por <i>Com...</i> : Formas verbais de presente do conjuntivo, introduzidas por <i>que</i> (<i>que não abandone, que apoie...</i>) | Discurso teórico | S.113 |
| | Com um modelo de desenvolvimento que não hipoteque, nem degrade, nem mercantilize os valores ambientais e naturais, mas que os salvguarde e garanta a sua sustentabilidade, enfrentando decididamente os constrangimentos externos que dificultam e impedem o desenvolvimento soberano de Portugal. | Paralelismos anafóricos iniciados por <i>Com...</i> : Formas verbais de presente do conjuntivo, introduzidas por <i>que</i> (<i>que não hipoteque, nem degrade...</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>nem... nem...</i>) | Discurso teórico | S.114 |
| P.57 | 6. Lutar contra a exclusão social e pela erradicação da pobreza. | Estratégia discursiva que se repete em P.35, P.40, P.46, P.50, P.54, P.57, P.61, P.67, P.72 e P.76: Ausência de marcas que remetem para a interação verbal, com construções infinitivas impessoais | Discurso teórico | S.115 |
| P.58 | Não olhamos a pobreza e os pobres em Portugal ao nível da crítica moral ou da superficial denúncia ética, mas ao nível da economia política. | Presença de unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado do <i>eu</i> , de 1ª PPl (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>olhamos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>olhamos</i>) | Discurso interativo | S.116 |
| | Os pobres e a pobreza são uma realidade estruturalmente enraizada na forma como se organiza determinado desenvolvimento. | Ausência de marcas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>são</i>) | Discurso teórico | S.117 |
| | A pobreza não é apenas consequência das contradições de algumas más vontades individuais, mas das contradições estruturais da organização económica. | Ausência de marcas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>mas</i>) | Discurso teórico | S.118 |

| | | | | |
|------|---|--|---------------------|-------|
| P.59 | Portugal apresenta um dos maiores índices de pobreza da Europa. | Ausência de marcas linguísticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>apresenta</i>) | Discurso teórico | S.119 |
| | As políticas dos últimos anos agravaram ainda mais as desigualdades sociais e a pobreza. | Ausência de marcas linguísticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de pretérito perfeito (<i>agravaram</i>), da ordem do narrar Organizadores temporais (<i>últimos anos</i>) | Narração | S.120 |
| | Um modelo económico assente em baixos salários e em baixos níveis de qualificação, a crescente desresponsabilização do Estado das suas funções sociais, o forte agravamento do desemprego, a contenção dos rendimentos, os cortes nas pensões e salários, somados à redução dos apoios sociais, provocaram danos profundos que comprometem o futuro do País e da nossa vida em comum. | a) Ausência de marcas linguísticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>comprometem</i>); e de pretérito perfeito (<i>provocaram</i>) | Discurso teórico | S.121 |
| | | b) Presença de unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado do <i>eu</i> , de 1ª PPI (1 ocorrência): - no determinante possessivo (<i>nossa</i>) | Discurso interativo | |
| P.60 | Comprometo-me com a causa da libertação das amarras da pobreza, encarando-a como dever do Presidente da República, na imperiosa tarefa de intervenção na defesa dos direitos humanos, na promoção de uma sociedade democrática assente nos valores da dignidade humana, da Justiça Social e da responsabilidade colectiva. | Estratégia discursiva utilizada no final de cada linha de atuação, introduzida por <i>comprometo-me</i> (P.49, P.60, P.66, P.71, P.75) Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>comprometo</i>) - no pronome pessoal em posição átona (<i>-me</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>comprometo-me</i>) Modalização pragmática (<i>comprometo-me</i>) | Discurso interativo | S.122 |
| P.61 | 7. Garantir toda a prioridade às crianças e combater o crime da pobreza infantil. | Estratégia discursiva que se repete em P.35, P.40, P.46, P.50, P.54, P.57, P.61, P.67, P.72 e P.76: Ausência de marcas que remetem para a interação verbal, com construções infinitivas impessoais | Discurso teórico | S.123 |
| P.62 | Vivem-se hoje dias de retrocesso objectivo na garantia e cumprimento dos direitos das crianças. | Ausência de marcas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>vivem-se</i>) Organizador temporal (<i>hoje</i>) | Discurso teórico | S.124 |
| P.63 | As crianças são uma das principais vítimas da crise, ou seja, das políticas dos governos e da União Europeia para lançar dinheiro para os bancos e acumular lucros, atirando milhares de crianças a pobreza. | Ausência de marcas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>são</i>) | Discurso teórico | S.125 |
| P.64 | As causas são: a diminuição dos montantes e a abrangência das prestações sociais como o Abono de Família, a Acção Social Escolar, os Subsídios Sociais de Parentalidade, o Rendimento Social de Inserção e o Subsídio Social de Desemprego. | Ausência de marcas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>são</i>) | Discurso teórico | S.126 |

| | | | | |
|------|---|--|---------------------|-------|
| | Entre 2009 e 2012, o Governo Português retirou a 30% das crianças um dos seus direitos intrínsecos – o direito ao Abono de Família. | Ausência de marcas deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de pretérito perfeito (<i>retirou</i>), da ordem do narrar Organizadores temporais (<i>Entre 2009 e 2012</i>) | Narração | S.127 |
| | A falta de resposta séria de políticas dirigidas à atenuação do risco de pobreza e exclusão social expressa-se na clara fragilidade e vulnerabilidade das crianças portuguesas. | Ausência de marcas deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>expressa-se</i>) Presença de pronome indefinido <i>se</i> | Discurso teórico | S.128 |
| P.65 | Os impactos desta situação no futuro das crianças, e no futuro do País, são imprevisíveis e podem ser mesmo, para muitas, irreversíveis. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>são</i>) | Discurso teórico | S.129 |
| P.66 | Comprometo-me com esta justa causa, que não é de hoje, a qual, em última instância, visa uma outra cultura dos direitos. | Estratégia discursiva utilizada no final de cada linha de atuação, introduzida por <i>comprometo-me</i> (P.49, P.60, P.66, P.71, P.75) Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>comprometo</i>) - no pronome pessoal em posição átona (<i>-me</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>comprometo-me</i>) Modalização pragmática (<i>comprometo-me</i>) | Discurso interativo | S.130 |
| P.67 | 8. Afirmar um Estado participado e descentralizado, no respeito pelo seu carácter unitário. | Estratégia discursiva que se repete em P.35, P.40, P.46, P.50, P.54, P.57, P.61, P.67, P.72 e P.76: Ausência de marcas que remetem para a interação verbal, com construções infinitivas impessoais | Discurso teórico | S.131 |
| P.68 | A afirmação das Autonomias Regionais, a defesa e valorização do Poder Local Democrático e a regionalização administrativa, constituem elementos insubstituíveis da organização democrática do Estado. | Ausência de marcas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>constituem</i>) | Discurso teórico | S.132 |
| P.69 | É preciso defender a Autonomia, reedificar o edifício autonómico, tornando-o leal às aspirações das populações e fazendo dele o reflexo dos ideais que, durante séculos, nortearam as lutas dos Povos insulares, lutas essas que tiveram expressão em 1976, na Constituição da República Portuguesa, com o reconhecimento do direito à autonomia político-administrativa dos Açores e da Madeira. | Ausência de marcas deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>); de gerúndio (<i>tornando-o</i>); e construções infinitivas impessoais (<i>defender, reedificar</i>) Anáforas pronominais (<i>-o, dele</i>) Organizadores temporais (<i>durante séculos, em 1976</i>) Modalização deontica (<i>É preciso...</i>) | Discurso teórico | S.133 |

| | | | | |
|------|--|--|---------------------|-------|
| P.70 | É preciso inverter o processo de ataque e desfiguração do Poder Local Democrático, e reconduzi-lo por via das condições que lhe são devidas de autonomia administrativa e financeira ao papel que são chamadas a preencher na promoção das condições de vida, na coesão territorial e na dinamização da actividade económica das comunidades locais. | Ausência de marcas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>); de presente do indicativo da voz passiva (<i>são devidas, são chamadas</i>); e construções infinitivas impessoais (<i>inverter, reconduzi-lo</i>), sem valor deítico Anáforas pronominais (<i>-lo</i>) Modalização deóntica (<i>É preciso...</i>) | Discurso teórico | S.134 |
| P.71 | Comprometo-me a defender uma política determinada pela valorização do Poder Local Democrático, pela criação das regiões administrativas, como determina a Constituição, e em favor das regiões insulares distantes pela vitalização da Autonomia e pelo aperfeiçoamento dos instrumentos adequados ao seu aprofundamento. | Estratégia discursiva utilizada no final de cada linha de atuação, introduzida por <i>comprometo-me</i> (P.49, P.60, P.66, P.71, P.75) Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>comprometo</i>) - no pronome pessoal em posição átona (<i>-me</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>comprometo-me</i>) Modalização pragmática (<i>comprometo-me</i>) | Discurso interativo | S.135 |
| P.72 | 9. Atender à diáspora portuguesa. | Estratégia discursiva que se repete em P.35, P.40, P.46, P.50, P.54, P.57, P.61, P.67, P.72 e P.76: Ausência de marcas que remetem para a interação verbal, com construções infinitivas impessoais | Discurso teórico | S.136 |
| P.73 | As comunidades portuguesas constituem um vector estratégico para a afirmação e projecção de Portugal no mundo. | Ausência de marcas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>constituem</i>) | Discurso teórico | S.137 |
| P.74 | Nos últimos anos, as políticas praticadas pelos vários governos ficaram marcadas pela aplicação de medidas lesivas tanto dos interesses e direitos das comunidades portuguesas como dos interesses nacionais. | Ausência de marcas que remetem para a interação verbal Formas verbais de pretérito perfeito (<i>ficaram</i>), da ordem do narrar Organizadores temporais (<i>nos últimos anos</i>) | Narração | S.138 |
| | Do encerramento de consulados à ausência de acções diplomáticas que respondam aos inúmeros casos de pobreza que atingem muitos compatriotas, foram políticas sem justificação à luz de nenhum critério que não seja o de discriminar, castigando quem já tem de ultrapassar tantas vicissitudes, e que ademais são potenciadoras do definhamento dos laços identitários da comunidade portuguesa com Portugal. | Ausência de marcas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>atingem, tem</i>); e de presente do conjuntivo (<i>respondam, seja</i>) | Discurso teórico | S.139 |

| | | | | |
|------|---|--|---------------------|-------|
| P.75 | Comprometo-me, entre outros objectivos, a promover a participação cívica e política e o diálogo com as estruturas representativas da Diáspora e a respeitar a autonomia e a legitimidade institucional do Conselho das Comunidades Portuguesas. | Estratégia discursiva utilizada no final de cada linha de atuação, introduzida por <i>comprometo-me</i> (P.49, P.60, P.66, P.71, P.75) Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>comprometo</i>) - no pronome pessoal em posição átona (<i>-me</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>comprometo-me</i>) Modalização pragmática (<i>comprometo-me</i>) | Discurso interativo | S.140 |
| P.76 | 10. Defender a independência nacional. | Estratégia discursiva que se repete em P.35, P.40, P.46, P.50, P.54, P.57, P.61, P.67, P.72 e P.76: Ausência de marcas que remetem para a interação verbal, com construções infinitivas impessoais | Discurso teórico | S.141 |
| P.77 | Intensificou-se o ataque à democracia e à soberania nacional. | Ausência de marcas deíticas que remetem para os interactantes Formas verbais de pretérito perfeito simples, com valor durativo (<i>intensificou-se</i>) Pronome indefinido <i>se</i> | Discurso teórico | S.142 |
| | Os Portugueses têm sido expropriados do seu poder soberano de decisão sobre as questões essenciais da vida do País. | Ausência de marcas deíticas que remetem para os interactantes Formas verbais de pretérito perfeito composto (<i>têm sido</i>) | Discurso teórico | S.143 |
| | São cada vez mais as decisões transferidas para estruturas supranacionais em colisão com a Constituição da República. | Ausência de marcas deíticas que remetem para os interactantes e para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>são</i>) | Discurso teórico | S.144 |
| | Sucessivos governos, do PS, do PSD e do CDS, têm assumido como legítima a intervenção estrangeira sobre o País, esvaziando e amputando o regime democrático e a soberania nacional. | Ausência de marcas deíticas que remetem para os interactantes Formas verbais de pretérito perfeito composto (<i>têm sido, têm assumido</i>); e gerúndio (<i>esvaziando, amputando</i>) | Discurso teórico | S.145 |
| P.78 | É tempo de virar a página. | Ausência de marcas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>) | Discurso teórico | S.146 |
| P.79 | A ruptura com a dependência e subordinação externas - nas suas variadas expressões, dimensões e domínios de política de Estado - constitui uma condição crucial para a afirmação da independência e soberania nacionais. | Ausência de marcas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>constitui</i>) | Discurso teórico | S.147 |

| | | | | | |
|-----------|------|---|---|---------------------|-------|
| | P.80 | Aqui me comprometo com políticas que recusem a submissão do País a ditames e políticas atentatórios dos direitos e interesses do Povo português e da democracia, com políticas que confiem na força e capacidades do Povo para recuperar para Portugal os instrumentos de soberania necessários ao progresso e desenvolvimento do País. | Estratégia discursiva em P.80 e P.81: segmentos construídos em paralelismo anafórico, iniciados por <i>Aqui me comprometo...</i> Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>comprometo</i>) - no pronome pessoal (<i>me</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>comprometo</i>) Deítico espacial (<i>aqui</i>) Modalização pragmática (<i>me comprometo</i>) | Discurso interativo | S.148 |
| | P.81 | Aqui me comprometo, tendo como referência o artigo 7º da CRP, a intervir no âmbito dos poderes presidenciais, a que Portugal pratique uma política diversificada de relações internacionais de paz, amizade e cooperação com todos os Povos. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>comprometo</i>) - no pronome pessoal (<i>me</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>comprometo</i>) Deítico espacial (<i>aqui</i>) Modalização pragmática (<i>me comprometo</i>) | Discurso interativo | S.149 |
| | P.82 | Com esta candidatura assumo plenamente o exercício de todos os direitos, desde a apresentação até ao voto, e afirmo a total disponibilidade para exercer as funções que o Povo Português entenda atribuir-me nesta eleição. | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal das duas formas verbais (<i>assumo, afirmo</i>) - no pronome pessoal em posição átona (<i>-me</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>assumo, afirmo</i>) | Discurso interativo | S.150 |
| Conclusão | P.83 | Com toda a confiança esta minha, e nossa, candidatura irá avançar por todo o País. | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal – ocorrência de marcas de: a) 1ª PS (1 ocorrência) - no determinante possessivo (<i>minha</i>) b) 1ª PPI (1 ocorrência): - no determinante possessivo (<i>nossa</i>) Forma verbal de futuro perifrástico (<i>irá avançar</i>) | Discurso interativo | S.151 |
| | P.84 | Como candidato ou como Presidente da República defenderei, intransigentemente, os ideais libertadores de Abril, a nossa Constituição da República e o regime democrático que ela consagra e projecta. | Estratégia discursiva (cf. P.22) Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal – ocorrência de marcas de: a) 1ª PS (1 ocorrência) - no desinência de número-pessoal da forma verbal (<i>defenderei</i>) b) 1ª PPI (1 ocorrência): - no determinante possessivo (<i>nossa</i>) Forma verbal de futuro simples (<i>defenderei</i>) | Discurso interativo | S.152 |
| Fecho | P.85 | Viva a Liberdade e a democracia! | Ausência de marcas enunciativas que remetem para o protagonista da interação verbal | Discurso interativo | S.153 |
| | P.86 | Viva o 25 de Abril! | Segmentos construídos em paralelismo anafórico, iniciados pela interjeição <i>Viva</i> | Discurso interativo | S.154 |
| | P.87 | Viva Portugal! | Presença de frases não declarativas (exclamativas) | Discurso interativo | S.155 |

Anexo A.12.

| Quadro 12. Análise dos aspetos linguístico-discursivos no TH6 | | | | |
|---|--|--|---------------------|----------|
| § | Segmento textual | Marcas linguísticas e enunciativas | Tipo de discurso | Segmento |
| Introdução | P.1 Num mundo onde se tenha acabado a esperança, como o retratou Saramago no seu “Ensaio sobre a cegueira”, deixamos de olhar para o futuro, deixamos de o ver. | Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>deixamos, deixamos</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>deixamos</i>) Presença de anáforas | Discurso interativo | S.1 |
| | “A cegueira também é isto”, dizia. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de pretérito imperfeito (<i>dizia</i>), da ordem do narrar | Narração | S.2 |
| | Recordando Castrim, “esperança: é a maneira como o futuro fala ao nosso ouvido”. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Construção de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>Recordando</i>) | Discurso teórico | S.3 |
| | Num tempo em que tantos não vêem nem ouvem o futuro falar-lhes ao ouvido, mais necessário se torna saber organizar e abrir esse futuro. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>veem, ouvem</i>); e construções infinitivas impessoais (<i>saber organizar e abrir</i>) Presença de anáforas (<i>esse</i>) Modalização deontica (<i>mais necessário se torna</i>) | Discurso teórico | S.4 |
| | Transformar inquietação em luta, converter o desassossego em confiança. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Construções infinitivas impessoais (<i>transformar, converter</i>) | Discurso teórico | S.5 |
| | Confiança num futuro construído à medida dos sonhos e projectos a que temos direito e de que não queremos desistir. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado, sob a forma de 1ª PPI (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>temos, queremos</i>) Formas verbais de presente do indicativo (<i>temos, queremos</i>), com valor deíctico Construções com infinitivo Modalização pragmática (<i>não queremos desistir</i>) | Discurso interativo | S.6 |
| | De que não vamos desistir. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, com valor dilatado, sob a forma de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>vamos desistir</i>) Forma verbal de futuro perifrástico (<i>vamos desistir</i>) | Discurso interativo | S.7 |
| P.2 | A candidatura que assumo, e hoje aqui apresento, a Presidente da República é e será um espaço de luta comum – da juventude, dos trabalhadores, do povo. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>assumo, apresento</i>) Formas verbais de presente do indicativo (<i>assumo, apresento</i>), com valor deíctico Forma verbal de futuro simples (<i>será</i>) Deíctico temporal (<i>hoje</i>) | Discurso interativo | S.8 |

| | | | | |
|-----|---|---|---------------------|------|
| | É minha e é vossa. | Deíctico espacial (<i>aqui</i>) Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - no pronome possessivo (<i>minha</i>) Designação de destinatário - marca de 2ª PPI na forma pronominal possessiva (<i>vossa</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>é</i>) | Discurso interativo | S.9 |
| | É nossa. | Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - no pronome possessivo (<i>nossa</i>) - retoma as formas pronominais <i>minha</i> e <i>vossa</i> , apresentando-se o agente produção como parte de um grupo onde se insere, juntamente com os destinatários-beneficiários Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>é</i>) | Discurso interativo | S.10 |
| | Assumo-a com honra, com determinação, com a consciência da responsabilidade e do dever. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>assumo-a</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>assumo</i>) Anáforas pronominais (-a) Modalização apreciativa (<i>com honra, com determinação, com a consciência</i>) | Discurso interativo | S.11 |
| | É uma candidatura a um órgão de soberania unipessoal, apoiada num grande, generoso e combativo colectivo, o Partido Comunista Português. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é</i>) | Discurso teórico | S.12 |
| | O meu Partido, a quem agradeço a confiança demonstrada. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>agradeço</i>) - no determinante possessivo (<i>meu</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>agradeço</i>) | Discurso interativo | S.13 |
| P.3 | Nesta eleição dirijo-me a todos e a cada um, independentemente das escolhas eleitorais que fizeram no passado. | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>dirijo</i>) - no pronome pessoal em posição átona (- <i>me</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>dirijo</i>) Designação de destinatário (<i>a todos e a cada um</i>) | Discurso interativo | S.14 |
| | A todos apelo: | Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>apelo</i>) Formas verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>apelo</i>) Designação de destinatário (<i>a todos</i>) Modalização pragmática (<i>apelo</i>) | Discurso interativo | S.15 |
| P.4 | Aos que vivem do seu trabalho, e que sentem que, com o seu empenhado esforço, poderiam viver melhor, se fosse outra, mais justa, a repartição da riqueza que criam. | Ausência de unidades deícticas Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>vivem, sentem</i>) | Discurso teórico | S.16 |

| | | | | | |
|-----------------|------|--|---|---------------------|------|
| | P.5 | Às mulheres, penalizadas por múltiplas desigualdades, discriminações e violências, no trabalho, na família e na sociedade. | Ausência de unidades deíticas Forma verbal de participio passado (<i>penalizadas</i>) | Discurso teórico | S.17 |
| | P.6 | Aos jovens, que não abdicam do direito a serem felizes. | Ausência de unidades deíticas Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>abdicam, serem</i>) | Discurso teórico | S.18 |
| | P.7 | Aos reformados e idosos, que aspiram a uma vivência gratificante no plano pessoal e social depois de uma vida de trabalho. | Ausência de unidades deíticas Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>aspiram</i>) | Discurso teórico | S.19 |
| | P.8 | Esta candidatura apela à força que há em todos, em cada um de nós. | Segmentos iniciados por <i>Esta candidatura</i> – estratégia discursiva recorrente ao longo do texto (cf. P.8, P.32, P.38, P.39, P.42, P.54, P.61) Unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - no pronome pessoal (<i>nós</i>) Formas verbais de presente do indicativo | Discurso interativo | S.20 |
| | | Assumam-na como vossa. | Designação de destinatário imediato da ação (interpelação direta – sugere a interação real): nas formas verbais com valor imperativo (exortativo) e nas formas pronominais possessivas (<i>vossa</i>) Anáforas pronominais (<i>assumam-na [=esta candidatura]</i>) | Discurso interativo | S.21 |
| | | Confiem-lhe, mais do que o vosso apoio, a vossa energia criadora, transformadora. | Designação de destinatário imediato da ação (interpelação direta – sugere a interação real): nas formas verbais com valor imperativo (exortativo) e nos determinantes possessivos possessivos (<i>vossa</i>) Anáforas pronominais (<i>assumam-na [=esta candidatura]</i>) | Discurso interativo | S.22 |
| | | Façamos desta candidatura parte da luta pela mudança que desejamos para as nossas vidas, da mudança que Portugal precisa. | Unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (3 ocorrências): - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>façamos, desejamos</i>) - no determinante possessivo (<i>nossas</i>) Formas verbais de presente do indicativo, com valor deítico (<i>desejamos</i>) Formas verbais de presente do conjuntivo, com valor exortativo (<i>façamos</i>) Modalização pragmática (<i>Façamos desta candidatura</i>) | Discurso interativo | S.23 |
| Desenvolvimento | P.9 | Em Portugal e no mundo, vivemos um tempo invulgar, complexo e exigente. | Unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>vivemos</i>) | Discurso interativo | S.24 |
| | P.10 | A irrupção da Covid-19, além de nos confrontar com questões novas, agravou consideravelmente velhos problemas. | Unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - no pronome pessoal (<i>nos</i>) Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>agravou</i>), da ordem do narrar | Relato interativo | S.25 |

| | | | | |
|------|---|--|---------------------|------|
| P.11 | Os efeitos da pandemia são inseparáveis da formação socioeconômica em que se produzem. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>são</i>) | Discurso teórico | S.26 |
| | No capitalismo, que tudo mercantiliza, incluindo a saúde e a doença, milhões de seres humanos são empurrados para uma situação de vulnerabilidade extrema. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>mercantiliza</i>) Construção passiva - forma verbal de presente do indicativo da voz passiva (<i>são empurrados</i>) | Discurso teórico | S.27 |
| P.12 | As dificuldades são instrumentalizadas para atacar direitos e impor retrocessos. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Construção passiva - forma verbal de presente do indicativo da voz passiva (<i>são instrumentalizadas</i>) | Discurso teórico | S.28 |
| | Aí temos, em tantos lados, o crescimento do desemprego a ser usado como chantagem para aumentar a exploração, a precariedade laboral, o ataque aos salários, a desregulação dos horários, o incremento dos ritmos e a degradação das condições de trabalho, o aumento da idade de reforma, o desinvestimento nos serviços públicos. | Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinênciã número-pessoal da forma verbal Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>temos</i>) Procedimentos de referenciação deíctica intratextual (<i>ai</i>) | Discurso interativo | S.29 |
| P.13 | O medo é exacerbado e manipulado para restringir direitos e liberdades. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Construção passiva - forma verbal de presente do indicativo da voz passiva (<i>é exacerbado, manipulado</i>) | Discurso teórico | S.30 |
| | A pretexto do combate ao vírus e da garantia de uma alegada “segurança”, impuseram-nos estados de emergência que nada tinham a ver com a observância de normas que a população já cumpria (e continuou a cumprir depois de abandonados), mas que visavam restringir o protesto e a luta, contra os abusos, os aproveitamentos, o oportunismo dos que querem continuar a enriquecer à custa da exploração dos trabalhadores e do saque dos recursos do Estado. | Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - no pronome pessoal em posição átona (<i>-nos</i>) Formas verbais de pretérito imperfeito do indicativo (<i>tinham, visavam, cumpria</i>); e de pretérito perfeito simples (<i>impuseram, continuou</i>), da ordem do narrar Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>mas</i>) | Relato interativo | S.31 |
| P.14 | A crise aumenta a violência do sistema. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>aumenta</i>) | Discurso teórico | S.32 |
| | Instigam-se divisões e conflitos no seio da população, voltando trabalhadores contra trabalhadores, cidadãos contra cidadãos. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>instigam-se</i>) Pronome indefinido <i>se</i> | Discurso teórico | S.33 |
| | O racismo, a xenofobia, a extrema-direita e o fascismo são normalizados e mesmo abertamente promovidos, a partir de alguns dos principais | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Construção passiva - forma verbal de presente do indicativo da voz passiva (<i>são normalizados, promovidos</i>) | Discurso teórico | S.34 |

| | | | | |
|------|---|--|------------------|------|
| | centros de poder económico e seus prolongamentos políticos e mediáticos. | Presença de anáforas (<i>seus</i>) | | |
| P.15 | A forma dominante de organização da economia e da sociedade confronta-se com os limites dos recursos do Planeta, agride a Natureza e ameaça os equilíbrios ecológicos. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>confronta-se, agride, ameaça</i>) Pronome indefinido <i>se</i> | Discurso teórico | S.35 |
| P.16 | Portugal carrega sérios problemas estruturais, consequência de décadas de política de direita, que a situação actual expõe com grande nitidez. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>carrega, expõe</i>) | Discurso teórico | S.36 |
| P.17 | É a desvalorização do trabalho e dos trabalhadores, dos seus salários e dos seus direitos. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é</i>) | Discurso teórico | S.37 |
| P.18 | São as acentuadas desigualdades na distribuição da riqueza, em particular na distribuição do rendimento nacional entre capital e trabalho. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>são</i>) | Discurso teórico | S.38 |
| P.19 | É a prolongada fragilização dos sectores produtivos nacionais; os persistentes défices alimentar, energético, tecnológico e demográfico; o desaproveitamento de amplas potencialidades e recursos do País. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é</i>) | Discurso teórico | S.39 |
| P.20 | É o continuado desinvestimento nas funções sociais do Estado, em confronto aberto com a Constituição que as determina. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é</i>) | Discurso teórico | S.40 |
| | A falta de investimento no Serviço Nacional de Saúde e o desvio de recursos públicos para sustentar os grupos económicos privados que lucram com a doença; a falta de investimento na escola pública, em todos os graus de ensino, que é tão visível neste regresso às aulas marcado por compreensíveis preocupações. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é, lucram</i>) | Discurso teórico | S.41 |
| P.21 | É a desvalorização da cultura, da ciência, das artes, do património, do conhecimento e do saber no desenvolvimento integral do ser humano e da sociedade. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é</i>) | Discurso teórico | S.42 |
| P.22 | São os crescentes desequilíbrios territoriais, o abandono à sua sorte de extensas regiões do País e das populações que resistem e insistem em habitá-las e lhes dar vida. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>são</i>) | Discurso teórico | S.43 |

| | | | | |
|------|---|---|---------------------|------|
| P.23 | É a promiscuidade entre o poder político e o poder económico, que alimenta a corrupção e coloca os instrumentos do poder político ao serviço de uma minoria privilegiada. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é, alimenta, coloca</i>) | Discurso teórico | S.44 |
| P.24 | São os problemas da justiça, a desvalorização da segurança dos cidadãos e a perversão da missão constitucional das Forças Armadas. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>são</i>) | Discurso teórico | S.45 |
| P.25 | É a submissão do País a políticas e decisões da União Europeia contrárias ao interesse nacional, determinadas pelos interesses das principais potências europeias, agravando desigualdades e assimetrias, promovendo a divergência, em lugar da prometida convergência, económica e social. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é</i>) Construções de gerúndio, com valor de simultaneidade (<i>agravando, promovendo</i>) | Discurso teórico | S.46 |
| P.26 | Vivemos, há demasiado tempo, num conflito entre o carácter progressista e avançado do regime democrático constitucionalmente consagrado e a acção deliberada de sucessivos governos com vista à sua amputação e desfiguramento. | Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>vivemos</i>) Organizadores temporais (<i>há demasiado tempo</i>) | Discurso interativo | S.47 |
| | Perante a cumplicidade dos que, nas mais altas funções do Estado, juraram defender, cumprir e fazer cumprir a Constituição; na verdade violando, tantas vezes de forma ostensiva, esse juramento. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de pretérito perfeito (<i>juraram</i>), da ordem do narrar Presença de anáforas (<i>esse juramento</i>) | Narração | S.48 |
| P.27 | O problema não é, nunca foi, esse carácter progressista e avançado do regime democrático que emergiu da Revolução de Abril. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é</i>); e de pretérito perfeito simples (<i>foi</i>) | Discurso teórico | S.49 |
| | O problema é, e tem sido sempre, a acção e omissão de governos e Presidentes da República, incluindo os actuais, convergindo no bloqueio da plena concretização do projecto vertido no texto constitucional. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é</i>); e de pretérito perfeito composto (<i>tem sido</i>) | Discurso teórico | S.50 |
| P.28 | Um projecto que considera inseparáveis as vertentes política, económica, social e cultural da democracia, aliadas aos desígnios da soberania e independência nacionais. | Segmentos construídos em paralelismo anafórico, iniciado por <i>Um projeto</i> (P.28 a P.30), e integrando construções oracionais relativas introduzidas por <i>que</i> Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>considera</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>que</i>) | Discurso teórico | S.51 |

| | | | | |
|------|---|---|---------------------|------|
| P.29 | Um projecto que inscreve os direitos dos trabalhadores como intrínsecos à democracia; que reconhece às mulheres o direito à igualdade no trabalho, na família e na sociedade; que consagra importantes direitos das crianças e dos jovens, dos reformados, dos cidadãos com deficiência; que proíbe as discriminações, as exclusões e combate as injustiças sociais; que reclama para os milhões dos nossos emigrantes, bem como as centenas de milhar de imigrantes no nosso País, o acolhimento e a dignidade devida a todo o ser humano. | Segmentos construídos em paralelismo anafórico, iniciado por <i>Um projeto</i> (P.28 a P.30), e integrando construções oracionais relativas introduzidas por <i>que</i> Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Presença de formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>inscreve, consagra, reconhece, proíbe, reclama</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>que</i>) | Discurso teórico | S.52 |
| | Que consagra o direito de resistência à ofensa dos direitos, das liberdades e das garantias dos cidadãos; que protege o exercício da actividade sindical e política, o activismo social. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Presença de formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>consagra, protege</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>que</i>) | Discurso teórico | S.53 |
| P.30 | Um projecto que preconiza a subordinação do poder económico ao poder político. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>preconiza</i>) Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>que</i>) | Discurso teórico | S.54 |
| P.31 | É este projecto que urge defender e concretizar! | Ausência de unidades deícticas que remetem para o protagonista da interação verbal Formas verbais de presente do indicativo (<i>é, urge</i>) Presença de frase não declarativa (exclamativa) | Discurso interativo | S.55 |
| P.32 | Esta minha e vossa – esta nossa – candidatura assume, sem rodeios, esse objectivo fundamental. | Retomas anafóricas referentes a <i>Esta candidatura</i> – estratégia recorrente (cf. P.8, P.32, P.38, P.39, P.42, P.54, P.61) Unidades deícticas que remetem para os interactantes: a) Marcas deícticas de 1ª PS (1 ocorrência): - no determinante possessivo (<i>minha</i>) b) Marcas deícticas de 1ª PPI, com valor dilatado do <i>eu</i> (1 ocorrência): - no determinante possessivo (<i>nossa</i>) - que retoma as formas pronominais <i>minha e vossa</i> Designação de destinatários imediatos da ação, subentendida no determinante demonstrativo <i>vossa</i> Forma verbal de presente do indicativo | Discurso interativo | S.56 |
| | Defender, aprofundar e ampliar o regime democrático consagrado na Constituição. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Construções infinitivas impessoais (<i>defender, aprofundar, ampliar</i>) | Discurso teórico | S.57 |
| | Fortalecer as suas raízes na sociedade portuguesa. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Construções infinitivas impessoais (<i>fortalecer</i>) Presença de anáforas (<i>suas</i>) | Discurso teórico | S.58 |

| | | | | |
|------|--|---|---------------------|------|
| P.33 | Esta é uma questão central do tempo que vivemos. | Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>vivemos</i>) | Discurso interativo | S.59 |
| | Também por isto a próxima eleição do Presidente da República se reveste de óbvia importância. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>se reveste</i>) Anáforas pronominais (<i>isto</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>também</i>) | Discurso teórico | S.60 |
| P.34 | É notório que o actual Presidente da República está empenhado numa reorganização de forças políticas, assente no branqueamento da política de direita e dos seus executores, promovendo a sua reabilitação, na forma da chamada política de “bloco central”, formal ou informalmente assumida, que marcou o País nas últimas décadas. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é, está</i>) Presença de participio passado (<i>empenhado</i>) Modalização epistémica (<i>É notório que</i>) | Discurso teórico | S.61 |
| P.35 | Um Presidente da República verdadeiramente comprometido com o juramento que faz – de defender, cumprir e fazer cumprir a Constituição – não pode deixar, no âmbito das suas competências e responsabilidades, de mobilizar o povo português na construção de um outro caminho de desenvolvimento. | Segmentos construídos em paralelismo anafórico (P.35 e P.36), iniciado por <i>Um Presidente da República verdadeiramente comprometido com o juramento que faz</i> Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>faz</i>) Forma de participio passado (<i>comprometido</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>pode</i>) Modalização deontica (<i>não pode deixar de</i>) Modalização epistémica (<i>verdadeiramente comprometido</i>) | Discurso teórico | S.62 |
| P.36 | Um Presidente da República verdadeiramente comprometido com o juramento que faz está necessariamente comprometido com os interesses dos trabalhadores, das mulheres, dos jovens, dos reformados e idosos, das pessoas com deficiência, dos discriminados, dos desprotegidos, dos pequenos e médios empresários, dos pequenos produtores. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo (<i>faz, está</i>), sem valor deíctico Forma de participio passado (<i>comprometido</i>) Modalização epistémica (<i>verdadeiramente comprometido</i>) Modalização deontica (<i>necessariamente comprometido</i>) | Discurso teórico | S.63 |
| | Em suma, comprometido com os interesses do povo e não com os interesses dos grandes grupos económicos e financeiros que têm determinado, nos aspectos estruturais, o rumo do País. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de pretérito perfeito composto (<i>têm determinado</i>) Forma de participio passado (<i>comprometido</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>em suma</i>) | Discurso teórico | S.64 |

| | | | | |
|------|---|---|---------------------|------|
| P.37 | Não há diversões mediáticas que iludam as escolhas feitas, neste domínio, pelo actual Presidente. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo (<i>há</i>), sem valor deíctico; e de presente do conjuntivo (<i>iludam</i>) Presença de participio passado (<i>feitas</i>) | Discurso teórico | S.65 |
| P.38 | Esta candidatura que assumo afirma, sem hesitações, que há um outro rumo e uma outra política capazes de responder aos problemas do País. | Retomas anafóricas referentes a <i>Esta candidatura</i> – estratégia recorrente (cf. P.8, P.32, P.38, P.39, P.42, P.54, P.61) Unidades que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>assumo</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deíctico (<i>assumo</i>) | Discurso interativo | S.66 |
| P.39 | Uma afirmação alicerçada na certeza de que o povo tem a força bastante para encetar esse novo caminho. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>tem</i>) Presença de anáforas (<i>esse</i>) | Discurso teórico | S.67 |
| | Esta candidatura é também uma manifestação de confiança no povo português. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo (<i>é</i>), sem valor deíctico Organizadores com valor lógico-argumentativo (<i>também</i>) | Discurso teórico | S.68 |
| | Confiança na mobilização de energias e vontades de quantos aspiram e acreditam que é possível uma vida melhor e mais justa. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>é, aspiram, acreditam</i>) Anáfora nominal (<i>confiança</i>) | Discurso teórico | S.69 |
| | Podem encontrar nesta candidatura um espaço de convergência. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podem</i>) Modalização epistémica (<i>Podem encontrar</i>) | Discurso teórico | S.70 |
| P.40 | Aqui, cada um acrescentará força à força que se ergue em defesa da valorização do trabalho e dos trabalhadores. | Estratégia discursiva presente em P.40 a P.51 12 parágrafos construídos com recurso a duas estratégias que alternam entre si, segmentadas por parágrafos: - Um segmento iniciado por <i>Aqui, cada um acrescentará força à força que se ergue em defesa de...</i> (P.40, P.42, P.44, P.46, P.48, P.50 e P.51) cruzado/intercalado com: - Um segmento finalizado por <i>não podem ser apenas palavras inscritas... têm de ser realidade...</i> (P.41, P.43, P.45, P.47 e P.49) Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deíctico (<i>se ergue</i>) e de futuro simples (<i>acrescentará</i>) Pronome indefinido <i>se</i> | Discurso teórico | S.71 |

| | | | | |
|------|--|--|------------------|------|
| P.41 | O direito ao trabalho; o pleno emprego; o emprego com direitos; o aumento dos salários, particularmente do Salário Mínimo Nacional; a formação e valorização profissional, técnica e cultural dos trabalhadores; a prestação do trabalho em condições de higiene e segurança; o direito ao repouso e ao lazer – não podem ser apenas palavras inscritas nas páginas da Constituição, têm de ser realidade concreta na vida dos trabalhadores, acompanhar o desenvolvimento das forças produtivas, do custo de vida, dos padrões recomendados de bem-estar social. | Estratégia discursiva presente em P.40 a P.51 (cf. P.40) Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbos modais, no presente do indicativo (<i>podem, têm de</i>) Modalização deontica (<i>não podem ser... têm de ser</i>) | Discurso teórico | S.72 |
| P.42 | Aqui, nesta candidatura, cada um acrescentará força à força que se ergue em defesa do direito à saúde; à habitação; à educação; à cultura. | Estratégia discursiva presente em P.40 a P.51 (cf. P.40) Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>se ergue</i>); e de futuro simples (<i>acrescentará</i>) Pronome indefinido <i>se</i> | Discurso teórico | S.73 |
| P.43 | A garantia de acesso de todos os cidadãos aos cuidados de saúde, independentemente da sua condição económica; a protecção específica da infância, da juventude e da velhice, dos cidadãos com deficiência; o direito de acesso à habitação e a existência de rendas compatíveis com o rendimento das famílias; a democratização do ensino e a igualdade de oportunidades no acesso e êxito escolar; a democratização da cultura e o acesso de todos à fruição e criação cultural, a defesa do património cultural – não podem ser apenas palavras inscritas nas páginas da Constituição, nem privilégio de uma minoria, têm de ser realidade concreta na vida de todos os portugueses. | Estratégia discursiva presente em P.40 a P.51 (cf. P.40) Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbos modais, no presente do indicativo (<i>podem, têm de</i>) Modalização deontica (<i>não podem ser... têm de ser</i>) | Discurso teórico | S.74 |
| P.44 | Aqui, cada um acrescentará força à força que se ergue na luta pela igualdade, contra todas as discriminações, num País que acolhe, aberto ao mundo. | Estratégia discursiva presente em P.40 a P.51 (cf. P.40) Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>se ergue</i>); e de futuro simples (<i>acrescentará</i>) Pronome indefinido <i>se</i> | Discurso teórico | S.75 |
| P.45 | Ninguém deve ser beneficiado ou prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão do sexo, da cor de pele, da religião, | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>deve</i>) Modalização deontica (<i>deve ser</i>) | Discurso teórico | S.76 |

| | | | | |
|------|--|--|------------------|------|
| | das convicções políticas, da situação económica, da condição social ou da orientação sexual. | | | |
| | A igualdade não pode ser apenas uma palavra inscrita nas páginas da Constituição, tem de ser realidade vivida no dia a dia de todos, todosos dias. | Estratégia discursiva presente em P.40 a P.51 (cf. P.40) Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbos modais, no presente do indicativo (<i>pode, tem de</i>) Modalização deontica (<i>não pode ser... tem de ser</i>) | Discurso teórico | S.77 |
| P.46 | Aqui, cada um acrescentará força à força que se ergue em defesa do desenvolvimento económico do País, garante da efectivação dos direitos e do bem-estar social. | Estratégia discursiva presente em P.40 a P.51 (cf. P.40) Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>se ergue</i>); e de futuro simples (<i>acrescentará</i>) Pronome indefinido <i>se</i> | Discurso teórico | S.78 |
| P.47 | A coesão de todo o território nacional, com a eliminação progressiva das desigualdades económicas e sociais; a plena utilização das forças produtivas e a propriedade pública de meios de produção, de acordo com o interesse colectivo; o aumento da produção agrícola e industrial; o estímulo ao associativismo e à propriedade cooperativa e comunitária; o reforço da inovação científica e tecnológica – não podem ser apenas palavras inscritas nas páginas da Constituição, tem de ser a realidade concreta no País. | Estratégia discursiva presente em P.40 a P.51 (cf. P.40) Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbos modais, no presente do indicativo (<i>podem, tem de</i>) Modalização deontica (<i>não podem ser... tem de ser</i>) | Discurso teórico | S.79 |
| P.48 | Aqui, cada um acrescentará força à força que se ergue em defesa do ambiente, da protecção dos ecossistemas e da biodiversidade. | Estratégia discursiva presente em P.40 a P.51 (cf. P.40) Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>se ergue</i>); e de futuro simples (<i>acrescentará</i>) Pronome indefinido <i>se</i> | Discurso teórico | S.80 |
| P.49 | A prevenção e controlo da poluição, em todas as suas formas, com especial atenção sobre as implicações nas alterações climáticas; o aproveitamento racional dos recursos naturais, salvaguardando a sua capacidade de renovação – não podem ser apenas palavras nas páginas da Constituição, têm de ser uma realidade no nosso País. | Estratégia discursiva presente em P.40 a P.51 (cf. P.40) Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbos modais, no presente do indicativo (<i>podem, têm de</i>) Modalização deontica (<i>não podem ser... têm de ser</i>) | Discurso teórico | S.81 |

| | | | | |
|------|---|---|-------------------|------|
| P.50 | Aqui, cada um acrescentará força à força que se ergue em defesa do regime democrático, de uma administração e serviços públicos eficientes próximos das populações, de uma justiça desburocratizada e acessível ao serviço do povo, do combate decidido à corrupção. | Estratégia discursiva presente em P.40 a P.51 (cf. P.40) Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>se ergue</i>); e de futuro simples (<i>acrescentará</i>) Pronome indefinido <i>se</i> | Discurso teórico | S.82 |
| P.51 | Aqui, cada um acrescentará força à força que se ergue em defesa da soberania e independência nacionais, que rejeita a submissão do País a imposições contrárias aos seus interesses, que pugna pela solução pacífica dos conflitos internacionais e pela cooperação com todos os povos para a emancipação e o progresso da Humanidade, conforme preconiza a Constituição da República Portuguesa. | Estratégia discursiva presente em P.40 a P.51 (cf. P.40) Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>se ergue</i>); e de futuro simples (<i>acrescentará</i>) Pronome indefinido <i>se</i> | Discurso teórico | S.83 |
| P.52 | O Presidente da República não é governo. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>) | Discurso teórico | S.84 |
| | Mas pode e deve actuar, no quadro das funções que lhe estão atribuídas, usando os seus poderes para impulsionar um sentido de mudança, de desenvolvimento, de progresso e justiça social, no curso da vida nacional. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbos modais, no presente do indicativo (<i>pode, deve</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>mas</i>) Modalização epistémica (<i>pode</i>) Modalização deontica (<i>deve actuar</i>) | Discurso teórico | S.85 |
| P.53 | O Presidente da República não se pode resignar perante um País com o futuro comprometido e sem esperança. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>pode</i>) Pronome indefinido <i>se</i> Modalização deontica (<i>não se pode resignar</i>) | Discurso teórico | S.86 |
| | Não se pode resignar perante o desaproveitamento das enormes potencialidades existentes no País, desde logo na sua população, também no seu território terrestre e marítimo. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>pode</i>) Pronome indefinido <i>se</i> Organizadores textuais lógico-argumentativos (<i>também</i>) Modalização deontica (<i>não se pode resignar</i>) | Discurso teórico | S.87 |
| | Portugal pode ser mais desenvolvido, mais justo e soberano. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>pode</i>) Modalização deontica (<i>pode ser</i>) | Discurso teórico | S.88 |
| P.54 | Esta candidatura apresenta e protagoniza uma alternativa para o exercício das funções de Presidenteda República. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>apresenta, protagoniza</i>) | Discurso teórico | S.89 |
| | Tal como uma parte grande da população portuguesa, nasci depois de 1974. | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>nasci</i>) Formas verbais de pretérito perfeito simples (<i>nasci</i>), da ordem do narrar | Relato interativo | S.90 |

| Organizadores temporais (<i>depois de 1974</i>) | | | | |
|---|--|---|---------------------|------|
| | Tal não impediu que o impulso de Abril e a actualidade dos seus valores se projectasse em todas as lutas que travei, em todas as frentes em que intervenho. | Unidades deíticas que remetem para o protagonista da interação verbal, de 1ª PS (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>travei, intervenho</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>intervenho</i>); e de pretérito perfeito simples (<i>travei</i>) | Discurso interativo | S.91 |
| | Esta candidatura projecta os valores de Abril no presente e no futuro de Portugal. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>projecta</i>) | Discurso teórico | S.92 |
| P.55 | O Presidente da República representa a República Portuguesa, garante a independência nacional, a unidade do Estado e o regular funcionamento das instituições democráticas. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>garante</i>) | Discurso teórico | S.93 |
| | É, por inerência, Comandante Supremo das Forças Armadas. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>) | Discurso teórico | S.94 |
| P.56 | Quando se refere o Presidente da República, retêm-se em geral os importantes poderes que lhe permitem demitir o governo e dissolver a Assembleia da República. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>se refere, retêm-se</i>) Pronome indefinido <i>se</i> Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>quando</i>) Anáforas pronominais (<i>lhe</i>) | Discurso teórico | S.95 |
| | Mas esta é apenas uma parte das competências que lhe estão atribuídas. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>mas, apenas</i>) Anáforas pronominais (<i>lhe</i>) | Discurso teórico | S.96 |
| P.57 | Do direito de veto de legislação ao recurso ao Tribunal Constitucional para apreciação da constitucionalidade de leis; do direito de enviar mensagens à Assembleia da República e da sua convocação extraordinária, ao peso das suas tomadas de posição públicas, os vastos poderes do Presidente da República podem e devem ser usados para impulsionar soluções para os problemas que o povo e o País enfrentam. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Ocorrência de verbos modais, no presente do indicativo (<i>podem, devem</i>) Modalização epistémica (<i>podem</i>) Modalização deontica (<i>devem ser</i>) | Discurso teórico | S.97 |
| P.58 | Isso exige, desde logo, conhecer esses problemas. | Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>exige</i>) Procedimento de referenciação deítica intratextual (<i>isso</i>) Organizadores textuais com valor lógico-argumentativo (<i>desde logo</i>) | Discurso teórico | S.98 |
| | Exige uma genuína ligação à | Segmentos construídos em paralelismo | Discurso | S.99 |

| | | | | |
|-----------|--|---|---------------------|-------|
| | vida e não uma falsa empatia que se esboroa quando os assuntos são tão sérios como a dificuldade de se viver com os baixos salários, pensões, reformas e prestações sociais. | anafórico, iniciados pela forma verbal <i>exige</i> Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>exige</i>) | teórico | |
| | Exige a vontade e a determinação inabaláveis de libertar a vida nacional da dominação dos grandes grupos econômicos e financeiros, que sufocam a democracia e o desenvolvimento. | Segmentos construídos em paralelismo anafórico, iniciados pela forma verbal <i>exige</i> Ausência de unidades que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>exige</i>) | Discurso teórico | S.100 |
| Conclusão | P.59 Sim, vivemos um tempo invulgar, exigente e complexo. | Unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal Forma verbal de presente do indicativo (<i>vivemos</i>) | Discurso interativo | S.101 |
| | P.60 E é perante as dificuldades certas que importa saber com quem podemos contar. | Unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>podemos</i>) Modalização epistêmica (<i>podemos contar</i>) | Discurso interativo | S.102 |
| | P.61 Nesta candidatura, não procuramos o conforto da ambiguidade. | Unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>procuramos</i>) Modalização epistêmica (<i>não procuramos</i>) | Discurso interativo | S.103 |
| | Não procuramos navegar ao sabor do vento, para onde quer que sopra. | Unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>procuramos</i>) Modalização epistêmica (<i>não procuramos</i>) | Discurso interativo | S.104 |
| | Se os ventos são agrestes – e são agrestes por vezes os ventos da História – sabemos que temos de os enfrentar. | Unidades deíticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (2 ocorrências): - na desinência número-pessoal das formas verbais (<i>sabemos, temos</i>) Forma verbal de presente do indicativo, com valor deítico (<i>sabemos</i>) Ocorrência de verbo modal, no presente do indicativo (<i>temos de</i>) Modalização deontica (<i>temos de</i>) | Discurso interativo | S.105 |
| | Esta é a candidatura inspirada nos que já mostraram que não se escondem, que não desertam, que não se rendem. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é, escondem, desertam, rendem</i>) Forma de participio passado (<i>inspirada</i>) Pronome indefinido <i>se</i> | Discurso teórico | S.106 |
| | Inspirada nos que não ficam à espera quando os trabalhadores e o povo são atacados nos seus direitos. | Ausência de unidades deíticas que remetem para a interação verbal Forma de participio passado (<i>inspirada</i>) Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>são, ficam</i>) | Discurso teórico | S.107 |

| | | | | | |
|-------|------|--|---|---------------------|-------|
| | | Nos que enfrentam a resignação e o medo, real ou imaginário. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>enfrentam</i>) | Discurso teórico | S.108 |
| | | São os que lutam, até às últimas consequências, pela liberdade e pela democracia. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>são</i>) | Discurso teórico | S.109 |
| | | Os que acreditam e afirmam que a actual geração não tem de se habituar a viver pior do que a geração que a antecedeu. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Formas verbais de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>acreditam, afirmam</i>) | Discurso teórico | S.110 |
| | | Não é esse o sentido geral da História. | Ausência de unidades deícticas que remetem para a interação verbal Forma verbal de presente do indicativo, sem valor deítico (<i>é</i>) Presença de anáfora pronominal (<i>esse</i>) | Discurso teórico | S.111 |
| | | Acertemos então o passo com a marcha da História. Com coragem, com audácia, com determinação! | Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>acertemos</i>) Forma verbal de presente do conjuntivo, com valor exortativo (<i>acertemos</i>) Presença de frase não declarativa (exclamativa) Modalização pragmática (<i>Acertemos</i>) Modalização apreciativa (<i>com coragem, com audácia, com determinação</i>) | Discurso interativo | S.112 |
| Fecho | P.62 | Fixemos no presente e no futuro de Portugal os valores de Abril e o seu horizonte de fraternidade, liberdade, igualdade e esperança! | Unidades deícticas com valor dilatado (coletivo que o agente de produção integra), de 1ª PPI (1 ocorrência): - na desinência número-pessoal da forma verbal (<i>fixemos</i>) Forma verbal de presente do conjuntivo, com valor exortativo (<i>fixemos</i>) Presença de frase não declarativa (exclamativa) Modalização pragmática (<i>Fixemos</i>) | Discurso interativo | S.113 |

ANEXO B. *Corpus* de análise

Anexo B.1.

Corpus

| <i>Corpus de análise</i> | | | | | | | | | | | | |
|--------------------------|-----------------------------|------------------------------|---------------------------------------|------------|--|----------------------|--|--------------------|---------------------------------------|-------------|---------------------------------------|---------------|
| Grupo | G1 | | G2 | | G3 | | G4 | | G5 | | G6 | |
| Designação | TM1 | TH1 | TM2 | TH2 | TM3 | TH3 | TM4 | TH4 | TM5 | TH5 | TM6 | TH6 |
| Agente de produção | Maria de Lourdes Pintasilgo | Carlos Alberto da Mota Pinto | Assunção Esteves | Jaime Gama | Maria da Glória Garcia | Manuel Braga da Cruz | Isabel Mota | Artur Santos Silva | Marisa Matias | Edgar Silva | Ana Gomes | João Ferreira |
| Posição de liderança | Primeira/o-ministra/o | | Presidente da Assembleia da República | | Reitora/Reitor da Universidade Católica Portuguesa | | Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian | | Candidata/o a Presidente da República | | Candidata/o a Presidente da República | |
| Atividade | Política | | Política | | Académica | | Cultural | | Política | | Política | |
| Finalidade | Apresentação do governo | | Tomada de posse | | Tomada de posse | | Tomada de posse | | Candidatura | | Candidatura | |
| Género textual | Intervenção pública | | | | | | | | | | | |
| Temporalidade | 1979 | 1978 | 2011 | 2005 | 2012 | 2000 | 2017 | 2012 | 2015 | 2020 | | |
| Suporte | Digital | Impresso | Digital | | Digital | Impresso | Digital | | Digital | | Digital | |

Anexo B.2.

TM1

Discurso na apresentação do programa
do Governo 13 de Agosto de 1979

Senhor Presidente da Assembleia da República,
Senhoras Deputadas,
Senhores Deputados:

Eis-me perante a Assembleia da República, a cumprir o preceito constitucional de apresentação do programa do Governo. Faço-o em plena convicção de que me é concedido um privilégio: expor aos legítimos representantes do povo — perante os quais o Governo é responsável — as travas mestras de uma actuação e de uma filosofia para o que tenho vindo a chamar de «marcha dos 100 dias».

A decisão, já tomada pelo Senhor Presidente da República, de dissolução desta Assembleia, em nada prejudica ou diminui o acto que hoje realizo. Pelo contrário, tenho a consciência de que uma clara transparência — que o mesmo é dizer rigor e profundidade, em termos dos objectivos e das perspectivas globais do programa — é exigida ao Governo, durante o debate que hoje iniciamos. Mais: sabendo a intensa actividade legislativa realizada pela Assembleia na presente legislatura, é-me particularmente grato poder afirmar que o Governo, a que presido, se honra de poder dar execução às leis aqui votadas, independentemente do conhecimento dos grupos que contribuíram para, em cada caso, se estabelecer uma maioria.


Na verdade, em democracia, o voto não é qualificado, não surge afectado de qualquer coeficiente que ligue a decisão majoritária obtida a um ou outro sector do hemiciclo. Essa neutralidade objectiva do voto é, para o Executivo, mais uma garantia de que, fazendo cumprir as leis, assume a vontade da maioria — garantia que ganha maior força pelo facto de, ao longo da história desta legislatura, a maioria não ter tido configuração monolítica.

Assim, o que, para o poder legislativo, poderá ter sido um caminho de alianças e confrontos vários — normais e correntes em qualquer parlamento — torna-se, para o Poder executivo, mais uma certeza de não estar, na sua prática, a favorecer nenhuma formação política, em detrimento de outras. Que outros factores não houvera e já este era suficientemente forte para postular a total isenção do Governo!

Julgo, porém, que a Assembleia tem o direito de saber, de forma mais completa, que imagem tem o Governo de si próprio: que Governo é, como entende sê-lo.

As circunstâncias especiais que conduziram à formação deste Governo levantaram, naturalmente, dúvidas quanto à sua natureza e aos seus limites. Não pode o Governo escamotear, perante o povo, tais interrogações. Por isso tenta responder-lhes, à guisa de questões prévias, no 1.º Capítulo do programa ao enunciar «as referências políticas» em que se enquadra.

Tendo o Senhor Presidente da República anunciado simultaneamente a realização de eleições intercalares e a formação de um Governo, que governasse o País até nova clarificação do equilíbrio das forças partidárias nascida da consulta popular, o Governo a que presido, embora constitucional, surge marcado pela «transição». Transição e não ruptura — que tal seja bem entendido. O Governo insere-se numa prática e numa interdependência das instituições democráticas, exigidas pelo espírito do 25 de Abril, que não permitem encará-lo como uma descontinuidade, uma interrupção, um parêntesis na



vida democrática. Transição que o Governo, sentindo-lhe as limitações está, no entanto, disposto a aproveitar nas virtualidades que encerra.

Primeiro, porque tal período poderá ser um «tempo de actuação» útil, para os partidos e forças políticas, permitindo a necessária clarificação da vida política portuguesa e, em consequência, a prossecução de um projecto de vida que responda, sem temores, desvios ou hesitações, às aspirações do povo português.

Depois, porque, num período de transição, a sociedade-em-trânsito não é uma sociedade fechada sobre si própria. Escolha-se de um tempo já vivido para se alongar, adentrando-se, num tempo ainda desconhecido.

O Governo, de uma tal sociedade, tem necessariamente de se projectar para o futuro, agudamente consciente de que todas as suas decisões devem ser fermento revitalizador do tecido social da vida da democracia portuguesa mas também, de que todos os seus actos têm de ser garante da liberdade de actuação dos dirigentes, que as eleições intercalares levarem a assumir a condução da coisa pública.

Tem este Governo, assim, a firme convicção de que lhe compete preparar, a muitos níveis, as tarefas dos que vierem a seguir. Não considera os Governos futuros como inimigos ou rivais. Com plena consciência da sua responsabilidade política, procurará gerir as questões do Estado de tal modo que, não por incúria nem por falta de previsão, esses Governos se venham a encontrar a braços com situações cuja solução esteja fora do alcance das suas possibilidades governativas.

Um Governo de transição supõe ainda outro factor.

É que não lhe é dado tempo para procurar, experimentando-as, várias soluções. Tem de gerir, decidir, executar, perante um horizonte fixo.

Paradoxalmente, é assim um Governo de transição aquele que, para poder governar, mais exige, à partida, um conjunto nítido de valores éticos e políticos que lhe sirvam de referencial e uma concepção eficaz e rigorosa da sua estrutura e funcionamento. Ora os valores e referências, que norteiam a acção do Governo, constam, sucintamente, do *II Capítulo* do programa, intitulado «perspectivas globais da acção governativa». Que me seja permitido indicá-los, a um tempo, na perspectiva de uma visão colegialmente assumida que o Governo, para si mesmo, definiu e na sequência das convicções pessoais de que, ao longo de vários momentos, tenho vindo a testemunhar ao País.

1. O Governo considera-se vinculado, pelo seu mandato, de forma prioritária, às eleições intercalares. É a esse mandato que vai buscar os vectores determinantes da sua actuação e as perspectivas globais em que os seus objectivos se enquadram.

A primeira condição para o exercício da governação é, assim, a criação de um clima de serenidade que, para além de proporcionar o enquadramento necessário para que o acto eleitoral se realize com a correcção e a dignidade que lhe são próprios, torne possível que os Portugueses se ponham, a si próprios, as verdadeiras questões que dizem respeito à sua vida, hoje e no futuro. Ora estas questões não se identificam, necessariamente, com as zonas de confronto rígido em que frequentemente se categorizam as opções. Elas ultrapassam os dilemas meramente ideológicos para se situarem no plano das aspirações, das perplexidades e das motivações que tocam o quotidiano da vida individual e colectiva.



Pelo seu estilo e pela sua conduta, o Governo procurará, nas breves semanas de que dispõe, contribuir para pôr em relevo outros dilemas bem mais complexos e que estão presentes em todas as formas de regime político, conscientes e democráticas. São esses dilemas, entre outros: a relação entre a economia e os direitos sociais; entre a acumulação e a distribuição; entre a promoção individual e a responsabilidade colectiva; entre a afirmação da identidade cultural de cada povo e a diversificação do seu relacionamento com outros povos.

2. O clima de serenidade, que é intenção do Governo reforçar, não poderá deixar de ser uma atmosfera e vivência de liberdade, querida e consentida, onde mutuamente se enriqueçam as virtualidades pessoais e as aspirações colectivas.

Atento à inviolabilidade da liberdade de consciência e ao pleno exercício das restantes liberdades fundamentais, o Governo procurará estimular os Portugueses a desenvolverem a capacidade de se situarem criadoramente, face à história que lhes é dado viver.

Não esquecerá também que a criatividade individual encontra terreno fértil em todas as formas de associações onde estão patentes a comunidade de interesses e de afectos.

Procurará, assim, dar especial relevo, aos espaços e aos gestos que exprimem a originalidade de cada um, tentando que se criem e fortaleçam organismos vivos, onde a interacção criadora se possa estabelecer.

Este clima de liberdade, pessoal e de grupo, é condição para a expressão de uma identidade cultural consciente dos seus valores e dos seus objectivos. Nela repousará a liberdade colectiva que culmina na afirmação inequívoca da independência nacional e nos esforços para a tornar actuante no concerto dos condicionalismos internacionais.

Creio bem que, longe de nos tornar distantes dum isolacionismo sem brio, não podemos permitir qualquer submissão a poderes alheios, por mais neutrais que sejam as suas aparências e benevolentes as suas intenções. Onde quer que Portugal está presente, é uma história e um povo — que não se renegam nem amedrontam.

3. A afirmação das liberdades vai de par, em democracia, com a prioridade atribuída à satisfação das necessidades básicas de cada povo. No contexto português, tal prioridade é claramente afirmada pela Constituição, em termos de resposta aos direitos fundamentais dos cidadãos. A consciência desses direitos conduzirá toda a acção do actual Governo, exigindo que a política de produção de riqueza e a sua distribuição sejam subordinadas à satisfação das necessidades que condicionam o dia-a-dia da vida nacional. Altera-se, assim, a tradicional correlação entre a economia e o social — impede-se que as chamadas «exigências da economia» invadam todo o campo da decisão política, provocando o estrangulamento dos objectivos sociais.

Em termos práticos, isto significa que o Governo procurará minorar o fosso existente entre a camada da população que detém um poder de compra elevado, e as largas franjas que não chegam sequer a aceder aos níveis mínimos de subsistência.

Entender-se-á, assim, facilmente, que a alimentação, a saúde, a habitação, a educação e a segurança social constituam o conjunto de necessidades básicas que merecerão, deste Governo, todo o esforço que a sua curta duração lhe permitir.



4. A preparação do acto eleitoral supõe a mobilização de todos os recursos humanos para uma maior capacidade de decisão e de empenhamento. Procurará, por isso, o Governo dar incremento a todas as iniciativas em curso e leis em execução que, repartindo a autoridade, reforçam a responsabilidade de cada cidadão e de cada comunidade humana, qualquer que seja a sua dimensão. Valorizar-se-ão, assim, todas as formas de vivência colectiva e democrática que se manifestem em qualquer local do continente e nas regiões autónomas.

São as comunidades coesas e homogéneas que modelam a identidade cultural, que salvaguardam e enriquecem o património, que determinam a orientação da produção, que asseguram o modo mais conveniente de se organizarem e estabelecerem as normas da sua convivência, mas este movimento social, legítimo e necessário, só será operativo se a ele corresponder um aparelho de Estado capaz de se adaptar às exigências e responsabilidades que daí decorrem.

Entende o Governo que para tal é indispensável descentralizar de forma clara as decisões políticas e desconcentrar as decisões técnicas. Tal desconcentração permitirá encarar, com realismo, a diversidade, tão rica em potencialidades, das várias zonas do País e responder com rapidez às exigências, reais e legítimas, das populações.

Senhor Presidente,
Senhores Deputados:

Para além das traves mestras que acabo de enunciar ao nível dos valores, o programa que tenho a honra de apresentar traduz, ao nível das estruturas e funcionamento do Executivo, algumas inovações que, embora introduzidas a nível experimental, não deixarão de abrir caminho para uma mais eficaz gestão da coisa pública.

Tal é o conteúdo dos capítulos III e IV do programa onde se enunciam, respectivamente, *objectivos por áreas de problemas e medidas sectoriais*, a nível político e legislativo.

Pela primeira vez, a área social e a área cultural aparecem na estrutura do Governo, a par da área económica. Na área social se incluem não só os sectores da saúde e da segurança social mas também o trabalho, a habitação e obras públicas, os transportes e comunicações. Com tal integração se pretende manifestar o peso da intenção social do Governo relativamente aos Ministérios responsáveis por tais sectores.

Na área cultural incluem-se os sectores da cultura e da ciência — agora integrados num Ministério — e os sectores da educação e da comunicação social. Também aqui há uma intenção que pretende dar à cultura o carácter pluriforme que necessariamente tem na sociedade moderna.

Não hesita o Governo em declarar, perante a Assembleia, que esta estrutura está longe de ser uma mera reorganização de sectores. Ela destina-se a per-



mitir que o Governo realize a tarefa que lhe cabe relativamente à Administração Pública: descompartmentar para melhor coordenar.

Ao enunciar no capítulo IV as «principais medidas políticas e legislativas», o Governo não as identifica com o somatório dos programas internos que necessariamente guiarão a acção de cada Ministério. Houve a preocupação de indicar, de forma selectiva, as medidas que correspondem a opções políticas, abandonando assim o esquema, até agora seguido, da listagem exhaustiva das acções a empreender.

Senhor Presidente,
Senhoras e Senhores Deputados:

Era minha intenção ter completado o programa do Governo com uma folha que, para mim mesma, apeliarei de «exortatória». Não o fiz por escrito, mas faço-o agora.

Ao expor algumas linhas do programa do Governo, deixei claras as motivações e as finalidades do compromisso que, com os meus colegas no Governo, livremente assumi. A esta Assembleia — e, por ela, ao povo português — alguma coisa peço, em troca:

- A participação activa e consciente nas tarefas que nos cabem porque, homens e mulheres deste país, somos a maior riqueza que ele possui;
- A tolerância e o respeito mútuo, reparando injustiças, procurando soluções dialogantes para os conflitos, desfazendo os equívocos que facilmente se produzem e os entendam;
- A confiança nos outros, para além das discriminações, das passividades, das ideias feitas.

Fora este Governo ocasião de um tal desabrochar de valores e a sua missão estaria cumprida. Por isso, um só voto exprimo: que, no termo dos 100 dias, possa dizer que «da obra ousada é minha a parte feita». O «por fazer» é com os homens e com Deus.

Anexo B.3.

TM2



**Discurso de Tomada de Posse de S. EXA a Presidente da Assembleia da
República na XII Legislatura
Palácio de S. Bento, 21 de Junho de 2011**

Sr.^{as} e Srs. Deputados,
Sr. Ministro Adjunto e dos Assuntos Parlamentares,
Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Presidir ao Parlamento constitui a maior honra da minha vida! Porque o Parlamento é liberdade que se fez instituição, consequência da razão moderna, do pensamento das luzes, da coragem dos justos. Porque o Parlamento se constrói sobre o discurso dos direitos e da sua força legitimadora, evidenciado pelo voto universal, livre e igual. E porque foram os parlamentos que inscreveram a dignidade humana no sentido das instituições e ligaram o exercício do poder ao progresso da civilização.

Nós, os Deputados, somos portadores de um mandato que se gera na igualdade e na liberdade, damos corpo a um poder que se forma na moral universal que dita os critérios da justiça.

Que orgulho, Srs. Deputados, e que responsabilidade que é estarmos aqui!

Filhos da razão e da história da razão, somos nós o cais da esperança. Da esperança que, num domingo de Junho, saiu de casa para nos escolher, da esperança que não saiu, que é

a dos cidadãos que, lá bem no fundo, esperam para se reconciliar com a política, e de uma outra esperança, a esperança silenciosa e triste dos mais frágeis e dependentes. Muitos não puderam votar, muitos vivem em espaços existenciais fechados, ou quase fechados, longe de uma opinião pública crítica e vigilante e, por isso mesmo, vendo perigar, tantas vezes, os direitos humanos.

A esperança que nos convoca, Srs. Deputados, 230 eleitos! Que orgulho e que responsabilidade é a nossa: ou decidimos melhorar o mundo ou teremos de perguntar como se dorme o nosso sono.

Fomos chamados à função sagrada da representação política que nos dá o poder da legislação e do escrutínio. Fomos chamados por um povo que tem na própria história a marca da universalidade e que anda à procura de repercutir, no futuro, a sua Odisseia. Não estamos sós, aqui. São tantos os projectos, as expectativas, as inquietações que connosco se sentam e que exigem de nós que cultivemos, com os domínios da vida das pessoas concretas, formas de comunicação contínua, muito para além do tempo das eleições e do espaço dos partidos.

Verdadeiramente, o que se nos exige é a reinvenção da democracia sobre o eterno *a priori* da humanidade do homem.

Somos hoje um Parlamento no horizonte da Europa e do mundo, às portas de uma época universal já antecipada em diferentes modos pelo pensamento de Tocqueville, Kant, Goethe, Humboldt, Marx ou Simmel.

O cosmopolitismo e a globalização empurram-nos para a moralidade de uma consciência de mundo e, ao mesmo tempo, revolvem os velhos paradigmas da política. Formas alargadas de união de Estados — como a União Europeia — emergem, com o esbatimento das fronteiras e da agonia da diferença entre cidadão e estrangeiro, com o trabalho político em rede, os poderes soberanos a esbaterem-se, para serem participantes no projecto moral de uma acção partilhada. Mesmo contra «os velhos do Restelo», o

mundo caminha para a frente e a política é cada vez mais global e antropocêntrica. O sentido da função parlamentar ganha novas dimensões neste ambiente político e social.

Na União Europeia, devemos ser co-autores de corpo inteiro e não membros passivos, devemos lutar pela coerência da União, para que tenha um centro, pois só com um centro pode ser actor na ordem mundial, e para que se descentralize, pois só descentralizando pode ser democracia. Devemos, enfim, lutar para que a Europa se tome a sério como pátria de direitos em que, afinal, se reconhecem todas as pátrias.

O Tratado de Lisboa abriu-nos, a nós, Parlamento, a um protagonismo de larga escala que não podemos desperdiçar. Para mais, cabe em primeira mão aos parlamentos interpretar e solucionar os problemas de legitimação do espaço alargado da democracia moderna e europeia. Aí, onde o pluralismo cultural e social se intensifica, o consenso não é possível apenas a partir das instituições e da representação. A insuficiência do sufrágio dita que os cidadãos se associem às instituições, chama pelo seu estatuto de participantes no processo político e chama por novos actores — empresas, associações, ONG.

A ideia de política virtuosa, inaugurada na Grécia Antiga, candidata-se também às soluções da nova modernidade. Chegou o tempo da perda do monopólio político do Estado. O Parlamento, que é, como disse Mirabeau, o mapa do povo, deverá legislar, fiscalizar, representar, mas também, pela mão de cada um dos seus Deputados, fazer a sociedade, ela mesma, gerar o político.

Vivemos um tempo de efemeridade, em que, à partida, nada está garantido, para lembrar recentes palavras do meu amigo Eduardo Lourenço. Mas é um tempo fascinante, que nos faz reconhecer numa humanidade transversal, que chama pela virtude da política, que alarga a nossa cidade para o mundo, um tempo de uma proximidade dinâmica, porque hoje tudo interage e se aproxima. Porventura, nunca o sentido do outro esteve tão presente nas formas de vida dos indivíduos e dos grupos.

O mundo vive uma revolução tecnológica, demográfica, política, que traz consigo,

verdadeiramente, os genes de uma revolução moral. Os problemas globais, paradoxo das coisas, mostram que o interesse egoísta de cada um apenas se resolve na partilha, no exercício da vontade moral de uma justiça para todos.

Que orgulho o nosso, Srs. Deputados e Sr.^{as} Deputadas, de sermos protagonistas activos deste tempo! Dedico este meu momento de alegria a todas as mulheres. Às mulheres políticas que trazem para o espaço público o valor da entrega e a matriz do amor, mas, sobretudo, às mulheres anónimas e oprimidas. Farei de cada dia um esforço para a redenção histórica da sua circunstância.

A função em que sou investida é, por natureza, não partidária e assumi-la-ei em cada acto como tal. Mas quero agradecer ao PSD, em cujas fileiras percorri os caminhos da política e onde tive espaço para ligar a minha lealdade à minha liberdade, a honra de me haver indicado.

Muito obrigada.

Dou um abraço a todos os Deputados, no prazer de em muitos reencontrar um abraço especial dos meus amigos de todas as bancadas.

Amanhã vamos ao trabalho!

Anexo B.4.

TM3



**Discurso de Posse da Magnífica Reitora da
Universidade Católica Portuguesa**

Discurso Tomada de Posse

**Maria da Glória Garcia
Universidade Católica
Sociedade Científica**

O momento é solene. O momento é intenso. O momento é forte. Assim o sinto. Assim o comunico.

Entendeu o Magno Chanceler da Universidade Católica Portuguesa, depois de ouvida a Universidade, através dos seus órgãos superiores, e de ouvida também a Conferência Episcopal, propor à Congregação para a Educação Católica o meu nome para Reitora. E a Congregação para a Educação Católica, entidade para o efeito competente, aceitou-o.

Assumo funções perante o Magno Chanceler, Senhor D. José da Cruz Policarpo, e na presença de todos os que se dignaram acompanhar pessoalmente este acto.

Quero que saibam que as assumo com alegria. Com muita alegria. Porque vou poder levar por diante um projecto em que me revejo e acredito.

Assumo-as também com humildade. Porque sei que são muitas e muitas as pessoas que se revêem neste projecto e igualmente nele acreditam.

Com alegria e humildade procurarei dar corpo às funções que agora assumo.

1. O chamamento de um leigo à reitoria da Universidade Católica Portuguesa, há doze anos, correspondeu a uma leitura sábia dos sinais que o tempo espalha na sociedade e contribuiu para um maior entrosamento da universidade na sociedade, sem que isso tenha afectado a identidade que conforma a universidade — ser católica. Entendo que o chamamento de uma mulher à reitoria da Universidade Católica Portuguesa se insere na mesma linha de interpretação dos sinais dispersos no mosaico do tempo, responsabilizando, de modo especial, quem escolhe e de um modo porventura ainda mais especial quem é escolhido.

Assumo a responsabilidade com espírito de serviço, na liberdade com que aceitei exercer o cargo.

2. Ninguém decerto se admirará se, neste momento, o meu pensamento e as minhas palavras se dirigirem para quem me precede no cargo, o Prof. Doutor Manuel Braga da Cruz, o primeiro leigo a presidir aos destinos desta Universidade, e durante três mandatos consecutivos. A gratidão, em termos pessoais, é o que sinto, e sei ser esse o sentimento institucional, partilhado pela Universidade. Todos lhe somos devedores do empenho, sabedoria, inteligência, sensatez, com que, ao longo dos anos, conduziu esta grande nau, vencendo obstáculos, vindos de diferentes e inesperados quadrantes, e adaptando capacidades diversificadas às situações incómodas, hostis ou preocupantes, que se foram sucedendo, sempre fiel à matriz católica, defendendo intransigentemente os valores cristãos. Mas também, consolidando e fortalecendo a instituição, seja criando um quadro de docentes próprio, seja rasgando caminhos novos, desde logo no ensino das tecnologias e das ciências da saúde, seja abrindo espaço à internacionalização, enfatizando o nome da Universidade Católica na sociedade portuguesa e ampliando-a à sociedade internacional.

Integrei, como vice-reitora a primeira equipa reitoral do Prof. Doutor Manuel Braga da Cruz, da qual fazia também parte, como vice-reitor, o Prof. Doutor Carlos Moreira Azevedo. Guardo bem viva na memória a imagem desse

tempo de trabalho e de aprendizagem, a imagem de um tempo de colaboração empenhada e fraterna. Expressar a minha gratidão, neste particular, é muito mais do que o cumprimento de um dever. É um acto de justiça.

À Sra. Vice-Reitora, Prof. Doutora Maria Luísa Leal de Faria Geraldês Barba, que hoje cessa funções, gostaria de deixar também o testemunho, pessoal e institucional, de agradecimento. A abnegação, inteligência, cultura, serenidade são-lhe unanimemente reconhecidas e a Universidade Católica firmemente espera continuar a poder beneficiar do seu trabalho e dedicação.

3. A equipa, que comigo toma posse, integra como Vice-Reitores a Prof. Doutora Isabel Maria de Oliveira Capelo Gil, Directora da Faculdade de Ciências Humanas, e o Prof. Doutor José Tolentino Calaça de Mendonça, da Faculdade de Teologia, como Pró-Reitor o Prof. Doutor Mário António de Sousa Aroso de Almeida, da Faculdade de Direito-Escola do Porto e, como Administradora, a Dra. Maria Helena Brissos Ferreira Martins de Almeida, da FCEE, que transita da anterior para a actual equipa reitoral. Ninguém lhes regateia mérito, empenho, energia, seriedade, tranquilidade de juízo, qualidades que tenho a certeza irão continuar a colocar ao serviço da Universidade, agora em novos e exigentes desempenhos. Agradeço-lhes terem aceitado colaborar desta forma na Universidade, sacrificando projectos académicos e pessoais, a vida familiar, mas com a aceitação reconhecendo, de um lado, que a instituição merece a sua dedicação e que os seus talentos lhe podem ser deste modo úteis, de outro, que acreditam no projecto protagonizado pela Universidade Católica Portuguesa, o querem servir e ser partes mais actantes desse trabalho.

4. Uma qualquer reflexão sobre o momento que atravessamos vem normalmente ensombrada de preocupações e embrulhada numa efervescência de notícias, vindas dos planos nacional, europeu, internacional, e incidindo sobre vários âmbitos, nomeadamente económico, político, social, financeiro, ambiental, o que dificulta o traçar de estratégias

de médio e de longo prazos.

O maior problema reside em não se dispor de informação completa sobre a realidade, de si complexa, e aquela de que se dispõe nem sempre ser fidedigna. A dificuldade de fazer previsões com o grau de segurança que a razão exige para, em face dessas previsões, definir objectivos e gizar caminhos para os perseguir é, por isso, gigantesca. O risco de errar aumenta exponencialmente. Não admira que aprender a não errar e, se o erro acontecer, aprender a não voltar a cometê-lo, tivesse passado a integrar o nosso quotidiano.

Trata-se de uma aprendizagem que demanda aprofundamento de saberes, alargamento do conhecimento teórico, promoção da cooperação entre as áreas científicas; que exige alianças entre a experiência concreta e o saber abstracto, o abandono de visões pessoais, e a busca de outras que as complementem ou ampliem.

Ora o local da aprendizagem é a escola. E o local por excelência da formação científica e do cruzamento de conhecimentos é a universidade, a escola superior dos múltiplos saberes. E, se assim é, então o tempo, hoje, é de afirmação, clara e inequívoca, da universidade.

Ao desalento da vivência social tem a universidade a obrigação de dar uma resposta positiva e forte, diminuindo o espaço da ignorância, estimulando o pensamento a encontrar soluções, desenhando modelos alternativos, estreitando a capacidade de errar. A universidade tem a obrigação de se adequar ao tempo em que vivemos: ensinando a lidar com a complexidade e a incerteza, reforçando a importância do diálogo amplo de ideias, desenvolvendo redes de comunicação e entreaajuda na sociedade. É uma responsabilidade que lhe pertence por inteiro, pelo simples facto de ser universidade.

A Universidade Católica Portuguesa está consciente do desafio que tem pela frente e não quer ficar de braços cruzados. Quer ser parte actuante

do processo de viragem, ajudando a resolver os problemas já identificados e a identificar os que estão por definir.

5. Mas o momento actual traz consigo outro conjunto de preocupações. De facto, são cada vez mais inquietantes as questões emergentes dos poderes que as ciências e as tecnologias inovadoras colocam à disposição da sociedade, e é cada vez mais perturbador o peso que o presente adquire sobre o passado e sobre o futuro.

O conforto que as tecnologias de ponta trazem ao bem-estar social e o prazer com que beneficiamos das mais avançadas descobertas do cérebro humano aceleração das comunicações, criação de realidade virtual, acentuação da vivência de sensações impedem uma reflexão serena sobre as alterações que estão a provocar. E impedem-na também pela vertigem com que se sucedem. Mas a reflexão é necessária e urgente, porque está em causa a nossa vida em sociedade.

Não é esta, porém, urna qualquer reflexão. Ela exige "um incremento de alma", como lembra o Cardeal John Henry Newman, a quem devemos páginas profundas sobre o pensamento universitário. "Um incremento de alma" traduzido numa especial sabedoria para compreender os frutos do pensamento e para os encarar à luz do espírito e das diversas formas de aperfeiçoamento humano.

Ora a Universidade Católica sente-se, neste âmbito, particularmente habilitada. Fundada em princípios e valores humanos, ao mesmo tempo que rasga futuros científicos, é portadora de uma memória que, enraizada no espírito, alimenta a alma e dá-lhe o suplemento que eleva e a coloca ao serviço de um melhor entendimento da pessoa e das suas realizações.

Afirmar a Universidade Católica na sociedade é, pois, hoje, mais importante do que nunca, porque os valores que protagoniza conferem força espiritual à acção e tornam-na capaz de mudança. A investigação e o ensino, quer tenham base teológica, quer fundo filosófico, social ou político, quer

escancarem as portas à beleza, nas mais variadas expressões em que a arte se

revela, quer se desenvolvam na biotecnologia, na economia, na gestão, na engenharia, no direito, nas ciências da saúde, na comunicação social, são alimentados pelas realidades do espírito, sem as quais não há hierarquia de valores a preservar.

Em *Levantar o Céu*, José Mattoso lembra que "a racionalidade esgota-se: mas a sabedoria não conhece limites". "A diferença" - explica - "não está na proposta concreta, mas no pressuposto da mensagem que se pretende transmitir".

Em suma, a Universidade Católica é importante na sociedade. E, consciente disso, não vai cruzar os braços, antes os vai elevar, promovendo espaços alargados de diálogo e de liberdade, continuando a procurar uma melhor compreensão da pessoa e das suas realizações.

6. Acresce que as constantes ameaças ao bem-estar, que pairam sobre a sociedade portuguesa, a dificuldade com que a economia se confronta em se relançar e criar emprego, o embate na realidade de um tempo que tudo prometia, não só fazem temer a saída sistemática de Portugal de gerações que legitimamente procuram melhores dias como difundem uma cultura de desânimo que não contribui para a ultrapassagem necessária.

E também aqui a afirmação universitária é importante. E, nela, a afirmação da Universidade Católica Portuguesa. Formar para a confiança tem chamado a Portugal e a esta Universidade, para ensinar e investigar, grandes professores e investigadores das maiores universidades mundiais. Aqui leccionam. Aqui estudam. Porque reconhecem mérito à Universidade. Aqui mostram, pelo exemplo da sua opção, que em Portugal se produz ciência ao mais alto nível. E os alunos das mais variadas latitudes e nacionalidades

procuram a Universidade Católica Portuguesa para estudarem, sabendo que os cursos são amplamente reconhecidos, que os graus estão ao nível do que de melhor se atribui no plano internacional e que o convívio com a cultura

universitária portuguesa os enriquece. O mesmo se diga dos estudantes nacionais que, sabendo da valia do que aprendem nesta universidade, optam por fazer os seus estudos em Portugal.

Formar para a confiança, trabalhar no sentido de aumentar permanentemente a qualidade de tudo quanto faz, incentivar a interculturalidade são realidades que pertencem ao cerne da acção da Universidade Católica Portuguesa, onde quer que esta se desdobre. E de todas elas irradia um especial gosto pela vida e pela vida em sociedade, marcada pelo pluralismo, sempre no respeito pelo outro, ciente de que cada um é portador de capacidade de mudança. Por isso, a Universidade Católica Portuguesa não vai cruzar os braços, antes vai difundir esta sua ambição junto das várias gerações que a procuram.

7. Não admira que, no sistema universitário português, mau grado o pagamento de propinas ao custo real, e, logo, muito acima das propinas das universidades estatais, a Universidade Católica continue a ser, para tantos e tantos alunos, a primeira opção.

Consagrado na *Constiuição Apostólica "Ex Corde Ecclesiae"*, o modelo da Universidade Católica Portuguesa envolve o reconhecimento na sociedade civil de um espaço de diálogo onde as diferenças culturais de homens e mulheres se cruzam numa harmonia baseada numa constante actualização de sentido do que é a dignidade humana, contribuindo para o enriquecimento cultural, substrato fundante da sociedade.

As relações entre a Igreja e a Universidade são umbilicais. Nelas repousa a mundividência que é hoje o maior património cultural da universidade e que, na sua especificidade, esta transmite à sociedade. Uma

especificidade que a Concordata entre a República Portuguesa e a Santa Sé, assinada em 18 de Maio de 2004 na cidade do Vaticano, deixou clara, garantindo à Universidade Católica Portuguesa autonomia e liberdade.

Dentro dessa liberdade, a Universidade Católica Portuguesa, para além da sede em Lisboa, espraia-se pelos Centros Regionais de Braga, Porto e Viseu, enraizando o projecto universitário no espaço português, num horizonte que ronda os 12.000 alunos. E é a realidade espiritual antes aludida que permite não só hierarquizar valores e preservá-los, como lançar e tecer as redes das solidariedades que agregam e das responsabilidades que unem e sedimentam. Plurilocalizada, a Universidade Católica Portuguesa é uma só, na realidade espiritual que a funda, na cultura ética que transmite, na acção conjugada de concretização do projecto que lhe dá vida.

Sob outra perspectiva, a Universidade Católica Portuguesa agrega Faculdades, Institutos, Unidades de Investigação, Centros de Estudos; promove o ensino, incentiva a investigação, estimula debates de ideias e em tudo procura deixar a identidade que a torna única no panorama universitário português, produzindo pensamento sobre a formação integral da pessoa humana, contribuindo para uma sociedade mais fraterna.

A Universidade Católica Portuguesa goza de um corpo único de docentes e investigadores, de qualidade superior e abnegação inexcelável. A eles e ao conjunto de funcionários que empenhadamente, e com dádiva pessoal nem sempre realçada, suportam a organização imensa em que a universidade hoje se desdobra se deve o quotidiano que permite concretizar o sonho que esta universidade acalenta. Que todos continuem a sentir-se partes imprescindíveis da realização desse sonho.

Pela Universidade Católica Portuguesa passaram já muitos milhares de estudantes, nela estudam outros milhares e muitos milhares virão, em razão do que nela procuram e encontram. E o que dela divulgam, em saber e confiança, nos mais variados lugares que ocupam na sociedade, deixando o nome forte da sua formação académica, são prova de que "a Católica é para a vida"!

Por tudo apelo à sociedade civil em geral e, em especial, às escolas

católicas, aos benfeitores da Universidade Católica Portuguesa, aos seus antigos alunos, docentes, funcionários, para que continuem a confiar nesta instituição e não deixem de a apoiar. Ajuízem de forma exigente os resultados da sua acção e actuem em conformidade. Tenho a certeza de que se sentirão reconfortados com o que dela recebem.

No sistema de ensino superior português, a Universidade Católica Portuguesa não tem tido a vida facilitada. Pelo contrário. Os estabelecimentos de ensino superior estatais que com ela concorrem têm um ponto de partida financeiro distinto, pelo que, além da gestão diria ser, na Universidade Católica, um constante e hábil esforço de contenção, quaisquer iniciativas de cursos ou investigação, cuja necessidade, em certas áreas, sentimos, demandam tarefas acrescidas de angariação de fundos e constantes movimentos de adaptação. Mas saber que a sociedade reconhece valor ao que a Universidade Católica Portuguesa faz, dá-lhe um particular ânimo para vencer obstáculos.

O Estado, através das inúmeras entidades, órgãos e serviços com quem a Universidade Católica Portuguesa especialmente se relaciona — o Ministério da Educação e Ciência, outras universidades públicas e institutos politécnicos, o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, a Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior sabe o que desta Universidade pode esperar, em competência, lealdade e espírito de serviço, para contínuo enriquecimento do sistema nacional de ensino superior. Por sua vez, a Universidade Católica espera poder continuar a beneficiar, da parte do Estado, de idêntico modo de agir, bem como uma sensibilidade particular para o que a distingue.

E um relacionamento franco e aberto deseja a Universidade Católica continuar a ter com as universidades e estabelecimentos de ensino politécnico privados portugueses.

8. Já se disse que, apesar de difícil, o tempo é hoje de afirmação da universidade, no espaço social, de afirmação de urna identidade cultural que eleva, de afirmação do valor do que é português.

No quadro desta afirmação da Universidade Católica Portuguesa, naquele que é o tempo que não escolhemos mas nos escolheu a nós para o vivermos, mais do que fixar metas e delinear programas de acção, é preciso saber gerir expectativas, num dia-a-dia de trabalho, rigor, coesão, solidariedade, transformando a fraqueza em força e a adversidade em razão de esperança.

Um velho provérbio oriental lembra que quando o vento sopra forte há quem levante muros e há quem construa moinhos de vento. À atitude defensiva de quem constrói muros para se proteger, preferimos a inspiração de quem usa o vento como energia.

É essa inspiração que queremos para a Universidade Católica Portuguesa e que queremos que esta irradie.

Porque a vocação da Universidade Católica Portuguesa reside precisamente aqui, em inspirar, em **ser fonte de inspiração**: inspirar, levar cada um a encontrar em si o engenho que transforma o que se receia em futuro promissor.

É neste horizonte de esperança de uma universidade cuja vocação é inspirar que a Universidade Católica Portuguesa terá de cumprir quotidianamente a sua missão: investir na investigação em rede, aberta, multidisciplinar, fundada na cultura humanista que a identifica, formar para a confiança pela força conjugada dos saberes teórico e prático, defender intransigentemente a qualidade, no plano nacional e internacional.

E termino com a adaptação do refrão de uma canção ouvida há muito: "que a universidade católica portuguesa volte a ser o que nunca foi", isto é, que a Universidade Católica Portuguesa seja capaz de, em cada dia, regressar ao momento em que nasceu, em que não tinha passado e só um projecto imenso a realizar, um projecto da sociedade civil, um projecto de Igreja: inspirar, ser fonte de inspiração.

A viagem que a Universidade Católica Portuguesa inicia com a minha

tomada de posse começa com um passo. Está dado. Agora, vamos continuar a andar.

Que Deus ilumine o meu caminho Que Deus ilumine o nosso caminho.

TM4



Discurso de tomada de posse
3 de maio de 2017

Senhor Presidente da República
Senhores Presidentes Doutor Jorge Sampaio e
Professor Aníbal Cavaco Silva,
Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa, D. Manuel Clemente
Senhor Doutor Artur Santos Silva
Cara e Caros Colegas
Caros colaboradores da Fundação
Minhas Senhoras e Meus Senhores

I. Introdução

É com um sentimento de profunda gratidão pelo nosso Fundador e pela instituição que criou que aceito a confiança que os meus colegas do Conselho de Administração em mim depositaram.

As minhas primeiras palavras são naturalmente para o Senhor Presidente da República, que nos honra e que tanto gosto nos dá com a sua presença.

Agradeço também a todos os amigos e colaboradores da Fundação que se quiseram associar a este momento especial, e com os quais todos os dias construímos esta obra sempre inacabada que é a Fundação Calouste Gulbenkian.

Minhas senhoras e meus senhores,

Confesso que no momento em que o Dr. Santos Silva me desafiou, a primeira imagem que me ocorreu foi aquela sucessão da galeria de retratos dos Presidentes desta casa – Doutor José Azeredo Perdigão, Professor Ferrer Correia, Doutor Victor de Sá Machado, Doutor Emílio Rui Vilar e agora Doutor Artur Santos Silva, personalidades tão conhecidas e admiradas na sociedade portuguesa, que despertam uma mais do que merecida reverência.

Realista como sou, a verdade é que naquele momento senti uma certa apreensão face à magnitude da tarefa.

Mas como sou uma mulher de coragem, e sei que na vida nada acontece por acaso, e que tudo tem o seu tempo, foi com grande determinação que assumi este desafio.

Hoje é sem dúvida um dos dias mais marcantes da minha vida. Tenho a consciência de que o privilégio de assumir a presidência da Fundação Calouste Gulbenkian é apenas excedido pela responsabilidade de servir uma instituição cujo legado ao serviço do bem comum a todos nos honra.

Fá-lo-ei com humildade, entusiasmo e sentido do dever, sabendo que posso contar com um grupo de Colegas cujas qualidades pessoais e profissionais são ímpares.

É também um estímulo saber que a Fundação tem um conjunto de colaboradores que respeita e personifica o extraordinário legado da Fundação dos últimos 60 anos.

Gostava hoje de recordar e sublinhar os tantos exemplos de dedicação, lealdade e compromisso que, no fundo, são a

alma desta casa. Num momento em que uma geração mais nova está a ser chamada a novas responsabilidades, importa que esta **renovação** assente numa verdadeira cumplicidade entre todos, de acordo com a própria cultura da instituição.

II. Agradecimentos

Suceder a uma personalidade com o prestígio do Doutor Artur Santos Silva torna ainda mais exigente a responsabilidade que me atribuíram.

A Fundação muito deve à sua liderança sempre presente e dedicação, rigor, curiosidade intelectual, espírito empreendedor e capacidade de mobilização.

Como tivemos oportunidade de ouvir, inspirou-nos a levar a Fundação cada vez mais para fora destes muros, chegando mais longe, dentro e fora do País, a sua preocupação principal, e alargando as nossas redes de parceiros e interlocutores.

Muito obrigada, Artur, Caro Presidente, por continuar a linhagem de presidentes ilustres da Fundação Calouste Gulbenkian.

Sei que vou romper a tradição coimbrã da Faculdade de Direito - sou mulher, economista e de Lisboa - mas julgo que é mais uma prova da extraordinária capacidade de adaptação e evolução da Fundação.

Neste momento tão especial, quero também reconhecer publicamente o quanto devo aos mestres que, ao longo da minha carreira, me orientaram e sempre me deram asas para poder voar. Estou a pensar na Eng.^a Alexandra Gomes, nos Professores Cavaco Silva e Valente de Oliveira, no Dr. Emílio Rui Vilar e, abusando do protocolo, no próprio Prof. Marcelo Rebelo de Sousa.

III. Enquadramento

Caros Colegas, Colaboradores e Amigos,

Recordo muito bem o dia em que comecei a trabalhar nesta casa e, mais de 20 anos depois, tudo na Fundação me é próximo e familiar.

Conheço as pessoas e os desafios que a instituição hoje enfrenta. Acompanhei bem de perto as mudanças que a Fundação foi vivendo nas últimas décadas, em função dos constrangimentos da sua perpetuidade, ou da própria alteração do contexto da sua intervenção.

Assumo todas as escolhas passadas, e estou certa que os meus Colegas do Conselho de Administração me acompanham nos **compromissos** que considero essenciais para que a Fundação continue a desempenhar, de forma exemplar, a missão que lhe foi confiada por essa personagem fascinante do século XX que foi Calouste Gulbenkian.

Hoje interessa-me, sobretudo, refletir sobre o seu momento presente e sobre as circunstâncias que condicionam o seu futuro. Será a partir desta leitura que construiremos a nossa

agenda, num equilíbrio entre o legado da Fundação e as exigências da modernidade.

Sinto que os portugueses continuam a exigir e a confiar na Fundação Calouste Gulbenkian, o que é um grande estímulo para nós.

Também, a integração nas principais redes de fundações internacionais, que projetou a Fundação para um patamar muito relevante a nível global, é uma mais-valia indispensável para uma eficaz intervenção nos grandes problemas do nosso tempo.

Entre o local e o global, a Fundação deve continuar o seu trabalho filantrópico enquanto instituição portuguesa aberta ao mundo.

Numa coincidência feliz e muito simbólica, o meu mandato inicia-se quando decorre uma das mais importantes exposições que a Fundação alguma vez organizou: José de Almada Negreiros, “Uma Maneira de Ser Moderno”.

O Almada tem, para mim, uma das mais certeiras definições sobre o que significa ser “moderno” e que, como sabem, até deu origem ao título da exposição: “Isto de ser moderno”, dizia-nos, “é como ser elegante: não é uma maneira de vestir mas sim uma maneira de ser. Ser moderno (...)”, conclui, “é ser o legítimo descobridor da novidade”.

Para mim, este é também o principal desígnio da Fundação, - a mais relevante instituição filantrópica portuguesa - **antecipar o futuro e apostar na inovação, ajudando a preparar os cidadãos de amanhã.**

Uma Fundação como a nossa deve assumir-se como agente de mudança, utilizando para esse efeito todos os recursos que tem ao seu dispor, financeiros e não financeiros, bem como toda a sua experiência acumulada.

A par de uma ligação mais estreita entre todas as atividades que a Fundação promove, importa dar maior expressão ao seu papel de mobilização e mediação, ativando o seu poder de convocatória. E contribuindo sempre para a produção de

conhecimento e para o ensaio de soluções para os principais problemas.

Importa compreender que há novos desafios e, mantendo-se fiel às suas finalidades estatutárias, a Fundação tem de ousar trilhar caminhos novos, como, aliás, sempre o fez no passado.

IV. Compromissos

É neste contexto que assumo os seguintes **compromissos**:

1 - O primeiro é, desde logo, **um compromisso com o futuro**, garantindo que a Fundação acompanha os novos tempos, antecipando as questões essenciais que determinam as estruturas do conhecimento e o impacto da tecnologia na sociedade, e que asseguram a sustentabilidade dos recursos naturais e dos sistemas sociais.

2 - O segundo compromisso é **com os mais vulneráveis**, aqueles que mais necessitam do nosso apoio e que, como tal, deverão ser os principais beneficiários da atividade da Fundação. Esta é a responsabilidade primeira de uma instituição filantrópica como a nossa, que a todos pertence.

3 - O terceiro compromisso está relacionado com a importância da cultura, – **falo de arte, de educação e de ciência** - que nos dá a sabedoria e constitui os alicerces da tão necessária tolerância nos tempos conturbados em que vivemos.

Sabemos que uma sociedade culta dificilmente será compatível com uma sociedade que não é solidária.

Como afirmava Sophia de Mello Breyner, em 1975, perante a Assembleia Constituinte, “a cultura não existe para enfeitar a vida mas sim para a transformar para que o homem possa construir e construir-se em consciência, em verdade e liberdade, e em justiça”.

A meu ver, a Fundação encontra-se numa posição de vantagem. Dispõe da experiência, mas também de todos os instrumentos necessários para atingir estes três compromissos como um todo.

E esta é a minha mensagem principal: vejo a Fundação como uma instituição filantrópica, única e una, que constrói a sua identidade na diversidade da sua intervenção, da arte à ciência, da educação à beneficência, as quatro finalidades estatutárias definidas pelo nosso fundador, numa combinação equilibrada de recursos.

V. Agenda

À luz dos compromissos que mencionei, empenhar-me-ei na promoção da seguinte agenda:

1. Projetar a Fundação como um todo, alinhada pela mesma visão e missão, aumentando o **impacto social das suas atividades**.

Reforçaremos pois o planeamento estratégico e a colaboração entre todas as áreas, articulando virtuosamente as suas valências e competências em torno de uma visão comum.

2. Concretizar uma nova abordagem da política de intervenção da Fundação, orientada para a resolução de problemas, procurando um maior **foco, transversalidade e inovação** assentes em três pilares fundamentais – **a coesão social, a sustentabilidade e o conhecimento**.

3. Afirmar a Fundação como **impulsionadora da preparação das novas gerações e das novas lideranças** nas diferentes áreas em que atuamos, o que significa pôr a tónica da ação naquilo que acreditamos que o futuro vai exigir.

4. Potenciar a criação artística nas suas infinitas possibilidades, ativando o papel cívico da cultura, entendida num sentido amplo de criação, de inovação e de promoção da acessibilidade da cultura a todos os cidadãos.

5. Destacar o potencial das artes no questionamento, compreensão e diálogo entre diferentes épocas e civilizações, nomeadamente entre o Ocidente e o Oriente, tirando partido do legado e coleção do Fundador, bem como da relação próxima com as Comunidades Arménias.

6. Posicionar a Fundação como um **centro de reflexão** e debate, que enquadre os problemas de Portugal com os problemas da Europa e do Mundo, em parceria com as principais fundações, “think tanks” e universidades, contribuindo para a consolidação de um modelo de sociedade humanista e de diálogo entre culturas.

7. Aumentar a flexibilidade da organização no sentido de maior descentralização e transversalidade, baseada numa **cultura interna de agilidade, responsabilidade e compromisso**.

8. Manter a liberdade de opção nos caminhos a seguir, sem nunca diminuir a qualidade daquilo que fazemos, mas com a consciência de que a **prudência na gestão dos recursos** exige sempre escolhas.

VI. Conclusão

A terminar, uma nota pessoal

Tenho sido muito feliz nesta casa, indo agora, espero, viver um novo ciclo com a alegria e o entusiasmo de sempre e com um renovado sentido de futuro e de esperança.

Sei que só consegui chegar até aqui com o apoio permanente da minha família. E por isso, quero acima de tudo, dizer agora às minhas netas que uma carreira profissional é apenas, e só, uma parte importante da nossa vida.

A realização pessoal vai muito mais além, e exige escolhas, sensibilidade e bom senso que preservem o essencial - o amor, a família e a integridade.

Conciliar uma carreira com a família é um desafio também para os homens, mas a verdade é que as mulheres têm-se confrontado com mais dificuldades e incompreensão e têm feito um longo e persistente caminho na procura da igualdade.

Espero sinceramente que daqui a 5 anos todos os que têm confiado em mim tenham orgulho no meu mandato como a primeira mulher Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian.

Senhor Presidente da República,

Estou certa que a Fundação poderá contar consigo em todas as ocasiões. Saiba que esta será sempre a sua Casa e que aqui encontrará interlocutores interessados e dedicados. Como não vejo melhor forma de começar o meu mandato e ainda que não estivesse previsto, gostaria de o convidar, se assim entender adequado, de subir a este palco e usar da palavra.

Isabel Mota

3 de Maio de 2017

Anexo B.6.

TM5

Publicado em *Esquerda* (<https://www.esquerda.net>)

[Início](#) > Marisa: “Candidato-me em nome da esperança de um país novo e justo”

Marisa: “Candidato-me em nome da esperança de um país novo e justo”

7 de Novembro, 2015 - 17:01h

Marisa Matias apresentou, esta tarde, a sua candidatura à Presidência da República, e sublinhou a importância de uma mudança política em Belém, que não exclua nem se coloque ao serviço das minorias privilegiadas de sempre. Publicamos a declaração de Marisa na íntegra. #umaportodos, #marisa2016

Foi no Teatro Thalia, em Lisboa, que Marisa Matias assumiu querer ser uma " Presidente da República tão política quanto a Constituição o é na sua opção política de fundo, que não é de modo algum neutra em relação às questões essenciais", candidatando-se em nome de uma forma diferente de fazer política.

“Uma Presidente que ajude a meter a austeridade na gaveta, mas que tire da gaveta a Constituição”, frisou Marisa Matias.

Num discurso onde fez duras críticas a um Presidente indiferente ao que estão a sofrer os reformados, os trabalhadores e os desempregados, ao que está a acontecer com o ensino público ou o serviço nacional de saúde, Marisa Matias disse que era preciso garantir que temos na Presidência da República alguém que não dê cobertura aos ataques contra o país e contra a democracia.

A eurodeputada disse ainda conhecer bem o processo de transformação da União Europeia, por ter confrontado os seus protagonistas e saber para onde nos querem levar, caminho esse que não irá seguir. "A alternativa que eu represento não está refém de qualquer cumplicidade com o mundo dos negócios duvidosos que têm destruído o país", destacou.

“Serei uma Presidente da República que não irá pactuar com a humilhação do país, porque isso é negar uma das competências mais fundamentais que é de ser o garante da independência nacional”, sublinhou Marisa Matias, salientando que “num mundo cheio de injustiça e de guerras, comigo ninguém duvida que Portugal estará sempre, sempre ao lado da justiça e da paz”.

Antes da intervenção de Marisa Matias, Tatiana Moura apresentou a candidata recordando os tempos de faculdade e de investigação, que fizeram em conjunto, e destacou o percurso de Marisa como eurodeputada. Tatiana Moura salientou ainda que “a mudança tem de passar urgentemente pela humanização da política” e afirmou: “A Marisa é a Presidente da República que Portugal merece”. Ricardo Moreira, diretor de campanha, apontou a importância de não “deixar fechar” a “porta de esperança” que foi aberta, realçando o significado do voto e a necessidade de que ele “volte a contar”.

Declaração de Marisa Matias

Candidata às Eleições Presidenciais de 2016

Muito boa tarde e muito obrigada por estarem aqui!

Não imaginam a alegria que é ter nesta sala hoje algumas das pessoas mais importantes da minha vida e de quanto isso me conforta o coração.

I.

Vivemos tempos exaltantes. São tempos de uma esperança muito refrescante. Esperança num país solidário, num país desenvolvido, num país soberano. Esperança num Portugal de que nos possamos orgulhar. Um país que trate bem as pessoas, os cidadãos e as cidadãs, os trabalhadores e as trabalhadoras, com respeito, com decência e com dignidade: numa palavra, que os trate como gente, gente que merece muito melhor do que o que tem tido.

Agora, a democracia está a passar por aqui. Ela chama por todos nós, e chamou também por mim. E aqui estou: serei candidata à presidência da República. O nosso lema – UMA POR TODOS – diz-nos da esperança de levarmos até Belém uma política que não exclua, uma política que não se coloque ao serviço das minorias privilegiadas de sempre.

A direita anda desesperada como nunca a tínhamos visto, os grandes interesses consideram-se em risco e, em conjunto têm um projecto: onde cresce a esperança, espalham o medo; onde se forma a união, semeiam a chantagem; onde há sinais de mudança, tentam manter o *status quo*.

Querem fazer das presidenciais uma segunda volta das legislativas, querem uma desforra, querem vingança.

Perdida a maioria absoluta no parlamento, pretendem, pelo menos, manter o poder em Belém para, a partir daí, bloquearem qualquer processo de transformação.

A direita dos interesses está toda unida neste projecto. Está em plena contra-ofensiva. A contra-ofensiva de quem não quer perder os seus privilégios e quer proteger os seus interesses, de quem não concebe um mundo sem esses privilégios e serem eles a mandar. Os próximos tempos serão duros, temos de preparar-nos para isso. E uma forma de nos protegermos é garantir que temos na Presidência da República alguém que não dê cobertura aos ataques contra o país e contra a democracia.

A direita apresenta-se com um rosto mais civilizado, com um ar mais moderno e tolerante, mas não se iludam: quem procurou fazer da televisão um trampolim ao serviço da sua desmesurada ambição política, estará disposto a vender tudo e o seu contrário para atingir os seus objectivos. Contudo, a pauta é a mesma de sempre: profundamente conservadora no que respeita aos direitos e às liberdades individuais, profundamente subserviente à lei do mercado e do mais forte, profundamente covarde no que respeita à nossa soberania e à nossa relação com a Europa e com o Mundo. Esta continua a ser uma disputa entre as elites poderosas e a maioria do povo.

Candidato-me para ajudar a derrotar este projecto das elites. Porque a presidência da República, no nosso regime constitucional, é um dos centros nevrálgicos da definição do perfil do país que queremos. Não me candidato para fazer número, para animar a campanha ou para erguer a bandeira do partido.

Esta candidatura vem para somar e não para subtrair, vem para agregar, vem para mobilizar. Cada voto que esta candidatura conquistar à abstenção é um voto que põe a direita mais longe de Belém. Numa eleição a duas voltas, é a pluralidade que mobiliza e pode ser a unidade forçada que diminui.

Candidato-me para trazer uma alternativa popular para estas eleições, na convicção de que, numa República, são os votos que decidem quem é que vai estar na chefia do Estado.

A alternativa que eu represento não está refém de qualquer cumplicidade com o mundo dos negócios duvidosos que têm destruído o país.

Sou uma mulher de esquerda, assumo as minhas causas, e não tenciono fingir que sou neutra para conquistar simpatias. Não quero ser politicamente correcta, quero ser politicamente verdadeira.

Candidato-me partindo de uma premissa radical: é possível chegar à presidência sem a protecção do Espírito Santo. Nunca fui avençada do dito, em claro conflito de interesses com funções públicas na mesma área, e nunca festejei a passagem de ano no iate do Ricardo Salgado.

Serei uma Presidente de todos e todas as portuguesas, mas não esqueço o que se está a fazer aos mais pobres para salvar os bancos, não esqueço o que se está a fazer aos jovens para os fazer desistir do país, não esqueço o que se está a fazer às mulheres para que sejam sofredoras submissas, não esqueço o que se está a fazer aos trabalhadores para pagar salários miseráveis, não esqueço o que se está a fazer aos velhos para desonrar vidas inteiras de trabalho e de sacrifício. É em nome deste povo que sofre, mas que resiste, que me candidato.

Para concretizar e para levar mais longe aquela esperança tão bonita que um dia se viveu tão intensamente no mês de Abril e que hoje vemos de novo a brilhar nos olhos da nossa gente.

Essa esperança precisa de uma presidente próxima dos cidadãos, sem jogos nem calculismos eleitorais, independente das decisões dos estados maiores partidários e dos conselhos de administração das empresas, de ideias claras e bem definidas, que recuse sem hesitações nem malabarismos linguísticos a austeridade inútil imposta pela especulação financeira e pelos seus representantes europeus e internacionais.

Uma Presidente que ajude a meter a austeridade na gaveta, mas que tire da gaveta a Constituição. A Constituição é muito mais do que o sistema jurídico que institui, é na sua substância um projecto político para o país. E esse projecto é o de uma democracia inteira, tanto política como cultural, tanto económica como social.

Portugal precisa de regressar à Constituição, ao projecto de sociedade e de país que ela desenha: igualdade e coesão social, pleno emprego e trabalho com direitos, economia pública, estado social, democratização cultural, pluralidade informativa, independência e soberania, apostado em soluções pacíficas para os graves problemas do mundo.

Uma Presidente de todos os portugueses é uma Presidente que não está de costas voltadas aos problemas que enfrentamos, nem está curvada perante uma mão cheia de poderosos. Uma Presidente de todos os portugueses sabe que o poder tem de estar do lado dos cidadãos e das cidadãs.

Não podemos ter um Presidente indiferente ao que estão a fazer aos reformados e pensionistas, à destruição dos direitos constitucionais dos trabalhadores, à pobreza e ao desemprego, à destruição da nossa agricultura e das nossas pescas, à destruição do ensino público, à destruição do serviço nacional de saúde, à violência de género.

Não podemos ter um Presidente indiferente ao que estão a fazer aos reformados e pensionistas, à quebra do contrato que tinha sido estabelecido entre o Estado Português e esses cidadãos mais velhos.

Não podemos ter um Presidente indiferente à destruição dos direitos constitucionais dos trabalhadores.

Não podemos ter um presidente indiferente à pobreza e ao desemprego.

Não podemos ter um Presidente indiferente à destruição da nossa agricultura e das nossas pescas em nome do direito à concorrência das multinacionais.

Não podemos ter um Presidente indiferente à destruição do ensino público, em nome da liberdade empresarial dos negociantes da educação privada.

Não podemos ter um Presidente indiferente à destruição do serviço nacional de saúde no altar dos hospitais-empresa e dos negócios milionários das parcerias público-privadas.

Não podemos ter um Presidente indiferente à violência de género, que mata todos os anos em Portugal.

Não podemos ter um Presidente que acha que as mulheres devem ser condenadas quando decidem interromper a sua gravidez.

Não podemos ter um Presidente indiferente à defesa da habitação para todos, porque a habitação é um direito constitucional antes de ser um mero mercado de habitação.

Não podemos ter um Presidente que fique indiferente ao ver partir quase meio milhão dos cidadãos que jurou defender.

Não podemos ter um Presidente indiferente aos direitos de todos serem tratados com respeito e dignidade, sejam minoria ou maioria.

Defender a Constituição não pode ser um programa vago, sem conteúdo, nem apenas o respeito de meros prazos e procedimentos, é antes defender o seu conteúdo político

Tudo isto tem a ver com a essência da nossa Constituição e, portanto, com a função do Presidente da República. Defender a Constituição não pode ser um programa vago, sem conteúdo, nem apenas o respeito de meros prazos e procedimentos, é antes defender o seu conteúdo político.

Serei uma Presidente da República tão política quanto a Constituição o é na sua opção política de fundo, que não é de modo algum neutra em relação às questões essenciais. Não foi por acaso que, nos últimos quatro anos, a direita se dedicou tanto a atacar a Constituição.

II.

Candidato-me em nome da esperança de um país novo e justo.

Tudo farei para dar densidade à aliança da geração jovem, dita a ‘mais bem preparada de sempre’, e a geração dos seus pais e dos seus avós, que tanto investiram na preparação e no futuro dos seus filhos e netos.

A aliança entre estas duas ou três gerações está hoje a configurar um novo espaço e um novo tempo. Este é o tempo de dar as mãos e de agarrar o futuro, o tempo de perceber que a vida não tem de ser sinónimo de sofrimento. Este é o tempo de um Portugal novo, justo e solidário.

III.

Se dúvidas houvesse sobre a importância do Presidente da República, todas elas foram esclarecidas nas últimas semanas. O Presidente que temos em funções é o exemplo de quem usa o seu papel para defender a estabilidade dos seus no poder e não a estabilidade da vida dos portugueses. O Presidente que temos em funções tem sido um divisor, uma força de bloqueio da democracia. Precisamos de alguém que agregue em vez de dividir, que resolva em vez de complicar.

O Presidente que temos em funções é o exemplo de quem usa o seu papel para defender a estabilidade dos seus no poder e não a estabilidade da vida dos portugueses

Precisamos de uma Presidente de todos os portugueses e não de todos os mercados.

Precisamos de uma Presidente de todos os portugueses e não de todos os conselhos de administração das grandes empresas.

Precisamos de uma Presidente de todos os portugueses e não de todos os banqueiros.

Precisamos de uma Presidente independente dos interesses que atacam a nossa independência.

IV.

Conheço o país por dentro e conheço o país a partir de fora. Conheço bem o processo de transformação da União Europeia a que assistimos nos últimos anos. Vi-o a acontecer, confrontei os seus protagonistas, sei para onde nos querem levar e “sei que não vou por aí”.

Serei uma Presidente da República que não irá pactuar com a humilhação do país, porque isso é negar uma das competências mais fundamentais que é de ser o garante da independência nacional.

Sei que na Europa a regra é a da negociação e do compromisso, mas também sei que a negociação facilmente se transforma em imposição sempre que não se obedece aos ditames dos mercados contra o Estado Social.

Por isso, sei que só pode ter êxito numa negociação quem souber aliar à construção de compromissos a firmeza na defesa dos princípios. Lamentavelmente, isso tem faltado na posição institucional de Portugal em todas as negociações europeias. E isso tem que mudar.

V.

“Defender Portugal”, “defender o interesse nacional”, não são expressões vazias. Mas não é coisa que se faça só com discursos. Faz-se com tomadas de posição firmes e, isso, nos últimos dez anos, não vimos nenhuma. E tantas vezes foi necessário...

A Presidência da República não tem apenas a ver com um Portugal dentro de fronteiras, nem apenas com um Portugal dentro da União Europeia. Tem a ver também com a posição de Portugal no mundo. Num mundo cheio de injustiça e de guerras, comigo ninguém duvida que Portugal estará sempre, sempre ao lado da justiça e da paz.

Já corri muito mundo, já vi muitas coisas que não queria ver, já escutei muitas palavras que não queria ter escutado.

A indiferença das instituições portuguesas face ao drama escandaloso dos refugiados só é compreensível porque temos governantes e representantes que nunca se deram ao trabalho de ir directamente aos locais e falar directamente com quem sofre e conhecer que razões tão profundas tem alguém para decidir abandonar a sua terra, de se fazer ao mar e atravessar a Europa a pé, a empurrar a cadeira de rodas da sua mãe ou a trazer um bebé recém-nascido sujeito às intempéries e ao risco.

Nenhuma mãe ou nenhum pai arrisca a vida dos seus filhos em barcos de papel se esses barcos não forem mais seguros que o chão que pisavam antes.

Quem não conseguir compreender isto não é digno de ocupar a Presidência da República Portuguesa.

VI.

Num Portugal em mudança não podemos deixar a Presidência na mesma, num mero regime de continuidade, numa mera continuidade do regime.

Há uma forma diferente de fazer política. É essa diferença que vos proponho e é em nome dela que me candidato. Este é um momento de esperança, é um momento de sonharmos com um Portugal melhor,

de sabermos que isso está ao alcance da nossa mão. O voto de Janeiro é um instrumento deste sonho, é um passo no caminho desta esperança.

Num Palácio de Belém que cheira a bafio vai ser preciso abrir as janelas para entrar ar fresco. É a força da democracia que as vai abrir. É a vossa força.

[Marisa Matias | Apresentação da candidatura à Presidência da República 2016](#)

URL de origem: <https://www.esquerda.net/artigo/marisa-candidato-me-em-nome-da-esperanca-de-um-pais-novo-e-justo/39462>

Ligações:

[1] <https://www.youtube.com/watch?v=idiwX4L3xsk>

Anexo B.7.

TM6

DISCURSO DE APRESENTAÇÃO DE CANDIDATURA

BOA TARDE A TODAS E A TODOS!

AGRADEÇO TEREM A GENTILEZA DE AQUI VIR.

É PARA MIM UMA HONRA FAZER ESTA DECLARAÇÃO NA CASA DA IMPRENSA, DE HISTÓRIA TÃO RICA (JÁ VAI EM 115 ANOS) E OBRA LIGADA AO JORNALISMO, JORNALISTAS E OUTROS PROFISSIONAIS DA IMPRENSA. ANTES E DEPOIS DO 25 DE ABRIL, *ESTA CASA SEMPRE ACOLHEU QUEM SE BATE PELA LIBERDADE E DEMOCRACIA.*

ESSES SÃO DOIS TEMAS QUE AQUI ME TRAZEM HOJE, A DECLARAR-ME CANDIDATA ÀS PRÓXIMAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS.

DEVO DIZER QUE NÃO CONTAVA: DURANTE MESES E MESES ESPEREI QUE O MEU PARTIDO, O PARTIDO SOCIALISTA, APRESENTASSE UM CANDIDATO PRÓPRIO, SAÍDO DAS SUAS FILEIRAS OU DA SUA ÁREA POLÍTICA. SEMPRE DEFENDI ESSA IDEIA.

NÃO COMPREENDO, NEM ACEITO, A DESVALORIZAÇÃO DE UM ATO TÃO SIGNIFICANTE COMO A ELEIÇÃO PARA A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA.

TRATA-SE DO MAIS ALTO CARGO DO NOSSO SISTEMA SEMI-PRESIDENCIALISTA, SEGUNDO A CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA NÃO É ELEITO PARA GOVERNAR, TODOS O SABEMOS, MAS A CONSTITUIÇÃO ATRIBUI-LHE UM PAPEL VITAL NO EQUILÍBRIO DO SISTEMA POLÍTICO E PARTIDÁRIO. E A DEFESA DA CONSTITUIÇÃO, UM DOS PRIMEIROS DEVERES DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, TEM IMPACTE DIRETO NA VIDA DE TODOS OS PORTUGUESES.

COMO PODE O SOCIALISMO DEMOCRÁTICO NÃO PARTICIPAR NESTA ELEIÇÃO?

AINDA PARA MAIS, QUANDO VIVEMOS TEMPOS ESTRANHOS, DE GRAVE CRISE ECONÓMICA DESENCADEADA PELA CRISE SANITÁRIA DE IMPACTE GLOBAL, TEMPOS QUE ANUNCIAM DESEMPREGO, TENSÕES SOCIAIS E POLÍTICAS, MAIS DESIGUALDADES E MAIS INSEGURANÇA. HÁ APENAS DOIS DIAS O **SECRETÁRIO-GERAL DA ONU** RELEMBROU QUE O AQUECIMENTO GLOBAL, E CITO ANTONIO GUTERRES, “*É MUITO MAIS GRAVE DO QUE A PANDEMIA EM SI*” POR SER “*UMA AMEAÇA PARA O PLANETA E PARA AS NOSSAS PRÓPRIAS VIDAS*”. JÁ É UMA AMEAÇA!

SABEMOS QUE FORÇAS ANTI-DEMOCRATICAS ESPREITAM OPORTUNISTICAMENTE, POR DESÍGNIOS AUTORITÁRIOS QUE SÓ PODEM TRAZER REPRESSÃO E VIOLÊNCIA, COMO A HISTÓRIA ENSINA.

NÃO É POSSÍVEL TAMBÉM IGNORARMOS QUE UMA PARTE DO SISTEMA, VERTIDO NAS PRÓPRIAS INSTITUIÇÕES DA REPÚBLICA, SE DEIXOU CORROER, CAPTURADO POR INTERESSES FINANCEIROS, ECONÓMICOS E OUTROS - QUE NÃO REPRESENTAM, NEM SERVEM, O INTERESSE PÚBLICO GERAL.

VOLTAMOS, PORTANTO, À DEFESA DA LIBERDADE E DA DEMOCRACIA.

CONTRA AS DESIGUALDADES, CONTRA A DESUMANIDADE DE DESCARTAR OS MAIS VELHOS E A TACANHEZ DE NÃO FACULTAR OPORTUNIDADES AOS JOVENS, CONTRA A LENTIDÃO NA JUSTIÇA QUE SÓ SERVE A INJUSTIÇA, CONTRA A INIQUIDADE FISCAL, CONTRA A CORRUPÇÃO, A FROUXIDÃO NO COMBATE AO CRIME ECONOMICO E FINANCEIRO,

NÃO PODEMOS CONTINUAR A DEIXAR EMPURRAR CIDADÃOS PARA AS MARGENS, ENREDADOS NA CONVERSA DE FALSOS PROFETAS OU NA LETARGIA DA ABSTENÇÃO.

MILHARES E MILHARES DE PORTUGUESES DESILUDIDOS, QUE FORAM DEIXADOS PARA TRÁS PELA CRISE, PELO DESEMPREGO, PELA DOENÇA, PELA POBREZA OU PELA EXCLUSÃO, TÊM DE VOLTAR A ACREDITAR QUE A DEMOCRACIA VALE A PENA, QUE SÓ EM DEMOCRACIA E COM SOLIDARIEDADE ENTRE GERAÇÕES PODERÁ HAVER ESPERANÇA E PROGRESSO NESTE PAÍS.

POR ISSO, DEPOIS DE UM PERÍODO DE REFLEXÃO, DECIDI QUE NÃO DEVO, NEM POSSO, DESERTAR DESTE COMBATE PELA DEMOCRACIA. OS PORTUGUESES DECIDIRÃO.

REPRESENTO O CAMPO DO SOCIALISMO DEMOCRÁTICO, PROGRESSISTA: TENHO UMA HISTÓRIA DE EMPENHAMENTO CÍVICO E POLÍTICO, PESSOAL E PROFISSIONALMENTE, NOS PLANOS NACIONAL, EUROPEU E INTERNACIONAL. TENHO ABERTURA E CAPACIDADE PARA DIALOGAR, QUERO OUVIR TODOS OS QUADRANTES DEMOCRÁTICOS.

E CUIDO, SEMPRE CUIDEI E QUERO CUIDAR DESTE PAÍS: ACREDITO QUE TEMOS AS CONDIÇÕES PARA O TORNAR MUITO MELHOR, MAIS JUSTO E MAIS ACOLHEDOR PARA TODOS E PARA TODAS AS GERAÇÕES. SE MUDARMOS MÉTODOS E PRÁTICAS, SE CUIDARMOS DE MUDAR O QUE ESTÁ MAL E NOS IMPEDE DE IR MAIS LONGE.

SEREI POR ISSO CANDIDATA ÀS PRÓXIMAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS.

CANDIDATO-ME PORQUE ACREDITO QUE PORTUGAL PRECISA DE UMA PRESIDENCIA DIFERENTE.

DE UMA PRESIDENTE QUE DÊ GARANTIAS DE INDEPENDÊNCIA. QUE SIRVA O INTERESSE NACIONAL E NÃO TENHA MEDO, NEM PEIAS, DE IR

CONTRA INTERESSES INSTALADOS. QUE TRABALHE POR UM PORTUGAL MAIS INFLUENTE NA EUROPA E NO MUNDO. QUE TRABALHE CONTRA AS DESIGUALDADES, PELO REFORÇO DA SEGURANÇA COLECTIVA E PELO DESENVOLVIMENTO DAS CAPACIDADES E QUALIFICAÇÕES DOS PORTUGUESES, MAIS FAZENDO PELA SUSTENTABILIDADE DO PLANETA.

DE UMA PRESIDENTE QUE, RESPEITANDO OS LIMITES DA CONSTITUIÇÃO, ZELE PELOS DIREITOS DOS CIDADÃOS E ESTIMULE A SOCIEDADE CIVIL A ESCRUTINAR E PEDIR CONTAS A QUEM GOVERNA E DECIDE. UMA PRESIDENTE QUE COLABORE COM OS GOVERNOS, SEJAM DE QUE PARTIDO FOREM - SEM SE DEIXAR CONDICIONAR OU SER REFÉM DE AGENDAS PARTIDÁRIAS.

UMA PRESIDENTE LIVRE. LIVRE DE CUMPLICIDADES E DE COMPROMETIMENTOS, QUE SE EMPENHE PARA QUE AS INSTITUIÇÕES DA REPÚBLICA FUNCIONEM COM MEIOS ADEQUADOS, E COM MAIS EFICÁCIA, TRANSPARÊNCIA, INTEGRIDADE E MAIS SOLIDARIAMENTE - DO SERVIÇO NACIONAL DE SAÚDE, À ESCOLA PÚBLICA; DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, À JUSTIÇA; DA SUPERVISÃO BANCÁRIA E FINANCEIRA AO SISTEMA FISCAL; DAS POLÍCIAS ÀS FORÇAS ARMADAS, ETC...

CANDIDATO-ME PELA TRANSPARÊNCIA E PELA DEFESA INTRANSIGENTE DA LIBERDADE E DA DEMOCRACIA. A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA PODE E DEVE SER CENTRO DE CONVERGÊNCIA DA DIVERSIDADE E DO PLURALISMO.

A MINHA CANDIDATURA SERÁ ABERTA A MILITANTES DE TODOS OS PARTIDOS DEMOCRÁTICOS E A TODAS AS PESSOAS QUE, NÃO TENDO ACTIVIDADE POLÍTICA, SE IDENTIFICAM COM AS CAUSAS QUE DEFENDO. PELO PORTUGAL MELHOR E MAIS JUSTO QUE PODEMOS SER.

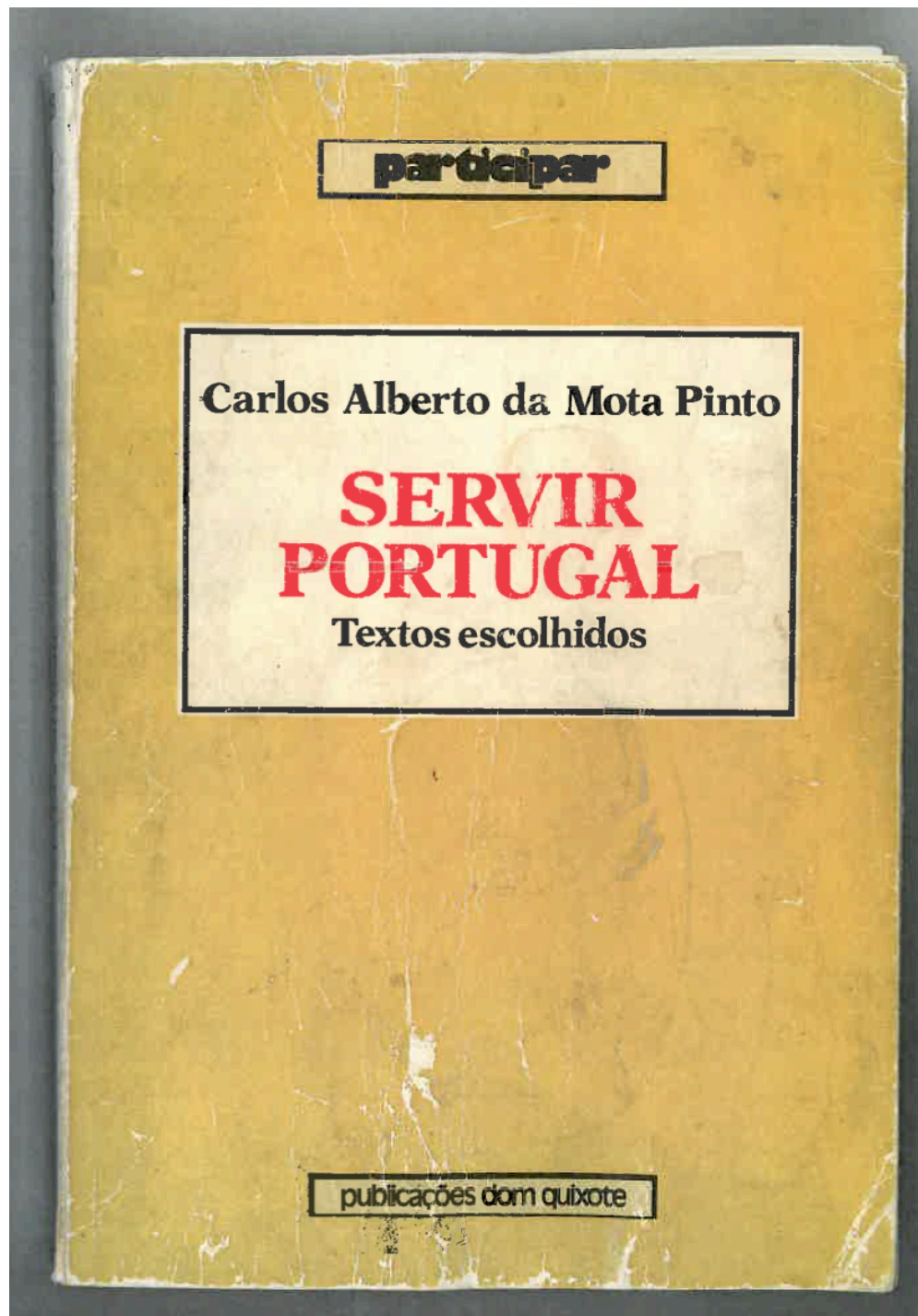
ACEITO TODOS OS APOIOS PELA DEMOCRACIA. NÃO ACEITO COMPROMISSOS, NEM COMPROMETIMENTOS, QUE A PONHAM EM CAUSA.

MUITO OBRIGADA.

ESTAREI DISPONÍVEL AGORA PARA ALGUMAS PERGUNTAS, NOS PRÓXIMOS 30 MINUTOS.

Anexo B.8.

TH1



CARLOS ALBERTO DA MOTA PINTO

SERVIR PORTUGAL
Textos escolhidos

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE
LISBOA
1986



4 de Dezembro de 1978

*Discurso proferido na Assembleia da República, quando da
apresentação do programa do Governo.*

Senhor Presidente da Assembleia da República,
Senhores Deputados:

Indigitado Pelo Senhor Presidente da República para formar Governo, procedi à constituição do respectivo elenco governativo. Em 22 de Novembro empossou o Senhor Presidente da República os Ministros, e em 29 de Novembro os Secretários e Subsecretários de Estado, constantes das propostas de nomeação que lhe fiz e que Sua Excelência sancionou.

Ficou o Governo, desde logo, através desta manifestação de positiva confiança, por parte de quem desfruta de directa e universal legitimidade democrática, investido na plenitude da competência própria dos Governos da República e dotado, assim, de legitimidade constitucional.

Ao ter a subida honra de proferir, perante a Assembleia da República — órgão de soberania com perfeita legitimidade democrática — esta declaração inaugural da apreciação do Programa do Governo, viso obter a permissão indispensável para o prosseguimento da vigência do mesmo, na plenitude da sua competência, até ao termo da presente legislatura.

Tudo no interesse do País

Senhor Presidente da Assembleia da República,
Senhores Deputados:

A discussão desse Programa, e a sua eventual rejeição ou não rejeição, decorrerão nos próximos dias sob a atenção vigilante do País, que ansia, pela estabilidade e continuidade governativas, necessárias ao ataque eficaz dos males que o afligem. O Governo crê que tal discussão se processará na franqueza e lealdade que os órgãos de soberania reciprocamente se devem na convicção de que a mesma visará apenas a elucidação serena das questões a debater, tudo no interesse do País, eventualmente, mesmo, com o sacrifício de interesses parcelares. E acredita que assim seja, antes do mais, pelo interesse de um País que a todos nos enlaça por um substrato cultural comum, por tradições comuns, por uma História comum, por um destino colectivo comum — País que todos devemos continuar. Mas acredita, também, que assim seja pela necessidade de fortalecer o regime democrático, no que ele encerra de respeito pela pessoa humana, na

147

A necessidade de defender a democracia

Senhor Presidente,
Senhores Deputados:

Nesta mesma sala, em 1975, durante um período dramático da nossa vida colectiva — período que alguns, pelo seu triunfalismo, parecem já esquecer, período que outros, ingenuamente, parecem apagar — quando todas as leis democráticas, quando todos os partidos democráticos, quando todas as instituições democráticas sofriram um cerco que se afigurava mortal, tive o privilégio de combater o totalitarismo, alheio a preocupações sectárias, visando encurtar distâncias entre todos os que podiam convergir na defesa da liberdade.

Hoje, na mesma sala, embora noutra bancada, presidindo a um Governo cuja orientação e responsabilidade política, nos termos constitucionais, me competem, ouso advogar, com o mesmo espírito e idêntico propósito, a necessidade de fortalecer a democracia.

É que a análise lúcida da situação económica, marcada por elevados défices da balança de pagamentos e do Orçamento Geral do Estado, por elevados saldos negativos de grandes empresas do sector público, por insuficientes condições para o investimento privado, interno e externo, por uma forte inflação, por um preocupante número de desempregados, por uma situação cambial equilibrada graças ao crédito externo, forçava-nos a convir ser frágil o suporte material da democracia.

E se a isto acrescentarmos a persistência de uma campanha de agitação, quer veiculada pela reivindicacão impossível de satisfazer, quer pela morbidez de um saudosismo de uma era que irrevessivelmente findou, e a própria confusão ideológica e verbalista em que, a nosso ver, a democracia se tem deixado enlear, fácil será reconhecer quão perigoso é o desencanto que vai invadindo o povo português, tão disponível para abraçar e sustentar o regime idealizado pelo 25 de Abril. Regime idealizado pelo 25 de Abril e quase comprometido pela perverção totalitária que, desde cedo, o seguiu.

Por isso, na perspectiva do Governo, o fortalecimento do regime democrático, tem de ser prosseguido consequentemente e sem demora. É só-lo-à, robustecendo as Instituições e o Estado Democrático, não tergiversando na applicação das suas leis, disciplinando o trabalho, reduzindo os défices orçamentais, melhorando as condições para o investimento privado e para a eficácia e credibilidade do sector público, corrigindo a situação de injustiça relativa em que se encontram certos grupos da sociedade portuguesa, reforçando uma acção de persistentemente elucidação ideológica do que é e não é a própria regra de conduta democrática e respondendo, sem receios, a todos os que a desafiam.

É, pois, a nosso ver, pelos caminhos do realismo, do equilíbrio, da justa medida, que podemos enfrentar os desafios da hora presente. É com esse espírito, no respeito pela Constituição e pelas leis, que podemos alcançar o reforço da consistência de identidade nacional, o desenvolvimento integral da persona-

149

sua dimensão individual e social, no que ele possibilita de coexistência de todos, no que ele anuncia da justiça social, concebida, não como bandeira de agitação conducente ao domínio de novas ou velhas oligarquias, mas como imperativo ético de fraternidade.

Senhor Presidente,
Senhores Deputados:

Merecem destaque, neste momento, quatro aspectos atinentes à constituição do Governo e à sua circunstância.

Quatro aspectos atinentes à constituição do Governo

Eis o primeiro. Este Governo, surgido num período em que, a adicionar à crise económica e social, se mantinha uma crise institucional, gerada unicamente por indesejáveis distanciamentos partidários, entendeu não dever recitar fórmulas de coligação disfarçada que a ninguém — nem aos partidos, nem à democracia, nem ao próprio País — favoreciam. Por isso foi constituído por personalidades desvinculadas de partidos políticos (com excepção de uns poucos cargos de natureza marcadamente executiva e subordinada à orientação política do Conselho de Ministros e do Primeiro-Ministro), personalidades que se prontificaram a prestar, através da sua elevada qualificação técnica, um relevante serviço à democracia.

Eis o segundo. Se este Governo se propõe uma acção presumível até 1980 e não apenas até à realização, aliás hipotética, de eleições intermédias, entende, todavia, que a preparação e o aprontamento dos mecanismos eleitorais é um compromisso do seu Programa e uma norma da sua actividade, para não privar a ordem democrática de instrumentos essenciais ao seu funcionamento pleno.

Eis o terceiro. O Governo manifesta, solenemente, uma firme vontade de cooperação leal e fecunda, nos termos constitucionais, com os demais órgãos de soberania: Presidente da República, Conselho da Revolução, Assembleia da República e Tribunais. E nesta vontade de cooperação, ao serviço da unidade nacional, da democracia e dos legítimos interesses da população, estão também enlaçadas as instituições autonómicas do Poder Regional e os órgãos do Poder Local.

Eis o quarto. Foi preocupação presente na formação do Governo a inclusão, no seu elenco, de personalidades inseridas em meios socioprofissionais de variados pontos do território português. Assim se espera, ao nível do Executivo, uma maior aproximação entre o conteúdo da prática governamental e as concepções, ansiosas e práticas do Todo português.

148

lidade dos portugueses, mediante formas de uma liberdade mais plena e responsável, apontada também para uma verdadeira democracia económica, o desenvolvimento material e a qualidade de vida, a realização, gradual e efectiva, da justiça social.

O País de todos ajuizará

E como a ética tem de presidir à apreciação das condutas humanas, não queremos, porque não devemos, com o exposto, ignorar tudo o que de positivo foi realizado pelos Governos Constitucionais antecedentes. Somente nos parece que tudo foi ainda insuficiente, dado, entre outras coisas, o estado de desmantelamento em que encontraram o País.

Não rejeitado o Programa, no termo deste debate parlamentar, o Governo interpretará a sua vigência como assente numa base de consenso, ao menos tácito, ainda que com diversas motivações. E esta ideia de consenso animará a sua actividade futura, quer accitando — como é seu dever constitucional — os mecanismos de fiscalização e censura desta Assembleia, quer não renunciando a ajuizar da oportunidade da apresentação de uma moção de confiança, quer considerando as consequências que, por coerência elementar, para ele podem advir de modificações legislativas introduzidas pelo Parlamento.

Por tudo, o Governo aguarda com a tranquilidade de quem não ambiciona o Poder mas de quem não se exime ao cumprimento de um dever, a decisão da Assembleia da República. Visa realizar, assente numa plataforma das democracias, uma política que considera servir os altos interesses da Pátria e da democracia — e na sua realização nada nem ninguém o fará vacilar, se da Assembleia lhe advier o resultado da não rejeição do seu Programa.

O debate parlamentar, que hoje se inicia, contribuirá, também, e nisso queremos participar, para a dignificação dos partidos políticos democráticos.

VV. Ex.^{as}, senhores Deputados, ajuizarão de nós.

O País de todos ajuizará.

TH2

**INTERVENÇÃO NA POSSE DO
PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA
JAIME GAMA
16.03.2005**

1. Saúdo os Deputados da X Legislatura e formulo votos para o bom êxito dos nossos mandatos ao serviço do país na pluralidade da representação nacional.

Agradeço, em nome dos meus colegas e no meu próprio, a confiança que em nós acaba de ser depositada para exercer funções na Mesa e no Conselho de Administração da Assembleia da República.

Cumprimento de modo especial o Presidente cessante, Mota Amaral, meu conterrâneo, louvando a forma digna, independente e democrática com que durante três anos conduziu o Parlamento. Em breve,

ao descerrarmos o seu retrato na galeria dos antigos Presidentes, teremos a oportunidade de homenagear a sua longa, perseverante e desinteressada, se bem que não encerrada, carreira política em prol dos seus ideais de sempre e do serviço à causa pública.

Inspirado nos ensinamentos dos que me antecederam neste lugar, procurarei exercer com sobriedade, eficiência e sentido de equilíbrio a missão em que acabo de ser investido.

Não posso dizer que a actividade parlamentar me seja estranha. Candidato obviamente sem sucesso em 1969, pela CEUD de Lisboa, eleito e reeleito desde há 30 anos como Deputado da democracia – sempre pelo PS, primeiro pelos Açores, em 1975, e, depois de 83, por Lisboa – tive a honra de presidir a várias Comissões e ao meu próprio Grupo de Deputados, bem como de integrar algumas delegações internacionais da Assembleia na galáxia da chamada diplomacia parlamentar contemporânea. A minha primeira comparência neste hemiciclo – e assim cumprimento a bancada

da imprensa – data, aliás, do início dos anos setenta, era eu jovem jornalista de um periódico livre – tão obstinadamente livre quanto modestamente artesanal –, o “República, para assegurar a cobertura da ala liberal.

2. A X Legislatura emana de um acto eleitoral expressivamente concorrido. É, assim, uma Legislatura de reafirmação de confiança nas instituições representativas, não uma Legislatura de crise de identidade quanto à leitura política do abstencionismo, da indiferença ou do desânimo.

Suprindo deficiências do sistema eleitoral, que espero ver corrigidas antes do final da Legislatura, os portugueses endossaram uma solução política de maioria absoluta de um só partido – o que só aconteceu em 87 e 91 -, e mesmo assim após uma experiência governativa habilitadora, abandonando opções minoritárias, de aliança pré-eleitoral ou de anunciada coligação pós-eleitoral.

Que grande mudança. Que enorme responsabilidade.

Responsabilidade para o Governo e para o partido que o apoia, na precisão de objectivos, na calendarização de reformas e medidas, na definição do método governativo adequado, no diálogo com a opinião pública. Responsabilidade para a oposição, na estruturação da crítica, na definição de alvos diferenciadores, na construção de alternativas politicamente sufragáveis aos olhos do eleitorado.

A X Legislatura, tal como as eleições de 20 de Fevereiro, será, estou certo disso, saudavelmente polarizada. Como quer a boa governação, isto é, a boa democracia, que igualmente reclama boa oposição.

3. O Parlamento, na nossa Constituição um dos dois Órgãos de Soberania eleitos directamente pelo Povo, robustece a sua afirmação no espaço público sempre que é capaz de reencontrar o essencial das suas funções, as quais obviamente são algo mais do que um terreno frívolo para

obtenção de informação privilegiada sobre a vida interna dos partidos ou para facilidades logísticas multiusos ao dispor da primeira promoção expedita.

Não sou adepto de grandes chavões e por isso não invocarei qualquer grandiosa reforma do Parlamento, porque sei onde sempre chegam – e não muito longe – os chamados pacotes grandiloquentes sobre reformas globais dos sistemas políticos. Mas bater-me-ei por modificações consequentes, que assegurem à Assembleia da República protagonismo crescente e responsável na nossa arquitectura constitucional.

4. Protagonismo, em primeiro lugar, no exercício da função legislativa.

Caberá, aqui, ao Governo e aos Grupos Parlamentares um papel motor. Espera-se, por isso, que todos tenham a noção de que, mais do que legislação avulsa, há que procurar estabelecer, em agregados coerentes, os grandes conjuntos legislativos, susceptíveis de ser debatidos e votados, nas áreas prioritárias onde se impõem as reformas

modernizadoras de que o país carece para vencer os desafios mais exigentes. Aguarda-se que essas leis devam ir ao encontro das necessidades gerais do país e não de aspirações particulares deste ou daquele grupo de interesses, por mais legítimos que sejam, mas insusceptíveis de exprimir o interesse de todos. E, sobretudo, deseja-se que essas leis devam ter substância jurídica e não obedecer a rituais declaratórios sem qualquer eficácia.

A definição das grandes prioridades legislativas e, até, da sua sequência temporal, durante cada sessão legislativa e ao longo da própria Legislatura, constituem um imperativo da modernidade inerente ao bom funcionamento das instituições.

5. Em segundo lugar, protagonismo parlamentar quanto à fiscalização do Executivo.

Havendo um Governo com maioria absoluta, e, portanto, sem entraves à aplicação do seu programa, compreende-se que o Parlamento seja chamado a um papel simultaneamente de

viabilização racional dessas políticas – para isso há uma maioria parlamentar – mas com respeito e observância pelo papel das minorias, assim chamadas, em democracia, não só ao direito mas até ao dever e ao prazer de oposição. Os debates mensais com o Primeiro-Ministro, a presença assídua do Executivo em Plenário e nas Comissões, as interpelações, perguntas ao Governo e debates sobre assuntos de relevante interesse nacional, a ratificação de Decretos-Leis, os requerimentos, as audições e as comissões de inquérito – que urge credibilizar - ganham, assim, especial relevo, não tanto como factores de criação de eventos políticos com algum impacto e sem grande consequência, mas como instrumento continuado de controle – freio e contrapeso – do Governo. É doutrina com a qual todos temos que ser coerentes, estejamos onde estejamos, ontem, hoje ou amanhã, no Governo ou na oposição, na oposição ou no Governo, pois só essa atitude faz radicar as nossas convicções no cerne de uma cultura democrática assente na liberdade do espírito.

6. Protagonismo da Assembleia da República, em terceiro lugar, no que toca ao debate político, à discussão de pontos de vista, à aferição do confronto democrático entre ideias alternativas, à iniciativa de referendos. A Assembleia deve, por isso, ter sempre presente que, enquanto único Órgão de Soberania completamente transparente no que respeita à visualização do seu processo de decisão, só beneficia com a qualidade do debate, sendo certo que a qualidade do debate será sempre avaliada pela qualidade das ideias em debate. É no Parlamento que deve residir o centro por excelência de afirmação do valor próprio dos projectos e das propostas de cada corrente política, caso contrário não racionalizaremos nunca a competição política no quadro das instituições representativas e desvitalizaremos a democracia sem honra nem glória. Estou certo de que, a par da experiência acumulada dos reeleitos, a entrada de novos e novas Deputadas no hemiciclo contribuirá para trazer à vida política nacional um acréscimo de

qualidade de que todos beneficiaremos, nomeadamente quanto a fazer coincidir a agenda parlamentar em sentido amplo com a agenda dos verdadeiros problemas nacionais e das alternativas em aberto para a sua solução.

7. O reforço do papel do Parlamento português não dispensa, naturalmente, o reforço das condições de exercício da sua actividade tendo em conta as exigências de uma sociedade, de uma economia e de uma inserção externa como as actuais. Por isso, há dois domínios particulares em que se impõe o reforço da assessoria técnica às competentes Comissões Parlamentares.

Um é o da área europeia, em que cada vez mais os Parlamentos nacionais são chamados a exercer, individualmente, ou até em grupo, funções de alerta precoce quanto a medidas legislativas provenientes dos órgãos da União Europeia. Outro, é o vector orçamental e de controle das contas públicas, em que a rapidez da transmissão de dados e a capacidade da sua aferição se tornam pedra de

toque de um eficaz controle parlamentar em ponto fulcral da acção governativa. São duas prioridades da eficiência parlamentar que não descurarei, pois delas depende igualmente a eficiência institucional do nosso País para adquirir ganhos de produtividade na concorrência institucional europeia. A continuação da expansão das novas tecnologias de informação e comunicação será um precioso suporte para a modernização da actividade parlamentar a todos os níveis e sei que para isto mesmo podemos contar com o profissionalismo dos serviços da Assembleia da República, abertos à inovação, conscientes do papel continuado da formação e com qualificados funcionários cumpridores dos seus deveres. Daqui os saúdo consciente de que contaremos com o seu inexcedível labor ao longo da Legislatura que agora se inicia.

8. O respeito pela separação de poderes não nos leva a considerar o Parlamento um ente à parte na economia da Constituição. Reafirmamos, por isso, o desejo de uma sábia cooperação institucional

com os demais Órgãos de Soberania, o Presidente da República, o Governo e os Tribunais, bem como com outras altas instâncias do Estado democrático, as Regiões Autónomas e as autarquias locais. Em relação a todos nos move um propósito de diálogo permanente ao serviço dos necessários equilíbrios e consensos por que se pautam a vida democrática e a política civilizada em que acreditamos e que gostamos de praticar.

Razões de calendário e de pressão de calendário levam-nos a fazer arrancar a X Legislatura com a única solenidade do trabalho normal, conscientes também da necessidade de adequar o nosso estilo de funcionamento a requisitos sóbrios de eficácia, consentâneos com o período que atravessamos na comunidade nacional e com as dificuldades e carências sentidas no quotidiano por tantas e tantos portugueses. Não deixaremos, porém, de celebrar, no próximo 25 de Abril, e de modo condigno, o 30º aniversário da Assembleia Constituinte, convidando os que nela participaram a reunir-se connosco nesse dia para

recordar etapas inesquecíveis da edificação do nosso sistema democrático.

Estou certo de que nesta Câmara pessoalmente todos nos respeitamos, respeitamos as nossas perspectivas políticas diferenciadas, saberemos assumi-las com vigor, mas igualmente saberemos pactar um consenso quando for caso disso e o interesse nacional o aconselhar, reconhecer - e recordar – o mérito de um adversário, distinguir entre o efémero da refrega e o essencial do compromisso político, em suma, conviver com civilidade e argumentar com vida. Estou certo de que vamos trabalhar bem e a bem de Portugal.

Anexo B.10.

TH3

Manuel Braga da Cruz

OS DIAS DA UNIVERSIDADE e outras intervenções

Lisboa **Universidade Católica Editora** 2012

I. Posse do cargo de Reitor¹

Entendeu o Magno Chanceler da Universidade Católica Portuguesa, depois de cumpridas as disposições estatutárias de consulta aos seus órgãos superiores, propor à Congregação da Educação Católica, com a anuência da Conferência Episcopal Portuguesa, o meu nome para as funções de Reitor. Depois de uma sequência ilustre de membros do clero religioso e diocesano à frente dos destinos desta Universidade – iniciada pelo saudoso P. Bacelar e Oliveira –, que tão decisivamente contribuíram para o seu lançamento, expansão e consolidação, chegou o momento de chamar os leigos a esta responsabilidade.

Este apelo ao laicado não significa menor afirmação da identidade católica da Universidade, nem qualquer enfraquecimento da sua ligação à Igreja, ao serviço da qual quer continuar, em estreita ligação com a hierarquia e com o Magno Chanceler. Quer antes traduzir preocupação por uma maior inserção da Universidade na sociedade portuguesa, para melhor corresponder às necessidades do desenvolvimento científico e cultural do país. É por isso um apelo que não responsabiliza só pessoalmente o Reitor, mas institucionalmente toda a Universidade.

Comigo tomam posse como Vice-Reitores a Prof. Doutora Maria da Glória Garcia, da Faculdade de Direito, e o Prof. Doutor P. Carlos Moreira de Azevedo, da Faculdade de Teologia e director do Centro de Estudos de História Religiosa. Pela primeira vez, assume funções na Reitoria uma mulher, traduzindo assim o papel crescente que, nas instituições universitárias e na Igreja, à semelhança do crescente protagonismo na sociedade, vão tendo as mulheres, nomeadamente as que pelo seu esforço e mérito se afirmam social e culturalmente. A ambos agradeço a colaboração que aceitaram dar à Universidade, com manifesto sacrifício das suas vidas académicas e pessoais, agradecimento que é extensivo a todos os que de algum modo ficam também sacrificados com esta escolha, entre os quais a diocese do Porto, a cujo prelado ficamos a dever a compreensão que possibilitou a saída de um dos membros mais valiosos do seu clero.

Para presidir ao Conselho de Gestão Financeira, aceitou dar-nos a sua colaboração, como Pró-Reitor, o Dr. José Alberto Tavares Moreira, conhecida figura de administrador público e privado de instituições financeiras,

¹ Lisboa, 12 de Outubro de 2000.

a quem agradecemos igualmente ter aceite voltar à Universidade onde já há alguns anos leccionou no início da sua vida académica.

Sucedo nas funções de Reitor ao Prof. Doutor Manuel Isidro Alves, a quem a Universidade Católica fica a dever muitos anos de dedicação, e a quem quero dirigir a minha primeira palavra de gratidão, que exprimo não apenas em nome individual, mas também em nome de toda a Universidade. Ao deixar a Reitoria, o Prof. Doutor Manuel Isidro Alves lega à Universidade, e a todos nós que nela trabalhamos, um testemunho de empenhamento institucional que permanecerá como exemplo para os que tivemos a honra de com ele colaborar.

Este agradecimento, estendemo-lo a todos os Senhores Vice-Reitores que também hoje cessam funções, merecedores também da nossa estima e reconhecimento, e que estamos certos continuarão a dar à Universidade, embora noutras funções, a colaboração destes últimos anos.

Esta investidura do laicado no governo da Universidade Católica ocorre em tempos que se afiguram de grande transformação do Ensino Superior e universitário em Portugal, numa época caracterizada não já pela expansão que marcou as décadas anteriores, mas pela retracção na procura de formação superior graduada. Apesar do esperado e desejado aumento de escolarização superior e universitária em Portugal, o número de alunos em graduação universitária vai diminuir no nosso país, por razões de decréscimo demográfico. Esta diminuição da procura de formação superior graduada tem vindo a ser acompanhada por um aumento da oferta pública de ensino superior pelo Estado, quer universitária quer politécnica, afectando mais ainda a capacidade da oferta de ensino superior não oficial, quer privada quer concordatária.

A ausência de concorrência paritária, pela enorme desproporção de preços de frequência dos diferentes subsistemas de ensino, cria dificuldades de afirmação e de qualificação ao ensino não estatal, ameaçando mesmo relegá-lo para um lugar residual no sistema de ensino.

A esta dificuldade conjuntural, acresce a persistência, em vastos sectores da sociedade portuguesa, de uma mentalidade estatizante que, se noutras áreas tem vindo a ser ultrapassada pela evidência da importância de uma sociedade forte para o desenvolvimento da cidadania e pela demonstração positiva de resultados, persiste contudo em se manter no domínio da educação. Para muitos prevalece ainda a ideia de que deve competir prioritariamente ao Estado e não à sociedade civil a educação dos cidadãos, e que

o direito à educação deve ser preenchido antes de mais pelas instituições oficiais do Estado.

Para nós, a quem os Papas e os Bispos lembram incessantemente o direito e o dever prioritário à educação da sociedade, e nela das famílias, bem como o princípio da subsidiariedade, em boa hora tornado princípio orientador da União Europeia, pelo Tratado de Maastricht, e consagrado na nossa Constituição como princípio de organização e funcionamento do Estado, a liberdade de ensino está ainda longe de ser uma realidade em Portugal.

Ao constatar-mos que os sistemas de ensino que maior vitalidade demonstram, e que maior poder de atracção internacional revelam, são precisamente os sistemas menos estatizados e onde a liberdade de ensino mais é respeitada e incentivada, não podemos deixar de formular ardentes votos para que também entre nós se dêem passos no sentido de reforçar a iniciativa privada no domínio da educação, como meio não só de melhor responder às necessidades educativas do país, mas também como meio de mais reforçar a sociedade civil entre nós.

Não tem sido essa a orientação da mais recente Legislação do Ensino Superior em Portugal que traduz, pelo contrário, uma concepção que se julgava já definitivamente ultrapassada com a revisão constitucional de 1982, de subalternidade do ensino particular em relação ao ensino estadual. A Lei de Organização e Ordenamento do Ensino Superior, recentemente publicada, estabelece de novo o primado do ensino público, ao entender o ensino particular como supletivo do público, e os contratos-programa do Estado com o ensino particular como meramente transitórios, justificáveis apenas enquanto subsistirem as carências do serviço público. Ora o serviço público de educação não é exclusivo do ensino oficial do Estado, mas pode e deve ser desempenhado também pelas instituições privadas. Por isso nos congratulámos com a celebração do primeiro contrato-programa com o Ministério da Educação, e fazemos votos para que novos contratos venham a ser estabelecidos, não apenas com a Universidade Católica mas com outras instituições privadas de Ensino Superior.

Esta conjuntura de retracção da procura de ensino universitário graduado, e de extensão da oferta pública, que atravessamos, não é pois de expansão mas de reorganização. Obriga antes de mais a um redobrado esforço de racionalização, que passa pela compreensão das novas necessidades de formação, não só graduada mas sobretudo pós-graduada, e das novas necessidades de formação contínua e de formação à distância, por uma crescente

qualificação científica e pedagógica dessas formações, por um novo e mais adequado relacionamento entre a Universidade e a sociedade. Tudo isto pede uma maior capacidade de adaptação, uma maior atenção à evolução da sociedade, dos seus mecanismos e das suas necessidades, uma maior articulação com as actividades económicas, sociais e culturais.

Na base de toda esta transformação não pode deixar de estar o reforço da investigação científica e o aprofundamento do conhecimento, base de toda a prestação de serviços académicos à sociedade. Uma Universidade sem investigação científica, fundamental e aplicada, negar-se-á a si própria e ver-se-á incapacitada a prazo de satisfazer convenientemente os seus compromissos sociais. Essa investigação deve pautar-se pelos mais exigentes padrões de exigência e rigor internacional, de maneira a permitir a afirmação internacional dos nossos académicos. E, sem prejuízo da liberdade individual de descoberta e de criatividade, não pode deixar de ser socialmente orientada, atenta às prioridades do desenvolvimento, precisamente porque são escassos os recursos que a ela podem e devem ser destinados.

No entanto, a Universidade deve preocupar-se igualmente com a preparação dos seus alunos para o ingresso no mercado de trabalho. A credibilidade da Universidade também depende da capacidade de afirmação profissional dos seus graduados. Nesse sentido não podemos descuidar o convite a qualificados profissionais para integrarem o nosso corpo docente, nomeadamente em matérias de forte aplicação técnico-profissional.

A Universidade Católica, atenta aos desafios que se colocam ao ensino superior, não pode pois deixar de procurar continuar a qualificar científica e pedagogicamente o seu ensino. Para essa qualificação muito pode contribuir o sistema de avaliação em que estamos inseridos, com o qual desejamos colaborar mais intensamente, e que esperamos possa a prazo permitir que o mérito e a qualidade venham a ser premiados e incentivados, mesmo em termos financeiros.

Os tempos não são seguramente de expansão, e por isso a Universidade Católica deve procurar continuar a consolidar institucionalmente as suas unidades com a formação de um corpo docente próprio, preparado pedagogicamente e empenhado cientificamente. Mas não deve deixar de estar atenta às novas necessidades de formação universitária que a sociedade portuguesa lhe apresenta, sob as mais variadas formas: quer necessidades de profissionais em certos domínios, quer necessidades de inovação pedagógica nalgumas áreas científicas, ou de elevação científica de algumas formações. Queremos continuar a servir, de maneira diferente e melhor,

as necessidades de formação profissional universitária da sociedade portuguesa, as necessidades de formação cultural e espiritual, as necessidades de investigação científica. Queremos em suma ser mais Universidade.

A identidade católica da Universidade obriga-nos, por seu turno, a uma maior exigência mas também a uma maior abertura. Queremos continuar a ser uma universidade de elite mas aberta a todos, e de modo especial aos mais desfavorecidos e carenciados. Queremos continuar a ser uma Universidade onde ninguém deixe de entrar por dificuldades económicas. Queremos continuar a ser uma Universidade solidária, em especial com os povos dos países de expressão portuguesa.

Queremos constituir uma comunidade universitária, continuando a ostentar a forte identidade que todos nos reconhecem, traduzida na dedicação entusiasta de todos os que aqui trabalham, e que surpreende quem nos visita, queremos manter e desenvolver o clima inigualável de convivência e cooperação entre alunos, funcionários e professores que nos caracteriza. Queremos que toda a nossa actividade seja perspectivada pela mundividência cristã e pelos valores do evangelho. Queremos em suma que a Universidade seja cada vez mais Católica.

Queremos, por último, que a Universidade Católica seja cada vez mais portuguesa. Somos uma universidade nacional, espalhada pelo país, por vontade da Igreja, que assim a instituiu. E não vislumbramos razões para deixar de o ser. Pelo contrário, a diversidade regional tem enriquecido a Universidade que, por sua vez, tem deste modo podido servir a sociedade portuguesa, e de modo especial zonas mais afastadas dos grandes centros. Esta descentralização da Universidade, feita com o apoio das unidades mais antigas, tem permitido a progressiva consolidação de novas unidades que nunca se teriam afirmado sozinhas.

Para manter esta unidade nacional temos porém que reforçar a coesão interna da Universidade, enfrentando naturais problemas de crescimento. Os já longos anos de existência da Universidade possibilitaram a crescente afirmação de Centros Regionais, que sentem necessidade de maior autonomia de organização e funcionamento, e a quem é de justiça reconhecer o contributo que deram para o engrandecimento da Universidade. A essa legítima aspiração acresce pois a necessidade de maior responsabilização. É nossa intenção, nesse sentido, vir a chamar mais frequentemente os presidentes dos vários Centros espalhados pelo país à co-responsabilidade do governo geral da Universidade. Trazer as autoridades periféricas ao centro contribuirá, assim esperamos, para o reforço e partilha de uma visão global

mais difusa pelas partes da Universidade e para potenciar as vantagens desta dimensão alargada.

De um modelo desconcentrado, dominante até aos nossos dias, convém aproximar-nos de um modelo mais federado de Universidade, que já os nossos fundadores admitiam prospectivamente.

Toda a reflexão que conjuntamente teremos que fazer para nos ajustarmos às mudanças que os tempos foram produzindo na realidade da Universidade terá que ser orientada pela preocupação, que, de todos os lados é intensamente sublinhada, de fortalecer a unidade da Universidade – tão necessária quanto do exterior não falta quem nos deseje divididos e enfraquecidos – e no respeito pela nossa especificidade institucional.

Somos uma Universidade criada ao abrigo da Concordata assinada entre o Estado português e a Igreja Católica, e dessa Concordata auferimos o direito que nos assiste de liberdade de organização e de funcionamento, no respeito aliás da autonomia universitária em face dos poderes públicos. Essa autonomia tem-se revelado positiva, possibilitando que a Universidade Católica se tenha vindo a afirmar com os anos, junto da opinião pública e do mundo universitário português e estrangeiro, como uma Universidade de credibilidade confirmada, como uma Universidade que tem prestado ao país relevantes serviços, a começar pela formação de muitos dos seus dirigentes políticos, económicos, sociais e culturais, e pela formação de não poucos dos professores doutorados de outras Universidades públicas. Não divisamos motivos que aconselhem a que assim deixe de continuar a ser.

Esta singularidade nunca nos colocou fora do sistema de ensino superior vigente em Portugal, antes tem permitido uma inserção de colaboração leal e franca, quer com as Universidades de Estado, que nos convidaram para integrar o Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas, e com muitas das quais mantemos protocolos de cooperação, quer com Universidades privadas, nacionais e estrangeiras. Somos por isso defensores de que esta colaboração com Universidades públicas e privadas se desenvolva, sem prejuízo da identidade e da singularidade que nos é própria. Se nos aproxima das Universidades públicas o sermos uma instituição sem fins lucrativos, claramente votada ao serviço público, temos em comum com as Universidades privadas a dependência do mercado universitário e das propinas que nos pagam os nossos alunos e dos serviços que prestamos à sociedade. Mas singulariza-nos a nossa identidade confessional, que leva tantos, sob as mais variadas formas, desde as ofertas generosas às colaborações desinteressadas, passando pela oração no silêncio dos claustros, a darem-nos o seu apoio

e a sua ajuda. Temos uma imensa rede de amigos que queremos reforçar, ancorando-nos por eles cada vez mais na sociedade, de quem cada vez mais dependemos. E, entre eles, contamos especialmente com os nossos antigos alunos, que queremos manter melhor informados do que fazemos e projectamos, não apenas para os seus filhos, mas também para eles próprios.

Os desafios que se colocam à Universidade Católica Portuguesa nos próximos anos são muitos e de vulto: de consolidação institucional mas de abertura contínua às necessidades da sociedade portuguesa; de unidade nacional, no respeito pela autonomia das partes integrantes, e de co-responsabilização acrescida no destino global da Universidade; de valorização científica e qualificação pedagógica, e de credibilização crescente no mercado onde entram os profissionais que preparamos; de formação cultural na afirmação da identidade católica da Universidade; de serviço à sociedade e nela à Igreja de que é parte; de independência e de colaboração com as demais Universidades públicas e privadas; de continuar a ser, em suma, a Universidade única que de todos os lados se reconhece no panorama português.

Para lhes responder, é necessário que todos continuemos a empenhar-nos, dando o melhor de nós próprios, e na posição de cada um, no reforço da comunidade que somos. Ao Reitor cabe seguramente um papel de maior responsabilidade, que assumo com determinação, na consciência porém da fragilidade das minhas capacidades e das minhas forças, procurando não desiludir a confiança que o Magno Chanceler em mim entendeu depositar, a quem quero por isso manifestar um agradecimento especial, na certeza de que não deixará de me acompanhar com a experiência e o conhecimento directo dos problemas da Universidade que os seus anteriores mandatos de Reitor lhe deram.

Termino, fazendo minha a oração pública com que um Reitor da Universidade de Coimbra, há quarenta anos, encerrou o seu discurso de posse na Sala dos Capelos: “E peço a Deus – dizia ele, e digo eu hoje como ele – cujo nome humildemente invoco, que não me falte para tanto com as Suas luzes e com o Seu auxílio.”

TH4

Senhor Doutor Emílio Rui Vilar,
Caras e Caros Colegas,
Caros Colaboradores e Amigos,

Constitui para mim uma grande honra, em que nunca havia pensado, ser investido Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, por muitos considerada a mais prestigiada instituição do nosso País, com uma consistente projeção internacional.

Agradeço por isso, em primeiro lugar, a confiança dos meus colegas do Conselho de Administração que por unanimidade me elegeram. As excepcionais qualidades de cada um deles tornam para mim ainda mais gratificante e exigente a sua decisão.

Pareceu-me justificado situar, no momento em que inicio este mandato, a importância da Fundação no nosso País e a evolução recente da sua atividade. Quando a Fundação foi criada, em 1956, Portugal apresentava os indicadores económicos e sociais mais baixos da Europa: o sector primário absorvia 45% do emprego total; 45% da população era analfabeta e 30% tinha unicamente três anos de escolaridade; a esperança de vida era de 55 anos para os homens e de 60 para as mulheres.

O gesto de grande generosidade do instituidor da Fundação Calouste Gulbenkian veio a ter um enorme impacto no País. A Fundação deu seguramente um contributo, desde logo como exemplo, para a mudança que começou a operar-se em Portugal a partir dos anos 60, especialmente nos domínios da Educação, da Saúde, nas Artes e na Ciência. No contexto do regime ditatorial em que vivíamos, a Fundação infundiu no País “sangue novo”.

O juízo sobre a ação desenvolvida ao longo dos 55 anos da história da Fundação deve ser o de que as suas áreas finalísticas foram exemplarmente assumidas, quer em Portugal, quer à escala internacional.

Graças ao excepcional talento e tato do Doutor Azeredo Perdigão foi possível limitar a influência da esfera política na vida da Instituição, durante a ditadura e na fase mais perturbada da revolução de Abril.

A grande responsabilidade que hoje assumo reforça-se por suceder a um Presidente que é uma das primeiras personalidades da sociedade portuguesa, com uma dimensão intelectual, profissional, cultural e ética que constitui uma permanente referência inspiradora.

Quando passou a integrar o Conselho de Administração da Fundação, o Doutor Emílio Rui Vilar começou por ser responsável por toda a reorganização da área financeira, pela definição da política de gestão dos investimentos, e pela diversificação da estratégia dos interesses nas áreas do petróleo e do gás.

Ainda antes de assumir a presidência, teve um papel muito relevante na reestruturação operada na Fundação, que chegou a ter mais de 1 200 colaboradores, e que, de forma gradual mas firme, veio a reduzir o seu quadro para cerca de 500 efetivos. Sem essa reestruturação, iniciada na presidência do meu saudoso mestre Ferrer Correia e reafirmada com vigor na presidência do doutor Vítor Sá Machado, a Fundação Calouste Gulbenkian enfrentaria hoje sérias dificuldades quanto à sua sustentabilidade e capacidade de atuação.

Em resultado desta intervenção preventiva, decidida e executada em tempo oportuno, Emílio Rui Vilar veio a dar um renovado impulso à vida da Fundação, juntando aos domínios tradicionais novas áreas de atividade e novas metodologias de trabalho. Foram assim criados os Projetos Transversais e Inovadores, os Programas Gulbenkian e lançadas as chamadas Novas Intervenções, que mobilizaram transversalmente as estruturas da Fundação. Sempre que necessário e com flexibilidade, foram chamadas a colaborar nesses projetos prestigiadas personalidades externas que muito valorizaram os trabalhos realizados.

Deste modo, a Fundação passou a intervir em domínios que muitas vezes cruzavam várias das finalidades estatutárias, como o ambiente, o diálogo intercultural, as migrações, a gestão das cidades, o empreendedorismo, a cidadania europeia.

Também as grandes marcas exteriores da Fundação, o edifício da Sede, o Museu e os jardins foram beneficiados com uma importante renovação das suas infraestruturas sendo, em 2011, justamente classificados como Monumento Nacional.

Numa outra perspetiva, Emílio Rui Vilar deu significativa importância à participação nas redes internacionais das fundações, vindo a presidir, em 2008, ao Centro Europeu de Fundações. Três anos antes já tinha assumido a presidência do Centro Português de Fundações que, tal como a rede de fundações dos Países de Língua Oficial Portuguesa, muito beneficiou da sua visão e iniciativa.

Aliás, a visibilidade internacional da Fundação reforçou-se com a transferência das delegações de Londres e Paris para novas instalações mais adequadas às suas funções.

Mais recentemente, o processo de profunda reestruturação da Fundação ficou marcado, em 2011, pela decisão de iniciar o processo de autonomização do Instituto Gulbenkian de Ciência; e, já em 2012, pela clara distinção que a estrutura orgânica passou a estabelecer entre os serviços que desenvolvem atividades permanentes, os que asseguram a gestão, o funcionamento e a logística da Fundação e, por outro lado, os Programas, que desenvolvem as restantes atividades.

Futuramente, serão também definidos novos Programas, nomeadamente nas áreas da Educação, da Saúde e da Ciência, de acordo com prioridades claras e um horizonte temporal bem definido. No que respeita aos Programas já selecionados, a prioridade reside agora na escolha dos respetivos conselhos consultivos, das estruturas de acompanhamento e das entidades responsáveis pela avaliação externa.

O Dr. Emílio Rui Vilar deixa-nos, portanto, um legado inestimável que é nossa obrigação honrar, consolidar e desenvolver.

Com efeito, sob a sua presidência a Fundação reforçou os capitais próprios e a sua sustentabilidade, renovou o sistema de governo e os métodos de trabalho, alargou consideravelmente as suas áreas de intervenção e a sua afirmação internacional, modernizou as suas estruturas em Portugal e no estrangeiro. Por isso aqui lhe manifesto, em nome do Conselho de Administração, o mais vivo

reconhecimento por ter aceite continuar a fazer parte da equipa que formou, agora na condição de membro não executivo.

A minha relação mais direta com a Fundação começou em 1995, quando o Professor Ferrer Correia me convidou a integrar o Conselho Consultivo Geral então criado. A partir de 2002, a minha participação no Conselho de Administração, sem funções executivas, proporcionou-me um conhecimento muito mais completo da estratégia, das políticas, das atividades desenvolvidas, da situação patrimonial e da elevada qualidade dos recursos humanos da Fundação.

Já após a minha eleição como Presidente, tive a oportunidade de me reunir com a maior parte dos principais Diretores da Fundação, percebendo mais claramente a sua perspetiva sobre as novas políticas, os desafios que devemos saber enfrentar e a grande disponibilidade de todos para a maior interação exigida pelas mudanças organizativas recentemente decididas. Posso assim dizer que esta Casa, a sua história e a responsabilidade que exige não me são estranhas.

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma das principais fundações europeias e mundiais, com um currículo que evidencia uma busca constante pelas melhores práticas.

Dispõe hoje de um orçamento anual de cerca de 100 milhões de Euros e, ao contrário de muitas instituições similares, vive apenas da valorização da dotação inicial do seu Fundador, o que veio a proporcionar que o Ativo Total tenha atingido mais de 3.000 milhões de Euros no final de 2011. E mais de um quarto da sua riqueza está representada em participações nos sectores do gás e do petróleo.

A Fundação Gulbenkian é uma das mais internacionais das fundações europeias, é a maior não sectorial e a que exerce mais significativas e diversificadas atividades diretas, com a acrescida responsabilidade de atuar num País de média dimensão, com relevantes insuficiências estruturais.

A principal e permanente preocupação da Fundação será a de assegurar as condições da sua perpetuidade. A dimensão, a solidez e a rentabilidade do seu património terão sempre de constituir a primeira prioridade, tal como a sustentabilidade da sua estrutura de custos fixos, essencial para nos permitir manter a indispensável agilidade nestes tempos tão perturbados e incertos.

A crescente internacionalização das atividades da Fundação, que não se questiona, tem de ser compatível com as expectativas criadas e sentidas a nível nacional, num momento em que Portugal vive a mais séria crise da sua história contemporânea. A afirmação da Fundação num mundo global tem de saber manter uma relação de proximidade com os Portugueses.

Esta afirmação faz-se hoje a partir de uma base muito sólida, sustentada pela qualidade das suas atividades permanentes como o Museu, o IGC, a Orquestra e o Coro, o CAM, a Biblioteca de Arte, sem esquecer o apoio à Diáspora Arménia, o Programa Gulbenkian de Ajuda ao Desenvolvimento, a natureza das “Novas Intervenções”, ou as ações desenvolvidas no Reino Unido e na Irlanda, a partir da Delegação em Londres, em França e no continente europeu, com a Delegação em Paris.

O facto de trabalharmos a partir de 3 países, inseridos em redes internacionais, pode maximizar o nosso impacto, independentemente das ações serem levadas a cabo a partir de Lisboa, de Londres ou Paris.

Por outro lado, a generalidade dos problemas cruciais do nosso tempo, que se refletem nos Programas em execução ou recentemente aprovados, fazem parte de uma agenda que é partilhada internacionalmente. Muitos temas de importância mundial estão aliás bem expressos na história da Fundação e do próprio Fundador.

Importa ainda salientar, a propósito da internacionalização da atividade da Fundação, que tem sido crescente o seu envolvimento em projetos e debates com fundações estrangeiras. Esta cooperação abre-nos horizontes, afirma a excelência e a qualidade da Fundação e faz-nos participar em redes que nos proporcionam parcerias enriquecedoras para o nosso futuro. Oferece-nos, ainda, a oportunidade de nos compararmos e medirmos com os melhores.

Como anteriormente recordei, foi-me dada a oportunidade de participar nas decisões estratégicas, na definição de políticas, nas grandes alterações organizacionais e no acompanhamento das principais áreas de atuação da Fundação.

Estou, pois, totalmente identificado e solidário com as mais importantes decisões tomadas. Mas o Mundo não pára e a

Fundação não pode também parar. É por isso natural que continue a renovar a sua intervenção não apenas para se adaptar, mas para saber estar, se possível, à frente do seu tempo. Gostaria, por isso, de fixar algumas ideias gerais sobre a nossa atuação futura, que refletem muito do que tem vindo a ser discutido pelo Conselho de Administração.

Desde logo, há que reforçar essa extraordinária marca que é a Fundação Calouste Gulbenkian, associada a muito do que de melhor se tem feito nos domínios de atividade que escolhemos, em Portugal e mesmo no plano internacional.

Temos de continuar a ser uma instituição ágil e inovadora, a participar nos exigentes desafios da sociedade do conhecimento, a construir perspetivas de longo prazo, a contribuir para a construção de pontes entre culturas, não esquecendo que podemos ajudar a Europa e o Ocidente nas relações com o Médio Oriente, em atenção ao legado do nosso Fundador. Temos, também, de ser um agregador das redes sociais que fortalecem o papel da sociedade civil perante os grandes desafios do Sec. XXI, que acabam por se concentrar, em última análise, na área das políticas sociais, aqui entendidas em sentido lato.

As atividades próprias permanentes têm de continuar a ser realizadas com padrões de qualidade internacional para melhor afirmar a Fundação num mundo global, o que em alguns casos recomendará a concentração num menor número de iniciativas, com ainda maior exigência. Isto implica, também, que não se acumulem atividades próprias com ações de donativo direto (“grant giving”).

É importante continuar a atrair novos públicos para as atividades permanentes da Fundação, com atenção especial às gerações mais jovens, procurando também, na medida do possível, alargar para fora da Grande Lisboa algumas atividades.

A atração de públicos mais jovens estará muito associada aos novos media, a alguns dos Programas, às “Novas Intervenções” e ao enriquecimento e alargamento dos “sites”, em especial no âmbito da Música e das Artes. É oportuno lembrar, aliás, que a modernização dos sistemas de informação, muito importante para este objetivo, já se iniciou, com a abertura de um concurso para escolher o consultor externo que nos vai dar o necessário apoio.

Os Programas a lançar devem desenvolver-se em áreas em que a Fundação tenha provada capacidade relativa. E é desejável que na medida do possível se reforcem entre si, para que o resultado possa ser superior à simples soma das partes. A missão dos Programas tem de ser muito clara e assumir objetivos quantificáveis, que possam ser medidos e sujeitos a avaliações objetivas.

Os Programas devem permitir partilhar experiências, contactos, conhecimentos e recursos, materiais e humanos. Será fundamental alargar às Delegações no Estrangeiro essa partilha, acompanhada por um indispensável reforço de competências.

Por outro lado, tudo devemos fazer para abrir os Programas às melhores competências e talentos nacionais e estrangeiros.

Os Programas - e os projetos em que se desdobram - devem ter carácter pluridisciplinar e associar outras fundações e/ou instituições nacionais e estrangeiras; devem valorizar em especial a concretização de parcerias institucionais duradouras e, na medida do possível, integrar nessas parcerias os próprios beneficiários das nossas intervenções.

A agenda dos Programas tem de saber eleger as causas certas, capazes de mobilizar para a ação, incentivando a qualidade e a revelação do talento; devem favorecer a inovação, procurar novos caminhos, abrir horizontes e novas formas de olhar o Mundo, contribuindo para a produção de pensamento e conhecimento.

Por sua vez, como já deixei sugerido, as atividades de donativos diretos têm de estar essencialmente relacionadas com os Programas e trazer para estes valor acrescentado. Procuraremos aqui centrar-nos em intervenções inovadoras e não fazer simplesmente o que outros já fazem.

Uma última palavra sobre o governo da Fundação: é preciso prosseguir o caminho já traçado no sentido de aumentar a influência dos administradores não executivos.

É fundamental, por outro lado, que os administradores executivos continuem a contribuir para uma agenda comum ainda mais consistente, o que implica evitar que a sua ação se limite aos seus pelouros e responsabilidades específicas. E devem estimular, na organização do processo de decisão, e na sua execução, um

profundo envolvimento e responsabilização de todos os quadros, cuja gradual e serena renovação deve constituir igual preocupação de todos.

Caros Colegas, Colaboradores e Amigos,

O nosso País vive um momento especialmente exigente e crítico, num quadro internacional e, em especial, europeu, muito complexo, com relevantes implicações nos mercados financeiros, cuja incerteza e volatilidade muito condiciona a atividade da Fundação.

Todos temos de estar preparados para suportar dias difíceis. Os Colaboradores da Fundação sabem porém que trabalham numa instituição de primeira grandeza, com funções relevantíssimas, beneficiando, de apoios sociais excepcionais e de um ambiente de trabalho de rara qualidade. Estas condições tão especiais reforçam a nossa responsabilidade na consolidação da solidez desta nobre Instituição, cuja missão se resume afinal em ajudar a sociedade e os seus membros a valorizarem-se, para poderem enfrentar melhor os desafios do seu tempo.

A Fundação Calouste Gulbenkian assegura-nos estabilidade, qualidade e independência. Isso obriga-nos a seguir com empenho, entusiasmo e inteligência o imperativo de vida do nosso Fundador: “only the best”, fazer apenas o melhor. É o que espero de todos, é o que espero que todos exijam de mim.

Muito Obrigado.

*Início de mandato como
Presidente da Fundação Calouste Gulbenkian
Artur Santos Silva
3 de maio de 2012*

TH5

**Declaração de Candidatura de Edgar Silva às Eleições
Presidenciais 2016**

15 Outubro 2015, Lisboa

Esta candidatura é indissociável de um colectivo que a impulsiona e inseparável de uma memória viva, de uma longa história de resistência e de projecto. Há uma memória partilhada e vivida por tantos homens e tantas mulheres que não se resignam, nem se renderam ao mal da resignação. Há uma longa marcha do sentido do intolerável. Contrariando pretensos determinismos e diversas fatalidades, existe uma imparável corrente de homens e de mulheres com a consciência de que a História não pode ser parada. Muitas e inúmeras mãos querem a transformação da História. Esse desassossego corresponde a um longo caminho de procura de afirmação do humano, à construção de percursos concretos de libertação. É porque reconheci, com a minha própria intervenção, que as causas e lutas de cada um, por mais generosas e empenhadas que sejam, ganham mais força e sentido material quando partilhadas colectivamente, que aqui cheguei a este espaço de luta comum.

Assim, esta é a nossa candidatura, a nossa, de uma extensa e funda energia transformadora. Esta é, e será, a nossa candidatura a Presidente da República, a nossa, de um amplo movimento vital para a libertação de todos e de cada um dos homens e de cada uma das mulheres.

Este é um tempo em que, no Mundo, cresce uma perversa desigualdade económica entre os indivíduos e entre os países. Multiplica-se a degradação social. Acentuam-se as chagas ambientais e agravam-se os problemas dos trabalhadores e alastra a pobreza, tudo na decorrência directa do domínio absoluto dos grandes grupos económicos. Deste modo, degrada-se a injusta ordem internacional assente na despótica lógica dos mercados que, por cima dos Povos e dos Estados, se vai apropriando de todas as decisões e escolhas, multiplicando focos de tensão e de guerra, espalhando os terríveis flagelos das migrações forçadas e dos refugiados, do desemprego, da fome e da miséria, que mergulham grande parte da Humanidade em indizíveis carências e intoleráveis sofrimentos.

Este é um tempo em que, em Portugal, depois de décadas de governação em confronto com os valores de Abril, se aprofundam as injustiças sociais e a exploração, e medram a corrupção e a concentração da riqueza. Conhecemos esta trajectória de descaracterização do regime democrático, de ataque à soberania e independência nacionais.

Este é um rumo inaceitável.

Não podemos ficar indiferentes ao acentuar do processo de regressão social, de acumulação e polarização da riqueza. Não podemos aceitar a continuada alienação do património público e a destruição da nossa estrutura produtiva. Não podemos tolerar que se dissimulem os níveis dramáticos de desemprego, das gritantes desigualdades sociais, de negação a milhões de

Portugueses, em particular às camadas jovens, da perspectiva de terem direito a condições de vida dignas e de realizarem os seus projectos pessoais e profissionais no País que é seu.

Não nos podemos resignar à actual subordinação de Portugal aos centros do capitalismo, expressa pela União Europeia através de pactos e programas que só agridem as condições de vida dos Portugueses e comprometem o futuro do País.

Este é um caminho inaceitável.

Não podemos aceitar que Portugal deixe de ser senhor da sua própria História. A História mostra-nos períodos vários de efectiva subordinação a terceiros das nossas condições de decisão política. Nos nossos dias, o País está a ser saqueado e destruído pelos especuladores, e os responsáveis pela governação decretaram a subordinação de Portugal aos mercados, a subserviência ao grande capital estrangeiro, a submissão à Troika, a subjugação aos especuladores e agiotas.

Este é um caminho inaceitável.

O Presidente da República, símbolo da unidade do Estado e da independência nacional, tem a particular responsabilidade na defesa de uma estratégia capaz de nos garantir a independência num mundo de grandes interdependências, em que os grandes poderes e os grandes interesses tendem a impor hegemonias limitativas da soberania dos Estados e da liberdade dos Povos.

Não podemos capitular perante o intolerável ataque às funções sociais do Estado, face ao corte no investimento público e à desagregação da Administração Pública. Não podemos ser cúmplices do ataque ao Serviço Nacional de Saúde e à Escola Pública. Não podemos aceitar a ofensiva contra o trabalho com direitos. Não podemos pactuar com o corte nas prestações sociais, com o roubo aos rendimentos, com a brutal injustiça fiscal, com o desemprego, a precariedade, a violação de direitos, enquanto se refina a protecção e apoio ao grande capital, que não pára de aumentar os seus colossais lucros.

Este é um caminho inaceitável. Este não é o Portugal que a Constituição configura. Um outro Portugal é possível e está nas nossas mãos alcançá-lo. E é em nome da luta por esse futuro que assumo esta candidatura.

II - Quem acolhe o grito dos pobres?

Quem, nesta República, tem em conta os direitos fundamentais dos mais desfavorecidos? Quem escuta o clamor dos excluídos deste mundo? Quem responde por milhões de pessoas indefesas face aos “interesses do mercado divinizado, transformado em regra absoluta”? Quem responde por tanta gente sacrificada pela desenfreada especulação financeira? Quem acolhe o grito das vítimas dos poderes económicos e dos seus interesses predominantes que arrasam tanta vida e a fonte da vida? Quem se compromete com a justa causa daqueles que estão a ser sufocados pelo domínio absoluto do lucro?

Existem práticas de exploração, de injustiças e de rapina, benefícios que só a alguns poucos aproveitam, formas de dominação em função do lucro, que são a raiz profunda da desordem.

Urge encetar caminhos novos. O sistema de injustiça precisa de ser substituído, com uma viragem à altura das circunstâncias. O domínio despótico do poder financeiro, e a sua perversa ordem, requer a tomada de decisões para inverter a desordem estabelecida.

A injustiça não é invencível!

Na Constituição do nosso País, o Presidente da República não governa. Mas o Presidente da República não poderá ser indiferente às carências que os Portugueses sofrem, não poderá ser insensível à exploração que a pobreza comporta, não pode fechar os olhos aos dramas de milhões de pobres, ao desânimo e à desesperança de cada rosto, e de tantos rostos relegados para o silêncio das margens, expulsos, neste País, para as ultraperiferias sociais.

Como Presidente da República, estarei sempre ao lado dos que defendem a Justiça Social. Como Presidente da República, lutarei contra a injustiça. Tanto no exercício de poderes de decisão, como no uso do diálogo e da palavra, assumo e assumirei o compromisso da opção preferencial pelos mais pobres, pelos explorados. Não é um compromisso de agora. É um compromisso que tem orientado toda a minha vida.

III - Quem atende ao clamor dos trabalhadores?

Quem, em nome da República, dá expressão aos interesses dos trabalhadores e aos seus direitos no emprego? Quem responde por milhares de desempregados e pelas condições de vida e de trabalho?

Quando o grande patronato aumenta o seu poder sobre os trabalhadores, generalizam-se as formas de precariedade no trabalho, é brutal a violência do ataque aos direitos laborais, aumenta a exploração e a liquidação de direitos e conquistas - como se verifica em relação ao direito à contratação colectiva. Desvalorizam-se os salários e cresce a insegurança na vida de quem vive do trabalho e do seu salário. Desregulam-se horários, rouba-se o direito ao lazer e à família, precariza-se a organização da vida de centenas de milhares de trabalhadores. Nestes nossos dias, há uma outra realidade inquietante, boa parte dos trabalhadores vivem na pobreza. Para milhares de trabalhadores não basta que tenham emprego para que se libertem da pobreza.

Como candidato a Presidente da República e como Presidente da República, defenderei um outro rumo para Portugal que comporte a valorização do trabalho e dos trabalhadores, de afirmação dos seus direitos, que combata a precariedade e o desemprego, um rumo que tenha no aumento dos salários, na elevação do poder de compra, um factor decisivo de justiça social e de contribuição incontornável para reduzir as desigualdades na distribuição do rendimento.

IV - Quem, nesta República, ouve o clamor da Terra?

Quem acolhe o grito da Natureza? Quem responde pelos danos humanos e ambientais, como o das aldeias sem vida, da desflorestação, dos fogos florestais, dos mares e dos rios poluídos, da destruição das fontes de água doce e dos obstáculos ao fundamental acesso à água potável e pública? Quem escuta as vítimas do actual modelo de desenvolvimento, produção e consumo? Quem assume responsabilidades pelas nocivas alterações dos ecossistemas e pela perda da biodiversidade?

Há o mito do progresso, a sacralização dos mercados, apostando num ganho imediato, uma lógica férrea, uma lógica de dominação, que se invoca onipotente, de certos interesses económicos sobre a Natureza, deixando um rasto de danos humanos e ambientais.

Para uma responsável utilização dos recursos nacionais, o Estado não se pode demitir das obrigações de planificar, coordenar, vigiar e sancionar, tal como prevê o texto constitucional.

Na Constituição da República, o Presidente da República não governa, mas não renuncia à sua cidadania e, muito menos, aos deveres de defesa do interesse nacional. Está, por isso, obrigado, também nesta área, ao dever de incentivar boas práticas, promover a busca de novos caminhos, estimular iniciativas, projectos e políticas alternativas.

V - O papel do Presidente da República

O Presidente da República tem um papel determinante na percepção pública de aspectos essenciais da evolução da situação nacional. O seu enquadramento no contexto do regime democrático constitucional, a responsabilidade acrescida que resulta da sua eleição directa apontam para uma intervenção política e institucionalmente activa. O respeito pelos outros órgãos de soberania e a salvaguarda da interdependência de poderes que a Constituição define, obrigam a que o Presidente da República, quer recorrendo aos poderes de decisão que lhe são constitucionalmente conferidos, quer sabendo usar os seus poderes de influência, tenha tarefas inalienáveis e esteja incumbido de deveres indeclináveis.

O Presidente da República não pode deixar, no âmbito das suas competências e responsabilidades próprias, de defender a mobilização do Povo Português na busca de um outro rumo de desenvolvimento.

E é neste sentido que consideramos que os poderes do Presidente da República podem e devem ser usados ao serviço da ruptura com o rumo das últimas décadas.

Se é verdade que o Presidente da República não é governo deve, no entanto, actuar no quadro das funções que a Constituição lhe confere, usando os seus poderes para determinar a mudança, para influenciar um rumo de desenvolvimento, justiça e progresso social para Portugal.

Esta candidatura que assumo exprime essa exigência de uma profunda ruptura e de viragem em relação às orientações políticas que tanta desordem e tanta regressão impuseram ao nosso País.

Esta é uma candidatura que afirma que há um outro rumo e uma outra política capazes de responder aos problemas de Portugal.

Esta candidatura está comprometida com os valores de Abril, para impulsionar o caminho do desenvolvimento, da Justiça e do progresso social, da soberania e independência nacionais.

Esta candidatura está vinculada, inabalavelmente, ao projecto de Abril, inscrito na Constituição da República Portuguesa, que comemora, em breve, o seu 40.º aniversário, que incorpora uma base programática e constitui uma plataforma política capaz de unir os Portugueses no abrir das novas avenidas de esperança e de futuro para Portugal.

VI - Linhas de actuação fundamentais

1. Defender, cumprir e fazer cumprir a Constituição da República Portuguesa.

Questão central dos tempos que vivemos é o empenhamento na defesa da Constituição da República. Defesa contra a sua constante violação e o desrespeito pelo que ela contém de positivo, e muito é, mas igualmente contra a permanente ameaça e os projectos latentes para a sua liquidação definitiva.

É na Lei fundamental, e no respeito e efectivação dos seus princípios e normas, que se podem e devem encontrar as saídas para a dramática situação com que o País está confrontado.

A Lei constitucional ratifica e acolhe o inapagável acervo de conquistas e valores desse momento maior da história de Portugal que foi a Revolução de Abril. Podia não ter sido assim. Mas foi de facto assim, e esse facto deve ser reconhecido se queremos honrar a memória histórica, ou seja, a memória viva do Povo português.

Por isso, a exigência do cumprimento e respeito pela Constituição tornou-se um factor crucial na defesa do regime democrático, um referencial para qualquer política que se assuma como patriótica e de esquerda. E também por isso, numa situação política particularmente grave e muito perigosa, a unidade e convergência dos trabalhadores, dos patriotas, dos homens e mulheres democratas em torno da sua defesa deve constituir um imperativo, bem assim como a afirmação de uma política alternativa que respeite os valores de Abril.

2. Defender e aprofundar o regime democrático.

A República Portuguesa é definida no artigo 2.º da Constituição como “*um Estado de direito democrático, baseado na soberania popular, no pluralismo de expressão e organização política democráticas, no respeito e na garantia de efectivação dos direitos e liberdades fundamentais e na separação e interdependência de poderes, visando a realização da democracia económica, social e cultural e o aprofundamento da democracia participativa*”. Seguramente que ninguém encontrará muitas semelhanças entre esta definição e o panorama actual da sociedade portuguesa.

Existem em muitos aspectos da realidade presente desfiguramentos e retrocessos, e uma clara degradação do regime e da ética democráticas a que é necessário dar resposta.

A alternativa à democracia existente é mais e melhor Democracia.

A afirmação de um Portugal livre e democrático constitui um objectivo que exige a defesa do regime democrático, o respeito pela separação dos poderes, uma justiça independente, democrática, acessível e igual para todos, o combate decidido à corrupção e ao crime económico, o combate à promiscuidade entre o poder político e económico. A par de uma política de Defesa Nacional ao serviço da soberania e independência nacionais, que garanta o respeito pelo princípio constitucional de separação entre Forças Armadas e segurança interna e uma política de segurança pública que defenda os direitos dos cidadãos e a tranquilidade pública.

A minha candidatura defende o aprofundamento da Democracia como um factor imprescindível de desenvolvimento e transformação, vê na participação democrática dos cidadãos em todos os planos

da vida colectiva, e na defesa dos direitos, liberdades e garantias, constitucionalmente consagrados, uma pedra angular do reforço, do enraizamento e do aprofundamento do regime democrático.

3. Defender os direitos, liberdades e garantias dos trabalhadores.

A degradação do regime democrático é inseparável de uma intensa e prolongada ofensiva contra os direitos económicos, sociais e culturais dos trabalhadores, e de uma persistente desvalorização do trabalho.

Se a Constituição da República Portuguesa reconhece um amplo leque de direitos, liberdades e garantias aos trabalhadores, no plano individual e no plano colectivo, fá-lo no quadro do reconhecimento de que esses direitos constituem não apenas um elemento estruturante do regime democrático, mas também que o seu exercício é parte integrante do seu desenvolvimento, e do desenvolvimento económico e social do País.

Comprometo-me, pois, a tudo fazer quanto à salvaguarda da “Constituição Laboral”, naquele que é o capítulo sobre os direitos, liberdades e garantias dos trabalhadores.

4. Defender os direitos sociais.

Os direitos – que a Constituição consagra para todos – à saúde e à protecção social, à cultura, à educação e ao ensino, o acesso ao direito e aos tribunais, nomeadamente, são crescentemente negados.

O Estado tem hoje um papel muito limitado na promoção do acesso à habitação. As famílias são afectadas por múltiplas formas, do desemprego e da precariedade à carência de apoios sociais, à altíssima taxa de dependência dos jovens e às dificuldades que defrontam para conseguir uma vida independente. Sobre as mulheres, as primeiras a ser atingidas pelos despedimentos, recaem as consequências da ausência de apoios, nomeadamente à maternidade e à primeira infância. Está ausente uma política de apoio aos cidadãos portadores de deficiência. Mantém-se por realizar uma política de integração social, económica e cultural dos imigrantes. E a pretexto de que a base de defesa dos direitos sociais se encontra em crise, a política de direita descapitaliza a Segurança Social e favorece as seguradoras e os fundos de pensões privados, altera de forma injusta e desumana a idade da reforma, penaliza ainda mais os desempregados e os jovens à procura de primeiro emprego, mantém em condições de pobreza extrema a grande massa dos reformados, pensionistas e idosos.

Estas políticas violam tão frontalmente direitos sociais elementares, atingem tão duramente uma tão grande massa de Portugueses e Portuguesas, entre os mais desprotegidos e pobres, constituem uma tão implacável violência social, que nenhum responsável político, e muito menos um Presidente da República, lhes poderá ser indiferente.

5. Promover o crescimento económico e o desenvolvimento.

Ao arrepio das incumbências constitucionais (nomeadamente as contidas nos artigos 80.º e 81.º), através das privatizações e dos compromissos assumidos no quadro da integração europeia, foram

subtraídas ao Estado alavancas essenciais de intervenção e regulação, e de concretização de políticas capazes de promover um desenvolvimento equilibrado.

Defendo que um outro Portugal é possível. Com uma economia mista que defenda os recursos e a produção nacional, o emprego, que promova a ciência e a tecnologia, que desenvolva e modernize as capacidades produtivas nacionais, que desenvolva a economia do mar e apoie os pescadores, apoie e incentive as micro, pequenas e médias empresas. Com uma perspectiva de desenvolvimento que não abandone o interior, que apoie os pequenos e médios agricultores, nem promova uma desequilibrada concentração de populações, equipamentos, actividades e serviços em áreas desordenadas e entregues à especulação imobiliária. Com um modelo de desenvolvimento que não hipoteque, nem degrade, nem mercantilize os valores ambientais e naturais, mas que os salvaguarde e garanta a sua sustentabilidade, enfrentando decididamente os constrangimentos externos que dificultam e impedem o desenvolvimento soberano de Portugal.

6. Lutar contra a exclusão social e pela erradicação da pobreza.

Não olhamos a pobreza e os pobres em Portugal ao nível da crítica moral ou da superficial denúncia ética, mas ao nível da economia política. Os pobres e a pobreza são uma realidade estruturalmente enraizada na forma como se organiza determinado desenvolvimento. A pobreza não é apenas consequência das contradições de algumas más vontades individuais, mas das contradições estruturais da organização económica.

Portugal apresenta um dos maiores índices de pobreza da Europa. As políticas dos últimos anos agravaram ainda mais as desigualdades sociais e a pobreza. Um modelo económico assente em baixos salários e em baixos níveis de qualificação, a crescente desresponsabilização do Estado das suas funções sociais, o forte agravamento do desemprego, a contenção dos rendimentos, os cortes nas pensões e salários, somados à redução dos apoios sociais, provocaram danos profundos que comprometem o futuro do País e da nossa vida em comum.

Comprometo-me com a causa da libertação das amarras da pobreza, encarando-a como dever do Presidente da República, na imperiosa tarefa de intervenção na defesa dos direitos humanos, na promoção de uma sociedade democrática assente nos valores da dignidade humana, da Justiça Social e da responsabilidade colectiva.

7. Garantir toda a prioridade às crianças e combater o crime da pobreza infantil.

Vivem-se hoje dias de retrocesso objectivo na garantia e cumprimento dos direitos das crianças.

As crianças são uma das principais vítimas da crise, ou seja, das políticas dos governos e da União Europeia para lançar dinheiro para os bancos e acumular lucros, atirando milhares de crianças a pobreza.

As causas são: a diminuição dos montantes e a abrangência das prestações sociais como o Abono de Família, a Acção Social Escolar, os Subsídios Sociais de Parentalidade, o Rendimento Social de Inserção e o Subsídio Social de Desemprego. Entre 2009 e 2012, o Governo Português retirou a 30% das crianças um dos seus direitos intrínsecos – o direito ao Abono de Família. A falta de

resposta séria de políticas dirigidas à atenuação do risco de pobreza e exclusão social expressa-se na clara fragilidade e vulnerabilidade das crianças portuguesas.

Os impactos desta situação no futuro das crianças, e no futuro do País, são imprevisíveis e podem ser mesmo, para muitas, irreversíveis.

Comprometo-me com esta justa causa, que não é de hoje, a qual, em última instância, visa uma outra cultura dos direitos.

8. Afirmar um Estado participado e descentralizado, no respeito pelo seu carácter unitário.

A afirmação das Autonomias Regionais, a defesa e valorização do Poder Local Democrático e a regionalização administrativa, constituem elementos insubstituíveis da organização democrática do Estado.

É preciso defender a Autonomia, reedificar o edifício autonómico, tornando-o leal às aspirações das populações e fazendo dele o reflexo dos ideais que, durante séculos, nortearam as lutas dos Povos insulares, lutas essas que tiveram expressão em 1976, na Constituição da República Portuguesa, com o reconhecimento do direito à autonomia político-administrativa dos Açores e da Madeira.

É preciso inverter o processo de ataque e desfiguração do Poder Local Democrático, e reconduzi-lo por via das condições que lhe são devidas de autonomia administrativa e financeira ao papel que são chamadas a preencher na promoção das condições de vida, na coesão territorial e na dinamização da actividade económica das comunidades locais.

Comprometo-me a defender uma política determinada pela valorização do Poder Local Democrático, pela criação das regiões administrativas, como determina a Constituição, e em favor das regiões insulares distantes pela vitalização da Autonomia e pelo aperfeiçoamento dos instrumentos adequados ao seu aprofundamento.

9. Atender à diáspora portuguesa.

As comunidades portuguesas constituem um vector estratégico para a afirmação e projecção de Portugal no mundo.

Nos últimos anos, as políticas praticadas pelos vários governos ficaram marcadas pela aplicação de medidas lesivas tanto dos interesses e direitos das comunidades portuguesas como dos interesses nacionais. Do encerramento de consulados à ausência de acções diplomáticas que respondam aos inúmeros casos de pobreza que atingem muitos compatriotas, foram políticas sem justificação à luz de nenhum critério que não seja o de discriminar, castigando quem já tem de ultrapassar tantas vicissitudes, e que ademais são potenciadoras do definhamento dos laços identitários da comunidade portuguesa com Portugal.

Comprometo-me, entre outros objectivos, a promover a participação cívica e política e o diálogo com as estruturas representativas da Diáspora e a respeitar a autonomia e a legitimidade institucional do Conselho das Comunidades Portuguesas.

10. Defender a independência nacional.

Intensificou-se o ataque à democracia e à soberania nacional. Os Portugueses têm sido expropriados do seu poder soberano de decisão sobre as questões essenciais da vida do País. São cada vez mais as decisões transferidas para estruturas supranacionais em colisão com a Constituição da República. Sucessivos governos, do PS, do PSD e do CDS, têm assumido como legítima a intervenção estrangeira sobre o País, esvaziando e amputando o regime democrático e a soberania nacional.

É tempo de virar a página.

A ruptura com a dependência e subordinação externas - nas suas variadas expressões, dimensões e domínios de política de Estado – constitui uma condição crucial para a afirmação da independência e soberania nacionais.

Aqui me comprometo com políticas que recusem a submissão do País a ditames e políticas atentatórios dos direitos e interesses do Povo português e da democracia, com políticas que confiem na força e capacidades do Povo para recuperar para Portugal os instrumentos de soberania necessários ao progresso e desenvolvimento do País.

Aqui me comprometo, tendo como referência o artigo 7º da CRP, a intervir no âmbito dos poderes presidenciais, a que Portugal pratique uma política diversificada de relações internacionais de paz, amizade e cooperação com todos os Povos.

•

Com esta candidatura assumo plenamente o exercício de todos os direitos, desde a apresentação até ao voto, e afirmo a total disponibilidade para exercer as funções que o Povo Português entenda atribuir-me nesta eleição.

Com toda a confiança esta minha, e nossa, candidatura irá avançar por todo o País.

Como candidato ou como Presidente da República defenderei, intransigentemente, os ideais libertadores de Abril, a nossa Constituição da República e o regime democrático que ela consagra e projecta.

Viva a Liberdade e a democracia!

Viva o 25 de Abril!

Viva Portugal!

TH6

Declaração de Candidatura de João Ferreira às Eleições Presidenciais 2021

I

Num mundo onde se tenha acabado a esperança, como o retratou Saramago no seu “Ensaio sobre a cegueira”, deixamos de olhar para o futuro, deixamos de o ver. “A cegueira também é isto”, dizia. Recordando Castrim, “esperança: é a maneira como o futuro fala ao nosso ouvido”. Num tempo em que tantos não vêem nem ouvem o futuro falar-lhes ao ouvido, mais necessário se torna saber organizar e abrir esse futuro. Transformar inquietação em luta, converter o desassossego em confiança. Confiança num futuro construído à medida dos sonhos e projectos a que temos direito e de que não queremos desistir. De que não vamos desistir.

A candidatura que assumo, e hoje aqui apresento, a Presidente da República é e será um espaço de luta comum – da juventude, dos trabalhadores, do povo. É minha e é vossa. É nossa. Assumo-a com honra, com determinação, com a consciência da responsabilidade e do dever. É uma candidatura a um órgão de soberania unipessoal, apoiada num grande, generoso e combativo colectivo, o Partido Comunista Português. O meu Partido, a quem agradeço a confiança demonstrada.

Nesta eleição dirijo-me a todos e a cada um, independentemente das escolhas eleitorais que fizeram no passado. A todos apelo:

Aos que vivem do seu trabalho, e que sentem que, com o seu empenhado esforço, poderiam viver melhor, se fosse outra, mais justa, a repartição da riqueza que criam.

Às mulheres, penalizadas por múltiplas desigualdades, discriminações e violências, no trabalho, na família e na sociedade.

Aos jovens, que não abdicam do direito a serem felizes.

Aos reformados e idosos, que aspiram a uma vivência gratificante no plano pessoal e social depois de uma vida de trabalho.

Esta candidatura apela à força que há em todos, em cada um de nós. Assumam-na como vossa. Confiem-lhe, mais do que o vosso apoio, a vossa energia criadora, transformadora. Façamos desta candidatura parte da luta pela mudança que desejamos para as nossas vidas, da mudança que Portugal precisa.

II

Em Portugal e no mundo, vivemos um tempo invulgar, complexo e exigente.

A irrupção da Covid-19, além de nos confrontar com questões novas, agravou consideravelmente velhos problemas.

Os efeitos da pandemia são inseparáveis da formação socioeconómica em que se produzem. No capitalismo, que tudo mercantiliza, incluindo a saúde e a doença, milhões de seres humanos são empurrados para uma situação de vulnerabilidade extrema.

As dificuldades são instrumentalizadas para atacar direitos e impor retrocessos. Aí temos, em tantos lados, o crescimento do desemprego a ser usado como chantagem para aumentar a exploração, a precariedade laboral, o ataque aos salários, a desregulação dos horários, o incremento dos ritmos e a degradação das condições de trabalho, o aumento da idade de reforma, o desinvestimento nos serviços públicos.

O medo é exacerbado e manipulado para restringir direitos e liberdades. A pretexto do combate ao vírus e da garantia de uma alegada “segurança”, impuseram-nos estados de emergência que nada tinham a ver com a observância de normas que a população já cumpria (e continuou a cumprir depois de abandonados), mas que visavam restringir o protesto e a luta, contra os abusos, os aproveitamentos, o oportunismo dos que querem continuar a enriquecer à custa da exploração dos trabalhadores e do saque dos recursos do Estado.

A crise aumenta a violência do sistema. Instigam-se divisões e conflitos no seio da população, voltando trabalhadores contra trabalhadores, cidadãos contra cidadãos. O racismo, a xenofobia, a extrema-direita e o fascismo são normalizados e mesmo abertamente promovidos, a partir de alguns dos principais centros de poder económico e seus prolongamentos políticos e mediáticos.

A forma dominante de organização da economia e da sociedade confronta-se com os limites dos recursos do Planeta, agride a Natureza e ameaça os equilíbrios ecológicos.

III

Portugal carrega sérios problemas estruturais, consequência de décadas de política de direita, que a situação actual expõe com grande nitidez.

É a desvalorização do trabalho e dos trabalhadores, dos seus salários e dos seus direitos.

São as acentuadas desigualdades na distribuição da riqueza, em particular na distribuição do rendimento nacional entre capital e trabalho.

É a prolongada fragilização dos sectores produtivos nacionais; os persistentes défices alimentar, energético, tecnológico e demográfico; o desaproveitamento de amplas potencialidades e recursos do País.

É o continuado desinvestimento nas funções sociais do Estado, em confronto aberto com a Constituição que as determina. A falta de investimento no Serviço Nacional de Saúde e o desvio de recursos públicos para sustentar os grupos económicos privados que lucram com a doença; a falta de investimento na escola pública, em todos os graus de ensino, que é tão visível neste regresso às aulas marcado por compreensíveis preocupações.

É a desvalorização da cultura, da ciência, das artes, do património, do conhecimento e do saber no desenvolvimento integral do ser humano e da sociedade.

São os crescentes desequilíbrios territoriais, o abandono à sua sorte de extensas regiões do País e das populações que resistem e insistem em habitá-las e lhes dar vida.

É a promiscuidade entre o poder político e o poder económico, que alimenta a corrupção e coloca os instrumentos do poder político ao serviço de uma minoria privilegiada.

São os problemas da justiça, a desvalorização da segurança dos cidadãos e a perversão da missão constitucional das Forças Armadas.

É a submissão do País a políticas e decisões da União Europeia contrárias ao interesse nacional, determinadas pelos interesses das principais potências europeias, agravando desigualdades e assimetrias, promovendo a divergência, em lugar da prometida convergência, económica e social.

IV

Vivemos, há demasiado tempo, num conflito entre o carácter progressista e avançado do regime democrático constitucionalmente consagrado e a acção deliberada de sucessivos governos com vista à sua amputação e desfiguramento. Perante a cumplicidade dos que, nas mais altas funções do Estado, juraram defender, cumprir e fazer cumprir a Constituição; na verdade violando, tantas vezes de forma ostensiva, esse juramento.

O problema não é, nunca foi, esse carácter progressista e avançado do regime democrático que emergiu da Revolução de Abril. O problema é, e tem sido sempre, a acção e omissão de governos e Presidentes da República, incluindo os actuais, convergindo no bloqueio da plena concretização do projecto vertido no texto constitucional.

Um projecto que considera inseparáveis as vertentes política, económica, social e cultural da democracia, aliadas aos desígnios da soberania e independência nacionais.

Um projecto que inscreve os direitos dos trabalhadores como intrínsecos à democracia; que reconhece às mulheres o direito à igualdade no trabalho, na família e na sociedade; que consagra importantes direitos das crianças e dos jovens, dos reformados, dos cidadãos com deficiência; que proíbe as discriminações, as exclusões e combate as injustiças sociais; que reclama para os milhões dos nossos emigrantes, bem como as centenas de milhar de imigrantes no nosso País, o acolhimento e a dignidade devida a todo o ser humano. Que consagra o direito de resistência à ofensa dos direitos, das liberdades e das garantias dos cidadãos; que protege o exercício da actividade sindical e política, o activismo social.

Um projecto que preconiza a subordinação do poder económico ao poder político.

É este projecto que urge defender e concretizar!

Esta minha e vossa – esta nossa – candidatura assume, sem rodeios, esse objectivo fundamental. Defender, aprofundar e ampliar o regime democrático consagrado na Constituição. Fortalecer as suas raízes na sociedade portuguesa.

Esta é uma questão central do tempo que vivemos. Também por isto a próxima eleição do Presidente da República se reveste de óbvia importância.

É notório que o actual Presidente da República está empenhado numa reorganização de forças políticas, assente no branqueamento da política de direita e dos seus executores, promovendo a sua reabilitação, na forma da chamada política de “bloco central”, formal ou informalmente assumida, que marcou o País nas últimas décadas.

Um Presidente da República verdadeiramente comprometido com o juramento que faz – de defender, cumprir e fazer cumprir a Constituição – não pode deixar, no âmbito das suas competências e responsabilidades, de mobilizar o povo português na construção de um outro caminho de desenvolvimento.

Um Presidente da República verdadeiramente comprometido com o juramento que faz está necessariamente comprometido com os interesses dos trabalhadores, das mulheres, dos jovens, dos reformados e idosos, das pessoas com deficiência, dos discriminados, dos desprotegidos, dos pequenos e médios empresários, dos pequenos produtores. Em suma, comprometido com os interesses do povo e não com os interesses dos grandes grupos económicos e financeiros que têm determinado, nos aspectos estruturais, o rumo do País.

Não há diversões mediáticas que iludam as escolhas feitas, neste domínio, pelo actual Presidente.

V

Esta candidatura que assumo afirma, sem hesitações, que há um outro rumo e uma outra política capazes de responder aos problemas do País.

Uma afirmação alicerçada na certeza de que o nosso povo tem a força bastante para encetar esse novo caminho. Esta candidatura é também uma manifestação de confiança no povo português. Confiança na mobilização de energias e vontades de quantos aspiram e acreditam que é possível uma vida melhor e mais justa. Podem encontrar nesta candidatura um espaço de convergência.

Aqui, cada um acrescentará força à força que se ergue em defesa da valorização do trabalho e dos trabalhadores.

O direito ao trabalho; o pleno emprego; o emprego com direitos; o aumento dos salários, particularmente do Salário Mínimo Nacional; a formação e valorização profissional, técnica e cultural dos trabalhadores; a prestação do trabalho em condições de higiene e segurança; o direito ao repouso e ao lazer – não podem ser apenas palavras inscritas nas páginas da Constituição, têm de ser realidade concreta na vida dos trabalhadores, acompanhar o desenvolvimento das forças produtivas, do custo de vida, dos padrões recomendados de bem-estar social.

Aqui, nesta candidatura, cada um acrescentará força à força que se ergue em defesa do direito à saúde; à habitação; à educação; à cultura.

A garantia de acesso de todos os cidadãos aos cuidados de saúde, independentemente da sua condição económica; a protecção específica da infância, da juventude e da velhice, dos cidadãos com deficiência; o direito de acesso à habitação e a existência de rendas compatíveis com o rendimento das famílias; a democratização do ensino e a igualdade de oportunidades no acesso e êxito escolar; a democratização da cultura e o acesso de todos à fruição e criação cultural, a defesa do património cultural – não podem ser apenas palavras inscritas nas páginas da Constituição, nem privilégio de uma minoria, tem de ser realidade concreta na vida de todos os portugueses.

Aqui, cada um acrescentará força à força que se ergue na luta pela igualdade, contra todas as discriminações, num País que acolhe, aberto ao mundo.

Ninguém deve ser beneficiado ou prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão do sexo, da cor de pele, da religião, das convicções políticas, da situação económica, da condição social ou da orientação sexual. A igualdade não pode ser apenas uma palavra inscrita nas páginas da Constituição, tem de ser realidade vivida no dia a dia de todos, todos os dias.

Aqui, cada um acrescentará força à força que se ergue em defesa do desenvolvimento económico do País, garante da efectivação dos direitos e do bem-estar social.

A coesão de todo o território nacional, com a eliminação progressiva das desigualdades económicas e sociais; a plena utilização das forças produtivas e a propriedade pública de meios de produção, de acordo com o interesse colectivo; o aumento da produção agrícola e industrial; o estímulo ao associativismo e à propriedade cooperativa e comunitária; o reforço da inovação científica e tecnológica – não podem ser apenas palavras inscritas nas páginas da Constituição, tem de ser a realidade concreta no País.

Aqui, cada um acrescentará força à força que se ergue em defesa do ambiente, da protecção dos ecossistemas e da biodiversidade.

A prevenção e controlo da poluição, em todas as suas formas, com especial atenção sobre as implicações nas alterações climáticas; o aproveitamento racional dos recursos naturais, salvaguardando a sua capacidade de renovação – não podem ser apenas palavras nas páginas da Constituição, têm de ser uma realidade no nosso País.

Aqui, cada um acrescentará força à força que se ergue em defesa do regime democrático, de uma administração e serviços públicos eficientes próximos das populações, de uma justiça desburocratizada e acessível ao serviço do povo, do combate decidido à corrupção.

Aqui, cada um acrescentará força à força que se ergue em defesa da soberania e independência nacionais, que rejeita a submissão do País a imposições contrárias aos seus interesses, que pugna pela solução pacífica dos conflitos internacionais e pela cooperação com todos os povos para a emancipação e o progresso da Humanidade, conforme preconiza a Constituição da República Portuguesa.

VI

O Presidente da República não é governo. Mas pode e deve actuar, no quadro das funções que lhe estão atribuídas, usando os seus poderes para impulsionar um sentido de mudança, de desenvolvimento, de progresso e justiça social, no curso da vida nacional.

O Presidente da República não se pode resignar perante um País com o futuro comprometido e sem esperança. Não se pode resignar perante o desaproveitamento das enormes potencialidades existentes no País, desde logo na sua população, também no seu território terrestre e marítimo. Portugal pode ser mais desenvolvido, mais justo e soberano.

Esta candidatura apresenta e protagoniza uma alternativa para o exercício das funções de Presidente da República. Tal como uma parte grande da população portuguesa, nasci depois de 1974. Tal não impediu que o impulso de Abril e a actualidade dos seus valores se projectasse em todas as lutas que travei, em todas as frentes em que intervenho. Esta candidatura projecta os valores de Abril no presente e no futuro de Portugal.

O Presidente da República representa a República Portuguesa, garante a independência nacional, a unidade do Estado e o regular funcionamento das instituições democráticas. É, por inerência, Comandante Supremo das Forças Armadas.

Quando se refere o Presidente da República, retêm-se em geral os importantes poderes que lhe permitem demitir o governo e dissolver a Assembleia da República. Mas esta é apenas uma parte das competências que lhe estão atribuídas.

Do direito de veto de legislação ao recurso ao Tribunal Constitucional para apreciação da constitucionalidade de leis; do direito de enviar mensagens à Assembleia da República e da sua convocação extraordinária, ao peso das suas tomadas de posição públicas, os vastos poderes do Presidente da República podem e devem ser usados para impulsionar soluções para os problemas que o povo e o País enfrentam.

Isso exige, desde logo, conhecer esses problemas. Exige uma genuína ligação à vida e não uma falsa empatia que se esboroa quando os assuntos são tão sérios como a dificuldade de se viver com os baixos salários, pensões, reformas e prestações sociais. Exige a vontade e a determinação inabaláveis de libertar a vida nacional da dominação dos grandes grupos económicos e financeiros, que sufocam a democracia e o desenvolvimento.

VII

Sim, vivemos um tempo invulgar, exigente e complexo.

E é perante as dificuldades certas que importa saber com quem podemos contar.

Nesta candidatura, não procuramos o conforto da ambiguidade. Não procuramos navegar ao sabor do vento, para onde quer que sopra. Se os ventos são agrestes – e são agrestes por vezes os ventos da História – sabemos que temos de os enfrentar. Esta é a candidatura inspirada nos que já mostraram que não se escondem, que não desertam, que não se rendem. Inspirada nos que não

ficam à espera quando os trabalhadores e o povo são atacados nos seus direitos. Nos que enfrentam a resignação e o medo, real ou imaginário. São os que lutam, até às últimas consequências, pela liberdade e pela democracia. Os que acreditam e afirmam que a actual geração não tem de se habituar a viver pior do que a geração que a antecedeu. Não é esse o sentido geral da História. Acertemos então o passo com a marcha da História. Com coragem, com audácia, com determinação!

Fixemos no presente e no futuro de Portugal os valores de Abril e o seu horizonte de fraternidade, liberdade, igualdade e esperança!

17/09/2020